

O EVANGELHO DE  
*Sri Ramakrishna*

por M.



# O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por

M. (Mahendranath Gupta)  
*(Um discípulo direto de Sri Ramakrishna)*

*Original em Bengali*

Traduzido para o inglês por  
Swami Nikhilananda

Vol. I

Traduzido do inglês por  
Leda Marina Bevilacqua Leal

2000

“Translated from *The Gospel of Sri Ramakrishna*, as translated into English by Swami Nikhilananda and published by the Ramakrishna-Vivekananda Center of New York. U. S. Copyright, 1942, Swami Nikhilananda.”

*O Evangelho de Sri Ramakrishna* é uma tradução literal para o português da edição de 1979 do *The Gospel of Sri Ramakrishna*, traduzido do bengali pelo Ramakrishna-Vivekananda Center de New York, U. S. Copyright 1942, Swami Nikhilananda.

A presente tradução foi feita com autorização formal do Ramakrishna-Vivekananda Center of New York, a quem agradecemos a oportunidade de tornar acessível a todos os leitores da língua portuguesa, essa obra monumental, que retrata a mensagem espiritual desse grande Ser que em vida, foi a Encarnação do Puro Amor e Pura Espiritualidade.

*Leda*

Todos os direitos reservados.

Segunda edição revisada

## APRESENTAÇÃO

NA HISTÓRIA DAS ARTES, o aparecimento de um gênio é um acontecimento muito raro. Mais raros, entretanto, são os relatores e historiadores competentes desse gênio. O mundo tem tido muitas centenas de poetas e filósofos admiráveis, mas dessas centenas somente alguns tiveram a sorte de atrair um Boswell ou um Eckermann.

Quando abandonamos o campo da arte para o da religião, a escassez de escritores competentes é ainda mais fortemente marcante. Pouco conhecemos do cotidiano dos grandes santos e contemplativos, sendo que na maioria dos casos, nada sabemos. Muitos, é verdade, deixaram sua doutrina escrita, mas poucos, como Sto. Agostinho, Suso e Sta. Teresa deixaram autobiografias do maior valor. Todo escrito doutrinário é, contudo, de uma certa maneira, formal e impessoal, enquanto que o autobiógrafo tende a omitir aquilo que olha como assuntos triviais e sofre a desvantagem posterior de ser incapaz de dizer como ele lida com as pessoas e de que maneira isto afeta suas vidas. Além disso, a maioria dos santos não deixaram nem escritos, nem retratos seus e para conhecermos de suas vidas, caráter e ensinamentos, somos forçados a confiar na palavra de seus discípulos que, na maioria das vezes, provaram ser singularmente incompetentes como repórteres e biógrafos. Daí o interesse especial ligado a esta narração detalhada da vida diária e conversas de Sri Ramakrishna.

“M”., como o autor modestamente intitulava-se, era especialmente qualificado para esta tarefa. Ao amor reverente pelo seu Mestre, ao conhecimento profundo e experimental dos ensinamentos do Mestre, acrescentou uma memória prodigiosa dos pequenos acontecimentos quotidianos e um feliz dom para relatá-los de maneira interessante e realista. Fazendo bom proveito de seus dons naturais e das circunstâncias nas quais se encontrava, “M”. produziu um livro ímpar, até onde vai meu conhecimento, na literatura da hagiografia. Nenhum outro santo teve um Boswell tão capaz e incansável. Jamais os pequenos acontecimentos da vida diária de um contemplativo foram retratados com tal riqueza de detalhes íntimos. Jamais as afirmações casuais e espontâneas de um grande instrutor religioso foram escritas com tanta fidelidade minuciosa. Para os leitores ocidentais, é verdade, essa fidelidade e riqueza de detalhes podem parecer um pouco em desarmonia, pois os modelos sociais, religiosos e intelectuais nos quais Sri Ramakrishna moldou seu pensamento e expressou seus sentimentos, eram inteiramente hindus, mas depois das primeiras surpresas e espantos, começamos a encontrar algo estimulante e instrutivo a respeito dessa própria estranheza e, a nossos olhos, a excentricidade do homem nos é revelada na narrativa de “M”. O que um filósofo escolástico chamaria de “acidentes” da vida de Ramakrishna, foram essencialmente hindus e por conseguinte, no que diz respeito ao Ocidente, não familiares e difíceis de serem compreendidos; na sua “essência” contudo, era intensamente mística e portanto, universal. Ler completamente estas conversas nas quais a doutrina mística alterna-se com uma espécie inusitada de humor e onde discussões sobre os aspectos mais estranhos da mitologia hindu, dá lugar às afirmações mais profundas e sutis sobre a natureza da Realidade Suprema, é em si mesmo uma lição liberal de humildade, tolerância e cautela no julgamento. Temos de ser gratos ao tradutor por sua excelente tradução de um livro tão singular e agradável, como um documento biográfico, mas ao mesmo tempo, tão precioso pelo que nos ensina sobre a vida do espírito.

*Aldous Huxley*

## PREFÁCIO

O *The Gospel of Sri Ramakrishna* é a tradução para o inglês do *Sri Sri Ramakrishna Katha-mrita*, as conversas de Sri Ramakrishna com seus discípulos, devotos e visitantes, registradas por Mahendranath Gupta, que escreveu o livro sob o pseudônimo de “M”. As conversas em bengali compreendem cinco volumes, o primeiro dos quais foi publicado em 1897 e o último, um pouco depois da morte de M., em 1932. O Sri Ramakrishna Math de Madras publicou em dois volumes, uma tradução para o inglês de capítulos selecionados da monumental obra em bengali. Consultei todos enquanto preparava minha tradução.

M., um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna, esteve presente em todas as conversas registradas no corpo principal do livro e anotou-as em seu diário. Essas anotações possuem, portanto, o valor semelhante a um texto taquigráfico. No Apêndice A encontram-se diversas conversas que ocorreram durante a ausência de M., mas ele as recebeu de primeira mão das pessoas que delas participaram. As conversas trarão à mente do leitor, um quadro íntimo da vida rica em acontecimentos do Mestre, de março de 1882 a 24 de abril de 1886, apenas alguns meses antes de seu falecimento. Neste período esteve em contato principalmente com bengalis de educação inglesa e dentre eles, escolheu os discípulos que iriam propagar sua mensagem e com eles dividiu suas ricas experiências espirituais.

Fiz uma tradução literal, omitindo somente algumas páginas sem interesse para os leitores de língua inglesa. Muitas vezes a beleza literária foi sacrificada em favor da tradução literal. Nenhuma tradução pode fazer completamente justiça ao original e esta dificuldade muito é sentida no presente trabalho, cujo conteúdo tem uma natureza mística profunda e descreve as experiências interiores de um grande vidente. A linguagem humana é um veículo inadequado para expressar a percepção além dos sentidos. Sri Ramakrishna foi quase um iletrado. Jamais revestiu seus pensamentos numa linguagem formal. Suas palavras procuravam transmitir sua realização direta da Verdade. Sua linguagem não passava de um dialeto de aldeões. Aí reside seu encanto. A fim de explicar aos seus ouvintes uma filosofia complicada, como Cristo antes dele, costumava recorrer a parábolas simples e ilustrações tiradas de sua observação da vida diária em sua volta.

O leitor encontrará mencionadas nesta obra, muitas visões e experiências que saem da ciência física e até da psicologia. Com o desenvolvimento do conhecimento moderno, a linha divisória entre o natural e o sobrenatural está em constante mudança. As verdadeiras experiências místicas não são atualmente menos suspeitas do que há meio século atrás. As palavras de Sri Ramakrishna já exerceram uma influência tremenda em sua terra natal. Sábios da Europa encontraram em suas palavras o som da verdade universal, mas estas palavras não eram o produto de cogitação intelectual; tinham raiz na experiência diária. Por conseguinte, para os estudantes de religião, psicologia e ciência física, as experiências do Mestre possuem um valor imenso para a compreensão dos fenômenos religiosos em geral. Sri Ramakrishna foi sem dúvida, o Hindu dos Hindus, mas suas experiências transcenderam os limites dos dogmas e credos do hinduísmo. Os místicos de outras religiões que não sejam o hinduísmo, encontrarão nelas, a comprovação das experiências de seus próprios profetas e videntes. Isto é muito importante hoje em dia, para o ressurgimento de valores religiosos. O leitor céptico poderá deixar de lado as experiências sobrenaturais; entretanto encontrará no livro, material suficiente para levá-lo a um estudo sério e resolver muitos de seus problemas espirituais.

Há repetições dos ensinamentos e parábolas no livro. Mantive-as de propósito. Possuem seu encanto e utilidade, repetidas como se estivessem em diferentes contextos. A repetição é inevitável numa obra desta natureza. Em primeiro lugar, aspirantes diversos vêm a um Mestre para questões de natureza semelhante; por conseguinte, as respostas terão um padrão mais ou menos idêntico. Além disso, os Mestres religiosos de todos os tempos e regiões vêm tentando, por meio da repetição, martelar as verdades no solo árido da recalcitrante mente humana. Finalmente, a repetição não parece tediosa quando as idéias repetidas são queridas para o coração do homem.

Achei necessário escrever uma introdução bastante extensa para o livro. Nela dei a biografia do Mestre, descrições das pessoas que estiveram em contato com ele, explicações curtas dos diversos sistemas do pensamento religioso ligados à vida de Sri Ramakrishna e outros assuntos relevantes que espero, tornarão o leitor mais capacitado para compreender e apreciar o conteúdo incomum deste livro. É particularmente importante que o leitor ocidental, não familiarizado com o pensamento hindu, lesse primeiramente a introdução, a fim de que possa aproveitar em toda plenitude essas conversas. Muitas palavras e nomes indianos foram mantidos no texto, por falta de equivalentes ingleses adequados. Seu

significado é dado ou no Glossário ou nas notas ao pé das páginas. O Glossário também dá explicações de numerosas expressões não familiares aos leitores ocidentais.

Na Introdução tirei bastante material da *Vida de Sri Ramakrishna* publicada pelo Advaita Ashrama, Mayavati, Índia. Também consultei o excelente artigo sobre Sri Ramakrishna de Swami Nirvedananda, no volume II da *Herança Cultural da Índia*.

O livro contém muitas canções entoadas pelo Mestre ou pelos devotos. Elas dão uma feição importante da tradição espiritual de Bengala e foram em sua maioria, escritas por homens com experiência mística. Agradeço ao Sr. John Moffitt Jr. que deu a esses cânticos a forma aqui reproduzida.

Na preparação deste manuscrito recebi ajuda incansável de vários amigos. A Sta. Margaret Woodrow Wilson e Sr. Joseph Campbell trabalharam bastante na edição de minha tradução. Sta. Elizabeth Davidson datilografou mais de uma vez todo o manuscrito e prestou valiosa ajuda em muitos aspectos. O Sr. Aldous Huxley deixou-me uma dívida de gratidão por ter escrito a Apresentação. Agradeço sinceramente a todos.

No firmamento espiritual, Sri Ramakrishna é um crescente ímpar. Ao longo dos cem anos desde seu nascimento e cinquenta de sua morte, sua mensagem espalhou-se por terra e mar. Romain Rolland descreveu-o como aquele que preenche as aspirações de trezentos milhões de hindus nos últimos dois mil anos. Mahatma Gandhi escreveu: “Sua vida nos permite ver Deus face a face. ... Ramakrishna foi a encarnação viva da divindade.” Vem sendo reconhecido como um companheiro de Krishna, Buda e Cristo.

A vida e os ensinamentos de Sri Ramakrishna dão nova orientação ao pensamento dos desnacionalizados hindus para os ideais espirituais de seus ancestrais. Na última parte do século XIX desempenhou o papel venerável de Salvador da Religião Eterna dos Hindus. Seus ensinamentos tiveram um importante papel na liberalização do pensamento dos pundits ortodoxos e ermitões. Mesmo agora são a força silenciosa que está moldando o destino espiritual da Índia. Seu grande discípulo, Swami Vivekananda, foi o primeiro missionário hindu a pregar a mensagem da cultura indiana para as mentes esclarecidas da Europa e da América. A conseqüência completa da obra de Swami Vivekananda ainda está no recôndito do futuro.

Possa essa tradução do primeiro livro deste gênero na história religiosa do mundo, ser o registro das palavras diretas de um profeta e ajudar a afligida humanidade a se aproximar de Verdade Eterna da vida e a remover discórdias e lutas entre as diferentes crenças! Possa ele permitir aos que buscam a Verdade, apreender as leis sutis do campo sobrenatural e estender diante da visão limitada do homem o alicerce espiritual do universo, a unidade da existência e a divindade da alma!

*Nikhilananda*

*New York*  
*Aniversário de Sri Ramakrishna*  
*Fevereiro de 1942*

## INTRODUÇÃO

*Swami Nikhilananda*

**S**RI RAMAKRISHNA, o homem-Deus da Índia moderna, nasceu em Kamarpukur. Este vilarejo, no Distrito de Hooghly, conservou ao longo do século passado, a simplicidade das áreas rurais de Bengala. Situado longe da estrada-de-ferro, manteve-se intocado pelo encanto da cidade. Possuía campos de arroz, palmeiras altas, banianos reais, alguns lagos e dois crematórios. Ao sul do vilarejo, um rio corria lentamente. Um pomar de mangas, doado por um grande proprietário da vizinhança para uso público, era freqüentado pelos meninos em seus folguedos. Uma estrada atravessava-o até o grande templo de Jagannath em Puri e os aldeões, em sua maioria fazendeiros e artesãos, ajudavam muitos homens santos e peregrinos que por ali passavam. A monotonia da vida rural era quebrada pelos alegres festivais, observância dos dias sagrados, cantos religiosos e outros prazeres inocentes.

A respeito de seus pais, Sri Ramakrishna uma vez disse: “Minha mãe foi a personificação da retidão e doçura. Não conhecia muito a respeito do mundo; inocente na arte do fingimento, dizia o que lhe passava pela cabeça. As pessoas amavam-na por seu coração aberto. Meu pai, um Brahmin ortodoxo, jamais aceitou presentes dos shudras. Passava a maior parte de seu tempo em adoração e meditação, repetindo o nome de Deus e cantando Suas glórias. Sempre que em suas práticas diárias invocava a deusa Gayatri, seu peito inchava e lágrimas escorriam das faces. Gastava as horas livres fazendo grinaldas para a Divindade Familiar, Raghuvir.”

Khudiram Chattopadhyaya e Chandra Devi, pais de Sri Ramakrishna, casaram-se em 1799. Naquela época Khudiram estava vivendo na vila ancestral de Dereypore, não longe de Kamarpukur. Seu primeiro filho, Ramkumar, nasceu em 1805, e sua primeira filha, Katyayani, em 1810. Em 1814, o proprietário da terra mandou que Khudiram prestasse falso testemunho no tribunal contra um vizinho. Ao recusar-se fazê-lo, o senhor moveu uma ação contra ele e tirou-lhe a propriedade ancestral. Assim desprovido chegou, a convite de outro proprietário, à pacata vila de Kamarpukur, onde lhe foi dada uma casa e mais ou menos um acre de terra fértil. As colheitas da pequena propriedade bastavam para atender às necessidades da família. Ali viveu na simplicidade, dignidade e contentamento.

Dez anos depois de sua chegada a Kamarpukur, Khudiram fez uma peregrinação a pé até Rameswar, na extremidade sul da Índia. Dois anos depois nasceu seu segundo filho, a quem chamou Rameswar. Novamente em 1835, com a idade de sessenta anos, fez outra peregrinação, desta vez, a Gaya. Ali, desde tempos bem antigos, os indianos vêm dos quatro cantos da Índia, a fim de cumprir suas obrigações com seus ancestrais, oferecendo-lhes comida e bebida nos sagrados pés de Vishnu. Nesse lugar sagrado, Khudiram teve um sonho, em que Vishnu prometeu-lhe nascer como seu filho. Chandra Devi, também, defronte ao templo de Shiva em Kamarpukur, teve uma visão em que lhe foi mostrado o nascimento da criança divina. Quando regressou, o marido encontrou-a grávida.

Foi no dia 18 de fevereiro de 1836 que a criança, mais tarde conhecida como Ramakrishna, nasceu. Em memória ao sonho de Gaya, foi-lhe dado o nome de Gadadhar, o “Condutor da Clava”, um epíteto de Vishnu. Três anos depois nasceu uma irmãzinha.

### INFÂNCIA

Gadadhar cresceu um menino saudável e irrequieto, apreciador de brincadeiras e traquinices. Era inteligente e precoce, dotado de uma memória prodigiosa. No colo de seu pai aprendeu de cor o nome de todos seus ancestrais e os hinos dos deuses e deusas e na escola do vilarejo, a ler e escrever. Sua maior alegria, contudo, era ouvir histórias da mitologia hindu e dos épicos que depois repetia de cor, para grande alegria dos aldeões. Divertia-se pintando: havia aprendido a arte de esculpir imagens dos deuses e deusas com os oleiros, mas sua grande aversão era a matemática.

Com a idade de seis anos Gadadhar teve seu primeiro êxtase espiritual. Um dia em junho ou julho, quando estava andando por um estreito caminho nas plantações de arroz, comendo arroz empapado que levava numa cesta, olhou para o céu e viu uma linda e escura nuvem de tempestade. Enquanto ela se espalhava, envolvendo rapidamente todo o céu, surgiu uma revoada de grous brancos como a neve. A beleza do contraste encantou o menino. Caiu no chão, inconsciente, e o arroz espalhou-se por

todos os lados. Alguns aldeões encontraram e levaram-no para casa, em seus braços. Gadadhar disse mais tarde que enquanto estivera naquele estado, experimentara uma alegria indescritível.

Gadadhar tinha sete anos quando seu pai morreu. Esse acontecimento marcou-lhe profundamente. Pela primeira vez o menino compreendeu que tudo nesse mundo é transitório. Sem ser visto pelos outros, começou a fugir para o pomar de mangas ou para um dos crematórios, onde passava horas absorto em seus pensamentos. Tornou-se também, mais prestativo com a mãe, no desempenho das tarefas domésticas. Começou a ler e ouvir mais as histórias religiosas relatadas nos Puranas. Passou a se interessar pelos monges errantes e peregrinos piedosos que paravam em Kamarpukur a caminho de Puri. Esses santos, guardiões da herança espiritual da Índia e testemunhas vivas do ideal de renúncia do mundo e do amor absorvente de Deus, entretinham o menino com suas histórias dos épicos hindus, dos santos e profetas e também, suas próprias aventuras. Ele, de sua parte, buscava água e comida e servia-os de diversas maneiras. Ao mesmo tempo, observava-os na meditação e no seu culto.

Com a idade de nove anos, Gadadhar foi investido com o cordão sagrado. Essa cerimônia conferiu-lhe os privilégios de sua estirpe brahmin, incluindo o culto da Divindade Familiar, Raghuvir, e lhe impôs as muitas disciplinas estritas de uma vida de brahmin. Durante a cerimônia de investidura chocou seus familiares ao aceitar a comida feita por sua ama, uma Shudra. Seu pai jamais teria sonhado em fazer tal coisa, mas de brincadeira, Gadadhar uma vez havia prometido a essa senhora, que comeria sua comida e agora estava cumprindo a palavra empenhada. Ela possuía piedade, sinceridade religiosa e isso era mais importante para o menino, do que as convenções sociais.

Agora foi permitido a Gadadhar fazer o culto de Raghuvir. Começou assim, seu primeiro treino na meditação. Doou tanto o coração e a alma a esse culto, que a imagem de pedra logo lhe pareceu como sendo o Senhor do Universo vivo. Sua tendência a se perder em contemplação foi notada pela primeira vez nessa época. Atrás de sua despreocupação infantil, notava-se o aprofundamento de sua natureza espiritual.

Por esta época, na noite do Shivaratri, consagrada ao culto de Shiva, foi organizada uma apresentação dramática. O ator principal, que deveria fazer o papel de Shiva, adoeceu subitamente e venceram Gadadhar a ficar em seu lugar. Enquanto os amigos o estavam vestindo para o papel de Shiva, espalhando cinzas em todo o corpo, desfazendo as mechas de cabelo, colocando um tridente em sua mão e um rosário de contas de rudraksha no pescoço - o menino parecia estar fora de sua consciência. Aproximou-se do palco com passos lentos e medidos, amparado por seus amigos. Parecia a imagem viva de Shiva. A platéia aplaudiu ruidosamente aquilo que parecia ser seu dom de artista, mas logo descobriu-se que ele estava realmente perdido na meditação. O rosto estava radiante e lágrimas escorriam pelas faces. Estava fora do mundo exterior. O efeito dessa cena na platéia foi tremendo. As pessoas sentiam-se abençoadas como se fosse a visão do Próprio Shiva. A apresentação teve de ser interrompida e o menino permaneceu naquele estado até a manhã seguinte.

O próprio Gadadhar organizou então, uma companhia dramática com seus jovens amigos. O palco foi montado no pomar de mangas. Os enredos foram selecionados das histórias do *Ramayana* e do *Mahabharata*. Gadadhar conhecia de cor quase todos os papéis, tendo-os ouvido de atores profissionais. Seu tema favorito foi o episódio de Vrindavan da vida de Krishna descrevendo as maravilhosas histórias de amor de Krishna, das leiteiras e dos pastores. Gadadhar assumia os papéis tanto de Radha como o de Krishna e muitas vezes perdia-se no papel que representava. Sua graça feminina natural dava mais força ao efeito dramático. O pomar de mangas ressoava com o kirtan alto dos meninos. Perdido na música e na diversão, Gadadhar tornou-se indiferente à rotina da escola.

Em 1849 Ramkumar, o filho mais velho, foi a Calcutá a fim de melhorar a situação financeira da família.

Gadadhar estava no limiar da juventude. Havia se tornado o predileto das mulheres da vila. Adoravam ouvi-lo falar, cantar ou recitar trechos dos livros sagrados. Divertiam-se com seu jeito de imitar vozes. O instinto natural delas reconhecia a pureza inata e inocência desse menino de pele clara, cabelo ondulado, olhos brilhantes, rosto sorridente e graciosidade inesgotável. As mulheres mais velhas e piedosas consideravam-no como Gopala, o Menino Krishna, e as mais jovens viam-no como o jovem Krishna de Vrindavan. Ele próprio idealizava tanto o amor das gopis por Krishna, que às vezes desejava nascer de novo como mulher, se pudesse fazê-lo, a fim de amar Sri Krishna com todo seu coração e alma.

Com a idade de dezesseis anos Gadadhar foi chamado por seu irmão mais velho, Ramkumar, para Calcutá a fim de ajudá-lo no seu trabalho de sacerdote. Ramkumar havia aberto uma academia de sânscrito para complementar sua renda e era sua intenção, fazer com que gradualmente a cabeça de seu irmão se voltasse para os estudos. Gadadhar aplicou-se de corpo alma a essa nova obrigação como sacerdote de algumas famílias de Calcutá. Seu culto era muito diferente daquele dos sacerdotes profissionais. Passava horas enfeitando as imagens e cantando hinos e canções devocionais; executava com amor os outros deveres de seu trabalho. As pessoas ficavam, impressionadas com seu fervor, mas ele continuava dando pouca atenção aos seus estudos.

A princípio Ramkumar não se opôs ao temperamento de seu irmão. Queria que Gadadhar se familiarizasse com as condições de vida da cidade, mas um dia decidiu adverti-lo sobre sua indiferença ao mundo. Afinal de contas, num futuro próximo, Gadadhar deveria, como chefe de família, ganhar a vida por meio dos deveres brâmanes e isso requeria um conhecimento profundo da lei hindu, astrologia e assuntos correlatos. Gentilmente repreendeu Gadadhar e pediu-lhe que prestasse atenção aos seus estudos, mas o rapaz respondeu-lhe com espírito: “Irmão, o que vou fazer com uma simples educação para ganhar pão? É melhor que eu consiga sabedoria que iluminará meu coração e me dará felicidade para sempre.”

### EDUCAÇÃO PARA GANHAR O PÃO

O anseio interior da alma indiana encontrou expressão nessas palavras apaixonadas do jovem Gadadhar. O que seus olhos não sofisticados viram em torno de si em Calcutá, naquela época a metrópole da Índia e o centro da moderna cultura e conhecimento? Ganância e luxúria dominavam as mais altas camadas da sociedade e as práticas religiosas esporádicas eram apenas exteriores, que a alma há muito tempo havia abandonado. Gadadhar jamais havia visto algo semelhante em Kamarpukur, entre os aldeões simples e piedosos. Os sadhus e monges errantes a quem havia servido em sua meninice, haviam-lhe revelado uma Índia totalmente diferente. Ele havia ficado impressionado com a devoção e pureza, o autocontrole e a renúncia deles. Havia aprendido com eles e com sua própria intuição, que o ideal de vida como tinha sido ensinado pelos sábios na Índia, era a realização de Deus.

Quando Ramkumar repreendeu Gadadhar por negligenciar uma “educação para ganhar pão”, a voz interna do menino recordou-lhe que o legado de seus ancestrais – o legado de Rama, Krishna, Buda, Shankara, Ramanuja, Chaitanya – não era segurança no mundo, mas o Conhecimento de Deus. Esses sábios eram os verdadeiros representantes da sociedade hindu. Cada um deles estava sentado, por assim dizer, na crista da onda que se seguiu a cada depressão sucessiva no curso tumultuado da vida nacional indiana. Tudo demonstrava que a corrente de vida da Índia é a espiritualidade. Essa verdade foi revelada a Gadadhar por aquela visão interior que esquadrihava o passado e o futuro numa só varredura, não afetada pelas barreiras de tempo e espaço. Mas ele não conhecia a mudança profunda que havia ocorrido no seu país nos últimos cem anos.

A sociedade indiana do século XVIII havia passado por um período de decadência. Foi o crepúsculo do domínio muçulmano. Havia anarquia e confusão em todas as esferas. Práticas supersticiosas dominavam a vida religiosa. Ritos e rituais passavam por espiritualidade. Sacerdotes gananciosos tornaram-se guardiões do céu. A verdadeira filosofia foi suplantada pelas opiniões dogmáticas. Os pundits deliciavam-se com polêmicas vãs.

Em 1757 os comerciantes ingleses lançaram os fundamentos do domínio inglês na Índia. Gradualmente o Governo foi sistematizado e a falta de leis suprimida. Os indianos estavam muito impressionados com o poder militar e a sagacidade política dos novos governantes. Atrás dos comerciantes vieram os educadores ingleses, os reformadores sociais e os missionários cristãos – todos sustentando uma cultura completamente alienada à mente indiana. Em diferentes partes do país foram construídas instituições educacionais e igrejas cristãs. Foi oferecido aos jovens indianos o inebriante vinho da cultura ocidental do último século XVIII e recém XIX, que beberam em largos tragos.

O primeiro efeito dessa corrente nos indianos educados, foi apagar de sua memória, as crenças há muito consagradas e as tradições da sociedade indiana. Chegaram a crer que não havia qualquer Verdade transcendental. O mundo dos sentidos é tudo o que existe. Deus e a religião eram ilusões da mente inculta. O verdadeiro conhecimento só poderia vir da análise da natureza. Então ateísmo e agnosticismo tornaram-se moda. Os jovens da Índia, que estudaram em escolas inglesas, deleitavam-se maldosamente em quebrar abertamente os costumes e tradições de sua sociedade. Demoliriam o sistema de castas e removeriam as leis discriminatórias a respeito de comida. A reforma social, a expansão

da educação secular, o casamento de viúvas, abolição do casamento entre crianças – consideravam tais pontos, a panacéia para a condição degenerada da sociedade indiana.

Os missionários cristãos deram o toque final no processo de transformação. Ridicularizaram como relíquias de uma época bárbara, as imagens e rituais da religião hindu. Tentaram persuadir a Índia que os ensinamentos de seus santos e profetas eram a causa de sua queda, que seus Vedas, Puranas e outras escrituras estavam cheias de superstição. O cristianismo, sustentavam, havia dado à raça branca, posição e poder nesse mundo e certeza de felicidade no próximo; por conseguinte, o cristianismo era a melhor de todas as religiões. Muitos jovens indianos inteligentes converteram-se. O homem da rua ficou confuso. A maioria das pessoas tornou-se materialista. Todas as pessoas que moravam perto de Calcutá ou outras muito ligadas à cultura ocidental, mesmo aquelas fiéis às tradições ortodoxas da sociedade indiana, ficaram contagiadas pelas novas incertezas e crenças.

A alma da Índia, contudo, tinha que renascer através de um despertar espiritual. Ouvimos o primeiro grito para tal renascimento na primeira réplica do jovem Gadadhar: “Irmão, o que farei com uma simples educação para ganhar o pão?”

Ramkumar mal podia compreender a importância da resposta de seu jovem irmão. Descreveu com cores brilhantes a vida feliz e fácil dos letrados na sociedade de Calcutá. Gadadhar, entretanto, sentiu intuitivamente que os eruditos, usando suas próprias ilustrações, eram como abutres, voando alto com as asas de seu intelecto sem inspiração, com os olhos fixos no esconderijo da ganância e luxúria. Por isso manteve-se firme e Ramkumar teve de ceder.

### TEMPLO DE KALI EM DAKSHINESWAR

Naquela época morava em Calcutá uma rica viúva chamada Rani Rasmani, pertencente à casta dos shudras, muito conhecida em muitos lugares não só por sua habilidade nos negócios, coragem e inteligência, mas também, pela magnanimidade de seu coração, piedade e devoção a Deus. Era assistida no gerenciamento de sua grande fortuna pelo genro, Mathur Babu.

Em 1847 Rani comprou vinte acres em Dakshineswar, um vilarejo a mais ou menos quatro milhas ao norte de Calcutá, onde construiu diversos templos. Seu Ishta ou Ideal Escolhido, era a Mãe Divina Kali.

O templo principal erguia-se diretamente na margem leste do Ganges. As partes norte e leste do terreno contém um pomar, jardins e dois pequenos reservatórios. A parte sul é revestida de cerâmica e argamassa. O visitante que chega de barco, sobe os degraus do imponente ghat de banho que leva ao chandni, um terraço coberto, sendo que em cada lado, ergue-se uma fileira de seis templos de Shiva. A leste do terraço e dos templos de Shiva há um pátio largo, pavimentado e retangular, nos sentidos norte e sul. Dois templos erguem-se no centro desse pátio, sendo o mais largo deles, para o sul e com frente para o sul, dedicado a Kali e o menor, em frente ao Ganges, para Radhakanta, quer dizer, Krishna, o consorte de Radha. Nove cúpulas com torres elevam-se acima do templo de Kali e em frente, ergue-se o natmandir bem espaçoso ou vestíbulo de música, cujo terraço é sustentado por imponentes pilares. Nos cantos noroeste e sudeste do conjunto de templos há dois nahabats, ou torres de música, dos quais ouve-se música em horas diferentes do dia, especialmente na aurora, meio-dia e pôr do sol, quando o culto é feito nos templos. Três lados do pátio pavimentado – com exceção do lado oeste – são formados por cozinhas, dispensas, salas de jantar quartos para o pessoal da administração e convidados. O aposento na parte noroeste, depois do último templo de Shiva, possui um interesse especial para nós, porque ali, Sri Ramakrishna passou boa parte de sua vida. Na parte oeste desse quarto há um pórtico semicircular dando para o rio. Defronte do pórtico estende-se um caminho, no sentido norte-sul e além desse caminho, está um grande jardim e abaixo, o Ganges. O pomar, em direção norte dos edifícios contém o Panchavati, o banyano e a árvore bel que estão associados às práticas espirituais de Sri Ramakrishna. Fora e ao norte do conjunto de templos está o kuthi ou “bungallow”, utilizado pelos familiares da Rani Rasmani quando visitavam a templo. No norte do templo, separado por um muro alto, está um depósito de pólvora pertencente ao Governo inglês.

### SHIVA

Nos doze templos de Shiva estão instalados os emblemas do Grande Deus da Renúncia nos seus vários aspectos, adorado diariamente com ritos apropriados, Shiva requer poucos artigos para seu cul-

to. Flores brancas e folhas de bel e um pouco de água do Ganges oferecidos com devoção são suficientes para satisfazer a Divindade benigna e conseguir a graça da liberação.

## RADHAKANTA

O templo de Radhakanta, também conhecido como o templo de Vishnu, contém as imagens de Radha e Krishna, o símbolo da união com Deus através do amor extático. As duas imagens estão em cima de um pedestal direcionado para o oeste. O chão é de mármore. Do teto do pórtico dependuram-se candelabros cobertos por um pano vermelho para protegê-los da poeira. Biombos de lona protegem as imagens dos raios do sol que se põe. Junto à soleira do santuário interior há um pequeno recipiente de latão com água benta. Com muito respeito, alguns visitantes devotos bebem algumas gotas.

## KALI

O templo principal é dedicado a Kali, a Mãe Divina, aqui cultuada como Bhavatarini, a Salvadora do Universo. O chão do templo é também de mármore. A imagem de basalto da Mãe, vestida com um deslumbrante brocado de ouro, ergue-se sobre uma imagem de mármore branco do corpo deitado de seu Consorte Divino, Shiva, o símbolo do Absoluto. Aos pés da Deusa há, entre outros ornamentos, pulseiras de ouro para os tornozelos. Seus braços estão enfeitados com jóias de ouro. Usa colares de ouro e pérolas, uma grinalda dourada de cabeças humanas e um cinto de braços humanos. Possui coroa de ouro, brincos de ouro e um anel de ouro com uma pérola no nariz. Tem quatro braços. A mão esquerda mais baixa segura uma cabeça humana quebrada e a mais alta, um sabre manchado de sangue. A mão direita distribui graças a Seus filhos; a outra, retira seu medo. A majestade de Sua postura dificilmente pode ser descrita. Combina o terror da destruição com a segurança da ternura maternal porque Ela é o Poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonia gloriosa dos pares de opostos. Ela lida com a morte uma vez que cria e preserva. Possui três olhos, o terceiro sendo o símbolo da Sabedoria Divina. Aterroriza os maus, mas concede amor aos devotos.

Todo o mundo simbólico está representado no templo – a Trindade da Mãe Natureza (Kali), o Absoluto (Shiva) e o Amor (Radhakanta), o arco ligando céu e terra. A terrível Deusa do Tantra, o Tocador de Flauta que encanta a alma, mencionado na *Bhagavata* e o Absoluto absorto em Si mesmo dos Vedas moram juntos, criando a maior síntese das religiões. Todos os aspectos da Realidade são representados ali, mas desse chefe de família divino, Kali é o centro, a Senhora absoluta. Ela é Prakriti, a Procriadora, a Natureza, a Destruidora, a Criadora. Não, Ela é qualquer coisa maior e mais profunda para aqueles que têm olhos para ver. Ela é a Mãe Universal, “minha Mãe” como Sri Ramakrishna costumava dizer, a Toda Poderosa, que Se revela a Seus filhos sob aspectos diferentes e Encarnações Divinas, o Deus Visível, que conduz o eleito até a Realidade Invisível; e se Lhe agradar, Ela retira o último traço de ego dos seres criados e funde-os na consciência do Absoluto, o Deus indiferenciado. Por Sua graça, “o ego finito se perde no ilimitável Ego – Atman – Brahman.”<sup>1</sup>

Rani Rasmani gastou uma fortuna na construção do templo e uma outra para a cerimônia de consagração, que teve lugar em 31 de maio de 1855.

Sri Ramakrishna – daqui por diante chamaremos Gadadhar por esse nome que nos é familiar<sup>2</sup> – veio ao templo com seu irmão mais velho, Ramkumar, nomeado sacerdote do templo de Kali. Sri Ramakrishna a princípio não aprovou o trabalho de Ramkumar para a shudra Rasmani. O exemplo do pai ortodoxo ainda estava vivo em sua mente. Fez, também, objeção ao fato de se comer as oferendas cozidas do templo, uma vez que, de acordo com o costume ortodoxo hindu, essa comida só pode ser oferecida à Divindade na casa de um brahmin. Mas a santa atmosfera do templo, a solidão do bosque vizinho, o cuidado carinhoso de seu irmão, o respeito demonstrado pela Rani Rasmani e Mathur Babu por ele, a presença viva da Deusa Kali e acima de tudo, a proximidade do Ganges sagrado, ao qual Sri Ramakrishna sempre teve o mais elevado respeito, gradualmente desfizeram sua desaprovação e ele começou a se sentir em casa.

Dentro de pouco tempo, Sri Ramakrishna atraiu a atenção de Mathur Babu que, impressionado com o fervor religioso do jovem, desejava que ele participasse do culto do templo de Kali. Sri Ramakrishna, contudo, adorava a liberdade e era indiferente a qualquer carreira mundana. A profissão de

<sup>1</sup> Romain Rolland, “Profetas da Nova Índia”, pág. 11.

<sup>2</sup> Não há qualquer informação sobre a origem de seu nome. Muito provavelmente foi dado por Mathur Babu, como Ramlal, sobrinho de Sri Ramakrishna, disse, citando a autoridade de seu próprio tio.

sacerdote num templo construído por uma mulher rica não dizia nada à sua mente. Além do mais, hesitava assumir a responsabilidade dos enfeites e jóias do templo. Mathur teve que esperar por uma ocasião mais propícia.

Por essa época chegou a Dakshineswar um jovem de dezesseis anos, destinado a desempenhar um papel importante na vida de Sri Ramakrishna. Hriday, seu sobrinho distante<sup>3</sup>, era natural de Sihar, um vilarejo não longe de Kamarpukur e que tinha sido seu amigo de infância. Inteligente, excepcionalmente enérgico e dotado de grande presença de espírito, agia como veremos mais tarde, como uma sombra em torno de seu tio e estava sempre pronto a ajudá-lo, mesmo com sacrifício de seu bem-estar pessoal. Estava destinado a ser uma testemunha muda de muitas das experiências espirituais de Sri Ramakrishna e que tomou conta de seu corpo nos dias tempestuosos de sua prática espiritual. Hriday veio a Dakshineswar à procura de trabalho e Sri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo.

Incapaz de resistir à persuasão de Mathur Babu, Sri Ramakrishna por fim entrou para o serviço do templo, sob a condição de que Hriday o assistisse. Sua primeira obrigação foi vestir e enfeitar a imagem de Kali.

Um dia um dos sacerdotes do templo de Radhakanta deixou cair acidentalmente a imagem de Krishna no chão, quebrando uma das pernas. Os pundits aconselharam a Rani a instalar uma nova estátua, visto que a adoração de uma imagem com a perna quebrada era contra as prescrições das escrituras. A Rani, entretanto, gostava muito dessa estátua e pediu a opinião de Sri Ramakrishna. Em estado abstraído, ele disse: “Essa solução é ridícula. Se um genro da Rani quebrar a perna ela iria se desfazer dele e pôr um outro em seu lugar? Ela não providenciaria tratamento para ele? Por que não faz o mesmo nesse caso? Que a imagem seja consertada e adorada como antes.” Foi uma solução simples e direta, aceita pela Rani. O próprio Sri Ramakrishna consertou-a. O sacerdote foi dispensado por seu descuido e a pedido sincero de Mathur Babu, Sri Ramakrishna aceitou o cargo de sacerdote no templo de Radhakanta.

### SRI RAMAKRISHNA SACERDOTE

Nascido de uma família ortodoxa, Sri Ramakrishna conhecia as formalidades do culto, seus ritos e os rituais. Os inúmeros deuses e deusas da religião hindu constituem os aspectos humanos do indescrevível e incompreensível Espírito, concebido pela mente humana finita. Eles compreendem e apreciam o amor humano e a emoção, ajudam os homens a realizarem seus seculares ideais espirituais e por fim, tornam os homens capazes de atingir liberação das misérias da vida fenomenal. A Fonte da luz, inteligência, sabedoria e força é somente o Uno de onde provém a satisfação do desejo. Contudo, enquanto o homem estiver ligado pelas limitações humanas, só poderá adorar Deus através de formas humanas. Por conseguinte, o hinduísmo manda que o devoto considere Deus como o pai ideal, a mãe ideal, o marido ideal, o filho ideal ou o amigo ideal. Mas o nome finalmente conduz ao Sem nome, a forma ao Sem forma, a palavra ao Silêncio, a emoção à serena realização da Paz na Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Os deuses gradualmente fundem-se num só Deus, mas até que essa realização seja alcançada, o devoto não pode dissociar os fatores humanos de seu culto. Portanto, a Divindade é banhada, vestida e enfeitada com ornamentos. É alimentada e posta para dormir. É propiciada com hinos, canções e orações. Há ritos apropriados ligados a essas funções. Por exemplo, a fim de assegurar para si mesmo pureza externa, o sacerdote banha-se na água santificada e coloca roupa apropriada. Purifica a mente e os órgãos dos sentidos através de meditações próprias. Dá força ao local de culto contra as forças do mal desenhando em volta círculos de fogo e água. Desperta os diferentes centros espirituais do corpo e invoca o Espírito Supremo no seu coração. Então transfere o Espírito Supremo para a imagem diante dele e adora a imagem, deixando de considerá-la argila ou pedra, mas a encarnação do Espírito, palpitante de Vida e Consciência. Depois do culto o Espírito Supremo é chamado da imagem para Seu verdadeiro santuário, o coração do sacerdote. O verdadeiro devoto conhece o absurdo de adorar a Realidade Transcendental com objetos materiais – vestindo Aquele que permeia todo o universo e o além, colocando num pedestal Aquele que não pode ser limitado pelo espaço, alimentando Aquele que é desencarnado e incorpóreo, cantando diante d’Ele cuja glória a música das esferas tenta em vão proclamar. Mas através desses ritos o devoto aspira ir em última instância, além dos ritos, formas e nomes, palavras e oração e realizar Deus como Consciência que Tudo penetra.

---

<sup>3</sup> A mãe de Hriday era a filha da tia de Sri Ramakrishna (irmã de Khudiram). Esse grau de parentesco é chamado em Bengala, sobrinho distante.

Os sacerdotes hindus estão amplamente familiarizados com os ritos do culto, mas somente alguns são conscientes de seu significado subjacente. Movimentam as mãos e os membros mecanicamente, obedecendo ao pé da letra as escrituras e repetem os mantras sagrados como papagaios. Mas desde o começo, o significado interior desses ritos foi revelado a Sri Ramakrishna. Assim que se sentava diante da imagem, uma estranha transformação operava-se em sua mente. Enquanto dava andamento às cerimônias prescritas, na verdade encontrava-se circundado por uma muralha de fogo protegendo-o e o lugar do culto, contra as vibrações não espirituais, ou sentia a subida mística da Kundalini através dos diferentes centros do corpo. O brilho do seu corpo, sua profunda absorção, a intensa atmosfera do templo impressionavam àqueles que o viam adorar a Divindade.

Ramkumar desejava que Sri Ramakrishna aprendesse os rituais intrincados do culto de Kali. A fim de se tornar sacerdote de Kali, a pessoa tem que passar por uma iniciação especial, dada por um guru qualificado e para Sri Ramakrishna foi encontrado um brahmin competente. Logo que o brahmin pronunciou a palavra sagrada em seus ouvidos, Sri Ramakrishna, tomado de emoção, emitiu um grito e mergulhou em concentração profunda.

Mathur implorou a Sri Ramakrishna para tomar conta do culto do templo de Kali. O jovem sacerdote alegou incompetência e ignorância no que se refere às escrituras. Mathur insistiu que devoção e sinceridade eram mais do que suficientes para compensar qualquer falta de conhecimento formal e fazer a Mãe Divina manifestar-Se através da imagem. Por fim Sri Ramakrishna teve de ceder ao pedido de Mathur. Tornou-se sacerdote de Kali.

Em 1856 Ramkumar deu seu último suspiro. Sri Ramakrishna já havia presenciado mais de uma morte na família. Veio a compreender quão transitória é a vida na terra. Quanto mais convencido estava da transitoriedade das coisas do mundo, mais ansioso ficava para realizar Deus, a Fonte da Imortalidade.

## PRIMEIRA VISÃO DE KALI

Realmente logo descobriu que estranha Deusa havia escolhido para servir. Gradualmente tornou-se enredado pela teia de Sua presença que tudo permeia. Para o ignorante, Ela é, sem dúvida, a imagem de destruição; mas ele encontrou n' Ela a mãe benigna e generosa. Seu pescoço está envolvido por uma grinalda de cabeças e Sua cintura por um cinturão de braços humanos e duas de Suas mãos seguram armas mortais; Seu olhar lança uma faísca de fogo, mas estranhamente, Ramakrishna sentiu em Seu alento, o toque suave de amor terno e viu n' Ela a Semente da Imortalidade. Ela está de pé no peito de Seu Consorte, Shiva; é porque Ela é Shakti, o Poder inseparável do Absoluto. É cercada por chacais e outras criaturas terríveis, freqüentadoras dos crematórios. Mas a Realidade Suprema não está acima de santidade e iniquidade? Parece cambaleiar sob a magia do vinho. Mas quem teria criado este mundo louco a não ser sob a influência da embriaguez divina? Ela é o símbolo mais alto de todas as forças da natureza, a síntese de suas contradições, o Divino Supremo na forma de mulher. Agora Ela tornou-Se para Sri Ramakrishna a única Realidade e o mundo tornou-se uma sombra sem substância. Em Sua adoração ele despejou toda sua alma. Para ele, Ela tornou-Se o portal transparente para o santuário da Realidade Inefável.

O culto no templo intensificou a ânsia de Sri Ramakrishna de ter a visão viva da Mãe do Universo. Começou a gastar em meditação, o tempo não empregado no serviço do templo e por isso, escolheu um lugar extremamente solitário. Ao norte dos templos havia uma floresta densa, cheia de arbustos e plantas espinhosas. Utilizada anteriormente como cemitério, era evitada pelas pessoas mesmo durante o dia, com medo dos espíritos. Ali Sri Ramakrishna começou a passar a noite toda em meditação, voltando só de manhã com os olhos inchados como se tivesse chorado muito. Enquanto meditava, tirava as roupas e o cordão de brahmin. Explicando esta estranha conduta, uma vez disse a Hriday: “Você não sabe que quando uma pessoa pensa em Deus, deve se libertar de todos os laços? Desde o nosso nascimento temos oito grilhões: ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e tribulações. O cordão sagrado lembra-me de que sou um brahmin e portanto, superior a todos. Ao chamar a Mãe, uma pessoa tem que pôr de lado todas essas idéias.” Hriday pensou que seu tio ficara louco.

Como o amor por Deus aprofundou-se, começou a se esquecer ou a deixar de lado as formalidades do culto. Sentado diante da estátua, passava horas entoando canções devocionais de grandes devotos da Mãe, como Kamalakanta e Ramprasad. Essas canções rapsódicas, descrevendo a visão direta de Deus, apenas intensificaram o anseio de Sri Ramakrishna. Ele sentiu a angústia de uma criança sepa-

rada da mãe. Às vezes, em agonia, esfregava o rosto contra chão e chorava tão amargamente que as pessoas, pensando que ele havia perdido sua mãe terrena, simpatizavam com seu sofrimento. Às vezes, nos momentos de ceticismo, chorava: “És Tu real, Mãe, ou tudo isso é ficção – mera poesia sem qualquer realidade? Se Tu existes, por que não Te vejo? É a religião uma mera fantasia e Tu és apenas uma ficção da imaginação do homem?” Às vezes sentava-se no tapete de meditação durante duas horas como um objeto inerte. Começou a se comportar de maneira anormal, na maioria das vezes inconsciente do mundo. Quase desistiu de comer e o sono também o abandonou.

Não teve, porém, de esperar muito tempo. Assim descreveu sua primeira visão da Mãe: “Senti como se meu coração tivesse sido torcido como uma toalha úmida. Fui tomado de um grande desassossego e medo de que não seria de meu destino realizá-La nessa vida. Não podia suportar mais a separação d’Ela. A vida pareceu-me sem valor para ser vivida. Subitamente meu olhar caiu na espada que estava no templo da Mãe. Estava determinado a pôr um fim em minha vida. Quando pulei como um louco e apanhei-a, subitamente a Mãe abençoada revelou-Se. Os edifícios, com suas diversas partes, o templo e tudo o mais desapareceu de minha vista, não deixando qualquer traço e em seu lugar, vi um Oceano de Consciência sem limite, infinito, brilhante. Até onde os olhos podiam ver, as grandes vagas brilhantes empurravam-me de todos os lados com um barulho terrível, para me engolir! Estava arquejando. Fui tomado pela investida e perdi a consciência. O que estava acontecendo no mundo exterior, eu não sabia; mas dentro de mim havia uma corrente firme de forte felicidade, completamente nova e senti a presença da Mãe Divina.” Em seus lábios ao voltar à consciência do mundo, estava a palavra “Mãe”.

### ESTADO DE INTOXICAÇÃO DIVINA

Entretanto isso fora apenas o prenúncio da intensa experiência que estava para vir. O primeiro vislumbre da Mãe Divina tornou-o ainda mais ansioso por Sua visão ininterrupta. Queria vê-La durante a meditação e com os olhos abertos, mas a Mãe começou a brincar um jogo intrigante de esconde-esconde com ele, intensificando tanto sua alegria como seu sofrimento. Chorando amargamente nos momentos de separação d’Ela, entrava em transe e então encontrava-A em pé diante dele, sorrindo, falando, consolando, fazendo-o recuperar a alegria e instruindo-o. Durante este período de prática espiritual teve muitas experiências fora do comum. Quando sentava-se para meditar, ouvia estranhos estalos nas juntas das pernas, como se alguém as tivesse fechando, uma após a outra para mantê-lo imóvel e no fim de sua meditação ouvia novamente os mesmos sons, desta vez soltando-as para deixá-lo livre para que ele se movimentasse. Via faíscas como se um bando de pirilampos voassem defronte de seus olhos, ou um mar de neblina profunda em torno dele com ondas luminosas de prata derretida. Novamente, de um mar de neblina translúcida, via a Mãe levantando-Se, primeiro os pés, depois a cintura, o corpo, o rosto, a cabeça e finalmente, Ela toda; sentindo Sua respiração e ouvindo Sua voz. Ao fazer o culto no templo, às vezes tornava-se exaltado, outras vezes ficava imóvel como pedra, ou quase desmaiava de emoção excessiva. Muitas de suas atitudes, contrárias à toda tradição, pareciam sacrílegas às pessoas. Apanhava uma flor e tocava-a na sua própria cabeça, corpo e pés e então oferecia-a à Deusa. Ou, como um bêbado, cambaleava até o trono da Mãe, tocava Seu queixo, mostrando desta maneira sua afeição por Ela e falava, ria e dançava. Ou pegava uma porção de comida do prato e punha em Sua boca, implorando-lhe que comesse e não ficava satisfeito até que se convencesse de que Ela realmente havia comido. Depois de ter ido dormir à noite, do seu quarto, ouvia-A subir ao andar de cima do templo com passos leves como os de uma menina feliz com Suas pulseiras de tornozelo tilintando. Depois A descobria de pé, com os cabelos esvoaçantes. Sua forma negra mostrando sua silhueta contra o céu da noite, olhando para o Ganges ou para as luzes distantes de Calcutá.

Naturalmente os funcionários do templo tomaram-no por louco. Aqueles que o queriam bem levaram-no a médicos competentes; mas nenhum remédio pôde curar sua doença. Por diversas vezes ele mesmo duvidara de sua sanidade, pois vinha navegando num mar sem qualquer guia terreno para orientá-lo. Seu único porto seguro era a Própria Mãe Divina. Orava a Ela: “Não sei o que são essas coisas. Sou ignorante no conhecimento de mantras e das escrituras. Ensina-me, Mãe, como realizar-Te. Quem mais pode ajudar-me? Não és Tu meu único refúgio e guia?” E a presença protetora da Mãe jamais lhe falhou em sua tristeza ou dúvida. Mesmo aqueles que criticavam sua conduta, estavam bastante impressionados com sua pureza, inocência, veracidade, integridade e santidade. Em sua presença sentiam uma influência elevada.

Diz-se que samadhi ou transe apenas abre o portal do campo espiritual. Sri Ramakrishna sentiu um imenso desejo de desfrutar Deus de diversas maneiras. Para sua meditação construiu um lugar na parte norte, onde havia um bosque. Com a ajuda de Hriday plantou cinco árvores sagradas. O lugar, conhecido como Panchavati, tornou-se o cenário de muitas de suas visões.

Como o seu estado espiritual aprofundava-se, sentia-se cada vez mais um filho da Divina Mãe. Aprendeu a submeter-se à Sua vontade e a se deixar dirigir por Ela.

“Ó Mãe”, orava continuamente, “Refugiei-me em Ti. Ensina-me o que fazer e o que dizer. Teu desejo é o que prevalece em todos os lugares e é para o bem de Teus filhos. Une minha vontade à Tua e faz-me Teu instrumento.”

Suas visões tornaram-se mais profundas e mais íntimas. Não mais necessitava de meditar para ver a Mãe Divina. Mesmo enquanto mantinha consciência do mundo exterior, via-A tão palpável como os templos, as árvores, o rio e as pessoas ao seu redor.

Numa ocasião Mathur Babu sorratamente entrou no templo para observar sua adoração. Ficou profundamente comovido com a devoção e a sinceridade do jovem sacerdote. Compreendeu que Sri Ramakrishna havia transformado a imagem de pedra na Deusa viva.

Um dia Sri Ramakrishna alimentou o gato com a comida que ia ser oferecida a Kali. Tal coisa foi demais para o administrador do templo, que se considerava responsável pelo modo correto com que o culto era conduzido. Relatou a Mathur Babu o comportamento insano de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna descreveu o incidente: “A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali que Ela havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava tomado pela Consciência. A imagem era a Consciência, o altar era a Consciência, os vasos de água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era Consciência – tudo era Consciência. Vi que tudo no aposento estava embebido, por assim dizer, em Felicidade – a Felicidade de Deus. Vi um homem mau defronte ao Templo de Kali, mas nele vi também, o poder da Mãe Divina vibrando. É por isso que alimentei um gato com a comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Percebi claramente que tudo isso era a Mãe Divina – mesmo o gato. O administrador do templo escreveu para Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o gato com a oferenda destinada para a Mãe Divina. Mathur Babu, contudo, teve uma visão interna de meu estado mental. Escreveu de volta para o administrador: ‘Deixe-o fazer o que quiser. Não deve lhe dizer nada’.”

Uma das doenças que afligiu Sri Ramakrishna por essa época, foi uma sensação de queimadura em seu corpo e ele curou-se graças à uma estranha visão. Durante o culto do templo, seguindo as prescrições das escrituras, imaginou a presença do “pecador” dentro de si mesmo e a destruição desse “pecador”. Um dia estava meditando no Panchavati quando viu sair de si mesmo um homem de olhos vermelhos, de pele negra, cambaleando como um bêbado. Logo saiu dele uma outra pessoa, de rosto sereno, vestindo a roupa ocre de um sannyasin e levando em sua mão um tridente. A segunda pessoa atacou a primeira e matou-a com o tridente. Daí em diante Sri Ramakrishna ficou livre de sua dor.

Por esta época começou a adorar Deus assumindo a atitude de um servo em relação a seu amo. Imitou o estado de Hanuman, o macaco chefe do *Ramayana*, o servo ideal de Rama e modelo tradicional para esta forma de devoção que destrói o ego. Quando meditava em Hanuman seus movimentos e modo de viver começaram a se parecer com os de um macaco. Seus olhos tornaram-se inquietos. Viviam de frutos e raízes. Com a roupa amarrada em torno da cintura, uma parte dela caíndo em forma de cauda, pulava de um lugar para outro em vez de andar. Depois de um certo tempo foi abençoado com a visão de Sita, a divina consorte de Rama, que entrou em seu corpo, desaparecendo dali com as palavras: “Eu lhe concedo meu sorriso”.

Mathur tinha fé na sinceridade do fervor espiritual de Sri Ramakrishna, mas agora havia começado a duvidar de sua sanidade mental. Ele o havia visto pular como um macaco. Um dia quando a Rani Rasmani estava ouvindo Sri Ramakrishna cantar no templo, o jovem sacerdote abruptamente virou-se e esbofeteou-a. Aparentemente ouvindo a canção, na realidade estava pensando no caso judicial em que estava empenhada. Ela aceitou o castigo como tivesse sido a Própria Mãe Divina que o havia imposto, mas Mathur estava desolado. Pediu a Sri Ramakrishna para manter seus sentimentos sob controle e obedecer às convenções da sociedade. O Próprio Deus, argumentou, segue leis. Deus, por exemplo, jamais permitiu que flores de duas cores diferentes nascessem no mesmo pé. No dia seguinte Sri Ramakrishna presenteou Mathur Babu com duas flores de hibisco que haviam crescido no mesmo galho, uma vermelha e outra branca.

Mathur e a Rani Rasmani começaram a atribuir o desajuste mental de Sri Ramakrishna pelo menos em parte, à sua observância de uma rígida continência. pensando que uma vida natural relaxaria

a tensão de seus nervos, engendraram um plano com duas mulheres de má fama, mas logo que as mulheres entraram em seu quarto, Sri Ramakrishna viu nelas a manifestação da Mãe do Universo e entrou em samadhi, pronunciando o Seu nome.

### HALADHARI

Em 1858 chegou a Dakshineswar um primo de Sri Ramakrishna, de nome Haladhari, que deveria ficar ali durante oito anos. Devido ao estado especial de espírito de Sri Ramakrishna, Mathur nomeou-o, sacerdote do templo de Kali. Possuía um caráter controvertido, sendo versado nas palavras das escrituras, mas não muito consciente de seu conteúdo. Gostava de participar de pesadas discussões teológicas e devido à sua própria erudição, começou a avaliar a de Sri Ramakrishna. Sendo um brahmin ortodoxo, desaprovava completamente as ações não ortodoxas de seu primo, mas não deixava de ficar impressionado pela pureza de vida, amor extático e ânsia de realização de Sri Ramakrishna.

Um dia Haladhari aborreceu Sri Ramakrishna com a afirmação de que Deus é incompreensível para a mente humana. Sri Ramakrishna descreveu o grande momento de dúvida, quando cogitou se suas visões o haviam de fato iludido: “Soluçando orei à Mãe, ‘Tens Tu coragem de me enganar dessa maneira porque sou um idiota?’ Lágrimas escorriam de meus olhos. Pouco depois vi uma quantidade de neblina saindo do chão e enchendo o espaço diante de mim. No meio apareceu um rosto com barba, calmo, altamente expressivo e louro. Fixando o olhar em mim, disse solenemente, ‘Permaneça em bhavamukha, no limiar da consciência relativa’. Repetiu três vezes e então, gentilmente desapareceu na neblina, que se dissolveu. Essa visão tranqüilizou-me.”

Um relatório deturpado sobre a doença debilitante de Sri Ramakrishna, indiferença com a vida mundana e vários atos anormais chegaram até Kamarpukur e encheram de angústia o coração de sua pobre mãe. Depois de repetidos pedidos dela, voltou para sua vila a fim de mudar de ares. Seus amigos de infância, contudo, não o interessavam mais. Uma febre divina o consumia. Passava uma grande parte do dia e da noite num dos campos de cremação, em meditação. O lugar lembrava-lhe a transitoriedade do corpo humano, das esperanças humanas e suas realizações. Isso também lhe lembrava Kali, a Deusa da destruição.

### CASAMENTO E O QUE SE SEGUIU

Em alguns meses, porém, sua saúde apresentou melhora e ele recuperou até um certo ponto, o humor e a alegria. Sua feliz mãe ficou encorajada, pensando que seria uma boa época para arranjar-lhe um casamento. O rapaz tinha então, vinte e três anos. Uma esposa o traria de volta à terra. Ficou maravilhada quando seu filho recebeu bem sua sugestão. Talvez ele visse aí o dedo de Deus.

Saradamani, uma menininha de cinco anos, morava no vilarejo vizinho de Jayrambati. Mesmo com essa idade orava a Deus, para que Ele tornasse seu caráter imaculado como uma flor branca. Olhando para a lua cheia, dizia: ‘Ó Deus, há lugares sombrios mesmo na lua, mas faça com que meu caráter seja sem mancha.’ Foi ela a escolhida para ser a noiva de Sri Ramakrishna.

A cerimônia de casamento foi devidamente realizada. Tal casamento precoce na Índia, tem a natureza de um contrato, sendo consumado somente quando a menina atinge a puberdade. Nesse caso, porém, o casamento manteve-se sempre sem ser consumado. Sri Ramakrishna ficou em Kamarpukur mais ou menos um ano e meio e então, retornou a Dakshineswar.

Mal havia atravessado a soleira do templo de Kali quando encontrou-se de novo no mesmo redomoinho. A loucura reapareceu dez vezes mais intensa. A mesma meditação e oração, os mesmos estados extáticos, a mesma sensação de queimadura, o mesmo choro, a mesma falta de sono, a mesma indiferença com o corpo e o mundo exterior, o mesmo delírio divino. Submeteu-se a novas disciplinas para erradicar a ganância e a luxúria, os dois grandes impedimentos para o progresso espiritual. Com uma rupia em uma das mãos e um torrão de terra na mão, refletiu sobre o valor comparativo dessas duas para a realização de Deus e achando que ambas eram igualmente sem valor, jogou-as com igual diferença no Ganges. Olhava as mulheres como manifestações da Mãe Divina. Jamais nem mesmo em sonhos sentiu o impulso do sexo. Para erradicar da mente a idéia da superioridade de casta, limpou a casa de um pária com o cabelo longo e desalinhado. Ao sentar-se para meditar, os pássaros pousavam em sua cabeça e bicavam o cabelo à procura de grãos de comida. Cobras rastejavam em seu corpo e nenhum dos dois tomava conhecimento um do outro. O sono também o deixou. Dia e noite visões passavam na sua frente. Viu o sannyasin que matara anteriormente, o “pecado”, saindo de novo do seu

corpo, ameaçando-o com o tridente e ordenando-lhe que se concentrasse em Deus. Ou o mesmo sann-yasin visitava lugares distantes, seguindo um caminho luminoso e trazendo-lhe notícias sobre o que estava acontecendo lá. Sri Ramakrishna costumava dizer, mais tarde, que no caso de um aspirante adiantado, a própria mente torna-se o guru, vivendo e movendo-se como um ser encarnado.

Rani Rasmani, a fundadora do templo, morreu em 1861. Depois de sua morte, seu genro Mathur tornou-se o único administrador da propriedade. Ele colocou-se e os seus recursos à disposição de Sri Ramakrishna e começou a cuidar de seu conforto físico. Sri Ramakrishna mais tarde referiu-se a ele como um dos seus cinco “provedores de necessidades”, escolhidos pela Mãe Divina. Sempre que um desejo aparecia em sua mente, Mathur o satisfazia sem hesitação.

## A BRAHMANI

Por essa época chegou a Dakshineswar, uma brahmin ortodoxa que veio a desempenhar um importante papel no desabrochar espiritual de Sri Ramakrishna. Nascida em Bengala Oriental, era adepta dos métodos tântrico e vaishnava de adoração. Passava um pouco dos cinquenta anos, era bela e estava vestida com a roupa ocre de uma monja. Seus únicos bens eram alguns livros e duas peças de roupa.

Sri Ramakrishna recebeu a visitante com grande respeito, descreveu-lhe suas experiências e visões e contou-lhe que as pessoas as consideravam sintomas de loucura. Ela ouviu-o com muita atenção e disse-lhe: “Meu filho, todas as pessoas neste mundo são loucas. Algumas são loucas por dinheiro, outras pelo conforto, algumas por nome e fama; e você, por Deus”. Ela assegurou-lhe que ele estava passando pela experiência espiritual quase desconhecida, descrita nas escrituras como mahabhava, o êxtase mais exaltado do amor divino. Contou-lhe que esta exaltação extrema foi descrita como se manifestando por dezenove sintomas físicos, incluindo lágrimas, tremor no corpo, arrepio, perspiração e uma sensação de queimadura. As escrituras bhakti, declarou ela, haviam relatado somente dois exemplos dessa experiência, a de Sri Radha e a de Sri Chaitanya.

Logo um relacionamento terno estabeleceu-se entre Sri Ramakrishna e a Brahmani, ela olhando-o como o Menino Krishna, e ele, como sua mãe. Dia após dia ela observava seus êxtases durante o kirtan e a meditação, seu samadhi, sua ânsia louca e reconheceu nele o poder de transmitir espiritualidade para os outros. Chegou à conclusão de que tais coisas não eram possíveis para um devoto comum, nem mesmo para uma alma altamente desenvolvida. Somente uma Encarnação de Deus seria capaz de tais manifestações espirituais. Proclamou abertamente que Sri Ramakrishna, como Sri Chaitanya, era uma Encarnação Divina..

Quando Sri Ramakrishna contou a Mathur o que a Brahmani dissera a seu respeito, Mathur balançou a cabeça em dúvida, pois relutava aceitá-lo como uma Encarnação de Deus, um Avatar comparável a Rama, Krishna, Buda e Chaitanya, embora admitisse a extraordinária espiritualidade de Sri Ramakrishna. Por isso a Brahmani pediu a Mathur para marcar uma conferência de eruditos que discutiriam o assunto com ela. Ele concordou e o encontro foi marcado. Teria lugar no natmandir, defronte ao templo de Kali.

Dois famosos pundits da época foram convidados: Vaishnavacharan, o chefe da sociedade vaishnava e Gauri. O primeiro a chegar foi Vaishnavacharan, com um grupo de eruditos e devotos. A Brahmani, como uma mãe orgulhosa, expôs seu ponto de vista diante dele e defendeu-o fazendo citações das escrituras. Enquanto os pundits discutiam a profunda questão teológica, Sri Ramakrishna, perfeitamente indiferente a tudo o que se passava a seu redor, sentou-se no meio deles como uma criança, absorto em seus próprios pensamentos, às vezes sorrindo, às vezes mastigando um pouco de especiarias de um saquinho, ou então, dizendo a Vaishnavacharan, tocando-o de leve: “Veja, às vezes me sinto assim, também”. Por fim, Vaishnavacharan levantou-se e declarou-se completamente de acordo com o ponto de vista da Brahmani. Declarou que Sri Ramakrishna havia indubitavelmente experimentado mahabhava e que isso era um sinal certo de uma manifestação rara de Deus no homem. As pessoas que haviam se aglomerado ali, sobretudo os funcionários do templo, estavam abismados. Sri Ramakrishna disse a Mathur como um menino, “Imagine, ele também diz isso. Fico contente em saber que afinal, não se trata de uma doença”.

Quando dias mais tarde chegou o pundit Gauri, foi feita uma nova reunião e ele concordou com o ponto de vista da Brahmani e Vaishnavacharan. Ao comentário de Sri Ramakrishna que Vaishnavacharan o tinha declarado um Avatar, Gauri respondeu: “Foi tudo o que ele disse a seu respeito? Então disse pouco. Estou totalmente convencido de que você é aquela Mina de Poder Espiritual, da qual somente uma pequena fração desce à terra de tempos em tempos, na forma de uma Encarnação.”

“Ah!”, disse Sri Ramakrishna com um sorriso, “o senhor foi além de Vaishnavcharan nesse assunto. O que o senhor encontrou em mim que o faz pensar assim?”

Gauri respondeu: “Sinto em meu coração e tenho as escrituras do meu lado. Estou pronto a provar isso a qualquer um que me desafiar.”

“Bem”, disse Sri Ramakrishna, “é o senhor quem me diz isso, mas acredite-me, não sei nada a esse respeito.”

Assim o sacerdote insano foi, pelo veredicto de grandes eruditos da época, declarado uma Encarnação Divina. Suas visões não eram o resultado do desarranjo de seu cérebro; possuíam precedentes na história espiritual. E como o conhecimento desse fato afetou o próprio Sri Ramakrishna? Permaneceu como a simples criança da Mãe que havia sido desde o primeiro dia de vida. Anos mais tarde, quando dois dos seus discípulos chefes de família abertamente referiram-se a ele como uma Encarnação de Deus e isso lhe foi contado, disse com um toque de sarcasmo: “Pensam que eles vão acrescentar alguma coisa à minha glória por causa disso? Um eles é ator no palco e o outro, médico. O que conhecem a respeito de Encarnações? Ora, há anos, pundits como Gauri e Vaishnavcharan declararam-me um Avatar, mas isto não ocasionou qualquer mudança em minha mente.”

Sri Ramakrishna foi um estudante a vida toda. Muitas vezes costumava citar um provérbio a seus discípulos: “Amigos, quanto mais vivo, mais aprendo.” Quando a agitação criada pela declaração da Brahmani terminou, ele se propôs a praticar as disciplinas espirituais de acordo com os métodos tradicionais postulados pelas escrituras Tantras e Vaishnava. Até aquele momento havia seguido seu ideal espiritual, segundo as inclinações de sua própria mente e coração. Agora aceitava a Brahmani como guru e pôs os pés nas estradas tradicionais.

## TANTRA

De acordo com o tantrismo, a Realidade Suprema é Chit ou Consciência, que é idêntica a Sat ou Ser, e Ananda ou Bem-aventurança. Essa Realidade Suprema, Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos é idêntica à Realidade pregada nos Vedas e o homem é idêntico a essa Realidade, mas sob influência de maya ou ilusão, esqueceu-se da verdadeira natureza. Toma como real um mundo meramente aparente de sujeito e objeto e esse erro é causa de escravidão e sofrimentos. A meta da disciplina espiritual é redescobrir sua identidade com a Realidade divina.

Para se alcançar essa meta, a Vedanta prescreve um método negativo austero de discriminação e renúncia, que pode ser seguido somente por alguns indivíduos dotados de aguda inteligência e força de vontade inabalável, mas os Tantras levam em consideração a fraqueza natural dos seres humanos, seus apetites inferiores e seu amor pelo concreto. Combina filosofia com rituais, meditação com cerimônias, renúncia com prazer. O propósito subjacente é treinar gradualmente o aspirante a meditar em sua identidade com a Realidade Suprema.

A média dos homens deseja desfrutar os objetos materiais. Os Tantras permitem que eles os desfrutem, mas ao mesmo tempo, descubra neles a presença de Deus. Ritos místicos são prescritos pelos quais, lentamente, os objetos dos sentidos são espiritualizados e a atração dos sentidos transforma-se em amor a Deus. Assim os “grilhões” de um homem transformam-se em “libertadores”. O próprio veneno que mata, transforma-se em elixir da vida. A renúncia exterior não é necessária. Assim o objetivo dos Tantras é sublimar bhoga ou gozo em yoga, ou união com a Consciência, porque, de acordo com essa filosofia, o mundo com todas as suas manifestações, nada mais é do que o jogo de Shiva e Shakti, o Absoluto e Seu Poder inescrutável.

As disciplinas dos Tantras são graduadas a fim de atender a aspirantes de todos os níveis. São prescritos exercícios para as pessoas com características “animal”, “heróica” e “divina”. Alguns dos ritos requerem a presença de membros do sexo oposto. Aqui o aspirante aprende a considerar a mulher como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe do universo. A verdadeira base dos Tantras é a Maternidade de Deus e a glorificação da mulher. Cada parte do corpo da mulher deve ser olhada como a Divindade Encarnada. A ajuda de um guru qualificado é absolutamente necessária. Um devoto desprevenido pode perder o pé no chão e cair num buraco de depravação.

Segundo os Tantras, Shakti é a força criativa do universo. Shiva, o Absoluto, é mais ou menos o princípio passivo. Além disso, Shakti é tão inseparável de Shiva como o poder de queimar o é do próprio fogo. Shakti, o Poder Criativo, contém em Seu ventre o universo e por conseguinte, é a Mãe Divina. Todas as mulheres são Seus símbolos. Kali é uma de Suas diversas formas. A meditação em Kali, o Poder criativo, é a disciplina central dos Tantras. Enquanto medita, o aspirante em primeiro lugar

olha-se uno com o Absoluto e então, pensa que dessa Consciência Impessoal emergem duas entidades, a saber, seu próprio eu e a forma viva da Deusa. Então projeta a Deusa na imagem tangível defronte dele e adora-a como a Mãe Divina.

Sri Ramakrishna propôs-se praticar as disciplinas dos Tantras e sob o comando da Própria Mãe Divina, aceitou a Brahmani como guru. Executou cerimônias profundas e delicadas no Panchavati e sob a árvore bel, na extremidade norte do conjunto e templos. Praticou todas as disciplinas dos sessenta e quatro livros principais dos Tantras e não levou mais do que três dias para alcançar o resultado prometido em qualquer um deles. Depois de fazer alguns ritos preliminares era tomado por um estranho fervor divino e entrava em samadhi onde a mente permanecia em estado de exaltação. O mal deixou de existir para ele. A palavra “carnal” perdeu seu significado. O mundo inteiro e tudo nele contido, parecia-lhe a lila, o esporte de Shiva e Shakti. Via em todos os lugares manifestar-se o poder e a beleza da Mãe; o mundo todo, animado e inanimado, parecia-lhe permeado de Chit, Consciência e por Ananda, felicidade.

Numa visão a Causa Suprema do universo apareceu-lhe como um triângulo luminoso amplo, dando nascimento a cada momento, a um número infinito de mundos. Ouvia o Anahata Sabda, o grande som Om, do qual os inúmeros sons do universo são somente ecos. Obteve os oito poderes sobrenaturais da yoga que torna o homem quase onipotente, mas rejeitou-os como sem qualquer valor para o Espírito. Teve a visão da divina Maya, o inescrutável Poder de Deus, pelo qual o universo é criado e sustentado e no qual é finalmente, absorvido. Nessa visão viu uma mulher de extraordinária beleza, a ponto de ser mãe, saindo do Ganges e aproximando-se lentamente do Panchavati. Em seguida deu à luz a uma criança e começou a amamentá-la com ternura. Um instante depois assumiu um aspecto terrível, pegando a criança com suas presas horríveis e esmagando-a. Engolindo-a, entrou novamente nas águas do Ganges.

A experiência mais notável neste período foi, porém, o despertar da Shakti Kundalini, o “Poder da Serpente”. Na verdade ele viu o Poder, primeiramente adormecido no final de sua coluna espinal, despertando e subindo pelo canal místico do Sushumna, através de seus seis centros ou lótus até o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, no topo da cabeça. Além disso viu que, à medida que a Kundalini subia, os diferentes lótus floresciam. Esse fenômeno foi acompanhado de visões e transes. Mais tarde descreveu a seus discípulos e devotos, os vários movimentos da Kundalini: de peixe, de pássaro, de macaco etc. O despertar da Kundalini é o começo da consciência espiritual e sua união com Shiva no Sahasrara, terminando em samadhi, é a consumação das disciplinas tântricas.

Por esta época foi-lhe revelado que, breve, muitos devotos procurariam sua orientação.

## DISCIPLINAS VAISHNAVAS

Depois de terminar a sadhana tântrica, Sri Ramakrishna seguiu a Brahmani nas disciplinas dos Vaishnavismo. Os vaishnavas são adoradores de Vishnu, “O que tudo permeia”, o Deus Supremo, que é também conhecido como Hari e Narayana. Das diversas Encarnações de Vishnu, as duas que têm um número maior de seguidores são Rama e Krishna.

Vaishnavismo é exclusivamente a religião de bhakti. Bhakti é o intenso amor a Deus, apego exclusivo a Ele: possui a natureza de bem-aventurança e concede a seu amante, imortalidade e liberação. Deus, segundo o Vaishnavismo, não pode ser realizado pela lógica e pela razão e sem bhakti, todas as penas, austeridades e ritos são fúteis. O homem não pode realizar Deus somente pelo esforço próprio. Para a visão de Deus, Sua graça é absolutamente necessária e essa graça é sentida somente pelo coração puro. A mente deve ser purificada pela bhakti. A mente pura então, permanece para sempre imersa no êxtase da visão de Deus. É o cultivo desse amor divino a principal preocupação da religião vaishnava.

Há três espécies de devoção formal: tamásica, rajásica e sattvica. Se uma pessoa, enquanto estiver mostrando devoção a Deus, é atuada por malevolência, arrogância, ciúme ou raiva, sua devoção é tamásica, uma vez que está sob influência de tamas, qualidade da inércia. Se adorar Deus por desejo de fama ou riqueza, ou por qualquer outra ambição mundana, sua devoção é rajásica, visto que é influenciada por rajas, a qualidade da atividade. Se uma pessoa, porém, ama a Deus sem qualquer pensamento de ganho material, se cumpre as obrigações só para agradar a Deus e mantém para com todas as criaturas a atitude de amizade então, sua devoção é chamada sattvica, porque está sob a influência de sattva, a qualidade da harmonia. A devoção mais elevada, contudo, transcende os três gunas ou qualidades, sendo uma espontânea, ininterrupta inclinação da mente em direção a Deus, a Alma Interior de

todos os seres e aflora, no coração do verdadeiro devoto, logo que ele ouve o nome de Deus ou menção de Seus atributos. Um devoto que possui esse amor não aceitaria a felicidade do céu mesmo se ela lhe fosse oferecida. Seu único desejo é amar Deus sob todas as condições – no prazer e na dor, na vida e na morte, na honra e na desonra, na prosperidade e na adversidade.

Há dois estágios de bhakti. O primeiro é conhecido como vaidhi-bhakti ou amor de Deus qualificado pelas prescrições das escrituras. Para os devotos desse estágio, são prescritos cultos regulares e metódicos, hinos, orações, repetições de nome de Deus e canto de Suas glórias. A bhakti inferior ao longo do tempo amadurece em para-bhakti ou devoção suprema, conhecida, também, como prema, a mais intensa forma de amor divino. O Amor Divino é um fim em si mesmo. Existe potencialmente em todos os corações, mas no caso de pessoas apegadas, é mal dirigido para os objetos do mundo.

A fim de desenvolver o amor do devoto por Deus, o Vaishnavismo humaniza Deus. Deus deve ser olhado como Pai do devoto, seu Mestre, Amigo, Filho, Marido ou Amante, cada um desses relacionamentos, que se sucedem, representam uma intensificação do amor. Essas bhavas ou atitudes em relação a Deus são conhecidas como santa, dasya, sakhya, vatsalya e madhur. Os rishis dos Vedas, Hanuman, os pastores de Vrindavan, a mãe de Rama, Kausalya e Radhika, a bem-amada de Krishna, foram respectivamente os exemplos mais perfeitos dessas formas. Na escala ascendente, as glórias de Deus são gradualmente esquecidas e o devoto realiza cada vez mais a intimidade da comunhão divina. Finalmente olha-se como a amante do seu Bem-Amado e nenhuma barreira artificial permanece para separá-lo do seu Ideal. Nenhuma obrigação social ou moral pode ligar à terra seu espírito elevado. Experimenta união perfeita com Deus. Ao contrário do vedantista, que luta para transcender todas as variedades do relacionamento sujeito-objeto, um devoto do caminho vaishnava quer reter tanto sua própria individualidade como a personalidade de Deus. Para ele, Deus não é um Intangível Absoluto, mas o Purushottama, a Pessoa Suprema.

Ao praticar a disciplina da madhur bhava, o devoto masculino muitas vezes olha-se como uma mulher, a fim de desenvolver a mais intensa forma de amor por Sri Krishna, o único Purusha ou homem do universo. Assumir a atitude do sexo oposto tem um significado psicológico profundo. Sabe-se por experiência comum, que uma idéia pode ser cultivada a um grau tão intenso, que qualquer idéia que lhe é estranha será expulsa da mente. Essa peculiaridade da mente pode ser utilizada para a subjugação dos desejos inferiores e desenvolvimento da natureza espiritual. Agora, a idéia de que é a base de todos os desejos e paixões num homem é a convicção de sua associação indissolúvel com um corpo masculino. Se puder convencer-se completamente de que é mulher, poderá livrar-se dos desejos peculiares ao corpo masculino. Assim também, a idéia de que é mulher pode por sua vez, fazê-lo virar-se para uma outra também forte, a saber, que não é nem homem nem mulher mas o Espírito Impessoal. Só o Espírito Impessoal pode desfrutar da comunhão com Deus. Daí a mais alta realização do vaishnava leva próximo à experiência transcendental do vedantista.

Uma bela expressão do culto vaishnava de Deus através do amor pode ser encontrada no episódio de Vrindavan do *Bhagavata*. As gopis, ou pastoras de Vrindavan, olhavam Krishna de seis anos como seu Bem-Amado. Não procuravam qualquer ganho pessoal ou felicidade desse amor. Entregaram a Krishna seus corpos, mentes e almas. De todas as Gopis, Radhika ou Radha, devido ao seu intenso amor por Ele, foi a mais próxima de Krishna. Ela manifestou mahabhava e uniu-se ao seu Bem-Amado. Essa união representa, numa linguagem sensual, uma experiência além dos sentidos.

Sri Chaitanya, também conhecido como Gauranga, Gora ou Nimai, nasceu em Bengala em 1485 e foi considerado uma Encarnação de Deus. É um grande profeta da religião vaishnava. Chaitanya declarou que cantar o nome de Deus é a disciplina espiritual mais eficaz para o Kaliyuga.

Sri Ramakrishna, como o macaco Hanuman, já havia adorado Deus como seu Senhor. Devido à sua devoção a Kali, cultivou Deus como Mãe. Agora ia praticar os outros relacionamentos prescritos pelas escrituras vaishnavas.

## RAMLALA

Mais ou menos no ano de 1864, chegou a Dakshineswar, um monge errante vaishnava, Jatadhari, cujo Ideal Divino era Rama. Sempre levava consigo uma pequena imagem de metal da Divindade que ele chamava pelo nome carinhoso de Ramlala, o Menino Rama. A essa pequena imagem dedicava uma afeição terna semelhante àquela que Kausalya tinha pelo seu divino Filho, Rama. Como resultado de prática espiritual de toda uma vida, ele realmente havia encontrado na imagem de metal a presença de seu Ideal. Ramlala já não era para ele uma imagem de metal, mas o Deus vivo. Dedicava-se a acari-

ciar Rama, alimentar Rama, brincar com Rama, levar Rama para passear e dar banho em Rama. Julgava que a imagem respondia a seu amor.

Sri Ramakrishna, muito impressionado com sua devoção, pediu a Jatadhari para passar alguns dias em Dakshineswar. Logo Ramlala também tornou-se o companheiro favorito de Sri Ramakrishna. Mais tarde descreveu para seus devotos, como a pequena imagem dançava graciosamente diante dele, pulava nas suas costas, insistia para que ele o tomasse em seus braços, corria pelos campos no sol, apanhava flores nos arbustos e pregava peças como um menino travesso. Um relacionamento muito terno despontou entre ele e Ramlala, por quem sentia um amor de mãe.

Um dia Jatadhari pediu que Sri Ramakrishna ficasse com a imagem e disse-lhe adeus com os olhos cheios de lágrimas. Declarou que Ramlala havia atendido à sua prece mais íntima e que agora, não necessitava mais de culto formal. Uns dias mais tarde, Sri Ramakrishna foi abençoado, através de Ramlala, com a visão de Ramachandra, quando realizou que o Rama do *Ramayana*, o filho de Dasaritha, permeia todo o universo, como Espírito e Consciência; que Ele é seu Criador, Preservador e Destruidor; que, sob um outro aspecto, Ele é o Brahman transcendental sem forma, atributo ou nome.

Enquanto adorava Ramlala como o Menino Divino, o coração de Sri Ramakrishna tornou-se cheio de ternura maternal e começou a se olhar como uma mulher. A fala e gestos mudaram. Começou a se mover livremente com as mulheres da família de Mathur, que agora, olhavam-no como uma pessoa de seu sexo. Nessa época, adorou a Mãe Divina como Sua companheira e serva.

### EM COMUNHÃO COM O DIVINO BEM - AMADO

Sri Ramakrishna agora dedicou-se a escalar as mais inacessíveis e vertiginosas alturas do culto dualístico, isto é, a completa união com Sri Krishna como Bem-Amado. Considerava-se uma gopi de Vrindavan, louca de amor por seu divino Amado. A seu pedido, Mathur providenciou roupa de mulher e jóias. Nessa busca de amor, esquecia-se de comer e beber. Dia e noite chorava amargamente. A ânsia transformou-se num louco arrebatamento, porque o divino Krishna começou a fazer com ele os velhos truques com os quais brincava com as gopis. Amolava e caçoava, de vez em quando revelando-Se, mas sempre mantendo-Se à distância. A angústia de Sri Ramakrishna trouxe de volta os antigos sintomas físicos: a sensação de queimadura, sangue saindo dos poros, afrouxamento das juntas e parada das funções fisiológicas.

As escrituras vaishnavas aconselham uma pessoa a propiciar Radha para obter a graça de realizar Krishna. Assim a torturada alma agora dirigiu sua oração para ela. Em pouco tempo desfrutou a abençoada visão. Viu e sentiu a figura de Radha desaparecendo dentro do próprio corpo.

Mais tarde, disse: “É impossível descrever a beleza celestial e suavidade de Radha. Sua própria aparência mostrou que ela tinha se esquecido completamente no seu apego apaixonado por Krishna. Sua pele era amarelo claro.”

Agora uno com Radha, manifestou seu grande amor extático, o mahabhava, que encontra nela a mais plena expressão. Mais tarde Sri Ramakrishna disse: “A manifestação numa pessoa dos dezenove tipos diferentes de emoção por Deus é chamado, nos livros bhakti, mahabhava. Uma pessoa comum leva uma vida inteira para expressar somente um único deles, mas nesse corpo (referindo-se ao seu) houve uma completa manifestação de todos os dezenove.”

O amor de Radha é precursor da visão resplandecente de Sri Krishna e Sri Ramakrishna logo experimentou aquela visão. A forma encantadora de Krishna apareceu-lhe e fundiu-se em sua pessoa. Tornou-se Krishna: esqueceu-se totalmente de sua própria individualidade e do mundo; via Krishna em si mesmo e no universo. Assim atingiu a realização total da adoração do Deus Pessoal. Bebeu da Fonte da Bem-aventurança Imortal. A agonia de seu coração desapareceu para sempre. Realizou Amrita, Imortalidade, além da sombra da morte.

Um dia, ouvindo recitar o *Bhagavata* na varanda do templo de Radhakanta, sentiu-se em estado divino e viu a forma encantadora de Krishna. Viu os luminosos raios saindo dos Pés de Lótus de Krishna sob a forma de uma corda grossa que primeiro tocou o *Bhagavata* e em seguida, seu peito, unindo todos os três – Deus, a escritura e o devoto. “Depois dessa visão”, costumava dizer, “Cheguei a compreender que Bhagavan, Bhakta e *Bhagavata* – Deus, Devoto e Escritura – são na realidade um e o mesmo.”

A Brahmani era a instrutora entusiasta e observadora atônita de Sri Ramakrishna, em seu progresso espiritual. Tornara-se orgulhosa das realizações do seu discípulo sem par. O próprio aluno não tinha permissão de descansar; seu destino o empurrava para frente. Sua Mãe Divina não lhe permitiu descanso até que ele tivesse deixado para trás o campo da dualidade com suas visões, experiências e sonhos extáticos. Mas para a nova subida, os antigos guias não eram suficientes. A Brahmani, de quem havia dependido durante três anos, viu seu filho escapar-lhe, para seguir o comando de um mestre de força masculina, de aparência rígida, físico curtido e de voz viril. O novo guru era um monge errante, o robusto Totapuri, a quem Sri Ramakrishna aprendeu a se dirigir afetuosamente como Nangta, o “Desnudo”, devido à sua total renúncia de todos os objetos da terra e apegos, incluindo mesmo uma peça de roupa.

Tota Puri era adepto de uma filosofia nova para Sri Ramakrishna, a filosofia Vedanta não-dualista, cujas conclusões Totapuri experimentara em sua própria vida. Esse antigo sistema hindu designa a Realidade Suprema de Brahman, também descrita como Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Brahman é a única Existência Real. N’Ela não há tempo, nem espaço, nem causalidade, nem multiplicidade, mas devido à maya, Seu poder inescrutável, tempo, espaço e causalidade são criados e o Uno parece dividir-se em muitos. O Eterno Espírito aparece como uma multiplicidade de indivíduos com forma e sujeito às condições de tempo. O Imortal torna-se vítima de nascimento e morte. O Imutável sofre mudança. A Pura Alma sem pecado, hipnotizada por Sua própria maya, experimenta as alegrias do céu e dores do inferno, mas essas experiências, baseadas na dualidade da relação sujeito-objeto, são irreais. Mesmo a visão de um Deus Pessoal é, em termos finais, uma experiência tão ilusória, quanto a de qualquer outro objeto. O homem atinge sua liberação, por conseguinte, rasgando o véu de maya e redescobrimdo sua total identidade com Brahman. Conhecendo-se como uno com o Espírito Universal, realiza a Paz inefável. Só então vai além da ficção do nascimento e morte; aí, então, torna-se imortal. Essa é a meta suprema de todas as religiões – despertar a alma, hipnotizada por sua própria ignorância.

O caminho da disciplina vedantista é o caminho da negação, “neti” no qual, por estrênuo determinação, tudo o que é irreal é ao mesmo tempo, negado e renunciado. É o caminho da Jnana, o método direto de realizar o Absoluto. Depois de negar tudo o que é relativo, incluindo a discriminação do próprio ego, o aspirante funde-se com o Uno sem Segundo, na Bem-aventurança do nirvikalpa samadhi, onde o sujeito e o objeto são igualmente dissolvidos. A alma vai além do domínio do pensamento. O domínio da dualidade é transcendido. Maya é deixada para trás com todas as suas mudanças e modificações. O Homem Real coloca-se acima das ilusões de criação, preservação e destruição. Uma avalanche de Bem-aventurança indescritível varre todas as idéias relativas de dor e prazer, bem e mal. Brilha então no coração, a glória do Brahman Eterno. Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Conhecedor, conhecimento e conhecido dissolvem-se no Oceano de uma Consciência eterna; amor, amante e bem-amado fundem-se no ilimitado Mar de Felicidade suprema; nascimento, crescimento e morte desaparecem na Existência infinita. Todas as dúvidas e receios são dominados; as oscilações da mente param; a força das ações passadas exaurem-se. Quebrando a viga mestra do tabernáculo onde a alma construiu sua morada durante incontáveis anos, acalmando o corpo, silenciando a mente, destruindo o ego, a doce alegria de Brahman emerge nesse estado além dos sentidos. O espaço desaparece no nada, o tempo é tragado na eternidade e causação torna-se um sonho do passado. Ah! Quem pode descrever o que a alma sente em comunhão com o Ser?

Mesmo quando um homem desce dessa altura vertiginosa, está desprovido das idéias de “eu” e “meu”; olha para o corpo como mera sombra, um envoltório exterior que abriga a alma. Não habita no passado, não pensa no futuro e olha com indiferença o presente. Observa tudo no mundo com olhos de igualdade; já não mais é tocado pela variedade infinita de fenômenos; não mais reage ao prazer e à dor. Permanece inalterado se seu corpo é adorado pelos bons ou atormentado pelos maus, porque compreende que é somente Brahman o único que Se manifesta através de tudo. O impacto de tal experiência devasta o corpo e a mente. A Consciência torna-se ofuscada, por assim dizer, pelo excesso de Luz. Nos livros de Vedanta está escrito que, depois da experiência do Nirvikalpa samadhi o corpo cai como uma folha seca. Somente aqueles que nasceram com uma missão especial para o mundo, podem voltar dessa altura para os vales da vida normal. Vivem e movem-se no mundo para o bem da humanidade. Estão investidos por um poder espiritual supremo. Uma glória divina brilha através deles.

TOTAPURI

Totapuri chegou ao templo de Dakshineswar no final de 1864. Nascido talvez no Punjab, dirigia um mosteiro naquela província da Índia e dizia-se líder de setecentos sannyasins. Treinado desde a juventude nas disciplinas da Vedanta Advaita, considerava o mundo uma ilusão. Os deuses e deusas do culto dualista eram para ele meras fantasias de mentes iludidas. Orações, cerimônias, ritos e rituais nada tinham a ver com a verdadeira religião e a isso ele era totalmente indiferente. Com grande esforço e inquebrantável força de vontade, havia se liberado do apego aos objetos dos sentidos do mundo relativo. Durante quarenta anos havia praticado austeras disciplinas às margens do Narmada sagrado e finalmente, realizou sua identidade com o Absoluto. Daí em diante vagou pelo mundo como uma alma sem grilhões, um leão livre da jaula. Vestido com uma tanga, passava os dias ao relento, quer sob tempestade ou sol, alimentando o corpo com magra porção de esmolas. Estivera visitando o estuário do Ganges. Em sua viagem de volta pelo rio sagrado, guiado pela Inescrutável Vontade Divina, parou em Dakshineswar.

Totapuri, vendo de relance que Sri Ramakrishna estava preparado para ser um estudante de Vedanta, convidou-o para ser iniciado nos seus mistérios. Com a autorização da Mãe Divina, Sri Ramakrishna concordou com o pedido, mas Totapuri explicou que somente um sannyasin poderia receber os ensinamentos da Vedanta. Sri Ramakrishna concordou em renunciar ao mundo, mas com a condição de que a cerimônia de sua iniciação na ordem monástica fosse realizada em segredo, para não melindrar os sentimentos de sua velha mãe, que vivia com ele em Dakshineswar.

No dia marcado, bem cedo pela manhã, uma fogueira foi acesa no Panchavati. Totapuri e Sri Ramakrishna sentaram-se diante dela. A chama iluminava seus rostos. “Ramakrishna era um pequeno homem moreno com uma barba curta e lindos olhos, profundos olhos negros, cheios de luz, obliquamente colocados e levemente velados, jamais totalmente abertos, mas que viam semicerrados à distância, tanto externa como internamente. A boca estava aberta com os dentes brancos com um sorriso encantador, ao mesmo tempo carinhoso e brincalhão. De estatura mediana, franzino ao ponto de ser emaciado e extremamente delicado. Seu temperamento era muito sensível, uma vez que era suscetível a todos os ventos de alegria e tristeza, tantos morais quanto físicos. Era realmente o reflexo vivo de tudo o que acontecia diante do espelho de seus olhos, um espelho de duas faces, virado tanto para dentro como para fora<sup>4</sup>. Diante dele, o outro erguia-se como uma rocha. Era muito alto e robusto, um forte e resistente carvalho. Sua constituição e mente eram de ferro. Era o forte líder dos homens.

Na chama flamejante em sua frente, Sri Ramakrishna executou os rituais para destruir o apego aos parentes, amigos, corpo, mente, órgãos dos sentidos, ego e o mundo. A chama crepitante absorvia tudo, tornando o iniciado livre e puro. O cordão sagrado e o tufo de cabelo foram atirados ao fogo, completando sua separação de casta, sexo e sociedade. Por último queimou naquele fogo, com tudo o que é sagrado, como testemunha, o desejo de gozo neste e no outro mundo, Pronunciou os mantras sagrados confirmando segurança e intrepidez a todos os seres, que eram, apenas manifestações do seu próprio Ser. Uma vez terminados os ritos, o discípulo recebeu do guru a tanga e a roupa ocre, emblemas de sua nova vida.

O mestre e o discípulo retiraram-se para o aposento de meditação, próximo dali. Totapuri começou a transmitir a Sri Ramakrishna, as grandes verdades da Vedanta. “Brahman”, disse, “é a única Realidade, sempre puro, sempre iluminado, sempre livre, além dos limites de tempo, espaço e causalidade. Embora aparentemente separado por nomes e formas, pelo poder inescrutável de maya, a feiticeira que torna o impossível, possível, Brahman é realmente Uno e indivisível. Quando um aspirante se funde na beatitude do samadhi, não percebe tempo e espaço, ou nome e forma, os filhos de maya. Tudo o que estiver dentro do domínio de maya é irreal. Renuncie a eles. Destrua a prisão de nome e forma e saia fora dela com a força de um leão. Mergulhe fundo à procura do Ser e realiza-O pelo samadhi. Verá o mundo de nome e forma esvanecer-se no vazio e o insignificante ego dissolver-se na Consciência de Brahman. Realizará sua identidade com Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos.” Citando os Upanishads, Totapuri disse: “É vazio o conhecimento pelo qual uma pessoa vê, ouve ou conhece uma outra pessoa. O que é superficial é sem valor, jamais pode trazer felicidade verdadeira, mas o Conhecimento pelo qual uma pessoa não vê a outra, não ouve a outra ou não conhece a outra, que está além da dualidade, é grande e por meio desse Conhecimento, uma pessoa atinge Bem-aventurança Infinita. Como pode a mente e os sentidos apreender Aquele que brilha no coração de todos como o Sujeito Eterno?”

---

<sup>4</sup> Romain Rolland, “Profetas da Nova Índia” pp. 38/39.

Totapuri pediu ao discípulo para retirar a mente de todos os objetos do mundo relativo, incluindo deuses e deusas e concentrar-se no Absoluto. A tarefa, contudo, não era fácil, mesmo para Sri Ramakrishna. Achou impossível levar a mente além de Kali, a Mãe Divina do Universo. “Depois da iniciação”, Sri Ramakrishna disse certa vez, descrevendo o acontecimento: “Nangta começou a me ensinar as diversas conclusões da Vedanta Advaita e pediu-me para retirar completamente a mente de todos os objetos e mergulhar no Atman. Apesar de todos os esforços, não pude de jeito algum cruzar o campo de nome e forma e trazer a mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade de retirar a mente de todos os objetos do mundo, mas a radiante e bastante familiar figura da Mãe Bem-aventurada, a Encarnação da essência da Pura Consciência, aparecia diante de mim como uma realidade viva. Seu sorriso sedutor impedia-me de atravessar o Grande Além. Repetidas vezes tentei, mas Ela interpunha-se em meu caminho toda vez. Desesperado, disse a Nangta: ‘Não há esperança. Não posso elevar minha mente ao estado incondicional e ficar frente a frente com o Atman.’ Ele ficou exaltado e asperamente disse: ‘O que? Você não pode fazer isso? Mas tem que fazê-lo.’ Olhou em volta. Encontrando um pedaço de vidro, pegou-o e espetou-o entre minhas sobrancelhas. ‘Concentre a mente neste ponto!’ trovejou. Com uma determinação férrea, sentei de novo para meditar. Assim que a forma graciosa da Mãe Divina apareceu diante de mim, usei a discriminação com uma espada e com ela, A parti em dois. A última barreira caiu. Meu espírito imediatamente elevou-se além do plano relativo e perdi-me em samadhi.”

Sri Ramakrishna permaneceu completamente absorvido em samadhi durante três dias. “Será verdade?” Totapuri gritou atônito. “Será possível que ele tenha conseguido num único dia o que levei quarenta anos de prática estrênuo para alcançar? Grande Deus! Foi simplesmente um milagre!” Com a ajuda de Totapuri, a mente de Sri Ramakrishna finalmente desceu ao plano relativo.

Totapuri, um monge do tipo mais ortodoxo, jamais ficava num lugar por mais de três dias. Permaneceu, porém, onze meses em Dakshineswar. Também ele tinha algo a aprender.

Totapuri não fazia idéia das lutas do homem comum nas malhas da paixão e do desejo. Tendo mantido durante toda sua vida a pureza de uma criança, ria com a idéia de um homem ser derrotado pelos sentidos. Estava convencido de que o mundo era maya e que bastava somente tomar conhecimento disso, para que ele desaparecesse para sempre. Nascido não dualista, não acreditava no Deus Pessoal. Não tinha fé no aspecto terrível de Kali, muito menos no Seu aspecto benigno. Música e o cantar do santo nome de Deus eram, para ele, apenas um amontoado de tolices. Ridicularizava o gasto de emoção durante o culto do Deus Pessoal.

## KALI E MAYA

Sri Ramakrishna, por outro lado, embora completamente consciente, como o seu guru, que o mundo é uma aparência ilusória, em vez de menosprezar maya, como um monista ortodoxo, reconhecia sua força na vida relativa. Era todo amor e reverência por maya, percebendo nela uma expressão majestosa e misteriosa da Divindade. Para ele maya em si mesma era Deus, uma vez que tudo era Deus. Era uma das faces de Brahman. O que havia realizado nas alturas do plano transcendental, também encontrou aqui embaixo, em todos os lugares em sua volta, sob a misteriosa roupagem de nomes e formas. Essa roupagem era um envoltório perfeitamente transparente, através do qual reconhecia a glória da Imanência Divina. Maya, o poderoso tecelão dessa vestimenta, não é outro senão Kali, a Mãe Divina. Ela é a Energia Divina Primordial, Shakti e não pode ser separada do Supremo Brahman, como o poder de queimar não pode ser separado do fogo. Ela projeta o mundo e ao mesmo tempo o retira. Ela o tece como a aranha tece a teia. Ela é a Mãe do Universo, idêntica a Brahman da Vedanta e do Atman da Yoga. Como um eterno Legislador, Ela faz e desfaz as leis; é devido à Sua vontade imperiosa que o Karma produz seu fruto. Enreda os homens com ilusão e novamente os alivia da escravidão com um olhar de Seus olhos benignos. Ela é a suprema Senhora do espetáculo cósmico e todos os objetos, animados e inanimados dançam à Sua vontade. Mesmo aqueles que realizam o Absoluto no Nirvikalpa samadhi estão sob a Sua jurisdição, enquanto ainda viverem no plano relativo.

Assim, depois do Nirvikalpa samadhi, Sri Ramakrishna realizou maya num aspecto totalmente novo. O aspecto escravizador de Kali desapareceu de sua visão. Ela não mais obscureceu seu entendimento. O mundo tornou-se a gloriosa Manifestação da Mãe Divina. Maya tornou-se Brahman. O Próprio Transcendental surgiu do Imanente. Sri Ramakrishna descobriu que maya opera no mundo relativo de duas maneiras, que ele denominou “avidyamaya” e “vidyamaya”. Avidyamaya representa as forças negras da criação: desejos sensuais, paixões más, ganância, luxúria, crueldade etc. Sustenta o

mundo nos planos inferiores. É responsável pela roda de nascimento e morte do homem. Deve ser combatida e conquistada, mas vidyamaya é a força mais elevada da criação: as virtudes espirituais, as qualidades de iluminação, bondade, pureza, amor, devoção. Vidyamaya eleva o homem aos planos mais elevados de consciência. Com a ajuda de vidyamaya o devoto se livra de avidyamaya: torna-se então, mayatita, livre de maya. Os dois aspectos de maya são as duas forças da criação, os dois poderes de Kali; Ela está além de ambos. Ela é como o sol, trazendo a existência e brilhando através e atrás das nuvens de formas e cores diferentes, conjurando formas maravilhosas no céu azul do outono.

A Mãe Divina pediu a Sri Ramakrishna para não se perder no Absoluto sem forma, mas para permanecer em bhavamukha, o limiar da consciência relativa, a linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Ele tinha que ficar no “sexto centro” do Tantra de onde podia ver não só a glória do sétimo mas também, as divinas manifestações da Kundalini nos centros inferiores. Gentilmente oscilava para frente e para trás, atravessando a linha divisória. Devoção extática à Mãe Divina alternava-se com a serena absorção no Oceano de Unidade Absoluta. Assim encurtou a distância entre os aspectos Pessoal e Impessoal, o imanente e o transcendente da Realidade. Essa é uma experiência única em toda a história espiritual já relatada no mundo.

### A LIÇÃO DE TOTAPURI

Com Sri Ramakrishna, Totapuri aprendeu o significado de Kali, o Grande Fato do mundo relativo e de maya, Seu indescritível Poder.

Um dia, quando guru e discípulo estavam ocupados numa animada discussão sobre vedanta, um empregado do templo chegou e apanhou um pedaço de carvão do fogo sagrado que tinha sido aceso pelo grande asceta. Queria acender o seu fumo. Totapuri ficou furioso a ponto de quase bater no homem. Sri Ramakrishna caiu na gargalhada. “Que vergonha!”, gritou. “Você está explicando a realidade de Brahman e o caráter ilusório do mundo e, contudo, esqueceu-se de si mesmo e quase bateu num homem, num acesso de raiva. O poder de maya é realmente inescrutável!” Totapuri ficou embaraçado.

Por esta época Totapuri repentinamente sofreu um severo ataque de disenteria. Devido a essa doença, viu-se impossibilitado de meditar. Uma noite a dor tornou-se insuportável. Não mais podia concentrar-se em Brahman. O corpo interpunha-se no caminho. Sentiu-se frustrado por esse estado de dependência. Alma livre, não se preocupava de forma alguma com o corpo. Então decidiu afogar-se no Ganges. Por conseguinte, dirigiu-se para o rio. Mas, ah! Ele caminha até a outra margem.<sup>5</sup> Não há água suficiente no Ganges? Em pé, estupefato, na outra margem, olhou para trás. As árvores, os templos, as casas mostravam-se como silhuetas contra o céu. Subitamente, num instante deslumbrante, vê em todos os lados, a presença da Mãe Divina. Ela está em tudo. Ela é tudo. Ela está na água; Ela está na terra, Ela é o corpo; Ela é a mente; Ela é a dor; Ela é o conforto; Ela é o Conhecimento; Ela é a ignorância; Ela é a vida; Ela é a morte; Ela é tudo o que uma pessoa vê, ouve ou imagina. Ela muda “sim” em “não”, e “não” em “sim”. Sem Sua graça nenhum ser encarnado pode ir além do Seu domínio. O homem não tem livre arbítrio. Não é nem livre para morrer, entretanto, além do corpo e da mente Ela reside no seu aspecto Transcendental Absoluto. Ela é o Brahman que Totapuri vinha adorando durante toda a vida.

Totapuri voltou para Dakshineswar e gastou as últimas horas da madrugada meditando na Mãe Divina. De manhã foi ao templo de Kali com Sri Ramakrishna e prosternou-se ante a imagem da Mãe. Compreendeu agora porque havia passado onze meses em Dakshineswar. Despedindo-se do discípulo, seguiu seu caminho, iluminado.

Mais tarde Sri Ramakrishna descreveu a importância das lições de Totapuri. “Quando penso no Ser Supremo como inativo – nem criando, nem preservando, nem destruindo – chamou-O Brahman ou Purusha, o Deus Impessoal. Quando penso n’Ele como ativo – criando, preservando e destruindo – chamou-O Shakti ou Maya ou Prakriti, o Deus Pessoal. A distinção entre eles, contudo, não significa diferença. O pessoal e o Impessoal são a mesma coisa, como o leite e sua brancura, o diamante e seu brilho, a cobra e seu movimento sinuoso. É impossível conceber um sem o outro. A Mãe Divina e Brahman são um.”

Depois da partida de Totapuri, Sri Ramakrishna permaneceu durante seis meses num estado de identidade absoluta com Brahman. “Durante seis meses seguidos”, disse ele, “permaneci naquele estado do qual homens comuns não podem jamais voltar; geralmente o corpo cai, depois de três semanas

---

<sup>5</sup> Essa versão do incidente foi tirada da biografia de Sri Ramakrishna, por Swami Saradananda, um dos discípulos diretos do Mestre.

como uma folha seca. Não era consciente do dia e da noite. As moscas entravam em minha boca e narinas, como ocorre com um cadáver, mas eu não as sentia. Meu cabelo ficou emaranhado com a poeira.”

Seu corpo não teria sobrevivido se não fosse a atenção dedicada de um monge que estava em Dakshineswar naquela época e que por qualquer motivo compreendeu que para o bem da humanidade, o corpo de Sri Ramakrishna deveria ser preservado. Tentou por diversas maneiras, mesmo usando a violência física, trazer de volta a alma fugitiva para a prisão do corpo e nos fugazes momentos de lucidez, punha um pouco de comida na boca de Sri Ramakrishna. Por fim Sri Ramakrishna recebeu ordem da Mãe Divina para permanecer no limite da consciência relativa. Em seguida foi acometido por um sério ataque de disenteria. Dia e noite a dor torturou-o e a mente gradualmente desceu ao plano físico.

## COMPANHIA DOS SANTOS E DEVOTOS

Daquele momento em diante Sri Ramakrishna começou a procurar a companhia dos devotos e homens santos. Havia atravessado a tormenta e exaustão das disciplinas e visões. Agora realizara calma interna dando a impressão aos outros de que era um homem normal, mas ele não podia suportar a companhia de pessoas do mundo ou escutar suas conversas. Felizmente a atmosfera santificada de Dakshineswar e a generosidade de Mathur atraíram monges e santos de todas as partes do país. Sadhus de todas as denominações - monistas e dualistas - vaishnavas, vedantistas, shaktas e adoradores de Rama - acorriam para lá em número crescente. Ascetas e visionários vinham pedir conselho a Sri Ramakrishna. Os vaishnavas haviam vindo durante sua sadhana vaishnava e os tântricos enquanto praticava as disciplinas dos Tantras. Os vedantistas começaram a chegar depois da partida de Totapuri. No quarto de Sri Ramakrishna, que estava então de cama com disenteria, os vedantistas empenhavam-se em discussões sobre as escrituras e esquecendo o próprio sofrimento físico, resolvia suas dúvidas, referindo-se diretamente às suas próprias experiências. Muitos de seus visitantes eram pessoas espiritualizadas autênticas, pilares invisíveis do hinduísmo e suas vidas espirituais foram aceleradas numa grande medida pelo sábio de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, por sua vez, aprendeu com eles as histórias concernentes às maneiras e conduta dos homens santos, que ele posteriormente contava a seus devotos e discípulos. A seu pedido Mathur dava-lhe grandes quantidades de alimentos, roupas etc., que eram assim, distribuídos entre os monges errantes.

Sri Ramakrishna não havia lido, contudo, era dotado de um conhecimento enciclopédico a respeito das religiões e filosofias. Havia adquirido tal conhecimento com inúmeros homens santos e eruditos, com quem estivera em contato. Possuía um poder único de assimilação; através da meditação havia feito desse conhecimento uma parte do seu ser. Uma vez sendo interpelado por um discípulo sobre a origem de seu aparente e inesgotável conhecimento, respondeu: “Eu não li, mas ouvi os eruditos. Fiz uma grinalda de seus conhecimentos e colocando-a em torno do meu pescoço ofereci-a aos pés da Mãe.”

Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando a flor desabrocha as abelhas vêm apanhar o mel por sua própria iniciativa. Agora muitas almas começaram a vir a Dakshineswar para satisfazerem sua fome espiritual. Ele, o devoto e aspirante, tornou-se o Mestre. Gauri, o grande erudito que tinha sido um dos primeiros a proclamar Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, visitou o Mestre em 1870 e com as bênçãos do Mestre, renunciou ao mundo. Narayan Shastri, um outro grande pundit, que havia dominado os seis sistemas da filosofia hindu e a quem foi oferecido um posto lucrativo pelo Maharaja de Jaipur, ao ver o Mestre, reconheceu-o como aquele que havia realizado em vida os ideais que ele mesmo só havia encontrado em livros. Sri Ramakrishna iniciou Narayan Shastri, a seu pedido sincero, na vida de sannyas. Pundit Padmalochan, o pundit da corte do Maharaja de Burdwan, muito conhecido por sua erudição tanto na Vedanta como no sistema Nyaya de filosofia, aceitou o Mestre como uma Encarnação de Deus. Krishnakishore, um erudito vedantista, tornou-se devoto do Mestre. Chegou então, Viswanath Upadhyaya, que seria seu devoto favorito. Sri Ramakrishna sempre se dirigiu a ele como “Capitão”. Era um alto funcionário do rei do Nepal e havia recebido o título de Coronel em reconhecimento ao seu mérito. Um estudioso do *Gita*, do *Bhagavata* e da filosofia Vedanta, diariamente fazia o culto de sua Divindade Escolhida com muita devoção. “Li os Vedas e as outras escrituras”, disse ele. “Também tive a oportunidade de conhecer muitos monges bons e devotos em diferentes lugares, mas é na presença de Sri Ramakrishna que meus anseios espirituais concretizam-se. Para mim ele parece ser a personificação das verdades das escrituras.”

O Conhecimento de Brahman no nirvikalpa samadhi havia convencido Sri Ramakrishna de que os deuses das diferentes religiões são apenas muitas das interpretações do Absoluto e que a Realidade Suprema jamais pode ser expressa pela língua humana. Compreendeu que todas as religiões conduzem os devotos por diferentes caminhos para uma e mesma meta. Agora tornou-se ansioso para conhecer algumas religiões estrangeiras, porque para ele, entendimento significava uma experiência verdadeira.

### ISLAMISMO

No fim de 1866 começou a praticar as disciplinas do islamismo. Sob a direção do seu guru muçulmano, dedicou-se à sua nova sadhana. Vestiu-se como um muçulmano e repetia o nome de Alá. Suas orações correspondiam às devoções islâmicas, esqueceu-se dos deuses e deusas hindus – mesmo de Kali – e desistiu de visitar os templos. Passou a morar nos arredores do templo. Depois de três dias viu uma figura radiante, talvez Maomé, que se aproximou gentilmente dele e finalmente perdeu-se em Sri Ramakrishna. Assim realizou o Deus muçulmano. Em seguida, entrou em comunhão com Brahman. O poderoso rio do islamismo também levou-o de volta para o Oceano do Absoluto.

### CRISTIANISMO

Oito anos depois, num domingo de 1874, Sri Ramakrishna foi tomado por um irresistível desejo de aprender a verdade da religião cristã. Começou a ouvir os ensinamentos da Bíblia por Sambhu Charan Mallick, um senhor de Calcutá e devoto do Mestre. Sri Ramakrishna ficou fascinado com a vida e ensinamentos de Jesus. Um dia estava sentado na sala de visitas da chácara<sup>6</sup> de Jadu Mallick em Dakshineswar, quando seus olhos bateram numa pintura da Madonna e o Menino. Olhando fixamente para ela, gradualmente foi sendo tomado por uma emoção divina. As pessoas da pintura ganharam vida e os raios de luz que saíam delas entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte do que a visão de Maomé. Com angústia, gritou: ‘Ó Mãe! O que Tu estás fazendo comigo?’ E, atravessando as barreiras de credo e religião, entrou num novo campo de êxtase. Cristo possuiu sua alma. Durante três dias não pôs os pés no templo de Kali. No quarto dia à tarde, enquanto andava no Panchavati viu caminhando em sua direção, uma pessoa com lindos olhos grandes, rosto sereno e pele clara. Quando os dois se olharam, uma voz saiu do fundo da alma de Sri Ramakrishna: “Contempla o Cristo que derramou o sangue do Seu coração para a redenção do homem, que suportou um mar de angústia por amor aos homens. É Ele, o Yogi Mestre, que está em eterna união com Deus. É Jesus, o Encarnado Amor.” O Filho do Homem abraçou o Filho da Divina Mãe e fundiu-se nele. Sri Ramakrishna realizou sua identidade com Cristo, como já tinha realizado sua identidade com Kali, Rama, Hanuman, Radha, Krishna, Brahman e Maomé. O Mestre entrou em samadhi e comungou com Brahman com atributos. Assim experimentou a verdade de que o Cristianismo, também, é um caminho que conduz à Consciência de Deus. Até o último momento de sua vida, acreditou que Cristo era uma Encarnação de Deus. Cristo para ele não era, contudo, a única Encarnação; houve outras – Buda, por exemplo, e Krishna.

### ATITUDES EM RELAÇÃO A DIFERENTES RELIGIÕES

Sri Ramakrishna aceitava a divindade de Buda e costumava assinalar a semelhança dos seus ensinamentos com aqueles dos Upanishads. Mostrava, também, grande respeito pelos Tirthankaras, que fundaram o Jainismo e pelos dez Gurus do Sikhismo, mas não se referia a eles como Encarnações divinas. Ouvia-se que ele teria dito que os Gurus do Sikhismo haviam sido encarnações do rei Janaka da Índia antiga. Tinha em seu quarto em Dakshineswar, uma pequena estátua do Tirthankara Mahavira e um quadro de Cristo, diante dos quais queimava incenso de manhã e à noite.

Sem ser formalmente iniciado em suas doutrinas, Sri Ramakrishna realizou assim, os ideais de outras religiões, além do hinduísmo. Ele não necessitava seguir qualquer doutrina. Todas as barreiras eram removidas pelo seu amor arrebatador a Deus. Tornou-se, então, um Mestre das várias religiões do mundo, “Pratiquei”, disse ele, “Todas as religiões – hinduísmo, islamismo, cristianismo – e segui, também, os caminhos das diferentes seitas hindus. Constatei que se trata do mesmo Deus para quem todos dirigem seus passos, embora seguindo caminhos diferentes. Devem tentar todos os credos e tri-lhar todos os diferentes caminhos uma vez. Para qualquer lugar que olho vejo homens brigando em

<sup>6</sup> Essa expressão é amplamente usada para traduzir a palavra bengali que denota a casa de campo de um homem rico, construída no centro de um jardim.

nome da religião – hindus, maometanos, brahmos, vaishnavas e assim por diante. Mas eles jamais pensam que Aquele que é chamado Krishna é, também, chamado Shiva e leva o nome de Energia Primordial, Jesus, Alá também – o mesmo Rama com mil nomes. Um lago tem mil ghats. Num os hindus apanham água em seus potes e chamam-na “jal”; num outro, os muçulmanos apanham água em bolsas de couro e chamam-na “pani”; num terceiro os cristãos chamam-na “water”. Podemos imaginar que não se trata de “jal”, mas apenas “pani” ou “water”? Que ridículo! A substância é Uma sob diferentes nomes e todos procuram a mesma substância; apenas clima, temperamento e nome criam diferenças. Deixe cada um seguir seu próprio caminho. Se ele sincera e ardentemente deseja conhecer Deus, paz para ele! Certamente O realizará.”

Em 1867 Sri Ramakrishna voltou para Kamarpukur para se recuperar das conseqüências das austeridades. A paz do campo, os amigos simples e ingênuos de sua meninice e o ar puro fizeram-lhe muito bem. Os aldeões ficaram felizes em terem de volta seu brincalhão, franco, esperto, bondoso e veraz Gadadhar, embora não lhes tivesse escapado a grande mudança que lhe ocorrera nesses anos em Calcutá. Sua esposa, Sarada Devi, agora com quatorze anos, logo chegou a Kamarpukur. Seu desenvolvimento espiritual era muito além de sua idade e ela foi capaz de compreender de imediato, o estado de espírito do seu marido. Ficou ansiosa para aprender com ele a respeito de Deus e morar com ele como sua ajudante. O Mestre recebeu-a com alegria tanto como sua discípula, como sua companheira espiritual. referindo-se às suas experiências nesses poucos dias, ela uma vez disse: “Costumava sentir sempre como se um pote cheio de felicidade tivesse sido colocado no meu coração. A alegria foi indescrevível.”

### PEREGRINAÇÃO

No dia 27 de janeiro de 1868, Mathur Babu com uma comitiva de cento e vinte e cinco pessoas saiu em peregrinação até os sagrados lugares do norte da Índia. Em Vadyanath no Behar, quando o Mestre viu os habitantes de um vilarejo reduzidos pela pobreza e inanição, a meros esqueletos, pediu a seu rico protetor para alimentá-los e dar-lhes uma peça de roupa, Mathur objetou a fazer tal gasto extra. O Mestre declarou amargamente que não iria a Benares, mas que viveria entre os pobres e dividiria com eles suas misérias. Chegou a deixar Mathur e sentou-se com os aldeões. Então Mathur teve que ceder. Em outra ocasião, dois anos depois, Sri Ramakrishna mostrou um sentimento semelhante pelos pobres e necessitados. Acompanhou Mathur numa visita a uma das propriedades deste último, por ocasião da coleta de impostos. Durante dois anos as colheitas haviam sido ruins e os arrendatários estavam num estado de extrema pobreza. O Mestre desejava que Mathur perdoasse os impostos, ajudasse-os e ainda desse ao povo faminto, uma festa suntuosa. Quando Mathur reclamou, o Mestre disse: “Você é apenas o administrador da Mãe Divina. Eles são arrendatários da Mãe. Você deve gastar o dinheiro da Mãe. Estão sofrendo, como pode se recusar a ajudá-los? Você deve ajudá-los.” Novamente Mathur teve de ceder. A simpatia de Sri Ramakrishna pelos pobres nascia do fato dele ver Deus em todas as criaturas. Seu sentimento não era igual ao do humanista ou filantropo. Para ele o serviço do homem era o mesmo que adoração a Deus.

A comitiva chegou a Benares de barco, pelo Ganges. Quando os olhos de Sri Ramakrishna caíram nessa cidade de Shiva, onde estão acumulados há séculos, a devoção e piedade de adoradores sem conta, viu que ela era feita de ouro, como as escrituras declaram. Ficou visivelmente emocionado. Durante sua estada na cidade, tratava qualquer grão de terra com o maior respeito. No ghat de Manikarnika, o grande crematório da cidade, realmente viu Shiva com o corpo coberto de cinzas, o cabelo dourado emaranhado, aproximando-se serenamente de cada pira funerária e soprando nos ouvidos dos cadáveres o mantra de liberação; depois a Mãe Divina removendo dos mortos seus grilhões. Assim compreendeu o significado da assertiva espiritual de que qualquer um que morra em Benares, salva-se pela graça de Shiva. Visitou Trailanga Swami, o célebre monge, quem ele mais tarde declarou ser um autêntico paramahansa, verdadeira imagem de Shiva.

Sri Ramakrishna visitou Allahabad, na confluência do Ganges e Jamuna e em seguida, Vrindavan e Mathura, cidade enfeitada pelas lendas, canções e dramas a respeito de Krishna e das gopis. Ali teve numerosas visões e o coração transbordou de emoção divina. Chamou e disse: “Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Tu estás ausente.” Visitou a grande santa, Gangamayí, considerada pelos devotos vaishnavas, a encarnação de uma companheira íntima de Radha. Tinha sessenta anos e freqüentemente entrava em transe. Referia-se a Sri Ramakrishna como uma encarnação de Radha. Com muita dificuldade conseguiu-se persuadi-lo a deixá-la.

Na viagem de volta, Mathur queria visitar Gaya, mas Sri Ramakrishna recusou-se ir. Lembrou-se da visão de seu pai antes do seu nascimento e sentiu que no templo de Vishnu ficaria para sempre absorvido em Deus. Mathur, satisfazendo o desejo do Mestre, voltou com a comitiva para Calcutá.

O Mestre trouxe de Vrindavan um punhado de terra. Parte dela espalhou no Panchavati; o resto enterrou numa pequena cabana onde praticava meditação. “Agora este lugar”, disse, “é tão sagrado quanto Vrindavan.”

Em 1870 o Mestre foi em peregrinação a Nadia, cidade natal de Sri Chaitanya. Assim que o barco aproximou-se da margem de areia perto de Nadia, Sri Ramakrishna teve a visão dos “dois irmãos”, Sri Chaitanya e seu companheiro, Nityanananda, “brilhantes como ouro derretido”, e com auréolas, correndo para saudá-lo com as mãos levantadas. “Aí vêm eles! Aí vêm eles!” gritou. Entrando em seu corpo, caiu em transe profundo.

## RELACIONAMENTO COM SUA ESPOSA

Em 1872 Sarada Devi fez sua primeira visita ao marido em Dakshineswar. Quatro anos antes ela o tinha visto em Kamarpukur e provado o gosto da felicidade de sua companhia divina. Desde então tornou-se ainda mais gentil, terna, introspectiva, séria e altruísta. Havia ouvido muitos boatos sobre a insanidade de seu marido. As pessoas apiedavam-se dela nessa infelicidade. Quanto mais pensava, mais sentia que seu dever era estar com ele, dando-lhe na medida do possível, seu serviço de esposa dedicada. Estava agora com dezoito anos. Acompanhada do pai, chegou a Dakshineswar, depois de percorrer a pé uma distância de oitenta milhas. Havia tido um ataque de febre durante o caminho. Quando chegou ao templo, o Mestre disse tristemente: “Ah! Você chegou tarde demais. Meu Mathur já não está aqui para cuidar de você.” Mathur havia morrido no ano anterior.

O Mestre incumbiu-se da tarefa de instruir sua jovem esposa e isso incluía tudo, desde os serviços de casa até o Conhecimento de Brahman. Ensinou-a a enfeitar um lampião, como se comportar diante das pessoas de acordo com seus diferentes temperamentos e como se conduzir diante dos visitantes. Instruiu-a nos mistérios da vida espiritual – oração, meditação, japa, contemplação profunda e samadhi. A primeira lição que Sarada Devi recebeu foi: “Deus é o Bem-Amado de todos, assim como a lua é a cara a qualquer criança. Todas as pessoas têm o mesmo direito de orar a Ele. Por Sua graça Ele Se revela a todos que O chamam. Você também O verá se apenas orar por Ele.”

Totapuri sabendo do seu casamento, comentou uma vez: “O que importa? Somente aquele que está firmemente estabelecido no Conhecimento de Brahman pode manter seu espírito de discriminação e renúncia, mesmo vivendo com sua esposa. Só atingiu a iluminação suprema aquele que pode olhar um homem ou uma mulher como iguais a Brahman. Um homem com a idéia de sexo na cabeça pode ser um bom aspirante, mas ainda está longe da meta.” Sri Ramakrishna e sua esposa viviam juntos em Dakshineswar, mas suas mentes pairavam sempre acima do plano do mundo. Alguns meses depois da chegada de Sarada Devi, Sri Ramakrishna arranjou num dia auspicioso, um culto especial para Kali, a Mãe Divina. Em vez da imagem da Divindade, colocou em seu lugar, uma imagem viva, a própria Sarada Devi. O adorador e a adorada entraram em samadhi profundo e no plano transcendental, suas almas uniram-se. Depois de várias horas, Sri Ramakrishna desceu ao plano relativo, cantou um hino à Grande Deusa e entregou aos pés da própria imagem viva, ele próprio, seu rosário e o fruto da sadhana de toda a vida. Tal cerimônia é conhecida nos Tantras como Shorashi Puja, a “Adoração da Mulher”. Sri Ramakrishna compreendeu o significado da grande declaração dos Upanishads: “Ó Senhor, Tu és a mulher, Tu és o homem; Tu és o menino, Tu és a menina; Tu és o velho, trôpego em suas muletas. Tu permeias o universo nas suas múltiplas formas.”

Ao casar-se, Sri Ramakrishna mostrou o grande valor do casamento na evolução espiritual do homem e ao tomar votos monásticos, demonstrou a necessidade imperativa do autocontrole, pureza e continência, na realização de Deus. Com seu relacionamento único com a esposa, provou que marido e mulher podem viver juntos como companheiros espirituais. Assim, sua vida é a síntese das duas maneiras de vida: como chefe de família e como monge.

## O “EGO” DO MESTRE

No Nirvikalpa samadhi Sri Ramakrishna havia realizado que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Ao manter a mente durante seis meses no plano de Brahman não-dual, havia atingido o estado de vijñani, o conhecedor da Verdade, num sentido muito especial e rico, aquele que vê Brah-

man não apenas em si e no Absoluto transcendental, mas em tudo no mundo. Nesse estado de vijñani, às vezes alheio à consciência do corpo, ele se olhava como uno com Brahman; às vezes, consciente do mundo dual, olhava-se como um devoto de Deus, servo ou filho. A fim de tornar o Mestre capaz de trabalhar para o bem-estar da humanidade, a Mãe Divina manteve nele um traço de ego, que descreveu - segundo seu estado - como o “ego do conhecimento” o “ego da devoção”, o “ego de um filho”, ou o “ego de um servo”. Em qualquer um desses casos, esse ego do Mestre, consumido pelo fogo do Conhecimento de Brahman, era apenas aparente, como uma corda queimada. Muitas vezes referia-se a esse ego como o “ego maduro” em contraste com o ego de uma alma apegada, que descrevia como ego “não maduro” ou “verde”. O ego de uma alma apegada identifica-se com o corpo, parentes, posses e o mundo, mas o “ego maduro”, iluminado pelo Conhecimento Divino, reconhece que o corpo, parentes, posses e o mundo são irrealis e estabelece uma relação de amor somente com Deus. Através do seu “ego maduro”, Sri Ramakrishna lidava com o mundo e com a esposa. Um dia, enquanto massageava seus pés, Sarada Devi perguntou ao Mestre: “O que você pensa de mim?” Logo veio a resposta: “A Mãe que é adorada no templo é a que deu nascimento ao meu corpo e que está agora morando no nahabat e é Ela que também está massageando meus pés nesse momento. Na verdade, sempre considereí você a personificação da Bem-aventurada Mãe Kali.”

Sarada Devi na companhia do marido, teve raras experiências espirituais. Dizia: “Não tenho palavras para descrever minha maravilhosa exaltação de espírito quando o observava nos seus diferentes estados. Sob divina emoção, ele às vezes falava de assuntos incompreensíveis, às vezes ria, às vezes chorava e às vezes tornava-se imóvel em samadhi. Isso continuava pela noite adentro. Havia uma tal extraordinária presença divina nele que, de vez em quando tremia de medo e admiração, pensando como a noite passaria. Meses passaram-se assim. Um dia descobriu que eu tinha que ficar acordada a noite inteira porque, durante meu sono, ele talvez entrasse em samadhi - isso poderia acontecer a qualquer momento e assim, pediu-me para dormir no nahabat.”

## RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS DO MESTRE

Chegava agora o fim da sadhana de Sri Ramakrishna, o período de sua disciplina espiritual. Como consequência de suas experiências além dos sentidos, chegou a certas conclusões concernentes a si mesmo e à espiritualidade em geral. Suas conclusões sobre si mesmo podem ser resumidas assim:

Primeiro, era uma Encarnação de Deus, uma pessoa especialmente comissionada, cujas experiências espirituais eram para o bem da humanidade. Enquanto uma pessoa comum leva uma vida inteira para realizar um ou dois aspectos de Deus, ele em poucos anos, realizou-O em todos Seus aspectos.

Segundo, sempre soube que tinha sido uma alma livre, que as diversas disciplinas pelas quais havia passado, realmente não eram necessárias para sua própria liberação, mas somente para o benefício dos outros. As palavras liberação e escravidão não eram aplicáveis a ele. Enquanto houver seres que se considerem apegados, Deus tem que vir à terra como uma Encarnação, para libertá-los dessa escravidão, como um magistrado tem que visitar um lugar de seu distrito em que haja problemas.

Terceiro, suas previsões sobre a época de sua morte concretizaram-se completamente.

Sobre espiritualidade em geral, foram as seguintes suas conclusões:

Primeiro, estava firmemente convencido de que todas as religiões são verdadeiras, de que todo sistema de doutrina representa um caminho para Deus. Seguira todos os principais caminhos e todos levaram-no ao mesmo objetivo. Foi o primeiro profeta religioso registrado pela história, a pregar a harmonia das religiões.

Segundo, percebeu que os três grandes sistemas de pensamento conhecidos como Dualismo, Não-dualismo Qualificado e Absoluto Não-dualismo - Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita - representam os três estágios do progresso do homem em direção à Realidade Suprema. Não se contradiziam, mas se complementavam e ajustavam-se aos diferentes temperamentos. Para o homem comum, com grande apego aos sentidos, a forma dualista de religião, prescrevendo uma certa quantidade de apoio material, como música e outros símbolos, é útil. Um homem que já realizou Deus transcende a idéia dos deveres mundanos, mas o mortal comum executa seus deveres, lutando para ser desapegado e entregar os resultados a Deus. A mente pode compreender e descrever a o pensamento e a experiência até o Vishishtadvaita, mas não além. A Advaita, a última palavra em experiência espiritual, é qualquer coisa a ser sentida em samadhi, porque transcende a mente e a fala. Do ponto de vista mais elevado, o Absoluto e Sua manifestação são igualmente reais - o Nome do Senhor, Sua Morada e o Próprio Deus são da mesma Essência espiritual. Tudo é Espírito, a diferença está somente na forma.

Terceiro, Sri Ramakrishna realizou o desejo da Mãe Divina de que através dele, Ela fundaria uma nova Ordem, formada por aqueles que manteriam de pé as doutrinas ilustradas em sua vida.

Quarto, sua vida espiritual dizia-lhe que aqueles estavam em sua última encarnação nesse plano mortal de existência e aqueles que haviam chamado sinceramente pelo Senhor uma vez apenas durante sus vidas, deveriam vir a ele.

Nessa época Sri Ramakrishna sofreu várias perdas de pessoas que lhe eram caras. A primeira foi a morte de um sobrinho, chamado Akshay. Depois da morte do jovem, Sri Ramakrishna disse: “Akshay morreu diante de meus olhos, mas isso não me afetou em nada. Fiquei assistindo e observei como um homem morre. Era como uma espada sendo tirada da bainha. Diverti-me com a cena, ria, cantava e dançava. Retiraram o corpo e cremaram-no. No dia seguinte fui ali (*apontando para a varanda sudeste de seu quarto*), senti uma dor aguda pela perda de Akshay, como se alguém estivesse torcendo meu coração como uma toalha úmida. Fiquei admirado com isso e pensei que a Mãe estivesse me dando uma lição. Eu não estava preocupado nem mesmo com o próprio corpo – muito menos com a do meu parente, mas se tal era a minha dor com a perda de um sobrinho, como não seria a dos chefes de família com a perda de seus próximos e queridos entes!” Em 1871 Mathur morreu e cinco anos mais tarde, Sambhu Mallick – que depois da morte de Mathur havia assumido as despesas do Mestre. Em 1873 morreu seu irmão mais velho, Rameswar e em 1876, sua amada mãe. Essas perdas tiveram um impacto no terno coração humano de Sri Ramakrishna, embora tivesse realizado a imortalidade da alma e a ilusão do nascimento e morte.

Em março de 1875, mais ou menos um ano antes da morte da mãe, o Mestre conheceu Keshab Chandra Sen. O encontro foi um acontecimento importante tanto para Sri Ramakrishna como para Keshab. Naquele momento, pela primeira vez, o Mestre entrou em contato com um digno representante da Índia moderna.

## BRAHMO SAMAJ

Keshab foi o líder do Brahma Samaj, um dos dois grandes movimentos que, na última metade do século XIX, desempenhou um importante papel no renascimento da Índia. O fundador do movimento Brahma foi o grande Raja Rammohan Roy (1774-1833). Embora tenha nascido numa família brahmin ortodoxa, Rammohan Roy demonstrava uma grande simpatia pelo islamismo e pelo cristianismo. Foi ao Tibé à procura dos mistérios budistas. Extraiu do cristianismo o sistema ético, mas rejeitou a divindade de Cristo, da mesma maneira que havia negado as Encarnações Hindus. O islamismo influenciou-o bastante na formulação de suas doutrinas monoteístas, mas ele sempre voltava para os Vedas a fim de obter inspiração espiritual. O Brahma Samaj, que havia fundado em 1828, era dedicado ao “culto e adoração do Eterno, Insondável, Ser Imutável, que é o Autor e Preservador do Universo.” Era aberto a todos sem distinção de cor, casta, nação ou religião.

O verdadeiro organizador do Samaj foi Devendranath Tagore (1817-1905), pai do poeta Rabindranath. Sua beleza física e espiritual, seu porte aristocrático, agudo intelecto e sensibilidade poética tornaram-no o líder mais notável dos intelectuais bengalis. Esses dirigiam-se a ele com o epíteto respeitoso de Maharshi, o “Grande Vidente”. O Maharshi era um grande erudito sânscrito e, ao contrário de Raja Rammohan Roy, tirava inspiração inteiramente dos Upanishads. Foi um inimigo implacável do culto à imagem e também, lutou para deter a infiltração das idéias cristãs no Samaj. Deu ao movimento sua fé e ritual. Sob sua influência, o Brahma Samaj professou Um Ser Supremo Auto-existente, que havia criado o universo do nada, o Deus da Verdade, Sabedoria Infinita, Bondade e Poder, o Eterno e Onipotente, o Uno sem Segundo. Os homens devem amá-Lo e fazer Sua vontade, acreditar n’Ele e adorá-Lo e assim, merecer a salvação no mundo vindouro.

Sem dúvida alguma, o líder mais capaz do movimento Brahma foi Keshab Chandra Sen (1838-1884). Ao contrário de Raja Rammohan Roy e Devendranath Tagore, Keshab nasceu numa família bengali de classe média e tinha sido educado numa escola inglesa. Não conhecia sânscrito e logo afastou-se da religião hindu popular. Já em tenra idade havia ficado fascinado por Cristo e afirmava ter experimentado a graça especial de João Batista, Cristo e São Paulo. Quando lutou para introduzir Cristo no Brahma Samaj, a ruptura tornou-se inevitável com Devendranath. Em 1868 Keshab rompeu com o chefe mais antigo e fundou o Brahma Samaj da Índia, sendo que Devendranath manteve-se à frente da organização inicial, agora chamada Adi Samaj.

Keshab possuía uma natureza complexa. Quando passava por uma grande crise moral, ficava a maior parte do tempo na solidão e sentia ouvir a voz de Deus. Quando um novo culto devocional era

introduzido no Brahma Samaj, passava horas cantando o kirtan com seus membros. Visitou a Inglaterra em 1870 e impressionou o povo inglês com sua voz musical, seu inglês simples e seu fervor espiritual. Foi recebido pela rainha Victoria. Voltando à Índia, fundou centros do Brahma Samaj em várias partes do país. Como professor de religiões comparativas de uma universidade européia, começou a descobrir, por ocasião de seu primeiro contato com Sri Ramakrishna, a harmonia das religiões. Começou a olhar com simpatia os deuses e deusas hindus, explicando-os de uma maneira liberal. Além disso acreditava que havia sido chamado por Deus para dar ao mundo uma lei recentemente revelada por Ele, a Nova Revelação, o Navavidhan.

Em 1878 houve uma cisão no Samaj de Keshab. Alguns membros influentes acusaram-no de infringir os princípios do Brahma Samaj, ao casar sua filha com um homem rico, antes dela atingir a idade própria para tal, aprovada pelo Samaj. Esse grupo desligou-se e estabeleceu o Sadharan Brahma Samaj, ficando Keshab como chefe remanescente do Navavidhan. Keshab agora começou a ser atraído cada vez mais para o ideal de Cristo, apesar de, sob a influência de Sri Ramakrishna, sua devoção à Mãe Divina tivesse se aprofundado. Sua oscilação mental entre Cristo e a Mãe Divina do hinduísmo não encontrava uma posição de equilíbrio. Em Bengala e outros lugares da Índia, o movimento Brahma assumiu a forma de cristianismo unitarista, escarnecendo dos rituais hindus e pregando a cruzada contra o culto das imagens. Sob a influência da cultura ocidental, declarava a supremacia da razão, advogava os ideais da Revolução Francesa, abolia o sistema de castas entre seus membros, lutava pela emancipação das mulheres, agitada pela abolição do casamento precoce, permitia o casamento das viúvas e encorajava os vários movimentos educacionais e de reforma social. O efeito imediato do movimento Brahma em Bengala foi o confronto com as atividades proselitistas dos missionários cristãos. Também levantou a cultura indiana aos olhos dos seus senhores ingleses, mas tratava-se de um fermento religioso intelectual e eclético, nascido da necessidade do momento. Ao contrário do hinduísmo, não havia surgido das profundas experiências interiores de sábios e profetas. Sua influência estava confiada a praticamente poucos homens e mulheres intelectuais do país e a vasta massa dos indianos ficou de fora. Monotonamente tocava apenas uma nota só da rica escala musical da Religião Eterna dos indianos.

#### ARYA SAMAJ

Um outro movimento que teve importante papel na renovação religiosa da Índia, foi o Arya Samaj. O Brahma Samaj, movimento essencialmente de compromisso com a cultura européia, admitiu tacitamente a superioridade do ocidente, mas o fundador era um combativo sannyasin hindu que havia aceitado o desafio do islamismo e cristianismo e havia decidido combater todas as influências estrangeiras na Índia. Swami Dayananda (1824-1883) lançou esse movimento em Bombaim em 1875 e logo sua influência fez-se sentir em toda a Índia ocidental. O Swami foi um grande erudito dos Vedas, que ele explicava, eram monoteístas. Era contra o culto das imagens e restabeleceu os ritos sacrificiais védicos antigos. De acordo com ele, os Vedas eram a última autoridade em matéria de religião e ele aceitava cada palavra como sendo literalmente verdadeira. O Arya Samaj tornou-se um baluarte contra a usurpação do islamismo e cristianismo e seu sabor ortodoxo tocou muitas mentes indianas. Liderou também muitos movimentos de reforma social. O sistema de castas tornou-se um alvo de seu ataque. As mulheres foram liberadas de muitas de suas limitações sociais. A educação recebeu um grande impulso. Iniciou uma campanha contra o casamento entre crianças, defendendo um novo matrimônio para as viúvas. Sua maior influência foi no Punjab, campo de batalha das culturas hindu e islâmica. Uma nova atitude combativa foi introduzida na adormecida sociedade indiana. Ao contrário do Brahma Samaj, a influência do Arya Samaj não se limitou aos intelectuais. Era uma força que se disseminava entre as massas. Era um movimento dogmático, intolerante com aqueles que discordassem de seus pontos de vista e dava ênfase apenas a um caminho, o caminho do Arya Samaj, para a realização da Verdade. Sri Ramakrishna encontrou Swami Dayananda quando este último visitou Bengala.

#### KESHAB CHANDRA SEN

Keshab Chandra Sen e Sri Ramakrishna encontraram-se pela primeira vez na chácara de Jayagopal em Belgharia, umas poucas milhas de Dakshineswar, onde o grande líder Brahma estava hospedado com alguns discípulos. Em muitos pontos ambos eram pólos opostos, embora uma atração irresistível interna os havia feito amigos íntimos. O Mestre havia realizado Deus como Espírito Puro e

Consciência, mas também acreditava nas diversas formas de Deus. Keshab, por sua vez, considerava o culto à imagem, idolatria e dava explicações alegóricas das divindades hindus. Keshab era um orador e escritor de livros e artigos de revistas; Sri Ramakrishna tinha aversão a conferências e com dificuldade sabia escrever o nome. A fama de Keshab havia se espalhado por toda a parte, chegando mesmo às distantes praias da Inglaterra; o Mestre ainda levava uma vida reclusa no vilarejo de Dakshineswar. Keshab dava ênfase às reformas sociais para que fosse conseguida a regeneração da Índia; para Sri Ramakrishna a realização de Deus era a única meta da vida. Keshab considerava-se um discípulo de Cristo, mas aceitava com reservas, os sacramentos cristãos e a Trindade; Sri Ramakrishna era um simples filho de Kali, a Mãe Divina, embora ele também, de uma forma diferente, aceitasse a divindade de Cristo. Keshab era um chefe de família e interessava-se pelo bem-estar de seus filhos, enquanto que Sri Ramakrishna era um Paramahansa, completamente indiferente à vida do mundo. Contudo, uma vez que o relacionamento havia amadurecido em amizade, Sri Ramakrishna e Keshab nutriam um pelo outro um sentimento cordial e de respeito. Anos mais tarde, com a notícia da morte de Keshab, o Mestre sentiu como se o corpo estivesse paralisado. Os conceitos de Keshab sobre a harmonia das religiões e o caráter maternal de Deus aprofundaram-se e enriqueceram-se com seu contato com Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna, vestido com um ‘dhoti’ de franja vermelha, com cada ponta atirada displicentemente por cima do ombro esquerdo, chegou à chácara de Jayagopal acompanhado de Hriday. Ninguém notou a presença do modesto visitante. Por fim, o Mestre disse a Keshab: “Disseram-me que o senhor viu Deus; por isso vim ouvi-lo falar sobre Ele.” Seguiu-se um diálogo maravilhoso. O Mestre entoou uma emocionante canção sobre Kali e por fim, entrou em samadhi. Quando Hriday murmurou o sagrado “Om” em seu ouvido, gradualmente voltou à consciência do mundo, o rosto ainda irradiando um brilho divino. Keshab e seus seguidores estavam extasiados. O contraste entre Sri Ramakrishna e os devotos Brahmós era muito interessante. Ali sentou-se aquele homem pequeno, magro e extremamente delicado. Os olhos possuíam luz interior. Um bom humor brilhava em seus olhos e um sorriso permanecia no canto da boca. Falava bengali popular com uma leve e deliciosa gagueira e suas palavras faziam as pessoas ficarem maravilhadas pela riqueza da experiência espiritual, seu conteúdo inesgotável de comparações e metáforas, seu poder de observação, seu humor brilhante e sutil, sua universalidade maravilhosa, seu fluxo incessante de sabedoria. À sua volta estavam os homens sofisticados de Bengala, os melhores produtos da educação ocidental, com Keshab, o ídolo da jovem Bengala, como seu chefe.

A sinceridade de Keshab foi suficiente para Sri Ramakrishna. Daí por diante os dois passaram a se ver freqüentemente, tanto em Dakshineswar como no templo Brahma Samaj. Sempre que o Mestre encontrava-se no templo por ocasião do serviço divino, Keshab chamava-o para falar à congregação. Keshab, por sua vez, visitava o santo, oferecendo-lhe flores e frutas.

## OUTROS CHEFES BRAHMÓS

Gradualmente os outros dirigentes Brahmós começaram a sentir a influência de Sri Ramakrishna. Eram, porém, admiradores críticos do Mestre. Desaprovavam particularmente sua renúncia ascética e a condenação de “mulher e ouro”<sup>7</sup>. Julgavam-no de acordo com seus próprios ideais de vida como chefes de família. Alguns não compreendiam seu samadhi e descreviam-no como uma doença nervosa. Contudo não podiam resistir à sua personalidade magnética.

Entre os chefes Brahmós que conheciam intimamente o Mestre, estavam Pratap Chandra Mazumdar, Vijaykrishna Goswami, Trailokyanath Sannyal e Shivanath Shastri.

Um dia Shivanath ficou bastante impressionado com a absoluta simplicidade do Mestre e sua aversão ao elogio. Estava sentado com Sri Ramakrishna no quarto desse último, quando chegaram vários homens ricos de Calcutá. O Mestre deixou o aposento por alguns minutos. Nesse ínterim Hriday, seu sobrinho, começou a descrever seu samadhi aos visitantes. As últimas palavras foram ouvidas pelo Mestre ao entrar no quarto. Disse a Hriday: “Que pessoas de espírito mesquinho você deve ser, para me enaltecer dessa maneira, perante esses homens ricos! Você deve ter visto seu vestuário caro e suas correntes e relógios de ouro e o objetivo deles é tirar quanto dinheiro puder. O que me importa o que eles pensam a meu respeito? (*Virando para os senhores*). Não, meus amigos, o que ele lhe disse a meu respeito não é verdade. Não foi o amor de Deus que me fez ficar absorvido n’Ele e indiferente ao

---

<sup>7</sup> Ver nota nº 2 do Capítulo 1.

mundo exterior. Positivamente fiquei louco durante um certo tempo. Os sadhus que freqüentavam esse templo haviam-me mandado praticar muitas coisas. Tentei segui-los e a consequência foi que minhas austeridades levaram-me à insanidade.” Essa é uma citação de um dos livros de Shivanath. Ele levou as palavras do Mestre ao pé da letra, sem atinar sua importância verdadeira.

Shivanath criticava veementemente o Mestre pela sua atitude fora do comum em relação à esposa. Escreveu: “Ramakrishna estava praticamente separado da esposa que morava em seu vilarejo natal. Um dia em que eu estava comentando com alguns amigos a respeito da virtual viuvez de sua esposa, ele me chamou para um canto e murmurou no meu ouvido: ‘Por que você se queixa? Não é mais possível; está tudo morto e desaparecido.’ Outro dia como eu estivesse investindo contra essa parte do seu ensinamento e também, dizendo que nosso programa de trabalho no Brahma Samaj inclui mulheres, que a nossa é uma religião social e doméstica e que desejamos dar educação e liberdade social para as mulheres, o santo ficou muito exaltado, como era seu jeito quando qualquer coisa contra sua convicção estabelecida era discutida – um traço que gostamos muito nele – exclamou: ‘Vá, seu tolo, e enterre-se no buraco que suas mulheres cavarão para você.’ Então olhou para mim e disse: ‘O que um jardineiro faz com um brotinho? Não põe uma cerca para protegê-lo das cabras e do gado? E quando a plantinha tiver crescido e se transformado numa árvore e não mais puder ser pisoteada pelo gado, não retira a cerca e deixa-a crescer livremente?’ Respondi: ‘Sim, esse é o costume dos jardineiros.’ Então observou: ‘Faça o mesmo com sua vida espiritual: torne-se forte, completamente adulto e então poderá procurá-las.’ A que respondi: ‘Não concordo com o senhor, dizendo que o trabalho das mulheres é como o do gado, destrutivo; são nossas associadas e ajudantes nas lutas espirituais e progresso social’ – um ponto de vista com o qual ele não podia concordar e demonstrou sua reprovação, sacudindo a cabeça. Referindo-se à hora avançada, jocosamente comentou: ‘É hora do senhor ir embora; tome cuidado, não se atrase, caso contrário, *‘sua mulher não permitirá sua entrada no quarto.’* Isso provocou uma risada calorosa.”

Pratap Chandra Mazumdar, braço direito de Keshab e pregador perfeito do Brahma na Europa e América, criticava amargamente Sri Ramakrishna pelo uso de uma linguagem inculta e também, pela atitude em relação à esposa. Não podia, porém, escapar da magia da personalidade do Mestre. Num artigo a respeito de Sri Ramakrishna, Pratap escreveu no *Theistic Quarterly Review*: “O que há de comum entre nós? Eu, um homem à maneira européia, civilizado, autocentrado, um tanto céptico, um pretense racionalizador educado, um discriminador, e ele, um devoto hindu, pobre, iletrado, impolido, meio idólatra, sem amigos? Por que haveria eu de me sentar longas horas para ouvi-lo, eu que ouvi Disraeli e Fawcett, Stanley e Max Müller e todo um vasto conjunto de eruditos e divinos? ... Não sou eu somente, mas dúzias de pessoas como eu, que fazem a mesma coisa. ... Ele adora Shiva, adora Kali, adora Rama, adora Krishna e é um confirmado defensor das doutrinas vedantistas. ... É um idólatra, contudo, um fiel e maior meditante nas perfeição do Uno Sem Forma, Absoluto, Divindade Infinita.... Sua religião é o êxtase, seu culto significa visão interior transcendental, sua natureza inteira queima dia e noite com um fogo permanente e febre de uma estranha fé e sentimento... Enquanto ele estiver conosco com alegria, sentiremos aos seus pés a fim de aprender os preceitos sublimes de pureza, não mundanismo, espiritualidade e inebriação no amor de Deus... Ele, pela bhakti infantil, pelas suas fortes concepções da Maternidade, ajudou-nos a descobrir isto (Deus como nossa Mãe), de forma fascinante... Ao nos associarmos com ele, aprendemos a compreender melhor os atributos divinos disseminados entre trezentos e trinta milhões de divindades da Índia mitológica, os deuses dos Puranas.”

Os dirigentes Brahmos receberam muita inspiração pelo seu contato com Sri Ramakrishna. Isto alargou seus pontos de vista religiosos e inflamou nos seus corações o anelo pela realização de Deus; fê-los compreender e apreciar os rituais e os símbolos da religião hindu, convencendo-os da manifestação de Deus em diversas formas e aprofundou seus pensamentos sobre a harmonia das religiões. O Mestre, também, estava impressionado com a sinceridade de muitos devotos Brahmos. Falou-lhes sobre suas próprias realizações e explicou-lhes a essência de seus ensinamentos, tais como a necessidade de renúncia, sinceridade em seguir seu próprio curso de disciplina, fé em Deus, execução dos deveres pessoais sem pensar nos resultados e discriminação entre o Real e o irreal.

O contato com bengalis educados e progressistas abriram os olhos de Sri Ramakrishna para um novo campo de pensamento. Nascido e criado num simples vilarejo, sem educação formal e recebendo ensinamentos de santos ortodoxos da Índia, sobre a vida religiosa, não tinha tido oportunidade de estudar a influência do modernismo no pensamento e na vida dos hindus. Não havia podido estimar com precisão o impacto da educação ocidental na cultura indiana. Era o Hindu dos hindus, sendo a renúncia para ele, o único meio para a realização de Deus na vida. Dos Brahmos aprendeu que a nova geração

da Índia havia firmado um compromisso entre Deus e o mundo. Os jovens educados sentiam mais a influência dos filósofos ocidentais do que seus próprios profetas. Sri Ramakrishna, porém, não desanimou, porque via nisso, também, a mão de Deus. Embora tivesse exposto aos Brahmos todas suas idéias a respeito de Deus e das disciplinas religiosas austeras, contudo, fazia-os aceitar de seus ensinamentos, apenas o que convinha aos seus gostos e temperamentos.

## O ANELO DO MESTRE PARA TER SEUS PRÓPRIOS DEVOTOS

O contato com os Brahmos aumentou o desejo de Sri Ramakrishna de encontrar aspirantes capazes de seguir seus ensinamentos na forma mais pura. “Não havia limite”, declarou ele certa vez, “para o anelo que eu sentia naquela época. Durante o dia, de uma certa maneira, conseguia controlá-lo. A conversa das pessoas de mentalidade mundana me irritava e esperava com ansiedade, o dia em que meus próprios amados companheiros chegariam. Esperava encontrar consolo, conversando com eles e contando-lhes minhas próprias realizações. Qualquer pequeno incidente fazia-me lembrar deles e pensamentos sobre eles tomavam-me totalmente. Já estava mesmo planejado o que diria a um ou daria a outro etc. Ao terminar o dia, não podia mais controlar meus sentimentos. O pensamento de que mais um dia havia se passado e eles não haviam chegado, oprimia-me. Quando, durante o serviço da tarde, os templos soavam com o tocar dos sinos e conchas, eu subia ao terraço do kuthi no jardim, contorcendo-me de angústia no coração e gritava com o máximo e minha voz: ‘Venham, meus filhos! Ó, onde estão vocês? Não suporto viver sem vocês.’ Jamais uma mãe ansiou tão intensamente para ver o filho, nem um amigo pelos seus companheiros, nem um amante por sua amada, como eu por eles. Ó, foi indescritível! Um pouco depois desse período de ânsia, os devotos<sup>8</sup> começaram a chegar.

Em 1879 alguns artigos esporádicos sobre Sri Ramakrishna escritos pelos Brahmos, em revista *Brahmo*, começaram a atrair os futuros discípulos entre os intelectuais bengalis da classe média e continuaram a chegar até 1884. Outros, entretanto, vieram, sentindo o poder sutil de sua atração. Era uma multidão sempre mutável de pessoas de todas as classes e credos: Hindus e Brahmos, vaishnavas e shaktas, letrados com diploma universitário e os incultos, velhos e jovens, maharajas e mendigos, jornalistas e artistas, pundits e devotos, filósofos e pessoas de mentalidade mundana, jnanis e yogis, homens de ação e homens de fé, mulheres virtuosas e prostitutas, empregados em escritório e desocupados, filantropos e buscadores, dramaturgos e bêbados, construtores e demolidores. Deu-lhes tudo, sem distinção, tirando do seu ilimitado estoque de realização. Ninguém saía de mãos vazias. Ensinava-lhes a sabedoria elevada da Vedanta e o amor abrasador dos Puranas. Das vinte e quatro horas, falava sem descanso ou pausa, vinte. Dava a todos sua simpatia e iluminação e tocava-os com aquele estranho poder da alma que não podia senão derreter até os mais empedernidos. E as pessoas o compreendiam de acordo com seu poder de entendimento.

## MÉTODO DE ENSINO DO MESTRE

Ele, contudo, permaneceu como sempre, um instrumento dedicado nas mãos de Deus, o filho da Divina Mãe, totalmente intocado pela idéia de ser um mestre. Costumava dizer que três idéias – a de que era um guru, um pai e um mestre – espetavam sua pele como se fosse espinhos. Foi um instrutor extraordinário. Atingia os corações de seus discípulos mais por sua influência sutil do que por ações ou palavras. Jamais proclamou-se o fundador de uma religião ou organizador de uma seita. Foi, porém, um dínamo religioso. Foi o contestador de todas as religiões e credos. Era um jardineiro experiente, que prepara o solo e remove as ervas daninhas, sabendo que as plantas vão crescer devido ao poder inerente das sementes, dando a cada uma, flores e frutos apropriados. Jamais impôs suas idéias a ninguém. Compreendia as limitações das pessoas e trabalhava em cima do princípio segundo o qual, o que é bom para um pode ser mau para o outro. Possuía o poder incomum de conhecer as mentes dos devotos, mesmo suas almas mais recônditas à primeira vista. Aceitava os discípulos tendo pleno conhecimento de suas tendências passadas e possibilidades futuras. A vida de uma pessoa maldosa não o assustava, nem os melindres religiosos faziam com que alguém subisse em sua estima. Via em tudo o dedo infalível da Mãe Divina. Até a luz que desvia, era para ele a luz que vinha de Deus.

<sup>8</sup> O termo é usado de maneira geral no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é dedicado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra “discípulo”, quando usada em conexão com Sri Ramakrishna é aquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que o considera seu guru.

Para aqueles que se tornaram seus discípulos íntimos, o Mestre era um amigo, companheiro e parceiro de folguedos. Até mesmo as durezas das disciplinas religiosas ficavam leves ante sua presença. Os devotos ficavam tão inebriados de pura alegria na sua companhia, que não tinham tempo para perguntar se ele era uma Encarnação, uma alma perfeita ou um yogi. Sua simples presença era um ensinamento; as palavras eram supérfluas. Nos últimos anos os discípulos perceberam que enquanto estavam com ele, olhavam-no como um camarada, mas em seguida tremiam em pensar em suas frivolidades na presença de uma pessoa tão grande. Tinham a prova convincente de que o Mestre podia, por um simples desejo, acender em seus corações, o amor de Deus e conceder-lhe Sua visão.

Através de suas brincadeiras e pilhérias, sua alegria e frivolidade, sempre mantinha diante deles o ideal luminoso da consciência de Deus e do caminho da renúncia. Prescrevia subidas íngremes ou suaves de acordo com a capacidade do escalador. Não permitia qualquer concessão aos princípios básicos da pureza. Um aspirante tinha que conservar o corpo, mente, sentidos e alma sem mácula; tinha que ter um amor sincero por Deus e um sempre crescente espírito de anelo por Deus. Todo restante seria feito pela Mãe.

Havia dois tipos de discípulos: os chefes de família e os jovens, sendo que alguns deles vieram a ser mais tarde, monges. Havia também, um grupo pequeno de devotas.

### DEVOTOS CHEFES DE FAMÍLIA

Para os chefes de família, Sri Ramakrishna não prescrevia o árduo caminho da renúncia total. Queria que cumprissem suas obrigações para com suas famílias. Sua renúncia tinha que ser mental. A vida espiritual não podia ser obtida fugindo-se das responsabilidades. Um casal deveria viver como irmãos depois do nascimento de um ou dois filhos, dedicando todo o seu tempo a conversas espirituais e contemplação. Encorajava os chefes de família, dizendo-lhes que suas vidas eram de uma certa maneira mais fácil do que a de um monge, pois, era vantajoso combater o inimigo de dentro de uma fortaleza do que em campo aberto. Insistia, entretanto, em sua retirada para a solidão de vez em quando, para fortalecer a devoção e fé em Deus, através da prece, japa e meditação. Prescrevia-lhe a companhia de sadhus. Pedia-lhes para fazerem seus deveres mundanos utilizando uma das mãos, enquanto segurava Deus com a outra e orassem a Deus, de tal forma que ao final, pudessem segurá-Lo com ambas as mãos. Desencorajava tanto nos chefes de família como nos jovens solteiros, qualquer tibieza em suas lutas espirituais. Não lhes pedia que seguissem indiscriminadamente o ideal de não-resistência, o que em termos finais, transforma um incauto num covarde.

### FUTUROS MONGES

Para os jovens destinados a serem monges, contudo, sugeria que trilhassem o áspero caminho da renúncia tanto externa como interna. Deviam fazer voto de continência absoluta e abster-se todo pensamento de ganância e luxúria. Pela prática da continência, os aspirantes desenvolvem um nervo sutil através do qual compreendem os mistérios mais profundos de Deus. Para eles autocontrole é final, imperativo e absoluto. Os sannyasins são instrutores de homens e suas vidas deviam estar completamente livres de mácula. Não devem nem mesmo olhar para uma figura que possa despertar suas paixões ocultas. O Mestre selecionou seus futuros monges entre jovens não tocados por “mulher e ouro” e moldáveis a ponto de se adaptarem ao modelo espiritual. Quando os ensinava o caminho da renúncia e discriminação não permitia que os chefes de família ficassem por perto.

### RAM E MANOMOHAN

Os dois primeiros chefes de família que chegaram a Dakshineswar foram Ramchandra Dutta e Manomohan Mitra. Praticante de medicina e química, Ram era céptico a respeito de Deus e religião e jamais havia experimentado paz de espírito. Desejava uma prova tangível da existência de Deus. O Mestre disse-lhe: “Deus realmente existe. Você não vê as estrelas durante o dia, mas isso não significa que elas não existam. Há manteiga no leite, mas pode alguém vê-la simplesmente olhando para o leite? A fim de obtê-la, uma pessoa deve bater o leite num lugar quieto e frio. Você não pode realizar Deus por um simples desejo; deve passar por algumas disciplinas mentais.” Gradualmente o Mestre despertou a espiritualidade de Ram e este tornou-se um dos seus principais discípulos leigos. Foi Ram quem apresentou Narendranath a Sri Ramakrishna. Narendra era parente de Ram.

Manomohan no início teve de enfrentar uma considerável oposição de sua esposa e outros parentes, que se ressentiam de suas visitas a Dakshineswar, mas por fim o amor desinteressado do Mestre triunfou sobre a afeição mundana. Foi Manomohan quem trouxe Rakhhal para o Mestre.

#### SURENDRA

Suresh Mitra, um amado discípulo a quem o Mestre dirigia-se como Surendra, recebeu uma educação inglesa e exercia um importante cargo numa firma inglesa. Como muitos outros jovens educados do seu tempo, orgulhava-se de seu ateísmo e levava a vida de um boêmio. Era chegado à bebida. Tinha uma idéia exagerada sobre o livre arbítrio do homem. Vítima de uma depressão nervosa foi levado a Sri Ramakrishna por Ramchandra Dutta. Ao ouvir o Mestre pedindo a um discípulo que praticasse a virtude de entregar-se a Deus, ficou impressionado. Embora tivesse tentado dali para frente agir dessa maneira, foi incapaz de largar suas antigas associações e bebida. Um dia o Mestre disse em sua presença: “Bem, quando uma pessoa vai a um lugar indesejável, por que ela não leva a Mãe Divina consigo?” E para o próprio Surendra, Sri Ramakrishna disse: “Por que você não bebe vinho como vinho consagrado? Ofereça-o à Kali e depois, tome-o como prasad, como vinho consagrado, mas veja que não fique embriagado; não deve cambalear, nem os pensamentos devem vagar. No princípio sentirá uma agitação comum, mas logo experimentará exaltação espiritual.” Gradualmente sua vida inteira modificou-se. O Mestre designou-o como um daqueles comissionados pela Mãe Divina, para bancar a maior parte de suas despesas. A bolsa de Surendra estava sempre aberta para o conforto do Mestre.

#### KEDAR

Kedarnath Chatterji era dotado de temperamento espiritual e havia tentado vários caminhos religiosos, alguns não muito recomendáveis. Ao encontrar o Mestre em Dakshineswar, compreendeu o verdadeiro significado da religião. Dizia-se que o Mestre, cansado de dar instrução aos devotos que vinham a ele em grande número para orientação, havia uma vez orado à Deusa Kali: “Mãe, estou cansado de falar às pessoas. Por favor, dê poder a Kedar, Girish, Ram, Vijay e Mahendra para que eles dêem a elas a instrução preliminar, de forma que um pouco de ensinamento meu seja suficiente.” Ele estava, contudo, atento ao apego que Kedar há muito tempo sentia pelas coisas do mundo e muitas vezes o havia prevenido contra isso.

#### HARISH

Harish, um jovem rico, renunciou à sua família e refugiou-se no Mestre, que o amava por sua sinceridade, vontade firme e natureza calma. Passava o tempo em oração e meditação, fazendo-se surdo aos rogos e ameaças de seus parentes. Referindo-se à sua paz de espírito imperturbável, o Mestre dizia: “Homens verdadeiros estão mortos para o mundo, embora vivos. Olhe para Harish. Ele é um exemplo.” Quando o Mestre lhe pediu para que fosse um pouco mais delicado com sua esposa, Harish disse-lhe: “O senhor deve me desculpar nesse ponto. Esse não é o lugar para mostrar gentileza. Se eu for simpático com ela, há a possibilidade de me esquecer do ideal e ser enredado pelo mundo.”

#### BHAVANATH

Bhavanath Chatterji visitou o Mestre quando ainda era adolescente. Seus pais e parentes consideravam Sri Ramakrishna insano e fizeram o possível para impedir que ele se tornasse íntimo do Mestre. O rapaz, porém, era muito obstinado e muitas vezes passou as noites em Dakshineswar. Era fortemente ligado a Narendra e o Mestre incentivava essa amizade. A sua simples visão muitas vezes ocasionava emoção espiritual em Sri Ramakrishna.

#### BALARAM BOSE

Balaram Bose vinha de uma rica família vaishnava. Desde a juventude mostrou um temperamento religioso profundo e dedicava o tempo à meditação, oração e estudo das escrituras. Tinha ficado muito impressionado com o Mestre desde o seu primeiro encontro. Perguntou a Sri Ramakrishna se Deus realmente existia e se o homem poderia realizá-Lo. O Mestre disse: “Deus revela-Se ao devoto

que O considera como o seu mais íntimo e querido. Pelo fato de que você não tenha recebido resposta à sua oração uma vez, não deve concluir que Ele não existe. Ore a Deus, pense n'Ele como sendo mais importante do que seu próprio eu. Ele é muito apegado a Seus devotos, aproxima-Se de uma pessoa antes mesmo que ela O procure. Não há ninguém mais íntimo e querido do que Deus.” Balaram jamais havia ouvido falar de Deus com palavras tão cheias de força; cada uma delas parecia-lhe verdadeira. Sob a influência do Mestre, passou por cima das convenções do ritual vaishnava e tornou-se um dos mais queridos discípulos O Mestre dormia em sua casa, sempre que passava a noite em Calcutá.

#### MAHENDRA OU M.

Mahendranath Gupta, mais conhecido como “M.”, chegou a Dakshineswar, em março de 1882. Pertencia ao Brahma Samaj e era diretor do High School de Vidyasagar em Syambazar, em Calcutá. À primeira vista o Mestre reconheceu nele um dos seus discípulos “marcados”. Mahendra relatou em seu diário, as conversas de Sri Ramakrishna com os devotos. Essas são as primeiras palavras diretamente registradas, na história espiritual do mundo, de um homem reconhecido como pertencente à classe de um Buda e Cristo. O presente volume é uma tradução desse diário. Mahendra foi um instrumento, através de seus contatos pessoais, na disseminação da mensagem do Mestre entre muitas almas jovens e aspirantes.

#### NAG MAHASHAY

Durgacharan Nag, também conhecido como Nag Mahashay, foi o chefe de família ideal entre os discípulos leigos de Sri Ramakrishna. Foi a personificação do ideal de vida do Mestre, não tocado pelo mundanismo. Apesar de ter intenso desejo de se tornar um sannyasin, Sri Ramakrishna pediu-lhe para viver no mundo com espírito de monge e o discípulo de fato levou em frente tal prescrição. Nasceu de uma família pobre e mesmo em sua meninice muitas vezes sacrificou tudo para diminuir os sofrimentos dos necessitados. Casou-se com tenra idade e, depois da morte da esposa, casou-se pela segunda vez, obedecendo ordem de seu pai. Mas um dia disse a ela: “O amor a nível físico não dura. É realmente abençoado aquele que pode dar seu amor a Deus com todo seu coração. Mesmo um pequeno apego ao corpo dura muitos nascimentos. Por conseguinte, não fique apegado a essa gaiola de ossos e carne. Refugie-se aos pés da Mãe e só pense n'Ela. Assim sua vida aqui e depois, será enobrecida.” O Mestre referia-se a ele como uma “luz ardente”. Acatava cada palavra de Sri Ramakrishna como uma verdade incontestável. Um dia ouviu o Mestre dizer que era difícil para médicos, advogados e corretores fazerem muito progresso na espiritualidade. Dos médicos dizia, “Se a mente agarra-se às pequenas gotas de remédios, como pode conceber o Infinito?” Isso foi o fim da carreira médica de Durgacharan que jogou sua caixa de remédios no Ganges. Sri Ramakrishna assegurou-lhe que não lhe faltaria comida simples e roupas. Ordenou-lhe que servisse os santos. Quando ele lhe perguntou onde encontraria santos de verdade, o Mestre respondeu-lhe que os próprios sadhus procurariam sua companhia. Nenhum sannyasin poderia ter vivido uma vida tão austera como Durgacharan.

#### GIRISH GHOSH

Girish Chandra Ghosh nasceu um rebelde contra Deus, um céptico, um boêmio, um bêbado. Foi o maior ator dramático bengali de seu tempo, o pai do moderno teatro bengali. Como outros jovens, absorveu todos os vícios do Ocidente. Havia entrado numa vida de dissipação e estava convencido de que a religião era apenas uma fraude. Justificava a filosofia materialista como aquela que permitia a uma pessoa pelo menos, gozar um pouco a vida. Uma série de reveses abalaram-no e ele ficou ansioso para solucionar o enigma da vida. Havia ouvido falar que na vida espiritual, a ajuda de um guru era imperativa e que o guru deveria ser olhado como o Próprio Deus. Girish, contudo, estava bastante impregnado da natureza humana para ver perfeição num homem. Seu primeiro encontro com Sri Ramakrishna não o impressionou. Voltou para casa com tivesse visto uma aberração num circo porque o Mestre, em estado semiconsciente, havia perguntado se era noite, apesar de todos os lampiões estarem acesos no quarto. Seus caminhos, porém, cruzaram-se muitas vezes e Girish não pôde evitar encontros posteriores. O Mestre assistiu a uma apresentação de Girish no Star Theatre. Dessa vez, também, Girish não achou nada de extraordinário nele. Um dia, porém, por acaso Girish viu o Mestre dançando e cantando com os devotos. Sentiu o contágio e quis juntar-se a eles, mas controlou-se com medo do

ridículo. Outro dia Sri Ramakrishna já estava prestes a dar-lhe instrução espiritual, quando Girish disse: “Não quero ouvir instruções. Eu mesmo escrevi minhas instruções. De nada servem. Por favor, ajude-me de uma maneira mais palpável, se puder.” Isso agradou ao Mestre que pediu a Girish para cultivar a fé.

À medida que o tempo passava, Girish começou a aprender que o guru é aquele que silenciosamente faz desabrochar a vida interior do discípulo. Tornou-se um devoto firme do Mestre. Muitas vezes enchia o Mestre de insultos, bebia em sua presença e tomava liberdades que chocavam os outros devotos, mas o Mestre sabia que no fundo do coração, Girish era terno, fiel e sincero. Não permitiu que Girish abandonasse o teatro e quando um devoto pediu-lhe para lhe falar para deixar de beber, severamente respondeu-lhe: “Isso não é da sua conta. Aquele que assumiu a responsabilidade dele, olhará por ele. Girish é um devoto do tipo heróico. Digo-lhe, a bebida não o afetará. O Mestre sabia que simples palavras não levam um homem a largar hábitos profundamente enraizados, mas que a influência silenciosa do amor operava milagres. Por conseguinte, jamais pediu-lhe para largar o álcool, o que teve como resultado, o fato de Girish por fim, abandonar esse hábito. Sri Ramakrishna fortaleceu a resolução de Girish ao permitir que ele sentisse que era absolutamente livre.

Um dia Girish sentiu-se deprimido pelo fato de não se sentir capaz de se submeter a qualquer rotina de disciplina espiritual. Em estado exaltado, o Mestre disse-lhe: “Está bem, dê-me sua procuração. Daqui para frente assumo suas responsabilidades. Você não tem que fazer nada.” Girish deu um suspiro de alívio. Sentia-se feliz em pensar que Sri Ramakrishna havia assumido suas responsabilidades espirituais. O pobre Girish, porém, não havia compreendido que ele também, de sua parte, tinha que desistir de sua liberdade e tornar-se uma marionete nas mãos de Sri Ramakrishna. O Mestre começou a discipliná-lo de acordo com sua nova atitude. Um dia Girish disse a respeito de um assunto banal, “Sim, farei isso”, “Não, não”, o Mestre corrigiu-o. “Você não deve falar dessa maneira egoísta. Deve dizer, “Se Deus quiser, farei isso”. Girish compreendeu. Daí por diante esforçou-se para abandonar toda idéia de responsabilidade pessoal e entregar-se à Vontade Divina. Sua mente começou a morar constantemente em Sri Ramakrishna. Essa meditação inconsciente ao longo do tempo, purificou seu espírito turbulento.

Os devotos chefes de família geralmente visitavam Sri Ramakrishna nos domingos à tarde e nos feriados. Assim uma camaradagem fraternal gradualmente formou-se e o Mestre encorajava esse sentimento fraternal. De vez em quando aceitava um convite para ir à casa de um devoto, para o que outros devotos eram também convidados. Organizavam um kirtan e passavam horas dançando e entoando músicas devocionais. O Mestre entrava em transe ou abria o coração em narrações religiosas e contava suas próprias experiências espirituais. Muitas pessoas que não podiam ir a Dakshineswar participavam desses encontros e sentiam-se abençoados. Tal evento finalizava com uma festa suntuosa.

Era, contudo, na companhia de jovens devotos, almas puras ainda não maculadas pelo mundanismo, que Sri Ramakrishna experimentava a maior alegria. Entre os jovens que mais tarde abraçaram a vida familiar, encontravam-se Narayan. Paltu, o jovem Naren, Tejchandra e Purna. Visitavam, às vezes, o Mestre com forte oposição de suas famílias.

## PURNA

Purna era um rapazinho de treze anos que Sri Ramakrishna descrevia como um Isvarakoti, uma alma nascida com qualidades espirituais especiais. O Mestre dizia que Purna era o último do grupo de brilhantes devotos que uma vez vira em transe e que viriam a ele para receber iluminação espiritual. Purna disse a Sri Ramakrishna, em seu segundo encontro, “O senhor é o Próprio Deus encarnado em carne e sangue.” Tais palavras vindas de um simples jovem, mostravam de que estofado ele era constituído.

## MAHIMACHARAN E PRATAP HAZRA

Mahimacharan e Pratap eram dois devotos que se sobressaíam por suas pretensões e manias. O Mestre, entretanto, mostrou-lhes seu amor infatigável e doçura., embora ele estivesse ciente de suas limitações. Mahimacharan Chakvararty havia encontrado o Mestre muito antes da chegada dos outros discípulos. Ele havia tido a intenção de levar uma vida espiritual, mas um forte desejo de conquistar nome e fama constituía sua fraqueza. Afirmava ter sido iniciado por Tota Puri e costumava dizer que seguia o caminho do conhecimento segundo as instruções de seu guru. Possuía uma grande biblioteca

de livros em inglês e sânscrito. Embora fingisse ter lido todos, a maior parte das páginas não haviam sido cortadas. O Mestre conhecia todas as suas limitações, embora apreciasse ouvi-lo citar os Vedas e outras escrituras. Sempre mandou que Mahima meditasse no significado dos textos das escrituras e praticasse disciplina espiritual.

Pratap Hazra, um senhor de meia idade, era natural de um vilarejo perto de Kamarpukur. Não era completamente indiferente aos sentimentos religiosos. Num impulso de momento havia abandonado sua casa, mãe idosa, esposa e filhos para se refugiar no templo de Dakshineswar, aonde tinha a intenção de levar uma vida espiritual. Adorava discutir e o Mestre muitas vezes citava-o como um exemplo de argumentação estéril. Era extremamente crítico em relação aos outros e vangloriava-se de seu próprio adiantamento espiritual. Era malicioso e muitas vezes procurou perturbar as mentes dos jovens discípulos do Mestre, criticando-os por sua vida feliz e alegre e mandando que eles dedicassem seu tempo à meditação. O Mestre de modo provocante, comparava Hazra a Jatila e Kutila, as duas mulheres que sempre criavam aborrecimentos a Krishna em seu relacionamento com as gopis e dizia que Hazra vivia em Dakshineswar para “engrossar o caldo”, acrescentando complicações.

### ALGUNS HOMENS IMPORTANTES

Sri Ramakrishna também relacionou-se com muitas pessoas dotadas de erudição e riqueza que as faziam ser respeitadas em todos os lugares. Poucos anos antes, havia encontrado Devendranath Tagore, famoso em toda Bengala, por sua riqueza, erudição, caráter santo e posição social. O Mestre, contudo, achou-o decepcionante, porque embora Sri Ramakrishna estivesse esperando encontrar um santo com renúncia completa do mundo, Devendranath combinava sua santidade com uma vida de prazer. Sri Ramakrishna conheceu o grande poeta Michael Madhusudan, que havia aderido ao cristianismo “por bem do seu estômago”. A ele o Mestre não pôde dar instrução porque a Mãe Divina “prende sua língua”. Além deles, conheceu Maharaja Jatindra Mohan Tagore, um aristocrata de Bengala; Kristodas Pal, editor, reformador social e patriota; Iswar Vidyasagar, notável filantropo e educador; Pundit Shashadhar, grande expoente da ortodoxia hindu; Aswini Kumar Dutta, mestre, moralista e líder do nacionalismo indiano e Bankim Chatterji, magistrado, novelista, ensaísta e um dos criadores da prosa bengali moderna. Sri Ramakrishna não era homem de se deslumbrar pela aparência externa, glória ou eloquência. Um pundit sem discriminação era olhado por ele como uma simples palha. Buscava nos corações das pessoas, a luz de Deus e faltando isso, nada tinha a ver com eles.

### KRISTODAS PAL

O europeizado Kristodas Pal não apreciava a ênfase dada por Sri Ramakrishna à renúncia e dizia: “Senhor, essa tendência à renúncia quase arruinou o país. É por esta razão que a Índia é hoje em dia uma nação subjugada. Fazer o bem às pessoas, trazer educação à porta do ignorante e sobretudo, melhorar as condições materiais do país – esse é o nosso dever agora. O grito de religião e renúncia iriam, ao contrário, enfraquecer-nos. O senhor deveria aconselhar os jovens de Bengala a lançarem-se somente em atos que elevem o espírito do país.” Sri Ramakrishna lançou um olhar perscrutador e não encontrou luz divina dentro dele. “O senhor, homem de pouco entendimento!” disse Sri Ramakrishna asperamente. “Ousa desprezar com esses termos, renúncia e piedade, que nossas escrituras descrevem como as maiores de todas as virtudes. Depois de ter lido duas páginas em inglês, pensa que chegou a conhecer o mundo! Parece pensar que é onisciente. Bem, já viu esses pequenos caranguejos que nascem no Ganges assim que as chuvas começam? Nesse imenso universo você é ainda mais insignificante do que uma dessas pequenas criaturas. Como ousa falar de *ajudar* o mundo? O Senhor olhará por isso. Você não possui poder para fazer isso.” Depois de uma pausa, o Mestre continuou: “Pode explicar-me como pode trabalhar pelos outros? Sei o que quer dizer por ajudá-los. Alimentar um certo número de pessoas, tratá-las quando estiverem doentes, construir estradas ou cavar um poço – não é tudo isso? Esses são atos bons, sem dúvida, mas como são insignificantes em comparação com a vastidão do universo! Qual a distância que um homem pode avançar nessa linha? Quantas pessoas você pode salvar da fome? A malária destruiu uma vila inteira; o que você pode fazer para cessar o seu assalto? Só Deus cuida do mundo. Que o homem primeiro O realize. Que o homem primeiro consiga a autoridade de Deus e seja dotado de Sua força somente então, pode ele pensar em fazer bem aos outros. Um homem deve primeiro ser destituído de todo egoísmo. Só assim a Bem-aventurada Mãe lhe pedirá para trabalhar pelo mundo.” Sri Ramakrishna desacreditava na filantropia que pretendia ser considerada

caridade. Prevenia às pessoas contra ela. Via na maioria dos atos filantrópicos apenas o egoísmo, vaidade, desejo de glória, um estéril passatempo para matar o tédio da vida ou uma tentativa de aliviar uma consciência culpada. Caridade verdadeira, ensinava, é o resultado do amor a Deus – serviço à humanidade, com espírito de adoração.

## DISCÍPULOS MONÁSTICOS

Os discípulos que o Mestre treinou para a vida monástica foram os seguintes:

Narendranath Dutta (Swami Vivekananda)  
 Rakhhal Chandra Ghosh (Swami Brahmananda)  
 Gopal Sur (Swami Advaitananda)  
 Baburam Ghosh (Swami Premananda)  
 Taraknath Ghoshal (Swami Shivananda)  
 Jogindranath Choudhury (Swami Jogananda)  
 Sashibhushan Chakravarty (Swami Ramakrishnananda)  
 Saratchandra Chakravarty (Swami Saradananda)  
 Latu (Swami Adbhutananda)  
 Nitya Niranjana Sen (Swami Niranjanananda)  
 Kaliprasad Chandra (Swami Abhedananda)  
 Harinath Chattopadhyaya (Swami Turiyananda)  
 Sarada Prasanna (Swami Trigunatitananda)  
 Gangadhar Ghatak (Swami Akhandananda)  
 Subodh Ghosh (Swami Subodhananda)  
 Hariprasanna Chatterji (Swami Vijnanananda)

### LATU

O primeiro desses jovens que chegou para o Mestre foi Latu. Nascido de pais desconhecidos em Belur, veio a Calcutá à procura de trabalho e foi empregado por Ramchandra Dutta como ajudante dos serviços domésticos. Tomando conhecimento da santidade de Sri Ramakrishna, visitou o Mestre em Dakshineswar e ficou profundamente tocado por sua cordialidade. Quando estava de saída, o Mestre pediu-lhe que aceitasse algum dinheiro para voltar para casa de barco ou de carruagem, mas Latu declarou que tinha uns trocados que fez tilintar em seu bolso. Sri Ramakrishna mais tarde pediu a Ram para permitir a Latu ficar com ele permanentemente. Sob a orientação de Sri Ramakrishna, Latu fez grande progresso na meditação e foi abençoado com êxtases, mas todos os esforços do Mestre para lhe dar uma educação rudimentar foram em vão. Latu era um amante do kirtan e outras canções devocionais, mas permaneceu iletrado toda sua vida.

### RAKHAL

Mesmo antes da chegada de Rakhhal a Dakshineswar, o Mestre havia tido visões dele como seu filho espiritual e como companheiro de Krishna em Vrindavan. Rakhhal nasceu numa família rica. Na infância apresentou maravilhosos traços espirituais e costumava brincar de adorar deuses e deusas. Na adolescência casou-se com uma irmã de Manomohan Mitra, de quem ouviu falar do Mestre, pela primeira vez. Seu pai fez objeção à sua associação com Sri Ramakrishna, mas depois ficou mais tranquilo ao saber que muitas pessoas importantes visitavam Dakshineswar. O relacionamento entre o Mestre e seu amado discípulo era o de mãe e filho. Sri Ramakrishna permitia a Rakhhal muitas liberdades negadas aos outros, mas não hesitava em castigar seu menino por suas ações erradas. Uma vez Rakhhal sentiu um ciúme infantil porque achava que outros rapazes estavam recebendo afeição do Mestre, mas logo superou esse sentimento e compreendeu que seu guru era o Guru de todo o universo. O Mestre preocupou-se quando soube de seu casamento, mas ficou aliviado ao saber que a esposa era uma alma espiritualizada e que não seria entrave ao seu progresso.

### GOPAL MAIS VELHO

Gopal Sur de Sinthi veio para Dakshineswar já numa idade avançada e por isso foi chamado Gopal Mais Velho. Havia perdido a esposa e o Mestre consolou-o na sua tristeza. Logo renunciou ao mundo e dedicou-se integralmente à meditação e à oração. Alguns anos mais tarde Gopal doou ao Mestre as roupas ocres com as quais esse último iniciou muitos dos seus discípulos na vida monástica.

## NARENDRA

A fim de espalhar sua mensagem pelos quatro cantos da terra, Sri Ramakrishna necessitava de um forte instrumento. Com o corpo delicado e pernas frágeis, não tinha condição de fazer viagens a grandes distâncias. Esse instrumento foi encontrado em Narendranath Dutta, seu querido Naren, mais tarde conhecido mundialmente como Swami Vivekananda. Mesmo antes de encontrá-lo, o Mestre o havia visto numa visão como um sábio, absorvido na meditação do Absoluto e que havia concordado, a pedido de Sri Ramakrishna em tomar um corpo humano para ajudá-lo em seu trabalho.

Narendranath nasceu em Calcutá no dia 12 de janeiro de 1863, de uma família aristocrática kayastha. Sua mãe vivia mergulhada nos épicos hindus e seu pai, um grande promotor da Alta Corte de Calcutá, era agnóstico a respeito de religião, um amigo dos pobres, um zombador das convenções sociais. Mesmo em sua meninice e juventude, Narendra possuía grande coragem física e presença de espírito, imaginação viva, profundo poder de pensamento, inteligência aguda, memória extraordinária, amor pela verdade, paixão pela pureza, espírito de independência e coração terno. Músico exímio, também possuía bons conhecimentos em física, astronomia, matemática, filosofia, história e literatura. Ao crescer tornou-se um rapaz muito bonito. Mesmo quando criança praticava meditação e apresentava um grande poder de concentração. Embora livre e apaixonado em palavra e ação, tomou o voto de austera castidade religiosa e jamais permitiu que o fogo da pureza fosse extinto pela mais tênue mácula do corpo ou da alma.

Como havia lido na universidade os filósofos ocidentais racionalistas do século XX, sua fé infantil em Deus e na religião ficou abalada. Não acreditava na religião por mera fé; desejava demonstração sobre a existência de Deus, mas logo sua natureza apaixonada, insatisfeita com uma mera abstração, necessitava de um apoio concreto para suas horas de tentação. Desejava um poder externo, um guru que, encarnando a perfeição, acalmaria a agitação de sua alma. Atraído pela personalidade magnética de Keshab, juntou-se ao Brahma Samaj e tornou-se cantor no coro, mas no Samaj não encontrou o guru que podia dizer que havia visto Deus.

Em estado de conflito mental e tortura d' alma, Narendra veio para Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Tinha então dezoito anos de idade e estava no secundário há dois anos. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna acompanhado de alguns amigos inseqüentes. A pedido de Sri Ramakrishna cantou algumas canções, despejando nelas toda sua alma e o Mestre entrou em samadhi. Alguns minutos mais tarde, Sri Ramakrishna subitamente levantou-se, pegou Narendra pela mão e levou-o até a varanda com telas, de seu quarto, ao norte. Estavam sós. Dirigindo-se a Narendra de forma terna, como se fossem amigos há muito tempo, o Mestre disse-lhe: "Ah! Você chegou muito tarde. Por que foi tão indelicado comigo a fim de me fazer esperar todos esses dias? Meus ouvidos estão cansados de ouvir palavras fúteis dos homens do mundo. Ó, como venho ansiando despejar todo meu espírito no coração de alguém capaz de receber minha mensagem!" Assim falava, soluçando o tempo todo. Então, de pé defronte de Narendra, com as mãos postas, dirigiu-se ao jovem como Narayana, nascido na terra a fim de remover a miséria da humanidade. Segurando a mão de Narendra, pediu-lhe para voltar sozinho e brevemente. Narendra estava estarecido, "O que é isso que vim ver?" disse para si mesmo. "Ele deve estar completamente louco. Qual a razão disso, eu que sou filho de Viswanath Dutta. Como ousa falar comigo dessa maneira?"

Quando voltaram para o aposento e Narendra ouviu o Mestre falando com os outros, ficou surpreendido em encontrar em suas palavras, uma lógica interior, uma sinceridade admirável e uma prova convincente de sua espiritualidade. Em resposta à pergunta de Narendra, "Senhor, já viu Deus?" O Mestre disse: "Sim, Vi-O e de forma mais tangível do que vejo você. Falei-Lhe de forma mais íntima do que aquela que estou falando com você." Continuando o Mestre disse: "Mas, meu filho, quem quer ver Deus? As pessoas choram jarros de lágrimas por dinheiro, esposa e filhos, mas se chorassem por Deus, somente por um dia, certamente O veria." Narendra estava extasiado. Não poderia duvidar dessas palavras. Era a primeira vez que ouvia um homem dizer que havia visto Deus. Mas ele não podia conciliar essas palavras do Mestre, com a cena que ocorrera na varanda apenas alguns minutos atrás. Concluiu que Sri Ramakrishna era um monomaníaco e voltou para casa ainda mais confuso.

Durante sua segunda visita, que ocorreu um mês mais tarde, subitamente, a um toque do Mestre, Narendra sentiu-se tomado e viu as paredes do quarto e tudo em volta rodando e desaparecendo. “O que o senhor está fazendo comigo?” gritou aterrorizado. “Tenho pai e mãe em casa.” Vi seu próprio ego e todo o mundo quase que tragado pelo vazio sem nome. Com uma risada, o Mestre facilmente o fez voltar ao seu estado normal. Narendra pensou que estivesse sido hipnotizado, mas não pôde compreender como um monomaniaco poderia ter lançado encantamento na mente de uma pessoa forte como ele. Voltou para casa ainda mais confuso do que nunca e resolveu que dali para frente, ficaria em guarda contra aquele estranho homem.

Em sua terceira visita Narendra não se saiu melhor. Dessa vez, ao toque do Mestre, perdeu completamente a consciência. Enquanto ainda estava naquele estado, Sri Ramakrishna perguntou-lhe a respeito de seus antecedentes espirituais e origem, sua missão neste mundo e a duração de sua vida mortal. As respostas confirmaram o que o Mestre sabia e havia deduzido. Entre outras coisas veio a saber que Narendra era um sábio que havia atingido a perfeição e que, no dia em que conhecesse sua verdadeira natureza, abandonaria o corpo através da yoga, por um ato de vontade.

Uns poucos encontros a mais removeram completamente da mente de Narendra os últimos traços de que Sri Ramakrishna pudesse ser um monomaniaco ou um hipnotizador hábil. Sua integridade, pureza, renúncia e ausência de egoísmo eram inquestionáveis, mas Narendra não podia aceitar um homem, um mortal imperfeito, como seu guru. Como membro do Brahma Samaj, não podia aceitar que um intermediário humano fosse necessário entre o homem e Deus. Além do mais, abertamente ria das visões de Sri Ramakrishna, considerando-as alucinações. No fundo do coração, porém, nutria um grande amor pelo Mestre.

Sri Ramakrishna estava grato à Mãe Divina por lhe ter enviado alguém que duvidava de suas realizações. Muitas vezes pedia a Narendra para testá-lo como os cambistas testam suas moedas. Ele ria da crítica mordaz de Narendra sobre suas experiências espirituais e samadhi. Quando as palavras sarcásticas de Narendra magoavam-no, a Própria Mãe Divina consolava-o, dizendo: “Por que você dá ouvidos a ele? Em poucos dias ele vai acreditar em cada uma das suas palavras.” Mal podia agüentar as ausências de Narendra. Muitas vezes chorou amargamente para vê-lo. Às vezes Narendra achava que o amor do Mestre era constrangedor e um dia repreendeu-o asperamente, advertindo-o de que tal amor o levaria ao nível de seu objeto. O Mestre ficou amargurado e orou à Mãe Divina. Disse a Narendra: “Seu patife, não vou ouvi-lo nunca mais. A Mãe diz que o amo porque vejo Deus em você e que no dia em que eu não vir Deus em você, não poderei suportar sua presença.”

O Mestre queria transmitir para Narendra os ensinamentos da filosofia da Vedanta não-dualista. Narendra, porém, devido à sua educação Brahma, achava uma blasfêmia considerar um homem uno com seu Criador. Um dia no templo, rindo, disse a um amigo: “Que bobagem! Esse suco é Deus! Essa xícara é Deus! Tudo o que vejo é Deus! E nós, também, somos Deus! Nada pode ser mais absurdo.” Sri Ramakrishna saiu do aposento e gentilmente tocou-o. Fascinado, imediatamente percebeu que tudo no mundo era realmente Deus. Um novo universo abriu-se em sua volta. Voltando para casa num estado de torpor, aí também viu que a comida, o prato, o que comia, as pessoas em sua volta, era tudo Deus. Quando andava pela rua, viu que as carruagens, os cavalos, as pessoas, os edifícios eram todos Brahman. Mal pôde executar suas obrigações do dia. Seus pais, preocupados com ele, julgaram-no doente. Quando a intensidade da experiência diminuiu um pouco, viu o mundo como um sonho. Andando na praça pública, batia com a cabeça contra as grades de ferro a fim de constatar se eram reais. Levou vários dias até que recobrasse seu eu normal. Havia tido o vislumbre das grandes experiências ainda por ocorrerem e compreendeu que as palavras da Vedanta eram verdadeiras.

No começo de 1884 o pai de Narendra morreu subitamente de um ataque de coração, deixando a família na mais extrema miséria. Havia seis ou sete bocas para comer em casa. Credores batiam à porta. Parentes que antes aceitavam a bondade ilimitada de seu pai, agora tornaram-se inimigos, alguns deles mesmo entraram na justiça para tirar de Narendra a casa ancestral. Agora faminto e descalço, Narendra procurou um emprego, mas sem sucesso. Começou a duvidar se em algum lugar desse mundo havia uma tal coisa como simpatia desinteressada. Duas mulheres ricas fizeram-lhe propostas indecorosas, prometendo-lhe livrá-lo de sua desgraça, mas ele as rejeitou com desprezo.

Narendra começou a falar de sua dúvida sobre a verdadeira existência de Deus. Seus amigos pensaram que ele havia se tornado ateu e impiedosamente fizeram comentários aduzindo motivos escusos para sua descrença. Mesmo alguns discípulos do Mestre acreditaram em parte e Narendra disse-lhes diretamente que, somente um covarde acreditaria em Deus por medo do sofrimento ou do inferno. Ficou, porém, amargurado ao pensar que Sri Ramakrishna também pudesse acreditar em tais rumores

falsos. Seu orgulho revoltou-se. Disse para si mesmo: “O que importa? Se o bom nome de um homem repousa em fundamentos tão fracos, não me importo.” Mais tarde, porém, veio a saber com admiração, que o Mestre jamais perdera a fé nele. A um discípulo que se queixou da degradação de Narendra, Sri Ramakrishna respondeu: “Cale-se, seu tolo! A Mãe disse-me que jamais poderá ser assim. Não vou mais olhar para você, se continuar a falar dessa maneira.”

Chegou a hora em que o infortúnio de Narendra atingiu seu clímax. Tinha passado o dia todo sem comida. Como estava voltando para casa ao anoitecer, mal podia levantar as pernas cansadas. Sentou-se defronte a uma casa, exausto, tão fraco que nem podia pensar. A mente começou a divagar. Subitamente o poder divino levantou o véu que envolvia sua alma. Havia encontrado a solução para o problema da coexistência da justiça divina e miséria, a presença do sofrimento da criação de uma Providência Bem-aventurada. Sentiu o corpo reanimado, a alma banhada em paz e dormiu serenamente.

Narendra então compreendeu que tinha uma missão espiritual a cumprir. Resolveu renunciar ao mundo, como seu avô havia feito e foi ter com Sri Ramakrishna para receber sua bênção. Mas mesmo antes de falar, o Mestre já sabia o que ele tinha em mente e chorou amargamente ao pensamento de separação. “Sei que você não pode levar uma vida mundana”, disse ele, “mas por minha causa, viva no mundo enquanto eu viver.”

Um dia, pouco tempo depois, Narendra pediu a Sri Ramakrishna que orasse à Mãe Divina para remover sua pobreza. Sri Ramakrishna mandou que ele pedisse pessoalmente à Ela, uma vez que Ela certamente o atenderia. Narendra entrou no santuário de Kali. Assim que ficou de pé diante da imagem, viu-a como uma Deusa viva, pronta para lhe conceder sabedoria e liberação. Incapaz de lhe pedir pequenas coisas mundanas, apenas orou por conhecimento e renúncia, amor e liberação. O Mestre censurou-o por ter deixado de pedir à Mãe Divina que removesse sua pobreza e enviou-o de volta ao templo, mas Narendra novamente na presença da Mãe esqueceu-se do motivo de sua ida. Pela terceira vez foi ao templo, a pedido do Mestre e por três vezes regressou, tendo esquecido na presença da Mãe, porque havia ido. Estava conjeturando a respeito, quando subitamente brilhou em sua mente que tudo era obra de Sri Ramakrishna; agora pediu ao próprio Mestre para remover sua pobreza e foi-lhe prometido que sua família não mais teria falta de comida e roupa simples.

Essa foi uma experiência rica e marcante para Narendra, que lhe ensinou que Shakti, o Poder Divino, não pode ser ignorado no mundo e que no plano relativo a necessidade de se adorar um Deus Pessoal é imperativa. Sri Ramakrishna não se continha de alegria por essa conversão. No dia seguinte, quase se sentando no colo de Narendra, disse a um devoto, apontando primeiro para si mesmo e em seguida, para Narendra: “Vejo que sou este e também esse. De fato não sinto qualquer diferença. Uma vara flutuando no Ganges parece dividir a água, mas na realidade, a água é uma. Compreende? Bem, tudo é a Mãe, não é?” Anos mais tarde, Narendra diria: “Sri Ramakrishna foi a única pessoa que conheci que acreditou em mim integralmente, o tempo todo. Até minha mãe e meus irmãos não agiram assim. Foi sua crença inabalável e seu amor por mim que me fizeram ficar ligado a ele para sempre. Só ele sabia amar. As pessoas do mundo somente dão um espetáculo de amor com intuítos egoístas.”

## TARAK

Outros que estavam destinados a se tornarem discípulos monásticos, vieram para Dakshineswar. Taraknath Ghoshal havia sentido desde a meninice, o nobre desejo de realizar Deus. Keshab e o Brahma Samaj atraíram-no, mas não satisfizeram seus anseios. Em 1882 encontrou pela primeira vez o Mestre na casa de Ramchandra e ficou impressionado ao ouvi-lo falar de samadhi, um assunto que sempre havia fascinado sua mente. Naquela tarde realmente viu uma manifestação do estado de consciência além dos sentidos do Mestre. Tarak tornou-se um visitante assíduo de Dakshineswar e recebeu a graça do Mestre com abundância. O jovem rapaz muitas vezes sentiu fervor extático durante a meditação. Também chorava profundamente enquanto meditava em Deus. Sri Ramakrishna disse-lhe: “Deus dá Sua graça àqueles que podem chorar por Ele. Lágrimas derramadas por Deus apagam os pecados das encarnações anteriores.”

## BABURAM

Baburam Ghosh veio para Dakshineswar acompanhado por Rakhai, seu colega de colégio. O Mestre, como acontecia muitas vezes, examinou a fisionomia do rapaz e ficou satisfeito com sua espiritualidade latente. Com a idade de oito anos, Baburam pensou em levar uma vida de renúncia, na

companhia de um monge, numa cabana isolada da curiosidade pública por um espesso muro de árvores. A simples visão do Panchavati despertou em seu coração aquele sonho de menino. Baburam era terno de corpo e alma. O Mestre costumava dizer que ele era puro até o fundo de seus ossos. Um dia Hazra, com seu costumeiro jeito maldoso, aconselhou Baburam e alguns outros jovens, a pedir a Sri Ramakrishna alguns poderes espirituais e não desperdiçar suas vidas em simples brincadeiras. O Mestre pressentindo a malícia, chamou Baburam à parte e disse-lhe: “O que você pode me pedir? Tudo o que possuo já não é seu? Sim, tudo o que adquirir em forma de realização é para o bem de todos vocês. Deixe de lado, portanto, a idéia de pedir, que afasta criando distância. Ao contrário, realize sua afinidade comigo e ganhe a chave de todos os tesouros.”

#### NIRANJAN

Nitya Niranján Ghosh foi um discípulo do tipo heróico. Chegou ao Mestre quando tinha dezoito anos. Era um médium de um grupo de espíritas. Durante sua primeira visita o Mestre disse-lhe: “Meu filho, se você pensar o tempo todo em fantasmass, você se tornará um fantasma e se você pensar em Deus, se tornará Deus. Agora, das duas atitudes, qual a que você prefere?” Niranján cortou todas as suas relações com os espíritas. Durante sua segunda visita o Mestre abraçou-o e disse afetuosamente: “Niranján, meu rapaz, os dias estão se esvaindo. Quando você vai realizar Deus? Sua vida terá sido em vão, se você não O realizar. Quando vai dedicar a mente totalmente a Deus?” Niranján estava surpreso com a grande ansiedade do Mestre pelo seu bem-estar espiritual. Era um jovem dotado de qualidades espirituais fora do comum. Sentia desdém pelos prazeres do mundo e era completamente puro como uma criança. Tinha, porém, um temperamento violento. Um dia quando ia a Dakshineswar de barco, alguns passageiros começaram a falar mal do Mestre. Como não ligassem para seu protesto, Niranján começou a balançar o bote, ameaçando afundá-lo na correnteza. Isso fez calar os ofensores. Ao contar ao Mestre o incidente, este recriminou sua inabilidade em controlar a raiva.

#### JOGINDRA

Jogindranath, ao contrário, era gentil ao extremo. Um dia, sob circunstâncias semelhantes àquelas que provocaram a ira de Niranján, controlou a raiva e ficou em paz, ao invés de ameaçar os ofensores de Sri Ramakrishna. O Mestre, tomando conhecimento de sua conduta, recriminou-o profundamente. Assim a falta de um foi considerada virtude para o outro. O guru estava tentando desenvolver no primeiro, tranqüilidade e no segundo, ânimo. O objetivo desse treino era construir através de um reconhecimento tático das necessidades de cada caso, o caráter do devoto.

Jogindranath vinha de uma família brahmin aristocrática de Dakshineswar. Seu pai e parentes compartilhavam da crença popular sobre a santidade de Sri Ramakrishna. Desde a mais tenra idade, o rapaz desenvolveu tendências religiosas, gastando duas ou três horas em meditação e seu encontro com Sri Ramakrishna aprofundou seu desejo de realizar Deus. Tinha um verdadeiro horror ao casamento, mas a pedido insistente da mãe, teve de ceder e então, pensou que seu futuro espiritual havia ficado comprometido. Por conseguinte, manteve-se afastado do Mestre.

Sri Ramakrishna utilizou um estratagema para trazer Jogindra de volta para ele. Assim que o discípulo entrou no quarto, o Mestre precipitou-se ao encontro do jovem. Segurando a mão do discípulo, disse: “O que tem que você se casou? Não sou eu também, casado? De que ter medo?” Mostrando seu peito: “Se esse (referindo-se a si próprio) está de acordo, então mesmo cem mil casamentos não podem lhe fazer mal. Se desejar levar uma vida de chefe de família, traga sua esposa um dia aqui e farei com que ela se torne uma verdadeira companheira no seu progresso espiritual. Mas se quiser levar uma vida monástica, então tirarei seu apego ao mundo.” Jogin ficou emudecido com essas palavras. Recebeu nova força e seu espírito de renúncia foi restabelecido.

#### SASHI E SARAT

Sashi e Sarat eram dois primos que vinham de uma piedosa família de Calcutá. Desde tenra idade haviam se juntado ao Brahma Samaj e tinham estado sob a influência de Keshab Sen. O Mestre lhes havia dito no primeiro encontro: “Se os tijolos e azulejos forem queimados depois que a marca de fábrica tiver sido estampada, a marca ficará ali para sempre. De maneira semelhante o homem deve estar marcado por Deus antes de entrar no mundo. Então ele não se apegará ao mundanismo.” Como

estivesse completamente consciente do curso de suas vidas, pediu-lhes para não se casarem. O Mestre perguntou a Sashi se ele acreditava em Deus com forma ou em Deus sem forma. Sashi respondeu que nem mesmo tinha certeza da existência de Deus; assim não poderia falar nem de uma coisa nem de outra. Essa resposta franca agradou muito ao Mestre.

A alma de Sarat ansiava pela realização completa de Deus. Quando o Mestre lhe perguntou se havia uma forma particular de Deus que ele desejasse ver, o rapaz disse que gostaria de ver Deus em todos os seres vivos do mundo, “Mas”, o Mestre objetou, “essa é a última palavra em realização. Não pode tê-la logo no começo.” Sarat ponderou calmamente, “Não ficarei satisfeito com nada inferior a este estado. Caminharei ao longo de todo o caminho até que atinja esse estado abençoado.” Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito.

### HARINATH

Harinath tinha levado a vida austera de um brahmachari desde a tenra juventude – banhando-se no Ganges todos os dias, cozinhando a própria comida, andando antes do sol nascer e recitando o *Gita* de cor antes de se levantar. Encontrou no Mestre a encarnação das verdades da Vedanta. Aspirando ser um seguidor do asceta Shankara, alimentava um grande ódio pelas mulheres. Um dia disse ao Mestre que não permitia que nem mesmo meninas pequenas se aproximassem dele. O Mestre o repreendeu e disse: “Você está falando como um tolo. Por que odeia as mulheres? Elas são as manifestações da Mãe Divina. Olhe-as como sua própria mãe e assim, jamais sentirá sua influência má. Quanto mais você as odiar, mais cairá nas suas armadilhas.” Hari mais tarde disse que essas palavras mudaram radicalmente sua atitude em relação às mulheres.

O Mestre conhecia a paixão de Hari pela Vedanta, mas não queria que nenhum de seus discípulos se tornasse um asceta seco ou um mero traça de livro. Pediu a Hari para praticar a Vedanta na vida diária, renunciando ao irreal e seguindo o Real. “Mas não é fácil”, disse Sri Ramakrishna, “realizar o caráter ilusório do mundo. Apenas o estudo não adianta muito. É necessária a graça de Deus. Mero esforço pessoal é fútil. Afinal de contas, o homem é uma pequena criatura, de poderes muito limitados, mas ele pode atingir o impossível se orar a Deus pedindo Sua graça. O Mestre então entoou uma canção em louvor à graça. Hari ficou muito comovido, com lágrimas nos olhos. Mais tarde Hari conseguiu atingir uma síntese maravilhosa dos ideais do Deus Pessoal e da Verdade Impessoal.

### GANGADHAR

Gangadhar, amigo de Harinath, também levou uma vida estrita de brahmacharya, alimentando-se de comida vegetariana, feita por suas próprias mãos e dedicando-se ao estudo das escrituras. Encontrou o Mestre em 1884 e logo tornou-se membro de seu círculo íntimo. O Mestre elogiava seus hábitos ascetas e atribuía-os a disciplinas espirituais em vidas passadas. Gangadhar tornou-se um companheiro íntimo de Narenda.

### HARIPRASANNA

Hariprasanna, um estudante secundário, visitou o Mestre na companhia de seus amigos Sashi e Sarat. Sri Ramakrishna concedeu-lhe grande privilégio, iniciando-o na vida espiritual. Enquanto viveu, Hariprasanna lembrou-se e conservou o conselho drástico do Mestre: “Mesmo se uma mulher for pura como ouro e rolar no chão por amor a Deus, é sempre perigoso para um monge, olhar para ela.”

### KALI

Kaliprasad visitou o Mestre no final de 1883 dado à prática da meditação e do estudo das escrituras. Kali era particularmente interessado em yoga. Sentindo a necessidade de um guru na vida espiritual, veio ao Mestre e foi aceito como discípulo. O jovem possuía uma mentalidade racional e muitas vezes sentia-se céptico a respeito do Deus Pessoal. O Mestre lhe disse: “Suas dúvidas logo desaparecerão. Outros também passaram por esse estado mental. Olhe para Naren. Agora chora ao ouvir o nome de Radha e Krishna.” Kali começou a ter visões de deuses e deusas. Logo elas desapareceram e, em meditação, começou a experimentar a vastidão infinita e outros atributos do Brahman Impessoal.

## SUBODH

Subodh visitou o Mestre em 1885. Já no primeiro encontro, Sri Ramakrishna disse-lhe: “Você será bem sucedido. A Mãe diz isso. Aqueles que Elas nos envia, certamente alcançarão a espiritualidade.” No segundo encontro o Mestre escreveu algo na língua de Subodh, tocou seu corpo desde o umbigo até a garganta e disse: “Desperta, Mãe! Desperta!” Pediu ao rapaz para meditar. Imediatamente a espiritualidade latente de Subodh foi despertada. Sentiu uma corrente percorrendo a coluna espinal até o cérebro. A alegria encheu sua alma.

## SARADA

Mais um jovem rapaz, de nome Sarada Prasanna, completa o pequeno grupo de discípulos do Mestre que mais tarde abraçaram a vida de monge errante. A exceção do velho Gopal, todos eram adolescentes ou um pouco mais. Vinham de famílias bengalis de classe média e a maioria era estudante da escola primária e secundária. Seus pais e familiares haviam planejado para eles carreiras brilhantes no mundo. Vieram a Sri Ramakrishna com os corpos puros, mentes vigorosas e almas não contaminadas. Todos haviam nascido com atributos espirituais fora do comum. Sri Ramakrishna aceitou-os à primeira vista, como seus filhos, parentes, amigos e companheiros. Seu toque mágico fê-los desabrochar e mais tarde cada um, conforme sua possibilidade, refletiu a vida do Mestre, tornando-os portadores de sua mensagem, por terra e mar.

## DEVOTAS

Com as devotas, Sri Ramakrishna estabeleceu um relacionamento muito terno. Ele próprio personificava os traços suaves de uma mulher; estava estabelecido no mais elevado plano da Verdade, onde não há o menor traço de sexo e sua pureza inata despertava apenas a emoção mais nobre, igualmente nos homens e nas mulheres. Suas devotas muitas vezes disseram: “Raramente olhávamos Sri Ramakrishna como pertencente ao sexo masculino. Nós o considerávamos como uma de nós. Jamais nos sentíamos constrangidas em sua presença. Era o nosso melhor confidente.” Elas amavam-no como seu filho, seu amigo e seu mestre. Na disciplina espiritual aconselhava-as a renunciar à luxúria e à ganância e especialmente prevenia-as contra as artimanhas dos homens.

## GOPAL MA

Nenhuma devota do Mestre igualou-se em riqueza de devoção e experiências espirituais à Aghoremani Devi, uma brahmin ortodoxa. Tendo ficado viúva em tenra idade, dedicou-se totalmente às atividades espirituais. Gopala, o Menino Krishna, era seu Ideal Escolhido, a quem adorava segundo a atitude vatsalya da religião vaishnava, olhando-O como seu próprio filho. Através d’Ele realizou o amor maternal, cozinhando para Ele, alimentando-O, banhando-O e colocando-O para dormir. Essa doce intimidade valeu-lhe o apelido de Gopala Ma ou Mãe de Gopala. Durante quarenta anos viveu às margens do Ganges, num cômodo pequeno e desnudo, tendo como companheiros somente uma velha cópia do *Ramayana* e um saquinho contendo seu rosário. Com a idade de sessenta anos, em 1884, visitou Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Na segunda visita, assim que o Mestre a viu, disse: “Ó você veio! Dê-me alguma coisa para comer.” Hesitando, deu-lhe alguns doces que havia comprado para ele no caminho. O Mestre comeu-os com satisfação e pediu-lhe que trouxesse “curries” simples ou doces preparados por ela mesma. Gopal Ma achou-o um monge estranho porque, ao invés de lhe falar de Deus, sempre lhe pedia comida. Não queria visitá-lo de novo, mas uma força irresistível trouxe-a ao templo. Trouxe alguns “curries” que ela mesmo havia cozinhado.

Um ano mais tarde, bem cedo, às três horas, Gopal Ma estava prestes a terminar suas devoções diárias, quando viu, estarecida, Sri Ramakrishna, sentado à sua esquerda, com a mão direita fechada, como a imagem de Gopala. Ficou maravilhada e segurou a mão, quando então a imagem desapareceu e em seu lugar, chegou o verdadeiro Gopala, seu Ideal Escolhido. Gritou de alegria. Gopala pediu-lhe manteiga. Ela desculpou-se por sua pobreza e deu-lhe alguns doces secos de coco. Gopala sentou-se em seu colo, tirou seu rosário, pulou em seus ombros e andou por todo o quarto. Ao raiar o dia, apressou-se a ir a Dakshineswar, como uma louca. Naturalmente Gopala foi com ela, descansando Sua cabeça em seu ombro. Ela via claramente Seus rosados pés dependurados em seu peito. Entrou no apo-

sento de Sri Ramakrishna. O Mestre havia entrado em samadhi. Como uma criança, sentou-se em seu colo e começou a alimentá-lo com manteiga, creme e outras guloseimas. Depois de um certo tempo, ele recobrou a consciência e voltou para a cama. A mente da Mãe de Gopala, contudo, ainda estava vagando em outro plano. Estava imersa em felicidade. Via Gopala entrando incessantemente no corpo do Mestre e novamente saindo dele. Ao voltar para sua cabana, ainda em estado de deslumbramento, Gopala acompanhou-a.

Ela passou dois meses em comunhão ininterrupta com Deus e o Menino Gopala jamais a abandonou nem por um momento. Então a intensidade de sua visão foi diminuindo; se assim não tivesse ocorrido, seu corpo não teria resistido. O Mestre falou de forma muito elevada a respeito de sua condição exaltada e disse que tal visão de Deus era uma coisa rara para mortais comuns. O Mestre, que era brincalhão, confrontou o crítico Narendranath com aquela mulher de mentalidade simples. Duas pessoas não poderiam apresentar um contraste tão grande. O Mestre conhecia o desprezo arrogante de Narendra por todas as visões e pediu à velha senhora para contar a Narendra, suas experiências. Hesitante, contou-lhe sua história. De vez em quando interrompia sua conversa maternal para perguntar a Narendra: “Meu filho sou uma pobre mulher ignorante. Nada sei. Você é tão instruído. Agora, diga-me se essas visões de Gopala são verdadeiras.” À medida que Narendra ouvia a história, ficava profundamente comovido. Disse: “Sim, Mãe, são verdadeiras.” Por trás de seu cinismo, Narendra também possuía um coração cheio de ternura e amor.

### A MARCHA DOS ACONTECIMENTOS

Em 1881 Hriday foi despedido do serviço do templo de Kali, devido a uma indiscrição e foi proibido de voltar ao templo. De uma certa maneira a mão da Mãe Divina foi vista mesmo nesse acontecimento. Tendo tomado conta de Sri Ramakrishna, durante seus tormentosos dias de disciplina espiritual, Hriday naturalmente passou a se considerar o único guardião de seu tio. Ninguém podia aproximar-se do Mestre, sem seu conhecimento. Ficava muito ciumento se Sri Ramakrishna prestasse atenção a qualquer outra pessoa. O afastamento de Hriday tornou possível aos verdadeiros devotos do Mestre, aproximarem-se livremente e viverem com ele no templo.

Nos fins de semana, os chefes de família aliviados de suas obrigações de trabalho, visitavam o Mestre. Os encontros nas tardes de domingo tinham o sabor de pequenos festivais. Eram frequentemente oferecidos lanches. De vez em quando músicos profissionais entoavam cânticos devocionais. O Mestre e os devotos cantavam e dançavam. Sri Ramakrishna muitas vezes entrava em estado extático. A feliz lembrança desses domingos permanecia por longo tempo na memória dos devotos. Aqueles a quem o Mestre desejava dar instrução especial, mandava que o procurassem nas terças-feiras e sábados. Esses dias eram particularmente auspiciosos para o culto de Kali.

Os jovens discípulos destinados a serem monges eram convidados por Sri Ramakrishna nos fins de semana, quando então, os chefes de família não estavam presentes. O treinamento de chefes de família e dos futuros monges tinha que seguir linhas completamente diferentes. Uma vez que M. geralmente visitava o Mestre nos fins de semana, o *Evangelho de Sri Ramakrishna* não faz muita menção aos futuros discípulos monásticos.

Finalmente houve um grupo de discípulos afortunados, chefes de família, assim como jovens, que tiveram o privilégio de passar as noites com o Mestre. Viam-no acordar cedo e andar de um lado para o outro no quarto, cantando com voz doce e conversando afetuosamente com a Mãe.

### O ACIDENTE COM O BRAÇO DO MESTRE

Um dia, em janeiro de 1884, o Mestre dirigia-se ao bosque de pinheiros, quando entrou em transe. Estava sozinho. Não havia ninguém para segurá-lo nem guiar seus passos. Caiu e deslocou um dos ossos de seu braço. Esse acidente teve uma influência importante em sua mente, cuja inclinação natural era pairar acima da consciência do corpo. A dor aguda do braço forçou sua mente a permanecer na consciência do corpo e do mundo exterior, mas mesmo nisso viu um propósito divino porque, com a mente obrigada a ficar no plano físico, compreendeu mais do que nunca que era um instrumento nas mãos da Mãe Divina, que tinha uma missão a cumprir através do corpo e da mente. Descobriu também, que no mundo fenomenal, Deus manifesta-Se de uma maneira inescrutável por meio de diversos seres humanos, tanto bons como maus. Assim referia-se a Deus sob o disfarce de mau, Deus sob o disfarce de piedoso, Deus sob o disfarce de hipócrita, Deus sob o disfarce de licencioso. Começou a

sentir uma alegria especial observando o jogo divino no mundo relativo. Às vezes o relacionamento humano com Deus parecia-lhe mais atraente do que o Conhecimento de Brahman que tudo apaga. Muitas vezes orava: “Mãe, não me tornes inconsciente através do Conhecimento de Brahman. Não me dê Brahmajnana, Mãe. Não sou Teu filho e naturalmente, tímido? Necessito de minha Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman. Dá esse Conhecimento àqueles que o desejem.” Orava também: “Ó Mãe, deixa-me ficar em contato com os homens! Não me tornes um asceta seco. Desejo gozar Teu jogo no mundo.” Ele era capaz de apreciar essa experiência divina muito rica e gozar o amor de Deus em companhia de Seus devotos porque sua mente, em consequência do acidente com o braço, foi obrigada a descer à consciência do corpo. Assim também zombava das pessoas que o proclamavam uma Encarnação Divina, apontando para o braço quebrado e dizendo: “Você já ouviu falar que Deus tivesse quebrado o braço?” A cura do braço levou mais ou menos cinco meses.

### COMEÇO DA DOENÇA

Em abril de 1885 a garganta do Mestre ficou inflamada. Conversas prolongadas ou absorção em samadhi, fazendo o sangue fluir para a garganta, agravava a dor. Contudo quando o festival anual vaisnava foi celebrado em Panihati, Sri Ramakrishna compareceu, apesar do conselho médico. Com um grupo de discípulos, desgastou-se na música, dança e êxtase. A doença piorou e foi diagnosticada como “dor de garganta do pregador”. O paciente foi advertido contra conversa e êxtases. Embora seguisse as recomendações médicas, no que dizia respeito a remédios e dieta, não podia controlar os tranSES, nem se afastar dos que procuravam o consolo de seus conselhos. Às vezes, como uma criança zangada, queixava-se à Mãe sobre a multidão de pessoas que não lhe davam descanso dia e noite. Ouviam-no dizer a Ela: “Por que trazes aqui tanta gente sem valor, que é como leite diluído em cinco vezes a mesma medida de água? Meus olhos estão quase destruídos, tentando soprar o fogo para secar a água. Minha saúde acabou. Está além de minhas forças. Fazes Tu mesma se quiseses que isso seja feito. Este (*apontando para seu próprio corpo*) é somente um tambor furado e se Tu continuares a bater nele dia e noite, quanto tempo durará?”

Seu grande coração jamais mandou alguém embora. Dizia: “Que eu seja condenado a nascer muitas vezes, mesmo sob a forma de um cachorro se servir de ajuda a uma simples alma.” Agüentava a dor, cantando alegremente. “Que o corpo se preocupe com a doença, mas Tu, Ó mente, mora para sempre na Felicidade de Deus!”

Uma noite teve uma hemorragia na garganta. O médico diagnosticou a doença, como câncer. Narendra foi o primeiro a levar aos discípulos essa notícia arrasadora. Em três dias o Mestre foi removido para Calcutá a fim de ter melhor atendimento. Ficou na casa de Balaram uma semana até que foi encontrado um lugar mais adequado em Syampukur, na parte norte de Calcutá. Durante essa semana dedicou-se praticamente sem descanso, à instrução daqueles discípulos queridos que não podiam visitá-lo com mais freqüência em Dakshineswar. Palestras fluíam de sua boca e muitas vezes entrava em samadhi. Dr. Mahendra Sarkar, o famoso médico homeopata de Calcutá, foi convidado a assumir o tratamento.

### SYAMPUKUR

No começo de 1885, Sri Ramakrishna foi removido para Syampukur. Ali Narendra organizou os jovens discípulos para que o Mestre fosse atendido dia e noite. No início esconderam a doença do Mestre e de suas famílias, mas quando ela se agravou, permaneceram com ele, praticamente o tempo todo, pondo de lado as objeções de seus parentes e dedicando-se de todo o coração, a tratar de seu querido guru. Esses jovens, sob os olhares atentos do Mestre e sob a direção de Narendra, tornaram-se antaranga bhaktas, devotos do círculo íntimo de Sri Ramakrishna. Tiveram o privilégio de testemunhar muitas manifestações dos poderes divinos do Mestre. Narendra recebeu instruções concernentes à propagação de sua mensagem após sua morte.

A Santa Mãe - assim ficou Sarada Devi afetuosamente conhecida pelos devotos de Sri Ramakrishna - foi trazida de Dakshineswar, a fim de cuidar da cozinha e preparar a dieta especial do paciente. Sendo o lugar de dimensões extremamente limitadas, teve de se adaptar ao exíguo espaço disponível. Às três horas da manhã terminava o banho no Ganges e ia para um lugar pequeno, coberto, no terraço, onde passava o dia inteiro, cozinhando e orando. Depois das onze da noite, quando os visitantes iam embora, descia para um pequeno quarto no primeiro andar, a fim de desfrutar algumas poucas

horas de sono. Assim ela passou três meses, trabalhando duro, dormindo pouco e orando incessantemente pela recuperação do Mestre.

Em Syampukur os devotos levavam uma vida intensa. O atendimento ao Mestre era em si mesmo, uma forma de disciplina espiritual. Sua mente elevava-se constantemente a um plano exaltado de consciência. De vez em quando eles eram contagiados pelo seu fervor espiritual. Procuravam adivinhar o significado dessa doença do Mestre, a quem a maioria deles havia aceito como uma Encarnação Divina. Um grupo, encabeçado por Girish, com seu profundo otimismo e grande poder de imaginação, acreditava que a doença era um mero pretexto para servir a um propósito mais profundo. O Mestre havia desejado a doença a fim de manter os devotos unidos e promover solidariedade entre eles. Logo que esse propósito fosse alcançado, ele se livraria da doença. Um segundo grupo pensava que a Mãe Divina em cujas mãos o Mestre era um instrumento, havia ocasionado essa doença para servir Seus misteriosos propósitos. Os jovens racionalistas, liderados por Narendra, porém, recusavam-se a atribuir uma causa sobrenatural a um fenômeno natural. Acreditavam que o corpo do Mestre, uma coisa material, estava sujeito, como todas as outras coisas materiais, às leis físicas. Crescimento, desenvolvimento, decadência e morte eram leis da natureza às quais o corpo do Mestre só poderia estar sujeito. Embora possuindo pontos de vista diferentes, todos acreditavam que somente a ele deveriam recorrer para atingir a meta espiritual.

Apesar dos esforços do médico e das orações e cuidados dos devotos, a doença rapidamente progrediu. A dor às vezes parecia insuportável. O Mestre vivia apenas de alimentação líquida e seu frágil corpo estava se tornando um simples esqueleto. O rosto, contudo, estava sempre irradiando alegria e continuava dando as boas vindas aos visitantes que acudiam em multidão, para receberem suas bênçãos. Quando alguns devotos zelosos quiseram manter os visitantes afastados, foram advertidos por Girish: “Vocês não podem conseguir isso; ele nasceu com essa finalidade – sacrificar-se para a redenção dos outros.”

Quanto mais o corpo era consumido pela doença, mais ele se tornava a morada do Espírito Divino. Através de sua transparência os deuses e deusas começaram a brilhar com uma luminosidade crescente. No dia do Kali Puja, os devotos viram claramente nele, a manifestação da Mãe Divina.

Por esta época, notou-se que alguns devotos faziam uma descontrolada exibição de suas emoções. Um certo número deles, particularmente entre os chefes de família, começaram a cultivar, embora a princípio inconscientemente a arte de derramar lágrimas, sacudir o corpo, contorcer o rosto, entrar em transe, tentando dessa maneira, imitar o Mestre. Abertamente começaram a declarar Sri Ramakrishna, uma Encarnação Divina e a se olharem como seus escolhidos, que poderiam negligenciar suas disciplinas espirituais impunemente. Os olhos penetrantes de Narendra compreenderam a situação. Descobriu que algumas dessas manifestações exteriores haviam sido cuidadosamente ensaiadas em casa, enquanto que outras, eram expressões de má nutrição, fraqueza mental ou debilidade nervosa. Desmascarou duramente os devotos que fingiam ter visões e pediu a todos para desenvolver um espírito religioso saudável. Narendra entoava canções inspiradoras para os devotos jovens, lia com eles a *Imitação de Cristo* e o *Gita* e colocou à sua frente, os ideais positivos de espiritualidade.

### ÚLTIMOS DIAS EM COSSIPORE

Quando a doença de Sri Ramakrishna mostrou sinais de agravamento, os devotos, seguindo o conselho do Dr. Sarkar, alugaram uma espaçosa chácara em Cossipore, subúrbio ao norte de Calcutá. O Mestre foi removido para esse lugar, no dia 11 de dezembro de 1885.

Foi em Cossipore que a cortina caiu nas variadas atividades da vida do Mestre no plano físico. Sua alma ainda ia demorar oito meses no corpo. Foi o período de uma grande Paixão, uma crucificação constante do corpo e a revelação triunfante da Alma. Aqui se pode ver o lado humano e divino do Mestre, passando e tornando a passar pela fina linha divisória. Cada minuto desses oito meses foram tomados por uma suavidade do coração e uma maravilhosa elevação do espírito. Cada palavra que pronunciava estava cheia de simpatia e sublimidade.

O grupo levou apenas alguns dias para se ajustar ao novo ambiente. A Santa Mãe, ajudada pela sobrinha de Sri Ramakrishna, Lakshmi Devi e algumas devotas, encarregaram-se da comida do Mestre e de seus atendentes. Espontaneamente, Surendra cobria a maior parte das despesas e os outros chefes de família contribuía de acordo com seus meios. Doze discípulos eram atendentes constantes do Mestre: Narendra, Rakhal, Baburam, Niranjan, Jogin, Latu, Tarak, Gopal mais velho, Kali, Sashi, Sarat e o jovem Gopal, Sarada, Harish, Hari, Gangadhar e Tulasi visitavam o Mestre de vez em quando e

praticavam sadhana em suas casas. Narendra, preparando-se para os exames de Direito, trouxe seus livros para a chácara a fim de continuar a estudar nos poucos momentos livres. Encorajou seus discípulos irmãos a intensificar a meditação, estudo das escrituras e outras disciplinas espirituais. Todos esqueceram-se de seus parentes e obrigações mundanas.

Entre os atendentes, Sashi era a personificação do serviço. Não praticava meditação, japa ou qualquer outra disciplina seguida pelos seus devotos irmãos. Estava convencido de que o serviço ao guru era sua única religião. Esquecia-se de comer, descansar e estava sempre à cabeceira do Mestre.

O pundit Shashadhar um dia sugeriu ao Mestre que deveria curar sua doença, concentrando a mente na garganta, uma vez que as escrituras declaravam que os yogis tinham o poder de se curarem dessa maneira. O Mestre repreendeu o pundit: “Como um erudito como você, faz uma tal proposta!” disse, “Como posso retirar minha mente dos Pés de Lótus de Deus e colocá-la nessa gaiola sem valor de carne e sangue?” “Pelo menos pelo nosso bem”, imploraram Narendra e outros discípulos. “Mas”, respondeu Sri Ramakrishna. “Pensam vocês que estou gostando desse sofrimento? Desejo recuperar-me, mas isso depende da Mãe.”

Narendra: “Então por favor, ore a Ela. Ela deverá escutá-lo.”

Mestre: “Mas não posso rezar pelo corpo.”

Narendra: “Mas o senhor tem que fazer isso, pelo menos para nós.”

Mestre: “Muito bem, vou tentar.”

Algumas horas mais tarde, o Mestre disse a Narendra: “Falei com Ela: ‘Mãe, não posso engolir por causa da dor. Faz com que eu coma um pouco.’ Ela apontou para todos vocês e disse: ‘O que? Tu estás comendo suficiente através de todas essas bocas. Não é assim?’ Fiquei envergonhado e não pude pronunciar uma palavra.” Isso pôs por terra todas as esperanças dos devotos da recuperação do Mestre.

“Tornarei tudo público antes de ir embora”, o Mestre dissera algum tempo antes. No dia 1º de janeiro de 1886 sentiu-se melhor e desceu ao jardim para um pequeno passeio. Eram aproximadamente três horas da tarde. Uns trinta discípulos leigos estavam no hall ou sentados sob as árvores. Sri Ramakrishna disse a Girish: “Bem, Girish o que você vê em mim, que o faz proclamar-me diante de todo o mundo uma Encarnação de Deus?” Girish não era homem para ser tomado de surpresa. Ajoelhou-se ante o Mestre e disse de mãos postas: “O que pode uma pessoa insignificante como eu falar a respeito do Uno cujas glórias sábios como Vyasa e Valmiki não puderam medir?” O Mestre ficou profundamente comovido. Disse: “O que mais posso dizer? Abençôo a todos vocês. Sejam iluminados!” Entrou em estado espiritual. Ouvindo essas palavras, os devotos, um a um, foram tomados pela emoção. Precipitaram-se para ele e caíram a seus pés. Ele os tocou, cada um recebeu a bênção que necessitava. Ao toque do Mestre, cada um, experimentou uma felicidade inefável. Alguns riam, outros choravam, outros sentavam-se para meditar, outros oravam. Uns viram luz, alguns tiveram a visão de seus Ideais Escolhidos e alguns sentiram dentro de seus corpos, a precipitação da força espiritual.

Narendra, consumido por uma febre terrível de realização, queixou-se ao Mestre que todos os outros haviam conseguido paz e que somente ele, não havia ficado satisfeito. O Mestre perguntou-lhe o que queria. Narendra pediu-lhe samadhi, para que pudesse esquecer o mundo por três ou quatro dias. “Você é um tolo”, o Mestre retrucou. “Há um estado ainda mais alto do que esse. Não é você quem canta, ‘Tudo o que existe és Tu?’ Primeiramente acerte o seu relógio familiar e depois, venha para mim. Você experimentará um estado ainda mais elevado do que o samadhi.”

O Mestre não escondia o fato de que desejava fazer de Narendra o seu herdeiro espiritual. Narendra deveria continuar a obra depois da morte de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna disse-lhe: “Deixo esses jovens a seu cargo. Veja que desenvolvam a espiritualidade e não voltem para casa.” Um dia pediu aos rapazes, que estavam se preparando para a vida monástica, para mendigar comida de porta em porta, sem pensamento de casta. Obedeceram à ordem do Mestre e saíram com as tigelas de pedinte. Poucos dias mais tarde deu a roupa ocre de sannyasin a cada um deles, incluindo Girish, que se tornara incomparável em seu espírito de renúncia. Assim o próprio Mestre lançou as fundações da Ordem Ramakrishna de Monges.

Sri Ramakrishna piorava dia a dia. Sua dieta foi reduzida ao mínimo e achava quase impossível engolir. Murmurou para M.: “Estou agüentando tudo isso com alegria, porque do contrário, vocês todos estariam chorando. Se vocês todos dizem que é melhor que o corpo se vá a sofrer essa tortura, estou pronto.” Na manhã seguinte disse a seus discípulos deprimidos, sentados ao lado da cama. “Vocês sabem o que vejo? Vejo que só Deus tornou-Se tudo. Os homens e animais são somente estruturas cobertas de pele e é Ele quem está movendo-se através de suas cabeças e membros. Vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou o cadafalso, o carrasco e a vítima para o sacrifício.” Desmaiou de emo-

ção. Retornando à consciência parcial disse: “Agora não tenho dor. Estou muito bem.” Olhando para Latu disse: “Aí está Latu descansando a cabeça na palma de sua mão. Para mim é o Senhor quem está sentado nessa postura.”

As palavras foram doces e tocantes. Como se fosse uma mãe, gentilmente acariciava Narendra e Rakhal. Disse num sussurro a M.: “Tivesse esse corpo tido permissão para durar um pouco mais, muitas almas teriam sido iluminadas. Parou por um momento e então, disse: “Mas a Mãe ordenou outra coisa. Ela vai me levar senão, achando-me ingênuo e tolo, as pessoas tirariam vantagem de mim e me persuadiriam a lhes doar os raros dons da espiritualidade.” Poucos minutos depois, tocando o peito disse: “Aqui há dois seres. Um deles é Ela e o outro, Seu devoto. Foi esse último que quebrou o braço e é ele quem, de novo, está agora doente. Vocês me compreendem?” Depois de uma pausa, acrescentou: “Ó! A quem vou contar tudo isso? Quem vai me compreender?” “A dor”, consolou-os de novo, “é inevitável enquanto houver corpo. O Senhor toma um corpo, para o bem de Seus devotos.”

Não se sabe, contudo, se a alma do Mestre realmente estava torturada por essa doença cruciante. Pelo menos nos seus momentos de exaltação espiritual – que tornaram quase constantes nos últimos dias de sua vida na terra – perdeu completamente a consciência do corpo, da doença e do sofrimento. Um dos seus atendentes <sup>9</sup> disse mais tarde: “Enquanto Sri Ramakrishna esteve doente, nunca realmente sofreu dor. Muitas vezes disse: “Ó mente! Esqueça o corpo, esqueça a doença e permaneça mergulhada em Bem-aventurança.” Não, ele na verdade não sofreu realmente. Houve momentos em que esteve num estado em que o enlevo da alegria se manifestava claramente em seu corpo. Mesmo quando não podia falar, de qualquer maneira fazia-nos saber que não havia sofrimento e este fato era claramente evidente para todos nós que o observávamos. As pessoas que não o compreendiam pensavam que seu sofrimento era muito grande. Que alegria espiritual nos transmitiu naquela época! Poderia tal coisa ser possível se ele estivesse sofrendo fisicamente? Foi nesse período que nos ensinou novamente estas verdades: ‘Brahman está sempre desapegado. Os três gunas estão n’Ele, mas Ele não é afetado por eles, assim como o vento carrega o cheiro, mas permanece sem cheiro.’ Brahman é o Ser Infinito, Sabedoria Infinita, Bem-aventurança Infinita. N’Ele não existe desilusão, miséria, doença, nem morte, nem crescimento, nem decadência.’ ‘O Ser Transcendental e o ser inferior são um e o mesmo. Há uma Existência Absoluta.’”

A Santa Mãe secretamente foi ao templo de Shiva do outro lado do Ganges, para interceder ante a Divindade, pela recuperação do Mestre. Numa revelação foi-lhe dito que se preparasse para o final inevitável.

Um dia, quando Narendra estava no andar térreo, meditando, o Mestre estava deitado, acordado, em sua cama, no andar de cima. Nas profundezas de sua meditação, Narendra sentiu como se um lâmpião estivesse queimando na parte de trás de sua cabeça. Subitamente perdeu a consciência. Era a experiência tão ansiada do Nirvikalpa Samadhi que tudo apaga, quando a alma encarnada realiza sua unidade com o Absoluto. Depois de muito tempo recobrou a consciência parcial, mas ficou incapaz de encontrar o corpo, só podia ver a cabeça. “Onde está meu corpo?” gritou. Gopal mais velho entrou no quarto e disse, “Ora, está aqui, Naren!” Mas Narendra não podia encontrá-la. Gopal, assustado, correu para cima, até o Mestre. Sri Ramakrishna apenas disse: “Deixe-o ficar desse jeito durante um certo tempo. Ele já me importunou bastante.”

Depois de outro longo período, Narendra recobrou totalmente a consciência. Banhado em paz, foi ao Mestre que disse: “Agora a Mãe mostrou-lhe tudo, mas esta revelação ficará trancada e guardarei a chave comigo. Quando você tiver feito o trabalho da Mãe, encontrará o tesouro novamente.”

Alguns dias mais tarde, estando Narendra sozinho com o Mestre, Sri Ramakrishna olhou para ele e entrou em samadhi. Narendra sentiu a penetração de uma força sutil e perdeu a consciência exterior. Retomando ao seu estado normal, encontrou o Mestre chorando.

Sri Ramakrishna disse-lhe: “Hoje dei-lhe tudo de mim e agora, sou apenas um pobre faquir, não possuindo nada mais. Com esse poder, você fará um bem imenso ao mundo e somente quando ele estiver pronto, você voltará.” Dalí em diante o Mestre viveu no discípulo.

A dúvida, contudo, custa a morrer. Depois de um ou dois dias, Narendra disse para si mesmo: “Se em meio de uma terrível dor física, ele declarar sua Divindade, só então, o aceitarei como uma Encarnação Divina.” Estava sozinho ao lado da cama do Mestre. Foi um pensamento passageiro, mas o Mestre sorriu. Juntando a força que lhe sobrava, disse-lhe claramente: “Aquele que foi Rama e Kri-

<sup>9</sup> Latu, mais tarde conhecido como Swami Adbhutananda.

shna é agora, nesse corpo, Ramakrishna – mas não no seu sentido vedantista.” Narendra foi tomado de vergonha.

### MAHASAMADHI

*Domingo, 15 de agosto de 1886.* O pulso do Mestre tornou-se irregular. Os devotos estavam de pé, junto à cama. Ao entardecer, Sri Ramakrishna teve dificuldade de respirar. Pouco tempo depois queixou-se de fome. Um pouco de comida líquida foi colocada em sua boca: uma parte foi engolida e o restante escorreu pelo queixo. Dois atendentes começaram a abaná-lo. Imediatamente entrou em samadhi de um tipo incomum. O corpo tornou-se rígido. Sashi começou a chorar, mas depois da meia-noite, o Mestre reviveu. Estava agora com muita fome e serviu-se de uma tigela de mingau. Disse que estava suficientemente forte de novo. Sentou-se em cima de cinco ou seis travesseiros, escorados pelo corpo de Sashi que o abanava. Narendra colocou os pés no seu colo e começou a massageá-los. Repeatedamente, o Mestre disse-lhe, “Tome conta desses rapazes.” Então pediu para se deitar. Por três vezes, num tom ritmado, chamou pelo nome de Kali, a Bem-amada de sua vida e voltou-se a se deitar. Dois minutos depois de uma hora, ouviu-se um som baixo, vindo da garganta e ele tombou para um lado. Um arrepio cobriu seu corpo. O cabelo ficou em pé, os olhos fixaram-se na ponta do nariz. O rosto iluminou-se com um sorriso. O êxtase final começou. Era o mahasamadhi, total absorção, do qual a mente jamais volta. Narendra, incapaz de suportar, desceu as escadas correndo.

Dr. Sarkar chegou ao meio-dia seguinte e declarou que a vida havia ido embora há mais de meia hora. Às cinco horas o corpo do Mestre foi trazido para baixo, colocado numa padiola, vestido com roupa ocre e enfeitado com pasta de sândalo e flores. Formou-se uma procissão. Os transeuntes choravam enquanto o corpo era levado para o crematório, no Ghat de Baranagore, no Ganges. Quando os devotos estavam voltando para a chácara, carregando a urna com as cinzas sagradas, uma resignação calma desceu sobre suas almas e eles gritaram: “Salve o Guru!”

A Santa Mãe estava chorando no quarto, não pelo marido, mas porque sentia que a Mãe Kali a havia abandonado. Quando estava a ponto de colocar os símbolos de um viúva indiana, num momento de revelação, ouviu as palavras de fé, “Apenas passei de um cômodo para o outro.”

## CRONOLOGIA DA VIDA DE SRI RAMAKRISHNA

- 1775 Nascimento de Khudiram.  
1791 Nascimento de Chandra Devi.  
1805 Nascimento de Ramkumar.  
1814 Khudiram estabelece-se em Kamarpukur.  
1826 Nascimento de Rameswar.  
1835 Peregrinação de Khudiram a Gaya.  
1836 Nascimento de Sri Ramakrishna, 18 de fevereiro, mais ou menos às 5:15 da manhã.  
1843 Morte de Khudiram.  
1845 Cerimônia do cordão sagrado de Sri Ramakrishna.  
1850 Ramkumar abre sua escola em Calcutá.  
1852 Sri Ramakrishna vem para Calcutá.  
1853 Nascimento da Santa Mãe, 22 de dezembro.  
1855 Fundado o templo de Kali em Dakshineswar. Hriday em Dakshineswar. Sri Ramakrishna é nomeado sacerdote do templo de Vishnu e em seguida, do templo de Kali.  
1856 Morte de Ramkumar. Realização de Deus e o primeiro estado de intoxicação divina de Sri Ramakrishna.  
1857 Tratamento de Sri Ramakrishna sob a orientação de Gangaprasad.  
1858 Haladhari torna-se sacerdote em Dakshineswar. Sri Ramakrishna vai para Kamarpukur.  
1859 Casamento de Sri Ramakrishna.  
1860 Volta a Dakshineswar. Visão de Mathur.  
1861 Morte da Rani Rasmani. Encontro com Brahmani. Prática tântrica sob a orientação da Brahmani. Loucura divina pela segunda vez.  
1863 Fim da prática tântrica. Encontro com o Pundit Padmalochan. Chandra Devi vem viver em Dakshineswar.  
1864 Prática de Sri Ramakrishna do vatsalya bhava sob a orientação de Jatadhari. Prática do madhur bhava. Iniciação em sannyas por Tota Puri.  
1865 Akshay substitui Haladhari. Totapuri deixa Dakshineswar.  
1866 Sri Ramakrishna no plano advaita durante seis meses. Doença. Prática do islamismo.  
1867 Sri Ramakrishna em Kamarpukur. A partida da Brahmani.  
1868 Peregrinação. Encontro com Gangama.  
1870 Peregrinação com Mathur. Sri Ramakrishna no Colootola Harisabha. Visita a Kalna e Navadvip.  
1871 Morte de Mathur.  
1872 Primeira visita da Santa Mãe a Dakshineswar. O Shodasi Puja.  
1873 Morte de Rameswar.  
1874 A Santa Mãe de novo em Dakshineswar.  
1875 A primeira visita de Sri Ramakrishna a Keshab Chandra Sen.  
1876 Morte de Chandra Devi.  
1877-78 Relacionamento com Keshab. Terceira visita da Santa Mãe a Dakshineswar.  
1879 Começa a chegada dos discípulos.  
1880 Última visita a Kamarpukur. Encontro com Rakhali e Narendranath.  
1881 Demissão de Hriday. Encontro com Rakhali e Narendranath.  
1882 Visita ao Pundit Vidyasagar. A Santa Mãe novamente em Dakshineswar.  
1884 Morte de Keshab. Encontro com Pundit Shashadhar. Gopal Ma. A Santa mãe vem viver definitivamente em Dakshineswar.  
1885 Última visita a Panihati. Doença e mudança para Syampukur. Ligação com Dr. Sarkar. Mudança para Cossipore.  
1886 Tratamento em Cossipore. Organização dos discípulos. Mahasamadhi. 16 de agosto, dois minutos depois de uma hora da manhã.

## CAPÍTULO I

### MESTRE E DISCÍPULO

*Março, 1882*

**F**OI NUM DOMINGO de primavera, alguns dias depois do aniversário de Sri Ramakrishna, que M. encontrou-o pela primeira vez. Sri Ramakrishna morava no Kalibari, templo de Mãe Kali, às margens do Ganges, em Dakshineswar.

M., estando de folga nos domingos, fora visitar com seu amigo Sidhu, diversos jardins em Baranagore. Quando estavam passeando no de Prasanna Bannerji, Sidhu disse-lhe: “Há um lugar encantador às margens do Ganges, onde vive um Paramahansa. Você quer ir lá?” M. concordou e dirigiram-se imediatamente para o templo de Dakshineswar. Chegaram ao portão principal ao entardecer, foram diretamente para os aposentos de Sri Ramakrishna, onde o encontraram sentado num divã de madeira, olhando para o leste. Sorrindo, falava de Deus. O quarto estava cheio, todos sentados no chão, bebendo suas palavras, em silêncio profundo.

M. de pé, ficou mudo, observando. Era como ele estivesse no ponto de encontro de todos os lugares santos e como se o próprio Shukadeva estivesse falando de Deus, ou como se Sri Chaitanya estivesse cantando o nome e as glórias do Senhor em Puri, com Ramananda, Swarup e outros devotos.

Sri Ramakrishna disse: “Se ao ouvirem o nome de Hari ou Rama, seus olhos se encherem de lágrimas ou seu cabelo ficar de pé, podem estar certo de que não precisam mais praticar exercícios devocionais tais como o sandhya. Somente então podem renunciar aos rituais, ou melhor, os rituais cairão por si mesmos. Só será necessário repetir o nome de Rama ou Hari, ou simplesmente, Om. Continuando disse: “O sandhya funde-se no Gayatri e o Gayatri no Om.”

M. olhou para os lados e maravilhado, disse para si mesmo: “Que lindo lugar! Que homem encantador! Como são lindas as suas palavras! Não pretendo sair daqui.” Após alguns minutos pensou: “Deixe-me conhecer o lugar primeiro; depois volto e me sento.”

Quando deixou o quarto com Sidhu, ouviu a suave música do gongo, do tambor e dos pratos que vinha do culto da tarde no templo. Ouviu também, a música que vinha do nahabat no fundo do jardim. Os sons cruzavam o Ganges, flutuando e perdendo-se à distância. Um vento suave de verão soprava, carregado com o perfume das flores; a lua acabava de aparecer. Era como se a natureza, juntamente com o homem estivessem se preparando para o culto da tarde. M. e Sidhu visitaram os doze templos de Shiva, o de Radhakanta e o de Bhavatarini. E à medida que M. assistia ao serviço diante das imagens, seu coração enchia-se de alegria.

Quando voltaram ao quarto de Sri Ramakrishna, os dois amigos conversaram. Sidhu explicou que o templo tinha sido construído por Rani Rasmani, que Deus era adorado ali, diariamente, na forma de Kali, Krishna e Shiva, e que no interior, era oferecida comida aos sadhus e mendigos. Quando chegaram de novo na porta do quarto de Sri Ramakrishna encontraram-na fechada e Brinde, a empregada, estava no lado de fora. M. que possuía boas maneiras inglesas, jamais entraria num quarto sem permissão, perguntou: “Está aí o santo?” Brinde respondeu: “Sim, ele está.”

M.: “Há quanto tempo ele vive aqui?”

Brinde: “Ó! Ele vive aqui há muito tempo.”

M.: “Ele lê muitos livros?”

Brinde: “Livros? Ó não! Estão todos na ponta de sua língua.”

M. havia terminado seus estudos na universidade. Admirou-se muito em saber que Sri Ramakrishna não lia livros.

M.: “Talvez seja a hora de sua adoração da tarde. Podemos entrar? Pode-lhe dizer que estamos ansiosos para vê-lo?”

Brinde: “Entrem, rapazes. Entrem e sentem-se!”

Entrando no aposento, encontraram Sri Ramakrishna sentado, sozinho, no divã de madeira. O incenso tinha acabado de queimar e todas as portas estavam fechadas. Ao entrar, M. de mãos postas, saudou o Mestre. Então a seu aceno, sentaram-se no chão. Sri Ramakrishna perguntou-lhes: “Onde vocês moram? Qual a sua profissão? Por que vieram a Baranagore?” M. respondeu às perguntas, mas reparou que de vez em quando, o Mestre parecia ausente. Mais tarde soube que aquele estado cha-

mava-se bhava, êxtase. É como o pescador, sentado com seu caniço; o peixe vem e morde a isca; e a bóia começa a balançar; o pescador fica alerta e segura a vara e observa a bóia firme e atentamente; não fala com ninguém. Tal era o estado mental de Sri Ramakrishna. Mais tarde M. ouviu e ele mesmo observou, que Sri Ramakrishna ficava muitas vezes neste estado depois do entardecer, às vezes tornava-se totalmente inconsciente do mundo exterior.

M.: “Talvez o senhor deseje fazer sua adoração da tarde. Neste caso, podemos ir embora?”

Sri Ramakrishna (*ainda em êxtase*): “Não – Adoração da tarde? Não é exatamente isso.”

Depois de algum tempo, M. saudou o Mestre e saiu: ‘Volte’ - disse Sri Ramakrishna.

Durante o trajeto de volta para casa, M. começou a conjecturar: “Quem é esse homem de olhar sereno, que me está atraindo para ele? É possível que um homem seja grande, sem ser erudito? Como isso é maravilhoso! Gostaria de tornar a vê-lo. Ele mesmo me disse: ‘Volte!’ Irei amanhã ou depois.”

A segunda visita de M. a Sri Ramakrishna deu-se na varanda sudeste, às oito horas da manhã. O Mestre estava prestes a fazer a barba e o barbeiro acabara de chegar. Como a estação fria ainda permanecia, tinha posto um xale de lã com franja vermelha. Vendo M., o Mestre falou: “Então você veio. É bom. Sente-se aqui!” Sorria e gaguejava um pouco enquanto falava.

Sri Ramakrishna (*a M.*): “Onde você mora?”

M.: “Em Calcutá, senhor.”

Sri Ramakrishna: “Onde você está hospedado aqui?”

M.: “Estou em Baranagore, na casa de minha irmã mais velha, casa de Ishan Kaviraj.”

Sri Ramakrishna: “Ó na casa de Ishan? Bem, como vai Keshab? Ele estava muito doente.”

M.: “É verdade, também ouvi dizer isso, mas agora, acredito que esteja bem.”

Sri Ramakrishna: “Fiz uma promessa de oferecer a Mãe coco verde com açúcar se ele ficasse curado. Às vezes, de madrugada, eu acordava e chorava diante d’Ela: ‘Mãe, por favor, devolva a saúde a Keshab. Se ele morrer, com quem vou conversar, quando for a Calcutá?’ E foi então que resolvi oferecer-Lhe coco verde com açúcar.

“Diga-me, você conhece um certo Sr. Cook, que chegou a Calcutá? É verdade que está dando conferências? Certa vez Keshab levou-me num passeio de barco e este Sr. Cook também estava lá.”

M.: “Sim, ouvi algo sobre isso, mas nunca fui às suas palestras. Não sei muito a seu respeito.”

Sri Ramakrishna: “O irmão de Pratap veio aqui. Ficou alguns dias, estava desempregado e queria morar aqui. Soube que havia deixado a esposa e os filhos com o sogro. Ele tem uma grande prole. Então o repreendi. Imagine! É pai de tantas crianças! Será que os vizinhos vão educá-las e dar-lhes de comer? Nem tem vergonha de deixar que outros os sustentem e também, de tê-los largado na casa do sogro. Repreendi-o duramente e mandei que procurasse um trabalho. Por isso está querendo ir embora.

“Você é casado?”

M.: “Sim, senhor, sou.”

Sri Ramakrishna (*estremecendo*): “Ó Ramlal!<sup>1</sup> Ele é casado!”

Como se fosse culpado de uma grande falta, M. ficou imóvel, olhando para o chão. Pensou, “Será uma coisa má ser casado?”

O Mestre continuou: “Você tem filhos?”

Desta vez M. pôde escutar as batidas do seu coração. Sussurrou com a voz trêmula: “Sim, senhor, tenho filhos.”

Tristemente, Sri Ramakrishna disse: “Ai meu Deus! Ele tem até filhos!”

Com tal censura, M. ficou sem fala. Seu orgulho havia recebido um golpe. Depois de alguns minutos, Sri Ramakrishna olhou-o com bondade e disse afetuosamente, “Você tem bons sinais. Conheços, olhando a testa, os olhos etc. de uma pessoa. Diga-me, que tipo de pessoa é sua esposa? É espiritualizada ou está sob o poder de avidya?”

M.: “Ela é boa, mas creio que é ignorante.”

Mestre (*com visível desgosto*): “E você é um homem de conhecimento!”

M. tinha ainda que aprender a diferença entre conhecimento e ignorância. Até aquele dia, seu conceito era que só se adquiria conhecimentos através dos livros e nos colégios. Mais tarde veio abandonar essa falsa concepção. Aprendeu que conhecer Deus é conhecimento e não O conhecer é ignorância. Quando Sri Ramakrishna exclamou: “E você é um homem de conhecimento!” o ego de M. ficou novamente terrivelmente chocado.

<sup>1</sup> Sobrinho de Sri Ramakrishna e sacerdote do templo de Kali.

Mestre: “Bem, você acredita em Deus com forma ou sem forma?”

M. bastante surpreso, disse a si mesmo: “Como pode alguém acreditar em Deus sem forma quando acredita em Deus com forma? E se alguém acredita em Deus sem forma, pode acreditar que Deus tenha forma? Podem essas duas idéias contraditórias serem verdadeiras ao mesmo tempo? Pode um líquido branco como o leite, ser preto?”

M.: “Senhor, gosto de pensar em Deus sem forma”.

Mestre: “Muito bem. É suficiente ter fé em qualquer um desses aspectos. Você acredita em Deus sem forma, está muito bem, mas jamais pense que só isso seja verdadeiro e tudo o mais falso. Lembre-se de que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma, mas fique firme em sua convicção”.

A afirmação de que ambos são verdadeiros surpreendeu M. Jamais havia aprendido esse conceito nos livros. Assim seu ego recebeu um terceiro golpe, mas desde que ele não havia sido esmagado, tornou a fazer novas perguntas ao Mestre.

M.: “Senhor, suponha que alguém acredite em Deus com forma. Certamente Ele não é uma imagem de barro.”

Mestre (*interrompendo*): “Mas por que de barro? É uma imagem do Espírito.”

M. mal podia compreender o significado da expressão “imagem do Espírito.” “Mas senhor”, disse ao Mestre, “deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro, que ela *não* é Deus e que, adorando-a, devem ter Deus em mente e não, a imagem de argila. Não se deve adorar a argila.”

Mestre (*bruscamente*): “Trata-se de uma mania de vocês, pessoas de Calcutá, dar palestras para trazer luz aos outros – Ninguém jamais pensa como conseguir luz para si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?”

“Aquele que é o Senhor do universo ensinará cada um. Somente Ele que criou esse universo nos ensina: Aquele que fez o sol e a lua, homens, animais e todos os outros seres; Aquele que provê meios para seu sustento: que deu pais aos filhos e dotou-os de amor para poder educá-los. O Senhor fez tantas coisas – Ele não mostrará às pessoas a maneira de adorá-Lo? Se precisarem de ensinamentos, Ele será o Mestre. Ele é o nosso Guia Interno.

“Suponhamos que haja um erro na maneira de adorar a imagem de barro. Por acaso não sabe Deus que é através dessa imagem somente que Ele está sendo invocado? Ele aceitará tal adoração. Por que ter dor de cabeça por causa desse fato? É melhor você procurar adquirir conhecimento e devoção.”

A essa altura dos acontecimentos, M. sentiu que seu ego estava completamente esmagado. Disse para si mesmo: “Sim, ele falou a verdade. Que necessidade tenho de ensinar os outros? Já conheço Deus? Será que realmente O amo? ‘A minha cama é estreita para mim e estou convidando um amigo para compartilhá-la comigo!’ Não sei nada a respeito de Deus e estou tentando ensinar os outros. Que vergonha! Que tolo sou! Isto não é matemática ou história ou literatura, que alguém possa ensinar aos outros. Não, isto é o profundo mistério de Deus. O que ele me diz, toca-me.”

Esta foi a primeira argumentação com o Mestre e felizmente, a última.

Mestre: “Você estava falando de adorar a imagem de barro. Mesmo que ela seja de barro, há necessidade de adoração. O Próprio Deus estabeleceu diversos tipos de adoração. Aquele que é o Senhor do universo, planejou todas essas formas para atender às pessoas nos diversos estágios de desenvolvimento.

“A mãe faz diferentes pratos a fim de atender ao estômago de seus diferentes filhos. Suponhamos que ela tenha cinco filhos. Se há peixe, prepara vários cardápios como pilau, escabeche, peixe frito e assim por diante, para satisfazer aos diferentes gostos de seus filhos e condições de digestão.

“Você me compreende?”

M. (*humildemente*): “Sim, senhor. Como podemos fixar nossas mentes em Deus?”

Mestre: “Repita o nome de Deus e cante Suas glórias e mantenha a companhia dos santos; de vez em quando, visite os devotos de Deus e homens santos. A mente não pode ficar estabelecida em Deus se estiver mergulhada dia e noite no mundanismo, nos deveres e responsabilidades do mundo; é necessário ficar de vez em quando em solidão e pensar em Deus. Fixar a mente em Deus é muito difícil no começo, a menos que se pratique a meditação em solidão. Quando uma árvore ainda é pequena, é necessário protegê-la com uma cerca. Caso contrário, pode ser destruída pelo gado.

“Para meditar, deve-se interiorizar a mente ou retirar-se para um lugar isolado ou uma floresta. Deve sempre discriminar entre o Real e o irreal. Só Deus é Real, a Substância Eterna, tudo o mais, irreal, quer dizer, transitório. Assim discriminando, a pessoa tira os objetos transitórios da mente.”

M. (*humildemente*): “Como devemos viver no mundo?”

Mestre: “Cumpra seus deveres mas mantenha a mente em Deus. Viva com todos – esposa, filhos, pai e mãe - e sirva-os. Trate-os como se fossem muito queridos, mas saiba no fundo do seu coração, que eles não lhe pertencem.

“Uma empregada da casa de um homem rico faz todos os serviços da casa, mas seus pensamentos estão voltados para sua casa na terra natal. Cria os filhos do patrão como se fossem os seus próprios. Chega mesmo a referir-se a eles como ‘meu Rama’ ou ‘meu Hari’, mas em sua mente sabe que eles não lhe pertencem.

“A tartaruga movimenta-se na água, mas onde estão seus pensamentos? Nas margens, onde estão enterrados os seus ovos. Faça seus deveres do mundo, mas mantenha o pensamento em Deus.

“Se você entrar no mundo, sem antes ter cultivado o amor de Deus, se enredará cada vez mais. Será subjugado pelos perigos, tristezas e tribulações. Quanto mais pensar nas coisas do mundo, mais se apegará a elas.

“Primeiro esfregue as mãos com óleo e em seguida, quebre a jaca para abri-la, do contrário, ficarão sujas com o leite pegajoso. Primeiro obtenha o óleo do amor divino e depois, mãos à obra com os deveres do mundo.

“Mas uma pessoa deve se retirar para a solidão a fim de conseguir esse amor divino. Para se fazer manteiga do leite, é necessário que ele seja guardado em separado para que forme o coalho. Caso contrário o leite não se transformará em coalho. Depois deve deixar todas as outras obrigações, sentar-se num lugar sossegado e bater a manteiga. Só assim terá a manteiga.

“Além do mais, meditando em Deus na solidão, a mente adquire conhecimento, desapego e devoção. Mas a mesma mente desce se ficar presa às coisas do mundo. No mundo só há um pensamento: ‘mulher e ouro’.<sup>2</sup>

“O mundo é a água e a mente, o leite. Se derramar leite na água, eles se transformam num só; não poderá encontrar o leite nunca mais. Mas transforme esse leite em coalho e o bata até virar manteiga. Então quando a manteiga é colocada na água, flutua. Pratique disciplina espiritual na solidão e obtenha a manteiga do conhecimento e amor. Mesmo que ponha a manteiga na água do mundo, as duas não se misturarão. A manteiga flutuará.

“A par disso, praticar discriminação sobre ‘mulher e ouro’, considerando-se que são transitórios, Deus é a única Substância Eterna. O que o homem obtém com dinheiro? Comida, roupa e casa – nada mais. Você não pode realizar Deus com sua ajuda. Por conseguinte, o dinheiro jamais poderá ser a meta da vida. Esse é o processo da discriminação. Compreende?”

M.: “Sim, senhor. Recentemente li uma peça em sânscrito chamada *Prabodha Chandrodaya*, que trata da discriminação.”

Mestre.: “Sim, da discriminação a respeito dos objetos. Pense – o que há no dinheiro ou num corpo bonito? Discrimine e verá que o mesmo corpo de uma linda mulher é formada de ossos, carne, gordura e outras coisas desagradáveis. Por que um homem deveria abandonar Deus e dirigir a atenção para essas coisas? Por que um homem deveria esquecer Deus por causa delas?”

M.: “É possível *ver* Deus?”

Mestre: “Sim, certamente. Ficando em solidão de vez em quando, repetindo seu nome, cantando Suas glórias e discriminando entre o Real e o irreal – esses são os meios para vê-Lo.”

M.: “Sob que condições uma pessoa vê Deus?”

Mestre: “Chore por Deus com o coração cheio de intensa ânsia e certamente irá vê-Lo. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por esposa e filhos. Nadam em lágrimas por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Chore por Ele do fundo do seu coração.”

O Mestre cantou:

<sup>2</sup> A expressão “Mulher e Ouro” que vem sendo usada amplamente num sentido coletivo, aparece com frequência nos ensinamentos de Sri Ramakrishna para designar os principais entraves ao progresso espiritual. Essa expressão preferida do Mestre, “kaminikanchan”, tem sido muitas vezes mal interpretada. Por ela, ele queria dizer “luxúria e ganância”, a influência nociva que retarda o desenvolvimento espiritual do aspirante. Ele empregava a palavra “kumini” ou “mulher”, como um termo concreto para o instinto sexual, quando se dirigia aos devotos masculinos. Aconselhava às mulheres por outro lado, a evitar “homem”, “Kanchan” ou “ouro”, simboliza a avidez, que é um outro obstáculo à vida espiritual.

Sri Ramakrishna jamais ensinou a seus discípulos a odiarem uma mulher, ou as mulheres em geral. Isso pode ser visto claramente penetrando-se em todos os seus ensinamentos sob esse tema. O Mestre considerava todas as mulheres imagens da Mãe Divina do universo. Prestou a mais alta homenagem às mulheres, quando aceitou uma mulher como guia espiritual, enquanto praticava as profundas disciplinas espirituais do Tantrismo. Sua esposa, conhecida e reverenciada como Santa Mãe, foi sua companheira constante e a primeira discípula. No final de sua prática espiritual adorou-a como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe Divina. Com sua morte, a Santa Mãe tornou-se guia espiritual, não somente de um grande número de chefes de família mas também, de muitos membros monásticos da Ordem de Ramakrishna.

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!  
 Como pode Ela manter-Se afastada de você?  
 Como pode Shyama ficar afastada?  
 Como pode sua mãe Kali ficar longe?

Ó mente, se você for sincera, traga-Lhe uma oferenda  
 De folhas de bel e flores de hibisco  
 Coloque a Seus pés sua oferenda  
 E misture nela a pasta perfumada de sândalo do Amor.

Continuando disse: ‘A ânsia é a aurora rosada. Depois dela, nasce o sol. O intenso anelo é seguido pela visão de Deus.

“Deus revela-Se ao devoto que se sente chamado para Ele pela força combinada de três atrações: a atração pelos bens materiais que o homem possui do mundo, a que uma criança sente por sua mãe e a que um marido sente por sua esposa. Se alguém se sentir atraído para Deus pela força combinada dessas três atrações então, através dela, pode alcançá-Lo.

“A questão é amar a Deus da mesma maneira que a mãe ama seu filho, a esposa, seu marido e o homem do mundo, o dinheiro. Junte essas três forças de amor, esses três poderes de atração e os dê a Deus. Então certamente O verá.

“É necessário orar a Ele com o coração ansioso. O gatinho só sabe chamar a mãe chorando: “Miau, miau!” Fica feliz onde ela o coloca. E a gata o põe, ora na cozinha, ora no chão e às vezes, na cama. Quando o filhote sente um desconforto, apenas chora “Miau, miau!”. É tudo o que sabe dizer, mas ao ouvir seu choro, a mãe onde quer que esteja, vem correndo em sua direção.”

Foi num domingo à tarde que M. fez a terceira visita ao Mestre. Estava tremendamente impressionado com as duas primeiras visitas que fizera àquele homem maravilhoso. Vivia pensando constantemente no Mestre e na maneira simples de exprimir as verdades profundas da vida espiritual. Jamais havia encontrado antes alguém parecido.

Sri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O aposento estava cheio de devotos<sup>3</sup> que haviam se aproveitado do fato de ser feriado para ir vê-lo. M. ainda não estava familiarizado com os demais devotos, de modo que se sentou no canto. O Mestre sorria enquanto falava com eles.

Dirigia-se de forma especial para um jovem de dezenove anos chamado Narendranath<sup>4</sup> que ainda era estudante e freqüentava o Sadharan Brahma Samaj. Seus olhos eram brilhantes, suas palavras cheias de força e tinha o olhar de um amante de Deus.

M. percebeu que a conversa era sobre os homens do mundo que desprezavam aqueles que aspiram às coisas espirituais. O Mestre falava sobre o grande número de pessoas desse tipo que há no mundo e da maneira como lidar com elas.

Mestre (*a Narendra*): “Como você se sente a esse respeito? As pessoas do mundo dizem tudo a respeito das pessoas espiritualizadas. Mas olhe aqui! Quando um elefante anda na rua, muitos cachorros e outros animais pequenos podem latir e gritar para ele, mas o elefante nem olha para trás para vê-los. Se alguém fala mal de você, o que pensa dela?”

Narendra : “Penso que são cachorros latindo para mim.”

Mestre (*sorrindo*): “Ó não! Não deve ir tão longe, meu filho! (*Risada geral*). Deus mora em todos, mas você só deve se tornar íntimo das pessoas boas; deve manter-se afastado daquelas de mente perversa. Deus está até mesmo num tigre, mas ninguém vai abraçar o tigre por causa disso. (*Risada*). Pode-se contestar: ‘Por que fugir do tigre, que é também, uma manifestação de Deus?’ A resposta é o seguinte: ‘Aqueles que mandam fugir são, também, manifestações de Deus – por que não dar ouvidos a eles?’

“Deixe-me contar uma história. Numa floresta vivia um homem santo que tinha muitos discípulos. Um dia ensinou-lhes a ver Deus em todas as criaturas e, sabendo disso, curvarem-se diante de todas elas. Um discípulo foi à floresta pegar lenha para o fogo do sacrifício. De repente ouviu um grito: ‘Saíam do caminho! Um elefante louco está se aproximando!’ Todos, menos o discípulo, correram.

<sup>3</sup> O termo é usado de maneira geral no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é devotado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra “discípulo”, quando usada em conexão com Sri Ramakrishna, refere-se àquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que o considera seu guru.

<sup>4</sup> Posteriormente conhecido mundialmente como Swami Vivekananda.

Ele imaginou que o elefante era também Deus, mas sob outra forma. Por que haveria de fugir dele? Ficou quieto, curvou-se ante o animal e começou a cantar em seu louvor. O mahut do elefante gritava: 'Fuja! Fuja!', mas o discípulo não se mexia. O animal pegou-o com sua tromba, jogou-o para um lado e seguiu seu caminho. Ferido e contundido, ficou inconsciente no chão. Sabendo o ocorrido, o Mestre e seus discípulos vieram e levaram-no para a cabana. Com a ajuda de alguns medicamentos, logo recuperou a consciência. Alguém perguntou-lhe: 'Você sabia que o elefante estava vindo. Por que não saiu do lugar?' 'Mas', disse ele, 'o nosso Mestre disse-nos que o Próprio Deus toma todas essas formas, tanto de animais como de homens. Por isso, pensando que se tratava apenas do Deus elefante que estava vindo, não corri.' A isso retrucou o Mestre: 'Sim, meu filho, é verdade que era Deus que estava chegando; mas o Deus mahut proibiu você de ficar ali. Já que todos são manifestações de Deus, por que não acreditou nas palavras do mahut? Você deveria ter atendido às palavras do Deus mahut.' (*Risada geral*).

"Está escrito nas escrituras que a água é uma forma de Deus, porém há água própria para o culto, para lavar o rosto e outra para lavar pratos ou roupa suja. Este último tipo não pode ser empregado para beber ou com propósito religioso. Assim também Deus inegavelmente mora no coração de todos – santos ou pecadores, corretos ou ímpios, mas o homem não deve se relacionar com os pecadores, maus e impuros. Não deve ter intimidade com eles. Com algumas pessoas, pode trocar algumas palavras, mas com outras, não deve nem fazer isso. Deve-se manter afastado delas".

Um devoto: "Senhor, se um homem estiver a ponto de fazer mal a alguém ou realmente o faz, devemos ficar quietos?"

Mestre: "Uma pessoa que vive em sociedade deveria criar a impressão de muita força, a fim de se proteger contra aqueles de mente perversa, mas não deve ferir ninguém antecipando um mal que eles poderiam lhe fazer.

"Ouçam uma história. Alguns jovens pastores tinham o hábito de levar suas vacas para um campo onde vivia uma serpente terrivelmente venenosa. Todas as pessoas viviam alertas com medo dela. Um dia, um brahmachari estava passando pelo campo. Os rapazes correram para ele e disseram-lhe: 'Santo homem, por favor não vá por esse caminho. Uma cobra venenosa vive ali.' 'O que tem isso demais, meus filhos?' disse o brahmachari. 'Não tenho medo de cobra. Conheço alguns mantras.' Assim falando, continuou seu caminho em direção ao campo, mas os pastores com medo, não o acompanharam. Nesse ínterim a serpente dirigiu-se para ele rapidamente, com o capuz erguido. Assim que ela chegou, recitou um mantra e a cobra deitou-se a seus pés como se fosse uma minhoca. O brahmachari disse: 'Olhe aqui. Por que você vive fazendo mal aos outros? Venha, vou lhe dar uma palavra sagrada. Repetindo-a aprenderá a amar a Deus. Por fim O realizará e dessa maneira se libertará de sua natureza violenta.' Assim falando, ensinou-lhe uma palavra sagrada e iniciou-a na vida espiritual. A serpente curvou-se ante seu mestre e disse: 'Reverenciado senhor, como vou fazer a prática espiritual?' 'Repita a palavra sagrada', disse o mestre, 'e não faça mal a ninguém'. Como já estava de saída, o brahmachari disse: 'Eu a verei de novo.'

"Passaram-se alguns dias e os pastores notaram que a serpente não mordida mais. Jogaram muitas pedras nela, mas mesmo assim ela não demonstrou raiva; comportava-se como se fosse uma minhoca. Um dia um dos rapazes aproximou-se, segurou-a pela cauda, rodopiou-a no ar, lançou-a contra o chão várias vezes e jogou-a longe. A serpente vomitou sangue e ficou inconsciente. Estava zonza. Não podia se mover. Então julgando-a morta, os rapazes foram embora.

"Tarde da noite a serpente recobrou os sentidos. Lentamente e com muita dificuldade, conseguiu arrastar-se até a sua toca; seus ossos estavam quebrados e mal podia se mexer. Passaram-se muitos dias. A serpente transformou-se num esqueleto coberto de pele. De vez em quando, à noite, saía para procurar alimento. Com medo dos rapazes não saía do buraco durante o dia. Desde que recebera a palavra sagrada do mestre tinha deixado de fazer mal aos outros. Mantinha-se viva graças a detritos, folhas e frutos que caíam das árvores.

"Mais ou menos um ano depois, o brahmachari voltou e perguntou pela cobra. Os pastores disseram que estava morta. Não pôde acreditar neles. Sabia que ela não morreria antes de ter colhido o fruto da palavra sagrada com a qual havia sido iniciada. Saiu procurando-a aqui e acolá, chamando-a pelo nome que lhe havia dado. Ouvindo a voz do mestre, a serpente saiu da toca e curvou-se com muita reverência diante dele. 'Como vai você?' perguntou-lhe o brahmachari. 'Estou bem, senhor' respondeu a serpente. 'Mas', perguntou o mestre, 'por que você está tão magra?' A cobra respondeu: 'Reverenciado mestre, o senhor mandou que eu não fizesse mal a ninguém. Por isso tenho vivido somente de folhas e frutos. Talvez seja por esta razão que eu tenha ficado mais magra.'

“A cobra havia desenvolvido a qualidade de sattva; não podia ficar com raiva de ninguém. Esquecera-se completamente de que os pastores quase a haviam matado.

“O brahmachari disse: ‘Não pode ter sido uma simples falta de comida que a reduziu a este estado. Deve haver uma outra razão. Pense um pouco.’ Então a serpente lembrou-se de que os rapazes a haviam atirado ao chão. Disse: ‘Sim, reverenciado mestre, agora me lembro. Os rapazes um dia me jogaram violentamente contra o chão. Afinal de contas, são ignorantes. Não compreenderam a grande mudança que se operou em minha mente. Como poderiam saber que eu não ia mais morder nem fazer mal a ninguém?’ O brahmachari exclamou: ‘Que vergonha! Você é uma boba! Não sabe proteger-se. Eu lhe mandei que não mordesse, mas não, que silvasse. Por que não os atemorizou com seu silvo?’

“Você deve, portanto, silvar para as pessoas más. Deve assustá-las, senão elas lhe farão mal. Jamais injete veneno nelas. Ninguém deve fazer mal aos outros.’

“Na criação de Deus há uma variedade de coisas: homens, animais, árvores, plantas. Entre os animais, há alguns bons, outros maus. Há animais ferozes como o tigre. Algumas árvores dão frutos doces como o néctar, outros dão frutos venenosos. Da mesma maneira, entre os seres humanos, há bons e maus, santos e pecadores. Há alguns que são devotados a Deus e outros apegados ao mundo.

“Os homens podem ser divididos em quatro categorias; aqueles presos pelos grilhões do mundo, os que buscam a liberação, os liberados e os sempre livres.

“Entre os sempre livres encontramos sábios como Narada. Vivem no mundo para o bem dos outros, a fim de ensinar a verdade espiritual.

“Aqueles que estão apegados estão mergulhados no mundanismo e esquecem-se de Deus. Nem por engano pensam nele.

“Os que buscam a liberação querem livrar-se do apego ao mundo. Alguns conseguem, outros não.

“As almas liberadas como sadhus e mahatmas, não são tragadas pelo mundo, por ‘mulher e ouro’. Suas mentes estão livres de mundanismo. Além disso vivem em constante meditação aos Pés de Lótus do Senhor.

“Suponhamos que uma rede seja lançada ao lago para apanhar peixes. Alguns são tão espertos que jamais são apanhados. São como os sempre livres, mas a maioria é apanhada. Alguns tentam sair e neste caso, são como os que buscam a liberação. Mas nem todos os peixes que lutam, conseguem. Poucos pulam fora da rede, e fazem um grande barulho quando caem na água. Então o pescador grita: ‘Olhe! Lá vai um grande!’ Mas a maioria dos que caem na rede não pode escapar, nem faz qualquer esforço para tal. Ao contrário, escondem-se na lama, com a malha da rede em suas bocas e ali ficam quietos, pensando: ‘Não temos nada a temer agora, estamos seguros aqui’. Os pobres peixes não sabem que o pescador os vai tirar da rede. São como os homens ligados ao mundo.

“As almas apegadas estão presas pelos grilhões de ‘mulher e ouro’. Estão com os pés e as mãos atadas. Pensando que ‘mulher e ouro’ os tornarão felizes e lhes proporcionarão segurança, não compreendem que isso os levará à ruína. Quando um homem assim apegado ao mundo está para morrer, sua esposa lhe pergunta: ‘Você se vai. O que você fez por mim?’ Assim também, seu apego às coisas do mundo é tal que, quando vê a lamparina queimando fortemente, diz: ‘Diminua a luz. Está gastando muito óleo.’ E ele está em seu leito de morte!

“As almas apegadas jamais pensam em Deus. Quando têm um tempo livre, gastam-no com tagarelices e conversas tolas, ou então, em algum trabalho sem proveito. Se perguntarmos a uma delas a razão, responde: ‘Ó não posso ficar parado, estou fazendo uma cerca.’ Quando não têm nada para fazer, talvez comecem a jogar cartas”.

Havia um profundo silêncio no aposento.

Um devoto: “Senhor, não há salvação para essa pessoa do mundo?”

Mestre: “Certamente que há. De tempos em tempos, deve viver na companhia dos homens santos e retirar-se para a solidão, a fim de meditar em Deus. Além do mais, deve praticar discriminação e orar: ‘Dá-me fé e devoção.’ Quando consegui ter fé, já alcançou tudo. Não há nada maior do que a fé.

(A *Kedar*): “Você já deve ter ouvido falar a respeito do poder tremendo da fé. Está escrito nos Puranas que Rama, que era o Próprio Deus – a Encarnação do Brahman Absoluto – teve que construir uma ponte para atravessar o mar até o Ceilão. Mas Hanuman, tendo fé no nome de Rama, abriu o mar e atravessou-o num pulo e alcançou o outro lado. Não teve necessidade de ponte. (*Todos riem*).

“Uma vez um homem estava prestes a atravessar o mar. Bibhishana escreveu o nome de Rama numa folha, amarrou-a na ponta da roupa do homem e disse-lhe: ‘Não tenha medo. Tenha fé e ande sobre a água. Mas olhe aqui – no momento em que perder a fé, se afogará’. O homem começou a an-

dar com facilidade sobre a superfície da água. De repente teve um imenso desejo de ver o que estava amarrado em sua roupa. Abriu o papel e apenas viu uma folha com o nome de Rama escrito. ‘O que é isto?’ pensou – ‘Apenas o nome de Rama!’ Assim que a dúvida entrou em sua mente, afundou.

“Se um homem tem fé em Deus, mesmo que tenha cometido o mais hediondo crime – tal como matar uma vaca, um brahmin ou uma mulher – certamente se salvará pela força de sua fé. Basta apenas que diga a Deus: ‘Ó Senhor! Não cometerei mais essa ação’, e não necessitará ter medo.”

Quando acabou de dizer isso, o Mestre começou a cantar:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,  
Como podes Tu, Ó Abençoado,  
Impedir minha liberação.  
Por mais pecador que eu tenha sido?  
Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer.  
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.  
Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.  
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,  
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;  
Pois pelo poder de Teu doce nome  
Minha alma pecadora ainda pode aspirar  
Possuir até o estado de Brahman.

Apontando para Narendra, o Mestre disse: “Vocês todos estão vendo esse rapaz. Aqui ele se comporta dessa maneira. Um menino travesso parece muito educado quando se encontra na presença do pai, mas torna-se outra pessoa quando brinca no chandni. Narendra e pessoas de seu tipo pertencem à classe dos sempre livres. Jamais se deixam enredar pelo mundo. Quando crescem um pouco sentem o despertar da consciência interior e dirigem-se diretamente para Deus. Vêm ao mundo somente para ensinar os outros. Jamais se importam com coisa alguma do mundo. Nunca ficam apegados a ‘mulher e ouro’.

“Os Vedas falam do homa. Essa ave mora bem alto, no céu e lá coloca os ovos. Logo que o ovo é posto, começa a cair, mas como está muito alto, o ovo continua sua queda por vários dias. À medida que cai, o ovo é chocado até que o filhote nasce. Quando a avezinha sai da casca, os olhos se abrem e as asas crescem. Compreende então, que está caindo e que ficará reduzida a pedaços se tocar o solo. Dá um arranque para cima em direção à sua mãe no céu.”

Nesse ponto da conversa, Narendra saiu do quarto. Kedar, Prankrishna, M. e outros permaneceram.

Mestre: “Veja, Narendra é superior a todos quando canta, toca instrumentos, estuda e tudo o mais. Outro dia teve uma discussão com Kedar e arrasou seus argumentos.” (*Risada geral*).

(A M.): “Há algum livro sobre a razão, em inglês?”

M.: “Sim. Chama-se Lógica.”

Mestre: “Diga-me do que se trata.”

M. estava um pouco envergonhado. Disse: “Uma parte do livro trata de dedução, partindo-se do geral para o particular. Exemplo: Todos os homens são mortais. Os intelectuais são homens. Logo todo intelectual é mortal. Uma outra trata com o método de raciocinar, partindo-se do particular para o geral. Exemplo: Esse corvo é preto. Aquele corvo é preto. Os corvos que vemos em todos os lugares são pretos. Logo, todos os corvos são pretos. Mas pode ocorrer um erro na conclusão feita dessa maneira, porque poderá existir um corvo branco em alguma parte do mundo. Uma outra ilustração: Se há chuva, há ou já houve nuvens. Em consequência, a chuva vem das nuvens. Ainda um outro exemplo: Esse homem tem trinta e dois dentes. Aquele homem tem trinta e dois dentes. Todos os homens que vemos têm trinta e dois dentes. Portanto, todos os homens têm trinta e dois dentes. A lógica inglesa trabalha com tais deduções e induções.”

Sri Ramakrishna mal ouvia essas palavras. Enquanto escutava, sua mente tornou-se ausente. Por conseguinte, a conversa não foi além.

Quando a reunião acabou, os devotos foram passear no jardim do templo. M. dirigiu-se ao Panchavati. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Depois de algum tempo voltou para o aposento do Mestre. Ali, na pequena varanda norte, presenciou uma cena maravilhosa.

Sri Ramakrishna estava em pé cercado por alguns devotos e Narendra cantava. M. jamais vira uma pessoa cantar de forma tão suave, a não ser o Mestre. Quando olhou para Sri Ramakrishna, ficou deslumbrado, porque o Mestre estava imóvel, com os olhos fixos. Parecia que nem respirava. Um devoto disse a M. que o Mestre estava em samadhi. M. jamais vira nem ouvira falar de tal coisa. Tomado

de encantamento pensava: “Será possível para um homem estar tão alheio ao mundo exterior e com a consciência em Deus? Quão profunda deve ser sua fé e sua devoção para fazê-lo atingir esse estado!”

Narendra cantava:

Medita, Ó mente, no Senhor Hari,  
O Imaculado, Puro Espírito, por todos os tempo  
Como é inigualável a Luz que brilha n’Ele!  
Como enfeitiça a alma a Sua forma maravilhosa!  
Como Ele é amado por todos os seus devotos!

Cada vez mais maravilhado no seu amor recém-florido,  
Que envergonha o esplendor de milhões de luas.  
Como relâmpago brilha a glória de Sua forma.  
Eriçando os cabelos de pura alegria.

O Mestre estremeceu quando esse último verso foi cantado. O cabelo ficou de pé e lágrimas de felicidade escorriam de suas faces. De vez em quando os lábios entreabriam um sorriso. Estaria vendo a inigualável beleza de Deus “que envergonha o esplendor de milhões de luas?” Seria isso a visão de Deus, a Essência do Espírito? Quantas austeridades e disciplinas, quanta fé e devoção são necessárias para se ter essa visão!

A canção continuou:

Adore Seus pés no lótus de seu coração:  
Com a mente serena e os olhos radiantes,  
Com amor celestial, contemple essa visão incomparável.

De novo aquele sorriso encantador. O corpo imóvel como antes, os olhos semicerrados, como que contemplando uma estranha visão interior.

A canção terminou. Narendra cantou as últimas linhas:

Apanhada na magia do êxtase do Seu amor.  
Mergulhe para sempre, Ó mente,  
N’Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O samadhi e a divina bem-aventurança que havia presenciado deixaram uma impressão indelével na mente de M. Voltou para casa profundamente tocado. De vez em quando podia ouvir dentro de si, o eco daqueles versos que inebriavam a alma.

Mergulhe para sempre, Ó mente  
N’Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O dia seguinte foi de novo, dia de folga para M. Chegou a Dakshineswar às três horas da tarde. Sri Ramakrishna estava em seu quarto: Narendra, Bhavamath e alguns devotos estavam sentados numa esteira. Eram todos jovens de dezenove e vinte anos. Sentado no divã pequeno, Sri Ramakrishna conversava com eles, sorrindo.

Assim que entrou no aposento, o Mestre riu e disse para os rapazes: “Aí está! Ele veio de novo.” Todos riram. M. inclinou-se profundamente e sentou-se. Antes saudava o Mestre com as mãos postas, como uma pessoa de educação inglesa, mas naquele dia, aprendeu a se prosternar a seus pés à moda hindu ortodoxa.

Logo em seguida o Mestre explicou a causa daquela risada para os devotos. Disse: “Certa vez um homem deu ao pavão uma pílula de ópio às quatro horas da tarde. No dia seguinte, exatamente na mesma hora, o pavão voltou. Sentira a intoxicação da droga e voltava na hora certa para tomar uma outra dose.” (*Todos riem*).

M. achou essa ilustração muito adequada. Mesmo em casa não podia tirar Sri Ramakrishna de seu pensamento, nem por um momento. Sua mente estava permanentemente em Dakshineswar e contava os minutos para lá voltar.

Nesse meio tempo, o Mestre divertia-se com os rapazes, tratando-os como se fossem seus amigos íntimos. Risadas hilariantes enchiam o quarto como se fosse um mercado de felicidade. Essa cena foi uma revelação para M. Pensou: “Ontem não o vi inebriado por Deus? Não estava ele nadando no Oceano de Amor Divino? – uma cena que nunca vi antes? E hoje, essa mesma pessoa comporta-se

como se fosse um homem comum! Não foi ele quem me censurou no primeiro dia de minha chegada aqui? Não foi ele quem me advertiu, ‘Não é você um homem de conhecimento?’ Não foi ele quem me disse que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma? Não foi ele quem me disse que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório? Não foi ele quem me aconselhou a viver no mundo de forma desapegada, como uma empregada na casa de um homem rico?”

Sri Ramakrishna estava se divertindo muito com os jovens devotos: de vez em quando olhava de relance para M. Havia reparado que M. permanecia em silêncio. O Mestre disse a Ramlal: “Veja, ele já é um pouco avançado em idade e por conseguinte, um tanto sério. Senta-se quieto enquanto os demais jovens ficam alegres.” M. estava com aproximadamente vinte e oito anos de idade.

O assunto desviou-se para Hanuman, cuja fotografia encontrava-se na parede do quarto do Mestre.

Sri Ramakrishna disse: “Imaginem só o estado mental de Hanuman. Não se importava com dinheiro, honra, comodidades ou qualquer outra coisa. Ansiava somente por Deus. Enquanto corria com a arma celestial que tinha sido escondida no pilar de cristal, Mandodari começou a tentá-lo com várias frutas para que ele descesse e deixasse cair a arma<sup>5</sup> Mas ele não podia ser enganado assim tão facilmente. Em resposta às persuasões de Mandodari, entoou a seguinte canção:

Tenho necessidade de fruta?  
 Já tenho a Fruta que torna esta vida  
 Realmente proveitosa. Dentro do meu coração  
 A Árvore de Rama cresce.  
 Dando a salvação como fruto.

Debaixo da Árvore que satisfaz todos os Desejos,  
 De Rama, sento-me à vontade  
 Colhendo qualquer fruto que deseje,  
 Mas se você falar de fruta –  
 Pedinte não sou de frutas comuns.  
 Veja, vou  
 Deixar uma fruta amarga para você.”

Enquanto cantava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. De novo os olhos semicerrados e o corpo imóvel, tal qual vemos em sua fotografia. Apenas há um minuto atrás, os devotos alegravam-se em sua companhia. Agora, todos os olhares voltavam-se para ele. Assim, pela segunda vez, M. via o Mestre em samadhi.

Depois de muito tempo, o Mestre voltou à consciência normal. O rosto brilhava com um sorriso e o corpo estava relaxado; os sentidos começaram a funcionar normalmente. Derramava lágrimas de felicidade enquanto repetia o santo nome de Rama. M. duvidava se esse verdadeiro santo era a mesma pessoa que há minutos antes, havia se comportado como um menino de circo.

O Mestre disse a Narendra e a M.: “Gostaria de ouvir vocês perguntarem e responderem em inglês.” Ambos riram mas continuaram a falar em sua língua mãe. Era impossível para M. falar mais alguma coisa diante do Mestre. Embora Sri Ramakrishna insistisse, não falaram inglês.

Às cinco horas da tarde todos os devotos, exceto Narendra e M., despediram-se do Mestre. M. passeava no jardim do templo. Inesperadamente encontrou o Mestre conversando com Narendra na borda do lago de gansos. Sri Ramakrishna dizia a Narendra: “Olhe. Venha aqui mais vezes. Você é um recém-chegado. No início as pessoas se visitam mais vezes como no caso de um homem enamorado e sua amada (*Narendra e M. riram*). Venha por favor, sim?”

Narendra, membro do Brahma Samaj, era muito cioso do cumprimento de suas promessas. Disse, com um sorriso: “Sim, senhor, vou fazer o possível.”

Quando regressavam para o quarto, disse Sri Ramakrishna a M.: “Quando os camponeses vão ao mercado a fim de comprar gado para seus arados, sabem distinguir os bons dos maus pelo simples toque em suas caudas. Quando são tocados, uns simplesmente deitam-se humildemente no chão. Os camponeses consideram-nos sem força e os rejeitam. Escolhem somente os que dão um salto e reagem quando suas caudas são tocadas. Narendra é um boi desse último tipo. Está cheio de força interior.”

<sup>5</sup> A história referida aqui está no *Ramayana*. Ravana recebeu uma graça pela qual só poderia ser morto por uma determinada arma celestial especial. Essa arma estava escondida no pilar de cristal de seu palácio. Um dia Hanuman, disfarçado de macaco comum, veio ao palácio e quebrou o pilar. Enquanto fugia com a arma, foi tentado com uma fruta por Mandodari, esposa de Ravana, a fim de que lhe devolvesse a arma. Logo assumiu sua forma e entoou a canção encontrada no texto.

O Mestre sorria enquanto dizia essas palavras e continuou: “Há algumas pessoas que não têm determinação de espécie alguma. São como arroz tostado mergulhado no leite – mole e empapado, sem qualquer força interior!”

Era o entardecer. O Mestre meditava em Deus. Disse a M.: “Vá falar com Narendra. Depois diga-me o que você pensa dele.”

O culto vespertino havia terminado nos templos. M. encontrou Narendra nas margens do Ganges e começaram a conversar. Narendra falou a respeito de seus estudos na universidade, do fato de ser membro do Brahma Samaj etc.

Já era tarde e hora de M. voltar para casa, mas como não estava com vontade, foi procurar Sri Ramakrishna. Estava fascinado pelo canto do Mestre e desejava ouvir mais uma vez. Por fim encontrou o Mestre andando de um lado para o outro no natmandir, defronte ao templo de Kali. Uma lamparina queimava em ambos os lados da imagem da Mãe Divina. Essa única lamparina, no natmandir tão grande, misturava a luz e a escuridão numa espécie de crepúsculo místico, no qual a figura do Mestre podia ser vista de uma forma velada.

M. havia ficado encantado com a música suave do Mestre. Com voz hesitante, perguntou-lhe se ainda cantaria naquela noite. “Não, essa noite não”, disse Sri Ramakrishna, depois de pensar um pouco. Então como se lembrando de alguma coisa, acrescentou: “Logo irei à casa de Balaram Bose em Calcutá. Vá lá e você me ouvirá cantar.” M. concordou em ir.

Mestre: “Você conhece Balaram Bose?”

M.: “Não, senhor.”

Mestre: “Ele mora em Bosepara.”

M.: “Sim, senhor, vou encontrá-lo.”

Sri Ramakrishna andava de um lado para o outro com M. no vestíbulo e disse-lhe: “Deixe-me perguntar-lhe: o que você pensa de mim?”

M. permaneceu em silêncio. Novamente Sri Ramakrishna perguntou: “O que você pensa de mim? Quantas annas de conhecimento de Deus eu tenho?”

M.: “Não compreendo o que quer dizer com ‘annas’, mas de uma coisa estou certo: jamais vi tanto conhecimento, amor extático, fé em Deus, renúncia e universalidade em qualquer outro lugar.”

O Mestre riu.

M. curvou-se profundamente ante ele e despediu-se. Já estava no portão principal do templo, quando subitamente, lembrou-se de algo e voltou para falar com Sri Ramakrishna, que ainda se encontrava no natmandir. Sob a luz fraca do Mestre, sozinho, andava de um lado para outro, regozijando-se no Ser - como o leão que vive e perambula sozinho pela floresta.

Num encantamento silencioso, M. examinava atentamente aquela grande alma.

Mestre (*a M.*): “O que o fez voltar?”

M.: “Talvez a casa que o senhor me pediu para ir, pertença a um importante homem rico. Pode ser que não me deixem entrar. Penso que é melhor não ir. Prefiro encontrá-lo aqui.”

Mestre: “Ó não! Por que você pensaria assim? Apenas mencione o meu nome. Diga que você quer me ver e alguém o conduzirá a mim.”

M. acenou com a cabeça e depois de saudar o Mestre, foi embora.

## CAPÍTULO II

### NA COMPANHIA DOS DEVOTOS

*11 de março de 1882*

**M**AIS OU MENOS ÀS OITO HORAS da manhã, Sri Ramakrishna, como havia sido planejado, foi para a casa de Balaram Bose em Calcutá. Era o dia da Dolayatra. Ram, Manomohan, Rakhal<sup>1</sup>, Nityagopal e outros foram com ele. M., convidado pelo Mestre, também foi.

Os devotos e o Mestre cantaram e dançaram em estado de fervor divino. Vários deles entraram em êxtase. O peito de Nityagopal encheu-se de emoção e Rakhal caiu no chão em êxtase, completamente inconsciente do mundo. O Mestre pôs a mão no peito de Rakhal e disse: “Paz. Fique tranqüilo.” Essa foi a primeira experiência de êxtase de Rakhal. Vivia com o pai em Calcutá e de vez em quando visitava o Mestre em Dakshineswar. Por esta época havia estudado durante certo tempo na escola de Vidyasagar, em Syampukur.

Quando a música terminou, os devotos sentaram-se para comer. Balaram ficou de pé humildemente como se fosse um empregado. Ninguém o tomava como o dono da casa. M. ainda era um estranho para os devotos, tendo conhecido somente Narendra em Dakshineswar.

Alguns dias depois M. visitou o Mestre em Dakshineswar. Eram entre quatro e cinco horas da tarde. O Mestre e ele estavam sentados nos degraus que levavam aos templos de Shiva. Olhando para o templo de Radhakanta do outro lado do pátio, o Mestre entrou em êxtase.

Desde a demissão de seu sobrinho Hriday do templo, Sri Ramakrishna estava sem atendente. Devido aos seus constantes estados espirituais, mal podia tomar conta de si. A falta de uma pessoa para ajudá-lo, causava-lhe grande inconveniência.

Sri Ramakrishna conversava com Kali, a Mãe Divina do universo. Disse: “Mãe, todo mundo diz: ‘Só meu relógio está certo’. Os cristãos, os brahmins, os hinduístas, os maometanos, todos dizem: ‘Só a minha religião é a verdadeira’. Mas Mãe, o fato é que o relógio de ninguém está certo. Quem pode realmente entender-Te? Mas se um homem ora a Ti com o coração ansioso, pode alcançar-Te, por Tua graça, por qualquer caminho. Mãe, um dia mostra-me como os cristãos oram a Ti em suas igrejas. Mas Mãe, o que dirão as pessoas se eu entrar em suas igrejas? Tu achas que criarão caso? Ou que não me permitirão mais entrar no templo de Kali? Mostra-me, então, como é o culto dos católicos, visto da porta da igreja.”

Outro dia, o Mestre estava sentado no divã pequeno, no seu quarto, com o costureiro semblante radiante. M. chegou com seu amigo Kalikrishna, que não sabia para onde o seu amigo o estava conduzindo. M. dissera-lhe: “Se você quer ver um local onde se vendem bebidas alcoólicas, venha comigo. Lá verá um grande jarro com vinho”. M. contou isso para Sri Ramakrishna que riu muito. O Mestre disse: “A felicidade do culto e a comunhão com Deus é o verdadeiro vinho, o vinho do amor extasiante. A meta da vida humana é amar Deus. Bhakti é a única coisa essencial. Conhecer Deus através da jnana e raciocínio é extremamente difícil”.

O Mestre cantou:

Quem existe que pode compreender o que a Mãe Kali é?  
Mesmo os seis darsanas não têm poder para revelá-La. ...

O Mestre disse de novo: “A única meta da vida é cultivar o amor a Deus, o mesmo amor que as ordenhadoras, as leiteiras e os pastores de Vrindavan sentiam por Krishna. Quando Krishna foi embora para Mathura, os pastores perambulavam chorando amargamente sua separação d’Ele.

Dizendo isso, o Mestre cantou com os olhos voltados para cima:

Há pouco vi um jovem pastor  
Com um bezerrinho nos braços.

---

<sup>1</sup> Um discípulo amado de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Brahmananda.

Ali ficou de pé, segurando em uma das mãos  
 O galho de uma árvore nova.  
 “Onde estás Tu, Irmão Kanai?” gritou:  
 Mas mal podia pronunciar “Kanai”:  
 “Ka” era o máximo que podia dizer.  
 Lamentou: “Onde estás Tu, Irmão?”  
 E os olhos encheram-se de lágrimas.

Ao ouvir esta canção do Mestre, cheia de amor, os olhos de M. encheram-se de lágrimas.

*2 de abril de 1882*

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de estar da casa de Keshab Chandra Sen em Calcutá; eram cinco horas da tarde. Quando Keshab foi informado da chegada do Mestre, veio para a sala de visitas, pronto para sair, pois ia visitar um amigo doente. Agora havia cancelado seus planos. O Mestre disse-lhe: “Você tem tantas coisas para atender. Além disso ainda tem que editar um jornal. Não tem tempo para vir a Dakshineswar, por isso, vim vê-lo. Ao saber de sua doença, prometi coco verde e açúcar à Mãe Divina para seu restabelecimento. Disse-Lhe: ‘Mãe, se alguma coisa acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá?’ ”

Sri Ramakrishna falou com Pratap e outros devotos Brahmós. M. sentou-se perto deles. Apon-tando para ele, o Mestre disse a Keshab: “Pergunte-lhe, por favor, porque não veio mais a Dakshi-neswar. Várias vezes me tem dito que não é apegado à esposa e aos filhos.” M. havia visitado o Mestre durante um mês e sua ausência durante um certo tempo havia induzido a essa observação. Sri Ra-makrishna havia pedido para lhe escrever, caso demorasse a visitá-lo.

O Pundit Samadhyayi estava presente. Os devotos Brahmós apresentaram-no a Sri Ra-makrishna, como sendo um erudito bem versado nos Vedas e outras escrituras. O Mestre disse: “Sim, posso ver o seu interior através dos seus olhos, da mesma maneira como uma pessoa pode ver os ob-jetos dentro de um aposento, através da porta de vidro.”

Trailokya cantou. Subitamente o Mestre pôs-se de pé e entrou em samadhi, repetindo o nome da Mãe. Descendo um pouco até o plano da consciência dos sentidos, dançou e cantou:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-aventurança Eterna.  
 Quando digo o nome de minha Mãe Kali:  
 Ele intoxica de tal modo a minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!  
 Primeiro meu Guru me dá melado para fazer o Vinho;  
 Meu anseio é o fermento para transformá-lo.  
 O Conhecimento, que faz o Vinho, prepara-o para mim, então:  
 E quando está pronto, minha mente absorve-o da garrafa do mantra.  
 Tomando o nome da Mãe para torná-lo puro.  
 Beba este Vinho, diz Ramprasad<sup>2</sup>, e os quatro frutos<sup>3</sup> da vida serão seus.

O Mestre olhou para Keshab com doçura, como se Keshab lhe fosse muito íntimo. Temia que Keshab pudesse vir a ser de outrem, quer dizer, se tornasse um homem do mundo. Olhando-o o Mestre continuou a cantar:

Temos medo de falar, no entanto, tememos ficar quietos;  
 Nossas mentes, Ó Radha, mal acreditam que estamos a ponto de te perder.  
 Vamos contar-te o segredo que conhecemos  
 O segredo pelo qual nós e os outros, com nossa ajuda.  
 Passamos por muitos momentos de perigo.  
 Agora tudo depende de ti.

Citando a última parte da canção, disse a Keshab: “Isto é, renuncie a tudo e invoque Deus. SóE-le é Real, tudo o mais ilusório. Sem a realização de Deus, tudo é fútil. Este é o grande segredo.”

O Mestre sentou-se novamente e começou a conversar com os devotos. Por um certo tempo, es-cutou um recital de piano, apreciando-o como se fosse uma criança. Foi, então, para os aposentos in-ternos, onde lhe serviram refrescos e as senhoras o saudaram.

<sup>2</sup> O autor da canção. É costume dos compositores de canções devocionais na Índia, mencionar seus nomes no final das can-ções.

<sup>3</sup> Dharma, artha, kama e moksha.

No momento em que o Mestre deixou a casa de Keshab, os devotos Brahmos acompanharam-no respeitosamente até a carruagem.

*Domingo, 9 de abril de 1882*

Sri Ramakrishna estava sentado com os devotos na sala de visitas de Prankrishna Mukherji em Calcutá; era entre uma e duas horas da tarde. Como o Coronel Viswanath<sup>4</sup> morava nas proximidades, o Mestre pretendia visitá-lo antes de ir ver Keshab no Lily Cottage. Vários vizinhos e outros amigos de Prankrishna tinham sido convidados para conhecer Sri Ramakrishna. Estavam todos ansiosos para ouvir suas palavras.

Mestre: “Deus e Sua glória. Este universo é Sua glória. As pessoas vêem Sua glória e esquecem-se de tudo. Não procuram Deus, cuja glória é este mundo. Todos procuram desfrutar de ‘mulher e ouro’. Mas há muita miséria e dor nisso. Este mundo é como o redemoinho de Visalakshi<sup>5</sup>. Uma vez que um bote caia ali, não há mais esperança de ser resgatado. Assim também o mundo é como um arbusto espinhoso; mal você se liberta de um espinho e já se vê às voltas com um outro. Uma vez que se entre num labirinto, é muito difícil sair. Vivendo no mundo, fica-se, por assim dizer, machucado.”

Um devoto: “Então qual é o caminho, senhor?”

Mestre: “Oração e a companhia dos homens santos. Não se pode ficar bom de uma doença sem a ajuda de um médico. Não é suficiente ficar na companhia de pessoas religiosas somente por um dia. Deve-se procurá-las constantemente, porque a doença tornou-se crônica. Também não se pode interpretar o pulso corretamente se não viver com um médico. Estando com ele constantemente, uma pessoa aprende a diferenciar a pulsação da fleuma, da pulsação da bile.”

Devoto: “Qual a vantagem da companhia santa?”

Mestre: “Ela leva à ânsia de Deus, ao amor de Deus. Nada se consegue na vida espiritual sem ânsia. Vivendo-se constantemente na companhia de homens santos, a alma torna-se inquieta por Deus. Essa ânsia é como aquela sensação experimentada pela mente de um homem que tem um doente na família. Sua mente está em desassossego constante, pensando como a pessoa vai ser curada. Ou então, uma pessoa deveria sentir uma ânsia por Deus, como aquela do homem que perdeu seu emprego e peregrina de escritório em escritório à procura de trabalho. Se é recusado num lugar por falta de vaga, volta de novo, no dia seguinte e pergunta: ‘Há vaga hoje?’

“Há uma outra maneira: orar sinceramente a Deus. Deus é nosso muito íntimo. Deveríamos dizer a Ele: ‘Ó Deus, qual é a Tua natureza? Revela-Te a mim. Tu deves revelar-Te a mim; para que outra coisa me criaste?’ Alguns devotos sikhs, uma vez me disseram: ‘Deus é pleno de misericórdia.’ Disse-lhes: ‘Mas por que chamá-Lo de misericordioso? Ele é o nosso Criador. Por que devemos ficar maravilhados se Ele é bondoso? Os pais criam os filhos. Chamamos a isso um ato de bondade? Eles têm obrigação de agirem assim.’ Por conseguinte, temos que forçar nossos pedidos a Deus. Ele é o nosso Pai e Mãe, não é? Se um filho pede sua parte na herança e deixa de comer e beber a fim de reforçar seu pedido, os pais entregam-lhe sua parte três anos antes do tempo legal. Ou então, quando uma criança pede uns trocados à sua mãe e diz repetidamente: ‘Mãe, dê-me um dinheiro. Peça-lhe de joelho!’ - a mãe, sentindo a sinceridade e incapaz de resistir por mais tempo, dá-lhe o dinheiro que ela está lhe pedindo.

“Há uma outra vantagem que advém da companhia dos santos. Ajuda a cultivar a discriminação entre o Real e o irreal. Só Deus é o Real, quer dizer, a Substância Eterna, e o mundo é irreal, isto é, transitório. Assim que uma pessoa sentir que a mente está se dirigindo para o irreal, deverá aplicar a discriminação. Tão logo o elefante estica a trompa para pegar um galho de tanchagem do jardim do vizinho, recebe um golpe de chuço de ferro do condutor.”

Um vizinho: “Por que uma pessoa possui tendências para o pecado?”

Mestre: “Na criação de Deus há todo o tipo de coisas. Ele criou homens bons e maus. É Ele quem nos dá boas e más tendências.”

Vizinho: “Neste caso, não somos responsáveis pelas nossas ações pecaminosas, somos?”

<sup>4</sup> O Residente do Governo do Nepal em Calcutá e devoto do Mestre.

<sup>5</sup> Um rio perto da cidade natal de Sri Ramakrishna.

Mestre: “Todo pecado tem seu próprio resultado. É a lei de Deus. Você queimará a língua se mastigar pimenta, não é? Na juventude Mathur<sup>6</sup> levou uma vida de dissipação: Daí sofrer tantas doenças antes de morrer.

“Pode-se não compreender isso na juventude. Examinei a fornalha da cozinha do templo de Kali quando a lenha estava queimando. No começo a madeira molhada queima bem. Não parece conter tanta umidade, mas quando está suficientemente queimada, toda umidade corre para um lugar só. Finalmente a água sai do combustível e apaga o fogo.

“Deve-se, portanto, tomar cuidado com a raiva, paixão e ganância. Lembre-se, por exemplo, do caso de Hanuman. Num acesso de raiva pôs fogo em todo Ceilão. Depois lembrou-se de que Sita estava morando numa floresta de asokas. Começou então, a tremer com medo que o fogo a atingisse.”

Vizinho: “Por que Deus criou pessoas más?”

Mestre: “É a Sua vontade, Seu jogo. Em sua maya há avidya, bem como vidya. A escuridão é necessária. Ela também exalta a glória da luz. Não há dúvida que a raiva, luxúria e ganância são más. Por que então Deus as criou? A fim de criar santos. Um homem torna-se santo ao dominar seus sentidos. Há alguma coisa impossível para um homem que dominou as paixões? Pode até realizar Deus, por Sua graça. Além disso veja como todo Seu jogo de criação perpetua-se através da luxúria.

“Pessoas más também são necessárias. Uma vez os arrendatários de uma propriedade tornaram-se insubordinados. O dono teve de enviar Golak Choudhury, um bandido. Foi um administrador tão duro que os arrendatários tremiam à simples menção do nome.

“Há necessidade de tudo. Um dia Sita disse para seu marido: ‘Rama, seria grandioso se todas as casas de Ayodhya fossem uma mansão! Encontro tantas casas velhas e dilapidadas’. ‘Mas, minha querida’, disse Rama, ‘se todas as casas fossem bonitas, o que fariam os pedreiros?’ (*Risada*). Deus criou todos os tipos de coisas. Criou árvores boas, plantas venenosas, bem como ervas daninhas. Entre os animais há bons, maus, de todos os tipos – tigres, leões, cobras e assim por diante.”

Vizinho: “Senhor, é possível se realizar Deus quando se leva a vida de um chefe de família?”

Mestre: “Certamente, mas como acabei de falar, deve-se viver na companhia santa e orar incessantemente. Deve-se chorar por Deus. Quando as impurezas da mente são lavadas assim, Deus é realizado. A mente é como uma agulha coberta de lama e Deus é como um ímã. A agulha não pode ficar presa no magneto, a não ser que esteja limpa da lama. As lágrimas lavam a lama, que nada mais é do que a luxúria, raiva, ganância e outras tendências más, bem como a inclinação para os prazeres do mundo. Logo que a lama for lavada, o ímã atrai a agulha, quer dizer, a pessoa realiza Deus. Somente os puros de coração vêem Deus. Um paciente com febre tem excesso de líquido em seu organismo. A não ser que seja removido, o que o quinino pode fazer por ele?

“Por que uma pessoa não pode realizar Deus enquanto viver no mundo? Mas, como já disse, deve-se viver em companhia santa, orar a Deus, chorar por Sua graça e de vez em quando, ficar só. A não ser que as plantas sejam no início protegidas com uma cerca, serão destruídas pelo gado.”

Vizinho: “Então os chefes de família, também, terão a visão de Deus, não é?”

Mestre: “Certamente todas as pessoas serão liberadas, mas a pessoa deverá seguir as instruções do guru: se desviar-se do caminho, sofrerá por voltar a andar nas passadas já dadas. Leva muito tempo para se conseguir a liberação. Um homem pode não conseguir numa vida, talvez tenha que realizar depois de muitos nascimentos. Sábios como Janaka cumpriram as obrigações do mundo. Executava-as, tendo Deus na mente, como as dançarinas que equilibram jarros ou bandejas nas cabeças, enquanto dançam. Já viram como as mulheres do noroeste da Índia andam, conversam e riem enquanto carregam os jarros de água na cabeça?”

Vizinho: “O senhor acabou de referir-se às instruções do guru. Como o encontrarei?”

Mestre: “Nem todos podem ter um guru. Uma tora larga de madeira flutua na água e pode carregar animais, mas um pedaço de pau afunda, se uma pessoa senta-se nele e então, afoga-se. Por isso e Deus sempre Se encarna como o Guru para ensinar a humanidade. Só Satchidananda é o Guru.

“O que é o Conhecimento? E qual é a natureza do ego? ‘Só Deus é Aquele que faz e ninguém mais’ – isso é conhecimento. Não sou eu quem faz: sou um simples instrumento em Suas mãos. Por conseguinte, digo: ‘Ó Mãe, Tu és o Condutor, eu sou a carruagem. Eu me movo da maneira como Tu me fazes mover. Faça o que me mandas fazer. Falo aquilo que me fazes falar. Não eu, não eu, mas Tu, mas Tu’.”

Da casa de Prankrishna, o Mestre foi para a do Coronel Viswanath e dali, para o Lily Cottage.

<sup>6</sup> Genro da Rani Rasmani e um grande devoto de Sri Ramakrishna que lhe proveu todo o necessário durante o período em que viveu no templo.

## CAPÍTULO III

### VISITA A VIDYASAGAR

*5 de agosto de 1882*

**O** PUNDIT ISWAR CHANDRA VIDYASAGAR nasceu no vilarejo de Beersingh, não longe de Kamarpukur, cidade natal de Sri Ramakrishna. Era conhecido por ser um grande erudito, educador, escritor e filantropo. Um dos criadores do bengali moderno, era também, bem versado na gramática e poesia sânscritas. Sua generosidade fez com que seu nome se tornasse familiar entre seus compatriotas, sendo a maior parte de sua renda distribuída entre viúvas, órfãos estudantes pobres e outras pessoas necessitadas. Sua compaixão não se limitava apenas aos seres humanos: deixou de beber leite durante anos para que os bezerrinhos não ficassem sem ele e também, não guiava carruagem com medo de machucar os cavalos. Era homem de espírito indomável, o que foi comprovado quando abandonou a posição lucrativa de reitor da Faculdade de Sânscrito de Calcutá, por causa de desavenças com as autoridades. Seu afeto pela mãe era especialmente profundo. Um dia, na falta de barco, atravessou um rio impetuoso – com risco da própria vida, para atender ao desejo de sua mãe, dele estar presente no casamento do irmão. Toda sua vida foi de uma grande simplicidade. O título Vidyasagar, que significava “Oceano de Cultura” foi-lhe dado em reconhecimento à sua vasta erudição.

Sri Ramakrishna há muito tempo, desejava visitar Iswar Chandra Vidyasagar. Sabendo que M. era professor na escola de Vidyasagar, o Mestre perguntou-lhe, “Você pode levar-me até Vidyasagar? Gostaria muito de conhecê-lo.” M. falou com Ishar Chandra a respeito do desejo de Sri Ramakrishna e o pundit concordou que M. levasse o Mestre num sábado, às quatro horas da tarde. Apenas perguntou a M. que tipo de paramahansa o Mestre era: “Ele usa roupa ocre?” M. responde: “Não, senhor. É uma pessoa fora do comum. Usa roupa com franja vermelha e chinelos polidos. Mora num quarto no templo da Rani Rasmani. Em seu quarto há um divã com colchão e mosquitoieiro. Não apresenta qualquer sinal exterior de santidade, mas a única coisa que conhece é Deus. Pensa n’Ele dia e noite.”

Na tarde de 5 de agosto, o Mestre deixou Dakshineswar numa carruagem de aluguel, acompanhado de Bhavanath, M. e Hazra. Vidyasagar vivia em Badurbagan, no centro de Calcutá, mais ou menos a seis quilômetros de Dakshineswar. Durante a viagem conversou com seus companheiros, mas quando a carruagem aproximou-se da casa de Vidyasagar, seu estado subitamente mudou e foi tomado pelo êxtase divino. Não tendo percebido isso, M. mostrou a chácara onde Raja Rammohan Roy vivera. O Mestre mostrou-se aborrecido e disse: “Não estou preocupado com essas coisas agora.” Estava entrando em êxtase.

A carruagem parou defronte da casa de Vidyasagar. O Mestre desceu, sustentado por M. e entraram. No pátio havia muitas plantas com flores. Ao entrar o Mestre disse a M., como uma criança, mostrando o botão da camisa: “Minha camisa está desabotoada. Será que isso vai ofender Vidyasagar?” “Ó não!” disse M. “Não se preocupe com isso. Nada que venha do senhor será ofensivo. O senhor não tem que abotoar a camisa”. Aceitou o que M. lhe disse, como se fosse uma criança.

Vidyasagar tinha mais ou menos sessenta e dois anos, dezesseis ou dezessete a mais do que o Mestre. Vivia numa casa de dois andares, em estilo inglês, com um lindo gramado e cercado de um muro alto. Depois de subir as escadas para o segundo andar, Sri Ramakrishna e os devotos entraram numa sala onde Vidyasagar estava sentado num canto ao fundo, em frente de uma mesa, olhando para eles. No lado direito da mesa havia um banco. Alguns amigos ocupavam cadeiras nos outros dois lados.

Vidyasagar levantou-se para receber o Mestre. Sri Ramakrishna ficou em pé diante do banco, com uma das mãos na mesa. Fitava Vidyasagar como se já se conhecessem anteriormente e sorria em estado extático. Assim permaneceu de pé por alguns minutos. De vez em quando, a fim de trazer a mente ao estado de consciência normal, dizia: “Vou beber um pouco de água.”

Nesse meio tempo, os jovens da família e alguns amigos e parentes de Vidyasagar haviam se reunido em volta deles. Sri Ramakrishna, ainda em êxtase, sentou-se no banco. Um jovem de dezessete ou dezoito anos, que tinha ido pedir a Vidyasagar ajuda financeira para sua educação, estava sentado aí. O Mestre sentou-se à pouca distância do rapaz, dizendo em estado abstrato: “Mãe, esse jovem está muito apegado ao mundo. Pertence ao Teu campo de ignorância.”

Vidyasagar pediu a alguém para trazer água e perguntou a M. se o Mestre também não desejava comer alguns doces. Uma vez que M. não havia se oposto, o próprio Vidyasagar foi para o interior da casa e trouxe os doces, que foram colocados em frente do Mestre. Bhavanath e Hazra também se serviram. Quando foram oferecidos a M., Vidyasagar disse: “Ó! Ele é como um membro da família. Não temos que nos preocupar com ele.” Com referência a um jovem devoto, o Mestre disse a Vidyasagar: “É um jovem muito bom e muito firme internamente. É como o rio Phalgu. A superfície está coberta de areia, mas se cavar, encontrará água embaixo.”

Depois de comer alguns doces, o Mestre com um sorriso, começou a conversar com Vidyasagar. Nesse ínterim, o aposento ficou cheio de gente, alguns de pé, outros sentados.

Mestre: “Ah! Hoje, afinal, vim ao oceano. Até agora havia visto canais, pântanos ou no máximo, um rio. Mas hoje, estou face a face com o sagar, o oceano.” (*Todos riem*).

Vidyasagar: (*sorrindo*): “Então leve um pouco de água salgada.” (*Risada*).

Mestre: “Ó não! Por que água salgada? O senhor não é um oceano de ignorância, mas vidya, conhecimento. O senhor é um oceano de leite condensado.” (*Todos riem*).

Vidyasagar: “Bem, o senhor pode colocar isso dessa maneira.”

O pundit ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse: “Suas ações são inspiradas por sattva. Embora rajásicas, sofrem influência de sattva. A compaixão nasce de sattva. Apesar do trabalho para o bem dos outros pertença a rajas, contudo, tal rajas tem como base, sattva e não é prejudicial. Shuka e outros sábios cultivaram a compaixão a fim de dar instrução religiosa às pessoas e ensiná-las a respeito de Deus. O senhor distribui comida e conhecimento. Isto é muito bom. Se tais atividades são feitas desinteressadamente, levam a Deus, mas a maior parte dos homens trabalham por prestígio ou mérito. Suas atividades são egoístas. Além disso, o senhor já é um siddha.”<sup>1</sup>

Vidyasagar: “Como é isso, senhor?”

Mestre (*rindo*): “Quando as batatas e outros vegetais estão bem cozidos, ficam mais macios e tenros. O senhor tem uma natureza tão tenra! É tão misericordioso!” (*Risada*).

Vidyasagar (*rindo*): “Mas quando a pasta de sementes de kala ferve torna-se bem dura.”

Mestre: “Mas o senhor não pertence a essa classe. Meros pundits são como uma fruta doente que se torna dura e não amadurece. Tal fruta não possui o frescor de uma verde, nem o sabor de uma madura. Os urubus voam muito alto no céu, mas os olhos estão na carniça aqui embaixo. Os intelectuais são considerados sábios, mas encontram-se apegados a ‘mulher e ouro’. Como os urubus, estão à procura de carniça. São apegados ao mundo da ignorância. Compaixão, amor a Deus e renúncia são as glórias do verdadeiro conhecimento.”

Vidyasagar ouviu essas palavras em silêncio. Os outros também olhavam para o Mestre, atentos a cada palavra que ele pronunciava.

Vidyasagar era muito reticente em dar instrução religiosa aos outros. Havia estudado filosofia hindu. Certa vez quando M. lhe perguntou sua opinião a respeito, disse: “Creio que os filósofos esqueceram-se de explicar o que ia em suas mentes.” Mas no seu cotidiano fazia todos os rituais da religião hindu e usava o sagrado cordão de brahmin. Sobre Deus uma vez declarou: “É realmente impossível conhecê-Lo. Qual deve ser então, o nosso dever? Parece-me que devemos viver de tal maneira que, se os outros seguirem o nosso exemplo, essa terra seria um paraíso. Todo o mundo deveria esforçar-se para fazer bem ao mundo.”

A conversa de Sri Ramakrishna versou sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: “Brahman está além de vidya e avidya, conhecimento e ignorância. Está além de maya, a ilusão da dualidade.

“O mundo consiste da dualidade de conhecimento e ignorância. Contém conhecimento e devoção, mas também, apego a ‘mulher e ouro’; honradez e iniquidade; bem e mal porém, Brahman não está apegado a nada. O bem e o mal afetam somente o Jiva, a alma individual, assim como ocorre com a retidão e a iniquidade, mas Brahman não é afetado por elas.

“Um homem pode ler o *Bhagavata* à luz de um lampião e outro pode cometer uma falsificação sob essa mesma luz, mas o lampião não é afetado. O sol derrama sua luz para os bons e para os maus.

“Vocês podem perguntar, ‘Como então, se explica a miséria, o pecado e a infelicidade?’ A resposta é que esses aplicam-se apenas ao Jiva. Brahman mantém-se intocado por eles. Há veneno na cobra; embora as pessoas possam morrer ao serem mordidas por ela, ela mesma não é afetada pelo veneno.

<sup>1</sup> Literalmente, “perfeito” ou “fervido”; a palavra é aplicada tanto para a alma perfeita como para coisas fervidas.

“O que Brahman é, não pode ser descrito. Todas as coisas do mundo – os Vedas, os Puranas, os Tantras, os seis sistemas filosóficos – foram todos maculados, como a comida que foi tocada pela língua, porque foram lidos e pronunciados pela língua. Somente uma coisa não foi maculada dessa maneira e esta é Brahman. Nunca ninguém foi capaz de dizer o que Brahman é.”

Vidyasagar (*aos amigos*): “Ó! Trata-se de uma afirmação importante. Hoje aprendi algo novo.”

Mestre: “Um homem tinha dois filhos. O pai mandou-os para um preceptor a fim de aprenderem o Conhecimento de Brahman. Depois de alguns anos voltaram da casa do preceptor e curvaram-se ante o pai. Querendo medir a profundidade do conhecimento deles a respeito de Brahman, perguntou em primeiro lugar, ao mais velho, ‘Meu filho’, disse, ‘Você estudou todas as escrituras. Diga-me agora, qual é a natureza de Brahman?’ O rapaz começou a explicar Brahman, recitando diversos versos dos Vedas. O pai não disse nada. Então fez ao menor, a mesma pergunta, mas o rapaz ficou em silêncio e manteve os olhos baixos. Nenhuma palavra saiu de seus lábios. O pai ficou satisfeito e disse-lhe: “Meu filho, você entendeu um pouco de Brahman. O que Ele é não pode ser expresso por palavras.”

“Os homens freqüentemente pensam que entenderam Brahman em toda a plenitude. Uma vez, uma formiga foi até um monte de açúcar. Um grão foi o suficiente para encher seu estômago. Pegando mais um grão com a boca, foi para casa. A caminho pensou: ‘Na próxima vez trarei o monte todo.’ É desse modo que as mentes pouco profundas pensam. Desconhecem que Brahman está além das palavras e pensamentos. Por maior que um homem seja, quanto poderá conhecer de Brahman? Shukadeva e outros sábios como ele, podem ter sido grandes formigas, mas mesmo eles não poderiam ter carregado mais do que oito ou dez grãos de açúcar!

“Pelo que foi dito nos Vedas e Puranas, sabe como isso é? Suponhamos que um homem tenha visto o oceano e alguém lhe pergunte: ‘Bem, como é o oceano?’ O primeiro homem abre a boca o mais que pode e responde: ‘Que vista! Que tremendas ondas e barulho!’ A descrição de Brahman nos livros sagrados é assim. Está descrito nos Vedas que Brahman é da natureza de Bem-aventurança – Ele é Satchidananda.

“Shuka e outros sábios chegaram até a praia do Oceano de Brahman, viram e tocaram a água. Mas segundo uma escola de pensamento, jamais mergulharam. Aqueles que o fazem não retornam ao mundo.

“Em samadhi uma pessoa atinge o Conhecimento de Brahman - realiza-O. Nesse estado o raciocínio pára completamente e a pessoa torna-se muda. Não tem o poder de descrever a natureza de Brahman.

“Uma vez uma boneca de sal quis conhecer a profundidade do oceano. (*Todos riem*). Queria contar para os outros quão profunda era a água, mas tal jamais pôde ser feito pois, assim que entrou n’água, derreteu-se. Agora, quem estava lá para dizer qual a profundidade do oceano?”

Um devoto: “Suponhamos que uma pessoa alcance o Conhecimento de Brahman em samadhi. Ele não vai falar mais?”

Mestre: “Shankaracharya<sup>2</sup> reteve o ‘ego do conhecimento’ para ensinar os outros. Depois da visão de Brahman, a pessoa torna-se silenciosa. Raciocina sobre Ele, somente enquanto não O realiza. Se você aquecer manteiga na frigideira no fogão, ela faz um chiado enquanto a água que contém não se evaporar. Quando não houver mais qualquer água a manteiga clarificada pára de chiar. Se puser esta mesma manteiga num bolo cru, chiará novamente, mas assim que o bolo ficar cozido, todos os sons desaparecem. Assim também, um homem estabelecido em samadhi desce ao plano relativo de consciência a fim de ensinar e então, fala de Deus.

“Uma abelha zumbe enquanto não estiver pousada numa flor. Torna-se silenciosa no momento que começa a sugar o mel, mas, às vezes, intoxicada pelo mel, zumbe de novo.

“Um jarro vazio faz um barulho borbulhante quando é mergulhado na água. Ao se encher torna-se silencioso. (*Todos riem*), mas se a água for despejada num outro jarro, pode-se ouvir o barulho de novo. (*Risada*).

Os rishis da antigüidade atingiram o Conhecimento de Brahman. Ninguém pode alcançar esse estado enquanto houver o menor traço de mundanismo. Como os rishis trabalharam duro! Bem cedo saíam e passavam o dia inteiro sozinhos, meditando em Brahman. À noite voltavam e alimentavam-se de um pouco de frutas e raízes. Mantinham as mentes longe dos objetos da vista, audição e tato e das outras coisas do mundo material. Assim conseguiram realizar Brahman como sua própria consciência interna.

<sup>2</sup> Um dos maiores filósofos da Índia.

“Mas no Kaliyuga, o homem sendo totalmente dependente do alimento para viver, não pode afastar totalmente a idéia de que é corpo. Nesse estado mental, não é próprio que diga ‘Eu sou Ele’. Quando uma pessoa faz todo o tipo de trabalho mundano, não deve dizer ‘Eu sou Brahman’. Os que não podem desapegar-se das coisas do mundo, que não podem tirar a idéia do ‘eu’, deveriam dizer: ‘Sou o servo de Deus; sou Seu devoto’. Pode-se, também, realizar Deus pelo caminho da devoção.

“O jnani abandona a identificação com as coisas do mundo, discriminando ‘Isto não, isto não’. Só então, pode realizar Brahman. É como subir até o terraço de uma casa, deixando atrás de si os degraus, um após o outro, mas o vijnani, que está mais próximo de Brahman, realiza algo mais. Realiza que os degraus são do mesmo material que o terraço: tijolos, cal, pó de tijolo. Que o que é realizado intuitivamente como Brahman, pelo processo de eliminação “Isto não, isto não”, parece, ter-se tornado o universo com todos os seres vivos. O vijnani vê que a Realidade que é nirguna, sem atributos, é também, saguna com atributos.

“Um homem não pode viver muito tempo no terraço. Desce de novo. Aqueles que realizam Brahman em samadhi também descem e percebem que é Brahman que havia se tornado o universo e os seres vivos. Na escala musical há as notas as, re, ga, ma, pa, dha e ni, mas ninguém pode manter a voz no ni por muito tempo. O ego não desaparece completamente. O homem descendo do samadhi percebe que é Brahman que se tornou o ego, o universo e todos os seres vivos. Isto é vijnana.

“O caminho do Conhecimento conduz à Verdade, como o caminho que combina conhecimento e amor. O caminho do amor também conduz a essa meta. O caminho do amor é tão verdadeiro quanto o do conhecimento. Todos os caminhos no final, conduzem à mesma Verdade, mas enquanto Deus mantiver o sentimento de ego em nós, é mais fácil seguir o caminho do amor.

“O vijnani vê que Brahman é imutável e sem ação, como o Monte Sumeru. Esse universo é formado dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Estão em Brahman, mas Brahman é desapegado.

“O vijnani posteriormente vê que o que é Brahman é o Bhagavan, o Deus Pessoal. Quem está além dos três gunas é o Bhagavan, com Seus seis poderes sobrenaturais. Os seres vivos, o universo, a mente, inteligência, amor, renúncia, conhecimento – todos são manifestações do Seu poder. (*Com uma risada*). Se um aristocrata não tem casa nem propriedade, ou se for forçado a vendê-las, as pessoas não o chamam mais de aristocrata. (*Todos riem*). Deus possui os seis poderes sobrenaturais. Se Ele não fosse, quem Lhe obedeceria? (*Todos riem*).

“Veja como é pitoresco esse mundo! Quantas coisas há! O sol, a lua e as estrelas, e que variedade de seres vivos! – grandes e pequenos, bons e maus, fortes e fracos – alguns dotados de muito poder, outros de menos.”

Vidyasagar: “Ele dotou uns de mais poder do que outros?”

Mestre: “Como Espírito que Tudo penetra, Ele existe em todos os seres, mesmo numa formiga, mas as manifestações de Seu Poder são diferentes em diferentes seres, do contrário, como poderia uma só pessoa pôr para correr dez, enquanto que uma outra não pode enfrentar nem mesmo uma? Por que todas as pessoas respeitam o senhor? Por acaso o senhor desenvolveu um par de chifres? (*Risada*). O senhor tem mais compaixão e cultura. Por conseguinte, as pessoas vêm lhe prestar respeito e honra. Não concorda comigo?”

Vidyasagar sorriu.

O Mestre continuou: “Não há nada na mera erudição. O objetivo do estudo é encontrar meios de conhecer Deus e realizá-Lo. Um santo possuía um livro. Ao lhe perguntarem o que continha, abriu-o e mostrou que em todas as páginas estavam escritas somente as palavras ‘Om Rama’ e nada mais.

“Qual o significado do *Gita*? É o que você encontra repetindo a palavra dez vezes. Torna-se ‘*ta-gi*,’ o que significa uma pessoa que renunciou tudo por Deus. E a lição que o *Gita* nos dá é a seguinte: ‘Ó homem, renuncie a tudo e procure somente Deus.’ Quer uma pessoa seja um monge ou um chefe de família, deve tirar todo apego de sua mente.

“Chaitanyadeva foi em peregrinação pelo sul da Índia. Um dia viu um homem lendo o *Gita*. Um outro sentado, a pouca distância, ouvia e chorava. Os olhos estavam cheios d’água. Chaitanyadeva perguntou-lhe: ‘Você compreende tudo isso?’ O homem disse: ‘Não, santo homem. Não compreendo uma só palavra do texto.’ ‘Então, por que está chorando?’ perguntou-lhe Chaitanya. O devoto disse: ‘Vejo o carro de Arjuna diante de mim. Vejo Krishna e Arjuna sentados diante dele, conversando. Vejo e choro!’

“Por que um vijnani tem atitude de amor em relação a Deus? A resposta é que a ‘consciência do eu’ permanece. Desaparece sem dúvida, em estado de samadhi, mas volta. No caso de pessoas co-

muns, o 'eu' jamais desaparece. Pode-se cortar a árvore 'aswattha', mas no dia seguinte, ela brota novamente. (Todos riem).

“Mesmo depois de se ter atingido o Conhecimento, essa 'consciência do eu' volta, não se sabe de onde. Você sonha com um tigre. Então, acorda, mas o coração continua palpitando forte! Todo sofrimento é devido ao 'eu'. A vaca grita 'Hamba!' que significa 'eu'. É por isso que ela sofre tanto. Está presa ao arado e é obrigada a trabalhar sob sol e chuva. Então pode ser morta pelo açougueiro. Do couro são feitos sapatos e também, tambores, que são batidos sem piedade. (*Risada*). Mesmo assim continua não escapando do sofrimento. Finalmente são feitas cordas de suas vísceras para os arcos usados na cardagem do algodão. Já não mais diz 'Hamba! Hamba!', 'eu! eu!' mas 'Tuhu! Tuhu!' 'Tu! Tu'. Então os sofrimentos terminam. 'Senhor, sou Teu servo. Tu és o Amo; sou o filho. Tu és a Mãe'.

“Certa vez Rama perguntou a Hanuman: 'Como é que você me vê?' Hanuman responde: 'Rama, enquanto tenho o sentimento de "eu", vejo que Tu és o todo e eu, a parte; Tu és o Amo e eu, o servo, mas quando, Ó Rama, tenho o conhecimento da Verdade, realizo que Tu és eu e eu, sou Tu'.

“O relacionamento entre amo e servo é o correto. Já que esse 'eu' deve permanecer, deixe que o patife seja o servo do Senhor.

“ 'Eu' e 'meu'- esses constituem ignorância. 'Minha casa', 'minha riqueza', 'minha cultura', 'minhas posses'- a atitude que faz uma pessoa dizer tais coisas vem da ignorância. Ao contrário, a atitude que nasce do Conhecimento é: 'Ó Deus, Tu és o Amo e todas essas coisas Te pertencem: casa, família, filhos, empregados, amigos, são Teus.'

“Deve-se constantemente lembrar-se da morte. Nada sobreviverá à morte. Nascermos para cumprir certas obrigações, como as pessoas que vêm a Calcutá a negócios. Se um visitante vai ao jardim de um homem rico, o administrador diz-lhe, 'Esse é o nosso jardim. Esse é o nosso lago etc.' Se o mesmo, porém, for demitido por alguma falta, não leva consigo nem um cesto feito de madeira de mangueira. Ele o apanha secretamente com o porteiro. (*Risada*).

“Deus ri em duas ocasiões. Primeiro quando um médico diz à mãe de um paciente, 'Não fique preocupada, mãe: certamente vou curar seu filho.' Deus ri, dizendo para Si mesmo, 'Vou tirar-lhe a vida e este homem diz que o salvará!' O médico pensa que é o mestre, esquecendo-se que Deus é o Mestre. Deus ri de novo, quando dois irmãos dividem a propriedade com uma corda, um dizendo para o outro, 'Esse lado é meu e aquele é seu.' Ri e diz para Si mesmo: “O universo todo me pertence, mas eles dizem que o possuem este ou aquele pedaço.”

“Pode alguém conhecer Deus pelo raciocínio? Seja Seu servo, entregue-se a Ele e ore.”

(A *Vidyasagar* com um sorriso): “Bem, qual é a sua atitude?”

Vidyasagar (*sorrindo*): “Algum dia lhe confidenciarei”. (*Todos riem*).

Mestre (*rindo*): “Deus não pode ser realizado pelo mero raciocínio intelectual.”

Intoxicado pelo amor divino, o Mestre cantou:

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?  
Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-La.  
É Ela, dizem as escrituras, que é o Ser Interno  
Do Yogi, que descobre no Ser toda sua alegria;  
Ela que, por Sua própria doce vontade, habita em cada ser vivo.

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe;  
Agora vocês vêm quão vasto tudo isso é? No Muladhara  
O yogi medita n'Ela e no Sahasrara;  
Quem a não ser Shiva mostra como Ela é realmente?  
No agreste do lótus Ela, brinca com Seu Par, o Cisne.<sup>3</sup>

Quando alguém aspira entendê-La, Ramprasad deve sorrir:  
Pretender conhecê-La, diz ele, é bem risível.  
Como imaginar que alguém possa atravessar a nado o oceano infinito.  
Enquanto minha mente compreendia, Ó, meu coração não:  
Embora sendo um anão, ela todavia, esforça-se para se tornar um cativo da lua.

Continuando o Mestre disse: “Vocês repararam?”

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe:  
Agora vocês vêm quão vasto tudo isso é?

<sup>3</sup> Siva, o Absoluto.

De novo o poeta diz:

Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-Las.

Ela não pode ser realizada pela simples erudição.

“Deve-se ter fé e amor. Deixe-me dizer como a fé é poderosa. Um homem ia atravessar o mar do Ceilão à Índia. Bibhishana disse-lhe: ‘Pregue isso na dobra da roupa e atravessará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre as águas, mas não o examine, senão afundará.’ O homem estava andando facilmente sobre a água – tal a força de sua fé – quando, no meio do caminho, pensou: ‘Que coisa maravilhosa foi essa que Bibhishana me deu, que posso andar mesmo sobre as águas?’ Desamarrou o embrulho e viu somente, uma folha de papel com o nome de Rama escrito. ‘Ó! Apenas isso!’ pensou e imediatamente afundou.

“Uma lenda diz que Hanuman atravessou o mar num pulo, pela força de sua fé no nome de Rama, mas o Próprio Rama teve que construir uma ponte.

“Se um homem tem fé em Deus, não precisa ter medo, mesmo que tenha cometido pecado – sim, o mais hediondo pecado.”

Então Sri Ramakrishna cantou, glorificando o poder da fé:

Se eu apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga  
Como podes Tu, Ó Abençoado,  
Impedir minha Liberação  
Por mais pecador que eu tenha sido?

O Mestre continuou: “Fé e devoção. Pode-se realizar Deus com facilidade, através da devoção. Ele é realizado através do êxtase do amor.”

Com essas palavras, o Mestre cantou de novo:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?  
Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.  
Ele é realizado através do amor extasiante, como pode você pensar n’Ele sem isso?  
Somente pela afirmação, jamais pela negação, você pode conhecê-Lo.  
Nem através dos Vedas, nem dos Tantras, nem dos seis darsanas.

É somente no elixir do amor que Ele Se delicia, Ó mente!  
Mora nas profundezas do corpo, na Alegria Duradoura.  
E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis praticam yoga através dos tempos;  
Quando o amor acorda, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Si.

É d’Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:  
Mas devo revelar o segredo aqui no mercado?  
Do que eu disse, Ó mente, advinha o que é esse Ser!.

Enquanto cantava, o Mestre entrou em samadhi. Estava sentado no banco, olhando para o oeste, as palmas das mãos juntas, o corpo ereto e imóvel. Todos olhavam para ele com muita expectativa. Vidyasagar, também, estava sem fala e não podia tirar os olhos do Mestre.

Depois de transcorrido algum tempo, Sri Ramakrishna começou a mostrar sinais de retornar ao seu estado normal. Respirou profundamente e disse com um sorriso: “Os meios de realizar Deus são o êxtase do amor e da devoção – quer dizer, devemos amar Deus, Aquele que é Brahman é, também, a Mãe.

É d’Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:  
Mas devo revelar o segredo aqui, no mercado?  
Do que eu disse, Ó mente, advinha o que é esse Ser!

“Ramprasad pede à mente somente que descubra qual a natureza de Deus. Deseja que seja entendido que é o que é chamado Brahman nos Vedas, é chamado por ele, Mãe. Aquele que não tem atributos, também os tem Aquele Brahman é também, Shakti. Quando é considerado Inativo Ele é chamado Brahman e quando é considerado como Criador, Preservador e Destruidor, Ele é chamado de Energia Primordial ou Kali.

“Brahman e Shakti são idênticos como o fogo e seu poder de queimar. Quando falamos de fogo, automaticamente significamos também, seu poder de queimar e por sua vez, o poder do fogo de queimar implica no próprio fogo. Se aceitamos um, temos que aceitar o outro.

“Somente Brahman é chamado Mãe. Isto porque a mãe é objeto de grande amor. Uma pessoa pode realizar Deus, apenas pelo amor. O êxtase de sentimento, a devoção, o amor e fé – são os meios. Ouçam essa canção:

Como é a meditação de um homem, assim é seu sentimento de amor;  
 Como é o sentimento de amor, assim é o que ele ganha  
 Se no Lago de Néctar dos pés da Mãe Kali  
 Minha mente fica imersa.  
 De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

“O que é necessário é a absorção em Deus – amando-O intensamente. O ‘Lago de Néctar’ é o Lago da Imortalidade. Um homem submergindo nele, não morre mas torna-se imortal. Algumas pessoas acham que se alguém pensar muito em Deus, a mente se desequilibra, mas isso não é verdade. Deus é o Lago de Néctar, o Oceano da Imortalidade. É chamado de ‘Imortal’ nos Vedas. Mergulhando n’Ele, uma pessoa não morre, mas na verdade, transcende a morte.

De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

“Se uma pessoa chega a amar a Deus, não tem que se preocupar muito com essas coisas. Necessita-se de um leque apenas enquanto não houver brisa. Esse leque pode ser deixado de lado, assim que a brisa do sul soprar. Portanto, qual a necessidade de um leque?

(A *Vidyasagar*): “As atividades em que o senhor está empenhado, são muito boas. É muito bom que o senhor possa fazê-las de forma desinteressada, renunciando ao egoísmo, deixando de lado a idéia de que é aquele que faz. Através dessa ação, uma pessoa desenvolve amor e devoção a Deus e por fim, O realiza.

“Quanto mais você amar a Deus, menos estará inclinado à ação. Quando a nora está esperando um bebê, sua sogra lhe dá menos trabalho. À medida que o tempo passa, ela lhe dá cada vez menos trabalho. Quando está próxima a época do parto, não lhe é permitido fazer nada, porque tal coisa poderia causar algum mal à criança ou dificuldades na hora do nascimento.

“Através dessas atividades filantrópicas o senhor, na realidade, está fazendo bem a si próprio. Se puder fazer de forma desinteressada, sua mente se tornará pura e desenvolverá amor por Deus. Assim que tiver esse amor, O realizará.

“O homem na verdade não pode ajudar o mundo. Só Deus pode fazê-lo – Aquele que criou o sol e a lua, que pôs amor no coração de seus pais, dotou as almas nobres de compaixão e os santos e devotos com amor divino. O homem que fizer algum trabalho para os outros sem interesse pessoal, estará realmente fazendo bem a si mesmo.

“Há ouro enterrado em seu coração, mas o senhor não está consciente desse fato. Está coberto por uma fina camada de argila. Assim que estiver consciente desse fato, todas as outras atividades diminuirão. Depois do nascimento da criança, a nora só se ocupa dela. Tudo o que ela faz, é apenas para a criança. Sua sogra não lhe deixa fazer qualquer serviço doméstico.

“Vá em frente. Um lenhador entrou numa floresta para cortar lenha. Um brahmachari disse-lhe: ‘Vá em frente’. Obedeceu à prescrição e descobriu algumas árvores de sândalo. Depois de alguns dias refletiu: ‘O santo mandou-me ir em frente. Não me disse para parar aqui.’ Então continuou seu caminho e descobriu uma mina de prata, mais longe ainda e descobriu uma mina de ouro e em seguida, minas de diamantes e de pedras preciosas. Com isso tornou-se um homem imensamente rico

“Pelo serviço desinteressado o amor de Deus cresce no coração. Então por Sua graça, uma pessoa realiza-O ao longo do tempo. Deus pode ser visto. Podemos conversar com Ele da mesma maneira que estou conversando com vocês.”

Numa admiração silenciosa todos ouviam as palavras do Mestre. Parecia-lhes que a Própria Deusa da Sabedoria, sentada na língua de Sri Ramakrishna, pronunciava essas palavras não somente para Vidyasagar, mas para toda a humanidade, para seu próprio bem.

Eram nove horas da noite. O Mestre estava de saída.

Mestre (*a Vidyasagar com um sorriso*): “As palavras que disse são realmente supérfluas. O senhor sabe de tudo isso, simplesmente não está consciente. Há inúmeras pedras no cofre de Varuna, mas ele mesmo não está consciente disso.”

Vidyasagar (*com um sorriso*): “O senhor pode dizer o que quiser.”

Mestre (*sorrindo*): “Ó sim. Há muitas pessoas ricas que não conhecem o nome de todos os seus servos, nem conhecem todas as coisas preciosas que estão em suas próprias casas.” (*Todos riem*).

Todos estavam maravilhados com a conversa do Mestre. De novo dirigindo-se a Vidyasagar, disse sorrindo: “Por favor vá ao templo - quero dizer, ao jardim da Rasmani. É um lugar encantador.”

Vidyasagar: “Ó sim, certamente que irei. O senhor foi tão gentil em vir me visitar, por que não retribuirei essa visita?”

Mestre: “Visitar-me? Jamais pense em tal coisa!”

Vidyasagar: “Por que, senhor? Por que diz isso? Posso pedir-lhe que me explique?”

Mestre (*sorrindo*): “O senhor vê, somos como pequenos barcos de pesca. (*Todos sorriram*). Podemos navegar em pequenos canais e águas rasas e também, em grandes rios, mas o senhor é um navio. Poderá encalhar no caminho!” (*Todos riem*).

Vidyasagar ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse com uma risada: “Mas mesmo um navio pode ir lá nesta estação.”

Vidyasagar (*sorrindo*): “Sim, é a estação das monções.” (*Todos riem*).

M. disse para si mesmo: “É realmente a estação das monções do despertar do amor. Em tais ocasiões não se liga para prestígio e formalidades.”

Sri Ramakrishna despediu-se de Vidyasagar que, juntamente com seus amigos, acompanharam-no até o portão principal, iluminando o caminho com uma vela acesa na mão. Antes de sair do aposento, o Mestre orou pelo bem-estar da família, entrando em êxtase à medida que orava.

Assim o Mestre e seus devotos chegaram ao portão e viram algo inesperado que os deixou imóveis. Um senhor barbudo de pele clara, aparentando mais ou menos trinta e seis anos, estava defronte deles. Usava roupas à moda bengali, mas tinha um turbante branco dos Sikhs. Logo que viu o Mestre, prosternou-se a seus pés com turbante e tudo.

Quando se levantou, o Mestre disse: “Quem é? Balaram? Por que chegou tão tarde?”

Balaram: “Estou esperando aqui há muito tempo, senhor.”

Mestre: “Por que o senhor não entrou?”

Balaram: “Todos estavam atentos. Não quis perturbar.”

O Mestre entrou na carruagem com seus companheiros.

Vidyasagar (*a M. baixinho*): “Devo pagar a carruagem?”

M.: “Ó não, não se preocupe. Já está tudo pago.”

Vidyasagar e seus amigos curvaram-se ante Sri Ramakrishna e a carruagem partiu para Dakshineswar, mas o pequeno grupo com o venerável Vidyasagar à frente, segurando a vela, permaneceu no portão, olhando para o Mestre até que a carruagem perdeu-se de vista.

## CAPÍTULO IV

### CONSELHO AOS CHEFES DE FAMÍLIA

13 de agosto de 1882

O MESTRE ESTAVA CONVERSANDO com Kedar e outros devotos em seu aposento. Kedar era um funcionário do Governo e havia passado muitos anos em Dacca, Bengala oriental, onde tornou-se amigo de Vijay Goswami. Os dois passavam grande parte do tempo juntos, falando sobre Sri Ramakrishna e suas experiências espirituais. Kedar já fora membro do Brahmo Samaj. Seguiu o caminho de Bhakti. Conversar sobre assuntos espirituais sempre lhe trazia lágrimas aos olhos.

Eram cinco horas da tarde, Kedar estava muito feliz naquele dia, tendo organizado um festival religioso para Sri Ramakrishna. Um cantor foi contratado por Ram e o dia inteiro foi passado com muita alegria.

O Mestre explicou aos devotos o segredo da comunhão com Deus.

Mestre: “Com a realização de Satchidananda entra-se em samadhi. Então os deveres caem. Suponhamos que eu esteja falando sobre o ostad e ele apareça. Qual a necessidade de se continuar a falar dele? Por quanto tempo a abelha zumbe? Até que pose numa flor. Não é para um sadhaka, renunciar aos deveres. Deve cumprir seus deveres tais como adoração, japa, meditação, oração e peregrinação.

“Quando virem uma pessoa ainda empenhada em raciocinar, mesmo depois de realizar Deus, podem compará-la a uma abelha que zumbe um pouco, após ter sugado o mel de uma flor.”

O Mestre estava gostando muito da música do ostad. Disse-lhe: “Há uma manifestação especial do poder de Deus, num homem que possui certos dotes especiais, como habilidade em música.”

Músico: “Qual o caminho para se realizar Deus?”

Mestre: “Bhakti é essencial. Certamente Deus existe em todas as criaturas. Quem então é um devoto? Aquele cuja mente mora em Deus. Isso, entretanto, não é possível enquanto houver egoísmo e vaidade. A água da graça de Deus não pode permanecer no alto do morro do egoísmo. Sou uma simples máquina.

(A Kedar e outros devotos): “Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Todas as religiões são verdadeiras. A coisa mais importante é atingir o terraço. Pode-se chegar lá por degraus de pedra ou de madeira, de bambu ou mesmo, por uma corda. Pode-se, também, subir por uma vara de bambu.

“Pode-se dizer que há muitos erros e superstições em outras religiões. Eu responderia: Suponhamos que haja. Todas as religiões têm seus erros. Cada um pensa que só o seu relógio dá a hora certa. É suficiente ter anseio por Deus. Basta amá-Lo e sentir-se atraído por Ele. Não sabem que Deus é o Guia Interno? Ele vê o anelo de nosso coração e a ânsia de nossa alma. Suponhamos que um homem tenha vários filhos. Os mais velhos podem chamá-lo “Baba” ou “Papa”, mas os muito pequenos podem, no máximo, chamá-lo ‘Ba’ ou ‘Pa’. Agora, o pai vai ficar zangado com aqueles que não podem chamá-lo de forma correta? O pai sabe que eles também o estão chamando, somente não têm a capacidade de pronunciar seu nome direito. Todos os filhos são iguais para o pai. Assim também, os devotos chamam somente Deus, embora por diferentes nomes. Chamam somente uma Pessoa. Deus é Uno, mas Seus nomes são vários.”

Quinta-feira, 24 de agosto de 1882

Sri Ramakrishna conversava com Hazra na longa varanda noroeste de seu quarto, quando M. chegou e saudou-o com reverência.

Mestre: “Gostaria de visitar Iswar Chandra Vidyasagar mais algumas vezes. O pintor primeiro desenha os contornos e somente depois, coloca os detalhes e cores à sua vontade. O escultor primeiro faz a imagem de barro, em seguida o molde, dá uma mão de cal e por fim, uma pintura com pincel. Todos esses passos têm que ser dados sucessivamente. Vidyasagar está completamente pronto, mas seu interior está coberto por uma fina camada. Agora ocupa-se em fazer boas ações, mas ignora o que tem em seu interior. O ouro está escondido dentro dele. Deus mora dentro de nós. Se alguém sabe disso, sente o desejo de abandonar todas as atividades e apenas orar a Deus com alma anelante.”

O Mestre falava com M., ora em pé, ora passeando de um lado para o outro, na grande varanda.

Mestre: “Necessitamos de um pouco de disciplina espiritual para conhecermos o que há dentro de nós.”

M.: “É necessário praticar-se disciplinas a vida inteira?”

Mestre: “Não, mas é imprescindível fazê-lo no começo. Depois disso não é mais necessário trabalhar-se muito. O timoneiro de pé segura o leme com firmeza, quando o barco passa através de grandes ondas, tempestades, ventos fortes ou pelas curvas de um rio. Quando um barco passa pelas curvas e o timoneiro sente um vento favorável, senta-se confortavelmente e apenas toca no timão. Em seguida abre as velas e prepara-se para fumar. Assim também, o aspirante goza de paz e calma depois de ter passado pelas ondas e tempestades de ‘mulher e ouro’.

“Alguns nascem com as características de um yogi, mas eles também têm que ter cuidado. É somente ‘mulher e ouro’ o grande obstáculo; fazem-nos desviar do caminho da yoga e joga-nos no mundanismo. Talvez tenham algum desejo de prazer. Depois de satisfazerem seu desejo, direcionam novamente suas mentes para Deus e assim, recuperam seu estado mental anterior, pronto para a prática da yoga.

“Já viu uma armadilha para peixe chamada ‘satka-kal’?”

M.: “Não senhor, nunca vi.”

Mestre: “É usada em nossa parte do país. Uma das extremidades da vara de bambu é presa no chão e a outra é curvada, onde se coloca um gancho. Deste final de vara, uma linha com um anzol fica dependurada sobre a água, a isca presa no anzol. Quando o peixe abocanha a isca, subitamente o bambu dá um salto e retoma sua posição ereta.

“Assim também, tome por exemplo os pratos de uma balança. Se um peso é colocado num dos lados, a agulha mais baixa se desloca da mais alta. A agulha mais baixa é a mente e a mais alta, Deus. O encontro das duas é Yoga.

“A não ser que a mente se torne estável, não pode haver yoga. É o vento do mundanismo que sempre perturba a mente, semelhante à chama de uma vela. Quando a chama está imóvel, diz-se que uma pessoa atingiu yoga,

“Somente ‘mulher e ouro’ são obstáculos à yoga. Analise sempre o que você vê. O que há no corpo de uma mulher? Apenas sangue, carne, entranhas e coisas semelhantes. Por que deveria uma pessoa de amar tal corpo?

“Às vezes eu tinha o hábito de assumir um estado rajásico a fim de praticar renúncia. Um dia tive o desejo de vestir uma roupa bordada em ouro, um anel no dedo e fumar um longo cachimbo. Mathur Babu providenciou todas essas coisas para mim. Usei a roupa bordada em ouro e disse para mim mesmo, depois de um certo tempo. ‘Mente! É isso que é chamada uma roupa bordada em ouro’. Então me desfiz dela. Não podia suportá-la mais. Novamente disse a mim mesmo: ‘Mente! Isto chama-se xale, isto é anel e isto, fumar um longo cachimbo.’ Desfiz-me dessas coisas de uma vez por todas e nunca mais o desejo de desfrutá-las surgiu em minha mente.”

Era o entardecer. O Mestre e M. permaneceram de pé, conversando sozinhos perto da porta, na varanda sudeste.

Mestre (*a M.*): “A mente do yogi está sempre absorta no Ser. Pode-se reconhecer tal homem, simplesmente olhando para ele. Seus olhos estão muito abertos, sem alvo certo, tal qual o olhar de uma mãe passarinho chocando os ovos. A mente inteira está dirigida para os ovos e há um olhar vago nos olhos. Pode mostrar-me um quadro como esse?”

M.: “Vou tentar obter.”

Como a noite estava chegando, os templos foram iluminados. Sri Ramakrishna estava sentado em seu divã pequeno, meditando na Mãe Divina. Passou a cantar os nomes de Deus. Queimou-se incenso no aposento onde um lampião a óleo fora aceso. Os sons das conchas e gongos flutuavam no ar, quando o culto começou no templo de Kali. O luar inundava. O Mestre novamente dirigiu-se a M.

Mestre: “Cumpra todas as suas obrigações de forma desinteressada. O trabalho que Vidyasagar realiza é muito bom. Procure sempre cumprir seus deveres, sem desejar qualquer resultado.”

M.: “Sim, senhor. Posso saber se uma pessoa pode realizar Deus enquanto leva a cabo seus deveres? Podem ‘Rama’ e ‘desejo’ coexistirem? Outro dia li num verso hindi: ‘Onde está Rama, não pode haver qualquer desejo; onde está o desejo, Rama não pode estar’.”

Mestre: “Todos, sem exceção, fazem um trabalho. Mesmo cantar o nome e as glórias do Senhor é trabalho; também, é a meditação não-dualista ‘Eu sou Ele’. Respirar é uma atividade. Não há como renunciar completamente à ação e portanto, faça seu trabalho, mas entregue os frutos a Deus.”

M.: “Senhor, posso me esforçar para ganhar mais dinheiro?”

Mestre: “É permitida tal coisa a fim de manter uma família religiosa. Pode-se aumentar a renda familiar, mas de forma honesta. A meta da vida não é ganhar dinheiro, mas servir a Deus. O dinheiro não é prejudicial se for dedicado ao serviço de Deus.”

M.: “Por quanto tempo um homem tem obrigações com esposa e filhos?”

Mestre: “Enquanto tiverem necessidade de comida e roupa, mas uma pessoa não tem responsabilidade em relação a um filho, quando este estiver em condições de se manter. Quando a avezinha já tiver condições de encontrar seu próprio alimento, a mãe a bica se ela lhe pedir comida.”

M.: “Por quanto tempo deve uma pessoa cumprir seus deveres?”

Mestre: “As flores caem quando a fruta aparece. Não se tem que cumprir qualquer dever, depois de ter alcançado Deus, nem sentir-se inclinado a fazê-lo.

“Se um bêbado bebe muito, não pode controlar sua consciência. Se tomar apenas dois ou três copos, pode continuar seu trabalho. À medida que se aproxima cada vez mais de Deus, Ele irá reduzindo pouco a pouco suas atividades. Não tenha medo.

“Termine os poucos deveres que tem em mãos e terá paz. Quando a dona de casa vai tomar banho, depois de ter acabado de cozinhar e fazer os outros serviços domésticos, por mais que alguém grite por ela, não voltará ao trabalho.”

M.: “Senhor, o que significa realizar Deus? O que quer dizer visão de Deus? Como alcançá-la?”

Mestre: “De acordo com os vaishnavas, os aspirantes e os videntes de Deus estão divididos em diferentes grupos. Esses são o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas pôs o pé no caminho é chamado pravartaka. É chamado de sadhaka quando já há algum tempo vem praticando disciplinas espirituais como adoração, japa e meditação e cantando o nome e as glórias de Deus. Chama-se siddha aquele que sabe, por experiência interna, que Deus existe. A Vedanta faz uma analogia para explicar tal fato. O dono de uma casa está dormindo num quarto escuro e uma pessoa bate à porta para encontrá-lo. Toca no divã e diz: ‘Não, não é ele’. Toca na janela e diz, ‘Não, não é ele’. Toca na porta e diz, ‘Não, não é ele’. Tal processo é chamado na Vedanta ‘Neti, neti’, ‘Isto não, isto não’. Por fim toca o corpo do dono da casa e exclama, ‘Aqui está!’. Em outras palavras, está consciente da ‘existência’ do senhor. Encontrou-o, mas ainda não o conhece intimamente.

“Há um outro tipo, conhecido como siddha do siddha, o ‘supremamente perfeito’. É bem diferente quando uma pessoa fala ao dono da casa intimamente, quando conhece Deus com muita intimidade através do amor e da devoção. Um siddha atingiu Deus sem qualquer dúvida, mas o ‘supremamente perfeito’ conhece Deus intimamente.

“Para se realizar Deus, deve-se adotar uma dessas atitudes: santa, dasya, sakhya, vatsalya ou madhur.

“Santa é a atitude serena. Os rishis de outrora tiveram essa atitude em relação a Deus. Não almejavam qualquer gozo material. É como a devoção exclusiva da esposa para seu marido. Ela sabe que seu marido é a personificação do amor e beleza, um verdadeiro Madan.

“Dasya é a atitude do servo para com seu senhor. Hanuman tinha essa atitude com relação a Rama. Sentia a força de um leão quando trabalhava para Rama. Uma esposa também tem essa atitude. Serve seu marido com todo o coração e alma. Uma mãe também tem um pouco dessa atitude, como Yashoda teve com Krishna.

“Sakhya, atitude de amizade. Os amigos dizem uns para os outros: ‘Venham aqui e sentem-se perto de mim’, Sridama e outros amigos às vezes alimentavam Krishna com fruta que já haviam provado e às vezes, pulavam em Seus ombros.

“Vatsalya, a atitude de uma mãe em relação a seu filho. Tal era a atitude de Yasoda para com Krishna. A esposa, também, tem um pouco desse sentimento. Alimenta seu marido com seu próprio sangue de vida, por assim dizer; a mãe só fica satisfeita quando a criança comeu a quantidade que seu coração pede. Yashoda perambulava com manteiga na mão, para alimentar Krishna.

“Madhur, a atitude da mulher para seu amante. Radha tinha essa atitude em relação a Krishna. A esposa sente-se assim, por seu marido. Essa atitude inclui todas as outras quatro.”

M.: “Quando uma pessoa vê Deus, ela O vê com esses olhos?”

Mestre: “Deus não pode ser visto com esses olhos físicos. Ao longo da disciplina espiritual adquire-se o ‘corpo do amor’, dotado de ‘olhos do amor’, ‘ouvidos do amor’, etc. Vê-se Deus com esses ‘olhos do amor’. Ouve Deus com ‘ouvidos do amor’. Tem-se mesmo um órgão sexual feito do amor.”

Ao ouvir essas palavras, M. caiu na gargalhada. O Mestre, porém, sem se aborrecer continuou: “Com esse ‘corpo do amor’ a alma comunga com Deus.”

M. tornou-se novamente sério.

Mestre: “Mas isso só é possível com um amor intenso por Deus. Uma pessoa vê somente Deus em todos os lugares, quando O ama intensamente. É o mesmo que uma pessoa com icterícia, que vê tudo amarelo. Sente então; “Sou realmente Ele.”

“Um bêbado, profundamente embriagado, diz, ‘Sou realmente Kali!’ As gopis intoxicadas de amor, exclamam, ‘Realmente sou Krishna!’

“Quem pensa em Deus dia e noite, O vê em todos os lugares, é como um homem que fica vendo chamuscas em todos os lados, depois de ter olhado fixamente para uma, durante algum tempo.”

“Mas aquela não é uma chama real, um pensamento passou rápido pela mente de M.

Sri Ramakrishna, que podia ler os pensamentos mais recônditos de uma pessoa, disse: “Não se perde a consciência se pensar n’Ele que é todo Espírito, toda Consciência. Shivanath certa vez comentou que pensar muito em Deus perturba o cérebro. Eu, porém, disse-lhe: ‘Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente quando pensa na Consciência?’ ”

M.: “Sim, senhor, compreendo. Não é como pensar num objeto irreal. Como pode um homem perder sua inteligência se fixa sempre a mente n’Ele cuja natureza verdadeira é inteligência eterna?”

Mestre (*com alegria*): “É pela graça de Deus que se compreende isso. As dúvidas da mente não desaparecerão sem Sua graça. As dúvidas não desaparecem sem a Auto-realização.

“Mas uma pessoa nada tem a temer, se recebeu a graça de Deus. É fácil uma criança tropeçar quando segura a mão de seu pai, mas não há esse perigo se é o pai quem segura sua mão. Um homem nada mais tem a sofrer, se Deus remove todas as dúvidas, por Sua graça e revela-Se a ele. Tal graça, porém, só desce sobre ele depois de ter orado com intenso anseio do coração e praticado disciplinas espirituais. A mãe sente pena de seu filho quando o vê correndo de um lado para o outro, já sem fôlego. Ela vinha se escondendo, mas agora, aparece diante da criança.”

“Mas por que Deus nos faz correr de um lado para o outro?” pensou M.

Imediatamente Sri Ramakrishna disse: “É Sua vontade que corramos um pouco. É um grande divertimento. Deus criou o mundo como se fosse um grande espetáculo. Isto é chamado Mahamaya, a Grande Ilusão. Por conseguinte, devemos refugiar-nos na Mãe Divina, o Próprio Poder Cósmico. É Ela quem nos prendeu nos grilhões da ilusão. A realização de Deus só é possível depois que essas cadeias forem cortadas.”

O Mestre continuou: “Uma pessoa deve propiciar a Mãe Divina, a Energia Primordial, para obter a graça de Deus. O Próprio Deus é Mahamaya que engana o mundo com Sua ilusão e confere a magia da criação, preservação e destruição. Ela estendeu esse véu de ignorância diante de nossos olhos. Só podemos penetrar na câmara interior, se Ela nos deixar passar pela porta. Vivendo no exterior, apenas vemos os objetos exteriores e não, o Ser Eterno, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. É por isso que se diz nos Puranas, que as divindades como Brahman pediam à Mahamaya, a destruição dos demônios como Madhu e Kaitabha.

“Somente Shakti é a raiz do universo. Essa Energia primordial tem dois aspectos: vidya e avidya. Avidya ilude. Avidya proclama ‘mulher e ouro’ que encanta a todos. Vidya promove devoção, gentileza, sabedoria e amor que levam a Deus. Essa Avidya deve ser propiciada e esse é o propósito dos ritos do culto de Shakti<sup>1</sup>.

“O devoto toma diversas atitudes perante Shakti, a fim de propiciá-La; a atitude de uma empregada, de ‘herói’ ou de filho. A atitude de ‘herói’ é para agradá-La do mesmo modo que um homem agrada a mulher durante o ato sexual.

“A adoração à Shakti é extremamente difícil. Não é brincadeira. Passei dois anos como serva e companheira da Mãe Divina, mas a minha atitude foi sempre a de um menino em relação à sua mãe. Olho os seios de qualquer mulher como os de minha própria mãe.

“Todas as mulheres são a verdadeira imagem de Shakti. No noroeste da Índia, a noiva segura uma faca por ocasião da cerimônia de casamento: em Bengala, um quebra-nozes. O significado disso é que, o noivo com a ajuda da noiva, que é a personificação do Poder Divino, cortará os laços da ilusão. Essa é a atitude de ‘herói’. Jamais adorei a Mãe Divina dessa maneira. Minha atitude foi sempre a de um filho para com sua Mãe.

“A noiva é realmente a própria personificação de Shakti. Você já notou que durante a cerimônia de casamento, o noivo senta-se atrás como um idiota? Mas a noiva – ela fica em tanta evidência!

“Depois de alcançar Deus, esquece-se de Seu esplendor externo, as glórias de Sua criação. Não se pensa mais nas glórias de Deus, depois de tê-Lo visto. Um devoto depois de submerso na Bem-

<sup>1</sup> Nesse culto a mulher é olhada como a representação da Mãe Divina.

aventurança Divina, não mais cogita das coisas externas. Quando vejo Narendra não preciso perguntar-lhe: “Qual é o seu nome? Onde você mora?” Há razão para tais perguntas? Um homem, uma vez, perguntou a Hanuman em que dia da quinzena estavam. ‘Irmão’, disse Hanuman, ‘Não sei nada a respeito dos dias da semana, ou da quinzena ou da posição das estrelas. Só penso em Rama!’”

*16 de outubro de 1882*

Era uma segunda-feira, poucos dias antes do Durga Puja, festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna estava muito feliz, porque Narendra estava com ele. Narendra havia trazido ao templo, dois ou três jovens membros do Brahma Samaj. Além deles, Rakkhal, Hazra e M. estavam com o Mestre.

Narendra tomou sua refeição do meio-dia com Sri Ramakrishna. Em seguida, uma cama improvisada foi arrumada no chão do quarto do Mestre, para os discípulos descansarem um pouco. Uma esteira foi estendida, sobre a qual colocaram um acolchoado coberto por um lençol branco. Algumas almofadas e travesseiros completavam essa cama simples. Como uma criança, o Mestre sentou-se perto de Narendranath na cama. Conversava com os devotos com muita alegria. Um sorriso radiante iluminava seu rosto e com os olhos fixos em Narendra, dava-lhes vários ensinamentos espirituais, entremeando-os com incidentes de sua própria vida.

Mestre: “Depois de ter experimentado samadhi, minha mente ansiou intensamente para ouvir falar somente de Deus. Eu sempre procurava lugares onde estavam lendo ou explicando os livros sagrados, tais como o *Bhagavata*, o *Mahabharata* e o *Adhyatma Ramayana*.

“Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Uma vez, enquanto estava em Vrindavan, senti sede e foi até um poço. Perto, viu um homem. Ao lhe pedir que pegasse um pouco de água, o homem disse-lhe: ‘Pertencço a uma casta inferior. O senhor é um brahmin. Como posso apanhar água para o senhor?’ Krishnakishore respondeu-lhe: ‘Toma o nome de Shiva, repetindo o Seu santo nome, você se tornará puro’. O homem de casta inferior fez o que ele lhe mandara e Krishnakishore, um brahmin ortodoxo, bebeu a água. Que tremenda fé!

“Um dia um santo chegou às margens do Ganges e passou a viver perto do ghat de banho de Ariadaha, não longe de Dakshineswar. Pensamos fazer-lhe uma visita. Disse a Haladhari: ‘Krishnakishore e eu vamos ver um santo. Você quer vir conosco?’ Haladhari respondeu: ‘Qual a vantagem de se ver um simples corpo humano, que não é superior a uma ‘jaula de argila’? Haladhari era um estudante do *Gita* e da filosofia Vedanta e por conseguinte, considerava o santo como uma simples ‘jaula de argila’. Repeti o comentário a Krishnakishore que, com muita raiva, disse: ‘Como Haladhari foi imprudente em fazer tal comentário! Como pode ele ridicularizar como uma ‘jaula de argila’ o corpo de um homem que pensa constantemente em Deus, que medita em Rama e que a tudo renunciou por amor ao Senhor? Ele não sabe que um homem assim é a personificação do Espírito? Ficou tão chocado com o comentário de Haladhari que passou a lhe virar o rosto sempre que o encontrava no templo e deixou de lhe dirigir a palavra.

“Uma vez Krishnakishore perguntou-me: ‘Por que o senhor deixou de lado o cordão sagrado?’ Naqueles dias da visão de Deus, sentia-me como se estivesse no meio da grande tempestade de Ashwin<sup>2</sup> e que tudo havia desaparecido de mim. Não sobrou qualquer traço de minha antiga personalidade. Perdi toda consciência do mundo, mal podia ficar vestido, para não falar do cordão sagrado! Disse a Krishnakishore: ‘Ah! Você me compreenderá se um dia ficar intoxicado por Deus, como eu estava’.

“E de fato isto chegou a acontecer. Ele também passou por um estado de intoxicação de Deus, quando apenas repetia a palavra Om e trancava-se em seu quarto. Seus parentes pensaram que estivesse ficando realmente louco e chamaram um médico. Ram Kaviraj de Natagore veio vê-lo. Krishnakishore disse-lhe: ‘Cure minha doença se isso lhe agrada, mas não o meu Om.’ (*Todos riem*).

“Um dia fui visitá-lo e encontrei-o muito pensativo. Quando lhe perguntei o motivo, respondeu: ‘O coletor de impostos esteve aqui. Ameaçou-me carregar meus copos, jarras e outros utensílios de latão, se eu não pagar o imposto. Por isso estou muito preocupado’. Disse-lhe: ‘Mas por que haveria você de se preocupar? Deixe-o levar os potes e as panelas, deixe-o mesmo prender seu corpo. O que isso lhe poderá afetar? Sua natureza é a de Kha!’ (*Narendra e os outros riem*). Costumava dizer-me que era o Espírito que Tudo penetra, como o céu. Tinha tirado essa idéia do *Adhyatma Ramayana*. Eu

<sup>2</sup> O Mestre referia-se ao grande ciclone de 1864.

costumava implicar com ele, de vez em quando, chamando-o de ‘Kha’. Portanto, disse-lhe aquele dia, com um sorriso: ‘Você é Kha. Os impostos não podem afetá-lo!’

“Naquele estado de intoxicação divina, eu costumava dizer a todos, o que pensava. Não respeitava ninguém. Mesmo a homens de posição social importante, não tinha medo de falar a verdade.

“Um dia Jatindra<sup>3</sup> foi à chácara de Jadu Mallick. Eu também estava lá e perguntei-lhe: ‘Qual é o dever de um homem? Não é nosso dever pensar em Deus?’ Jatindra respondeu: ‘Somos homens do mundo. Como nos é possível atingir a liberação? Mesmo o rei Yudhisthira teve que passar pela experiência da visão do inferno.’ Isto me deixou muito zangado. Disse-lhe: ‘Que tipo de homem é o senhor? De todos os acidentes da vida de Yudhisthira, o senhor só se recorda do incidente do inferno. Não se lembra de sua veracidade, sua tolerância, sua paciência, sua discriminação, seu desapego e sua devoção a Deus’. Já estava a ponto de dizer muitas coisas quando Hriday fez-me calar. Logo em seguida Jatindra saiu, alegando que tinha um outro compromisso para atender.

“Muitos dias depois fui com o Capitão ver Raja<sup>4</sup> Sourindra Tagore. Assim que o vi, disse-lhe: ‘Não posso dirigir-me ao senhor como “Raja” ou qualquer outro título, porque estaria mentindo.’ Conversamos alguns minutos, mas nossa conversa foi constantemente interrompida pelas visitas de europeus e outros. Homem de temperamento rajásico, Sourindra ocupava-se naturalmente com muitas coisas. Jatindra, seu irmão mais velho, foi informado de minha chegada, mas ele mandou dizer que estava com dor de garganta e não poderia ver-me.

“Um dia, naquele estado de intoxicação divina, fui ao ghat de banho no Ganges, em Baranagore. Lá vi Jaya Mukherji repetindo o nome de Deus, mas sua mente estava distante. Subi e dei-lhe duas bofetadas nas faces.

“Outra vez Rani Rasmani estava passando uns tempos no templo. Veio até o altar da Mãe Divina, como fazia freqüentemente, enquanto eu celebrava o culto de Kali e pedi-me para entoar uma ou duas canções. Enquanto cantava, percebi que ela estava arrumando as flores para o culto com a mente distraída. Imediatamente esbofetei-a. Ela ficou bastante embaraçada e sentou-se com as mãos postas.

“Alarmado com meu estado mental, disse a meu primo Haladhari. ‘Veja minha natureza! Como posso livrar-me dela?’ Após orar, com fervor, à Mãe Divina, consegui acabar com esse hábito.

“Quando alguém se encontra em tal estado mental só sente prazer em conversas a respeito de Deus. Costumava chorar quando ouvia as pessoas falarem de coisas mundanas. Quando acompanhei Mathur Babu numa peregrinação, passamos alguns dias em Benares, na casa de Raja Babu. Um dia eu estava sentado na sala com Mathur Babu, Raja Babu e outros. Ouvindo-os falar sobre diversos assuntos mundanos, tais como perdas financeiras etc., chorei amargamente e disse à Mãe Divina: ‘Mãe, onde Tu me trouxeste? Estava muito melhor no templo de Dakshineswar. Aqui estou num lugar em que tenho ouvir a respeito de “mulher e ouro”, mas em Dakshineswar poderia evitar isso’.”

O Mestre pediu aos devotos, sobretudo a Narendra, Latu<sup>5</sup>, M., Hazra e Priya, amigo Brahma de Narendra, estavam presentes. O canto foi acompanhado pelo tambor.

Medite, Ó mente minha, no Senhor Hari,  
O Imaculado, Puro Espírito por todos os tempos.  
Como é inigualável a Luz que brilha n’Ele  
Como enfeitiza a alma, Sua forma maravilhosa!  
Como Ele é amado por todos os seus devotos! ...

Depois dessa canção, Narendra cantou:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção  
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade  
Iluminará o altar mais interior do meu coração?  
Quando mergulharei, afinal, sempre contemplando-O?  
No Oceano de Alegria?  
Senhor, como Sabedoria Infinita, Tu entrarás em minha alma  
E minha mente inquieta, tornada sem fala por Tua visão.  
Encontrará um refugio em Teus pés.  
No firmamento do meu coração, Tu surgirás

<sup>3</sup> Um aristocrata de Calcutá.

<sup>4</sup> Um título dado a Sourindra pelo Governo da Índia. A palavra “raja”, na realidade significa, “aquele que governa um reino”.

<sup>5</sup> Um jovem discípulo do Mestre, que mais tarde se tornou um monge com o nome de Swami Adbhutananda.

Como Imortalidade Bem-aventurada.  
 E como, quando o chakora contempla a lua que surge.  
 Brinca de um lado para o outro, por simples alegria.  
 Assim, também, ficarei cheio de felicidade celestial  
 Quando Tu apareceres para mim.

Tu, Uno sem segundo, todo Paz, Rei dos Reis!  
 Em Teus amados pés renunciarei minha vida  
 E assim finalmente, atingirei a meta da vida:  
 Gozarei a felicidade do céu ainda aqui na terra!  
 Onde mais é concedido um favor tão raro?  
 Então verei Tua glória, pura e imaculada  
 Como a escuridão foge da luz, assim, meus piores pecados  
 Abandonam-me com a aproximação de Tua aurora  
 Acende em mim, Ó Senhor, o fogo ardente da fé  
 A fim de ser a minha estrela guia  
 Ó Socorro dos fracos, concede meu único desejo!  
 Então banharei tanto o dia como a noite  
 Na felicidade ilimitada do Teu amor, me esquecerei totalmente  
 Ó Senhor, ao alcançar-Te.

Narendra cantou novamente:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus  
 Até que no Teu coração o néctar transborda  
 Bebe-o incessantemente e divide-o com todos!  
 Se algum dia Teu coração secar queimado pelas chamas  
 Do desejo humano, canta o doce nome de Deus.  
 E o amor celestial umidecerá tua alma árida.

Fique certa, Ó mente, de que jamais te esquecerás de cantar  
 O Teu santo nome quando olhar o teu rosto,  
 Chama-O, teu Pai Misericordioso:  
 Com o trovão de Seu nome, quebra as cadeias do pecado!  
 Venha, vamos satisfazer os desejos de nossos corações  
 Bebendo inteiramente da Alegria Duradoura,  
 Tornada una com Ele no puro êxtase do amor.

Agora Narendra e os devotos começaram a cantar o kirtan acompanhados pelo tambor e pelos pratos. Andavam em volta do Mestre cantando:

Mergulhe para sempre, Ó mente  
 N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

Em seguida cantaram:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção  
 Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade  
 Iluminará o altar mais íntimo do meu coração? ...

Por fim o próprio Narendra estava tocando os tambores e cantou com o Mestre, cheio de alegria:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus...

Quando a música acabou, Sri Ramakrishna abraçou Narendra por um longo tempo e disse: “Você nos fez muito felizes hoje.” A comporta do coração do Mestre estava tão aberta aquela noite, que mal podia se conter de alegria. Eram oito horas da noite. Intoxicado pelo amor divino, caminhava de um lado para o outro, ao longo da varanda norte de seu aposento. De vez em quando podia-se ouvi-lo, conversando com a Mãe Divina. Subitamente disse com a voz exaltada: “O que Tu podes me fazer?” Estava ele dando a entender que maya não tinha poder sobre ele, uma vez que possuía a Mãe Divina como seu suporte?

Narendra, M. e Priya iam passar a noite no templo. Isto alegrou muito o Mestre, sobretudo porque Narendra cantaria com ele. A Santa Mãe<sup>6</sup>, que estava morando no nahabat, havia preparado a ceia. Surendra<sup>7</sup> pagava a maior parte das despesas do Mestre. A refeição estava pronta e os pratos tinham sido colocados na varanda sudeste do aposento do Mestre.

Perto da porta leste de seu quarto, Narendra e outros devotos conversavam.

Narendra: “O que você pensa dos jovens de hoje?”

M.: “Não são ruins mas não recebem qualquer instrução religiosa.”

Narendra: “Mas segundo minha experiência, creio que vão por um mal caminho. Fumam, mantêm conversas frívolas, são afetados, preguiçosos e outras coisas parecidas. São até vistos frequentando lugares questionáveis.”

M.: “Não notei essas coisas nos nossos dias de estudante.”

Narendra: “Talvez você não tenha se misturado com os estudantes intimamente. Vi-os conversando com pessoas de caráter imoral. Talvez sejam íntimos deles.”

M.: “É muito estranho.”

Narendra: “Soube, também, que muitos adquirem maus hábitos. Gostaria que os responsáveis e as autoridades ficassem atentas a essas coisas.”

“Estavam assim conversando, quando Sri Ramakrishna, aproximando-se, perguntou-lhes com um sorriso: “Bem, de que estão falando?”

Narendra: “Estava perguntando a M. a respeito dos jovens nas escolas. A conduta deles hoje em dia não é o que deveria ser.”

O Mestre fez uma expressão grave e disse a M. um tanto seriamente: “Esse tipo de conversa não é boa. Não é bom que se fale de outra coisa que não seja Deus. Você é o mais velho e inteligente. Não deveria tê-los encorajado a falar desses assuntos.”

Narendra tinha mais ou menos dezenove anos e M., vinte e oito. Assim repreendido, M. sentiu-se constrangido e os outros permaneceram em silêncio.

Enquanto os devotos comiam, Sri Ramakrishna em pé, observava-os com grande alegria. Naquela noite a felicidade do Mestre era muito grande.

Depois de comerem, os devotos foram descansar na esteira estendida no chão do quarto do Mestre. Começaram a conversar com ele. Parecia mesmo um mercado de felicidade. O Mestre pediu a Narendra para cantar a canção que começasse com o verso: “No firmamento da Sabedoria, a lua do Amor está surgindo cheia.”

Narendra cantou e os outros devotos tocaram tambores e pratos:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.  
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.  
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!

De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua;  
Seu Amigo, o Senhor misericordioso, alegremente brinca com eles.  
Olhem! As portas do paraíso estão de par em par abertas.

O suave vento da primavera do Novo Dia levanta ondas refrescantes de alegria.  
Gentilmente carrega para a terra a fragrância do Amor de Deus.  
Até que todos os yogis embriagados de felicidade, estejam mergulhados em êxtase.

No mar do mundo desabrocha o lótus do Novo Dia  
E aí a Mãe sentia-se entronada em majestade venturosa.  
Vejam como as abelhas estão loucas de alegria, sorvendo pouco a pouco o néctar ali!

Contemplem a face radiante da Mãe, que tanto encanta o coração  
E cativa o universo! Em Seus Pés de Lótus  
Bandos de homens santos extasiados dançam alegremente.

Que encanto incomparável é o d’Ela! Que felicidade infinita!  
Invade o coração quando Ela aparece! Ó irmãos, diz Premdas:  
Humildemente lhes imploro a cada um, cantem a canção da Mãe!

Sri Ramakrishna cantou e dançou com os devotos que dançaram à sua volta.

<sup>6</sup> Por esse nome a esposa de Sri Ramakrishna era conhecida entre os devotos.

<sup>7</sup> Nome pelo qual Sri Ramakrishna dirigia-se a Suresh Mitra, um amado discípulo chefe de família.

Quando a canção acabou o Mestre começou a andar de lá para cá, na varanda nordeste onde Hara estava sentado com M. O Mestre sentou-se e perguntou a um devoto: “Você sonha sempre?”

Devoto: “Sim, senhor. Outro dia tive um sonho estranho. Vi o mundo inteiro envolvido em água. Havia água por todos os lados. Somente alguns barcos podiam ser vistos, mas de repente, imensas ondas apareceram e afundaram-nos. Estava a ponto de embarcar com algumas pessoas, quando vi um brahmin andando sobre as águas. Perguntei-lhe: ‘Como pode o senhor caminhar sobre as águas?’ O brahmin respondeu-me com um sorriso: ‘Ó, não há qualquer dificuldade. Há uma ponte debaixo d’água.’ Disse-lhe: ‘Onde o senhor vai?’ ‘A Bhawanipur, a cidade da Mãe Divina’, respondeu. ‘Espere um pouco’, gritei, ‘Vou lhe acompanhar.’ ”

Mestre: “Ó, estou muito impressionado, ouvindo essa história.”

Devoto: “O brahmin disse: ‘Estou com pressa. Você ainda terá um certo tempo para sair do barco. Adeus. Lembre-se desse caminho e siga-me num outro barco.’ ”

Mestre: “Ó! Meu cabelo está de pé! Por favor seja iniciado por um guru o mais breve possível.”

Um pouco depois da meia-noite, Narendra e outros devotos foram se deitar no quarto do Mestre.

Ao amanhecer alguns devotos levantaram-se e viram o Mestre nu como uma criança, andando de um lado para o outro no quarto, repetindo os nomes de vários deuses e deusas. Sua voz era doce como néctar. Ora olhava para o Ganges, ora parava em frente dos quadros e curvava-se diante deles, cantando o tempo todo, os seus santos nomes, com voz suave. Cantou: “Veda, Puranas, Tantras, Gita, Gayatri, Bhagavata, Bhakta, Bhagavan.” Referindo-se ao *Gita*, repetiu inúmeras vezes: “Tagi, tagi, tagi<sup>8</sup> ” e de vez em quando dizia: “Ó Mãe, Tu és realmente Brahman e Tu és realmente Shakti. Tu és Purusha e Tu és Prakriti. Tu és Virat. Tu és o Absoluto e Tu Te manifestas como o Relativo. Tu és realmente os vinte e quatro princípios cósmicos.”

Nesse meio tempo, o serviço já tinha começado nos templos de Kali e Radhakanta. Sons das conchas acústicas e pratos pairavam no ar. Os devotos saíram do quarto e viram os sacerdotes e empregados apanhando flores no jardim para o culto nos templos. Do nahabat flutuava a suave melodia dos instrumentos musicais, apropriados para aquela hora da manhã.

Narendra e outros devotos terminaram suas obrigações da manhã e vieram até o Mestre. Com um doce sorriso nos lábios, Sri Ramakrishna estava de pé na varanda nordeste, perto de seu quarto.

Narendra: “Vimos vários sannyasis pertencentes à seita de Nanak no Panchavati.”

Mestre: “Sim, chegaram ontem. (A Narendra): Gostaria que todos se sentassem, na esteira.”

Quando assim o fizeram, o Mestre olhou-os com alegria. Começou, então, a conversar. Narendra perguntou a respeito de disciplina espiritual..

Mestre: “Bhakti, o amor de Deus, é a essência de toda a disciplina. Pelo amor, uma pessoa adquire renúncia e discriminação de forma natural.”

Narendra: “Não é verdade que os Tantras prescrevem disciplina espiritual na companhia de mulher?”

Mestre: “Isso não é desejável. É um caminho muito difícil e muitas vezes ocasiona a queda do aspirante. Há três tipos de disciplinas. Podemos considerar a mulher<sup>9</sup> como sua amante. Ou considerar-se sua serva ou seu filho. Olho a mulher como minha mãe. Ver-se como serva é bom também; mas é extremamente difícil praticar disciplina espiritual olhando a mulher como amante. Considerar-se seu filho é uma atitude muito pura.”

Os sannyasis pertencentes à seita de Nanak entraram no aposento e saudaram o Mestre, dizendo: “*Namo Narayanaya*<sup>10</sup>”. Sri Ramakrishna pediu que se sentassem.

Mestre: “Nada é impossível para Deus. Ninguém pode descrever Sua natureza por meio de palavras. Tudo é possível para Ele. Num certo lugar viviam dois yogis que praticavam disciplinas espirituais. Um dia o sábio Narada passou por ali. Percebendo quem ele era, um dos yogis disse-lhe: ‘O senhor acabou de estar com o Próprio Deus. O que Ele está fazendo agora?’ Narada responde: ‘Ora, eu o vi passar e tornar a passar camelos e elefantes pelo buraco de uma agulha.’ A isso o yogi disse: ‘O que há de extraordinário nisso? Tudo é possível para Deus.’ Mas o outro yogi disse: ‘O que? Fazer elefantes passar pelo buraco de uma agulha? Será isso possível acontecer alguma vez? O senhor jamais esteve na casa de Deus.’ ”

<sup>8</sup> Essa palavra é formada, mudando-se as letras do *Gita*. “Tagi” significa “aquele que renunciou”. A renúncia é o tema principal desse livro sagrado.

<sup>9</sup> A mulher é o símbolo da Mãe Divina.

<sup>10</sup> “Saudações a Deus”. Essa é a maneira pela qual os sadhus de cumprimentam.

Às nove horas da manhã, quando o Mestre ainda estava em seu quarto, Manomohan chegou de Konnagar com alguns membros de sua família. Às perguntas gentis de Sri Ramakrishna, Manomohan explicou que os estava levando para Calcutá. O Mestre disse: “Hoje é o primeiro dia do mês bengali, auspicioso para se fazer uma viagem. Espero que tudo venha a correr bem com vocês.” Com um sorriso, começou a falar de outros assuntos.

Quando Narendra e seus amigos voltaram do seu banho no Ganges, o Mestre falou-lhes francamente: “Vão meditar no Panchavati, debaixo do baniano. Querem algo para se sentarem?”

Mais ou menos às dez e meia Narendra e seus amigos Brahmós estavam meditando no Panchavati. Depois de algum tempo, Sri Ramakrishna chegou, M. também estava presente.

O Mestre disse aos devotos Brahmós: “Na meditação a pessoa deve permanecer absorvida em Deus. Se ficar flutuando na superfície da água, pode alguém alcançar as pedras preciosas que jazem no fundo do mar?”

Em seguida cantou:

Tomando o nome de Kali, mergulhe profundamente, Ó mente,  
Nas profundezas insondáveis do coração,  
Onde muitas pedras preciosas jazem escondidas.  
Mas jamais acreditem que o fundo do oceano está sem pedras  
Se nas primeiras vezes que mergulharem, fracassarem  
Com firme resolução e autocontrole  
Mergulhe fundo e abra teu caminho em direção ao reino da Mãe Kali.

Nas profundezas do oceano da Sabedoria celestial estão  
As maravilhosas pérolas da Paz, Ó mente;  
E você mesma pode juntá-las.  
Se apenas tiver amor puro e seguir as prescrições das escrituras.  
Dentro dessas profundezas do oceano também  
Seis crocodilos<sup>11</sup> espreitam – luxúria, raiva e os outros –  
Nadando de um lado para o outro em busca de presa.  
Envolve-os com o açafião da discriminação.  
Seu cheiro a protegerá de suas armadilhas  
No oceano jazem  
Inúmeras pérolas e pedras preciosas;  
Mergulhe, diz Ramprasad, e apanhe montões delas ali!

Narendra e seus amigos desceram da plataforma elevada do Panchavati e ficaram em pé junto do Mestre, que voltou para seu quarto com eles. O Mestre continuou: “Quando vocês mergulham no oceano, podem ser atacados pelos crocodilos. Não os tocarão se estiverem com o corpo untado com açafião. Sem dúvida há seis jacarés – luxúria, raiva, avareza etc. – dentro de vocês, nas ‘profundezas insondáveis do coração’, mas protejam-se com o açafião da discriminação e renúncia e eles não o tocarão.

“O que vocês podem alcançar com simples conferências e erudição, sem discriminação e desapego? Só Deus é real e tudo o mais irreal. Só Deus é substância e tudo o mais é não-entidade. Isto é discriminação.

“Em primeiro lugar entronize Deus no santuário de seu coração e em seguida, façam conferências, se assim o desejarem. Como a simples repetição de ‘Brahma’ lhes trará proveito se não forem dotados de discriminação e desapego? É o mesmo que o som vazio de uma concha.

“Vivia numa vila, um jovem chamado Padmalochan. Era chamado de ‘Podo’, para abreviar. Neste vilarejo havia um templo bastante dilapidado. Não tinha em seu interior qualquer imagem de Deus; ashwattha e outras plantas cresciam pelas ruínas das paredes. Morcegos viviam em seu interior e o chão estava coberto de poeira e fezes. Os aldeões haviam deixado de visitar o templo. Um dia, depois do entardecer, ouviram o som de uma concha, vindo daquela direção. Pensaram que provavelmente alguém houvesse instalado uma imagem no altar e estivesse fazendo o culto vespertino. Uma das pessoas abriu devagarinho a porta e viu Padmalochan em pé, num dos cantos, soprando a concha. Não havia qualquer imagem no altar; o templo não tinha sido varrido nem lavado. Havia lixo e sujeira por todos os lados. Gritou, então, para Podo:

Você não instalou qualquer imagem aqui.

<sup>11</sup> As seis paixões: luxúria, raiva, avareza, ilusão, orgulho e inveja.

No santuário, Ó tolo!  
Soprando a concha, você simplesmente provoca  
Confusão ainda maior.  
Dia e noite onze morcegos  
Gritam ali incessantemente. ...

“Não adianta simplesmente fazer barulho, se desejar entronizar a Divindade no altar do coração, se desejar realizar Deus. Em primeiro lugar purifique a mente. Deus toma assento no coração puro. Ninguém pode colocar uma imagem sagrada num templo onde há sujeira de morcegos por toda a parte. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco da ação, cinco da percepção e a mente.

“Em primeiro lugar invoque a Divindade, em seguida faça conferências se o seu coração assim o pedir. Antes de tudo mergulhe fundo. Mergulhe até o fundo e apanhe as pedras preciosas. Poderá, então, fazer outras coisas. Ninguém, porém, deseja mergulhar. As pessoas são sem disciplina espiritual e oração, sem renúncia e desapego. Aprendem algumas palavras e já querem dar conferências. É difícil ensinar os outros. Só quem tem autorização de Deus, depois de realizá-Lo, está habilitada a fazê-lo.”

Assim conversando, o Mestre chegou até o canto da varanda. M. estava de pé, junto dele. Sri Ramakrishna havia repetido várias vezes que Deus não pode ser realizado sem discriminação e renúncia. Isso fez M. ficar extremamente preocupado. Era um jovem de vinte e oito anos, casado, educado numa universidade à moda ocidental. Tendo senso de dever, perguntou a si mesmo: “Discriminação e desapego significam abandonar ‘mulher e ouro’?” Estava mesmo desorientado, sem saber o que fazer.

M. (*ao Mestre*): “O que deve uma pessoa fazer se a esposa um dia lhe diz: ‘Você está me negligenciando. Vou me matar?’ ”

Mestre (*em tom sério*): “Abandone essa esposa se ela constituir obstáculo à sua evolução espiritual. Deixe-a cometer suicídio ou qualquer outra coisa que queira. A esposa é um entrave na vida espiritual do marido, se não for espiritualizada.”

Mergulhando em profunda reflexão, M. permaneceu encostado contra a parede. Narendra e outros devotos ficaram em silêncio por alguns minutos. O Mestre trocou muitas palavras com eles e subitamente, chegando perto de M., sussurrou-lhe no ouvido: “Mas se o homem tem amor sincero por Deus, então, tudo ficará sob seu controle – o rei, as pessoas más e a esposa. O amor sincero por Deus da parte do marido por fim, levará a esposa à vida espiritual. Se o marido é bom, então, pela graça de Deus, a esposa também, poderá seguir seu exemplo.”

Isto teve efeito tranquilizante na mente perturbada de M. Todo o tempo havia pensado: “Que ela se suicide. O que posso fazer?”

M. (*ao Mestre*): “Esse mundo é certamente um lugar terrível.”

Mestre (*aos devotos*): “É por isso que Chaitanya disse a seu companheiro Nityananda: ‘Ouça, irmão, não há esperança de salvação para os que têm mente mundana.’ ”

Numa outra ocasião o Mestre havia dito a M. particularmente: “Sim, não há esperança para um homem do mundo se ele não é sinceramente devotado a Deus, mas não tem nada a temer se ficar no mundo depois de realizar Deus. Também não há necessidade de temer o que quer que seja do mundo, se alcançar devoção sincera praticando disciplina espiritual de vez em quando na solidão. Chaitanya teve diversos devotos chefes de família, porém, o eram apenas no nome, uma vez que viviam desapegados do mundo.”

Era meio-dia. O culto havia terminado e a oferenda de comida já havia sido preparada no templo. As portas do templo foram fechadas. Sri Ramakrishna sentou-se para almoçar e Narendra e outros devotos compartilharam das oferendas no templo.

*Domingo, 22 de outubro de 1882*

Era o dia de Vijaya, o último dia da celebração da adoração de Durga, quando a imagem de argila é imersa nas águas de um lago ou rio.

Mais ou menos às nove horas da manhã, M. estava sentado no chão do quarto do Mestre em Dakshineswar, perto de Sri Ramakrishna, que estava reclinado no divã pequeno. Rakhhal estava, morando com o Mestre e Narendra e Bhavanath visitavam-no freqüentemente. Baburam o havia visto apenas uma ou duas vezes.

Mestre: “Você teve dia de folga durante o Durga Puja?”

M.: “Sim, senhor. Fui à casa de Keshab diariamente durante os primeiros três dias de adoração.”

Mestre: “Foi mesmo?”

M.: “Lá ouvi uma interpretação muito interessante do Durga Puja.”

Mestre: “Conte-me tudo a esse respeito, por favor.”

M.: “Keshab Sen fazia orações diárias de manhã em sua casa, que terminavam às dez ou onze horas. Durante essas orações, explicava o significado intrínseco do Durga Puja. Disse que se alguém pudesse realizar a Mãe Divina, isto é, pudesse instalar a Mãe Durga no santuário de seu coração, então, Lakshmi, Saraswati, Kartika e Ganesha<sup>12</sup> chegariam por si mesmos. Lakshmi significa riqueza, Saraswati, conhecimento, Kartika, força e Ganesha, sucesso. Realizando a Mãe Divina no coração, obtém-se tudo isso sem esforço algum.”

Sri Ramakrishna ouviu a descrição, perguntando a M. de vez em quando, a respeito das orações dirigidas por Keshab. Por fim disse-lhe: “Não vá lá e aqui. Venha somente aqui. Aqueles que pertencem ao círculo íntimo de meus devotos vêm somente aqui. Rapazes como Narendra, Bhavanath e Rakhil são meus discípulos muito íntimos. Não devem ser considerados com pouco caso. Alimente-os<sup>13</sup> um dia desses. O que pensa de Narendra?”

M.: “Tenho-o em grande consideração, senhor.”

Mestre: “Você já observou suas muitas virtudes? Não é apenas bem versado em música, canto e instrumento, mas também, muito letrado. Além disso, controlou suas paixões e diz que vai levar vida de celibato. É devotado a Deus desde tenra idade.

“Como está você com sua meditação no momento? Qual o aspecto de Deus que atrai sua mente – com forma ou sem forma?”

M.: “Senhor, agora não posso fixar minha mente em Deus com forma. Por outro lado, não posso me concentrar firmemente em Deus sem forma.”

Mestre: “Agora você vê que a mente não pode se fixar, de súbito, no aspecto sem forma de Deus. É mais conveniente pensar em Deus com forma nos primeiros estágios.”

M.: “O senhor quer dizer que se deve meditar sobre as imagens de argila?”

Mestre: “Por que de argila? Essas imagens são a personificação da Consciência.”

M.: “Mesmo assim há de se pensar nas mãos, pés e outras partes do corpo. Também compreendo que a mente só pode estar concentrada se meditar, no começo, em Deus com forma. O senhor mesmo me disse isso. Deus pode facilmente assumir formas diferentes. Pode-se meditar na forma de sua própria mãe?”

Mestre: “Sim, a mãe deveria ser adorada. Ela é realmente, a personificação de Brahman.”

M. sentou-se em silêncio. Depois de alguns minutos, perguntou ao Mestre: “O que uma pessoa sente quando pensa em Deus sem forma? Não é possível descrever isso?” Depois de pensar por algum tempo, o Mestre disse: “Você quer saber como é?” Ficou em silêncio por um momento e disse algumas palavras a M. a respeito de suas experiências por ocasião de sua visão de Deus com e sem forma.

Mestre: “Veja, deve-se praticar disciplinas espirituais para compreender isso corretamente. Suponhamos que haja tesouros num aposento. Se desejar vê-los e apanhá-los, deve se dar ao trabalho de buscar a chave e abrir a porta. Em seguida, apanhar o tesouro, mas suponhamos que o aposento esteja fechado e, do lado de fora, você diga a si mesmo: ‘Abri a porta. Quebrei a fechadura. Agora peguei o tesouro.’ Pensando dessa maneira em frente à porta, não conseguirá nada.”

“Você tem que praticar disciplina.

“Os jnanis pensam em Deus sem forma. Não aceitam a Encarnação Divina. Em louvor a Sri Krishna, Arjuna disse: ‘Tu és Brahman Absoluto.’ Sri Krishna respondeu, ‘Siga-me e verá se Eu sou ou não, Brahman Absoluto.’ Assim falando, Sri Krishna levou Arjuna a um lugar e perguntou o que ele estava vendo. ‘Vejo uma grande árvore,’ disse Arjuna, ‘e nela vejo frutos pendurados como cachos de amoras.’ Então Krishna disse a Arjuna: ‘Chegue mais perto e verá que não são cachos de amoras, mas cachos de inúmeros Krishnas como Eu, pendendo da árvore.’ Em outras palavras, um sem número de Encarnações Divinas aparecem e desaparecem na árvore do Brahman Absoluto.

“Karvidas tinha uma forte inclinação para Deus sem forma. À simples menção do nome de Krishna, dizia: ‘Por que devo adorá-Lo? As gopis batiam palmas enquanto Ele dançava como um macaco. (Com um sorriso). Mas aceito Deus com forma quando estou na companhia de pessoas que acreditam nesse ideal e também, concordo com aqueles que crêem em Deus sem forma.’

M. (*sorrindo*): “O senhor é tão infinito quanto Aquele de quem estamos falando. Na verdade ninguém pode sondar sua profundidade.”

<sup>12</sup> Segundo a mitologia hindu, Lakshmi e Saraswati são as filhas, e Kartika e Ganesha, os filhos de Durga. Associados com a imagem de Durga, ocupam posições em ambos os lados da Mãe Divina.

<sup>13</sup> Alimentar um santo é considerado um ato meritório.

Mestre (*sorrindo*): “Ah! Vejo que você descobriu isto. Vou dizer-lhe uma coisa. Deve-se seguir diversos caminhos. Deve-se praticar cada credo durante um certo tempo. No jogo de satranha uma peça não pode atingir o quadrado do centro enquanto não tiver completado o círculo, mas uma vez no quadrado, não pode ser tomada por qualquer outra peça.”

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Há duas classes de yogis: os vahudakas e kutichakas. Os vahudakas peregrinam visitando diversos lugares santificados e ainda não encontraram paz de espírito. Os kutichakas, porém, tendo já visitado todos os lugares sagrados, acalmaram suas mentes. Sentindo-se serenos e em paz, instalam-se num lugar e não mais se mudam dali. Nesse lugar são felizes: não sentem necessidade de ir a qualquer outro lugar, são felizes. Se um deles alguma vez visitar um lugar de peregrinação, será somente com o propósito de obter nova inspiração.

“Tive de praticar cada religião, durante certo tempo: hinduísmo, islamismo, cristianismo. Além disso segui o caminho dos shaktas, vaishnavas e vedantistas. Realizei que há apenas um Deus, em direção ao qual todos estão se dirigindo: mas os caminhos são diferentes.

“Ao visitar os lugares santificados, às vezes eu sofria muita agonia. Uma vez fui com Mathur à casa de Raja Babu em Benares. Lá só se falava de assuntos mundanos – dinheiro, propriedade e coisas assim. Comecei a chorar, dizendo à Mãe Divina: ‘Mãe! Aonde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar.’ Em Allahabad vi as mesmas coisas que já tinha visto em outros lugares – os mesmos lagos, a mesma grama, as mesmas árvores, as mesmas folhas de tamarindo.

“Mas sem dúvida nenhuma, uma pessoa encontra inspiração em lugares sagrados. Acompanhei Mathur Babu em Vrindavan. Hriday e as senhoras da família de Mathur faziam parte de nosso grupo. Mal vi o Ghat de Kaliyadaman, fui tomado por uma emoção divina. Fiquei completamente deslumbrado. Hriday costumava me banhar ali, como se eu fosse uma criancinha.

“Ao entardecer eu caminhava às margens do Jamuna, quando o rebanho de vacas voltava do pasto ao longo das margens arenosas. À simples visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna passou de relance pela minha mente. Corria, gritando como um louco: “Ó, onde está Krishna? Onde está o meu Krishna?”

“Fui para Syamakunda e Radhakunda<sup>14</sup> num palanquim e saí para visitar o sagrado Monte Gowardhan. À vista dele, fui tomado por uma emoção divina e corri até o cume. Perdi completamente a consciência do mundo em minha volta. Os habitantes do lugar ajudaram-me a descer. A caminho dos lagos sagrados de Syamakunda e Radhakunda, vi os campos, as árvores, os arbustos, os pássaros e os veados, e então, entrei em êxtase, com as roupas molhadas pelas lágrimas. Disse: ‘Ó Krishna! Tudo aqui está como era nos tempos antigos. Só Tu estás ausente.’ Sentado no interior do palanquim, perdi a fala. Hriday seguia o palanquim. Havia pedido aos condutores que tivessem cuidado comigo.

“Gangamayi tornou-se muito amiga minha em Vrindavan. Era uma velha senhora que vivia sozinha numa cabana perto de Nidhuvan. Referindo-se à minha condição espiritual e êxtase, disse: ‘Ele é realmente, a Encarnação de Radha.’ Chamava-me ‘Dulali’. Quando estava com ela, costumava esquecer-se de comer, beber, tomar banho e nem tinha qualquer pensamento de voltar para casa. Alguns dias Hriday costumava-me trazer comida de casa e alimentar-me. Gangamayi também me servia comida feita por suas próprias mãos.

“Gangamayi costumava ter transe. Nessas ocasiões uma grande multidão costumava vir vê-la. Um dia, em êxtase, pulou nos ombros de Hriday.

“Eu não queria deixá-la e voltar para Calcutá. Tudo foi arranjado para que eu ficasse. Eu comeria arroz cozido duas vezes e nossas camas ficariam em cada canto da cabana. Quando tudo já estava pronto, Hriday disse: ‘O senhor tem um estômago muito fraco. Quem cuidará do senhor?’ ‘Ora’, disse Gangamayi. ‘Eu cuidarei dele. Serei sua atendente.’ Como Hriday me puxasse de um lado e ela do outro, lembrei-me de minha mãe que estava vivendo sozinha no nahabat do templo. Achei que era impossível para mim, ficar longe dela e disse para Gangamayi: ‘Não, tenho que ir. Gostei muito da atmosfera de Vrindavan.’

Mais ou menos às onze horas da manhã, o Mestre tomou sua refeição do que havia sido oferecido no templo de Kali. Depois da sesta, continuou a conversar com os devotos. De vez em quando repetia a palavra sagrada “Om” ou os sagrados nomes das divindades.

Depois do pôr do sol foi feito o culto da tarde, nos templos. Uma vez que se tratava do dia de Vijaya, os devotos saudaram primeiro a Mãe Divina e depois, tomaram a poeira<sup>15</sup> dos pés do Mestre.

<sup>14</sup> Lugares perto de Mathura relacionados com o episódio de Krishna e Radha.

<sup>15</sup> Uma forma de saudação reverente em que uma pessoa toca os pés de um superior com a testa.

Terça-feira, 24 de outubro de 1882

Eram três ou quatro horas da tarde. O Mestre estava de pé perto da estante onde guardava a comida, quando Balaram e M. chegaram de Calcutá e saudaram-no. Sri Ramakrishna disse-lhes, com um sorriso: “Ia pegar uns doces da prateleira, mas assim que pus minha mão neles, uma lagartixa<sup>16</sup> caiu em cima de mim. Imediatamente tirei a mão. (*Todos riem*).

“Ó sim! Devemos prestar atenção a todas essas coisas. Vejam, Rakhal está doente, meus membros doem também. Sabem qual é a causa? Hoje de manhã quando me levantei da cama, vi<sup>17</sup> uma pessoa por quem tomei por Rakhal. (*Todos riem*). Ó sim! A aparência física deve ser analisada. Outro dia Narendra trouxe um dos seus amigos, um homem com apenas um olho sadio, embora o outro não estivesse totalmente cego. Disse a mi mesmo: ‘O que é esse problema que Narendra trouxe com ele?’

“Uma pessoa vem aqui, mas não posso comer o que ela traz. Trabalha num escritório, ganhando um salário de vinte rupias e outras vinte, fazendo falsificações. Não posso pronunciar uma só palavra em sua presença, porque diz mentiras. Às vezes fica aqui durante dois ou três dias sem ir trabalhar. Sabe qual é a razão? É para que eu o recomende a alguém para que consiga emprego em algum lugar.

“Balaram é de uma família de devotos vaishnavas. Seu pai, agora já velho, é um devoto piedoso. Tem um tufo de cabelos na cabeça, um rosário de contas de tulsí no pescoço e uma corrente de contas na mão. Passa o tempo repetindo o nome de Deus. Tem propriedades em Orissa e construiu templos para Radha-Krishna em Kothar, Vrindavan e outros lugares, e também, casas de hóspedes.

(*A Balaram*): “Outro dia veio aqui um homem que, entendi, é escravo daquela megera que é sua esposa. Por que uma pessoa não vê Deus? Por causa da barreira de ‘mulher e ouro’. Como foi leviano ao dizer, no outro dia: ‘Um paramahansa veio ver meu pai que lhe deu galinha ao curry<sup>18</sup> para comer!’

“No meu atual estado mental, só posso tomar um pouco de sopa de peixe se tiver sido previamente oferecida à Mãe Divina. Não posso comer carne de espécie alguma, mesmo que tenha sido oferecida à Mãe Divina, mas a provo com a ponta do meu dedo, com medo d’Ela ficar zangada. (*Risada*).

“Bem, podem explicar esse meu estado mental? Certa vez eu estava ido de Burdwan para Kamarpukur, num carro de boi, quando desabou uma violenta tempestade. Algumas pessoas juntaram-se perto do carro. Meus companheiros disseram que se tratava de assaltantes. Comecei a repetir os nomes de Deus, às vezes o de Kali, outras, o de Rama ou Hanuman. O que acha disso?”

Estava o Mestre querendo dizer que Deus é um só, mas é chamado de maneira diferente pelas diversas seitas?

Mestre (*a Balaram*): “Maya é apenas ‘mulher e ouro’. Um homem que vive nesse meio, aos poucos perde a consciência espiritual. Pensa que tudo está bem com ele. Um catador de lixo leva uma vasilha na cabeça e ao longo do tempo, perde a repulsa. Uma pessoa gradualmente adquire amor a Deus pela prática de cantar Seu santo nome e Suas glórias. (*A M.*): Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome de Deus. Como diz o ditado: ‘Uma pessoa não será bem sucedida enquanto tiver uma dessas três coisas: vergonha, ódio e medo.’

“Em Kamarpukur cantam o kirtan muito bem, com acompanhamento de tambores.

(*A Balaram*). “Já instalaram alguma imagem em Vrindavan?”

Balaram: “Sim, senhor. Temos um bosque onde Krishna é adorado.”

Mestre: “Estive em Vrindavan. O bosque de Nidhu é realmente muito lindo.”

<sup>16</sup> A queda de uma lagartixa no corpo é considerada um mau presságio.

<sup>17</sup> Os hindus ortodoxos em Bengala acreditam que o primeiro rosto que se vê de manhã, indica se o dia trará boa sorte ou não.

<sup>18</sup> Os hindus ortodoxos estão proibidos de comer galinha.

## CAPÍTULO V

### O MESTRE E KESHAB

*27 de outubro de 1882*

**E** RA UMA SEXTA-FEIRA, dia do Lashmi Puja. Keshab Chandra Sen havia organizado uma viagem de barco pelo Ganges, para Sri Ramakrishna. Mais ou menos às quatro horas da tarde, o barco com Keshab e seus seguidores Brahmos, ancorou junto à margem do templo de Kali em Dakshineswar. Os passageiros viram à sua frente, o ghat de banho e o chandni. À sua esquerda, no conjunto de templos, erguiam-se seis templos de Shiva e à sua direita, outros seis templos de Shiva. A torre branca do templo de Kali, o topo das árvores do Panchavati e a silhueta dos pinheiros sobressaíam contra o céu azul de outono. Os jardins entre os dois nahabats estavam cheios de flores perfumadas e ao longo das margens do Ganges, havia fileiras de plantas floridas. O céu azul refletia-se nas águas marrons do Ganges sagrado, associado com as mais antigas tradições da civilização ariana. O mundo exterior parecia suave e sereno e os corações dos devotos Brahmos estavam cheios de paz.

Sri Ramakrishna, em seu quarto, conversava com Vijay e Haralal. Entraram alguns discípulos de Keshab. Inclinando-se diante do Mestre, disseram-lhe: “Senhor, o barco chegou. Keshab Babu pediu-nos para que o levássemos até lá.” Um pequeno bote já estava pronto para conduzi-lo até o barco. Mal entrou na embarcação, perdeu a consciência exterior em samadhi. Vijay estava com ele.

Entre os passageiros estava M. Assim que o bote aproximou-se, todos correram para a grade de ferro a fim de ver Sri Ramakrishna. Keshab estava ansioso para levá-lo a bordo em segurança. Com muita dificuldade o Mestre voltou à consciência do mundo e foi levado para uma cabine. Ainda em estado abstrato, andou mecanicamente, apoiado num devoto. Keshab e outros inclinaram-se, mas ele não estava consciente da presença deles. Dentro da cabine havia algumas cadeiras e uma mesa. Fizeram-no sentar numa delas e Keshab e Vijay em outras duas. Alguns devotos estavam sentados, a maioria no chão, enquanto os outros permaneciam em pé, do lado de fora, olhando pelas janelas e portas. Sri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo, completamente inconsciente do mundo exterior.

Como a cabine estivesse muito abafada, devido à presença de muita gente, Keshab abriu as janelas. Estava constrangido com a presença de Vijay, uma vez que havia discordado sobre certos princípios do Brahma Samaj e Vijay havia se separado da organização de Keshab, juntando-se a uma outra sociedade.

Os devotos Brahmos olhavam atentamente para o Mestre. Gradualmente voltou à consciência dos sentidos, mas a intoxicação divina ainda persistia. Dizia a si mesmo, num sussurro: “Mãe, por que Tu me trouxeste aqui? Eles estão cercados e presos. Posso libertá-los?” Será que o Mestre achava que as pessoas ali reunidas estavam fechadas dentro das paredes da prisão do mundo? Será que sua desesperança fez o Mestre dizer essas palavras à Mãe Divina?”

Sri Ramakrishna foi gradualmente voltando à consciência do mundo exterior. Nilmadhav de Ghazipur e um devoto Brahma conversavam sobre Pavhari Baba. Outro devoto Brahma disse ao Mestre: “Senhor, esses senhores visitaram Pavhari Baba que vive em Ghazipur. É um santo como o senhor.” O Mestre mal podia falar, apenas sorria. O devoto continuou: “Senhor, Pavhari Baba mantém uma fotografia do senhor no quarto dele.” Apontando para o corpo, o Mestre disse com um sorriso: “Apenas uma fronha.”

O Mestre continuou: “Mas não se deve esquecer que o coração do devoto é a morada de Deus. Ele habita, sem dúvida, em todos os seres, mas Se manifesta de forma especial no coração do devoto. Um senhor de grandes terras pode, de vez em quando, visitar todos os lugares de sua imensa propriedade, mas dizem que geralmente só é encontrado numa determinada sala de sua casa. O coração do devoto é a sala de Deus.

“Aquele que é chamado de Braman pelos jnanis, é conhecido como Atman pelos yogis e Bhagavan pelos bhaktas. O mesmo Brahmin é chamado de sacerdote quando faz o culto no templo e de cozinheiro, quando prepara suas refeições. O jnani, trilhando o caminho do Conhecimento, sempre discrimina sobre a Realidade, dizendo: ‘Isto não, isto não.’ Brahman não é nem ‘isso’, nem ‘aquilo’. Ele não é nem o universo, nem os seres humanos. Discriminando dessa maneira a mente torna-se está-

vel. Logo ela desaparece e o aspirante entra em samadhi. Esse é o Conhecimento de Brahman. É a certeza firme do jnani de que, somente Brahman é real e o mundo ilusório. Todos esses nomes e formas são ilusórios como um sonho. O que Brahman é, não pode ser descrito. Não se pode nem mesmo dizer que Brahman é uma Pessoa. É essa a opinião dos jnanis, seguidores da filosofia Vedanta.

“Mas os bhaktas aceitam todos os estados de consciência. Consideram o estado de vigília como real, também. Não consideram o mundo ilusório, como um sonho. Dizem que o mundo é uma manifestação do poder e da glória de Deus. Deus criou tudo – céu, estrelas, lua, sol, montanhas, oceanos, homens e animais. Tudo isso constitui Sua glória. Está dentro de nós, em nossos corações. Também, Ele está no exterior. Os devotos mais adiantados dizem que Ele Próprio tornou-se tudo isso – os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. O devoto de Deus quer comer açúcar e não, tornar-se açúcar. (*Todos riem*).

“Sabem como o amante de Deus se sente? Sua atitude é: ‘Ó Deus, Tu és o Amo, eu sou Teu servo. Tu és a Mãe, eu sou Teu filho.’ Ou então: ‘Tu és Pai e Mãe. Tu és o Todo, eu sou a parte.’ Ele não gosta de dizer: ‘Eu sou Brahman.’

“O yogi quer realizar o Paramatman, a Alma Suprema. Seu ideal é a união da alma individual com a Alma Suprema. Retira a mente dos objetos dos sentidos e procura concentrar-se no Paramatman. Por conseguinte, no primeiro estágio de sua disciplina espiritual, retira-se para um lugar isolado com atenção concentrada, pratica meditação numa postura estável.

“Mas a Realidade é una e a mesma. A diferença está apenas no nome. Aquele que é Brahman é, na verdade, Atman, e também, Bhagavan. É Brahman para os seguidores do caminho do Conhecimento, Paramatman para os yogis e Bhagavan, para os amantes de Deus.”

O barco navegava para Calcutá, mas os passageiros com os olhos fixos no Mestre e com os ouvidos nas suas palavras impregnadas de néctar divino, estavam inconscientes de todo movimento. Dakshineswar com seus templos e jardins, havia ficado para trás. Os remos batiam nas águas do Ganges, criando um som murmurante, mas os devotos estavam indiferentes a tudo isso. Encantados, olhavam para o grande yogi, a face iluminada por um sorriso divino, o semblante irradiando amor, os olhos brilhando de alegria – um homem que a tudo renunciara por Deus e que não conhecia nada a não ser Deus. Incessantes palavras de sabedoria fluíam de seus lábios.

Mestre: “Os jnanis, que seguem a filosofia não-dualista da Vedanta, dizem que os atos de criação, preservação e destruição, o próprio universo e todos os seres vivos, são manifestações de Shakti, o Poder Divino.<sup>1</sup> Se discriminarmos, veremos que tudo isso é ilusório como um sonho. Só Brahman é a Realidade, tudo o mais é irreal. Mesmo a Própria Shakti não tem substância, como um sonho.

“Mas embora vocês discriminem toda a vida, a não ser que estejam estabelecidos em samadhi, não poderão ir além da jurisdição de Shakti, mesmo que digam: ‘Estou meditando’ ou ‘Estou contemplando’, ainda assim, estariam no domínio de Shakti, dentro de Seu Poder.

“Assim Brahman e Shakti são idênticos. Se aceitarem um, têm que aceitar o outro. É como o fogo e seu poder de queimar. Se virem o fogo, têm que reconhecer também, seu poder de queimar. Não podem pensar em fogo, sem seu poder de queimar, nem podem pensar no poder de queimar, sem o fogo. Não se pode conceber os raios de sol sem o sol, nem se pode conceber o sol sem os raios.

“Como é o leite? Ó, vocês dizem que é algo branco. Não podem pensar em leite sem sua branquidão e também, pensar na branquidão sem pensar no leite.

“Assim, não se pode pensar em Brahman sem Shakti, ou em Shakti sem Brahman. Não se pode pensar no Absoluto sem o Relativo, ou no Relativo sem o Absoluto.

“O Poder Primordial está sempre em ação<sup>2</sup>. Está sempre criando, preservando e destruindo, como um jogo. Este Poder é chamado Kali. Kali é na verdade, Brahman e Brahman é de fato, Kali. É uma e mesma Realidade. Quando pensamos n’Ela como inativa, quer dizer, não engajada na criação, preservação e destruição, A chamamos Brahman, mas quando Ela está ocupada nessas atividades, A chamamos Kali ou Shakti. A Realidade é uma e a mesma: a diferença está em nome e forma.

“É como a água, chamada em diferentes línguas por nomes diferentes, como ‘jali’, ‘pani’ e assim por diante. Há três ou quatro ghats no lago. Os hindus bebem água num lugar, chamam-na ‘jal’. Os muçulmanos num outro lugar, chamam-na ‘pani’. E os ingleses num terceiro lugar, ‘water’. Os três nomes denotam uma e mesma coisa, a diferença está somente no nome. De algum modo, alguns dirigem-se à Realidade como ‘Alá’, alguns como ‘Deus’, alguns como ‘Brahman’ ou ‘Kali’, e outros por nomes como ‘Rama’, ‘Jesus’, ‘Durga’, ‘Hari’.

<sup>1</sup> Conhecida como maya na filosofia Vedanta.

<sup>2</sup> A idéia introduz os elementos de espontaneidade e liberdade na criação.

Keshab (*sorrindo*): “Descreve-nos, senhor, de quantas maneiras Kali, a Mãe Divina, brinca neste mundo.”

Mestre (*com um sorriso*): “Ó, Ela brinca de diferentes modos. É somente Ela que é conhecida como Maha-Kali, Nitya-Kali, Shmasana-Kali, Raksha Kali e Shyama-Kali. Maha-Kali e Nitya-Kali estão mencionadas na filosofia tântrica. Quando não existia nem criação, nem o sol, a lua, os planetas e a terra e quando a escuridão estava envolta na escuridão, então a Mãe, a Sem Forma, Maha-Kali, o Grande Poder, era uma com Maha-Kali, a Absoluta.

“Shyama-Kali tem um aspecto um tanto terno e é adorada pelos chefes de família hindus. Éadora de Graças e Dissipadora do medo. O povo adora Raksha-Kali, a Protetora, quando ocorrem epidemias, fome, terremotos, seca e enchente. Shmasana-Kali é a Encarnação do poder de destruição. Habita nos crematórios, cercada de cadáveres, chacais e terríveis espíritos femininos. Da boca sai um fluxo de sangue, em Seu pescoço está pendurado um colar de cabeças humanas e em Sua cintura, um cinto feito de mãos humanas.

“Depois da destruição do universo, no final de um grande ciclo, a Mãe Divina armazena as sementes para a próxima criação. Ela é como a senhora mais velha de uma casa, que tem um pote onde guarda os diferentes utensílios para o uso doméstico. (*Todos riem.*)

“Ó sim! As donas de casa têm jarros como esses, onde guardam ‘espuma do mar’<sup>3</sup>, pílulas azuis, sementes de pepino, de moranga e de cabaca etc. Elas as tiram quando têm necessidade. Assim também, depois da destruição do universo, minha Mãe Divina, a Encarnação de Brahman, guarda as sementes para a próxima criação. Depois da criação, o Poder Primordial mora no próprio universo. Traz à existência esse mundo fenomenal e o penetra. Nos Vedas a criação está ligada à aranha e sua teia. A aranha produz a teia de si mesma e permanece nela. Deus é quem contém o universo e ao mesmo tempo, O que está contido nele.

“É Kali, minha Mãe Divina, negra? Ela parece negra porque está sendo vista à distância, mas quando intimamente conhecida, Ela não o é mais. O céu parece ser azul ao longe, mas se for visto de perto, vemos que não tem cor. A água do oceano é azul à distância, mas quando chegamos perto e a pegamos, vemos que é incolor.”

O Mestre, intoxicado pelo amor divino, cantou:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?  
Desnuda da cor mais negra,  
Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre continuou: “Escravidão e Liberação são ambas de Sua construção. Por Sua maya, as pessoas mundanas ficam enredadas em ‘mulher e ouro’, mas por Sua graça atingem a liberação. Ela é chamada a Salvadora, Aquela que remove a escravidão que prende uma pessoa ao mundo.”

Em seguida, o Mestre cantou a seguinte canção<sup>4</sup>, com sua voz melodiosa.

No movimentado mercado do mundo, Ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes.  
Alto, voam ao sabor do vento da esperança, presas pela linha de Maya.  
Suas estruturas são esqueletos humanos, sus velas são feitas dos três gunas.  
Mas todo seu trabalho curioso é meramente para ornamento.  
Mas no barbante das pipas. Tu passaste pasta de manja<sup>5</sup> do mundanismo.  
A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.  
Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres;  
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!  
Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente  
Levados para o infinito, atravessando o mar do mundo.

O Mestre disse: “A Mãe Divina é sempre brincalhona e esportiva. Este universo é o Seu jogo. Tem vontade própria e deve ter sempre Sua própria diretriz. Está plena de felicidade. Dá liberação a um em cem mil.”

<sup>3</sup> O Mestre talvez, referiu-se ao osso do peixe “choco”, encontrado na praia. A crença popular é que se trata da espuma do mar endurecida.

<sup>4</sup> A alusão nessa canção é para as conhecidas competições de pipas na Índia, quando muitas pessoas empinam seus papagaios e tentam cortar a linha dos outros. Quem tiver sua linha cortada, perde a pipa e deixa o jogo.

<sup>5</sup> Cola feita de cevada e vidro em pó.

Um devoto Brahma: “Mas senhor, se Ela quisesse, poderia dar liberação a todos. Por que então, Ela nos mantém ligados ao mundo?”

Mestre: “É Sua vontade. Quer continuar brincando com os seres criados. No jogo de esconde-esconde<sup>6</sup> aquele que está correndo pára, quando os jogadores tocam a ‘vovó’. Se todos a tocarem como poderá o jogo continuar? Isso a desagrada. Seu prazer é o de continuar o jogo. Daí o poeta dizer:

Entre cem mil papagaios, somente um ou dois no máximo, ficam livres;  
Então Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

“É como se a Mãe Divina dissesse à mente humana, confidencialmente, com um piscar de olhos: ‘Vá e goze o mundo.’ Como pode alguém censurar a mente? A mente só pode se desapegar do mundanismo se, por Sua Graça, Ela a faz voltar para Si mesmo. Só então, ela se torna um devoto aos pés de Lótus da Mãe Divina.’ ”

Então Sri Ramakrishna, tomando sobre si, por assim dizer, as agonias de todos os chefes de família, cantou queixando-se à Mãe Divina.

Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige o meu coração:  
Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,  
Haja assalto em minha casa.  
Muitas e muitas vezes prometo chamar-Te.  
Mas quando a hora da oração chega, eu me esqueço;  
Agora vejo que tudo é Tua mágica.

Como Tu nada deste, assim Tu recebeste, nada.  
Devo eu ser censurado por isso, Ó Mãe? Se Tu tivesses dado  
Com certeza Tu terias recebido  
Das Tuas próprias dádivas, eu teria dado a Ti.  
Glória e vergonha, amargura e doçura são apenas Tuas:  
Esse mundo nada mais é do que Teu jogo.  
Por que então, Ó Abençoada, Tu provocas tanta comoção nele?

Ramprasad diz: Tu me deste essa mente.  
E com olhar sabedor,  
Tu mandas, ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.  
E assim vagueio abandonado por Tua criação,  
Afugentado pelo olhar mau de alguém  
Tomando o amargo pelo doce.  
O irreal pelo Real.

O Mestre continuou: “Os homens estão iludidos por Sua maya e apegaram-se ao mundo.”

Diz Ramprasad: “Tu me deste essa mente.  
E com um olhar sabedor.  
Tu mandas ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.

Devoto Brahma: “Senhor, não podemos realizar Deus sem renúncia completa?”

Mestre (*com uma risada*): “Claro que podem! Por que deveriam renunciar a tudo? Estão bem como estão, seguindo o caminho do meio – como o melado, parte sólido, parte líquido. Conhecem o jogo de cartas ‘nax’<sup>7</sup> ? Tendo obtido o número máximo, fico fora do jogo. Não posso mais me divertir. Vocês, contudo, são muito espertos. Alguns conseguiram dez pontos, outros seis e uns, cinco. Vocês conseguiram o número correto: portanto, não estão fora como eu. O jogo continua. Ora, essa é boa! (*Todos riem*).

“Conto-lhes a verdade: não há nada de errado com vocês, pelo fato de estarem no mundo, mas devem dirigir a mente para Deus, senão, não serão bem sucedidos. Façam seu dever com uma mão e com a outra, segurem Deus. Quando o trabalho estiver terminado, segurem Deus com ambas as mãos.

<sup>6</sup> A alusão é ao jogo indiano de esconde-esconde, no qual aquele que dirige, conhecido como “vovó”, cobre com um pano os olhos dos jogadores e esconde-se. Os jogadores devem encontrá-la. Se qualquer jogador a tocar, a venda é retirada dos olhos e ele retira-se do jogo.

<sup>7</sup> No jogo indiano de cartas “nax”, o objetivo é ficar nele até atingir dezessete pontos. Quem alcançar esse limite ou mais, tem que se retirar.

“Tudo é questão de mente. Escravidão e liberação estão somente na mente. A mente tomará a cor com a qual a tingirem. É como as roupas brancas que acabaram de chegar da lavanderia. Se as mergulharem em tinta vermelha, ficarão vermelhas. Se mergulharem em tinta azul ou verde, ficarão azuis ou verdes. Tomarão somente a cor da tinta na qual as mergulharem, qualquer que seja. Já repararam que se lerem um pouco em inglês, logo começarão a dizer palavras inglesas: ‘*Foot fut it mit?*’<sup>8</sup> Então calçam botas e assobiam uma melodia e assim por diante. Tudo vai junto ou, se um erudito estuda sânscrito, imediatamente vai começar a recitar versos sânscritos. Se se relacionarem com más companhias, começarão a falar e pensar como seus amigos. Por outro lado, quando estiverem em companhia dos devotos, apenas falarão e pensarão em Deus.

“A mente é tudo. O homem de um lado, tem a esposa e de outro, a filha. Mostra afeição por ambas, de modo diferente, mas a mente é uma e a mesma.

“Escravidão está na mente e liberação, também. Um homem é livre, se pensar livremente: ‘Sou uma alma livre. Como posso ficar ligado, quer more na floresta ou no mundo? Sou filho de Deus, Rei dos Reis. Quem pode me prender?’ Se for mordido por uma cobra um homem pode libertar-se do seu veneno dizendo enfaticamente: ‘Não há veneno em mim’. Do mesmo modo, repetindo com resolução e determinação, ‘Não sou ligado, sou livre’, uma pessoa torna-se realmente livre.

“Uma vez uma pessoa deu-me um livro dos cristãos e pedi-lhe que o lesse para mim. Só falava de pecado. (*A Keshab*). Pecado é também a única coisa que se ouve falar no seu Brahma Samaj. O pecador que diz constantemente, ‘Estou ligado, estou ligado’, só consegue mesmo é estar ligado. Aquele que diz, dia e noite, ‘Sou um pecador, sou um pecador’, realmente torna-se um pecador.

“Uma pessoa deve ter uma fé tão ardente em Deus, que possa dizer: ‘O que? Tenho repetido o nome de Deus e o pecado ainda pode permanecer em mim? Como posso ser ainda um pecador? Como posso estar apegado?’

“Se um homem repete o nome de Deus, seu corpo, mente e tudo o mais tornam-se puros. Por que razão uma pessoa deveria falar só de pecado e de inferno e de coisas assim? Diga pelo menos uma vez: ‘Ó Senhor, sem dúvida fiz coisas erradas, mas não as repetirei’. Tenha fé em Seu nome.

“Sri Ramakrishna tornou-se intoxicado pelo amor divino e cantou:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga.  
Como podes Tu, Ó Abençoado,  
Impedir minha liberação,  
Por mais pecador que eu tenha sido...

Então disse: “À minha Mãe Divina orava apenas por puro amor. Ofereci flores aos Seus Pés de Lótus e orei a Ela: ‘Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu Conhecimento, aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu dharma, aqui está Teu adharma. Toma-os ambos, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti.’

(*Aos devotos Brahmos*): “Ouçam agora uma canção de Ramprasad:

“Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.  
E ali embaixo Ela colhe os quatros frutos da vida.  
De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.  
Traz apenas o Desapego no seu caminho para a Árvore,  
E pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade.

Quando você vai aprender a permanecer, Ó mente na morada da Bem-aventurança  
Com Pureza e Corrupção de cada lado?  
Só quando você tiver encontrado a maneira de  
Manter essas esposas em harmonia sob o mesmo teto,  
Você verá a incomparável forma da Mãe Shyama.

Afugente instantaneamente de sua vida, seus pais, o Ego e a Ignorância.  
Se a ilusão puxá-lo para sua toca.  
Corajosamente agarre-se à pilastra da Paciência.  
Amarre ao poste da Despreocupação, as cabras do vício e virtude,  
Matando-as com a espada do Conhecimento, se elas se rebelarem.

<sup>8</sup> O Mestre estava apenas imitando o som da língua inglesa..

Mantenha à distância os filhos da Mundanismo, sua primeira esposa.  
 E, se não atenderem, afogue-os no mar da Sabedoria.  
 Diz Ramprasad: Se você fizer o que digo  
 Pode apresentar com bom resultado, Ó mente, ao Rei da Morte.  
 Ficarei bem satisfeito com você e a chamarei de minha querida.

“Por que não se é capaz de realizar Deus nesse mundo? O Rei Janaka teve tal realização. Ramprasad descreveu o mundo como uma simples ‘estrutura de ilusão’, mas amando os pés sagrados de Deus, então –

Este mundo é mesmo uma mansão de alegria.  
 Aqui posso comer, beber e ficar feliz.  
 O poder de Janaka era incomparável  
 O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?  
 Gozando tanto um, quanto o outro.  
 Que bebeu leite de uma xícara cheia até a borda!  
 (*Todos riem*)

“Mas não se pode ser um Rei Janaka de uma hora para outra. Janaka, no início, praticou na solidão muitas austeridades.

“Mesmo que se viva no mudo, deve-se ficar na solidão de vez em quando. Será de grande ajuda a um homem, afastar-se da família, morar sozinho e chorar por Deus, mesmo por três dias. Se pensar em Deus um dia somente, em solidão, quando tiver tempo livre, isso também lhe fará bem. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por sua esposa e filhos. Mas quem chora por Deus? De vez em quando deve-se retirar para a solidão e praticar disciplina espiritual a fim de realizar Deus. Vivendo no mundo e sufocado pelos seus inúmeros deveres, o aspirante, no primeiro estágio de sua vida espiritual, encontra muitos obstáculos no caminho da concentração. Quando as árvores da calçada são ainda novas, têm que ser cercadas, do contrário, serão destruídas pelo gado. A cerca é necessária enquanto a árvore for pequena, mas pode ser retirada, quando o tronco estiver grosso e forte. Então a árvore não será danificada, mesmo que um elefante seja amarrado a ela.

A doença do mundanismo é semelhante à febre tifóide. No quarto desse tipo de paciente, há um grande jarro d’água e outro, de gostosos pickles. Se desejar curá-lo deve removê-lo desse aposento. O homem do mundo é como esse paciente de febre tifóide. Os diversos objetos de prazer são o grande jarro d’água e o desejo de gozá-los é a sua sede. O simples pensamento dos pickles dá água na boca; você não tem que trazê-los para perto. Ele já está cercado por eles. A companhia de mulher é o pickles. Daí ser necessário o tratamento na solidão.

“Pode-se voltar ao mundo depois de se ter atingido discriminação e desapego. No oceano do mundo há seis crocodilos: luxúria, raiva etc. Não há nada a temer se passar açafão no corpo antes de entrar na água. Discriminação e desapego são o açafão. Discriminação é o conhecimento do que é real e o que é irreal. É a realização de que só Deus é a real e eterna Substância e que tudo o mais é irreal, transitório, impermanente. Deve-se cultivar intenso fervor por Deus. Deve-se sentir amor por Ele e ser atraído para Ele. As gopis de Vrindavan sentiram a atração de Krishna. Deixe-me cantar uma canção para vocês:

Escuta! A flauta ressoou lá no bosque.  
 Devo voar para lá porque Krishna espera na estrada.  
 Digam amigas, vocês vêm ou não?  
 Para vocês, o meu Krishna é somente um nome vazio  
 Para mim. Ele é a angústia do meu coração.  
 Vocês ouvem as notas de Sua flauta, somente com seus ouvidos,  
 Mas Ó, eu as ouço no fundo de minha alma.  
 Escuto Sua flauta chamando: ‘Radha, venha!  
 Sem você o bosque está despojado de encanto.’”

O Mestre cantou com lágrimas nos olhos e disse a Keshab e outros devotos Brahmos: “Não importa se aceitem ou não, Radha e Krishna, mas por favor, aceitem a atração que um sentia pelo outro. Tentem criar em seu coração o mesmo desejo ardente por Deus. Anelo é tudo o que vocês necessitam para realizá-Lo.”

Gradualmente a maré baixa começou. O barco aumentou a velocidade até Calcutá. Passaram sob a Ponte Howrath e avistaram o Jardim Botânico. Pediram ao capitão para ir um pouco mais rio

abaixo. Os passageiros estavam encantados com as palavras do Mestre e a maioria tinha perdido a noção do tempo e de quanto haviam navegado.

Keshab começou a servir arroz empapado e coco raspado. Os convidados puseram a comida nas dobras da roupa e logo começaram a comer. Todos estavam muito felizes. O Mestre observou, entretanto, que Keshab e Vijay estavam constrangidos e ficou ansioso para reconciliá-los.

Mestre (*a Keshab*): “Olhe. Ali está Vijay. Sua briga parece-se com a de Shiva e Rama. Shiva foi o guru de Rama. Apesar de brigarem, logo fizeram as pazes, mas as caretas dos fantasmas, seguidores de Shiva e os sons incompreensíveis dos macacos, seguidores de Rama, não terminaram (*Gargalhada*). Essas brigas têm lugar, mesmo entre os próprios parentes e amigos íntimos. Rama não lutou contra seus próprios filhos, Lava e Kusa? Assim também, vocês devem ter notado como a mãe e sua filha, morando juntas e tendo o mesmo objetivo espiritual, observam jejum em separado nas terças-feiras, cada uma com sua própria crença, como se o bem-estar de uma, nada tivesse a ver com o da outra. Mas o que beneficia uma, beneficia a outra. Assim também, vocês têm uma sociedade religiosa e Vijay pensa que deve ter a sua, também. (*Risada*). Penso que tudo isso é necessário. Enquanto Sri Krishna, Ele mesmo um Deus Encarnado, brincava com as gopis em Vrindavan, pessoas criadoras de problemas como Jatila e Kutila apareciam em cena. Podem perguntar o porquê disso. A resposta é que um jogo não pode se desenvolver sem pessoas criadoras de problemas. (*Todos riem*). Não há graça sem Jatila e Kutila. (*Gargalhada*).

“Ramanuja postulou a doutrina do Não-dualismo Qualificado. Mas seu Guru era um puro não-dualista. Estavam em desacordo um com o outro e refutavam mutuamente seus argumentos. É o que sempre acontece. Para o mestre, porém, o discípulo é muito íntimo.”

Todos desfrutavam a companhia e as palavras do Mestre.

Mestre (*a Keshab*): “Você não estuda a natureza das pessoas antes de torná-las seus discípulos e por isso, elas se afastam de você.

“Todas as pessoas são semelhantes, mas suas naturezas são diferentes. Algumas têm sattva em excesso, outras muito rajas e ainda outras, um excesso de tamas. Já reparou que os bolos conhecidos como puli têm a mesma aparência, mas são feitos de ingredientes muito diferentes. Uns têm leite condensado, outros coco e outros, somente sementes de kalai fervidas. (*Todos riem*).

“Sabem qual é a minha atitude? Da minha parte como, bebo e vivo feliz. O resto a Mãe Divina conhece. Na verdade há três palavras que me incomodam: ‘guru’, ‘mestre’ e ‘pai’.

“Há somente um Guru, que é Satchidananda. Só ele é o Instrutor. Minha atitude em relação a Deus é a de um filho para com a mãe. Podemos conseguir milhões de gurus humanos. Todos querem ser instrutores, mas quem quer ser discípulo?

“É extremamente difícil ensinar os outros. Um homem só pode ensinar se Deus Se revela a Ele e lhe dá a ordem. Narada, Shukadeva e sábios como eles receberam tal autorização de Deus e Shankara também a teve. A não ser que Deus ordene, quem ouvirá suas palavras?

“Sabe como as pessoas de Calcutá ficam agitadas com tanta facilidade? O leite sobe e ferve enquanto existir fogo debaixo dele. Apague o fogo e tudo ficará parado. As pessoas de Calcutá gostam de sensações. Podemos vê-las cavando um poço num certo lugar. Dizem que querem água, mas se encontram uma pedra desistem; recomeçam a cavar em outro lugar. Aí talvez encontrem areia; desistem de novo. Recomeçam então, num terceiro lugar e assim vai. Isso, porém, não aconteceria se um homem apenas imaginar que tem o mandato de Deus.

“Deus revela-Se a uma pessoa e fala. Só então ela pode receber Seu comando. Quão poderosas são as palavras de tal mestre! Podem remover montanhas. Mas, simples conferências? O povo as ouvirá por alguns dias e as esquecerá logo. Nunca agirá somente por simples palavras.

“Em Kamarpukur há um pequeno lago chamado Haldarpukur. Certas pessoas costumavam sujar as margens todos os dias. Outras iam de manhã para se banharem, xingavam essas pessoas em voz alta, e na manhã seguinte, encontravam a mesma situação. O aborrecimento não tinha fim. (*Todos riem*). Os aldeões do local, por fim, informaram as autoridades. Um policial foi avisado e colocou um aviso, na margem, dizendo: ‘Proibido causar aborrecimentos’. Isto bastou para que os transgressores parassem imediatamente. (*Todos riem*).

“Para ensinar alguém, deve-se ter autorização, senão, ensinar torna-se um engodo. Um homem que, por sua vez, é um ignorante, começa a ensinar os outros – como um cego guiando um outro cego! Em vez de fazer o bem, esse ensinamento é prejudicial. Depois da realização de Deus, obtém-se a visão interior. Só então, poderá diagnosticar uma doença espiritual e dar instrução.

“Sem a delegação de Deus, um homem torna-se iludido. Diz para si mesmo: ‘Estou ensinando às pessoas.’ Essa vaidade advém da ignorância, pois somente uma pessoa ignorante pensa que é ela quem faz. Um homem realmente libera-se em vida, se sentir: ‘Deus é O que faz. Só Ele está fazendo tudo. Eu não faço nada.’ Os sofrimentos e preocupações do homem surgem unicamente do pensamento persistente de que é ele quem faz.

“Vocês falam de fazer bem para o mundo. É o mundo uma coisa pequena? E, quem são vocês, digam-me, para fazerem bem ao mundo? Primeiro realizem Deus, vejam-n’O por meio de disciplina espiritual. Se Ele lhes conferir poder, então podem fazer bem aos outros, do contrário, não.”

Um devoto Brahma: “Devemos, senhor, abandonar nossas atividades até que realizemos Deus?”

Mestre: “Não. Por que deveriam? Devem-se empenhar em tais atividades como contemplação, cantar Suas glórias e outras devoções diárias.”

Brahma: “E nossos deveres mundanos – deveres ligados a ganhar dinheiro e assim por diante?”

Mestre: “Sim, pode fazê-las, também, desde que necessitem delas para viver. Ao mesmo tempo devem orar a Deus na solidão, com lágrimas nos olhos a fim de que possam executar aquelas obrigações de uma forma desinteressada. Devem dizer-Lhe: ‘Ó Deus, diminui minhas obrigações do mundo cada vez mais, senão, Ó Senhor, acho que Te esquecerei, envolvido em tantas atividades. Posso pensar que estou fazendo um trabalho desinteressado, mas no final, acaba sendo egoísta.’ Pessoas que dão muitas esmolas ou distribuem comida para os pobres, caem vítimas do desejo de nome e fama.

“Sambhu Mallick uma vez falou em construir hospitais, dispensários e escolas, estradas, reservatórios públicos etc. Eu lhe disse: ‘Não se desvie de seu caminho para cuidar desses trabalhos. Execute apenas aqueles que se apresentam e que são de muita necessidade – execute-os com desapego.’ Não é bom ficar envolvido em muitas atividades. Isso pode fazer com que se esqueça de Deus. Vindo ao templo de Kalighat alguns talvez gastem todo o seu tempo dando esmolas aos pobres. Não têm tempo para ver a Mãe no santuário interior. (*Risada*). Em primeiro lugar, faça tudo para conseguir ver a Mãe Divina, mesmo que tenha que abrir caminho entre a multidão. Então, pode ou não dar esmolas, como quiser. Você pode dar aos pobres o quanto satisfaça o seu coração, se assim sentir vontade. O trabalho é somente um meio de realização de Deus. Por conseguinte, disse a Sambhu: ‘Suponha que Deus apareça diante de você; então Lhe pediria para construir hospitais e ambulatórios para você?’ (*Risada*). Um amante de Deus jamais diz isso, mas sim: ‘Ó Senhor, dá-me um lugar nos Teus Pés de Lótus. Mantenha-me sempre em Tua companhia. Dá-me sincero e puro amor por Ti.’

“Karmayoga é na verdade, muito dura. No Kaliyuga é extremamente difícil fazer os rituais prescritos nas escrituras. A vida de um homem está hoje em dia, centrada somente na comida. Ele não pode executar muitos ritos, conforme as escrituras. Suponhamos que uma pessoa esteja com febre. Se for tentada uma cura demorada, com remédios antiquados, demorará muito e sua vida pode acabar-se. Não agüenta a espera. Hoje em dia a mistura drástica ‘D.Gupta’<sup>9</sup> é a indicada. No Kaliyuga o melhor remédio é a Bhakti Yoga, o caminho da devoção – cantar as glórias do Senhor e a oração. Só o caminho da devoção é a religião para esta época.” (*Aos devotos Brahmas*). “O seu, também, é o caminho da devoção. São realmente abençoados porque cantam o nome de Hari e as glórias da Mãe Divina. Gostei de sua atitude. Não dizem que o mundo é um sonho como os não-dualistas. Vocês não são Brahmajnanis como eles: são bhaktas, amantes de Deus. Que vocês O considerem uma Pessoa, também é bom. Vocês são devotos. Certamente O realizarão se O chamarem com sinceridade e dedicação.”

O barco ancorou em Kayalaghat e os passageiros prepararam-se para desembarcar. Quando saíram, viram que a lua cheia já havia surgido. As árvores, os edifícios e os barcos do Ganges estavam banhados pelo suave luar. Chamaram uma carruagem para o Mestre e M. e alguns devotos entraram. O Mestre perguntou por Keshab que chegou perguntando sobre as medidas tomadas para o regresso do Mestre a Dakshineswar. Em seguida inclinou-se profundamente e despediu-se de Sri Ramakrishna.

A carruagem atravessou o bairro europeu da cidade. O Mestre apreciou as belas mansões em ambos os lados da rua, muito bem iluminadas. Subitamente disse: “Estou com sede. O que se pode fazer?” Nandalal, sobrinho de Keshab, parou a carruagem defronte ao India Club e subiu para pedir água. Conseguiu e o Mestre perguntou se o copo havia sido bem lavado. Assegurando-se que isso havia sido feito, bebeu a água.

Enquanto a carruagem andava, o Mestre pôs a cabeça para fora, olhando com uma alegria infantil, as pessoas, os veículos, os cavalos e as ruas, tudo inundado pelo luar. De vez em quando ouvia as senhoras européias cantando ao piano. O Mestre estava muito feliz.

<sup>9</sup> Remédio patenteado contra a febre, que contém uma forte dose de quinino.

A carruagem chegou à casa de Surendra Mitra, um grande devoto do Mestre, a quem ele afetuosamente, chamava Surendra. Não estava em casa.

As pessoas da casa abriram uma das salas no andar térreo para o Mestre e sua comitiva. A carruagem tinha que ser paga. Se Surendra estivesse lá, certamente o faria. O Mestre disse a um dos devotos: “Por que não pede às senhoras da casa para pagar? Elas certamente sabem que Surendra nos visita em Dakshineswar. Não sou um estranho para elas.” (*Todos riem*).

Foram buscar Narendra que vivia nessa parte da cidade. Nesse meio tempo Sri Ramakrishna e os devotos foram convidados para ir à sala de visitas no andar de cima. O chão estava coberto por um tapete e um lençol branco. Algumas almofadas estavam espalhadas. Na parede havia um quadro a óleo especialmente pintado para Surendra, em que Sri Ramakrishna mostrava a Keshab a harmonia entre o cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo e outras religiões. Vendo o quadro Keshab havia dito, certa ocasião: “Abençoado seja a pessoa que teve a idéia de pintá-lo.”

Sri Ramakrishna conversava alegremente com os devotos, quando Narendra chegou. Isto fez o Mestre ficar duplamente feliz. Disse ao jovem discípulo: “Hoje fizemos uma viagem de barco com Keshab. Vijay e outros devotos Brahmós estavam presentes. (*Mostrando M.*). Pergunte a ele o que eu disse a Keshab e Vijay sobre a mãe e a filha fazendo jejum na terça-feira, cada uma por sua conta, embora o bem-estar de uma fosse o bem-estar de outra. Disse, também, a Keshab que, encenqueiros como Jatila e Kutila eram necessários para dar sabor ao jogo. (*A M.*). Não é verdade?”

“M.: “Sim, senhor, foi assim.”

Era tarde. Surendra ainda não havia retornado. O Mestre tinha que voltar ao templo e chegou uma carruagem para levá-lo. M. e Narendra saudaram-no e despediram-se. A carruagem de Sri Ramakrishna partiu para Dakshineswar, percorrendo as ruas iluminadas pelo luar.

## CAPÍTULO VI

### O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (I)

28 de outubro de 1882

**E**RA SÁBADO. O festival semestral Brahma, celebrado todo outono e primavera, estava se realizando na linda chácara de Benimadhav Pal, em Sinthi, mais ou menos a três milhas ao norte de Calcutá. A casa fora construída num lugar retirado, adequado à meditação. As árvores carregadas de flores, lagos artificiais com beiradas gramadas e verdes pérgulas aumentavam a beleza do lugar. Quando as nuvens começaram a ficar douradas à luz do sol que se punha, o Mestre chegou.

Muitos devotos haviam feito suas práticas de manhã e à tarde e pessoas vindas de Calcutá e vilarejos vizinhos, juntaram-se a eles. Shivanath, o grande devoto Brahma, de quem o Mestre gostava muito, era um dos membros do Brahma Samaj, que ansiosamente estavam esperando pela chegada de Sri Ramakrishna.

Quando a carruagem trazendo o Mestre e alguns devotos chegaram à chácara, todos se levantaram respeitosamente para recebê-lo. Fez-se um súbito silêncio, semelhante àquele que ocorre quando se abre a cortina de um palco. As pessoas que estavam conversando, agora fixaram a atenção no rosto sereno do Mestre, para não perderem uma só palavra de seus lábios.

Ao ver Shivanath, o Mestre gritou alegremente: “Ah! Aqui está Shivanath! Veja, você é um devoto de Deus. À sua simples visão, meu coração se alegra. Um fumante de cânhamo fica muito feliz ao encontrar um outro. Frequentemente abraçam-se com muita alegria.”

Os devotos caíram na risada.

Mestre: “Muitas pessoas visitam o templo de Dakshineswar. Se noto que alguns devotos são indiferentes a Deus, digo-lhes: ‘É melhor sentarem-se lá.’ Ou, às vezes, digo: ‘Saíam e vão ver as lindas construções lá fora.’ (*Risada*).

“Às vezes vejo que alguns devotos vêm acompanhados de pessoas sem valor moral. Seus companheiros estão mergulhados em total mundanismo e não gostam de jeito algum de falar de assuntos espirituais. Enquanto os devotos ficam por longo tempo, falando comigo sobre Deus, os outros tornam-se inquietos. Como não conseguem ficar sentados por muito tempo, sussurram aos seus amigos devotos: ‘Quando vamos embora? Por quanto tempo vão ficar aqui?’ Os devotos dizem: ‘Esperem um pouco. Iremos embora daqui a pouco.’ Então as pessoas mundanas dizem, com um tom aborrecido: ‘Bem, podem falar. Esperamos por você no barco.’ (*Todos riem*).

“Pessoas do mundo nunca os ouvirão se lhes pedirem para renunciar a tudo a fim de se dedicarem de todo o coração a Deus. Por esta razão Chaitanya e Nitai depois de pensarem muito, arrumaram um jeito de conquistar as pessoas mundanas. Disseram-lhe: ‘Venham, repitam o nome de Hari e terão uma deliciosa sopa de peixe magur e o abraço de uma jovem.’ Muitas pessoas atraídas pelo peixe e pela mulher, começaram a cantar o nome de Deus. Depois de provarem um pouco do néctar do nome sagrado de Deus, compreenderam que a ‘sopa de peixe’ era na realidade, as lágrimas derramadas pelo amor de Deus, enquanto que a ‘jovem’, significava a terra. O abraço da mulher significava rolar na terra em arrebatamento do amor divino.

“Nitai utilizava qualquer meio para fazer as pessoas repetirem o nome de Hari. Chaitanya dizia: ‘O nome de Deus possui uma grande santidade. Pode não dar resultado imediato, mas um dia dará frutos. É como uma semente deixada na cornija de um edifício. Algum dia a casa cai, a semente cai no chão, germina e por fim, dá frutos.’

“Assim como as pessoas são dotadas de sattva, rajas e tamas, assim também, bhakti caracteriza-se pelos três gunas.

“Você sabe como é um homem do mundo dotado de sattva? Talvez sua casa esteja mal conservada aqui e ali. Ele não se preocupa em consertá-la. O santuário talvez esteja cheio de sujeira dos pombos e o pátio coberto de mato, mas não liga para essas coisas. A mobília da casa possivelmente está velha, mas não pensa em dar-lhe polimento, nem envernizá-la e nem fazê-la parecer limpa. Não liga para roupa, qualquer coisa está boa para ele, mas o homem mesmo é muito gentil, bondoso e humilde, não faz mal a ninguém.

“Entre as pessoas do mundo, há as que têm traços de rajas. Tal homem tem um relógio com uma corrente e dois ou três anéis nos dedos. A mobília de sua casa é nova em folha. Nas paredes estão pendurados os retratos da Rainha, do Príncipe de Gales e de outras pessoas importantes; a casa está impecavelmente limpa. Seu armário está cheio de uma grande variedade de roupas; até os lacaios usam libré e assim por diante.

“Os traços de um homem do mundo dotado de *tamas* são sono, luxúria, raiva, egoísmo e similares.

“Assim também, *bhakti*, devoção, tem *sattva*. Um devoto que a possui, medita em Deus em segredo absoluto, talvez dentro do seu mosquitoeiro. As pessoas pensam que está dormindo. Uma vez que demora a se levantar, pensam que talvez não tenha dormido bem à noite. Seu amor pelo corpo não vai além da necessidade de satisfazer a fome e isso mesmo apenas com arroz e simples verduras. Não há qualquer cuidado com suas refeições, nenhum luxo nas roupas e nenhuma ostentação com a mobília. Além disso, esse devoto jamais bajula ninguém por dinheiro.

“Um aspirante que possui *bhakti rajásica* põe um *tilak*<sup>1</sup> na testa e um rosário de contas de *rudraksha*, entremeadas com algumas de ouro, em seu pescoço. (*Todos riem*). Para o culto, usa uma roupa de seda.

“Um homem dotado de *bhakti tamásica* tem uma fé ardente. Esse devoto literalmente exige graças de Deus, assim como um assaltante cai em cima de uma pessoa para roubar seu dinheiro. ‘Prenda! Bata! Mate!’ - esse é a maneira dos saqueadores.”

Ao dizer isso, o Mestre começou a cantar com uma voz doce e amor extasiante, com os olhos voltados para cima:

Por que eu deveria ir para o Ganga ou Gaya, para Kasi, Kanchi ou Prabhas<sup>2</sup>  
 Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?  
 Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoções  
 Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas<sup>3</sup>  
 Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais.  
 Caridade, votos, doações de oferendas não mais atraem a mente de Madan<sup>4</sup> ;  
 Os Pés de Lótus da Abençoada Mãe são sua única oração e sacrifício.  
 Quem poderia ter jamais concebido o poder que Seu nome possui?  
 O Próprio Shiva, Deus dos Deuses, canta loas a Ela, com Suas cinco bocas!

O Mestre estava fora de si com o amor pela Mãe Divina. Cantava com entusiasmo ardente:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,  
 Como podes Tu, Ó Abençoado,  
 Impedir minha Liberação.  
 Por pior que eu seja?

Então disse: “Deve-se tomar uma atitude firme: ‘O que? Cantei o nome da Mãe. Como posso continuar sendo um pecador? Sou Seu filho, herdeiro de Seus Poderes e Glórias.’

“Se você puder tornar espirituais Seus *tamas*, poderá realizar Deus com Sua ajuda. Force Deus a atender seus pedidos. Ele não é um estranho para você. Na verdade, é muito íntimo.

“A qualidade de *tamas* pode ser usada para o bem-estar de todos. Há três classes de médicos: superior, medíocre e inferior. O médico que sente o pulso do paciente e apenas lhe diz: ‘Tome o remédio regularmente’, faz parte do tipo inferior. Não se importa em saber se o paciente realmente tomou o remédio. O medíocre é aquele que por diversos recursos, convence o paciente a tomar o remédio e diz-lhe suavemente: ‘Meu bom homem, como espera curar-se se não tomar o remédio? Tome-o. Eu mesmo o preparei para você.’ Mas aquele que vendo o paciente teimosamente recusar-se a tomar o remédio, colocando-o garganta abaixo, a ponto de pôr o joelho no peito do paciente, é o melhor médico. Essa é uma manifestação de *tamas* do médico, mas tal atitude não prejudica o doente, ao contrário, faz-lhe bem.

“Como os médicos, há três tipos de instrutores religiosos. O inferior que apenas dá instrução aos discípulos, mas não lhe faz perguntas sobre seus progressos. O mestre medíocre que, para o bem do

<sup>1</sup> Uma marca de pasta de sândalo ou outro material, para denotar a afiliação religiosa.

<sup>2</sup> Cinco lugares de peregrinação.

<sup>3</sup> Aurora, meio-dia e entardecer.

<sup>4</sup> O autor do cântico.

aspirante, faz repetidos esforços para lhe trazer conhecimentos, pede-lhe que os estude e demonstrelhes amor de várias maneiras. Há, porém, o mestre que vai ao extremo de usar a força, caso o estudante persista em não estudar; considero-o o melhor.”

Um devoto Brahmo: “Senhor, Deus tem forma ou não?”

Mestre: “Em termos finais ninguém pode dizer que Deus é apenas ‘isso’ e nada mais. Ele é sem forma, mas também, tem formas. Para o bhakta Ele assume formas, mas é sem forma para o jnani, isto é, para aquele que considera o mundo um simples sonho. O bhakta sente que é uma entidade e o mundo, uma outra. Por conseguinte, Deus revela-Se a ele como uma Pessoa, mas o jnani – o vedantista por exemplo, discrimina sempre, utilizando o processo de ‘Isto não, isto não’. Através de sua discriminação realiza, por sua percepção interior, que o ego e o universo são ambos ilusórios, como um sonho. Então o jnani realiza Brahman em sua própria consciência. Ele não pode descrever o que Brahman é.

“Sabem o que quero dizer? Pensem em Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos como um oceano sem praia. Pela influência refrescante por assim dizer, do amor do bhakta, a água se congela em determinados lugares em forma de blocos de gelo. Em outras palavras, Deus de vez em quando assume formas diversas para Seus amantes e revela-Se como uma Pessoa. Com o aparecimento do sol do Conhecimento, porém, os blocos de gelo derretem-se. Não mais se sente que Deus é uma Pessoa, nem se vê as formas de Deus. O que Ele é não tem descrição. Quem pode descrevê-Lo? Aquele que pode fazê-lo, desaparece. Não pode encontrar seu ‘eu’ nunca mais.

Se alguém se analisar, não encontra nada que se assemelhe ao ‘Eu’. Por exemplo, peguem uma cebola. Em primeiro lugar, tirem a camada externa vermelha; então, encontrarão outras camadas brancas, mais profundas. Tirem uma a uma cada camada e não encontrarão nada dentro.

“Neste estado, um homem não encontra mais o seu ego. E quem ficou para procurá-lo? Quem pode descrever como ele se sente nesse estado – em sua própria Consciência Pura – a respeito da natureza real de Brahman? Uma vez uma boneca de sal foi medir a profundidade do mar. Mas logo que mergulhou na água, dissolveu-se. Quem havia para dizer qual a profundidade?

“Há um sinal do Conhecimento Perfeito. O homem torna-se silencioso ao atingi-Lo. Neste caso o ‘eu’ pode ser comparado à boneca de sal; dissolve-se no Oceano de Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos e torna-se uno com Ele. Nem o mais leve traço de diferença permanece.

“Enquanto sua análise sobre si mesmo não estiver completa, o homem argumenta com muito afã, mas torna-se silencioso quando a termina. Quando o jarro vazio ficar cheio d’água, quando a água do interior do jarro tornar-se uma com a do lago que está do lado de fora, não se ouve mais qualquer som. O barulho vem do jarro, enquanto este ainda não estiver cheio d’água.

“Outrora costumava-se dizer que nenhum barco volta depois de ter entrado nas ‘águas negras’ do oceano.

“Todas as tribulações e aborrecimentos acabam quando o ‘eu’ morre. Vocês podem se empenhar em milhares de raciocínios, mas o ‘eu’ não desaparece. Para pessoas como vocês e eu, é melhor ter o sentimento: ‘Sou um amante de Deus.’

“O Saguna Brahman é para os bhaktas. Em outras palavras, o bhakta crê que Deus tem atributos e revela-Se aos homens como uma Pessoa, assumindo formas. É Ele quem ouve suas orações. Elas são dirigidas somente para Ele. Vocês são bhaktas, não jnanis ou vedantistas. Não importa se aceitam Deus com forma ou não. É suficiente que afirmem que Deus é uma Pessoa que ouve nossas preces, cria, conserva e destrói o universo e é dotado de poder infinito.

“É mais fácil alcançar-se Deus seguindo o caminho da devoção.”

Devoto Brahmo: “Senhor, é possível ver-se Deus? Em caso positivo, por que não podemos vê-Lo?”

Mestre: “Sim, certamente. Ele pode ser visto. Pode-se ver Suas formas e Seu aspecto sem forma, também. Como posso explicar isso para vocês?”

Devoto Brahmo: “Quais os meios que podemos utilizar para ver Deus?”

Mestre: “Pode chorar por Ele com intensa ânsia em seu coração? Os homens choram um jarro de lágrimas por seus filhos, por suas esposas ou por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Enquanto uma criança estiver distraída com os brinquedos a mãe cuida somente de cozinhar e outros serviços de casa. Quando uma criança, porém, perde interesse pelos brinquedos, deixa-os de lado e chama pela mãe. Então a mãe tira a panela de arroz do fogo e apressa-se em tomar a criança no colo.

Devoto Brahmo: “Senhor, por que há tantas opiniões diferentes sobre a natureza de Deus? Alguns dizem que Ele tem forma, enquanto que outros dizem que Ele é sem forma. Aqueles que falam de Deus com forma, nos falam de Seus diferentes aspectos. Por que todas essas controvérsias?”

Mestre: “O devoto pensa em Deus como O vê. Na realidade não há confusão a respeito de Deus. Deus explica tudo ao devoto se este realizar de uma maneira ou de outra. Você ainda não deu o primeiro passo nessa direção. Como pretende conhecer tudo a respeito de Deus?”

“Ouça uma história. Um dia um homem entrou num bosque e viu um animalzinho numa árvore. Quando voltou contou que havia visto uma criatura de uma linda cor vermelha, numa certa árvore. O segundo homem respondeu: “Quando fui ao bosque, também vi esse bicho. Mas por que você diz que é vermelho? Ele é verde.” Um homem que estava presente, contradisse a ambos e insistiu que era amarelo. Por fim, outros chegaram, mas disseram que era cinza, violeta, azul etc. Acabaram por brigar entre si. Para resolver a disputa foram todos para a árvore, onde viram um homem sentado debaixo dela. Ao ser indagado, respondeu: “Sim, vivo debaixo dessa árvore e conheço esse tipo de bicho muito bem. Todas as descrições de vocês estão corretas. Às vezes aparece como sendo vermelho, às vezes amarelo, azul, violeta, cinza etc. É um camaleão e chega a nem ter cor. Às vezes tem, às vezes não.”

“Do mesmo modo, aquele que sempre pensa em Deus, pode conhecer Sua natureza real; só Ele sabe que Deus revela-Se aos que O buscam em várias formas e aspectos. Deus tem atributos e também, não os tem. Somente o homem que mora debaixo da árvore sabe que o camaleão pode aparecer sob várias cores e também, sabe que o animal pode às vezes, não ter qualquer cor. São os outros que sofrem a agonia de uma discussão fútil.

“Kabir costumava dizer: ‘O Absoluto sem forma é meu Pai e o Deus com forma, é minha Mãe.’

“Deus revela-Se na forma em que o devoto O ama mais. Seu amor pelo devoto não tem limites. Está escrito nos Puranas que Deus tomou a forma de Rama para Seu grande devoto heróico, Hanuman.”

“As formas e aspectos de Deus desaparecem quando se discrimina segundo a filosofia Vedanta. A conclusão final de tal discriminação é que só Brahman é real e esse mundo de nomes e formas, ilusório. É possível para um homem, ver as formas de Deus, ou pensar n’Ele como Pessoa, apenas enquanto estiver consciente que é um devoto. Do ponto de vista de discriminação este ‘ego do devoto’ o mantém a pouca distância de Deus.

“Sabem porque as imagens de Krishna ou Kali têm três e meio cúbitos de altura? Por causa da distância. Por causa do afastamento o sol parece pequeno. Se você se aproximar o achará tão grande que não poderá compreendê-lo. Por que as imagens de Krishna e Kali apresentam uma coloração azul-escuro? Isso também é devido à distância como as águas do lago que parecem ser verdes, azuis ou pretas, de acordo com a distância. Chegue perto, pegue a água com a palma das mãos e não verá cor alguma. O céu também parece ser azul à distância. Chegue perto e verá que não tem cor alguma.

“Por isso digo que à luz do raciocínio vedantista, Brahman não tem atributos. A natureza real de Brahman não pode ser descrita, mas enquanto sua individualidade for real, o mundo também o é e igualmente são reais as diferentes formas de Deus e o sentimento de que Deus é uma Pessoa.

“O seu caminho é o de bhakti. Isso é muito bom; é um caminho fácil. Quem pode compreender totalmente o Deus infinito? E qual a necessidade de se compreender o Infinito? Tendo conseguido esse raro nascimento humano, minha necessidade suprema é desenvolver amor aos Pés de Lótus de Deus.

“Se um copo d’água é necessário para matar a sede, por que eu deveria medir a quantidade de água num lago? Eu me embriago mesmo com meia garrafa de vinho, qual a necessidade que tenho de saber a quantidade de bebida alcoólica que há numa taverna? Qual a necessidade de se conhecer o Infinito?”

“Os diversos estados mentais de um Brahmajnani estão descritos nos Vedas. O caminho do Conhecimento é extremamente difícil. Não se pode obter jnana se a pessoa ainda possuir o menor traço de mundanismo. Ou o menor apego a ‘mulher e ouro’. Não é o caminho para o Kaliyuga.

“Os Vedas falam de sete planos onde a mente mora. Quando está imersa no mundanismo, fica nos três planos inferiores – no umbigo, no órgão genital e no de excreção. Nesse estado a mente perde todas as visões mais elevadas – concentra-se só em ‘mulher e ouro’. O quarto plano é o do coração. Quando a mente está nesse plano, tem o primeiro vislumbre da consciência espiritual. A pessoa vê-se toda cercada de luz. Percebendo a luz divina fica muda e maravilhada e diz: “Ah! O que é isto?” A mente não desce para os objetos do mundo.

“O quinto plano é o da garganta. Quando a mente o atinge, o aspirante liberta-se de toda ignorância e ilusão. Não gosta de falar ou ouvir outra coisa a não ser de Deus. Se as pessoas falam a respeito de coisas mundanas, retira-se imediatamente.

“O sexto plano é o da região entre as sobrancelhas. Quando a mente atinge esse ponto, o aspirante vê a forma de Deus dia e noite, mas mesmo assim, um pequeno traço do ego permanece. A vista

da incomparável beleza da forma de Deus o torna inebriado e precipita-se para tocá-Lo e abraçá-Lo. Mas não o consegue. É como a luz dentro da lanterna. Pensa-se que se pode tocar a luz, mas não se pode, por causa do vidro.

“No alto da cabeça localiza-se o sétimo plano. Quando a mente o atinge, uma pessoa entra em samadhi. Então o Brahmajnani percebe Brahman diretamente. O corpo, porém, não fica nesse estado por muitos dias. Fica inconsciente do mundo exterior. Se o leite é despejado na boca, escorre. Estabelecido nesse plano de consciência, deixa o corpo em vinte e um dias. Essa é a condição de Brahmajnani. O seu, porém, é o caminho da devoção. É um caminho muito bom e fácil.

“Uma vez um homem me disse: “Senhor, pode me ensinar rapidamente o que o senhor chama samadhi?” (*Todos riem*).

“Depois que um homem atinge samadhi todas suas ações caem. Todas as atividades devocionais como culto, japa e outras similares, bem como as obrigações mundanas deixam de existir para uma pessoa assim. No começo há muita preocupação com o trabalho. À medida que progride em direção a Deus, a aparência exterior de trabalho torna-se cada vez menor, tanto que chega ao ponto de não poder nem mesmo cantar o nome e as glórias de Deus. (*A Shivanath*): Enquanto você não havia chegado, as pessoas falavam muito a seu respeito e discutiam suas virtudes. Mal chegou, silenciaram. A sua simples presença torna-os felizes. As pessoas simplesmente dizem: ‘Ah! Aqui está Shivanath Babu.’ Toda conversa a seu respeito cessou.

“Depois de ter atingido samadhi, fui uma vez ao Ganges fazer tarpan. Mas ao apanhar água com a palma da mão, ela escorreu entre os dedos. Chorando, disse a Haladhari: ‘Primo, o que é isso?’ Haladhari respondeu: ‘É chamado galitahasta<sup>5</sup> nos livros sagrados.’ Depois da visão de Deus, tais atos como a execução do tarpan caem por si só.

“No kirtan o devoto primeiro canta ‘Nitai amar mata hati’.<sup>6</sup> Assim que seu estado devocional se aprofunda, simplesmente canta: ‘Hati! Hati!’ Depois de tudo o que consegue cantar é ‘Hati’. E por fim, canta simplesmente ‘Há!’ e entra em samadhi. O homem que tenha cantado o tempo todo então, emudece.

“Numa festa oferecida aos brahmins, primeiro ouve-se muito falatório. Quando os convidados se sentam no chão, com os pratos de folha defronte deles, uma parte do barulho cessa. Apenas ouve-se gritar: ‘Tragam luchi!’ Enquanto comem luchi e outras iguarias, três quartos do barulho persistem. Quando a última comida, a coalhada, é servida, ouve-se somente o som ‘soop’, ‘soop’, enquanto os convidados comem-na com a mão. Não há, então, praticamente qualquer barulho. Depois, todos se retiram para dormir e passa a reinar um silêncio absoluto.

“Portanto, digo, no começo da vida religiosa, um homem se preocupa muito com seu trabalho, mas à medida que se aprofunda em Deus, suas atividades diminuem. Por fim, vem a renúncia do trabalho, seguida de samadhi.

“Em geral o corpo não permanece vivo depois de se alcançar o samadhi. As únicas exceções são sábios como Narada, que conservaram os corpos a fim de trazer luz espiritual às pessoas. Também ocorre com as Encarnações Divinas, como Chaitanya. Depois que o poço é cavado, geralmente joga-se fora a enxada e o balde, mas alguns os guardam para ajudar seus vizinhos. As grandes almas, que retêm seus corpos depois do samadhi, sentem compaixão pelo sofrimento dos outros. Não são tão egoístas a ponto de se sentirem satisfeitos com sua própria iluminação. Vocês conhecem muito bem a natureza das pessoas egoístas. Se pedirem a elas para cuspirem num determinado lugar, não o farão, a não ser que isso lhes traga benefício. Se lhes pedirem para trazer um doce barato, é possível que dêem uma lambida durante o caminho. (*Todos riem*).

“Mas as manifestações são variadas em diferentes pessoas. As almas comuns têm medo de ensinar aos outros. Um pedaço de madeira ordinária pode flutuar na água, mas afunda mesmo com o peso de um passarinho. Sábios como Narada, são como uma tora pesada que, não apenas flutua na água, mas também carrega homens, vacas e até mesmo, elefantes.

(*A Shivanath e outros devotos Brahmos*): “Por que vocês insistem tanto nos poderes e glórias de Deus? Perguntei a mesma coisa a Keshab Sen. Um dia Keshab e sua comitiva vieram ao templo de Dakshineswar. Eu lhes disse que gostaria de ouvir como davam as palestras. Organizaram uma reunião no pátio situado acima do ghat de banho no Ganga, onde Keshab deu uma palestra. Falou bem.. Entrei em transe. Depois da conferência eu disse a Keshab: ‘Por que diz várias vezes coisas como “Ó Deus,

<sup>5</sup> Literalmente, “mão inerte e entorpecida”.

<sup>6</sup> “Meu Nitai dança como um elefante louco”.

que lindas flores Tu fizeste! Ó Deus, Tu criaste o céu, as estrelas e o oceano!” etc.!’ Aqueles que amam o esplendor gostam de morar no esplendor de Deus.

“Uma vez um ladrão roubou as jóias das imagens do templo de Radhakanta. Mathur Babu entrou no templo e disse à Divindade: ‘Que vergonha, Ó Deus! Não pudeste salvar nem Tuas próprias jóias.’ ‘Que idéia!’ eu disse a Mathur, ‘Aquele que tem Lakshmi por serva e atendente, alguma vez perdeu Seu esplendor? Essas jóias podem ser preciosas para você, mas para Deus, não valem mais do que torrões de barro. Que vergonha! Não deveria ter falado de uma forma tão mesquinha. Que riqueza você pode dar a Deus para aumentar Sua glória?’

“Por conseguinte, digo que um homem procura a pessoa em quem encontra alegria. Qual a necessidade de perguntar onde ela mora, o número de suas propriedades, jardins, parentes e empregados, ou o montante de sua riqueza? Esqueço-me de tudo, ao ver Narendra. Jamais, nem mesmo inconscientemente, perguntei-lhe onde morava, qual a profissão do pai e o número de irmãos.

“Mergulhe fundo na suavidade da Bem-aventurança de Deus. Que necessidade temos de Sua infinita criação e de Sua glória ilimitada?

“O Mestre cantou:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus  
Se descer até as profundezas,  
Aí encontrará a gema do Amor.

Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração  
Onde com Seus devotos amorosos  
Sri Krishna brinca eternamente.

Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria  
E o deixe queimar com uma chama firme  
Incessantemente, dentro do seu coração.

Quem conduz seu barco através da sólida terra?  
É seu guru, diz Kubir.  
Medita nos seus pés sagrados.

Sri Ramakrishna continuou: “É verdade, também, que depois da visão de Deus, o devoto deseja presenciar Sua lila. Depois da destruição de Ravana, pelas mãos de Rama, Nikasha, mãe de Ravana, começou a fugir, temendo por sua vida. Lakshmana disse a Rama: ‘Querido irmão, explique-me essa coisa estranha. Essa Nikasha é uma senhora idosa que já sofreu muito com a perda de seus diversos filhos e no entanto, está tão temerosa de perder a própria vida, que está fugindo!’ Rama mandou-a aproximar-se, deu-lhe segurança de vida perguntou-lhe porque estava fugindo. Nikasha respondeu: “Ó Rama sou capaz de ver toda Tua lila porque ainda estou viva. Quero viver por mais tempo para ver as outras coisas que Tu ainda farás nesta terra!” (*Todos riem*).

(*A Shivanath*): “Gosto de ver você. Como poderia viver se não visse devotos de alma pura? Sinto como se eles tivessem sido meus amigos numa encarnação anterior.”

Devoto Brahma: “Senhor, acredita na reencarnação da alma?”

Mestre: “Sim, dizem que há algo assim. Como poderemos compreender os caminhos de Deus, por meio de nossos pequenos intelectos? Muitas pessoas falaram a respeito de reencarnação; por conseguinte, não posso deixar de acreditar nela. Quando Bhishma jazia moribundo em seu leito de flechas, os irmãos Pandava e Krishna estavam de pé a seu lado. Viram lágrimas rolando dos olhos do grande herói. Arjuna disse a Krishna: ‘Amigo, como isso é surpreendente! Mesmo um homem como o nosso Bhishma – veraz, com absoluto autocontrole, profundamente sábio e um dos oito Vasus – chora, por causa de maya, na hora da morte.’ Sri Krishna perguntou a Bhishma sobre isso. Este respondeu: ‘Ó Krishna, Tu sabes muito bem que essa não é a causa da minha tristeza. Estou pensando que não há fim para o sofrimento dos Pandavas, mesmo que o Próprio Deus seja seu condutor.<sup>7</sup> Um pensamento como esse faz-me sentir que não compreendi nada sobre os meios utilizados por Deus e por isso, choro.”

Eram mais ou menos oito e meia quando começou o culto da tarde no salão. Logo a lua apareceu no céu de outono, iluminando as árvores e trepadeiras do jardim com sua luz. Depois da oração, os devotos começaram a cantar. Sri Ramakrishna dançava, intoxicado pelo amor de Deus. Os devotos

<sup>7</sup> Krishna, Encarnação de Deus, era condutor do carro de Arjuna.

Brahmos dançavam a seu redor, acompanhados pelos tambores e pratos. Todos pareciam estar muito alegres. O lugar ecoava e tornava a ecoar o santo nome de Deus.

Quando a música parou, Sri Ramakrishna prosternou-se no chão e saudando a Mãe Divina várias vezes, disse: “Bhagavata – Bhakta – Bhagavan! Minhas saudações aos pés dos jnanis! Minhas saudações aos pés dos bhaktas! Saúdo os bhaktas que crêem em Deus com forma e os bhaktas que crêem em Deus sem forma. Saúdo os conhecedores de Brahman de outrora e minhas saudações aos pés dos modernos conhecedores de Brahman do Brahma Samaj!”

O Mestre e os devotos comeram as deliciosas iguarias que Benimadhav, o anfitrião, havia providenciado.

Quinta-feira, 15 de novembro de 1882

Sri Ramakrishna, acompanhado de Rakhal e outros devotos, vieram a Calcutá de carruagem e foram buscar M. na escola onde ensinava. Logo dirigiram-se para o Maidan. Sri Ramakrishna queria conhecer o Circo Wilson. Enquanto a carruagem corria pela estrada Chitpore, apinhada de pessoas, sua alegria era enorme. Como uma criancinha, pôs a cabeça para fora, primeiro de um lado da carruagem e em seguida, do outro, falando sozinho como se estivesse dirigindo-se aos transeuntes. Disse a M.: “Acho que a atenção das pessoas está fixada nas coisas terrenas. Estão sempre correndo para o bem do estômago. Ninguém está pensando em Deus.”

Chegaram ao circo. Compraram ingressos para os lugares mais baratos. Os devotos levaram o Mestre para a galeria alta e sentaram-se num banco. Dizia alegremente: “Há! É um lugar bom. Posso ver o espetáculo muito bem daqui.” Havia diversos quadros. Um cavalo corria em torno de uma pista circular onde foram colocados anéis de ferro, separados por intervalos. A amazona, uma inglesa, ficava em pé no lombo do cavalo e assim que este passava por baixo do anel, saltava através dele, sempre apoiando-se num pé só em cima do cavalo. O cavalo percorreu o círculo inteiro e a moça nunca perdeu o cavalo, nem o equilíbrio.

Quando o espetáculo terminou, o Mestre e os devotos foram para fora, perto da carruagem. Como fazia uma noite fria, cobriu-se com o xale verde.

Sri Ramakrishna disse a M.: “Você viu como a inglesa conseguiu ficar num pé só, enquanto o cavalo corria como um raio? Como essa proeza deve ser difícil de ser realizada! Deve ter praticado por muito tempo. Ao menor descuido, ela teria quebrado os braços ou as pernas e poderia até ter morrido. Uma pessoa enfrenta a mesma dificuldade levando a vida de um chefe de família. Poucos têm sucesso e isto é devido à graça de Deus e à prática espiritual. A maioria, contudo, fracassa. Entrando no mundo, tornam-se cada vez mais envolvidos nele; afundam-se no mundanismo e sofrem as agonias da morte. Somente poucos, como Janaka, tiveram sucesso pelo poder de suas austeridades, na vida espiritual como chefes de família. Por conseguinte, a prática espiritual é extremamente necessária, pois do contrário, não se pode viver de forma correta no mundo.”

O Mestre entrou na carruagem com os devotos e foram para a casa de Balaram Bose. Foi levado com seus acompanhantes até o segundo andar. Era noite e os lampiões estavam acesos. O Mestre descreveu o que havia visto no circo. Gradualmente foram chegando outros devotos e logo ele começou a falar de assuntos espirituais.

A conversa girou em torno do sistema de castas. Sri Ramakrishna disse: “O sistema de castas só pode ser removido por um meio e este é o amor de Deus. Os amantes de Deus não pertencem a qualquer casta. A mente, o corpo e a alma de um homem tornam-se purificados pelo amor divino. Chaitanya e Nityananda disseminaram o nome de Hari para todos, inclusive párias e abraçaram-nos todos. Um brahmin sem esse amor não é mais um brahmin. Um pária com amor de Deus já não é mais um pária. Pela bhakti um intocável torna-se puro e elevado.

Referindo-se aos chefes de família mergulhados no mundanismo, o Mestre disse: “São como o bicho-da-seda. Podem sair do casulo de sua vida mundana, se quiserem, mas não suportam fazê-lo porque eles mesmos construíram um tal casulo com muito amor e cuidado. Então morrem aí. Ou são como peixes numa armadilha. Podem sair pelo mesmo lugar em que entraram, mas preferem divertir-se uns com os outros e ouvir o suave murmúrio das águas e esquecem-se de tudo o mais. Não fazem qualquer esforço para se libertarem da armadilha. As vozes das crianças são o murmúrio das águas e os outros peixes são os parentes e amigos. Apenas um ou dois conseguem fugir. São as almas liberadas.

O Mestre então, cantou:

Quando esta ilusão envolve o mundo, através da magia de Mahamaya,  
Que Brahman está despojado de sentido.  
E Vishnu perde consciência,  
Qual a esperança que resta para os homens?

Primeiro é construído um pequeno canal e ali é colocada a armadilha:  
Mas a passagem permanece aberta:  
O peixe, uma vez tendo atravessado a salvo pela porta  
Não sai outra vez.

O bicho-da-seda prepara pacientemente o casulo de fios tão juntos;  
Mesmo que haja uma abertura para sair,  
Preso dentro do seu casulo,  
O bicho-da-seda fica para morrer.

O Mestre continuou: “O homem pode ser comparado a um grão que caiu entre as pedras de um moinho e está a ponto de ser triturado. Somente os poucos grãos que permanecem próximos à cavilha, escapam. Portanto, os homens devem refugiar-se na cavilha, quer dizer, em Deus. Chamá-Lo, cantar Seu nome. Então estarão livres senão, serão esmagados pelo Rei da Morte.”

O Mestre cantou de novo:

Mãe! Mãe! Meu barco está afundando, aqui no oceano deste mundo:  
Ferozmente o furacão da ilusão devasta todos os lados!  
Desajeitado é meu timoneiro, a mente, teimosos, meus seis remadores, as peixões.  
Num vento sem piedade,  
Fiz zarpar meu barco que agora, está afundando!

Partido está o leme da devoção; andrajosa, a vela da fé:  
No meu barco as águas estão entrando. O que tenho que fazer?  
Porque com meus olhos fracos, Ó! Nada a não ser escuridão, vejo  
Aqui nas ondas nadarei  
Ó Mãe! E me agarrarei à jangada do Teu nome!

O Sr. Viswas esteve sentado no quarto, durante muito tempo, mas agora saíra. Já tivera muito dinheiro, mas havia gasto tudo, levando uma vida imoral. Por fim tornara-se indiferente à esposa e filhos. Referindo-se ao Sr. Viswas, Sri Ramakrishna disse: ‘É um pobre coitado. Um chefe de família tem suas obrigações, dívidas a pagar: dívidas com os deuses, com os ancestrais, com os rishis e com a esposa e filhos. Se uma esposa é casta então, o marido tem que sustentá-la; tem também que educar os filhos até que cresçam. Só um monge não pode guardar; as aves e os monges não armazenam para o futuro, mas a ave, se tiver filhotes, cuida de seu sustento. Traz comida no bico para eles.

Balaram: “Sr. Viswas agora quer cultivar a companhia de pessoas santas.”

Mestre (*com um sorriso*): “O kamandalu de um monge vai com ele para os quatro principais lugares santos <sup>8</sup> de peregrinação, mas permanece com gosto amargo. Assim também diz-se que a brisa da Malaia transforma todas as árvores em sândalo, mas há algumas exceções, como o algodoeiro, a ashwattha e a ameixeira de porco.

“Alguns freqüentam a companhia dos santos para fumar cânhamo. Muitos monges fumam e alguns chefes de família permanecem com eles, preparam o cânhamo e compartilham o prasad.

*Quinta-feira, 16 de novembro de 1882*

O Mestre havia vindo para Calcutá. À noite foi para a casa de Rajmohan, membro do Brahma Samaj, onde Narendra e alguns jovens amigos costumavam se reunir e fazer adoração, de acordo com as cerimônias Brahma. Sri Ramakrishna queria ver seu culto. Estava acompanhado de M. e alguns devotos.

O Mestre ficou muito feliz ao ver Narendra e expressou desejo de observar os jovens na adoração. Narendra cantou e logo começou o culto. Um dos jovens o conduziu. Orou: “Ó Senhor, que posamos abandonar tudo e sermos absorvidos em Ti!” Possivelmente o jovem havia ficado inspirado

<sup>8</sup> Os quatro pontos cardinais as Índia, isto é, Kedarnath no Himalaia, Dwaraka no oeste, Rameswar no sul e Puri no leste.

pela presença do Mestre e por isso, havia falado de renúncia total. Sri Ramakrishna observou com um sussurro: “Há muita probabilidade que isso aconteça!”

Rajmohan serviu o Mestre com uma refeição ligeira.

*Domingo, 19 de novembro de 1882*

Era a época auspiciosa do Jagaddhatri Puja, o festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna foi convidado para a casa de Surendra em Calcutá, mas antes, foi à casa de Manomohan na vizinhança.

O Mestre estava sentado na sala de visitas de Manomohan. Disse: “Deus aprecia muito a bhakti dos pobres e dos humildes, assim como a vaca gosta de forragem misturada com bolo de óleo de linhaça. O rei Duryodhana mostrou a Krishna o esplendor de sua opulência e riquezas, mas Ele só aceitou a hospitalidade do pobre Vidura. Deus é amante de Seus devotos. Corre atrás do devoto, como a vaca atrás do bezerro.”

O Mestre cantou:

E, por causa daquele amor, os poderosos yogis praticam  
Yoga de uma época para outra;  
Quando o amor desperta, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Ele.

Disse: “Chaitanya costumava derramar lágrimas de alegria à simples menção do nome de Krishna. Só Deus é Substância real; tudo o mais é ilusório. O homem pode realizar Deus, se quiser, mas deseja buscar loucamente o prazer de ‘mulher e ouro’. Uma cobra tem uma pedra preciosa<sup>9</sup> na cabeça, mas se contenta em comer uma simples rã.

“Bhakti é a única coisa essencial. Quem pode alguma vez conhecê-Lo pelo raciocínio? Quero amor de Deus. Que me importa conhecer Suas glórias infinitas? Uma garrafa de vinho me embriaga. Que me importa saber quantos galões há na taverna? Um jarro de água é suficiente para matar a sede. Não preciso conhecer a quantidade d’água que há na terra.

Sri Ramakrishna chegou à casa de Surendra. Muitos devotos estavam já reunidos ali, inclusive o irmão mais velho de Surendra, que era juiz.

Mestre (*ao irmão de Surendra*): “O senhor é um juiz. Isto é muito bom, mas lembre-se: tudo o que acontece é pelo poder de Deus. É Ele quem lhe deu sua posição elevada. Por isso o senhor tornou-se um juiz. As pessoas pensam que são grandes. A água desce do telhado através de uma calha, cuja extremidade tem a forma de uma cabeça de leão. É como se o leão trouxesse a água pela boca. Mas olhe a fonte d’água! Uma nuvem junta-se no céu e a chuva cai sobre o telhado; então a água vem através do cano e por fim, sai pela gárgula.”

Irmão de Surendra: “O Brahma Samaj prega a liberdade das mulheres e a abolição do sistema de castas. O que o senhor pensa a respeito desses assuntos?”

Mestre: “Os homens sentem-se assim quando estão começando a desenvolver anseio espiritual. Uma tempestade levanta nuvens de pó e não se pode distinguir as diferentes árvores - mangueira, ameixeira de porco e tamarindeiro. Mas depois que a tormenta cessa, pode-se ver claramente. Logo se compreende que somente Deus é o Maior Bem, a Substância Eterna e que tudo o mais é transitório. Não se pode compreender isso sem tapasya e companhia dos santos. Qual é a vantagem de simplesmente recitar as partes teóricas para tocar um tambor? É muito difícil colocá-las em prática nesse instrumento. O que se pode conseguir por mero discurso? É necessário fazer-se austeridade. Somente com ela pode-se compreender.

“O senhor perguntou sobre a diferença de castas. Só há uma maneira de removê-las e é através do amor a Deus. Os amantes de Deus não têm casta. Por meio desse amor divino, o intocável se torna puro, o pária deixa de ser pária. Chaitanya abraçava todos, inclusive os párias.

“Os membros do Brahma Samaj cantam o nome de Hari. Isto é muito bom. Pela oração sincera, recebe-se a graça de Deus e realiza-O. Deus pode ser realizado por todos os caminhos. O mesmo Deus é invocado por diferentes nomes.”

O irmão de Surendra: “Senhor, o que pensa da Teosofia?”

<sup>9</sup> Crença popular em Bengala.

Mestre: “Ouvi dizer que se pode adquirir poderes sobrenaturais através dela e realizar milagres. Vi um homem que mantinha um espírito sob controle. O espírito costumava trazer várias coisas para seu senhor. O que farei com poderes sobrenaturais? Pode alguém realizar Deus por meio deles? Se Deus não é realizado, então, tudo é inútil.”

*Novembro de 1882*

Eram mais ou menos quatro horas da tarde, quando Sri Ramakrishna chegou a Calcutá, para o festival anual do Brahma Samaj, que deveria ser celebrado na casa de Manilal Mallick. Além de M. e outros devotos do Mestre, Vijay Goswami e muitos Brahmos estavam presentes. Tomaram medidas para tornar o evento um sucesso. Vijay ia dirigir o culto.

O kathak recitou a vida de Prahlada dos Puranas: Hiranyakashipu, pai de Prahlada era rei dos demônios. Alimentava muita maldade contra Deus e infringiu a seu único filho, torturas sem fim porque levava uma vida religiosa. Aflito por causa de seu pai, Prahlada orou a Deus: “Ó Deus, dê a meu pai, inclinações santas.”

A essas palavras, o Mestre chorou. Entrou em estado extático. Em seguida, começou a conversar com os devotos.

Mestre: “Bhakti é a única coisa essencial. Obtém-se o amor de Deus, cantando constantemente Seu nome e Suas glórias. Ah! Que devoto Shivanath é! Está embebido no amor de Deus, como um bolo de queijo na calda.

“Não se deve pensar, ‘Só minha religião é o caminho certo e as outras, falsas.’ Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Só é necessário ter-se uma ânsia sincera por Ele. Os caminhos são infinitos e infinitas são as opiniões.

“Deixe-me dizer uma coisa. Deus pode ser visto. Os Vedas dizem que Deus está além da mente e da fala. Isto significa que Deus é desconhecido para a mente apegada aos objetos do mundo. Vaishnavcharan<sup>10</sup> costumava dizer: ‘Deus é conhecido pela mente e intelectos puros’. Por conseguinte é necessário buscar-se a companhia de homens santos, orar e escutar as instruções do guru. Essas práticas purificam a mente. Vê-se então, Deus. A sujeira pode ser removida por um agente purificador. Vê-se então seu reflexo nela. Não se pode ver um rosto num espelho coberto de sujeira.

“Depois da purificação do coração, obtém-se amor divino. Logo vê-se Deus por Sua graça. Uma pessoa pode ensinar outras, se receber mandato de Deus, depois de tê-Lo visto. Ante disso não se deve ‘dar conferências’. Há uma canção que diz:

Você não instalou qualquer imagem aqui.  
Dentro do santuário, Ó tolo!  
Soprando a concha, simplesmente provoca  
Confusão ainda maior.

“Devem primeiro limpar o santuário do coração. Depois deverão instalar a Divindade e preparar a adoração. Contudo nada foi feito. O que vocês alcançam em simplesmente soprar a concha<sup>11</sup> e fazer grande barulho?”

Vijay sentou-se num banco colocado num plano elevado e dirigiu o culto de acordo com as regras do Brahma Samaj. Depois sentou-se ao lado do Mestre.

Mestre (*a Vijay*): “Pode dizer-me uma coisa? Por que você falou tanto sobre pecado? De repetir tantas vezes ‘Eu sou pecador’, torna-se, de fato, pecador. Deve-se ter tanta fé que se possa dizer: ‘O que? Tomei o nome de Deus, como posso ser pecador?’ Deus é nosso Pai e Mãe. Diga-Lhe: ‘Ó Senhor, cometi pecados, mas não os repetirei.’ Cante Seu nome e purifique o corpo e mente. Purifique a língua cantando o santo nome de Deus.”

*Dezembro de 1882*

À tarde Sri Ramakrishna sentou-se no pórtico oeste de seu quarto no templo de Dakshineswar. Entre outros estavam presentes Baburam, Ramdayal e M. Esses três iam passar a noite com o Mestre. M. tinha intenção de ficar e também, no dia seguinte porque era o feriado de Natal. Naburam havia começado a visitar o Mestre recentemente.

<sup>10</sup> Um notável devoto da seita vaishnava e admirador de Sri Ramakrishna.

<sup>11</sup> A concha é soprada durante o serviço do templo.

Mestre (*aos devotos*): “Um homem torna-se liberado mesmo nessa vida, quando sabe que Deus é O que faz tudo. Uma vez Keshab veio aqui, com Sambhu Mallick. Disse-lhe: ‘Nem uma folha se move que não seja pela vontade de Deus’. Onde está o livre arbítrio de um homem? Todos estão sob a vontade de Deus. Nangta era um homem de grande conhecimento, mas até ele esteve a ponto de querer matar-se, afogando-se no Ganges. Ficou aqui onze meses. Uma vez teve problemas de estômago. A dor cruciante o fez perder o controle de si mesmo e quis afogar-se no Ganges. Havia um baixio longo, próximo ao ghat de banho. Por mais longe que entrasse no rio, não podia encontrar água acima de seus joelhos. Então compreendeu tudo<sup>12</sup> e voltou. Certa vez eu estava muito doente, a ponto de querer cortar a garganta com a faca. Portanto disse: “Ó Mãe, sou a máquina e Tu és o Operador; sou o carro, Tu és o Condutor. Eu me movo como Tu me moves; faço o que Tu me fazes fazer.”

Os devotos cantaram o kirtan no aposento do Mestre:

Mora, Ó Senhor, Ó Amante de bhakti,  
Em Vrindavan do meu coração.  
E minha devoção por Ti  
Será Tua muito amada Radha,  
Meu corpo será a casa de Nanda.  
Minha ternura será Yashoda.  
Minha ânsia de libertação.  
Será Tuas gentis donzelas.

Levanta o Govardhan de meu pecado  
E mata minhas seis paixões desenfreadas.  
Ferozes como os demônios enviados por Kamsa!  
Docemente toca a flauta<sup>13</sup> de Tua graça.  
Encantando a vaca leiteira de minha mente;  
Mora nas pastagens de minha alma.

Habita próximo a Jamuna de meu anelo,  
Sob o baniano de minha esperança,  
Para sempre graciosa com Teu servo,  
E, se nada a não ser o amor dos pastores  
Puder manter-Te no vale de Vrindavan.  
Então, Senhor, deixa Dasharathi, também.  
Tornar Teu pastor e Teu escravo.

De novo cantaram:

Canta, Ó pássaro que se aninha profundamente dentro do meu coração!  
Canta, Ó pássaro que pousa na árvore Kalpa de Brahman.  
Canta a duradoura oração a Deus.  
Prova, Ó pássaro dos quatro frutos da Árvore Kalpa,  
Dharma, artha, kama, moksha  
Canta, Ó pássaro, “Só Ele é o Consolo de minha alma!”  
Canta, Ó pássaro, “Só Ele é a Alegria constante de minha vida!”  
Ó Tu, maravilhoso pássaro de minha vida,  
Canta, em voz bem alta no meu coração! Canta incessantemente, Ó pássaro!  
Canta, eternamente, como o chatak sedento  
Canta para a gota de chuva da nuvem.

Um devoto de Nandanbagan entrou no quarto com os amigos. O Mestre olhou para ele e disse: “Tudo dentro dele pode ser visto através de seus olhos, da mesma maneira que uma pessoa vê os objetos de um aposento, através da porta de vidro. “Esse devoto e seus irmãos sempre celebraram o aniversário do Brahma Samaj em sua casa, em Nandangaban. Sri Ramakrishna havia tomado parte nesses festivais.

O culto da tarde começou nos templos. O Mestre estava sentado no divã pequeno no seu aposento, absorvido em meditação. Entrou em estado extático e logo depois disse: “Mãe, por favor, traga-o para Ti. É tão modesto e humilde! Tem estado visitando-Te.” Estava o Mestre referindo-se a Baburam, que mais tarde veio a se tornar um de seus discípulos principais?

<sup>12</sup> Compreendeu que um homem não é livre nem para se matar, tudo depende da vontade da Mãe Divina. Ver introdução.

<sup>13</sup> Uma referência à vida de pastor de Sri Krishna.

O Mestre explicou os diferentes tipos de samadhi aos devotos. A conversa desviou-se para a alegria e sofrimento da vida. Por que Deus criou tanto sofrimento?

M.: “Uma vez Vidyasagar disse com um tom de ressentimento: ‘Qual a vantagem de se chamar por Deus? Pense somente nesse incidente. ‘Uma vez Chenghiz Khan invadiu um país e aprisionou muitas pessoas. O número de prisioneiros chegou a cem mil. O comandante do exército disse-lhe: ‘Majestade, quem os vai alimentar? É um risco mantê-los conosco. É igualmente perigoso soltá-los. O que farei?’ Chenghiz Khan disse: ‘É verdade. O que se pode fazer? Bem, mate-os.’ A ordem foi dada para que eles fossem cortados em pedaços. Bem, Deus viu essa carnificina, não foi? Ele não a deteve de maneira alguma, portanto, não necessito de Deus, quer Ele exista ou não. Não recebo qualquer benefício d’Ele.”

Mestre: “É possível entender a ação de Deus e Suas razões? Ele cria, Ele preserva e Ele destrói. Pode-se alguma vez compreender porque Ele destrói? Digo à Mãe Divina: ‘Ó Mãe, não preciso compreender Deus. Por favor, dá-me amor por Teus Pés de Lótus.’ A meta da vida humana é atingir bhakti. Quanto às outras coisas, a Mãe é quem sabe o que é melhor. Vim ao pomar comer mangas. Que necessidade tenho de contar o número de árvores, galhos e folhas? Como somente as mangas, não necessito conhecer o número de árvores e folhas.”

Baburam, M. e Ramadaya dormiram naquela noite no chão do quarto do Mestre.

Era muito cedo, mais ou menos duas ou três horas da manhã. O aposento estava escuro. Sri Ramakrishna, sentado na cama, de vez em quando conversava com os devotos.

Mestre: “Lembre-se que daya, compaixão e maya, apego são duas coisas diferentes. Apego significa o sentimento de ‘meu’ em relação aos familiares. É o amor que se sente pelos pais, irmãos, irmãs, esposa e filhos. Compaixão é o amor que se sente por todos os seres do mundo. É uma atitude de igualdade. Se vocês virem em algum lugar um exemplo de compaixão, como em Vidyasagar, creiam que é devido à graça de Deus. Através da compaixão uma pessoa serve todos os seres. Maya também vem de Deus. Por meio de maya, Deus faz uma pessoa servir os parentes. Uma coisa, contudo, deve ser lembrada: maya nos mantém e enreda-nos no mundo, enquanto que daya torna nossos corações puros e gradualmente rompe nossas cadeias.

“Deus não pode ser realizado sem pureza de coração. Uma pessoa recebe a graça de Deus subjugando as paixões – luxúria, raiva e ganância. Tem-se então, a visão de Deus. Tentei muitas coisas para vencer a luxúria.

“Quando tinha dez ou doze anos e morava em Kamarpukur, experimentei pela primeira vez, o Ssmadhi. Estava passando por um arrozal, quando vi algo e fiquei deslumbrado. Há certas características da visão de Deus. Vê-se luz, sente-se alegria e experimenta-se o surgimento de uma corrente no peito, como a subida de um foguete.”

No dia seguinte Baburam e Ramadaya voltaram para Calcutá, mas M. passou o dia e a noite com o Mestre.

*Dezembro de 1882*

Era o entardecer. O Mestre estava sentado no quarto em Dakshineswar com M. e um ou dois devotos. Vários devotos Marwaris chegaram e saudaram o Mestre. Pediram a Sri Ramakrishna para lhes dar instrução espiritual. Ele sorriu.

Mestre (*aos devotos Marwaris*): “Vejam, o sentimento de ‘eu’ e ‘meu’ é o resultado de ignorância, mas dizer: ‘Ó Deus, Tu és Aquele que faz; tudo isso Te pertence é sinal de Conhecimento. Como podem chamar uma coisa ‘minha’? O administrador de uma chácara diz, ‘Este é meu jardim’, mas se for demitido por causa de uma falta qualquer, não tem coragem nem de levar algo sem valor como uma cesta feita de madeira de mangueira. Raiva e luxúria não podem ser destruídas. Dirija-as para Deus. Se sentem desejo e tentação, que desejem então, realizar Deus. Sintam-se tentados por Ele. Discriminem e retirem as paixões dos objetos mundanos. Quando o elefante está prestes a devorar uma árvore do quintal do vizinho, o mahut o golpeia com o chuçó com ponta de ferro.”

“Vocês são negociantes. Sabem como melhorar seu negócio aos poucos. Alguns começam com uma fábrica de óleo de ricino. Depois de ganharem algum dinheiro, abrem uma loja de roupas. Assim, dessa mesma maneira, uma pessoa faz progresso em direção a Deus. Pode ser que possam se retirar para a solidão de vez em quando e dedicar mais tempo à oração.

“É necessário, contudo, lembrar-se de que nada pode ser conseguido antes do tempo certo. Algumas pessoas têm que passar por diversas experiências e executar muitas obrigações no mundo antes

de terem sua atenção voltada para Deus; têm assim, que esperar um longo tempo. Se um abcesso é lancetado antes do amadurecimento, o resultado não é bom. O cirurgião faz uma abertura quando estiver maduro e então, surge o carnegão. Uma vez uma criança disse à mãe: 'Mamãe, vou dormir agora. Por favor, acorde-me quando eu sentir o chamado da natureza.' 'Meu filho', disse-lhe a mãe, 'quando chegar a hora, você acordará por si mesmo. Não terei de despertá-lo'."

Os devotos Marwaris geralmente levavam oferendas de frutas, caramelos e outros doces para o Mestre, mas Sri Ramakrishna não podia comê-los. Disse: "Eles ganham dinheiro de forma desonesta. Não posso comer suas oferendas." Disse aos Marwaris: "Vejam, nem sempre uma pessoa é honesta nos negócios. Há altos e baixos. Nanak uma vez disse: 'Estava a ponto de comer alimento de pessoas 'não santas', quando descobri que ele estava manchado de sangue.' Só se deveria oferecer coisas puras aos homens santos, não deveria dar-lhes comida adquirida por meios desonestos. Deus é realizado pelo caminho da verdade. Deve-se sempre cantar Seu nome, mesmo quando estiver fazendo os deveres, a mente deve estar ligada a Deus. Suponhamos que eu tenha um furúnculo nas costas. Faço minhas obrigações, mas o pensamento está na ferida. É bom repetir o nome de Rama.' O mesmo Rama que foi filho do rei Dasharatha criou este mundo. Assim, como Espírito, Ele penetra em todos os seres. Está muito perto de nós. Está tanto no interior como no exterior'."

## CAPÍTULO VII

### O MESTRE E VIJAY GOSWAMI

*Quinta-feira, 14 de dezembro de 1882*

**E**RA DEPOIS DO MEIO DIA, Sri Ramakrishna sentou-se na cama após um curto descanso do meio-dia. Vijay, Balaram, M., e alguns devotos estavam sentados no chão com os rostos voltados para o Mestre. Através da porta podiam ver o sagrado rio Ganges. Como era inverno, todos estavam bem agasalhados. Vijay estava com cólica e havia trazido alguns remédios.

Vijay era um sacerdote pago do Sadharan Brahma Samaj, mas havia muitas coisas sobre as quais não podia concordar com as autoridades do Samaj. Vinha de uma família muito nobre de Bengala, notória pela piedade e outras qualidades espirituais. Advaita Goswami, um de seus remotos ancestrais, havia sido companheiro de Sri Chaitanya. Assim o sangue de um grande amante de Deus corria em suas veias. Como participante do Brahma Samaj, Vijay sem dúvida, meditava em Brahman sem forma; mas o amor inato a Deus, herdado de seus ilustres ancestrais, estava simplesmente esperando o momento adequado para se manifestar em toda sua doçura. Daí Vijay ter sido irresistivelmente atraído pelo estado de intoxicação divina de Sri Ramakrishna e freqüentemente buscava sua companhia. Ouvia com muito respeito, as palavras do Mestre e, juntos, dançavam em êxtase do amor divino.

Era dia de semana. Geralmente os devotos vinham em grande número visitar o Mestre, aos domingos; por isso, aqueles que queriam conversar intimamente com ele, visitavam-no durante a semana. A conversa girou em torno de um jovem chamado Vishnu, que vivia em Ariadaha, que recentemente suicidara-se, cortando a garganta com uma navalha.

Mestre: “Sinto-me mal ao ouvir falar da morte de um jovem. Era estudante e costumava vir aqui. Disse-me inúmeras vezes que não podia desfrutar a vida do mundo. Havia vivido com alguns parentes nas províncias ocidentais e naquela época tinha o hábito de meditar em solidão, nos campos, colinas e florestas. Contou-nos que tinha visões de muitas formas divinas.

“Talvez esta tenha sido sua última encarnação. Deve ter cumprido quase todos seus deveres no nascimento anterior. O pouco que lhe faltara, talvez tivesse terminado nessa.

“Deve-se admitir que há tendências herdadas de encarnações anteriores. Há a história de um homem que estava praticando a Shava sadhana<sup>1</sup>. Adorava a Mãe Divina numa floresta densa. Primeiro teve muitas visões terríveis. Finalmente um tigre atacou e matou-o. Outro homem que passava no local, sentindo a aproximação de um tigre, havia subido numa árvore. Depois desceu e encontrou prontos os preparativos para a adoração. Fez alguns ritos purificadores e sentou-se em cima do cadáver. Mal havia começado o japa, quando a Mãe Divina apareceu e disse-lhe: ‘Meu filho, estou muito contente com você. Aceite uma graça Minha.’ Ele curvou-se ante os Pés de Lótus da Deusa e disse: ‘Posso fazer-Te uma pergunta, Mãe? Estou perplexo com Tua ação. O outro homem teve tanto trabalho para arranjar todas as coisas para Teu culto e há tanto tempo vem tentando propiciar-Te, mas Tu não lhe concedeste Tua graça. E eu, que não entendo nada de culto, que não fiz nada, que não tenho devoção, nem conhecimento, nem amor, que não pratiquei quaisquer austeridades, estou recebendo Tua graça.’ A Mãe Divina disse-lhe rindo: ‘Meu filho, você não se lembra de suas encarnações anteriores. Durante muitas encarnações você tentou propiciar-Me por meio de austeridades. Como resultado dessas austeridades, todas essas coisas vieram-lhe à mão e você foi abençoado com Minha visão. Agora, peça-Me uma graça.’”

Um devoto: “Fico assustado só em ouvir falar em suicídio.”

Mestre: “O suicídio é sem dúvida, um pecado hediondo. Um homem que se mata, tem que voltar várias e várias vezes a esse mundo, para sofrer.

“Mas não considero suicídio o fato de uma pessoa deixar o corpo depois de ter tido a visão de Deus. Não há nenhum mal em deixar o corpo dessa maneira. Depois de atingir Conhecimento, certas pessoas abandonam o corpo. Depois que a imagem de ouro for moldada na argila, pode-se guardar ou quebrá-la.

“Há muitos anos, um jovem de mais ou menos vinte anos, costumava vir ao templo, procedente de Baranagore. Seu nome era Gopal Sen. Em minha presença experimentava um êxtase tão intenso,

---

<sup>1</sup> Prática religiosa, descrita nos Tantras, em que o aspirante utiliza um shava ou cadáver, como assento para meditar.

que Hriday tinha que segurá-lo por medo de que ele caísse e quebrasse as pernas. Um dia esse jovem tocou meus pés e disse: ‘Senhor, não poderei vê-lo nunca mais. Quero despedir-me do senhor.’ Alguns dias depois, soube que havia deixado o corpo.

“Diz-se que há quatro tipos de pessoas: os ligados, os que aspiram à liberação, os liberados e os sempre perfeitos.

“Esse mundo é como uma rede de pescar. Os homens são os peixes e Deus, cuja maya criou esse mundo, é o pescador. Quando os peixes são apanhados pela rede, alguns tentam arrebentar as malhas para sair. São como os homens que lutam pela sua liberação, mas não conseguem de jeito algum, escapar. Apenas uns poucos conseguem pular da rede, fazendo um grande barulho e então, as pessoas dizem: ‘Ah! Lá vai um grande!’ Desta maneira, três ou quatro atingem a liberação. Alguns peixes são tão cuidadosos por natureza que jamais são apanhados pela rede: alguns seres pertencentes à classe dos sempre perfeitos, como Narada; jamais são apanhados pelas malhas do mundanismo. A maioria dos peixes é fisgada, mas não são conscientes da rede e de sua morte iminente. Ao serem apanhados, começam a correr por toda a rede, tentando esconder-se na lama. Não fazem o menor esforço para se libertar, ao contrário, afundam-se cada vez mais na lama. Esses peixes são como homens apegados. Ficam tranquilos, dentro da rede porque pensam que estão seguros aí. Uma pessoa ligada está imersa no mundanismo, em ‘mulher e ouro’, tendo mergulhado fundo no lodo da degradação, mas mesmo assim, acredita que está muito feliz e segura. Os liberados e os que buscam a liberação, consideram o mundo um poço fundo. Não gozam os prazeres dele, portanto, depois de alcançarem o Conhecimento, a realização de Deus, alguns deixam o corpo, mas certamente isso é raro.

“As pessoas ligadas, enredadas pelo mundanismo, não se apercebem de sua situação. Sofrem tanta miséria e agonia, enfrentam tantos perigos, mas não acordam.

“O camelo gosta de comer arbustos com espinhos. Quanto mais comem espinhos, mais sangue sai de sua boca. Sem dúvida ele tem que comer plantas com espinhos e jamais desistem delas. O homem do mundo sofre tanta tribulação e aflição, mas esquece de tudo em poucos dias e recomeça sua antiga vida. Suponhamos um homem que perdeu a esposa ou que ela lhe foi infiel. Ah! Ele casa-se de novo.

“Ou então, veja o exemplo de uma mãe: o filho morre e ela sofre uma dor amarga, mas passados alguns dias, esquece-se de tudo. A mãe tão abalada pelo sofrimento há dias atrás, agora cuida da aparência e coloca jóias. Um pai tem um grande baque financeiro com o casamento das filhas, mas, contudo, continua tendo filhos ano após ano. Algumas pessoas arruinam-se com questões judiciais, mas continuam voltando aos tribunais da mesma maneira. Há homens que não podem alimentar os filhos que têm, vesti-los, nem dar-lhes uma casa decente para morar, no entanto, continuam pondo mais filhos anualmente, no mundo.

“Também, as pessoas mundanas são como uma cobra tentando engolir uma toupeira. Ela não pode engoli-la, nem soltá-la. Uma alma ligada pode até ter realizado que o mundo carece de substância – que o mundo é como uma ameixa-de-porco, apenas caroço e casca. – no entanto, não pode abandoná-lo e dirigir a mente para Deus.

“Uma vez encontrei um parente de Keshab Sen, de cinquenta anos de idade. Estava jogando baralho. Como se ainda não tivesse chegado o tempo dele começar a pensar em Deus!

“Há uma outra característica da alma ligada: se a tirar de seu ambiente mundano para um espiritual. Não agüenta. O verme que vive na sujeira sente-se muito feliz aí e desenvolve-se muito bem. Morreria se fosse colocado numa vasilha de arroz.”

Todos permaneceram em silêncio.

Vijay: “Como deve ser o estado mental de uma alma ligada para conseguir liberação?”

Mestre: “Ele pode se desapegar de ‘mulher e ouro’ se, pela graça de Deus, cultivar um espírito de forte renúncia. O que é forte renúncia? Quem tem apenas um espírito moderado de renúncia diz: ‘Bem, tudo acontecerá no devido tempo, deixe-me agora simplesmente repetir o nome de Deus’, mas um homem com forte espírito de renúncia sente-se ansioso por Deus, como uma mãe pelo filho. Um homem com forte renúncia só procura Deus. Olha o mundo com um poço profundo e sente-se como se estivesse a ponto de afundar nele. Olha os parentes como se fossem cobras venenosas e quer fugir deles. Foge. Jamais pensa: ‘Deixe-me primeiro fazer algo por minha família e depois pensarei em Deus.’ Possui grande determinação interna.

“Vou contar uma história sobre forte renúncia. Uma vez houve uma seca, em certa parte do país. Os fazendeiros começaram a construir grandes canais para trazer água a seus campos. Um fazendeiro ficou fortemente determinado. Jurou que só pararia de cavar quando o canal estivesse ligando seu

campo ao rio. Começou a trabalhar. Chegou a hora do banho e a esposa enviou-lhe a filha até ele, trazendo-lhe óleo. ‘Pai’, disse-lhe a moça, ‘já está tarde. Esfregue o corpo com óleo e tome banho.’ ‘Vá embora!’, trovejou o fazendeiro. ‘Tenho muito o que fazer agora.’ Já havia passado do meio-dia e o fazendeiro continuava a trabalhar no campo. Nem mesmo pensava no banho. Desta vez veio a esposa que disse-lhe: ‘Por que você não tomou banho? A comida está esfriando. Você exagera em tudo. Poderá terminar o resto amanhã ou mesmo hoje, depois do jantar.’ O fazendeiro repreendeu-a com veemência. Correu em sua direção com uma enxada na mão, gritando, “O que? Você perdeu o juízo? Não está chovendo. As plantações estão morrendo. O que as crianças vão comer? Vamos todos morrer de fome. Jurei não tomar banho nem comer hoje, enquanto não tiver levado água para meu campo.’ A esposa percebeu seu estado de espírito e saiu correndo, assustada. Depois de um dia de intenso trabalho, com as costas doloridas, o fazendeiro conseguiu ligar seu campo ao rio. Então sentou-se, vendo a água correndo para o campo, fazendo um som murmurante. A mente estava cheia de paz e alegria. Foi para casa, chamou a esposa e disse-lhe: “Agora dê-me o óleo e prepare o fumo.’ Com a mente serena, tomou banho, comeu e foi dormir com o coração feliz. A sua determinação foi um exemplo de forte renúncia.

“Havia um outro fazendeiro que estava também construindo um canal para levar água até seu campo. Também a esposa foi até onde ele estava e disse-lhe: ‘É muito tarde. Venha para casa. Não é necessário sobrecarregar-se de tanto trabalho.’ O fazendeiro quase não protestou, pôs a enxada de lado e disse a ela: “Sim, vamos para casa, já que você me pede.’ (*Todos riem*). Aquele homem jamais conseguiu irrigar seu campo. É um exemplo de renúncia moderada.

“Assim como sem uma forte determinação o fazendeiro não pôde trazer água para seu campo, sem uma ânsia intensa um homem não pode realizar Deus. (*A Vijay*): ‘Por que você não está vindo aqui com tanta frequência como antes?’

Vijay: “Senhor, gostaria, mas não estou livre. Aceitei trabalhar no Brahma Samaj.”

Mestre: “É ‘mulher e ouro’ que aprisionam o homem e lhe tiram a liberdade. É a mulher que cria a necessidade de ouro. Por causa dela o homem torna-se escravo de outro e perde a liberdade. Então não mais pode agir como quer.

“Os sacerdotes do templo de Govindaji, em Jaipur, eram no início, celibatários e nessa época, tinha uma natureza poderosa. Uma vez o rei de Jaipur mandou chamá-los, mas eles não atenderam e disseram ao mensageiro: ‘Diga ao rei para vir nos ver.’ Depois de muita consulta, o rei e os ministros resolveram casá-los. Desde então o rei nunca mais teve que pedir que eles viessem. Espontaneamente vinham e diziam: ‘Sua Majestade, viemos com nossas bênçãos. Aqui estão flores sagradas do templo. Dignai-vos Vossa Majestade, aceitá-las.’ Vinham ao palácio porque agora estavam sempre querendo dinheiro para uma coisa ou outra: construção de uma casa, cerimônia do arroz para seus nenens ou para rituais ligados à educação do filhos.

“Há a história dos mil e trezentos nedas<sup>2</sup> e mil e duzentas nedis<sup>3</sup>. Virabhadra, filho de Nityananda Goswami, tinha mil e trezentos discípulos ‘cabeças raspadas’. Haviam alcançado grandes poderes espirituais. Aquilo alarmou seu mestre. ‘Meus discípulos alcançaram grandes poderes espirituais’, pensou Virabhadra. ‘O que dizem para uma pessoa, acontece. Onde quer que vão, criam situações conflitantes, porque as pessoas que os ofendem sem querer, irão lamentar-se.’ Assim pensando, Virabhadra, um dia, chamou-os e disse-lhes: ‘Venham me ver depois de fazerem suas práticas diárias às margens do Ganges.’ Os discípulos tinham uma natureza espiritual tão elevada que, enquanto meditavam, podiam entrar em samadhi e ficar sem perceber a água do rio em cima de suas cabeças na maré alta. Quando a maré baixa vinha ainda estavam absorvidos em meditação.

“No entanto, cem desses discípulos anteciparam o que seu instrutor ia lhes pedir. Para não terem que desobedecer suas ordens, rapidamente desapareceram antes de serem chamados. Por conseguinte não foram ver Virabhadra com os outros. Os restantes mil e duzentos foram ter com seu instrutor depois da meditação. Virabhadra disse-lhes: ‘Essas mil e duzentas monjas lhes servirão. Peço que se casem com elas. ‘Como vos agradar, reverendo senhor’, disseram, ‘mas cem de nós foram embora.’ Daí por diante cada um dos mil e duzentos discípulos teve uma esposa. Conseqüentemente perderam todos os poderes espirituais. Suas austeridades não mais tiveram o ardor inicial. A companhia de mulher roubou-lhes sua espiritualidade, porque destruiu-lhes a liberdade.

(*a Vijay*): “Você mesmo percebeu o quanto caiu por ser dominado pelos outros. Vemos pessoas com muitos cursos universitários, letrados com vasta educação inglesa que aceitam trabalhar para os

<sup>2</sup> Literalmente “cabeças-raspadas”. Entre os devotos vaishnavas, aqueles que renunciam ao mundo e raspam a cabeça.

<sup>3</sup> Monjas vaishnavas.

senhores ingleses e são diariamente, pisoteados por suas botas. A única razão é mulher. Casaram-se e fizeram uma feira de alegria com suas esposas e filhos. Agora não podem voltar atrás por mais que queiram. Daí todos esses insultos e humilhações, todo esse sofrimento proveniente da escravidão.

“Quando um homem realiza Deus, devido a um intenso desapego, não mais fica ligado à mulher. Mesmo que tenha de levar a vida de chefe de família, está livre de medo e de apego à mulher. Suponhamos que haja dois ímãs, um pequeno e um grande. Qual deles irá atrair o ferro? O maior, é claro. Deus é o ímã maior. Comparado com Ele, a mulher é o menor. O que pode ‘mulher’ fazer?”

Um devoto: “Senhor, então devemos odiar as mulheres?”

Mestre: “Aquele que realizou Deus não pode mais olhar uma mulher com os olhos de desejo; então, não tem mais medo dela. Percebe claramente que as mulheres são apenas muitos aspectos da Mãe Divina. Ele as adora como a Própria Mãe.”

(a Vijay): “Venha aqui de vez em quando. Gosto muito de vê-lo.”

Vijay: “Tenho muito trabalho no Brahma Samaj; é por isso que não posso vir aqui sempre., mas eu o visitarei sempre que for possível.”

Mestre (a Vijay): “O dever de um instrutor religioso é certamente difícil. Não se pode ensinar alguém sem o mandato direto de Deus. As pessoas não lhe ouvirão se você ensinar sem essa autoridade. Esse ensinamento não tem a força atrás de si. Deve-se primeiro realizar Deus através da disciplina espiritual ou outros meios. Assim escudado com a autoridade vinda de Deus, pode uma pessoa dar palestras.

“Depois de receber mandato de Deus pode-se tornar instrutor, fazer conferências em qualquer lugar. Quem recebe autoridade de Deus, também recebe poder d’Ele. Só então poderá desempenhar a difícil tarefa de instrutor.

“Um arrendatário sem importância, resolveu mover uma ação contra um grande proprietário. As pessoas pensaram que havia alguém poderoso atrás dele. Talvez um outro grande proprietário estivesse por trás desse caso. O homem é uma criatura insignificante. Não pode exercer a difícil tarefa de instrutor sem receber o poder diretamente de Deus.”

Vijay: “Os ensinamentos do Brahma Samaj não trazem salvação aos homens?”

Mestre: “Como é possível para um homem libertar um outro da escravidão do mundo? Só Deus, o Criador dessa maya enfeitadora pode salvar os homens da maya. Não há outro refúgio, além do grande Mestre, Satchidananda. Como será possível para os homens que não realizaram Deus ou receberam Sua ordem, que ainda não estão fortificados pelo poder divino, salvar outros da prisão do mundo?”

“Um dia, enquanto passava pelo Panchavati, a caminho do bosque de pinheiros, ouvi uma grande rã coaxando. Pensei que ela havia sido agarrada por uma cobra. Quando voltei, ainda ouvi seu terrível coxo. Olhei e vi que ela havia sido apanhada por uma cobra d’água, que não podia engoli-la nem soltá-la. Por isso não tinha fim o sofrimento daquela pobre rã. Pensei que ela havia sido apanhada por uma grande serpente e nesse caso, teria sido silenciada depois de no máximo três coxos. Tratava-se, porém de uma simples cobra d’água; ambas tinham que passar por toda aquela agonia. O ego de um homem fica destruído depois de três coxos, por assim dizer, se cair nas mãos de um mestre verdadeiro, mas se o instrutor ainda não estiver ‘maduro’, então ambos, discípulo e mestre, têm que suportar sofrimentos sem fim. O discípulo não pode se livrar nem do ego nem dos grilhões do mundo. Se um discípulo cai nas garras de um mestre incompetente, não alcança a liberação.”

Vijay: “Senhor, por que estamos tão ligados assim? Por que não vemos Deus?”

Mestre: “Maya nada mais é do que o egoísmo de uma alma encarnada. Este egoísmo cobriu tudo como um véu. ‘Todas as tribulações terminam quando o ego morre.’ Se, pela graça de Deus, o homem somente uma vez realizar que não é quem faz, então, imediatamente, torna-se um jivanmukta. Embora viva no corpo, está liberado. Não tem mais nada a temer.

“Esta maya, quer dizer, o ego, é como uma nuvem. O sol não pode ser visto por causa dessa nuvem fina, quando ela desaparece, pode-se vê-lo. Se, pela graça do guru, o ego desaparece, então, vê-se Deus.

“Rama, que era o Próprio Deus, estava apenas a dois ou três cúbitos na frente de Lakshmana, mas Lakshmana não podia vê-Lo porque Sita se interpunha entre eles. Lashmana pode ser comparado ao jiva e Sita a maya. Não se pode ver Deus por causa da barreira na minha frente com esta toalha. Você não pode ver-me agora, embora eu esteja bem próximo. Assim também, Deus é o mais próximo de todos, mas não O podemos ver por causa de maya que encobre tudo.

“O jiva é apenas a Encarnação de Satchidananda, mas desde que maya ou ego, criou vários upadhis, ele esqueceu seu Eu real.

“Cada upadhi modifica a natureza do homem. Se ele usa um elegante roupa preta bordada, logo o verá cantarolando uma das canções de amor de Nidhu Babu. Em seguida vai começar a jogar cartas e andar com uma bengala. Mesmo uma pessoa doente quando calça suas botas, começa a assobiar e sobe a escada como um inglês, pulando um degrau atrás do outro. Se está com uma caneta na mão, começa a rabiscar em qualquer papel que consegue – tal o poder da caneta!

“Dinheiro também é um grande upadhi. Sua posse modifica uma pessoa. Ela não é mais a mesma. Um brahmin costumava frequentar o templo. Aparentemente era muito modesto. Um dia fui a Konnagar com Hriday. Ao descermos do barco, vimos o brahmin sentado à beira do Ganges. Pensávamos que estivesse tomando ar fresco. Ao nos ver disse: ‘Olá, sacerdote! Como vai?’ Reparei no tom de sua voz e disse a Hriday: ‘Esse homem deve ter ganho dinheiro. Por isso está falando assim.’ Hriday riu.

“Uma rã possuía uma rupia, que guardava num buraco. Um dia um elefante estava passando por cima do buraco quando a rã furiosa, saiu e levantou a pata como que para dar um pontapé no elefante dizendo. ‘Como ousa caminhar sobre minha cabeça?’ Tal é o orgulho ocasionado pelo dinheiro!

“Uma pessoa destrói o ego depois de atingir o Conhecimento. Ao alcançar o Conhecimento, ela entra em samadhi e o ego desaparece. É muito difícil, porém, obter tal Conhecimento.

“Dizem os Vedas que um homem entra em samadhi quando a mente atinge o sétimo plano. O ego só pode desaparecer quando uma pessoa entra em samadhi. Onde normalmente mora a mente de um homem? Nos três primeiros planos. São os órgãos de excreção e reprodução e o umbigo. Neste plano a mente está apenas mergulhada no mundanismo, apegada a ‘mulher e ouro’. Um homem vê a luz de Deus quando a mente mora no plano do coração. Vê a luz e exclama: ‘Ah! O que é isto? O que é isto?’ O plano seguinte está na garganta. Quando a mente mora ali, a pessoa gosta somente de ouvir e de falar de Deus. Quando a mente sobe para o plano seguinte, na testa, entre as sobrancelhas, vê somente a forma de Satchidananda e deseja tocar e abraçá-La. Mas não pode fazê-lo. É como a luz da lanterna que se pode ver mas não, tocar. Sente-se como estivesse tocando a luz, mas na realidade, não está. Ao atingir o sétimo plano, o ego desaparece completamente e o homem entra em samadhi.”

Vijay: “O que se vê ao se atingir o Conhecimento de Brahman, após alcançar o sétimo plano?”

Mestre: “O que acontece quando a mente atinge o sétimo plano não pode ser descrito.

“Uma vez que um navio entre nas ‘águas escuras’ do oceano, não mais retornará. Ninguém sabe o que acontece com ele depois disso. Portanto, o navio não pode nos dar qualquer informação sobre o oceano.

“Uma vez uma boneca de sal resolveu medir a profundidade do oceano. Mal havia entrado na água, derreteu-se. Agora quem nos poderá dizer qual a profundidade do oceano? Quem poderia nos ter dado essa informação já se dissolveu na água. Atingindo o sétimo plano a mente fica aniquilada: o homem entra em samadhi. O que ele sente, não pode ser descrito por meio de palavras.

“O ‘eu’ que torna alguém uma pessoa do mundo e apegada a ‘mulher e ouro’ é o ‘eu perverso’. A interferência desse ego cria a diferença entre o jiva e o Atman. A água parece estar dividida em duas partes se alguém colocar de uma vara no meio. Mas na verdade, há somente uma água. Parecem duas por causa da vara. Este ‘eu’ é a vara. Remova-a e a água fica como antes.

“Agora, o que é este ‘eu perverso’? É o ego que diz: ‘O que? Vocês não me conhecem? Tenho tanto dinheiro! Quem é mais rico do que eu?’ Se um ladrão rouba dez rupias de um homem, primeiro tira o dinheiro do ladrão e depois dá-lhe uma boa surra. Mas o caso não fica por aí: o ladrão é levado para a polícia e por fim, para a cadeia. O ‘eu mau’ diz: ‘O que? O ladrão não sabia de quem ele estava roubando? Roubar minhas dez rupias! Como ele ousa?’

Vijay: “Sem destruir o ‘eu’ um homem não pode se livrar do apego ao mundo e conseqüentemente, não pode experimentar samadhi, então, seria mais prudente para ele seguir o caminho da Brahmajnana a fim de atingir samadhi. Se o ‘eu’ persistir no caminho da devoção, deve-se então, escolher o caminho do conhecimento.”

Mestre: “É verdade, um ou dois podem livrar-se do ‘eu’ pelo samadhi, mas esses casos são muito raros. Você pode mergulhar em milhares de raciocínios, mas o ‘eu’ ainda volta. Hoje corta-se a árvore peepal pela raiz, mas amanhã notamos um broto apontando. Portanto, se o ‘eu’ tem que ficar, deixe que permaneça como o ‘eu servo’. Enquanto viver deve-se dizer: “Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo. O ‘eu’ que sente, ‘eu sou o servo de Deus, Seu devoto’ não faz qualquer mal a alguém. Doces causam acidez no estômago, sem dúvida, mas o açúcar cande é uma exceção.

“O caminho do Conhecimento é muito difícil. Uma pessoa não pode obter Conhecimento a não ser que se liberte do sentimento de que se é corpo. No Kaliyuga a vida está centralizada na comida. Não se pode descartar o sentimento de que é corpo e ego. Portanto, o caminho da devoção é prescrito para este ciclo. É um caminho fácil. Você atingirá Deus se cantar Seu nome e glórias e orar a Ele com o coração anelante. Não há a menor dúvida a esse respeito.

“Suponhamos que uma pessoa desenhe uma linha na superfície da água com uma vara de bambu. Ela parece que está dividida em duas partes, mas a linha não permanece por muito tempo. O servo ‘eu’ ou o devoto ‘eu’ ou o ‘filho eu’ são apenas uma linha desenhada com o ego e não é real.”

Vijay (*ao Mestre*): “O senhor nos pede que renuncie ao ‘eu perverso’. Há algum mal no ‘eu servo’?”

Mestre: “O ‘eu servo’- isto é, o sentimento de que ‘eu sou o servo de Deus, sou devoto de Deus’- não causa mal a ninguém, muito pelo contrário, ajuda a realizar Deus.”

Vijay: “Bem, senhor, o que acontece com a luxúria, raiva e outras paixões se alguém mantiver o ‘servo eu’?”

Mestre: “Se um homem realmente sente assim, então ele tem apenas a aparência da luxúria, raiva e semelhantes. Se, depois dele atingir Deus considera-se como servo ou devoto de Deus, não pode ferir ninguém. Ao tocar a pedra filosófica a espada transforma-se em ouro. Conserva a aparência de espada, mas não pode mais ferir.

“Quando o galho seco de um coqueiro cai, deixa apenas uma marca no tronco indicando que já houve um galho naquele lugar. Assim também, a pessoa que atingiu Deus mantém somente a aparência do ego; permanece nele somente a semelhança de raiva e luxúria. Torna-se como uma criança que não tem apego aos três gunas; sattva, rajas e tamas. Torna-se desapegada de uma coisa tão rapidamente quanto se apega. Você pode tirar dela uma roupa que vale cinco rupias ou uma boneca de uma anã, embora à primeira vista ela diga com grande determinação: ‘Não, não vou lhe dar. Meu pai a comprou para mim’. Assim também, para uma criança, todas as pessoas são iguais. Não têm noção de alto ou baixo com relação às pessoas. Não faz distinção de casta. Se a mãe lhe diz que um determinado homem deve ser considerado seu irmão mais velho, a criança comerá do mesmo prato que ele, embora ele possa pertencer a uma casta inferior como a dos ferreiros. A criança não conhece o ódio, nem sabe distinguir o que é santo ou não.

“Mesmo depois de ter alcançado o samadhi, alguns retêm o ‘ego servo’ ou o ‘ego devoto’. O bhakta mantém esta ‘consciência do eu’ e diz: “Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo; Tu és o Senhor e eu, Teu devoto’. Sente-se dessa maneira, que mesmo depois da realização de Deus, este ‘eu’ não fica completamente apagado. Novamente, pela prática constante desse tipo de ‘consciência do eu’, atinge-se por fim, Deus. A isto chama-se Bhakti Yoga.

“Pode-se atingir o Conhecimento de Brahman, também, seguindo o caminho da bhakti. Deus é Todo Poderoso, Ele pode dar a Seu devoto, Brahmajñana, se assim o desejar, mas em geral o devoto não procura o Conhecimento do Absoluto. Ao contrário, está consciente que Deus é o Senhor e ele, o servo e que Deus é a Mãe Divina e ele, Seu filho.”

Vijay: “Mas aqueles que discriminam segundo a filosofia Vedanta também O realizam no final, não é?”

Mestre: “Sim, pode-se alcançá-Lo seguindo o caminho da discriminação; isto se chama jñanayoga. Trata-se, contudo, de um caminho muito difícil, já lhes falei dos sete planos de consciência. Ao atingir o último plano, a mente entra em samadhi. Se um homem adquirir o firme conhecimento de que só Brahman é real e o mundo ilusório, então sua mente funde-se em samadhi, mas no Kaliyuga a vida de um homem depende inteiramente da comida. Como pode ter consciência que apenas Brahman é real e o mundo ilusório? No Kaliyuga é difícil ter o sentimento de que ‘eu não sou o corpo, não sou a mente, não sou os vinte e quatro princípios cósmicos; estou além do prazer e da dor; estou acima da doença e sofrimento, velhice e morte.’ Por mais que se raciocine e argumente, o sentimento de que o corpo é idêntico com a alma, de uma certa forma, surgirá de um lugar inesperado. Pode-se cortar a árvore peepal até o chão e pensar que ela morreu, mas na manhã seguinte um novo broto surgirá do pedaço morto. Não se pode livrar-se dessa identificação com o corpo; portanto, o caminho da bhakti é o mais adequado para as pessoas do Kaliyuga. É um caminho fácil.

“E, ‘não quero me tornar açúcar, quero saboreá-lo’. Jamais me sinto dizendo, ‘Sou Brahman’. Digo: ‘Tu és meu Senhor, sou Teu servo. É melhor fazer a mente subir e descer entre o quinto e o sexto planos, como um barco correndo entre dois pontos. Não quero ir além do sexto plano e manter a mente por muito tempo no sétimo. Meu desejo é cantar o nome as glórias de Deus. É muito bom olhar

Deus como o Senhor e a si próprio como Seu servo. Além do mais, veja, as pessoas falam que as ondas pertencem ao Ganges; mas ninguém diz que o Ganges pertence às ondas. O sentimento de 'eu sou Ele' não é total. O homem que alimenta essa idéia, considerando o corpo como o Ser, causa a si próprio muito dano. Não pode ir em frente na vida espiritual, ele mesmo se arrasta para baixo. Engana a si mesmo, bem como aos outros. Não pode entender seu próprio estado mental.

“Mas não é qualquer tipo de bhakti que habilita um homem a realizar Deus. Não se pode realizar Deus sem prema-bhakti. Outro nome para prema-bhakti é raga-bhakti<sup>4</sup>. Deus não pode ser realizado sem amor e anelo. A não ser que uma pessoa tenha aprendido a amar a Deus, não pode realizá-Lo.

“Há uma outra espécie de bhakti, conhecida como vaidhi-bhakti, de acordo com a qual deve-se repetir o nome de Deus um número determinado de vezes, jejuar, fazer peregrinações, adorar a Deus com oferendas prescritas, fazer sacrifícios etc. Continuando com tais práticas por um longo período, gradualmente obtém-se raga-bhakti. Deus não pode ser realizado até que se obtenha raga-bhakti. Deve-se amar a Deus. Para se realizar Deus deve-se ficar completamente livre de mundanismo e direcionar a mente integralmente para Ele.

“Mas alguns adquirem raga-bhakti diretamente. É inata neles. Eles a possuem desde a infância, desde a mais tenra idade choram por Deus. Um exemplo de tal bhakti é encontrada em Prahlada. Vaidhi-bhakti é como abanar-se com um leque, fazendo vento. Uma pessoa tem necessidade de tal leque para produzir vento. Pratica japa, austeridades e jejum para obter o amor de Deus. Entretanto abandona o leque assim que a brisa do sul sopra. Atividades como japa e austeridades caem espontaneamente se a pessoa sente amor e apego a Deus. Quem continuará a fazer as cerimônias prescritas nas escrituras, quando ficar louco de amor por Deus?

“Devoção a Deus é considerada 'verde' enquanto não se transforma em amor a Deus, mas torna-se 'madura' quando se transforma nesse tipo de amor.

“Um homem com bhakti 'verde' não pode assimilar conversas espirituais e instrução, mas quem tem bhakti 'madura', sim. A imagem que cai numa chapa fotográfica coberta por uma película preta<sup>5</sup> é fixada. Por outro lado, milhares de imagens podem se refletir num vidro puro, mas nenhuma delas será fixada. Mesmo que o objeto se desloque, o vidro permanece como antes. Não se pode assimilar instrução espiritual a não ser que já tenha desenvolvido amor a Deus.”

Vijay: “É bhakti suficiente para se atingir Deus, para se ter Sua visão?”

Mestre: “Sim, pode-se ver Deus só pela bhakti, mas tem que ser bhakti 'madura', prema-bhakti e raga-bhakti. Quando se tem essa bhakti, ama-se a Deus como uma mãe ama o filho, o filho a mãe, ou a esposa, o marido.

“Quando se tem esse amor e apego a Deus, não se sente atraído pela maya de esposa, filhos, parentes e amigos. Mantém-se apenas compaixão por eles. Para uma tal pessoa, o mundo parece uma terra estranha, um lugar onde ela somente tem obrigações a cumprir. É como um homem que reside no interior, mas vem a Calcutá a negócios, tem que alugar uma casa por causa das suas obrigações. Quando alguém desenvolve amor a Deus, desapega-se do mundo e da sabedoria mundana.

“Não se pode ver Deus se houver o menor traço de mundanismo. Os fósforos, quando úmidos, não emitem fogo, mesmo que se risque mil deles contra a caixa. Você somente desperdiça uma pilha deles. Uma pessoa mergulhada no mundanismo é como um desses fósforos úmidos. Uma vez Sri Radha disse às suas amigas, que via Krishna em todos os lugares tanto no interior como no exterior. Elas responderam-lhe: 'Como, nós não O vemos de forma alguma. Você está delirando?' Radha disse: 'Amigas, ponham em seus olhos o colírio do amor divino e vocês O verão.'

(A Vijay): “Uma canção de seu Brahmo Samaj diz:

Ó Senhor, por acaso, é possível conhecer-Te sem amor,  
Por mais que se faça adoração e sacrifício?

“Se um devoto uma vez sentir apego e amor extasiante por Deus, essa devoção madura e anelo, verá Deus em ambos os aspectos, com e sem forma.”

Vijay: “Como podemos ver Deus?”

Mestre: “Não se pode ver Deus sem pureza de coração. Devido ao apego a 'mulher e ouro', a mente torna-se turva, como se estivesse coberta de sujeira. Um ímã não pode atrair a agulha se ela

<sup>4</sup> Amor supremo que torna uma pessoa apegada a Deus,

<sup>5</sup> Nitrato de prata.

estiver coberta de lama. Lave a lama e o ímã a atrairá. Assim também, a sujeira da mente pode ser lavada com as lágrimas de nossos olhos. Esta mancha pode ser removida se uma pessoa chorar lágrimas de arrependimento e disser: ‘Ó Deus, jamais farei novamente tal coisa’. Portanto, Deus é semelhante ao ímã. Atrai para Si a mente, que é como uma agulha. Um devoto então, entra em Samadhi e obtém a visão de Deus.

“Pode-se tentar milhares de vezes, mas nada pode ser obtido sem a graça divina. Não se pode ver Deus sem Sua graça. É fácil se conseguir a graça de Deus? Deve-se renunciar completamente ao egoísmo, mas não se pode ver Deus enquanto se sente que ‘sou eu o que faz’. Suponhamos que, numa família, uma pessoa seja encarregada da dispensa e alguém pergunta ao dono, ‘Senhor, pode-me dar algo da dispensa?’ Ele responde-lhe: “Já há alguém encarregado. O que posso fazer lá?”

“Deus não Se revela facilmente no coração daquele que se considera seu próprio senhor, mas Ele pode ser visto no momento em que Sua graça desce. Ele é o Sol do Conhecimento. Um simples raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento.. É assim que nos tornamos capazes de nos ver mutuamente e adquirir um conhecimento variado. Só se pode ver Deus se Ele virar Sua luz contra Sua própria face.

“Um policial faz a ronda noturna com uma lanterna <sup>6</sup> na mão. Ninguém vê seu rosto, mas com a ajuda daquela luz o policial vê todo o mundo e as pessoas também, podem ver-se entre si. Se alguém quer vê-lo, tem que lhe pedir: ‘Senhor, por favor, vire a luz contra seu rosto. Deixe-me vê-lo.’ Assim também, deve-se orar a Deus: ‘Ó Senhor, sê misericordioso e vira a luz do Conhecimento para Ti’, para que eu possa ver Teu rosto.’

“Uma casa sem luz indica pobreza. Devemos acender a luz do Conhecimento no nosso coração. Como está dito numa canção:

“Acendendo a luz do Conhecimento na câmara do teu coração.  
Contempla o rosto da Mãe, Personificação de Brahman.”

Como Vijay havia trazido seu remédio com ele, o Mestre pediu a um devoto para lhe dar um pouco d’água. Ele era, na verdade, uma fonte de compaixão infinita. Havia conseguido uma passagem para Vijay, no barco, uma vez que ele era muito pobre para pagá-la. Vijay, Balaram, M. e outros devotos dirigiram-se de barco para Calcutá.

*Segunda-feira, 1º de janeiro de 1883*

Às oito horas da manhã, Sri Ramakrishna estava sentado numa esteira no chão do seu quarto em Dakshineswar. Como estava um dia frio, cobriu-se com um xale de “moleskin”. Prankrishna e M. estavam sentados defronte dele. Rakhal também estava presente. Prankrishna era um alto funcionário do governo e vivia em Calcutá. Uma vez que não tivera filhos no primeiro casamento, com a permissão da esposa, casara-se pela segunda vez. Com a segunda esposa teve um filho. Como era corpulento, o Mestre, às vezes, chamava-o de “o brahmin gordo”. Possuía grande respeito por Sri Ramakrishna. Embora fosse um chefe de família, Prankrishna estudou Vedanta e dizia: “Só Brahman é real e o mundo ilusório. Sou Ele.” O Mestre costumava dizer-lhe: “No Kaliyuga a vida de um homem depende da comida. O caminho da devoção prescrito por Narada é o melhor para esta época.”

Um devoto trouxe uma cesta de jilipi para o Mestre, que a conservou junto de si. Comendo um pouco dos doces, disse a Prankrishna com um sorriso: “Olhe, canto o nome da Mãe Divina, por isso consigo todas essas coisas boas para comer. (*Risada*). Mas Ela não dá cabaça ou moranga. Concede o fruto de Amrita, Imortalidade – conhecimento, amor, discriminação, renúncia etc.”

Um menino de seis ou sete anos entrou no aposento. O próprio Mestre transformou-se numa criança. Tapou a cesta com a mão, como faz um menino para esconder os doces do outro com medo que ele os tire. Em seguida, pôs a cesta de lado.

Subitamente o Mestre entrou em samadhi e ficou sentado assim por muito tempo. Seu corpo estava transfigurado, os olhos bem abertos e sem piscar, a respiração apenas perceptível. Depois de um certo tempo, deu um longo suspiro, mostrando seu retorno ao mundo dos sentidos.

Mestre (*a Prankrishna*): “Minha Mãe Divina não é apenas sem forma. Possui formas também. Pode-se ver Suas formas. Pode-se admirar Sua incomparável beleza por meio do sentimento e amor. A Mãe revela-Se aos Seus devotos em diferentes formas.

<sup>6</sup> Referência à lanterna do policial que faz a ronda noturna, que tem vidros escuros nas três faces.

“Eu A vi ontem. Vestia uma roupa ocre sem costura e conversou comigo.

“Outro dia Ela me apareceu como uma menina muçulmana de seis ou sete anos. Tinha um tilak na testa e estava nua. Andava a meu lado, gracejando e pulando.

“Na casa de Hriday tive a visão de Gauranga. Usava uma roupa bordada de preto.

“Haladhari costuma dizer que Deus está além de Ser e Não-Ser. Falei com a Mãe sobre isto e perguntei-Lhe: ‘Então a forma divina é uma ilusão?’ A Mãe Divina apareceu-me sob a forma da mãe de Rati e disse-me: ‘Permaneça em bhava.<sup>7</sup>’. Repeti isto a Haladhari. De vez em quando esqueço-me de Sua ordem e sofro. Uma vez quebrei os dentes porque não permaneci em bhava. Assim ficarei em bhava, a não ser que receba uma revelação do céu ou tenha uma experiência direta que me indique o contrário. Seguirei o caminho do amor. O que você me diz?”

Prankrishna: “Sim, senhor.”

Mestre: “Mas por que lhe pergunto a respeito disto? Há alguém dentro de mim que faz todas essas coisas por meu intermédio. Às vezes costumava ficar em estado divino e não experimentava paz de espírito a não ser que estivesse sendo adorado.

“Sou a máquina e Deus, o Operador. Ajo como Ele me faz agir, Falo como Ele me faz falar.

Mantenha sua jangada, diz Ramprasad, flutuando no mar da vida.  
Sendo levada para cima na maré alta, descendo com a baixa.

“É como uma folha caída ao sabor de uma ventania; às vezes é jogada num lugar bom; às vezes num esgoto, de acordo com a direção do vento.

“Como disse o tecelão da história: ‘O roubo foi cometido pela vontade de Rama, fui preso pela vontade de Rama e também, pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.’

“Uma vez Hanuman disse a Rama: ‘Ó Rama, refugiei-me em Ti. Abençoa-me para que eu tenha pura devoção por Teus Pés de Lótus e para que eu não possa ser apanhado na magia de Tua maya que enfeitiça o mundo.’

“Uma vez uma rã moribunda disse a Rama: ‘Ó Rama, quando engolida por uma cobra, grito por Tua proteção, mas agora, estou próxima da morte, ferida por Tua flecha. Por esta razão, estou calada.’

“Costumava ver Deus diretamente com esses olhos, tal como estou vendo vocês. Agora tenho visões divinas em transe.

“Depois de realizar Deus, um homem torna-se como criança. Uma pessoa adquire a natureza do objeto sobre o qual medita. A natureza de Deus é como a de uma criança. Assim como ela constrói uma casa de brinquedo e logo em seguida a derruba, Deus age enquanto cria, preserva e destrói o universo. Além disso, assim como uma criança não está sob controle de nenhuma guna, Deus está além dos três gunas – sattva, rajas e tamas. É por isso que os paramahansas têm a seu lado, cinco a dez crianças para que possam assumir sua natureza.”

Sentado no chão do quarto, estava um jovem de Agarpara, de mais ou menos vinte e dois anos. Sempre que ia ao templo, puxava o Mestre para um canto com um sinal e falava sussurrando, seus pensamentos. Era um recém-chegado. Naquele dia estava sentado no chão, perto do Mestre.

Mestre (*ao jovem*): “Um homem pode mudar sua natureza, imitando o caráter de outro. Pode se livrar de uma paixão, como a luxúria, assumindo o estado feminino. Gradualmente vai agindo exatamente como uma mulher. Reparei que, os homens que fazem papéis femininos no teatro, falam como mulheres e escovam os dentes como elas, enquanto tomam banho. Volte novamente na terça-feira ou sábado.”

(*A Prankrishna*): “Brahman e Shakti são inseparáveis. A não ser que aceite Shakti, você achará que todo o universo é irreal – ‘eu’, ‘você’, a casa, os edifícios e a família. O mundo mantém-se sólido porque a Energia Primordial está por trás dele. Se não houver um ponto de sustentação, nenhuma armação poderá ser feita e sem armação, não poderá fazer uma imagem bela de Durga.

“Sem abandonar o mundanismo, o homem não pode despertar a consciência espiritual, nem realizar Deus. Será apenas um hipócrita, enquanto tiver o menor desejo mundano. Deus não pode ser realizado sem pureza.

Acalente amor dentro do coração, abandone a astúcia e a fraude;

<sup>7</sup> Um estado de exaltação rara, quando o devoto, depois de realizar o Absoluto, permanece na fronteira entre o Absoluto e o Relativo; neste estado ele vê que tanto o Absoluto como o Relativo, como dois aspectos da Divindade, são reais.

Por meio do serviço, adoração, ausência de egoísmo, alcança a visão abençoada de Rama.

“Mesmo aqueles que estão empenhados em atividades mundanas, como trabalho num escritório ou negócios, devem agarrar-se à verdade. Só a veracidade é a disciplina espiritual no Kaliyuga.”

Prankrishna: “Sim, senhor. Está escrito no *Mahanirvana Tantra*: “Ó deusa, esta religião ordena uma pessoa a ser veraz, autocontrolada, devotada ao bem-estar dos outros, calma e misericordiosa.”

Sri Ramakrishna estava sentado no sofá pequeno em êxtase, olhando para Rakhal. Subitamente foi tomado por um terno sentimento de amor em relação ao jovem discípulo e filho espiritual. Logo entrou em samadhi. Os devotos ficaram mudos, olhando para o Mestre maravilhados.

Retomando à consciência parcial, o Mestre disse: “Por que meu sentimento espiritual inflama-se à vista de Rakhal? Quanto mais vocês avançam em direção a Deus, menos vocês vêem Suas glórias e grandezas. O aspirante primeiro tem a visão da Deusa com dez braços <sup>8</sup>; há uma grande exibição de poder naquela imagem. A visão seguinte é a da Divindade com dois braços; já não há mais dez braços segurando diversas armas. Depois o aspirante tem a visão de Gopala no qual não há qualquer sinal de poder. É a forma de uma suave criança. Além dessas há também, outras visões. O aspirante, então, vê somente Luz.

“Raciocínio e discriminação desaparecem depois de atingir Deus e estar em comunhão com Ele em samadhi. Por quanto tempo um homem raciocina e discrimina? Enquanto estiver consciente da multiplicidade, dos seres encarnados, do ‘eu’ e ‘você’. Torna-se silencioso quando está plenamente consciente da Unidade. Este foi o caso com Trailanga Swami <sup>9</sup>.

“Já observou uma festa dada pelos brahmins? No início há um grande burburinho, mas o barulho diminui à medida que o estômago das pessoas se tornam cada vez mais cheio. Quando a última rodada de coalhada e doces é servida, ouve-se somente o som “sup, sup”, enquanto juntam a coalhada na mão. Não se ouve mais nada. Em seguida é o estágio do sono – samadhi. Não mais barulho alto. (*A M. e Prankrishna*): “Muitas pessoas falam de Brahmajnana, mas suas mentes estão sempre preocupadas com coisas inferiores: casas, construções, dinheiro, nome e prazeres dos sentidos. Enquanto se fica ao pé do Monumento <sup>10</sup>, vocês vêem cavalos, carruagens, ingleses e inglesas, mas quando subir no topo, verão o céu e o oceano estendendo-se até o infinito. Aí não se vê as construções, carruagens, cavalos ou homens. Parecem formigas.

“Todas as coisas como apego ao mundo e entusiasmo por ‘mulher e ouro’ desaparecem ao se alcançar o Conhecimento de Brahman. Segue-se o cessar de todas as paixões. Ao se queimar uma tora grande de madeira, há um barulho crepitante e vê-se a chama, mas quando acaba de queimar, restam somente cinzas, não se ouve mais nada. A sede desaparece com a destruição do apego. Finalmente vem a paz.

“Quanto mais perto se aproximarem de Deus, mais sentirão paz. Paz, paz, paz – suprema paz! Quanto mais próximos estiverem do Ganges, mais sentirão o seu frescor. Vocês se sentirão completamente confortados ao mergulharem no rio.

“Mas o universo com seus seres criados e os vinte e quatro princípios cósmicos existem porque Deus existe. Nada restará se Deus for eliminado. O número aumenta se você acrescentar muitos zeros depois do um, mas esses zeros não têm valor se não houver o número um.

O Mestre continuou: “Há alguns que descem, por assim dizer, depois de terem atingido o Conhecimento de Brahman – depois do samadhi – e retém o ‘ego do Conhecimento’ ou o ‘ego da Devoção’, como há pessoas que, por sua espontânea vontade permanecem no mercado depois que fechou. Esse foi o caso de sábios como Narada. Conservaram o ‘ego da Devoção’ com o intuito de ensinar os homens. Shankaracharya conservou o ‘ego do Conhecimento’ com esse mesmo propósito.

“Deus não pode ser realizado enquanto houver o mais leve apego às coisas do mundo. Uma linha não pode passar pelo buraco da agulha, se houver o menor fiapo se levantar.

“A raiva e a luxúria do homem que realizou Deus são apenas aparentes. É como um cordão queimado. Parece um cordão, mas a um simples sopro, desaparece.

“Deus é realizado logo que a mente se torna livre de apego. O que quer que surja na Mente Pura, é a voz de Deus. O que é a Mente Pura é também, Buddhi Puro e também, Atman Puro, porque não há nada puro a não ser Deus, mas para se realizar Deus, tem-se que ir além de dharma e adharma.”

<sup>8</sup> Alusão à Durga.

<sup>9</sup> Um notável monge de Benares que o Mestre encontrou uma vez. O Swami observava voto de silêncio.

<sup>10</sup> Uma referência ao Ochterloney Monument.

O Mestre cantou com a voz melodiosa:

Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a árvore que realiza todos os desejos.  
E n'Ela colha os quatro frutos da vida. ...

Sri Ramakrishna foi para a varanda sudeste de seu quarto onde se sentou. Prankrishna e outros devotos acompanharam-no. Hazra, também estava sentado. O Mestre disse a Prankrishna com um sorriso: “Hazra não é um homem para ser enganado. Se alguém encontra o grande ‘dargah’ aqui<sup>11</sup>, então Hazra é o ‘dargah’ menor. A essas palavras do Mestre todos riram. Um certo senhor, chamado Navakumer, veio até a porta onde permaneceu de pé. À vista dos devotos retirou-se imediatamente. “Ó! Egoísmo encarnado!” observou Sri Ramakrishna.

Mais ou menos às nove e meia da manhã, Prankrishna despediu-se do Mestre. Logo depois, um cantor entoou algumas canções devocionais com acompanhamento de um instrumento de corda. O Mestre estava ouvindo às canções quando Kedar Chatterji, um devoto chefe de família, entrou no aposento, trajando o uniforme. Era um homem de temperamento devocional que possuía a atitude das Gopis de Vrindavan. Palavras sobre Deus o faziam chorar.

A visão de Kedar despertou na mente do Mestre, o episódio de Vrindavan na vida de Sri Krishna. Intoxicado pelo amor divino, o Mestre ficou em pé e cantou, dirigindo-se a Kedar:

Diga-me, amiga, onde está o bosque.  
Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?  
Se perfume me alcança mesmo  
Mas estou cansado e não posso andar mais. ...

Sri Ramakrishna adotou a atitude de Sri Radha para com Krishna – e entrou em samadhi profundo, enquanto cantava. Permaneceu em pé, imóvel como a figura num quadro, com lágrimas de alegria, rolando pelas faces.

Kedar ajoelhou-se diante do Mestre. Tocando seus pés, cantou um hino:

Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração,  
O Indiferenciado, que é adorado por Hari, Hara e Brahma;  
Que é atingido pelos yogis nas profundezas de sua meditação:  
O Destruidor do medo de nascimento e morte,  
A Essência do Conhecimento e Verdade, a Semente Primordial do mundo.

Depois de um certo tempo, o Mestre recobrou a consciência do mundo relativo. Logo depois Kedar despediu-se e voltou para o escritório em Calcutá.

Ao meio-dia Ramlal trouxe para o Mestre uma bandeja de comida que havia sido oferecida no templo de Kali. Como uma criança, comeu um pouquinho de tudo.

Mais tarde, ao entardecer, muitos devotos Marwaris entraram no quarto do Mestre, onde Rakhil e M. também estavam sentados.

Um devoto Marwari: “Senhor, qual é o caminho?”

Mestre: “Há dois caminhos: um é o da discriminação, o outro, do amor. A discriminação significa conhecer a diferença entre o Real e o irreal. Somente Deus é a substância real e permanente; tudo o mais é ilusório e transitório. Só o mágico é real; sua magia é ilusória. Isto é discriminação.

“Discriminação e renúncia. Discriminação significa conhecer a diferença entre o Real e o irreal. Renúncia é o desapego pelas coisas do mundo. Não se pode conquistá-las de uma hora para outra. Devemos praticá-las diariamente. Deve-se renunciar a ‘mulher e ouro’ mentalmente, no começo. Depois, pela vontade de Deus, pode-se renunciar a ambas, mental e externamente. É impossível pedir às pessoas de Calcutá para renunciar a tudo por amor de Deus. Devemos dizer-lhes para renunciar mentalmente.

Pela disciplina da prática constante, chega-se ao desapego de ‘mulher e ouro’. É o que o *Gita* diz. Pela prática adquire-se um poder mental incomum. Então uma pessoa não acha difícil subjugar os órgãos dos sentidos e trazer a raiva, luxúria e similares sob controle. Esta pessoa comporta-se como uma tartaruga que, uma vez tenha recolhido as patas, não mais as coloca para fora. Não se consegue que elas ponham suas patas para fora de novo, ainda que seja cortada em pedaços com um machado.”

<sup>11</sup> Referindo-se a si mesmo.

Devoto Marwari: “Reverenciado senhor, o senhor mencionou dois caminhos. Qual e o outro?”

Mestre: “O caminho da bhakti ou do amor fervoroso por Deus. Chore por Deus na solidão, com a alma desassossegada e peça-Lhe que Ele Se revele a você.”

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!  
Como pode Ela afastar-Se de você?

Devoto Marwari: “Senhor, qual o significado do culto do Deus Pessoal? E a do Deus sem forma ou atributos?”

Mestre: “Assim como você se recorda do seu pai através de sua fotografia, da mesma maneira o culto da imagem revela, num lampejo, a natureza da Realidade.

“Você sabe o que é Deus sem forma? Como borbulhas emergindo numa expansão d’água, as diversas formas divinas são vistas elevando-se do Grande Akasha de Consciência. A Encarnação de Deus é um dessas formas. A Energia Primordial brinca por assim dizer, através das atividades de uma Encarnação Divina.

“O que há em simples erudição? Deus pode ser realizado, chamando-O com o coração ansioso. Não há necessidade de se conhecer muitas coisas.

“Aquele que é um acharya tem que saber diversas coisas. Necessita-se de uma espada e de um escudo para matar os outros, mas para se matar, uma agulha ou um cortador de unhas são suficientes.

“Uma pessoa por fim descobre Deus, tentando conhecer quem este ‘eu’ é. É este ‘eu’ a carne, os ossos, o sangue ou a medula? É a mente ou o buddhi? Assim analisando, você compreende, afinal, que não é nenhuma dessas coisas. Esse processo é chamado ‘Neti, Neti’, ‘Isto não, Isto não.’ Ninguém pode nem compreender nem tocar o Atman. É sem qualidades ou atributos.

“Mas de acordo com o caminho da devoção, Deus tem atributos. Para um devoto, Krishna é Espírito, Sua morada é Espírito e tudo a seu respeito é Espírito.”

Os devotos Marwari saudaram o Mestre e despediram-se.

Com o anoitecer, Sri Ramakrishna saiu para ver o rio sagrado. Um lampião foi aceso em seu quarto. O Mestre cantou o sagrado nome da Mãe Divina e meditou n’Ela. O culto da tarde começou em diversos templos. O som dos gongos, flutuando no ar, misturava-se com a voz murmurante do rio. Paz e bênção reinavam em todos os lugares.

## CAPÍTULO VIII

### COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO MESTRE EM DAKSHINESWAR

*Domingo, 18 de fevereiro de 1883*

**S**RI RAMAKRISHNA chegou à casa de Govinda Mukherji em Belgharia, perto de Calcutá. Além de Narendra, Ram e outros devotos, estavam presentes alguns vizinhos de Govinda. Primeiro o Mestre cantou e dançou com os devotos. Depois do kirtan, sentaram-se. Muitos saudaram o Mestre. De vez em quando dizia: “Inclinem-se diante de Deus.”

“É somente Deus”, disse ele, “que Se tornou tudo, mas em alguns casos, como por exemplo, no santo – há uma manifestação maior do que nos outros. Podem dizer que há, também, homens maus. Sim, isto é verdade, como há tigres, leões, mas não se precisa abraçar o ‘Deus-tigre’. Devemos nos manter afastados dele e saudá-lo à distância. Tome, por exemplo, a água. Alguma pode ser bebida, outra usada para o culto, banho, ou apenas, para lavar pratos.”

Um vizinho: “Reverenciado senhor, quais são as doutrinas da Vedanta?”

Mestre: “O vedantista diz: ‘Eu sou Ele’. Brahman é real e o mundo ilusório. Até o ‘eu’ é ilusório. Somente o Supremo Brahman existe.

“Mas não se pode livrar-se do ‘eu’, por conseguinte, é bom que se tenha o sentimento ‘eu sou o servo de Deus, Seu filho, Seu devoto.’

“Para o Kaliyuga o caminho da bhakti é especialmente bom. Pode-se realizar Deus através da bhakti. Enquanto uma pessoa for consciente do corpo, é consciente também dos objetos. Forma, gosto, olfato, som e tato – são objetos. É extremamente difícil libertar-se da consciência dos objetos e não se pode realizar ‘Eu sou Ele’ enquanto se estiver consciente dos objetos.

“O sannyasi pensa pouco nos objetos do mundo, mas o chefe de família está sempre preocupado com eles. Portanto, é bom para ele sentir ‘eu sou o servo do Senhor’.”

Vizinho: “Sim, somos pecadores. O que nos vai acontecer?”

Mestre: “Todos os pecados do corpo desaparecem se uma pessoa cantar o nome de Deus e Suas glórias. Os pássaros do pecado moram na árvore do corpo. Cantar o nome de Deus é como bater palmas. Assim como ao bater palmas os pássaros voam do galho da árvore, os nossos pecados desaparecem quando se canta o nome e as glórias de Deus.

“A água de um reservatório construído num campo, evapora-se com o calor do sol. Da mesma maneira a água do reservatório de pecado seca quando são cantados o nome e as glórias de Deus.

“Deve-se praticar isso diariamente. Outro dia vi no circo, um cavalo correndo a toda velocidade, com uma inglesa com um pé só no lombo. Como ela deve ter praticado para adquirir essa habilidade!

“Chore pelo menos uma vez, para ver Deus.

“São estes os dois meios: prática e apego apaixonado a Deus, quer dizer, desassossego da alma para vê-Lo.”

Sri Ramakrishna começou a almoçar, com os devotos. Era mais ou menos uma hora. Um devoto cantou:

Desperta, Mãe! Desperta! Por quanto tempo tens dormido  
No lótus do Muladhara!  
Cumpre Tua função secreta, Mãe;  
Levanta-Te até o lótus de mil pétalas dentro da cabeça  
Onde o poderoso Shiva tem Sua morada:  
Rapidamente transponha os seis lótus  
E retira minha tristeza, Ó Essência de Consciência!

Ouvindo a canção, Sri Ramakrishna entrou em samadhi; todo o corpo permaneceu imóvel e a mão ficou tocando o prato de comida. Não podia comer mais. Depois de um certo tempo, a mente desceu parcialmente para o plano do mundo dos sentidos e disse: “Quero ir lá embaixo.” Com muito

cuidado, um devoto desceu-o. Sentou-se ainda em êxtase, perto do cantor. A canção havia terminado. O Mestre disse-lhe humildemente: “Senhor, quero ouvir novamente cantar o nome da Mãe.”

O músico cantou:

Desperta, Mãe! Desperta! Por quanto tempo  
No lótus do Muladhara! ...

De novo o Mestre entrou em êxtase.

25 de fevereiro de 1883

Depois do almoço o Mestre conversou com os devotos. Ram, Kedar, Nityagopal, M. e outros haviam chegado de Calcutá. Harish, Latu e Hazra estavam morando com o Mestre. O sr. Choudhury, que possuía três ou quatro diplomas universitários e era funcionário do governo, também estava presente. Recentemente havia perdido a esposa e havia visitado o Mestre várias vezes, em busca de paz de espírito.

Mestre (*a Ram e outros devotos*): “Devotos como Rakhhal, Narendra e Bhavanath podem ser chamados nityasiddhas. Desde o nascimento sua consciência espiritual está despertada. Tomam corpos humanos somente para transmitir iluminação espiritual aos outros.

“Há outra classe de devotos, os kripasiddhas, isto é, aqueles para quem a graça de Deus desce subita e imediatamente. Atingem Sua visão e Conhecimento. Essas pessoas podem ser comparadas a um quarto que ficou às escuras durante mil anos e que, ao trazerem um lampião, torna-se claro imediatamente e não, pouco a pouco.

“Aqueles que levam a vida de chefe de família devem praticar disciplina espiritual e orar ansiosamente para Deus, em solidão. (*Ao sr. Choudhury*): Deus não pode ser realizado por meio de erudição. Quem pode na verdade, compreender as coisas do Espírito pela razão? Não, todos devem lutar por devoção aos pés de Lótus de Deus.

“Infinitas são as glórias de Deus! Quão pouco podemos sondá-las! Será que alguma vez poderemos descobrir o significado das maneiras de Deus?

“Bhishma não era outro senão um dos oito Vasus, mas até ele chorou em sua cama de flechas. Disse: ‘Que coisa espantosa! O Próprio Deus é o companheiro dos irmãos Pandavas, mesmo assim não há fim para suas tristezas e problemas!’ Quem poderá jamais compreender os caminhos de Deus?

“Um homem pensa: ‘Pratiquei um pouco de oração e austeridades, assim consegui vitórias sobre os outros’, mas a vitória ou derrota dependem de Deus. Vi uma prostituta morrer no Ganges e conservar a consciência<sup>1</sup> até o fim.”

Sr. Choudhury: “Como se pode ver Deus?”

Mestre: “Não com estes olhos. Deus dá a uma pessoa olhos divinos e só então, pode vê-Lo. Deus deu a Arjuna olhos divinos a fim de que ele pudesse ver a Sua Forma Universal.<sup>2</sup>

“Sua filosofia é mera especulação. Só racionaliza. Deus não pode ser realizado assim.

“Deus não pode ficar insensível se alguém tiver raga-bhakti, isto é, amor a Deus, com apego apaixonado a Ele. Sabe como Deus aprecia o amor de seus devotos? É como a afeição da vaca por forragem com torta de linhaça. A vaca come-a vorazmente.

“Raga-bhakti é puro amor por Deus, um amor que procura somente Deus, sem qualquer interesse mundano. Prahlada tinha-o. Suponhamos que diariamente você vá visitar um homem rico, mas sem lhe pedir nenhum favor; simplesmente gosta de vê-lo. Se ele quiser lhe prestar um favor, responda-lhe: ‘Não senhor. Não preciso de nada. Vim somente vê-lo.’ Tal é o amor de Deus por Ele mesmo. Simplesmente O ama sem querer nada d’Ele em troca.”

Assim falando o Mestre cantou:

Apesar de Eu<sup>3</sup> jamais relutar em dar salvação,  
Na verdade hesito em conceder puro amor.  
Quem quer que consiga puro amor, supera tudo  
É adorado pelos mundos. ...

<sup>1</sup> Morrer no Ganges, com plena lucidez, é considerado, pelos hindus, um ato de grande mérito espiritual e resultado de uma vida piedosa.

<sup>2</sup> Uma alusão ao capítulo XI do Bhagavad Gita.

<sup>3</sup> A canção representa as palavras de Sri Krishna.

Triunfa sobre os três mundos. ...

Continuou: “O ponto mais importante de tudo é que se deve desenvolver uma ânsia apaixonada por Deus e praticar discriminação e renúncia.”

Sr. Choudhury: “Senhor, não é possível ter a visão de Deus sem a ajuda de um guru?”

Mestre: “O Próprio Satchidananda é o Guru. No fim da shavasadhana, quando a visão do Ishta está para ocorrer, o guru aparece diante do aspirante e diz-lhe: ‘Aqui está seu Ishta.’ Dizendo isso, o guru funde-se no Ishta. Aquele que é guru é também, o Ishta. O guru é o fio que leva a Deus. As mulheres fazem um culto ritualista conhecido como ‘Ananta-vrata’, sendo o Infinito o objeto do culto, mas na realidade, a Divindade cultuada é Vishnu. N’Ele estão as infinitas ‘formas’ de Deus.

(*A Ram e outros devotos*): “Se me perguntarem qual a forma de Deus na qual devem meditar, eu lhes diria: Fixem sua atenção na forma que mais lhes atrai, mas tenham como certo que todas as formas são apenas formas de um mesmo Deus.

“Jamais desejem mal a alguém. Shiva, Kali e Hari são formas diferentes do Uno. É verdadeiramente abençoado aquele que conhece todos como uno.

Exteriormente ele parece como devoto de Shiva,  
Mas no coração ele adora Kali, a Mãe Bem-aventurada,  
E canta bem alto o nome do Senhor Hari.

“O corpo não pode durar sem um traço de luxúria, raiva e similares. Temos que reduzi-las a um mínimo.”

Olhando para Kedar, o Mestre disse: “Ele é muito bom. Aceita tanto o Absoluto quanto o Relativo. Crê em Brahman, mas também aceita os deuses e as Encarnações Divinas na forma humana.”

Na opinião de Kedar, Sri Ramakrishna era um Encarnação.

Olhando para Nityagopal, o Mestre disse a seus devotos, “Ele está num estado elevado.”

(*A Nityagopal*): “Não vá lá com muita frequência. Pode ir de vez em quando. Ela pode ser uma devota, mas é também, uma mulher. Por isso estou lhe prevenindo.

“O sannyasi deve observar uma disciplina estrita. Não deve nem olhar para o retrato de uma mulher, mas este preceito não se aplica aos chefes de família. Um aspirante não deve se associar com uma mulher, mesmo que seja muito devota a Deus. Um sannyasi, mesmo que já tenha dominado as paixões, deve seguir esta disciplina, a fim de servir de exemplo aos chefes de família.

“As pessoas do mundo aprendem renunciar ao ver a renúncia completa de um monge, do contrário, afundam cada vez mais. Um sannyasi é um instrutor do mundo.”

*Sexta-feira, 9 de março de 1883*

Mais ou menos às nove horas da manhã, o Mestre estava sentado em seu quarto com Rakhal, M. e alguns devotos. Era lua nova. Como era comum nesses dias, Sri Ramakrishna entrava repetidamente em comunhão com a Mãe Divina. Disse aos devotos: “Só Deus existe, tudo o mais é irreal. A Mãe Divina mantém todos iludidos por Sua maya. Olhe para os homens. A maioria deles está mergulhada no mundanismo. Sofrem muito, mas continuam com seu apego a ‘mulher e ouro’. O camelo come arbustos com espinhos e o sangue escorre de sua boca, no entanto, continua comendo espinhos. Enquanto está com muitas dores do parto, uma mulher diz: ‘Ah! Nunca mais irei com meu marido de novo.’ Mas logo ela se esquece.

“A verdade é que ninguém procura Deus. Há pessoas que comem folhas espinhosas do abacaxi e não, a fruta.”

Devoto: “Senhor, por que Deus nos pôs no mundo?”

Mestre: “O mundo é o campo de ação. Pela ação obtém-se conhecimento. O guru instrui o discípulo a fazer certos trabalhos e a rejeitar outros. Aconselha a executar a ação sem esperar o resultado. A impureza da mente é destruída com o cumprimento do dever. É como ficar livre de uma doença devido a um remédio, sob a instrução de um médico competente.

“Por que Deus não nos liberta do mundo? Ele nos libertará quando a doença estiver curada. Ele nos libertará do mundo quando formos além do desfrutar de ‘mulher e ouro’. Quando um homem se registra no hospital, não mais pode sair. O médico não o deixará ir embora, a não ser que esteja completamente curado.”

Nestes dias o coração de Sri Ramakrishna transbordava de amor maternal como aquele que Yashoda sentia por Krishna. Por isso conservou Rakhal com ele. Rakhal sentia pelo Mestre o mesmo que uma criança sente por sua mãe. Deitava-se no colo do Mestre como uma criança no colo de sua mãe enquanto mama.

Rakhal estava assim sentado ao lado do Mestre, quando um homem entrou no aposento e disse que a maré alta havia chegado ao Ganges. O Mestre e os devotos correram para o Panchavati para vê-la. À vista de um barco sendo arrastado, Sri Ramakrishna exclamou: “Olhem! Olhem! Espero que nada aconteça com ele.”

“Todos sentaram-se no Panchavati. O Mestre pediu a M. para lhe explicar o mecanismo da maré. M. desenhou no chão o sol, a lua e a terra e tentou explicar a lei da gravitação, maré baixa, maré alta, lua nova, lua cheia, eclipse etc.

Mestre (*a M.*): “Chega! Não consigo acompanhá-lo. Estou ficando tonto. Minha cabeça está doendo. Bem, como podem saber tantas coisas abstratas?”

“Vejam, na minha infância eu pintava bem, mas a aritmética fazia minha cabeça ficar tonta. Não conseguia aprender a mais simples conta.”

Sri Ramakrishna voltou para o seu quarto com os devotos. Olhando para o retrato de Yashoda na parede, disse: “Não está bem feito. Parece uma vendedora de grinaldas.”

O Mestre tirou uma soneca depois do almoço e os outros devotos gradualmente aproximaram-se. Era a primeira visita de Adhar, um magistrado de mais ou menos trinta anos.

Adhar (*ao Mestre*): “Senhor, tenho uma pergunta a lhe fazer. É bom sacrificar animais para a Divindade? Isto certamente implica em matar.”

Mestre: “O shastra prescreve sacrifício em ocasiões especiais. Esse sacrifício não é nocivo. Tome, por exemplo, o sacrifício de uma cabra no oitavo dia da lua cheia ou nova.

“Agora estou em tal estado mental que não posso ver um sacrifício. Também não posso comer carne oferecida à Mãe Divina. Por conseguinte, primeiro a toco com o dedo, em seguida com a cabeça, senão Ela poderia ficar zangada comigo.

“Também dependendo do meu estado mental, vejo Deus em todos os seres, inclusive numa formiga. Se vejo um ser vivo morrer, meu consolo é pensar de que se trata apenas da morte do corpo, estando a alma além da vida e da morte.

“Não se deve raciocinar muito. Basta apenas que se ame os Pés de Lótus da Mãe. Muito raciocínio leva confusão à mente. Você obtém água pura se beber da superfície de um tanque, mas se puser a mão mais profundamente e mexer na água, ela vem com lama, portanto, ore a Deus por devoção.

“Atrás da devoção de Dhruva havia desejo. Ele praticou austeridades para conseguir o reino de seu pai, mas o amor de Prahlada por Deus era desinteressado – um amor que não procurava retribuição.”

Um devoto: “Como se pode realizar Deus?”

Mestre: “Através desse tipo de amor, mas deve-se reforçar o pedido a Deus. Deve-se dizer: ‘Ó Deus, por que Tu não Te revelas a mim? Vou cortar minha garganta com uma faca.’ ‘Esse é o *tamas* da bhakti.’”

Devoto: “Pode-se ver Deus?”

Mestre: “Sim, *certamente*. Pode-se ver ambos aspectos de Deus – Deus com forma e sem forma. Pode-se ver Deus com forma, a Encarnação do Espírito. Também, Deus pode ser diretamente percebido num homem como uma forma tangível. Vendo uma Encarnação de Deus é o mesmo que ver o Próprio Deus. Deus vem ao mundo como homem em cada época.”

*11 de março de 1883*

Era o aniversário de Sri Ramakrishna. Muitos de seus discípulos e devotos queriam celebrar este feliz evento em Dakshineswar.

Desde cedo os devotos começaram a chegar, sozinhos ou em grupos. Depois do culto da manhã nos templos, foi tocada uma música suave no *nahabat*. Era primavera. As árvores, as trepadeiras e as plantas estavam cobertas de folhas novas e botões de flores. O próprio ar parecia impregnado de alegria e o coração dos devotos estavam felizes, nesse dia auspicioso.

M. chegou cedo de manhã e encontrou o Mestre conversando, sorridente, com Bhavanath, Rakhal e Kalikrishna. M. prosternou-se ante ele.

Mestre (*a M.*): “Estou feliz que tenha vindo.”

(*Aos devotos*): “Ninguém pode ser espiritualizado enquanto tiver vergonha, ódio ou medo. Grande será a alegria hoje, mas aqueles tolos que nem cantam, nem dançam enlouquecidos pelo nome de Deus, jamais alcançarão Deus. Como pode alguém sentir vergonha ou medo, quando os nomes de Deus são cantados? Agora cantem, todos vocês.”

Bhavanath e seu amigo Kalikrishna cantaram:

Três vezes abençoado seja este dia de alegria!  
Possamos todos nos unir, Ó Senhor  
Para pregar Tua religião verdadeira aqui  
Na terra santa da Índia!  
Tu moras em cada coração humano;  
Teu nome, ressoando em todos os lugares  
Preenche os quatro canto do céu.  
Hoje Teus devotos proclamam  
Tua ilimitada majestade.

Não procuramos riqueza ou amigos ou fama,  
Ó Senhor! Nenhuma outra esperança é nossa.  
Para Ti apenas Teus devotos  
Anseiam com amor sem bandeiras  
Seguros em Teus pés, que medo temos  
Da morte ou perigo? Encontramos  
A Fonte da Imortalidade.  
A Ti salve, Ó Senhor!  
A Ti salve!

À medida que Sri Ramakrishna escutava a canção de mãos postas, sua mente fugia para um plano longínquo. Permaneceu absorvido em meditação por um longo período. Depois de um certo tempo Kalikrishna sussurrou qualquer coisa para Bhavanath. Curvou-se ante o Mestre e levantou-se. Sri Ramakrishna ficou surpreso. Perguntou: “Onde você vai?”

Bhavanath: “Ele vai resolver um pequeno assunto.”

Mestre: “Sobre o que?”

Bhavanath: “Vai ao Instituto de Trabalhadores de Baranagore.”

Mestre: “Ele está sem sorte. Uma corrente de bem-aventurança vai fluir hoje aqui. Ele poderia desfrutá-la, mas como é desafortunado!”

Sri Ramakrishna não estava se sentindo bem: por isso decidiu não se banhar no Ganges. Por volta das nove horas trouxeram alguns jarros de água do rio e com a ajuda dos devotos, terminou seu banho na varanda leste do seu quarto.

Depois do banho colocou uma roupa nova, cantando todo o tempo o nome de Deus. Acompanhado por um ou dois discípulos, atravessou o pátio até o templo de Kali, ainda cantando Seu nome sagrado. Os olhos tinham um ar interior, como o de um passarinho chocando os ovos.

Ao entrar no templo prosternou-se diante da imagem e adorou a Mãe Divina, contudo, não observou qualquer ritual formal. Ora oferecia flores e pasta de sândalo aos pés da imagem, ora também as colocava em sua cabeça. Depois de terminado seu culto a seu modo, pediu a Bhavanath para levar o coco verde que havia sido oferecido à Mãe. Visitou também, as imagens de Radha e Krishna no templo de Vishnu.

Quando o Mestre voltou para seu aposento, viu que outros devotos haviam chegado, entre os quais Ram, Nityagopal e Kedar. Todos saudaram o Mestre, que lhes retribuiu cordialmente.

Perguntou a Nityagopal, “Você vai comer alguma coisa agora?” “Sim”, respondeu Nityagopal que tinha vinte e três ou vinte e quatro anos. Era solteiro e parecia um menino. Sua mente vivia mergulhada no plano espiritual. Visitava o Mestre, às vezes sozinho, às vezes na companhia de Ram. O Mestre havia observado o estado espiritual de sua mente e afeiçoou-se muito a ele. Notava que de vez em quando Nityagopal ficava em estado de paramahansa.

Depois que Nityagopal acabou de comer, o Mestre levou-o para um canto e deu-lhe várias instruções.

Uma certa senhora de mais ou menos trinta e um anos e grande devota, visitava Sri Ramakrishna amiúde e o tinha com muito respeito. Estava muito impressionada com o estado espiritual de Nityagopal, considerando-o como se fosse seu próprio filho e com muita frequência, convidava-o para ir à sua casa.

Mestre (*a Nityagopal*): “Você vai lá?”

Nityagopal (*Como uma criança*): “Sim. Ela me leva.”

Mestre: “Cuidado, santo homem! Vá lá com grande intervalo de tempo e não, freqüentemente, senão você se afastará de seu ideal. Maya nada mais é do que ‘mulher e ouro’. Um homem santo deve afastar-se de mulher. Todos afundam-se aí. ‘Mesmo Brahman e Vishnu lutaram toda a vida nesse redemoinho.’ ”

Nityagopal escutava suas palavras atentamente.

M.(*a si mesmo*): “Que estranho! Este jovem desenvolveu o estado de paramahansa. É o que o Mestre diz de vez em quando. É possível que ele caia apesar de seu alto estado espiritual? Que lei austera é estabelecida para um sadhu! Pode afastar-se de seu ideal associando-se intimamente às mulheres. Como pode um homem comum alcançar liberação, a não ser que tal ideal elevado seja estabelecido por homens santos? A mulher em questão é muito devota, mas mesmo assim, há perigo. Agora compreendo porque Chaitanya castigou seu jovem discípulo Haridas, tão severamente. Apesar da proibição de seu instrutor, Haridas conversou com uma devota viúva. Mas ele era um sannyasi. Por conseguinte, Chaitanya o baniou. Que punição severa! Como é dura a lei para aquele que segue o caminho da renúncia! Que amor o Mestre tem por este devoto! Ele o está prevenindo agora, para que não caia em perigo no futuro.”

“Cuidado, santo homem!” Estas palavras do Mestre ecoaram nos corações dos devotos, como o retumbar distante de um trovão.

O Mestre foi com os devotos para a varanda nordeste do seu aposento. Entre eles estava um chefe de família de uma vila de Dakshineswar que estudava filosofia Vedanta em casa. Estivera discutindo Om com Kedar, diante do Mestre. Disse: “Esta Palavra Eterna, o Anahata Sabda está sempre presente no interior e no exterior.”

Mestre: “Mas a Palavra não é suficiente. Deve haver algo indicado pela Palavra. Pode apenas o seu nome fazer-me feliz? Completa felicidade não é possível para mim a menos que o veja.”

Devoto: “Aquela Palavra Eterna em si mesma é Brahman.”

Mestre (*a Kedar*): “Ó, você não compreende? Ele sustenta a doutrina dos rishis dos tempos antigos. Uma vez disseram a Rama: ‘Ó Rama, o conhecemos apenas como o filho de Dasharatha. Que sábios como Bharadvaja Te adorem como Deus Encarnado. Queremos realizar Brahman, o Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos.’ A essas palavras Rama sorriu e saiu.”

Kedar: “Aqueles rishis não souberam reconhecer Rama como uma Encarnação de Deus. Deviam ser tolos.”

Mestre (*seriamente*): “Por favor não diga uma coisa dessas. As pessoas adoram Deus segundo seus gostos e temperamentos. A mãe cozinha o mesmo peixe de modo diferente para seus filhos, de maneira que cada um possa comer o que faz bem ao seu estômago. Para alguns cozinha o rico prato pilau, mas nem todos podem digeri-lo. Para as que têm estômago sensível, prepara sopa. Outras gostam de peixe frito ou escabeche. Depende do gosto de cada um.

“Os rishis seguiram o caminho da jnana. Por conseguinte, procuraram realizar Brahman, Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos, mas aqueles que seguem o caminho da devoção, procuram uma Encarnação de Deus para desfrutarem a doçura da bhakti. A escuridão da mente desaparece quando Deus é realizado. Dizem nos Puranas que era como se cem sóis estivessem brilhando, quando Rama entrava na corte. Por que então, os cortesãos não se queimavam? Porque o brilho de Rama não era igual a de um objeto material. Como o lótus desabrocha quando o sol surge, assim o lótus do coração das pessoas na corte florescia.”

Ao dizer estas palavras, o Mestre, de pé, diante dos devotos, entrou em êxtase. Sua mente retirou-se dos objetos externos. Mal acabou de dizer “o lótus do coração florescia”, entrou em samadhi profundo. Permaneceu imóvel, o rosto brilhando e os lábios entreabertos num sorriso

Depois muito tempo voltou à consciência normal do mundo. Suspirou profundamente e começou repetidamente a cantar o nome de Rama, cada palavra derramando néctar nos corações dos devotos. O Mestre sentou-se e as outras pessoas também, em sua volta

Mestre (*aos devotos*): “As pessoas comuns não reconhecem a vinda de uma Encarnação de Deus. Ela vem secretamente. Somente alguns de Seus discípulos íntimos A reconhecem. Só os doze rishis souberam que Rama era tanto Brahman Absoluto como uma perfeita Encarnação de Deus em forma humana. Os outros sábios disseram-Lhe: ‘Rama, nós Te conhecemos apenas como o filho de Dasharatha.’

“Pode alguém compreender Brahman, Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança? Só alcançou o amor perfeito de Deus aquele que tendo alcançado o Absoluto, mantém-se no plano

Relativo para desfrutar a divina lila. O homem pode descrever os hábitos e as atividades da Rainha<sup>4</sup>, se já a tiver visitado na Inglaterra. Só então a descrição da Rainha pode ser considerada correta. Sábios como Bharadvaja adoraram Rama e disseram: ‘Ó Rama, Tu não és outro senão o Indivisível Satchidananda. Tu apareceste diante de nós como seu humano, mas Tu pareces um homem pois Tu Te ocultaste na Tua própria maya.’ Esses rishis foram grandes devotos de Rama e tiveram amor supremo por Deus.”

Naquele momento chegaram alguns devotos procedentes de Konnagar, cantando o kirtan com acompanhamento de tambores e pratos. Quando chegaram à varanda nordeste do quarto de Sri Ramakrishna, o Mestre juntou-se a eles na música, dançando e intoxicado pela alegria divina. De vez em quando entrava em samadhi, em pé, imóvel como uma estátua. Enquanto estava num desses estados de inconsciência divina, os devotos puseram grinaldas de jasmim em seu pescoço. O aspecto encantador do Mestre fez os devotos recordarem Chaitanya, outra Encarnação de Deus. O Mestre passou sucessivamente por três estados de consciência divina: o mais interior, quando perdeu completamente todo o conhecimento do mundo exterior; o semiconscente, quando dançou com os devotos em êxtase de amor e consciente, quando se juntou a eles cantando em voz alta. Era realmente um espetáculo para os deuses, ver o Mestre de pé, imóvel em samadhi, com grinaldas de flores perfumadas dependuradas no seu pescoço, o rosto brilhando de amor e os devotos cantando e dançando a seu redor.

Quando estava na hora do almoço, Sri Ramakrishna vestiu uma roupa amarela nova e sentou-se no sofá pequeno. Sua pele dourada confundindo-se com a roupa amarela, encantava os devotos.

Depois do almoço, Sri Ramakrishna descansou um pouco no sofá pequeno. Dentro e fora do aposento amontoavam-se os devotos entre eles Kedar, Suresh, Ram Manomohan, Girish, Rakhil, Bhavanath e M. O pai de Rakhil também estava presente.

Um goswami vaishnava estava sentado no aposento. O Mestre disse-lhe: “Bem, o que o senhor diz? Qual é o caminho?”

Goswami: “Senhor, cantar o nome de Deus é suficiente. As escrituras dão ênfase à santidade do nome de Deus para o Kaliyuga.”

Mestre: “Sim, não há dúvida a respeito da santidade do nome de Deus, mas pode um simples nome alcançar alguma coisa, sem o amor ardente do devoto, por trás dele? Deve-se sentir uma grande inquietude d’alma para se ter a visão de Deus. Suponhamos que um homem repita o nome de Deus mecanicamente, enquanto a mente está absorvida em ‘mulher e ouro’. Pode alcançar alguma coisa? Mero murmúrio de palavras encantadas não curam a dor da mordida de uma aranha ou escorpião. Deve-se usar, também cinzas de esterco de vaca<sup>5</sup>.”

Goswami: “Mas o que me diz de Ajamila? Foi um grande pecador: não havia pecado que não tivesse cometido, mas cantou o nome de Narayana em seu leito de morte, chamando o filho que também tinha aquele nome. Assim foi liberado.”

Mestre: “Talvez Ajamila tivesse feito muitas práticas espirituais em encarnações passadas. Diz-se que ele uma vez praticou austeridades, além do mais, aqueles eram os últimos momentos de sua vida. Para que serve dar um banho num elefante? Ele se cobrirá de sujeira e poeira outra vez e voltará a ser o que era antes, mas se alguém lhe retira a poeira do corpo e lhe dá um banho antes de entrar no estábulo, então o elefante permanecera limpo.

“Suponhamos que um homem se purifique cantando o nome de Deus, mas logo em seguida, cometa muitos pecados. Não tem força mental. Não se propõe a não repetir seus pecados. Um banho no Ganges indubitavelmente apaga todos os pecados, mas para que serve? Dizem que os pecados ficam nos galhos das árvores às margens do Ganges. Logo que um homem sai das sagradas águas, os velhos pecados pulam sobre seus ombros, vindo das árvores. (*Todos riem*). Os mesmos velhos pecados apossam-se dele novamente. Mal saiu da água e os pecados caem em cima dele.

“Por conseguinte digo, cante o nome de Deus e com isso, ore a Ele para que possa ter Seu amor. Peça a Deus para que seu apego às coisas transitórias como riqueza, nome e confortos diminua diariamente cada vez mais.

(*Ao goswami*): “Com sinceridade e anelo pode-se realizar Deus por meio de todas as religiões. Os vaishnavas realizarão Deus, o mesmo com os shaktas, vedantistas e brahmos. Os muçulmanos e cristãos, também O realizarão. Certamente todos O realizarão se forem sinceros e fervorosos.

“Algumas pessoas entregam-se a discussões, dizendo: ‘Não se realiza nada a não ser que se adore Krishna’, ou ‘Ninguém pode se salvar sem aceitar a religião cristã’. Isto é dogmatismo puro. O

<sup>4</sup> Rainha Victoria.

<sup>5</sup> Um remédio primitivo usado pelos aldeões para mordidas de escorpião.

dogmático diz, ‘Só minha religião é a verdadeira, as religiões dos outros são falsas.’ É uma atitude incorreta. Deus pode ser alcançado por diferentes caminhos.

“Além disso alguns dizem que Deus tem forma e é sem forma. Assim começam a brigar. Um vaishnava briga com um vedantista.

“Só se pode falar com autoridade sobre Deus, depois de tê-Lo visto. Aquele que viu Deus sabe dizer realmente e com certeza, que Deus tem forma e que Ele é sem forma, também. Ele possui muitos outros aspectos que não podem ser descritos.

“Certa vez uns cegos aproximaram-se de um animal que alguém lhes havia dito ser um elefante. Perguntaram-lhe como ele era. Os cegos começaram a tocar seu corpo. Um deles disse que ele era como um pilar; havia tocado em sua pata. Outro disse que se parecia com um leque; havia tocado a orelha. Dessa maneira, os outros tendo apalpado a barriga ou a cauda, deram versões diferentes do elefante. Assim o homem que viu apenas um aspecto de Deus, limita-O apenas a este. Está convencido de que Deus não pode ser outra coisa diferente.

(*Ao goswami*): “Como pode você dizer que a única verdade a respeito de Deus é que Ele tem forma? Sem dúvida alguma Deus vem à terra sob a forma humana, como no caso de Krishna. É verdade que Deus revela-Se aos Seus devotos, sob diferentes formas, mas é também verdade que Deus é sem forma: Ele é o Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança. Ele foi descrito nos Vedas tanto com forma como sem forma. E aí também está descrito com ou sem atributos.

“Você sabe o que quero dizer? Satchidananda é como um oceano infinito. O frio intenso transforma a água em gelo, que flutua em blocos sob diversas formas. Da mesma maneira, pela influência refrescante de bhakti, uma pessoa vê as formas de Deus no Oceano do Absoluto. Essas formas são para os bhaktas, os amante de Deus. Mas quando o Sol do Conhecimento chega, o gelo derrete-se; torna-se a mesma água de antes. Água em cima e embaixo, em todos os lugares, apenas água. Por conseguinte há uma oração no *Bhagavata* que diz: ‘Ó Senhor, Tu tens forma e Tu és também sem forma. Tu andas diante de nós, Ó Senhor, sob a forma de um homem. Tu também foste descrito nos Vedas como além das palavras e pensamentos.’

“Mas pode-se dizer que para certos devotos, Deus assume formas eternas. Há lugares no oceano em que o gelo não se derrete totalmente. Toma a forma de um quartzo.”

Kedar: “Está escrito no *Bhagavata* que Vyasa pediu perdão a Deus por suas três transgressões. Disse: ‘Ó Senhor, Tu és sem forma, mas tenho pensado em Ti com forma em minha meditação; Tu estás além da fala, mas cantei hinos a Ti. Tu és o Espírito que a Tudo permeia, mas fiz peregrinações a lugares sagrados. Sê benigno, Ó Senhor e perdoa estas minhas três transgressões.’

Mestre: “Sim, Deus tem forma e também, é sem forma, mas Ele está além da forma e do sem forma. Ninguém pode limitá-Lo.”

O pai de Rakhal estava no aposento. Naquela época Rakhal morava com o Mestre. Depois da morte da mãe, seu pai havia se casado pela segunda vez. De vez em quando vinha a Dakshineswar porque Rakhal estava lá. Não fazia objeção ao fato de seu filho morar com o Mestre. Sendo um homem rico estava sempre empenhado com ações judiciais. Havia muitos advogados e magistrados entre os visitantes de Sri Ramakrishna. O pai de Rakhal achava proveitoso cultivar tais relações, uma vez que esperava beneficiar-se com seus conselhos em assuntos mundanos.

De vez em quando o Mestre lançava um olhar para o pai de Rakhal. Era seu desejo que o jovem morasse permanentemente em Dakshineswar.

Mestre (*ao pai de Rakhal e devotos*): “Ah! Que bom caráter tem Rakhal! Olhe para seu rosto e, de vez em quando notará que seus lábios movem-se. Internamente repete o nome de Deus e por isso, seus lábios movem-se.

“Rapazes como ele pertencem à classe dos sempre perfeitos. Nasceram com a Consciência de Deus. Assim que crescem um pouco, sentem o perigo de entrar em contato com o mundo. Há a parábola da ave homa nos Vedas. Vive bem alto, no céu e jamais desce à terra. Põe o ovo no céu e este começa a cair. Mas o pássaro vive numa região tão alta, que o ovo é chocado enquanto cai. O filhote nasce e continua caindo, mas ainda está em tal altura que, enquanto cai, suas asas crescem e seus olhos abrem-se. Então a avezinha percebe que vai se arrebentar se cair no chão e que morrerá instantaneamente. No momento que vê o solo, dá uma volta e arremessa-se para cima em direção à sua mãe no céu. Desde então sua meta é a de alcançar sua mãe.

“Jovens como Rakhal são como esse pássaro. Desde sua infância têm medo do mundo e seu único pensamento é alcançar a Mãe, realizar Deus.

“Podem perguntar: ‘Como é possível para esses rapazes, nascidos de pais mundanos e vivendo no meio de pessoas de mentalidade mundana, desenvolverem semelhante conhecimento e devoção?’ Isto se explica. Se uma ervilha cai no esterco, germina e cresce como um pé de ervilha. As ervilhas possuem fins úteis. Por que foi semeada num esterco deveria produzir um outro tipo de planta?

“Ah, que natureza doce Rakhai tem hoje em dia! E por que não deveria ser assim? Se o inhame é bom, seus brotos também o são. (*Todos riem*). Tal pai, tal filho.”

M. (*à parte a Girindra*): “Como ele explicou bem este assunto de Deus com forma e sem forma! Os vaishnavas só acreditam em Deus com forma?”

Girindra: “Talvez sim. Têm uma visão unilateral.”

M.: “Você entendeu o que ele quis dizer com ‘forma eterna’ de Deus? Aquele ‘quartzito’? Não pude captar bem o seu significado.

“Mestre (*a M.*): “Bem, de que estão falando?”

M. e Girindra sorriram e ficaram em silêncio.

Mais tarde, depois do almoço, os devotos estavam cantando no Panchavati, onde o Mestre juntou-se a ele. Cantaram em louvor à Mãe Divina:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa.  
Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra.  
Maya perturbou o seu vôo calmo, puxando um lado para baixo.  
E eu não pude levantá-la mais.  
Enredado na retorcida corda do amor por filhos e esposa:  
Ó! Meu papagaio rasgou-se em dois.

Perdeu sua crista de sabedoria precipitando-se para baixo e eu o deixei ir  
Como poderia esperar voar de novo, quando toda crista estava rasgada?  
Embora amarrada pela corda da devoção, sofreu por brincar aqui.  
Os seis oponentes<sup>6</sup> agravaram tudo.  
Agora Nareschandra lamenta este jogo de sorrisos e lágrimas pensa que teria sido melhor  
Jamais ter alguma vez brincado.

O canto continuou. Sri Ramakrishna dançou com os devotos. Cantaram:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria  
Para a flor azul de lótus dos pés da Mãe Shyama,  
A flor azul dos pés de Kali, a Consorte de Shiva:  
Sem gosto para a abelha, são os brotos do desejo.  
Os pés de minha Mãe são negros e negra também é a abelha:  
Negro se torna um com negro. E este muito de mistério  
Meus olhos mortais vêem, então rapidamente se retraem.  
Mas as esperanças de Kamalakanta por fim são atendidas  
Ele nada no Mar de Bem-aventurança, impassível ante a felicidade ou a dor.

O kirtan continuou:

Ó Mãe! Que máquina<sup>7</sup> é esta que Tu fizeste!  
Que peças Tu pregas com este brinquedo  
De três e meio cúbitos de altura!  
Escondendo-Te Tu mesma nele, Tu seguras a corda;  
Mas a máquina não o sabendo.  
Ainda crê que se move por si mesmo.  
Quem encontra a Mãe não será máquina outra vez.  
Mas algumas máquinas prenderam  
A Própria Mãe com a corda do amor.

Foi um dia muito feliz para todos.

O Mestre, acompanhado de M. estava voltando para o quarto, quando encontrou no caminho, Trailokya, um devoto Brahmo. Trailokya inclinou-se ante o Mestre.

Mestre: “Estão cantando no Panchavati. Por que você não vai lá?”

Trailokya: “O que vou fazer lá?”

Mestre: “Bem, vai apreciar a música.”

<sup>6</sup> As seis paixões.

<sup>7</sup> Corpo humano.

Trailokya: “Já estive lá.”

Mestre: “Bem, bem! É bom!”

Eram mais ou menos seis horas da tarde. O Mestre estava sentado com os devotos na varanda sudeste de seu aposento.

Mestre: “Um santo que renunciou ao mundo, cantará certamente o nome de Deus. Isto é natural. Não tem outros deveres para cumprir. Se medita em Deus, isto não surpreenderá ninguém. Por outro lado se ele deixa de pensar em Deus, em cantar Seu Santo nome, as pessoas pensam mal dele.

“Se um chefe de família, entretanto, cantar o nome de Deus, é muito louvável. Veja o rei Janaka. Na verdade que coragem ele teve! Esgrimiou com duas espadas, uma do Conhecimento e a outra, do trabalho. Possuía o perfeito Conhecimento de Brahman e ao mesmo tempo, dedicava-se aos deveres do mundo. Uma mulher não casta atende aos menores deveres do mundo, mas sua mente mora sempre no seu amante.

“A companhia constante de pessoas santas é necessária. Os santos conduzem-nos a Deus.”

Kedar: “Sim, senhor. Uma grande alma nasce para redimir a humanidade. Conduz outros para Deus, assim como uma locomotiva arrasta consigo um trem de vagões. Ou então, como um rio ou lago que matam a sede de muitas pessoas.”

Os devotos aprontaram-se para regressar. Um a um despediram-se do Mestre. Ao ver Bhavanath, Sri Ramakrishna disse: “Não vá embora hoje. A sua simples visão me inspira.” Bhavanath ainda não tinha entrado no mundo. Jovem de vinte anos, tinha pele clara e traços finos. Ao ouvir o nome de Deus, derramava lágrimas de alegria. O Mestre olhava-o como a personificação de Narayana.

*Quinta-feira, 29 de março de 1883*

O Mestre já havia descansando um pouco depois do almoço, quando chegaram alguns devotos de Calcutá, entre eles Amrita e o conhecido cantor do Brahma Samaj, Trailokya.

Rakhal não se sentia bem. O Mestre, preocupado com ele, disse aos devotos: “Rakhal não está bem. Será que soda lhe fará bem? Rakhal, por favor, coma prasad do templo de Jagannath.”

Enquanto pronunciava estas palavras, o Mestre experimentou uma estranha transformação. Olhava para Rakhal com a ternura infinita de uma mãe, enquanto afetuosamente pronunciava o nome de Govinda<sup>8</sup>. Será que via em Rakhal a manifestação do Próprio Deus? O discípulo era um jovem de coração puro que havia renunciado a toda atração de luxúria e cobiça. Sri Ramakrishna permanecia embriagado, dia e noite, com o amor de Deus. Quando via Rakhal os olhos exprimiam os ternos sentimentos de mãe, o mesmo amor que enchia o coração de Yashoda quando avistava o Menino Krishna. Os devotos, maravilhados, olhavam para o Mestre enquanto ele entrava em samadhi profundo. Como sua alma elevou-se até o plano da Consciência Divina, o corpo tornou-se imóvel, os olhos fixos na ponta do nariz e a respiração quase parada.

Um bengali desconhecido, vestindo roupa ocre de monge, entrou no aposento e sentou-se no chão. A mente do Mestre estava descendo até o plano normal de consciência. Em seguida começou a falar, embora o encantamento do samadhi ainda persistisse.

Mestre (*vendo a roupa ocre*): “Por que esta gerrua? Deve uma pessoa vesti-la por acaso? Uma vez um homem disse: ‘No início troquei o *Chandi* pelo tambor.’ Antes ele cantava os hinos sagrados do *Chandi*, agora toca tambor. (*Todos riem*).

“Há três ou quatro tipos de renúncia. Angustiado com os problemas de sua casa, uma pessoa pode vestir a roupa ocre dos monges; mas esta renúncia não dura. Um homem desempregado veste roupa ocre e vai para Benares. Depois de três meses escreve para casa: ‘Arrumei um emprego aqui. Voltarei dentro de alguns dias. Não se preocupem comigo.’ Assim também um homem pode ter tudo o que quer. Não lhe falta nada, mas não desfruta o que tem. Só chora por Deus. Esta é a renúncia verdadeira.

“Nenhuma mentira é boa. Uma roupa falsa, mesmo que seja a de um monge, não é boa. Se a roupa exterior não corresponde a um pensamento interior, gradualmente traz dano. Pronunciando mentiras ou cometendo ações falsas, gradualmente alguém perde todo o medo. Muito melhor é a roupa branca de um chefe de família. Apego ao mundanismo, esquecimento ocasional do ideal e exibição exterior de gerrua é horrível – que horror!

<sup>8</sup> Nome de Krishna. Segundo o Mestre, Rakhal, em uma de suas encarnações anteriores, foi pastor de Vrindavan e companheiro íntimo de Sri Krishna.

“Não é bom para um homem íntegro, mentir ou cometer uma falsidade, mesmo numa representação dramática. Uma vez fui à casa de Keshab assistir a uma peça chamada *Nava-Vrindavan*. Trouxeram para o palco uma coisa que chamaram ‘Cruz’. Um outro ator espargia água que dizia ser ‘Água da Paz’. Vi um terceiro ator cambaleando e fazendo ziguezague no papel de bêbado.”

Um devoto Brahma: “Era K - .”

Mestre: “Não é bom para um devoto, representar tais papéis. É ruim para a mente concentrar-se em tais temas durante muito tempo. A mente é como uma roupa branca de linho que veio da lavanderia: toma a cor que você vai tingir. Se ficar associada por muito tempo com mentira, ficará manchada pela mentira.

“Outro dia fui à casa de Keshab ver a peça *Nimai-sannyas*<sup>9</sup>. Alguns amigos aduladores de Keshab puseram a perder toda a representação. Um deles disse a Keshab: ‘O senhor é o Chaitanya do Kaliyuga.’ Keshab apontou para mim e perguntou com um sorriso: ‘Então, quem é ele?’ Respondi, ‘Bem, sou o servo do seu servo. Sou a partícula da poeira dos seus pés.’ Keshab tinha desejo de nome e fama.

(*A Amrita e Trailokya*): “Jovens como Narendra e Rakhali são sempre perfeitos. Sempre que renascem são devotados a Deus. Um homem comum consegue uma pequena devoção depois de austeridades e luta dura, mas esses rapazes têm amor a Deus desde que nasceram. São como uma imagem natural de Shiva que brota da terra e não é feita por mãos humanas.

“Os sempre perfeitos constituem uma classe à parte. Nem todos os pássaros têm bico encurvado. Os sempre perfeitos jamais apegam-se ao mundo. Veja o exemplo de Prahlada.

“As pessoas comuns praticam disciplina espiritual e cultivam devoção a Deus, mas também se tornam apegados ao mundo e são apanhados pelo fascínio de ‘mulher e ouro’. São como moscas que pousam numa flor ou num doce, mas também, na sujeira.

“Mas os sempre perfeitos são como abelhas que pousam apenas nas flores e sorvem o mel. Os sempre perfeitos bebem somente o Néctar da Bem-aventurança Divina. Jamais inclinam-se para os prazeres do mundo.

“A devoção dos sempre perfeitos não é como a devoção comum, resultado de uma disciplina espiritual rígida. A devoção ritualista consiste em repetir o nome de Deus e fazer o culto de modo prescrito. É como atravessar um arrozal, por uma via indireta, seguindo um desvio. É como chegar a um vilarejo vizinho de barco, por um caminho circundando um rio sinuoso.

“Uma pessoa não segue as prescrições do culto formal quando desenvolve raga-bhakti, quando ama Deus como alguém muito íntima. Então é como atravessar um campo de arroz depois da colheita. Não há necessidade de seguir a marcação. Pode atravessar o campo em qualquer direção.

“Quando o campo está inundado, não há necessidade de seguir os meandros do rio. O campo está bem abaixo da água. Pode dirigir o barco diretamente até a vila.

“Sim, este intenso apego, este amor apaixonado, não se pode realizar Deus.”

Amrita: “Senhor, como se sente em samadhi?”

Mestre: “Você já ouviu dizer que uma barata devido à intensa meditação numa brahmara transforma-se numa brahmara. Sabe como me sinto? Sinto-me como um peixe libertado de um pote e jogado no Ganges.”

Amrita: “O senhor não possui neste momento, nenhum traço do ego?”

Mestre: “Sim, geralmente um pouco sempre permanece. Por mais força com que se esfregue uma pepita de ouro, para raspá-la contra uma pedra de moagem, um pouquinho de ouro sempre permanece. Ou então, tome o caso de um grande incêndio; o ego é como uma das fagulhas. Em samadhi perco completamente a consciência exterior, mas Deus geralmente mantém um pequeno traço do ego em mim para que eu possa desfrutar a comunhão divina. O gozo é possível apenas, enquanto o ‘eu’ o ‘tu’ permanecerem.

“Às vezes Deus apaga até mesmo esse traço do ‘eu’. Experimenta-se então jada samadhi ou nirvikalpa samadhi. Esta experiência não pode ser descrita. Uma boneca de sal foi medir a profundidade do oceano, mas antes de mergulhar na água, dissolveu-se. Tornou-se uma com a água do oceano. Quem podia voltar para medir a profundidade do oceano?”

<sup>9</sup> Peça que descreve o ingresso de Sri Chaitanya na vida monástica.

## CAPÍTULO IX

### CONSELHO AOS BRAHMOS

*Sábado, 7 de abril de 1883*

**S**RI RAMAKRISHNA fora visitar Balaram em Calcutá com Narendra, Bhavanath, Rakhal, M. e outros. Balaram, por indicação do Mestre, convidara alguns jovens devotos para almoçar. Sri Ramakrishna muitas vezes dissera-lhe: “Alimente-os de vez em quando; isto lhe dará mérito de ter dado comida aos homens santos.” O Mestre considerava seus jovens discípulos, ainda não tocados por “mulher e ouro”, verdadeiras personificações de Deus.

Alguns dias antes, Sri Ramakrishna estivera na casa de Keshab com Narendra e Rakhal, para assistir à apresentação da peça *Nava-Vrindavan*. Narendra havia tomado parte na peça em que Keshav fez o papel de Pavhari Baba.

Mestre: “Keshav veio ao palco interpretando o papel de um santo e espargiu a ‘Água da Paz’. Eu, porém, não gostei. Que idéia foi essa de espargir água num palco depois de uma representação!

“Outra pessoa fez o papel de Pecado. Também não é bom. Não se deve cometer pecados, nem mesmo fingir.”

O Mestre queria ouvir Narendra cantar. O jovem discípulo não se sentia bem, mas a pedido sincero do Mestre, cantou com acompanhamento do tanpura:

Canta, Ó pássaro que se aninha profundamente dentro do meu coração!  
Canta, Ó pássaro que pousa na Árvore Kalpa de Brahman.  
Canta, a duradoura oração a Deus. ...

Em seguida cantou:

Brahman, Alegria de todo o universo, Brilho Supremo  
Deus sem princípio, Senhor do mundo, verdadeira Vida da vida!...

E também:

Ó Rei dos Reis! Revela-Te a mim!  
Anseio por Tua misericórdia. Lança-me Teu olhar!  
A Teus queridos pés dedico minha vida.  
Queimada no forno ardente deste mundo.

Meu coração, Ó, está profundamente manchado pelo pecado  
Enganado pela maya, estou totalmente morto.  
Senhor misericordioso! Revive minha alma que desfalece,  
Com o néctar vivificante de Tua graça.

Narendra continuou

“Na amplidão do céu resplandecem brilhantes  
Os lampiões do sol e da lua.  
Como diamantes brilham as estrelas cintilantes  
Para enfeitar Tua forma maravilhosa.  
A doce brisa malaia sopra levemente.  
Para a fumaça de incenso perfumado  
O ar em movimento balança para frente e para trás.  
O leque ante Tua face santa:  
Como brilhantes luzes votivas.  
Aparecem os frescos e floridos bosques.

Quão maravilhoso é Teu culto.  
Ó matador do nascimento e morte!  
O Om sagrado que surge do espaço  
É o tambor que ressoa.  
Minha mente anseia pelo néctar dia e noite

Aos Pés de Lótus de Hari:  
 Ó, derrama as águas de Tua graça  
 Sobre o sedento Nanak, abençoado Senhor:  
 E possa Teu nome encantado  
 Tornar-se seu lar para sempre!

E cantou de novo:

No firmamento da Sabedoria a lua de Amor está surgindo cheia,  
 E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.  
 Ó Senhor, quão cheio de Bem-aventurança, Tu és! Salve!...

Então, a pedido do Mestre, Bhavanath cantou:

Onde está um amigo como Tu, Ó Essência da Misericórdia?  
 Onde está meu outro amigo como Tu  
 Para ficar a meu lado na dor e no prazer?  
 Quem, entre meus amigos, perdoa meus sentimentos.  
 Trazendo conforto para meu pesar.  
 Acalmando meu espírito no seu terror?

Tu és o timoneiro que dirige o barco da vida  
 Através deste mar perigoso do mundo:  
 Somente Tua graça única, Ó Senhor.  
 Que silencia a tempestade de minhas paixões enfurecidas  
 Tu derramas as águas da paz  
 Em minha ardente alma penitente.  
 E Tu é o peito que me abrigará  
 Quando cada amigo que eu tenha  
 Abandonar-me na hora da minha morte.

Referindo-se a Bhavanath, Narendra disse ao Mestre com um sorriso, “Ele desistiu do peixe e das folhas de betel <sup>1</sup>.”

Mestre: “Por que? O que há com peixe e folhas de betel? Não são nocivas. A renúncia a ‘mulher e ouro’ é a verdadeira renúncia.

“Onde está Rakhhal?”

Um devoto: “Está dormindo, senhor.”

Mestre (*com um sorriso*): “Uma vez um homem foi assistir a uma peça teatral, levando uma esteira debaixo do braço. Ouvindo dizer que ainda levaria tempo até que a peça começasse, estendeu a esteira no chão e pegou no sono. Quando acordou, o espetáculo já havia terminado. (*Todos riem*). Então voltou para casa com a esteira debaixo do braço.”

Ramdayal, muito doente, encontrava-se em outro quarto. O Mestre foi até lá para ver como ele estava passando.

Mais ou menos às quatro horas da tarde chegaram alguns membros do Brahma Samaj. O Mestre começou a conversar com eles.

Um Brahma: “Senhor, leu o *Panchadasi*?”

Mestre: “No início deve-se ler livros deste gênero e entregar-se à discriminação. Mais tarde -

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama  
 Ternamente dentro de ti, Ó mente.  
 Possamos somente tu e eu contemplá-La.  
 Não permitindo que ninguém mais se intrometa.

“Nos primeiros estágios da disciplina espiritual deve-se ouvir as escrituras. Depois da realização de Deus não haverá mais falta de conhecimento. A Mãe Divina o suprirá sem faltar.

“Uma criança soletra cada palavra que escreve, porém, mais tarde, escreverá fluentemente.

“O ourives permanece ocupado enquanto o ouro derrete. Enquanto ouro não se derrete ele puxa o fole com uma das mãos, movimenta o abanador com a outra e sopra através de um tubo com a boca. Assim que o ouro derrete, é derramado num molde e o ourives fica descansado.

<sup>1</sup> Os aspirantes religiosos hindus muitas vezes renunciam a essas coisas, uma vez que são consideradas luxo e prejudiciais ao progresso espiritual.

“Simples leitura das escrituras não basta. Não se pode compreender o seu verdadeiro significado enquanto se estiver apegado ao mundo.

Embora com intensa alegria eu tenha aprendido muitos poemas e dramas.  
Esqueci-os todos, na armadilha do amor de Krishna.

“Keshab desfrutava do mundo, mas também praticava yoga. Embora viva no mundo, sua mente está direcionada para Deus.”

Um devoto descreveu a Convocação da Universidade de Calcutá, dizendo que a reunião parecia uma floresta de cabeças humanas.

Mestre: “O sentimento do Divino desperta-se em mim quando vejo uma grande multidão. Se eu tivesse ido àquele encontro, teria ficado tomado de fervor espiritual.”

*Domingo, 8 de abril de 1883*

Era domingo de manhã. O Mestre, parecendo um menino, estava sentado em seu aposento e perto dele, um outro rapaz, seu querido discípulo Rakhal. M. entrou e saudou o Mestre. Ramlal também estava presente e aos poucos, vieram juntar-se a eles, Kishori, Manilal Mallick e outros devotos.

Manilal Mallick, um homem de negócios, estivera recentemente em Benares, onde tinha um “bangalow”.

Mestre: “Então o senhor esteve em Benares. Viu homens santos?”

Manilal: “Sim, senhor. Apresentei reverência a Trailanga Swami, Bhaskarananda e outros.”

Mestre: “Fale-nos alguma coisa sobre eles.”

Manilal: “Trailanga Swami está morando no mesmo templo em que viveu anteriormente – no Manikarnika Ghat, perto do Minarete de Benimadhav. Dizem que no passado possuía um estado espiritual mais exaltado. Podia até fazer milagres. Agora já perdeu muitos dos seus poderes.”

Mestre: “Esta é a crítica das pessoas mundanas.”

Manilal: “Trailanga Swami mantém um voto estrito de silêncio. Ao contrário dele, Bhaskarananda é amigo de todos.”

Mestre: “Você conversou com Bhaskarananda?”

Manilal: “Sim, senhor. Tivemos uma longa conversa. Entre outras coisas, discutimos o problema do bem e do mal. Disse-me: ‘Não siga o caminho do mal. Abandone pensamentos pecaminosos. Assim é que Deus quer que ajamos. Pratique somente ações virtuosas.’”

Mestre: “Sim, trata-se de um caminho destinado, também, a pessoas de mentalidade mundana, mas aqueles que tiveram sua consciência espiritual despertada, que realizaram que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório, compartilham de um ideal diferente. Sabem que somente Deus é o Único que faz e que os outros são Seus instrumentos.

“Aqueles cuja consciência espiritual foi despertada, jamais dão um passo em falso. Não necessitam discriminar para evitar o mal. Estão saturados pelo amor de Deus, que qualquer ação que pratiquem, é uma boa ação. Estão plenamente conscientes de que não são os autores de suas ações, mas meros servos de Deus. Sentem sempre, ‘Sou a máquina e Ele é o Operador. Faço o que Ele faz por meu intermédio. Falo o que Ele fala através de mim, movo como Ele me move.’

“As almas completamente despertas estão além da virtude e do vício. Compreendem que só Deus é quem faz tudo.

“Numa cidade havia um mosteiro. Os monges que ali viviam, saíam diariamente para esmolar o alimento. Um dia, um monge, enquanto mendigava, viu um grande proprietário de terras espancando sem piedade, um homem. O monge piedosamente pediu ao senhor para parar, mas ele, furioso, investiu contra o inocente monge, chicoteando-o até que ele caiu inconsciente no chão. Uma pessoa foi ao mosteiro e relatou o incidente. Os demais monges acorreram ao local e lá encontraram seu irmão estirado no chão. Quatro ou cinco deles levaram-no de volta e deitaram-no na cama. Continuava inconsciente. Os outros monges, tristes, sentaram-se ao redor de sua cama; alguns o abanavam. Por fim, alguém sugeriu que lhe fosse dado um pouco de leite. Quando o despejaram em sua boca, recobrou a consciência. Abriu os olhos e olhou em volta. Um dos monges disse: ‘Vamos ver se ele está totalmente consciente e pode reconhecer-nos.’ Falando em seu ouvido, disse: ‘Reverenciado senhor, quem lhe está dando leite?’ ‘Irmão’, respondeu o santo em voz baixa, ‘aquele que me bateu, é o mesmo que está me dando leite.’

“Mas não se atinge este estado mental sem a realização de Deus.”

Manilal: “Senhor, o que acabou de dizer aplica-se a um homem em estado espiritual muito elevado. Conversei sobre estes assuntos de uma maneira geral com Bhaskarananda.”

Mestre: “Ele mora numa casa?”

Manilal: “Sim, senhor. Mora com um devoto.”

Mestre: “Que idade tem agora?”

Manilal: “Mais ou menos cinqüenta e cinco anos.”

Mestre: “Vocês conversaram sobre algo mais?”

Manilal: “Perguntei-lhe como cultivar bhakti. Disse, ‘Cante o nome de Deus. Repita o nome de Rama’.”

Mestre: “Está muito bem.”

O culto havia terminado nos templos e os sinos tocavam, chamando para a comida oferecida nos diversos altares. Como era meio-dia, no verão, o sol estava muito quente. A maré alta começou no Ganges e uma suave brisa vinha do sul. Sri Ramakrishna descansava no quarto, após o almoço.

As pessoas de Basirhat, terra natal de Rakhal, estavam sofrendo com uma forte seca, durante os meses de verão.

Mestre (*a Manilal*): “Rakhal diz que as pessoas de seu vilarejo sofreram seriamente com a escassez de água. Por que você não constrói um reservatório ali? Isto seria bom para o povo. (*Sorrindo*). Você tem tanto dinheiro; o que pretende fazer com toda sua fortuna? Mas dizem que os telis<sup>2</sup> são muito calculistas.” (*Todos riu*).

Manilal era de fato, um homem calculista, embora não lhe faltasse dinheiro. Nos seus últimos anos de vida fez uma doação de vinte e cinco mil rupias em favor de estudantes pobres.

Manilal não respondeu ao Mestre sobre seus comentários a respeito de sua casta. Mais tarde, no decorrer da conversa, comentou casualmente: “O senhor referiu-se a um reservatório. Poderia ter-se limitado a essa sugestão. Por que aludiu à ‘casta de oleiros’ e tudo o mais?”

Alguns devotos entreolharam-se sorrindo. O Mestre riu.

Chegaram alguns membros mais antigos do Brahma Samaj. O aposento estava lotado de devotos. Sri Ramakrishna, sentado na cama, olhava para o norte. Conservando o sorriso, falava com os devotos brahmos de um modo muito alegre.

Mestre: “Você fala com muita facilidade de prema, mas isto é coisa fácil de se encontrar? Há duas características em prema. A primeira faz a pessoa esquecer-se do mundo. Tão intenso é seu amor a Deus, que ela se esquece das coisas exteriores. Chaitanya teve este amor: ‘tomou um pedaço de madeira como sendo o bosque de Vrindavan e o oceano, pelas águas escuras do Jamuna’. Na segunda, a pessoa não tem mais o sentimento de ‘meu’ em relação ao corpo, que é tão caro ao homem. Perde-se completamente o sentimento de que o corpo é a alma.

“Há certos sinais da realização de Deus. O homem em que a ânsia por Deus manifesta Suas glórias, não está longe de alcançá-Lo. Quais as glórias deste apelo? São: discriminação, desapego, compaixão pelos seres vivos, serviço dos santos, amor por sua companhia, cantar o nome e as glórias de Deus, falar a verdade etc. Quando virem estes sinais de desejo intenso num aspirante, podem estar certos que a visão de Deus para ele, não está longe.

“O estado da casa de um empregado indicará de maneira irrefutável, se seu patrão decidiu visitá-lo. Em primeiro lugar, o lixo e o mato em volta são retirados. Segundo, a fuligem e a poeira são removidas dos quartos. Terceiro: o pátio, o chão e outros lugares são varridos. Finalmente, o próprio senhor envia vários objetos como tapete, material para fumar etc. Ao vir estas coisas chegarem, pode concluir que o senhor não vai tardar.”

Um devoto: “Devemos primeiro praticar discriminação para obter autocontrole?”

Mestre: “Esse também é um caminho. É o caminho da vichara, discriminação, mas os órgãos internos<sup>3</sup> são controlados naturalmente também, pelo caminho da devoção. É mais facilmente conseguida deste modo. Os prazeres dos sentidos vão se tornando cada vez mais sem gosto, à medida que o

<sup>2</sup> A casta dos oleiros a que Manilal pertencia. É uma casta comparativamente inferior na sociedade hindu de Bengala.

<sup>3</sup> Mente (manas), inteligência (buddhi), substância mental (chitta) e ego (ahamkara).

amor de Deus cresce. Pode o prazer carnal atrair um homem e uma mulher atormentados pela dor da morte de seu filho?”

Devoto: “Como posso desenvolver amor por Deus?”

Mestre: “Repita Seu nome e os pecados desaparecem. Assim destruirá a luxúria, raiva, desejo de comodidades materiais etc.”

Devoto: “Como posso adquirir gosto pelo nome de Deus?”

Mestre: “Ore a Deus com coração ansioso a fim de sentir prazer com a repetição do Seu nome. Ele sem dúvida, atenderá ao desejo do seu coração.”

Assim falando, o Mestre entoou uma canção com voz doce, suplicando à Mãe Divina, que concedesse Sua graça aos sofredores:

Ó Mãe! Não tenho ninguém para culpar  
Ó! Afundo-me no poço que estas próprias mãos cavaram.  
Com as seis paixões como enxada.  
Fiz um buraco na terra sagrada do mundo.  
E agora a água negra da morte jorra fortemente!  
Como posso salvar-me, Ó Redentora minha!

Certamente fui meu próprio inimigo;  
Como posso agora desviar esta água negra da morte?  
Olha, as águas já cobrem meu peito!  
Como posso me salvar? Ó Mãe, salva-me!  
Tu és meu único Refúgio, como Teu olhar protetor  
Leva-me até a outra praia do mundo.

O Mestre cantou novamente:

Que febre delirante é esta que estou sofrendo  
Ó Mãe, Tua graça é minha única cura.  
O falso orgulho é a febre que tortura minha forma arruinada:  
“Eu” e “meu” são o meu grito. Ó, que ilusão terrível!  
Minha sede insaciável por riqueza e amigos não acaba nunca;  
Como, então, vou sustentar minha vida?  
Falar sobre coisas irreais, este é meu lastimável delírio,  
E eu me delicio nele sempre, Ó Doador de toda boa sorte!

Meus olhos que parecem adormecidos, estão fechados, meu estômago está cheio  
Com os ínfimos vermes da crueldade  
Ó! Vagueio por aí absorto em façanhas sem significado  
Até por Teu santo nome não tenho gosto. Ó Mãe!  
Duvido que jamais fique curado.

O Mestre disse: “ ‘Até por Teu santo nome não tenho gosto.’ Um doente com tifo tem pouca chance de se recuperar se não comer, mas sua vida tem esperança se comer pelo menos um pouco. É por isso que se deve cultivar o gosto pelo nome de Deus. Qualquer nome é bom - Durga, Krishna ou Shiva. Se pelo cantar seu nome, o apego de Deus cresce a cada dia e a alegria enche a alma, uma pessoa nada tem a temer. O delírio certamente desaparecerá e a graça de Deus certamente descerá.

“ ‘Assim como é o sentimento de amor de um jovem, assim é o seu ganho’. Uma vez dois amigos estavam andando numa rua, quando viram algumas pessoas ouvindo a leitura do *Bhagavata*. ‘Venha amigo’, disse um para o outro, ‘Vamos ouvir o livro sagrado’. Assim falando entraram e sentaram-se. O segundo homem olhou mas saiu. Entrou numa casa de má fama, mas logo saiu, desgostoso com o lugar. ‘Que vergonha para mim!’, disse para si mesmo. ‘Meu amigo está ouvindo o sagrado nome de Hari e veja onde estou!’ Mas o amigo que estava ouvindo o *Bhagavata* também ficou aborrecido: ‘Que tolo que sou!’ disse: ‘Estou ouvindo esse blá, blá, blá e meu amigo está se divertindo.’ Ao longo do tempo ambos morreram. O mensageiro da Morte veio e levou a alma daquele que tinha ouvido o *Bhagavata* para o inferno. O mensageiro de Deus veio e carregou a alma daquele que tinha estado num bordel, para o céu.”

“Na verdade Deus olha o coração do homem e não o julga pelo que faz ou onde vive. ‘Krishna aceita o sentimento interior de amor do devoto.’

“Na seita Kartabhaja o instrutor quando está dando a iniciação, diz ao discípulo, ‘Agora tudo depende de sua mente’. Segundo esta seita, ‘Aquele que tem uma mente correta encontra o caminho

adequado e também, alcança o fim almejado.' Foi pelo seu poder mental que Hanuman pulou o oceano. 'Sou o servo de Rama; repeti o nome sagrado de Rama. Há algo impossível para mim?' Tal era a fé de Hanuman.

"A ignorância dura enquanto se tem ego. Não pode haver liberação enquanto o ego existir. 'Ó Deus, Tu és aquele que faz e não eu' - Isto é conhecimento.

"Sendo humilde pode-se alcançar as alturas. A ave chatak faz o ninho no chão, mas voa bem alto, no céu. A agricultura não é possível em terras altas; nas terras baixas, a água acumula-se e torna o cultivo possível.

"Deve-se procurar a companhia dos santos. Em casa as pessoas só ouvem conversas mundanas; a doença do mundanismo tornou-se crônica com elas. Um papagaio engaiolado em pé no seu poleiro, repete 'Rama, Rama!' mas deixe-o voar pela floresta e voltará a falar de acordo com sua natureza.

"A simples posse de dinheiro não torna um homem um aristocrata. Um sinal de que uma casa pertence a um nobre, é que todos os quartos estão bem iluminados. Os pobres não podem permitir-se o uso de tanto óleo e por isso, não podem acender tantas luzes. O santuário do corpo não deve permanecer no escuro; temos que iluminá-lo com o lampião da Sabedoria.

Acendendo o lampião do Conhecimento na câmara do seu coração,  
Contemple o rosto da Mãe, Personificação de Brahman.

"Todos podem atingir o Conhecimento. Há duas entidades: jivatma, a alma individual e o Paramatma, a Alma Suprema. Pela oração todas as almas individuais são capazes de se unir à Alma Suprema. Toda casa possui uma conexão para o gás, que provém do tanque da Cia. de Gás. Peça à Companhia e ela providenciará o fornecimento de gás. Sua casa então, ficará iluminada.

"Em algumas pessoas a consciência espiritual já foi despertada e elas mostram sinais especiais. Só gostam de ouvir e falar de Deus. São como o chatak que reza pedindo água da chuva, embora os sete oceanos, o Ganges, o Jamuna e os rios próximos estejam cheios de água. Só bebe água da chuva, mesmo que sua garganta esteja queimando de sede."

Como o Mestre queria ouvir algumas canções, Ramlal e o brahmin oficial do templo cantaram.

Mora, Ó Senhor, Ó Amante de Bhakti,  
Em Vrindavan do meu coração  
E minha devoção por Ti  
Será Tua muito amada Radha. ...

De novo:

A nuvem escura da tempestade de verão se desfaz no nada.  
Quando, flauta na mão e sorriso em Seus lábios,  
Iluminando o mundo com Seu amor.  
Krishna, o Escuro, aparece.

Sua brilhante roupa amarela resplandece mais do que o brilho dos raios;  
Uma grinalda de flores silvestres entrelaçadas  
Balança gentilmente do Seu peito jovem  
E suavemente beija Seus pés.

Veja, ali Ele Se levanta, o Senhor da vida, a Lua da linha de Nanda.  
Ofuscando todas as luas no céu  
E com o esplendor de Seus raios  
Inundando a margem do Jamuna!

Ele fica ali roubando os corações das jovens; ele as atrai de seus fogões e de sua casa.  
Krishna entra no santuário do meu próprio coração  
E com o som de Sua flauta rouba  
Minha sabedoria, vida e alma.

Para quem Ganga Narayana vai despejar este canto de tristeza?  
Ó, amigo, você pode ter entendido  
Se tivesse apenas ido às margens do Jamuna  
Para encher seu jarro de água!

Novamente cantaram:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente estava voando como uma pipa,  
Quando veio uma rajada de vento do pecado que o levou rapidamente para a terra.

Mestre (*aos devotos*): “Assim como o tigre devora os outros animais, o ‘tigre do fervor de Deus’ come a luxúria, raiva e outras paixões. Quando este fervor brota no coração, desaparecem a luxúria e outras paixões. As gopis de Vrindavan possuíam este estado mental devido ao seu amor por Krishna.

“Este zelo por Deus é comparado a um colírio, Radha disse às amigas: ‘Vejo Krishna em todos os lugares.’ Responderam: ‘Amiga, você pingou o colírio do amor em seus olhos; por isso vê Krishna em todos os lugares.’

“Dizem que quando uma pessoa usa colírio feito das cinzas da cabeça de uma rã, vê cobras em todos os lugares.

“São apegadas, as almas que moram na maior parte do tempo em ‘mulher e ouro’ e não pensam em Deus. Como podemos esperar delas, atos nobres? São como mangas bicadas por um corvo que não podem ser oferecidas à Divindade no templo e até as pessoas hesitariam em comer.

“Almas ligadas, pessoas mundanas são como o bicho-da-seda. As lagartas podem sair cortando o casulo, se assim o desejar, mas tendo tecido o casulo, estão muito apegadas a ele para deixá-lo. Então morrem ali.

“As almas livres não estão sob o domínio de ‘mulher e ouro’. Há alguns bichos-da-seda que rompem o casulo feito com muito cuidado. São poucos e raros.

“É maya que ilude. Apenas alguns tornam-se espiritualmente despertos e não ficam iludidos pela magia de maya. Não caem sob o controle de ‘mulher e ouro’.

“Há dois tipos de almas perfeitas: aquelas que alcançam a perfeição pela prática espiritual e aqueles que a atingem pela graça de Deus. Alguns fazendeiros têm muito trabalho para irrigar seus campos. Só desta maneira conseguem uma boa colheita. Outros, ao contrário, não necessitam irrigar nada; seus campos ficam inundados pela chuva. Não têm o trabalho de trazer água. Deve-se praticar disciplinas espirituais com muito afã, a fim de evitar as garras de maya. Aqueles que atingem a liberação pela graça de Deus não necessitam lutar. Mas realmente são poucos.

“Há, também, a classe dos sempre perfeitos. Nascem em cada vida com uma consciência espiritual já despertada. Imaginem uma fonte cuja saída esteja obstruída. Quando estiver cuidando de diversos outros trabalhos no jardim, o bombeiro acidentalmente desentope e a água começa a jorrar novamente. Entretanto muitas pessoas admiram-se com as primeiras demonstrações de fervor por Deus de uma alma sempre perfeita. Perguntam: ‘Onde estava toda esta devoção, renúncia e amor?’ ”

A conversa voltou-se para o zelo espiritual dos devotos, ilustrado pelo anelo sincero das gopis de Vrindavan. Ramlal cantou:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor! – a Vida de minha vida, a Essência da essência.  
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar como meu.  
Tu és minha paz, minha alegria, minha segurança. Tu és meu apoio, minha riqueza, minhaglória;  
Tu és minha sabedoria e minha força.  
Tu és meu lar; meu lugar de descanso; meu mais querido amigo, meu parente mais próximo.  
Meu presente e meu futuro. Tu és meu céu e minha salvação.  
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu és meu sempre benevolente Guru:  
Tu és a Fonte de minha infindável bem-aventurança,  
Tu és o Caminho e a Meta; Tu, o Uno adorável, Ó Senhor!  
Tu és a Mãe de coração terno: o pai que castiga;  
Tu o Criador e Protetor; Tu és o Timoneiro que segura o leme.  
Do barco que atravessa o mar da vida.

Mestre (*aos devotos*): “Ah! Que linda canção! - ‘Tu és meu Tudo em Tudo!’ ”

Novamente Ramlal cantou, desta vez descrevendo a angústia das gopis, pela separação de seu bem amado Krishna:<sup>4</sup>

Não segure, não segure as rodas do carro!  
São, por acaso, as rodas que o fazem andar?  
Aquele que Faz Andar as rodas é Krishna.  
Pela vontade de quem os mundos se movem. ...

<sup>4</sup> Quando Krishna subiu em seu carro para ir a Mathura, as gopis agarraram-se às rodas, para que o carro não se movesse.

O Mestre mergulhou em samadhi profundo com o corpo imóvel; sentou-se com as mãos postas, como em sua fotografia. Lágrimas de alegria escorriam dos cantos de seus olhos. Depois de algum tempo, a mente desceu ao plano normal de consciência. Murmurou qualquer coisa e apenas uma palavra podia ser ouvida aqui e acolá, pelos devotos no aposento. Dizia: “Tu és Eu e eu sou Tu – Tu comes – Tu – Eu como!... Que confusão é esta que Tu criaste?”

Continuando o Mestre falou: “Vejo tudo como um homem que sofre de icterícia! Vejo somente a Ti em todas as partes. Ó Krishna, Amigo dos humildes! Ó Eterno Consorte de minha alma! Ó Govinda!”

Ao pronunciar as palavras “Eterno Consorte de minha alma” e “Govinda”, novamente o Mestre entrou em samadhi. Reinava um completo silêncio no aposento. Os olhos ansiosos e insaciáveis dos devotos estavam fixos no Mestre, o Deus-homem de Infinitos estados de alma.

Adhar Sen chegou, acompanhado de vários amigos. Era um magistrado substituto de mais ou menos trinta anos. Tratava-se de sua segunda visita ao Mestre. Estava acompanhado de seu amigo Saradacharan, que se encontrava extremamente abalado com a morte de seu filho mais velho. Sendo um inspetor de escolas aposentado, Saradacharan dedicava-se à meditação e à oração. Adhar havia trazido seu amigo até o Mestre a fim de que este ele conforto à sua alma aflita.

Descendo do samadhi, o Mestre viu que os olhos dos devotos estavam fixos nele. Ainda em estado abstrato, murmurava algo para si mesmo.

Dirigindo-se aos devotos, Sri Ramakrishna falou: “A sabedoria espiritual das pessoas mundanas só é encontrada em raras ocasiões. É como a chama de uma vela. Não, melhor, é como um único raio de sol passando pela fresta de um muro. As pessoas mundanas cantam o nome de Deus, mas não há fervor por trás. São como crianças jurando em nome de Deus, depois que aprenderam esta palavra durante as discussões entre suas tias.

“As pessoas do mundo não possuem perseverança. Se conseguem levar a cabo um empreendimento, está muito bem, mas caso contrário, não ficam aborrecidos com isto. Quando necessitam de água, começam a cavar um poço, mas se encontram uma pedra, param de cavar e recomeçam num outro lugar. Talvez cheguem a um banco de areia. Como só encontram areia, também desistem deste lugar. De que outro modo podem conseguir água a não ser continuando a cavar persistentemente, por onde começaram?”

“O homem colhe o que plantou em vidas passadas. Daí a canção:

Ó Mãe, não tenho ninguém para culpar  
Ó! Afundo no poço que com estas próprias mãos cavei.

“ ‘Eu’ e ‘meu’, isto é ignorância. Discriminando realizarão que o que chamam ‘eu’ na verdade nada mais é do que o Atman. Raciocinem. São o corpo ou a carne ou algo mais? No final, saberão que não são nada disso. Estão livres de atributos, realizarão que jamais foram os que fizeram qualquer coisa, que estiveram livres de virtudes e faltas, além da retidão ou falta de retidão.

“Devido à ignorância um homem diz: ‘Isto é ouro e isto é latão’, mas um homem de Conhecimento diz: ‘É tudo ouro!’

“Raciocinar termina quando se tem a visão de Deus, mas há exemplos de pessoas que realizaram Deus e que continuam ainda a discriminar. Há aqueles que, mesmo tendo visto Deus, cantam com devoção Seu nome e Suas glórias.

“Por quanto tempo uma criança chora? Enquanto não mamar no seio de sua mãe. Logo que é alimentada pára de chorar. Bebe feliz o leite do seio de sua mãe, mas é verdade que, ao beber, às vezes brinca e ri.

“É somente Deus que Se tornou tudo, mas é no homem que Ele Se manifesta com mais intensidade. Deus está diretamente presente no homem que possui o coração puro de uma criança que ri e chora, dança e canta, em êxtase divino.”

A partir daquele momento Sri Ramakrishna já se tornara familiarizado com Adhar, que lhe contou a causa do sofrimento de seu amigo. O Mestre cantou, como se fosse para si mesmo:

Às armas! Às armas! Ó homem! A Morte toma de assalto sua casa, em formação de batalha.  
Segurando a aljava do conhecimento, sobe no carro da devoção  
Curva o arco de tua língua com a corda do amor.  
E aponta para ela a flecha do santo nome de Mãe Kali.  
Aqui está um ardil para a disputa; tu não precisas nem de carro nem de condutor;  
Desde as margens do Ganges luta contra seu inimigo e ele facilmente será morto.

Em seguida disse: “O que vocês podem fazer? Estejam preparados para a Morte. A Morte entrou em sua casa. Devem lutar contra ela com a arma do santo nome de Deus. Somente Deus é Aquele que faz. Digo: ‘Ó Senhor, faz o que Tu queres através de mim. Falo como Tu me fazes falar. Sou a máquina e Tu és o Operador. Sou a casa e Tu és o Morador. Sou o motor e Tu és o Mecânico. Dá tua procuração a Deus. Não se chega a sofrimento por deixar um homem bom assumir suas responsabilidades. Deixem que seja feita a Sua vontade.

“Mas não é seu sofrimento por seu filho uma coisa natural? O filho é seu próprio eu renascido. Lakshmana correu para Ravana quando este caiu morto no campo de batalha. Olhando para o corpo de Ravana, viu que cada um dos seus ossos estavam cheios de buracos. Falou: ‘Ó Rama, salve Tuas flechas! Não há lugar no corpo de Ravana que não tenha sido perfurado.’ ‘Irmão’, respondeu Rama, ‘os buracos que você está vendo nos seus ossos não foram feitos pelas Minhas flechas. A tristeza que sentia por seus filhos o perfurou todo. Estes buracos são a marca do seu sofrimento. Penetrou até mesmo nos seus ossos.’

“Mas casa, esposa e filhos são transitórios, possuem somente uma existência momentânea. Só a palmeira é real. Um ou dois frutos caíram no chão. Por que lamentar?

“Deus está empenhado em três tipos de atividades: criação, preservação e destruição. A morte é inevitável. Tudo será destruído por ocasião da dissolução. Nada restará. Neste momento, a Mãe Divina juntará as sementes para a próxima criação, como a governanta de uma casa que guarda em seu pote, saquinhos com sementes de pepino, ‘espuma-do-mar’, pílulas azuis e muitas outras coisas diferentes. A Mãe Divina apanhará Suas sementes, novamente, por ocasião de uma nova criação.”

Sri Ramakrishna começou a conversar com Adhar na varanda norte de seu aposento.

Mestre (*a Adhar*): “Você é um magistrado. Não se esqueça que conseguiu esta posição pela graça de Deus. Não O esqueça, mas lembre-se que todos os homens deverão um dia trilhar o mesmo caminho<sup>5</sup>. Permanecemos no mundo somente alguns dias.

“Este mundo é nosso campo de atividades. Nascemos para executar algumas tarefas. As pessoas moram no interior mas vêm a Calcutá para trabalhar.

“É necessário um pouco de trabalho. Isto constitui uma espécie de disciplina, mas temos que terminá-lo rapidamente. Enquanto o ouro derrete, o ourives se utiliza de muitos utensílios - fole, abanador e tubo – a fim de manter o fogo quente que necessita para derreter o metal. Depois que a fundição termina, descansa e pede ao atendente para lhe preparar o fumo. Durante o tempo todo o seu rosto ficou quente e ele transpirava, mas agora, pode fumar.

“Deve-se possuir uma determinação firme: só então a prática espiritual é possível. Deve-se tomar uma firme resolução.

“Há muito poder na semente do nome de Deus. Destrói a ignorância. A semente é tenra e o broto suave, entretanto, consegue perfurar o chão duro. O chão cede e dá caminho ao broto.

“A mente torna-se muito distraída se alguém viver muito tempo no meio de ‘mulher e ouro’. Portanto, temos que ser cautelosos, mas os monges não têm muito a temer. O verdadeiro sannyasi vive longe de ‘mulher e ouro’. Por conseguinte, pela prática de disciplina espiritual pode manter a mente sempre fixa em Deus.

“Os verdadeiros sannyasis, aqueles que conseguem dedicar a mente constantemente para Deus, são como abelhas que pousam apenas nas flores e sugam o mel. Os que vivem no mundo, entre ‘mulher e ouro’, talvez pensem em Deus, mas às vezes suas mentes moram, também, em ‘mulher e ouro’. São como moscas comuns que tanto pousam no doce como numa ferida ou no lixo.

“Mantenha sempre a mente fixa em Deus. No começo tem que lutar um pouco, mas depois, gozará seu fruto.”

*Domingo, 15 de abril de 1883*

Surendra um amado discípulo leigo do Mestre, convidou-o a ir à sua casa, na auspiciosa época do Annapurna Puja. Eram mais ou menos seis horas quando Sri Ramakrishna chegou com alguns devotos. A imagem da Mãe havia sido instalada no salão. A Seus pés foram colocadas grinaldas de flores de hibisco e folhas de vilwa, e do Seu pescoço pendia uma grinalda de flores. Sri Ramakrishna entrou na sala, inclinando-se profundamente ante a imagem. Em seguida dirigiu-se para o pátio ao ar livre

<sup>5</sup> Adhar Sen morreu dezoito meses depois desta conversa. Ao tomar conhecimento de sua morte, o Mestre chorou diante da Mãe durante muito tempo. Adhar era um grande devoto de Sri Ramakrishna. Referia-se a ele como um parente seu.

onde sentou-se num tapete, cercado pelos discípulos e devotos. No tapete havia uns almofadões cobertos por um lençol de linho branco. Pediram-lhe que se encostasse num deles, mas ele o empurrou para o lado.

Mestre (*aos devotos*): “Encostar-se num almofadão!<sup>6</sup> vejam, é muito difícil abandonar a vaidade. Pode-se discriminar, dizendo que, afinal das contas, o ego não é nada, mas apesar disso, ele volta não se sabe de onde. As pernas de uma cabra mexem-se por alguns momentos, mesmo depois que sua cabeça tenha sido cortada. Ou talvez vocês fiquem amedrontados durante um sonho, mexam-se, durmam e acordam; ainda assim, sentem seu coração palpitar. Egoísmo é exatamente desta maneira. A pessoa propõe-se afastá-lo, mas apesar de tudo, ele aparece de algum lugar. Fica aborrecida e diz: ‘O que! Não me deram o devido respeito!’ ”

Kedar: “ ‘Uma pessoa deve ser menor do que uma palha e paciente como uma árvore.’ ”

Mestre: “Quanto a mim, considero-me uma partícula de pó dos pés do devoto.”

Vaidyanath chegou. Era um homem bem educado, advogado da Alta Corte de Calcutá. Com as mãos postas, saudou o Mestre e sentou-se num canto.

Surendra (*ao Mestre*): “Ele é um dos meus parentes.”

Mestre: “Sim, vejo que tem uma boa índole.”

Surendra: “Veio aqui porque quer lhe fazer uma ou duas perguntas.”

Mestre (*a Vaidyanath*): “Tudo o que você vê é manifestação do Poder de Deus. Ninguém pode fazer nada sem seu Poder, mas você deve lembrar-se de que o Poder de Deus não se manifesta igualmente em todas as coisas. Vidyasagar uma vez me perguntou se Deus outorgava mais poder a uns do que a outros. Disse-lhe: ‘Se não houvesse uma maior ou menor manifestação de Seu Poder, por que tivemos trabalho de vir visitá-lo? O senhor tem dois chifres?’ Aí está a razão pela qual Deus existe em todos os seres como Poder Todo Penetrante; mas as manifestações de Seu poder são diferentes nos diferentes seres.”

Vaidyanath: “Senhor, tenho uma dúvida. As pessoas falam de livre arbítrio. Dizem que de acordo com sua vontade podem fazer tanto o bem quanto o mal. Isso é verdade? Somos realmente livres para fazer tudo o que quisermos?”

Mestre: “Tudo depende da vontade de Deus. O mundo é Seu jogo. Ele criou todas as diferentes coisas – grandes e pequenas, fortes e fracas, boas e más, virtuosas ou não. Tudo é Sua maya. Seu esporte. Já devem ter reparado que nem todas as árvores do jardim são da mesma espécie.

“Enquanto o homem não tiver realizado Deus, pensa que é livre. É o Próprio Deus que sustenta este equívoco, senão o pecado teria se multiplicado. O homem não teria tido medo do pecado e não haveria castigo para ele.

“Mas sabe qual é a atitude daquele que realizou Deus? Ele sente: ‘Eu sou a máquina e Tu, Ó Senhor, és o Operador, Sou a casa e Tu és o Morador, Sou o Carro e Tu és o Condutor. Eu me movo como Tu me fazes mover, falo como Tu me fazes falar.’”

(*A Vaidyanath*): “Não é bom discutir, não é?”

Vaidyanath: “Sim, senhor. O desejo de argumentar desaparece quando um homem alcança a sabedoria.”

O Mestre tirando do seu estoque de doze palavras inglesas, disse: “Thank you” de uma forma encantadora e todos riram.

Mestre (*a Vaidyanath*): “Você fará progresso espiritual. Uma pessoa não acredita numa outra quando ela fala sobre Deus. Mesmo se uma grande alma afirmar que viu Deus, ainda assim, a maioria das pessoas não aceitará suas palavras. Dizem: ‘Se este homem realmente viu Deus, então que ele O mostre para nós.’ Mas pode alguém aprender a tomar o pulso de outra em apenas um dia? Tem que ficar com um médico durante muitos dias; só assim poderá distinguir os diversos pulsos. Tem que ficar na companhia daqueles que o exame de pulso tornou-se uma profissão regular.

“Pode alguém escolher um fio de linha de número certo? Só estando nesse negócio poderá distinguir imediatamente o fio quarenta do quarenta e um.”

O kirtan já estava para começar. Alguns vaishnavas estavam sentados em um canto com suas mridangas e pratos. Preparando-se para cantar, um tocador de tambor começou a tocar seu instrumento. O suave e doce som do mridanga encheu o pátio, fazendo recordar o kirtan de Sri Gauranga. O Mestre entrou em profundo estado espiritual. De vez em quando olhava para o tocador e dizia: “Ah! Ah! Estou todo arrepiado!”

<sup>6</sup> As pessoas ricas e aristocráticas que gostam de conforto, recostam-se em almofadões.

Os cantores queriam saber o que iriam cantar. O Mestre respondeu-lhes humildemente: “Por favor qualquer coisa a respeito de Gauranga.”

O kirtan iniciou-se. Cantaram a respeito da beleza celestial de Sri Gauranga:

A beleza do rosto de Gauranga  
Brilha mais forte do que o ouro luzente  
Seu sorriso ilumina o mundo inteiro.  
Quem se importa com um milhão de luas  
Brilhando no céu de outono?

Enquanto cantava o músico principal acrescentou de improviso, alguns versos: “Ó amigo, seu rosto brilha como uma lua cheia!” “Mas não desvanece nem tem qualquer mácula”. “Ilumina o coração do devoto.” Novamente improvisou: “Seu rosto está banhado pela essência de um milhão de luas.”

Ao ouvir estas palavras o Mestre mergulhou em samadhi profundo. Depois de um certo tempo, retornou à consciência do mundo dos sentidos. Subitamente pôs-se de pé, tomado de estado espiritual e cantou alguns versos improvisados com os músicos, considerando-se uma das pastoras de Vrindavan, enlouquecida pela beleza de Sri Krishna, “De quem é a culpa?”- da minha mente ou de Sua beleza?” Nos três mundos só vejo o meu bem amado Krishna.”

O Mestre dançou e cantou. Todos pareciam enfeitiçados. O músico principal cantou as palavras de uma gopi: “Ó flauta, pare, por favor. Você não vai dormir?” Um dos músicos acrescentou um novo verso: “Como pode ela dormir? Repousa nos lábios de Krishna.”

O Mestre sentou-se. A música continuou. Cantavam, assumindo o estado de espírito de Radha: “Meus olhos estão cegos. Meus ouvidos surdos. Perdi o olfato. Todos os meus sentidos estão paralisados, mas meu Deus, por que fiquei sozinha?”

Finalmente os músicos cantaram a união de Radha e Krishna:

Radha e Krishna estão finalmente juntos, no bosque de Nidhu de Vrindavan  
Incomparável é a sua beleza e sem limite o Seu amor!  
Uma metade brilha como o ouro amarelo e a outra como a mais azul das safiras.  
Em volta do pescoço, de um lado pende uma grinalda de flores silvestres  
E, de outro, balança um colar de pedras preciosas.  
Um brinco de ouro adorna uma orelha, um de concha a outra,  
Metade da testa brilha como o ardente sol do meio dia.  
E a outra reluz suavemente com o brilho da lua que surge.  
Uma graciosa pena de pavão está presa em metade da cabeça  
E da outra metade, pende uma trança.

Assim que a música terminou, o Mestre disse: “Bhagavata – Bhakta – Bhagavan” e inclinou-se profundamente ante os devotos sentados por todas as partes. Tocou o chão com testa que se tornara santificado com o canto da música sagrada.

Eram aproximadamente mais de nove e meia da noite. Surendra ofereceu ao Mestre e aos devotos uma suntuosa festa. Na hora da saída, quando chegou o momento de se despedir de seu anfitrião, o Mestre, os devotos e Surendra foram ao oratório onde ficaram de pé ante a imagem.

Surendra (*ao Mestre*): “Ninguém cantou qualquer coisa sobre a Mãe Divina hoje,”

Mestre (*apontando para a imagem*): “Ah! Olhe a beleza do oratório. A luz da Mãe Divina parece ter iluminado todo o lugar. Esta visão enche o coração de alegria. A tristeza e o desejo de prazer desaparecem.

“Pode alguém ver Deus em sua realidade sem forma? Claro que sim, desde que não tenha o menor traço de mundanismo. Os rishis dos tempos antigos renunciaram a tudo e então, contemplaram Satchidananda, o Brahman Indivisível.

“Os Brahmajnanis dos templos modernos <sup>7</sup> cantam Deus como ‘imutável’, ‘homogêneo’. Isto me soa muito seco. Parece como se os próprios cantores não desfrutassem a doçura da Felicidade Divina. Não se deseja uma bebida refrescante feita de açúcar cande, quando se está satisfeito com um simples melado.

“Vejam, como vocês estão felizes olhando esta imagem da Divindade, mas aqueles que sempre choram pela Realidade sem forma, nada obtém. Nada realizam no interior ou no exterior.”

O Mestre cantou à Mãe Divina:

<sup>7</sup> Uma referência aos membros do Brahma Samaj.

Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és.  
 Não prives Teu filho indigno da Bem-aventurança!  
 Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus.  
 O Rei da Morte me repreende com uma expressão terrível  
 Diz-me, Ó Mãe, o que devo lhe dizer?

Era desejo do meu coração dirigir meu barco  
 Através do oceano desta vida imortal.  
 Ó Durga, como Teu nome em meus lábios.  
 Jamais teria sonhado que Tu me afogarias aqui  
 Nas águas escuras deste mar sem praia.

Dia e noite nado por entre as ondas,  
 Cantando o Teu nome Salvador; mesmo assim  
 Ó Mãe, não tem fim meu sofrimento.  
 Se me afogar agora, nesta luta  
 Ninguém mais cantará Teu nome.

Novamente cantou:

Repita, Ó mente, o nome sagrado da minha Mãe Durga!  
 Aquele que caminha repetindo “Durga! Durga!”  
 A ele o próprio Shiva protege com Seu poderoso tridente,  
 Tu és a vida, Ó Mãe! Tu és o crepúsculo e a noite.  
 Às vezes Tu és homem e, às vezes, Tu és mulher,  
 Tu podes até dizer-me: “Fique de lado, vá embora!”  
 Contudo me apegarei a Ti, Ó Durga! A Teus pés  
 Eu estarei preso em Teus tornozelos que tilintam.  
 Mãe, quando sob a forma de um milhano<sup>8</sup> Tu pairaste nos céus.  
 Lá embaixo nas águas, como um peixe vairão estarei nadando:  
 Tu cairás sobre mim e me atravessarás com Tuas garras  
 Assim quando o sopro da vida me abandonar em Teu abraço  
 Não me negues o refúgio de Teus Pés de Lótus!

O Mestre saudou a imagem. Enquanto descia os degraus, perguntou baixinho a Rakhal: “Onde estão meus sapatos? Perderam-se?”

Logo que o Mestre entrou na carruagem, Surendra e os outros devotos inclinaram-se ante ele. Em seguida a carruagem seguiu para Dakshineswar. O luar ainda iluminava as ruas.

---

<sup>8</sup> Segundo a Mitologia hindu, a Mãe Divina uma vez, assumiu a forma de um pássaro semelhante a uma pipa.

## CAPÍTULO X

### O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (II)

22 de abril de 1883

**P**OR OCASIÃO do festival de meio do ano do Brahma Samaj, Sri Ramakrishna visitou a chácara de Benimadhav Pal em Sinthi, perto de Calcutá. Estavam presentes muitos devotos do Brahma Samaj, que se sentaram em volta do Mestre. De vez em quando alguns faziam-lhe perguntas.

Um devoto Brahma: “Senhor, qual é o caminho?”

Mestre: “Apego a Deus ou melhor, amor por Ele. Em segundo lugar vem a oração.”

Devoto Brahma: “Qual é o caminho – amor ou oração?”

Mestre: “Primeiro amor, depois a oração.”

O Mestre cantou:

Implore à sua Mãe Shyama com súplica verdadeira, Ó mente!  
Como Ela pode Se manter afastada de você?  
Como pode Shyama ficar afastada? ...

Continuando com a explicação, o Mestre disse: “Deve-se sempre cantar o nome e as glórias de Deus e orar a Ele. Um velho jarro de metal tem que ser areado diariamente. Qual a vantagem de limpá-lo apenas uma vez? Além disso, deve-se praticar discriminação e renúncia e estar consciente da irrealidade do mundo.”

Brahma: “É bom renunciar ao mundo?”

Mestre: “Não é bom para todos. Aqueles que ainda não chegaram ao fim de seus prazeres, não deveriam renunciar ao mundo. Pode alguém ficar embriagado com duas annas de vinho?”

Brahma: “Então devem levar uma vida mundana?”

Mestre: “Sim, deveriam cumprir suas obrigações de maneira desapegada. Antes de abrir uma jarra, tem-se que passar óleo nas mãos, a fim de que o leite pegajoso não fique grudado. A empregada da casa de um homem rico cumpre todos os seus deveres, mas seu pensamento está em sua casa no interior. Isto é um exemplo de como cumprir o dever de forma desapegada. Deve-se renunciar ao mundo só mentalmente, mas o sannyasi deve renunciar ao mundo tanto interna quanto externamente.”

Brahma: “O que quer dizer ‘fim dos prazeres’?”

Mestre: “Quero dizer desfrutar de ‘mulher e ouro’. É muito arriscado colocar um doente com febre tifóide num quarto onde estão jarros de água e suco de tamarindo. A maioria das pessoas não sentem nenhum anelo por Deus a não ser que já tenham tido experiências anteriores com fortuna, nome, fama, confortos e assim por diante, quer dizer, já tenham desfrutado tais prazeres.”

Brahma: “Quem é realmente mau, o homem ou a mulher?”

Mestre: “Como há mulheres dotadas de vidyashakti, também há mulheres com avidyashakti. Uma mulher dotada de qualidades espirituais conduz um homem a Deus, mas aquela que é a personificação da ilusão, faz com que ele se esqueça de Deus e mergulhe no oceano do mundanismo.

“Este universo é criado pela Mahamaya <sup>1</sup> de Deus. Mahamaya contém tanto vidyamaya, a ilusão do conhecimento, quanto avidyamaya, a ilusão da ignorância. Com a ajuda de vidyamaya pode-se cultivar virtudes como gosto pela companhia santa, conhecimento, devoção, amor e renúncia. Avidyamaya é formada dos cinco elementos e dos objetos dos cinco sentidos – forma, sabor, olfato, tato e som. Fazem uma pessoa esquecer-se de Deus.”

Brahma: “Se o poder de avidya é a causa de ignorância, então por que Deus o criou?”

Mestre: “É Seu jogo. A glória da luz não pode ser apreciada sem a escuridão. Felicidade não pode ser compreendida sem infelicidade. O Conhecimento do bem é possível graças ao conhecimento do mal.”

“Além do mais a manga cresce e amadurece por causa da casca que a envolve. Joga-se fora a casca quando a manga estiver completamente madura, a ponto de ser comida. É possível um homem

---

<sup>1</sup> O inescrutável Poder de Ilusão.

alcançar gradualmente o Conhecimento de Brahman devido à casca envolvente de maya. Maya em seus aspectos de vidya e avidya pode ser comparada à casca da manga. Ambas são necessárias.”

Brahmo: “Senhor, é bom adorar Deus com forma, uma imagem da Divindade feita de argila?”

Mestre: “Vocês não aceitam Deus com forma. Está bem. A imagem não lhes diz nada. É melhor aprofundarem o sentimento em direção ao seu próprio Ideal. Dos adoradores do Deus Pessoal, devem aprender seu anelo – por exemplo, a atração de Krishna por Radha. Devem aprender dos adoradores do Deus Pessoal seu amor pelo Ideal Escolhido. Quando os que crêem no Deus Pessoal adoram as imagens de Kali e Durga, com que sentimento suplicam no fundo de suas almas. ‘Mãe! Ó Mãe!’ Como amam a Divindade! Vocês deveriam aceitar este sentimento. Não necessitam aceitar imagem.”

Brahmo: “Como se cultiva o desapego? Por que nem todos o alcançam?”

Mestre: “O desapego não é possível a não ser que se tenha obtido completa saciedade dos prazeres. Pode-se facilmente conquistar uma criança com doces ou brinquedos, mas depois que acabou de comer e brincar, diz, ‘Quero minha mãe.’ A não ser que a leve até sua mãe, ela jogará fora seu brinquedo e gritará com toda força.”

Os membros do Brahmo Samaj opõem-se ao tradicional sistema de guru do hinduísmo ortodoxo. Daí o devoto Brahmo perguntar ao Mestre:

Brahmo: “É o conhecimento espiritual impossível sem um guru?”

Mestre: “Somente Satchidananda é o Guru. Se um homem sob a forma de um guru despertar sua consciência espiritual, então pode ter certeza que foi o Deus Absoluto que assumiu aquela forma humana para seu bem. O guru é como um companheiro que o leva pela mão. Depois da realização de Deus, desfaz-se a diferença entre guru e discípulo. ‘Isto cria uma situação muito difícil; aí o guru e o discípulo não mais se vêem separado um do outro.’<sup>2</sup> Foi por esta razão que Janaka disse para Shukadeva. ‘Dê-me primeiro os meus honorários de mestre, se deseja que o inicie no Conhecimento de Brahman.’ Porque a diferença entre o mestre e o discípulo deixa de existir, depois que o discípulo atinge Brahman. O relacionamento entre eles permanece enquanto o discípulo não vê Deus.”

Era o entardecer. Alguns devotos Brahmos disseram ao Mestre: “Talvez seja a hora de suas práticas da tarde.”

Mestre: “Não, não é exatamente isso. Uma pessoa tem que passar por estas disciplinas no começo. Mais tarde não terá mais necessidade dos rituais do culto formal ou seguir as instruções.”

Depois do entardecer o pregador do Brahmo Samaj conduziu o serviço do púlpito. O serviço foi entremeadado com recitações dos Upanishads e canto das canções Brahmos.

Depois do serviço o Mestre e o pregador conversaram.

Mestre: “Bem, parece-me que ambos os aspectos de Deus, com ou sem forma, são reais. O que o senhor acha?”

Pregador: “Senhor, comparo o Deus sem forma à corrente elétrica que não pode ser vista, mas pode ser sentida.”

Mestre: “Sim, ambos são verdadeiros. Deus com forma é tão real quanto Deus sem forma. O senhor sabe como é descrever Deus sendo somente sem forma? É como tocar numa nota só, na flauta, embora ela possua sete buracos. Mas neste mesmo instrumento um outro toca melodias diferentes. Assim, de quantas maneiras os que crêem num Deus Pessoal O apreciam! Eles O desfrutam através de muitas atitudes diferentes: atitude serena, a de um servo, a de um amigo, a de uma mãe ou a de um amante ou marido.

“Vejam, tudo é como mergulhar no Lago de Néctar da Imortalidade, de uma maneira ou de outra. Suponhamos que uma pessoa mergulhe n’Ele propiciando a Divindade com hinos e adoração e o senhor é empurrado para Ele. O resultado será o mesmo. Ambos certamente se tornarão imortais.

“Dou aos Brahmos a ilustração da água e do gelo. Satchidananda é como uma extensão infinita de água. A água do grande oceano nas regiões frias congela-se em blocos de gelo. De forma semelhante, pela influência refrescante do amor divino, Satchidananda assume formas para o bem dos bhaktas. Os rishis tiveram a visão da forma do Espírito além dos sentidos e falaram com Ele, mas os devotos adquirem um ‘corpo do amor’ e com sua ajuda, vêem a forma do Espírito Absoluto.

“Também está escrito nos Vedas que Brahman está além da mente e das palavras. O calor do sol do Conhecimento derrete a forma de gelo do Deus Pessoal. Ao alcançar o Conhecimento de Brahman e comungar com Ele em nirvikalpa samadhi, realiza-se Brahman, o Infinito, sem forma e além da mente e das palavras.

<sup>2</sup> Porque o aspirante realiza a unidade da existência e, portanto, não percebe a existência separada do mestre.

“A natureza de Brahman não pode ser descrita. Sobre ela a pessoa permanece silenciosa. Quem pode explicar o Infinito com palavras? Por mais alto que o pássaro voe, há regiões ainda mais altas. O que o senhor diz?”

Pregador: “Sim, senhor, assim afirma a filosofia Vedanta.”

Mestre: “Uma vez uma boneca de sal entrou no oceano, a fim de medir sua profundidade, mas não conseguiu voltar para contar. Segundo uma escola de pensamento, sábios como Shukadeva viram e tocaram o oceano de Brahman, mas não mergulharam n’Ele.

“Uma vez eu disse a Vidyasagar: ‘Tudo menos Brahman está poluído, por assim dizer, como uma comida tocada pela língua.’ Em outras palavras, ninguém até agora foi capaz de descrever o que Brahman é. Uma palavra pronunciada pela língua, torna-se poluída. Vidyasagar, embora fosse um grande pundit, ficou muito satisfeito com minhas observações.

“Dizem que há lugares perto de Kedar <sup>3</sup>, cobertos de neve eternas; quem chega tão alto não pode regressar. Aqueles que procuraram descobrir o que há nas regiões mais elevadas e o que se sente aí, não voltaram para nos contar a respeito.

“Depois de ter tido a visão de Deus, um homem fica totalmente tomado de felicidade. Torna-se silencioso. Quem falará? Quem explicará?

“Um rei mora além dos sete portões. Em cada portão senta-se um homem dotado de grande poder e glória. Em cada portão o visitante pergunta: ‘É esse o rei?’ O porteiro responde: ‘Não, não é este, não é este.’ O visitante passa pelo sétimo portão e torna-se inebriado de alegria. Fica sem fala. Desta vez não tem que perguntar: ‘É este o rei?’ A simples visão dele remove todas as dúvidas.”

Pregador: “Sim, senhor, assim está escrito na Vedanta.”

Mestre: “Quando se pensa em Deus criando, preservando e destruindo, é conhecido como Deus Pessoal. Saguna Brahman ou Energia Primordial, Adyashakti. Quando Ele é considerado como estando além dos três gunas, então é chamado de Realidade Sem Atributos, Nirguna Brahman, além da fala e do pensamento; é o Brahman Supremo, Parabrahman.

Sob a magia da maya de Deus, o homem esquece sua verdadeira natureza. Esquece que é herdeiro das infinitas glórias de seu Pai. Esta divina maya é formada dos três gunas. Todos os três são ladrões, porque roubam do homem todos os seus tesouros e fazem-no esquecer sua verdadeira natureza. Os gunas são sattva, rajas e tamas. Destes, só sattva mostra o caminho para Deus, mas mesmo sattva não pode conduzir o homem a Ele.

“Deixe-me contar uma história. Uma vez um homem rico estava atravessando uma floresta, quando três assaltantes aproximaram-se e roubaram-lhe tudo. Depois de despojá-lo de todas as coisas, um dos assaltantes disse-lhe: ‘Para que manter este homem vivo? Mate-o.’ Dizendo isto, já estava a ponto de atingir sua vítima com a espada, quando o segundo assaltante, interrompeu e disse: ‘Não se ganha nada, matando-o. Vamos amarrá-lo e deixá-lo aqui. Não poderá contar nada à polícia.’ Assim combinado, os assaltantes amarraram-no com uma corda e foram embora.

“Depois de algum tempo, o terceiro ladrão voltou e disse, ‘Ah! O senhor está muito ferido, não é? Venha, vou soltá-lo!’ O terceiro homem libertou-se e levou-o para fora da floresta. Quando estavam chegando perto da estrada, disse-lhe: ‘Siga esta estrada e chegará facilmente em casa.’ ‘Mas tem que vir comigo, também’, disse o homem. ‘Você ajudou-me tanto, que ficarei feliz se for à minha casa’. ‘Não’, disse o ladrão, ‘não me é possível ir. A polícia iria me prender!’ Assim falando, deixou o homem rico depois de lhe ter mostrado o caminho.

“O primeiro assaltante que disse: ‘Para que manter este homem vivo? Mate-o’, é tamas. Ele destrói. O segundo assaltante é rajas que prende o homem no mundo e enreda-o com uma variedade de atividades. Rajas o faz esquecer-se de Deus. Só sattva mostra o caminho para Deus. Produz virtudes como compaixão, retidão e devoção. Também sattva é como o último degrau da escada. Em seguida, está o terraço. O Brahman Supremo é a verdadeira morada do homem. Não se pode atingir o Conhecimento de Brahman a não ser que se transcenda os três gunas.”

Pregador: “O senhor nos fez uma linda exposição.”

Mestre (*com um sorriso*): “Você não conhece a natureza dos devotos? Quando um devoto encontra um outro, diz: ‘Eu falo e você me escuta e quando você falar, eu o ouvirei.’ O senhor é um pregador e ensina a muita gente! O senhor é um navio e eu, um simples barco de pesca.’” (*Todos riem*).

*Quarta-feira, 2 de maio de 1883*

<sup>3</sup> Um pico alto do Himalaia, lugar de peregrinação dos hindus.

Mais ou menos às cinco horas da tarde, Sri Ramakrishna, acompanhado de M., Rakhal e alguns devotos chegaram ao templo do Brahma Samaj em Nadanbagan. Primeiro o Mestre sentou-se na sala de visitas do andar térreo, onde os devotos Brahmós começaram gradualmente a chegar. Rabindranath Tagore e alguns membros de sua família estavam presentes.

Pediram a Sri Ramakrishna para se dirigir ao oratório no segundo andar. Havia sido construído um altar no canto leste do aposento. Havia ali algumas cadeiras e um piano. O culto Brahma deveria ser feito ao entardecer.

Entrando no oratório, o Mestre inclinou-se profundamente ante o altar. Sentou-se e disse a M. e aos devotos: “Narendra certa vez me perguntou: ‘Por que se inclinar ante um templo Brahma Samaj?’ A visão de um templo faz-me lembrar somente Deus; então a consciência de Deus acende-se em minha mente. Deus está presente onde as pessoas falam d’Ele. Sente-se aí a presença de todos os lugares sagrados. Os lugares de adoração só trazem Deus à minha mente.

“Uma vez um devoto, ao ver uma árvore babla entrou em êxtase. Pensou que o cabo do machado, usado no jardim do templo de Radhakanta, era de madeira daquela árvore. Um outro devoto era dotado de tal devoção ao seu guru, que à vista dos seus vizinhos, era tomado de um sentimento divino. A consciência de Krishna resplandecia na mente de Radha ao ver uma nuvem, uma roupa azul<sup>4</sup> ou uma pintura de Krishna. Ficava inquieta, chorando como louca. ‘Krishna, onde estás?’ ”

Ghosal: “Mas a loucura não é desejável.”

Mestre: “O que você quer dizer? Por acaso a loucura de Radha era motivada pelo apego excessivo aos objetos do mundo que torna uma pessoa inconsciente? Uma pessoa obtém aquela loucura meditando em Deus. Já ouviu falar de loucura de amor e loucura de Conhecimento?”

Um devoto Brahma: “Como se pode realizar Deus?”

Mestre: “Dirigindo seu amor para Ele e sempre discriminando que só Deus é real e o mundo ilusório. Só a árvore de ashwattha é permanente, seu fruto é transitório.”

Brahmo: “Temos paixões como raiva e luxúria. O que faremos com elas?”

Mestre: “Dirija as seis paixões para Deus. O impulso da *luxúria* deve ser direcionada para o desejo de se relacionar com o Atman. Sinta *raiva* para com aqueles que o atrapalham em seu caminho em direção a Deus. Sinta *avidez* por Ele. Se tiver o sentimento de ‘eu’ e ‘meu’ então, associe-o com Deus. Diga, por exemplo, ‘Meu Rama, meu Krishna’ Se tiver *orgulho*, então sinta-se como Bibhishana que disse: ‘Toquei os pés de Rama com minha cabeça, jamais me inclinarei novamente a mais ninguém.’ ”

Brahmo: “Se é Deus quem me faz tudo, então, não sou responsável pelos meus pecados.”

Mestre (*com um sorriso*): ‘Sim, Duryodhana também disse isto, ‘Ó Krishna, faça o que Tu, sentado em meu coração, me mandas fazer.’ Se um homem tem a firme convicção que só Deus é Aquele que faz e ele é Seu instrumento, então, não pode fazer nada de pecaminoso. Aquele que aprendeu a dançar de forma correta, jamais dá um passo em falso. Não se pode nem mesmo acreditar na existência de Deus enquanto o coração não se tornar puro.’ ”

Olhando para os devotos reunidos no oratório, Sri Ramakrishna disse: “É muito bom que se reunam de vez em quando, para pensar em Deus e cantar Seu nome e Suas glórias, mas o anelo do homem mundano por Deus, é momentâneo. Dura tanto tempo quanto uma gota d’água num frigideira muito aquecida.”

O culto estava prestes a começar. O salão estava lotado de devotos Brahmós. Algumas senhoras Brahmós estavam sentadas com os livros dos cânticos. As canções do Brahma Samaj foram entoadas com acompanhamento de harmônio e piano. A alegria de Sri Ramakrishna era ilimitada. A invocação foi seguida por uma oração e logo começou o culto. Os acharyas, sentados na plataforma, recitaram trechos dos Vedas:

OM. Tu és nosso Pai. Dá-nos conhecimento correto, não nos destruas! A Ti nos inclinamos.

Os devotos Brahmós cantaram em coro com os acharyas:

OM. Brahman é a Verdade. Conhecimento Infinito. Brilha como Bem-aventurança e Imortalidade. Brahman é Paz. Bem-aventurança e Uno sem Segundo. É puro e não maculado pelo pecado.

<sup>4</sup> Krishna tinha a pele azul.

Os acharyas cantaram em louvor a Deus:

OM. Ó Realidade. Causa do Universo. A Ti nos inclinamos!

Os acharyas cantaram em coro, a oração:

Do irreal conduz-nos ao Real; da escuridão conduz-nos à luz; da morte conduz-nos à Imortalidade. Penetra-nos completamente. Ó Rudra e projeta-nos para sempre com Tua Face Misericordiosa.

Ao ouvir estes hinos, Sri Ramakrishna entrou em êxtase. Em seguida, um acharya leu um texto.

O culto terminou. A maioria dos devotos desceu ou foi para o pátio tomar ar, onde se serviu uma refeição ligeira. Eram quase nove horas da noite. Os anfitriões estavam tão ocupados em atender a outros convidados, que se esqueceram de dar atenção a Sri Ramakrishna.

Mestre (*a Rakhal e outros devotos*): “O que há? Ninguém nos atende.”

Rakhal (*muito zangado*): “Senhor, vamos voltar para Dakshineswar.”

Mestre (*com um sorriso*): “Fiquem quietos! O aluguel da carruagem custa três rupias e duas annas. Quem vai pagar? Teimosia não leva a nada. Vocês não têm um centavo e ficam fazendo ameaças vãs! Além do mais, como vamos arrumar comida a esta hora da noite?”

Depois de muito tempo anunciou-se o jantar. Os devotos foram convidados a se sentar. O Mestre com Rakhal e outros, seguiram as pessoas até o segundo andar. Não encontraram lugar. Com muita dificuldade, por fim, acharam um canto empoeirado. Uma brahmin serviu curry, mas Sri Ramakrishna não podia comê-lo. Comeu luchi com sal e alguns doces.

Não havia limite para a bondade do Mestre. Os donos da casa eram jovens, como poderia sentir-se descontente com eles, mesmo que não tivessem mostrado o devido respeito? Além do mais seria de mau augúrio para o dono da casa se um santo se retirasse sem comer. Afinal de contas a festa tinha sido preparada em nome de Deus.

Sri Ramakrishna subiu na carruagem; mas quem iria pagá-la? Os donos da casa não foram encontrados. Referindo-se mais tarde ao incidente, o Mestre dizia aos devotos, em tom de brincadeira: “Os rapazes foram falar com os donos da casa sobre o pagamento da carruagem. Primeiro, foram expulsos, mas por fim, conseguiram três rupias. Os anfitriões recusaram-se a pagar as duas annas extras e disseram: ‘Não, isto basta.’ ”

*Domingo, 13 de maio de 1883*

O Mestre fez uma visita ao Hari-Bhakti-Pradayini Sabha de Kansharipara, em Calcutá, por ocasião do aniversário daquela sociedade religiosa.

Para a ocasião foram organizados o kirtan e outras formas de música devocional. As canções tinham como tema principal o episódio de Vrindavan da vida de Sri Krishna. O tema era o ressentimento de Sri Radha porque Sri Krishna tinha ido visitar Chandravali, outra gopi de Vrindavan. As amigas de Radha procuraram consolá-la, dizendo: “Por que você está ressentida? Parece que não está pensando na felicidade de Krishna, mas somente na sua.” Radha disse-lhes: “Não estou zangada porque Ele foi ao bosque de Chandravali, mas por que Ele iria lá? Ela não sabe cuidar d’Ele.”

*20 de maio de 1883*

No domingo seguinte foi organizado um kirtan, na casa de Ram, um dos devotos chefes de família do Mestre. Sri Ramakrishna agradeceu a ocasião com sua presença. Os músicos cantaram a angústia de Radha ao se separar de Krishna:

Radha disse às amigas: “Desejei imensamente ver Krishna desde a minha meninice. Minhas unhas gastaram-se contando os dias que faltavam para vê-Lo. Uma vez deu-me uma grinalda. Olhe, as flores secaram, mas ainda não as joguei fora. Meu Deus! Onde surgiu agora a Lua de Krishna? Teria esta Lua ido embora do meu firmamento com medo do Rahu<sup>5</sup> do meu ressentimento? Meu Deus! Será que tornarei a ver Krishna de novo? Ó meu amado Krishna, jamais pude contemplar-Te, com completa satisfação do meu coração. Tenho somente dois olhos que piscam e obstruem a minha

<sup>5</sup> Um monstro da mitologia hindu, a quem é atribuída a causa do eclipse, ao devorar o sol e a lua.

visão. E além do mais, por causa das lágrimas não pude ver direito o meu Bem Amado. A pena do pavão no alto de Sua cabeça, brilha como um raio preso. Os pavões, vendo a pele de Krishna como uma nuvem escura, dançaram de alegria, abrindo suas caudas. Ó amigas, não serei capaz de conservar minha respiração. Depois de morta, coloquem meu corpo num dos galhos da escura árvore tamala e escrevam nele o doce nome de Krishna.”

O Mestre disse: “Deus e Seu nome são idênticos; por esta razão Radha disse aquilo. Não há diferença entre Rama e Seu santo nome.”

27 de maio de 1883

Sri Ramakrishna estava em seu aposento em Dakshineswar, conversando com os devotos. Eram mais ou menos nove horas da manhã.

Mestre (*a M. e outros devotos*): Não é bom cultivar a maldade. Os shaktas, os vaishnavas e os vedantistas brigam entre si. Isto não é sensato. Padmalochan foi um pundit da corte do Maharaja de Birdwan. Um dia durante uma reunião, os pundits começaram a discutir se Shiva era superior a Brahma ou Brahma a Shiva. Padmalochan deu uma resposta apropriada, ‘Não sei nada a esse respeito’, disse ele, ‘Não falei nem com Shiva nem com Brahma.’

“Se uma pessoa sentir um anelo sincero, descobrirá que todos os caminhos levam a Deus, mas deve-se ter nishtha, devoção que domina toda a mente. Isto também é chamada devoção pura e inquebrantável a Deus. É como uma árvore com apenas um tronco ereto. Devoção promíscua assemelha-se a uma árvore com cinco galhos. A devoção exclusiva das gopis para com Krishna era tal, que só se preocupavam em olhar para o Krishna que haviam conhecido em Vrindavan – o Pastor Krishna, enfeitado com uma grinalda de flores silvestres amarelas e usando uma pena de pavão no alto de Sua cabeça. Ao verem Krishna em Mathura com um turbante e vestindo roupas reais, as gopis baixaram seus véus. Não queriam olhar Seu rosto. ‘Quem é este homem?’ disseram, ‘Será que vamos macular nosso amor casto por Krishna, falando com ele?’

“A devoção da esposa para seu marido é também um exemplo de amor exclusivo. Ela dá comida para suas cunhadas, cuida do seu bem-estar, mas mantém um relacionamento muito especial com seu marido. Pode-se também, ter esta devoção exclusiva à sua própria religião, mas não pode por esta razão, odiar as outras. Muito pelo contrário, deve-se ter uma atitude amigável para com elas.”

O Mestre banhou-se no Ganges e foi para o templo Kali com M. Sentou-se em frente à imagem e ofereceu flores aos pés da Mãe Divina. De vez em quando colocava flores em sua própria cabeça e meditava.

Depois de muito tempo levantou-se. Estava em êxtase e dançou defronte à imagem, cantando o nome de Kali. De vez em quando dizia: “Ó Mãe! Ó Destruidora do sofrimento! Ó Aquela que retira a tristeza e a agonia!” Estava ele ensinando às pessoas a orar à Mãe do Universo com um coração ansioso a fim de se libertar do sofrimento inevitável da vida física?

Sri Ramakrishna voltou para o seu quarto e sentou-se no pórtico oeste. Rakhal, M., Nakur Vaishnav e outros devotos estavam com ele. Nakur já conhecia o Mestre há mais ou menos vinte e cinco anos. Era devoto de Gauranga e tinha uma pequena loja que Sri Ramakrishna havia muitas vezes visitado, quando veio pela primeira vez a Calcutá, recém-chegado de Kamarpukur.

Ainda totalmente tomado pelo êxtase divino, o Mestre cantou:

Ó Kali, minha Mãe cheia de Bem-aventurança! Aquela que encanta o Todo Poderoso Shiva!  
Em Tua alegria delirante, Tu danças, batendo palmas!  
Unidade Eterna! Tu, grande Causa Primeira vestida na forma do Vazio!  
Tu usas a lua sobre Tua testa  
Onde Tu achaste Tua grinalda de cabeças antes que o universo tivesse sido criado?  
Tu és Aquela que tudo move e nós somos somente apenas Teus brinquedos desprotegidos;  
Nós nos movemos somente se Tu nos fazes mover e falamos se Tu falas através de nós.  
Mas o indigno Kamalakanta diz, repreendendo-Te docemente:  
Enganadora! Com Tua espada flamejante  
Sem pensar Tu igualmente levaste à morte a minha virtude e meu pecado!

Cantou de novo:

Mãe, Tu és a nossa única Redentora.

Tu és Aquela que sustenta os três gunas.  
 Mais alta do que o mais alto.  
 Tu és misericordiosa, eu sei.  
 Que retira nosso pesar amargo.  
 Sandhya és Tu e Gayatri:  
 Tu susténs este universo  
 Mãe, o Refúgio és Tu  
 Daqueles que não têm nenhuma ajuda a Não ser de Ti,  
 A Eterna Bem Amada de Shiva!

Tu estás na terra, na água.  
 Tu estás na origem de tudo.  
 Em mim e em toda criatura  
 Tu tens Teu lar; embora vestida com forma.  
 Contudo Tu és a Realidade sem forma.

O Mestre ainda entoou algumas canções em louvor à Mãe Divina. Disse aos devotos: “Nem sempre convém falar aos chefes de família sobre os pesares da vida. Querem felicidade. Aqueles que vivem na pobreza constante, podem ficar sem comida por um ou dois dias, mas não é conveniente falar sobre as tristezas da vida com aqueles que sofrem com o pequeno atraso de alguns minutos de sua comida. Vaishnavcharan costumava dizer: ‘Por que uma pessoa deveria ficar para sempre no pecado? Seja alegre!’ ”

Enquanto o Mestre descansava do almoço, Manohor Goswami, um cantor de kirtan, chegou. Cantou sobre o amor de Gauranga e o episódio divino de Vrindavan. O Mestre estava em profundo estado espiritual. Tirou a camisa e disse, seguindo o kirtan, numa atitude semelhante a de Radha: “Ó Krishna, meu Bem Amado! Ó amigas, tragam Krishna para mim. Então vocês serão amigas verdadeiras, ou levem-me para Ele e serei, para sempre sua escrava.”

O músico sentou-se fascinado com o êxtase de Sri Ramakrishna. Disse com as mãos postas: “O Senhor pode livrar-me de meu mundanismo?”

Mestre: “Você é como um santo que perambula pela cidade depois de ter encontrado hospedagem. É uma pessoa amável, que expressa muitas idéias doces.”

Músico: “Senhor, sou como um boi que apenas carrega uma bagagem de açúcar, mas não pode prová-la. Meu Deus, eu próprio não desfruto da felicidade divina.”

A música melodiosa continuou e todos estavam plenos de alegria.

*Sábado, 2 de junho de 1883*

Sri Ramakrishna tinha sido convidado para visitar a casa de seus devotos Balaram, Adhar e Ram em Calcutá. Adhar e Ram providenciaram músicas devocionais. Rakhal, M. e outros acompanharam o Mestre na carruagem.

A caminho Sri Ramakrishna disse aos devotos: “Vejam, o pecado se desvanece quando o amor de Deus cresce no coração, assim como a água de um reservatório cavado num campo, seca com o calor do sol. Mas não se pode amar a Deus, se ainda existe atração pelas coisas do mundo, por ‘mulher e ouro’. Simplesmente tomar um voto monástico não ajuda uma pessoa apegada ao mundo. É como engolir a própria saliva depois de tê-la cuspid no chão.”

Depois de alguns minutos o Mestre continuou: “Os membros do Brahma Samaj não aceitam Deus com forma. Narendra diz que Deus com forma é um simples ídolo. Diz ainda mais: ‘O que? Ele<sup>6</sup> ainda vai ao templo de Kali!’ ”

Sri Ramakrishna com seus devotos chegaram à casa de Balaram. Yajnanath de Nandanbagan veio convidar o Mestre para ir à sua casa às quatro horas da tarde. Sri Ramakrishna concordou em ir, caso estivesse se sentindo bem. Depois da saída de Yajnanath, o Mestre entrou em êxtase. Disse à Mãe Divina: “Mãe, o que é tudo isso? Pare! O que são estas coisas que Tu estás me mostrando? O que é isto que Tu me revelas por intermédio de Rakhal e outros? A forma está desaparecendo mas, Mãe, o que as pessoas chamam ‘homem’, é somente uma fronha, nada mais do que uma fronha. A Consciência é Tua somente.

“Os modernos Brahmajnanis não provaram Tua doce Bem-aventurança. Seus olhos parecem secos, o mesmo ocorre com seu rosto. Não alcançarão nada sem o amor de Deus.

<sup>6</sup> Referindo-se a si próprio.

“Mãe, uma vez eu Te pedi para dar um companheiro exatamente como eu. É por isso que Tu me deste Rakhal?”

O Mestre foi à casa de Adhar, onde tudo havia sido preparado para o kirtan. Muitos devotos e vizinhos aglomeraram-se na sala de visitas de Adhar, ansiosos para ouvirem as palavras do Mestre.

Mestre (*aos devotos*): “Tanto o mundanismo como a liberação dependem da vontade de Deus. É somente Deus quem vem mantendo o homem no mundo em estado de ignorância e o homem será livre quando Deus, por Sua doce vontade, o chamar para Si. É como a mãe chamando o filho para comer quando ele está brincando no quintal. Quando chegar a hora de um homem ser liberado, Deus o faz procurar a companhia de homens santos. Além disso é Deus que o torna inquieto pela vida espiritual.”

Um vizinho: “Que tipo de inquietude, senhor?”

Mestre: “Como a de um funcionário que perdeu o emprego. Sai todos os dias do escritório, perguntando se há vaga. Quando esse desassossego chega, o homem anseia por Deus. Uma pessoa sentada confortavelmente de pernas cruzadas, mastigando folha de betel e torcendo seu bigode – um ja-nota despreocupado – não pode atingir Deus.”

Vizinho: “Pode alguém atingir este estado freqüentando a companhia de homens santos?”

Mestre: “Sim, é possível, mas não para uma pessoa que não presta. O kamandalu do sannyasi, feito de cabaça amarga, viaja com ele pelos quatro pontos de peregrinação, mas não perde seu sabor amargo.”

O kirtan começou. O músico cantou a vida de Sri Krishna em Vrindavan:

Radha: “Amiga, estou prestes a morrer. Devolva-me o meu Krishna.”

Amiga: “Mas Radha, a nuvem de Krishna estava pronta para se transformar em chuva. Foi você quem a afastou com o forte vento de seu ressentimento. Você certamente não se alegra em ver Krishna feliz; ou por você está tão magoada?”

Radha: “Mas este orgulho não era meu. Meu orgulho desapareceu com Ele que me havia feito orgulhosa.”

Depois da música Sri Ramakrishna conversou com os devotos.

Mestre: “As gopis adoravam Katyayani a fim de se unirem a Sri Krishna. Todo o mundo está sob a autoridade da Mãe Divina, Mahamaya, a Energia Primordial. Mesmo as Encarnações de Deus aceitam a ajuda de maya para cumprir sua missão na terra. Portanto, adoram a Energia Primordial. Não vê como Rama chorou tão amargamente por Sita? ‘Brahman chora envolvido pelas malhas de maya.’

“Vishnu encarnou-Se como uma porca a fim de matar o demônio Hiranyaksha. Depois de matar o demônio, a porca ficou feliz com seus filhotinhos. Esquecendo sua verdadeira natureza, ela os amamentava feliz. Os deuses no céu não conseguiram convencer Vishnu a largar o corpo da porca e voltar para as regiões celestiais. Estava totalmente absorvido na felicidade de Sua forma animal. Depois de consultarem-se entre si, os deuses resolveram enviar Shiva para falar com a porca. Shiva perguntou-lhe: ‘Por que você se esqueceu de si mesmo?’ Vishnu respondeu através de seu corpo de animal: ‘Porque estou muito feliz aqui.’ Em seguida Shiva, com um golpe do tridente, destruiu o corpo da porca e Vishnu voltou para o céu.”

Da casa de Adhar, Sri Ramakrishna foi para a de Ram. Ramchandra Dutta, um dos principais discípulos chefes de família do Mestre, morava em Calcutá. Foi um dos primeiros a proclamar o Mestre uma Encarnação Divina. O Mestre já havia visitado sua casa muitas vezes e por diversas ocasiões havia falado da devoção e generosidade de seu amado discípulo. Alguns discípulos fizeram da casa de Ram, sua própria morada.

Ram havia organizado um festival para comemorar a visita do Mestre. O pequeno pátio estava lindamente decorado. Um kathak sentado numa plataforma elevada, recitava o *Bhagavata*, quando chegou o Mestre. Ram saudou-o com respeito e sentou-se próximo ao narrador. O discípulo estava extremamente feliz. O kathak narrava a história do rei Harischandra.

O grande rei Harischandra dos Puranas era a personificação da generosidade. Ninguém que o procurava saía de mãos vazias. O sábio Vishwamitra, querendo testar a extensão da caridade do rei, conseguiu que ele lhe promettesse dar tudo o que lhe pedisse. O sábio pediu-lhe o mundo cercado pelo mar, do qual Harischandra era

rei. Sem a mínima hesitação o rei abriu mão de seus domínios. Então Vishwamitra pediu os honorários complementares que tornam a caridade meritória e válida.

O kathak continuou com narração:

“Vishwamitra disse ao rei: “Ó rei, vós destes o mundo inteiro, que era vosso domínio. Agora, ele me pertence: não podeis reclamar nenhum lugar, mas podeis viver em Benares, que pertence a Shiva. Eu vos levarei até lá com vossa esposa Shaibya e vosso filho Rohitashva. Aí podereis conseguir meios para pagar os honorários complementares que me deveis.” A família real, acompanhada pelo sábio chegou a Benares e visitou o templo de Shiva.

À simples menção do nome de Shiva, o Mestre entrou em êxtase, repetindo o sagrado nome várias vezes.

O kathak continuou:

O rei não conseguiu pagar os honorários e foi forçado a vender Shaibya, sua consorte real, a um brahmin. Com ela foi o príncipe Rohitashva, mas mesmo isso não foi o suficiente para saldar a dívida com o sábio e Harischandra vendeu-se a um intocável que cuidava do crematório. Ficou encarregado de supervisionar as cremações.

Um dia, enquanto apanhava flores para seu senhor brahmin, o príncipe Rohitashva foi mordido por uma cobra venenosa e veio falecer naquela mesma noite. O cruel brahmin não quis sair da cama para ajudar a pobre mãe a queimar o corpo de seu filho. A noite estava muito escura e tormentosa. Raios rompiam as nuvens escuras. Shaibya chegou ao crematório sozinha, carregando o corpo do filho nos braços. Dominada pelo medo e pela dor, a rainha enchia o céu e a terra com seus lamentos. Chegando ao crematório não reconheceu seu marido, que lhe pediu o pagamento usual para a cremação. Shaibya, sem dinheiro, chorava amargamente por seus infortúnios intermináveis. A escuridão impenetrável era somente quebrada pelas terríveis chamas das piras. Em sua cabeça o trovão rugia e diante dela, o encarregado desconhecido do crematório pedia-lhe o pagamento. Aquela que um dia fora a rainha do mundo, sentou-se com seu único filho, morto e frio, em seu colo.

Os devotos debulhavam-se em lágrimas e lamentavam este trágico episódio de uma família real. E o que o Mestre estava fazendo? Ouvia a narração com uma atenção extasiada. Lágrimas apareceram em seus olhos, que ele enxugou.

O kathak continuou:

Quando a rainha lamentando-se amargamente, murmurou o nome de seu marido, Harischandra logo reconheceu a esposa e o filho. Então, juntos, os dois choraram por seu príncipe morto. Apesar de todas essas desgraças, o rei jamais pronunciou uma palavra de lamentação por sua caridade.

Finalmente o sábio Vishwamitra apareceu e disse-lhes que ele apenas havia querido pôr em teste crucial as tendências caritativas do rei. Pelo seu poder espiritual, trouxe o príncipe de novo à vida e devolveu ao rei, o reino perdido.

Sri Ramakrishna pediu ao kathak para contar o episódio de Uddhava, amigo e devoto de Krishna.

A pedido de Krishna, Uddhava havia ido a Vrindavan consolar os pastores e as gopis que estavam de coração na mão por causa da separação de seu amado Krishna.

O kathak disse:

Quando Uddhava chegou a Vrindavan, as gopis e os pastores correram ansiosamente para ele e perguntaram: “Como vai o nosso Krishna? Será que Ele nos esqueceu? Será que Ele ao menos fala de nós?” Assim falando, alguns começaram a chorar. Outros o acompanharam a diversos lugares em Vrindavan ainda cheios de doces recordações de Krishna. Disseram; “Foi aqui que Krishna levantou o Monte Govardhan e aqui Ele matou os demônios enviados pelo malvado Kamsha. Neste campo Ele apascentava Seu gado; aqui, nas margens do Jamuna, brincava com as

gopis.” Aqui Ele Se divertia com os pastores e aqui, nestes bosques, encontrava-se secretamente com as gopis.’ Uddhava disse-lhes: “Por que vocês estão tão tristes com a ausência de Krishna? Ele reside em todos os seres como seu Espírito. É o Próprio Deus e nada pode existir sem Deus”. “Mas”, disseram as gopis, “não compreendemos nada disso. Não sabemos ler nem escrever. Conhecemos somente o nosso Krishna de Vrindavan que se divertia conosco, de diversas maneiras aqui.” Uddhava disse: “Krishna é o Próprio Deus. Meditando n’Ele, o homem escapa do nascimento e morte no mundo e alcança liberação.” As gopis disseram: “Não entendemos grandes palavras como ‘liberação’. Desejamos ver o Krishna de nossos corações.”

O Mestre ouviu a história do *Bhagavata* com grande atenção e por fim disse: “Sim, as gopis tinham razão.”

Então cantou:

Apesar de Eu<sup>7</sup> jamais relutar em dar salvação.  
Na verdade hesito em dar puro amor.  
Aquele que possui puro amor supera tudo  
É adorado pelos homens  
E triunfa sobre o três mundos.

Ouçã Chandravali!<sup>8</sup> Vou-lhe falar sobre o amor.  
Mukti um homem pode obter, mas rara é bhakti.  
Somente por puro amor Eu me tornei  
Porteiro do rei Vali.  
Lá embaixo no seu reino do mundo inferior<sup>9</sup>.

Somente em Vrindavan pode-se encontrar puro amor  
Seu segredo só os gopas e as gopis conhecem.  
Só por puro amor moro na casa de Nanda.  
Considerando-o Meu pai.  
Levei seu fardo em Minha cabeça.

O Mestre disse ao kathak: “As gopis possuíam amor firme e devoção concentrada num único ideal. Conhece o significado da devoção que não é leal a um único ideal? É a devoção misturada com o conhecimento intelectual. Faz uma pessoa sentir: ‘Krishna tornou-Se tudo isto. Só Ele é o Supremo Brahman. Ele é Rama, Shiva e Shakti.’ Mas esse elemento de conhecimento não está presente no amor extático por Deus. Uma vez Hanuman veio a Dwaraka e desejava ver Sita e Rama. Krishna disse a Rukmini, Sua rainha: ‘É melhor assumir a forma de Sita; senão não há como escapar das mãos de Hanuman’<sup>10</sup>.

“Uma vez os irmãos Pandavas fizeram o sacrifício Rajasuya. Todos os reis colocaram Yudhisthira no trono real e inclinaram-se diante dele, mas Bibhishana, rei do Ceilão disse: ‘Só me inclino ante Narayana e ninguém mais.’ Em vista dessas palavras, Sri Krishna inclinou-se ante Yudhisthira. Só então Bibhishana prosternou-se com coroa e tudo, ante ele.

“Sabem como é a devoção a um ideal? É como a atitude da nora numa família. Serve a todos – cunhados, sogro, marido etc. – trazendo-lhes água para lavar os pés, apanhando suas toalhas, arrumando seus lugares e outras coisas, mas com seu marido possui um relacionamento especial.

“Há dois elementos no amor extático ‘eu’ e ‘meu’. Yashoda costumava pensar: ‘Quem vai cuidar de Gopala se eu não o fizer? Ficaré doente se eu não cuidar dele.’ Não considerava Krishna Deus. O outro elemento é o ‘meu’. Significa olhar Deus como ‘seu’- ‘meu Gopala’. Uddhava disse a Yashoda: ‘Mãe, seu Krishna é o Próprio Deus. É o Senhor do Universo e não, um ser humano comum.’ ‘Ó!’, exclamou Yashoda, não estou perguntando sobre o Senhor do Universo. Quero saber como o meu Gopala está, não, o Senhor do Universo, mas meu Gopala!

“Como as gopis eram fiéis a Krishna! Depois de muitas súplicas ao porteiro, entraram na corte real em Mathura, onde Krishna estava sentado no trono. O porteiro levou-as até Ele, mas ao verem o

<sup>7</sup> A canção representa as palavras de Krishna.

<sup>8</sup> Uma das gopis de Vrindavan.

<sup>9</sup> Alusão à história de Vali, narrada nos Puranas. Foi castigado pelo Senhor por sua caridade excessiva e condenado a governar no reino inferior, mas conseguiu do Senhor, a graça de que Ele seria Seu porteiro.

<sup>10</sup> Porque Rama e Sita eram os Ideais Escolhidos de Hanuman.

rei Krishna usando o turbante real, as gopis inclinaram-se e disseram entre si: ‘Quem é este homem com um turbante na cabeça? Será que estamos violando nosso amor casto por Krishna, conversando com ele? Onde está o nosso bem amado Krishna de roupa amarela e encantador topete com pena de pavão?’

“Observou o amor fiel das gopis por Krishna? O ideal de Vrindavan é ímpar. Soube que as pessoas de Dwaraka adoram Krishna, o companheiro de Arjuna, mas rejeitam Radha.”

Um devoto: “O que é melhor, puro amor ou amor entremeado com conhecimento?”

Mestre: “É impossível desenvolver amor extático a Deus a não ser que você o ame intensamente e o olhe como seu muito íntimo.

“Ouçam uma história. Uma vez três amigos foram por uma floresta, quando um tigre subitamente apareceu diante deles. ‘Irmãos’, um deles exclamou, ‘estamos perdidos!’ ‘Por que você diz isto?’, disse o segundo amigo. ‘Por que estamos perdidos? Venham, vamos orar a Deus.’ O terceiro amigo disse: ‘Não. Por que haveríamos de incomodar Deus? Vamos subir nesta árvore.’

‘O amigo que disse, ‘Estamos perdidos!’ não sabia que há um Deus que é nosso Protetor. O amigo que mandou os outros orarem a Deus era um jnani. Estava consciente de que Deus é o Criador, Preservador e Destruidor do mundo. O terceiro amigo, que não queria incomodar Deus com suas orações e que sugeriu que subissem na árvore, tinha amor a Deus. É característica deste amor, fazer com que uma pessoa se julgue mais forte do que seu Bem Amado. Ele está sempre atento para que seu Bem Amado não sofra. O único desejo de sua vida é fazer com que seu Bem Amado não seja espetado, nem por um espinho no pé.

Ram serviu ao Mestre e a seus devotos, doces deliciosos.

## CAPÍTULO XI

### COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR - (I)

*Segunda-feira, 4 de junho de 1883*

**M**AIS OU MENOS ÀS NOVE HORAS da manhã, os devotos começaram a chegar ao templo. Sri Ramakrishna estava sentado no pórtico do seu quarto, em frente ao Ganges. M., que havia passado a noite anterior com o Mestre, sentou-se junto dele. Balaram e outros devotos estavam presentes. Rakhhal, deitado no chão, descansava a cabeça no colo do Mestre. Nos últimos dias, o Mestre vinha considerando Rakhhal o Menino Krishna.

Vendo Trailokya<sup>1</sup> dirigindo-se ao templo de Kali, Sri Ramakrishna pediu a Rakhhal para se levantar. Trailokya inclinou-se ante o Mestre.

Mestre (*a Trailokya*): “Não houve ontem à noite a apresentação do yatra? <sup>2</sup>”

Trailokya: “Não senhor. Não pudemos arrumar tudo convenientemente.”

Mestre: “O que está feito, está feito, mas por favor, veja que isto não venha ocorrer novamente. As tradições do templo devem ser devidamente observadas.”

Trailokya respondeu de forma convincente e seguiu seu caminho. Depois de algum tempo Ram Chatterji, o sacerdote do templo de Vishnu, veio falar com Sri Ramakrishna.

Mestre: “Bem, Ram, falei com Trailokya que a apresentação do yatra não pode deixar de ser feita outra vez. Estava certo em dizer isto?”

Ram: “E daí, senhor? Claro que estava certo. As tradições devem ser mantidas.”

O Mestre pediu a Balaram para ficar para o almoço. Antes da refeição, Sri Ramakrishna descreveu os seus dias de intoxicação divina. Rakhhal, M. Ramlal e alguns devotos estavam presentes.

Mestre: “De vez em quando Hazra vem me ensinar. Diz-me: ‘Por que o senhor se preocupa tanto com os jovens?’ Um dia, indo de carruagem à casa de Balaram, senti-me muito perturbado com esse assunto. Disse à Mãe Divina: ‘Mãe, Hazra recriminou-me pelo fato de eu me preocupar com Narendra e outros jovens. Perguntou porque me esqueço de Deus e penso nesses jovens.’ Mal acabara de ter este pensamento, a Mãe Divina revelou-me que Ela Própria tinha Se tornado homem, mas que Ela Se manifesta com mais intensidade através de uma alma pura. Com esta visão entrei em samadhi. Depois fiquei zangado com Hazra. Disse a mim mesmo: ‘Aquele tolo fez-me sentir infeliz.’ Pensei: ‘Por que haveria eu de recriminar o pobre homem? Como ele poderia saber?’

“Eu sei que estes jovens são o Próprio Narayana. No primeiro encontro que tive com Narendra, achei-o completamente indiferente ao corpo. Ao tocar em seu peito, perdeu a consciência do mundo exterior. Retomando-a, Narendra disse: ‘Ó! O que o senhor fez comigo? Tenho pai e mãe em casa!’ O mesmo aconteceu na casa de Jadu Mallick. À medida que os dias se passavam ansiava cada vez mais, tornar a vê-lo. Meu coração anelava por ele. Nesta época disse a Bholanath <sup>3</sup>: ‘Por que me sinto assim? Há um rapaz chamado Narendra, da casta kayastha. Por que fico tão inquieto por ele?’ Bholanath disse: ‘O senhor encontrará resposta no Mahabharata. Descendo ao plano da consciência normal, um homem estabelecido em samadhi sente-se muito bem na companhia de pessoas sáttvicas. Sente paz de espírito à vista destas pessoas!’ Ao ouvir isto minha mente acalmou-se. De vez em quando sentava-me sozinho e chorava por ver Narendra.

“Ó por que estado mental passei! Ao ter pela primeira vez esta experiência, mal podia perceber as idas e vindas do dia ou noite. Diziam que eu estava louco. O que mais poderiam dizer? Casaram-me. Ainda estava num estado de embriaguez divina. A princípio preocupei-me com minha esposa. Logo compreendi que ela também comeria, beberia e viveria como eu.

“Visitei meu sogro. Organizaram um kirtan. Foi um grande festival religioso, cantando-se muito o nome de Deus. De vez em quando eu cogitava sobre o meu futuro. Dizia à Mãe Divina: ‘Mãe, consi-

<sup>1</sup> Filho de Mathur e neto da Rani Rasmani. Havia se tornado o proprietário do templo em 1871.

<sup>2</sup> Culto especial à Mãe Divina que tem lugar naquela noite, no templo de Kali. Em ocasiões semelhantes, nos anos anteriores, os proprietários do templo haviam organizado a apresentação do yatra.

<sup>3</sup> Funcionário do templo de Dakshineswar.

derarei minhas experiências espirituais reais se os proprietários de terra demonstrarem respeito por mim.’ Por iniciativa própria eles também vieram e conversaram comigo.

“Ó que estado era aquele! Até a menor sugestão acordava minha consciência espiritual. Adorei o ‘Belo’ numa mocinha de quatorze anos. Via que ela era a personificação da Mãe Divina. No final da adoração, inclinei-me ante ela e ofereci uma rupia a seus pés. Uma vez presenciei a representação de Ramila. Vi que os atores eram de fato Sita, Rama, Lakshmana, Hanuman e Bibhishana em pessoa. Então adorei os atores e atrizes que representaram esses papéis.

“Nesta época tinha o hábito de convidar moças para virem aqui e prestava-lhes adoração. Considerava-as a personificação da Própria Mãe Divina.

Um dia vi uma mulher de azul em pé, próximo à árvore bakul. Era uma prostituta, mas no mesmo instante, ela acendeu em mim, a visão de Sita. Esqueci a mulher. Via que era a Própria Sita indo ao encontro de Rama, depois de seu resgate por Ravana, no Ceilão. Durante muito tempo fiquei em samadhi, inconsciente do mundo exterior.

“Outro dia fui ao Maidan, em Calcutá, tomar ar fresco. Havia uma grande multidão para ver a subida de um balão. Subitamente vi um menino inglês encostado contra uma árvore. De pé, seu corpo estava inclinado em três posições. A visão de Krishna logo veio à minha mente. Entrei em samadhi.

“Uma vez em Sihore, alimentei os pastores. Pus doces em suas mãos. Vi que estes meninos eram verdadeiramente os pastores de Vrindavan e comi os doces que me deram.

“Naquela época eu ficava quase inconsciente do mundo exterior. Mathur Babu hospedou-se durante alguns dias, em sua mansão de Janbazar. Enquanto estive lá, considerava-me servidor da Mãe Divina. As senhoras da casa não se sentiam constrangidas em minha presença. Ficavam tão à vontade na minha presença como as mulheres sentem-se diante de um menino ou de uma menina. Eu costumava acompanhar a filha de Mathur até o quarto do marido, juntamente com a auxiliar.

“Mesmo agora a mínima coisa desperta em mim a Consciência de Deus. Rakhal tinha o hábito de repetir o nome de Deus à meia voz. Nestes momentos não podia me controlar. Tal acontecimento despertava minha consciência espiritual e sentia-me tomado por ela.”

Sri Ramakrishna continuou descrevendo as diferentes experiências que havia tido quando adorava a Mãe Divina como Seu servidor. Dizia, “Uma vez imitei uma cantora profissional para um cantor. Ele disse que minha representação tinha sido bastante correta e perguntou-me onde eu havia aprendido.” O Mestre repetiu a mímica para os devotos que caíram na risada.

Depois do almoço o Mestre descansou um pouco. Manilal Mallick, um velho membro do Brahma Samaj entrou no quarto e sentou-se depois de saudar o Mestre, que ainda estava deitado na cama. Manilal fazia-lhe perguntas de vez em quando e o Mestre ainda meio adormecido, respondia com uma ou duas palavras. Manilal disse que Shivanath admirava o estado espiritual de Nityagopal. O Mestre perguntou com uma voz sonolenta o que pensavam de Hazra.

Logo Sri Ramakrishna sentou-se na cama e falou a Manilal sobre a devoção a Deus de Bhavanath.

Mestre: “Ah! Em que estado exaltado ele se encontra! Mal começa a cantar a respeito de Deus e os olhos enchem-se de lágrimas. A simples visão de Harish entrava em êxtase. Disse que Harish tinha muita sorte. Fez este comentário porque Harish às vezes passava alguns dias aqui, longe de casa.”

Sri Ramakrishna perguntou a M.: “Bem, qual a causa da bhakti? Por que desperta o sentimento espiritual de jovens como Bhavanath?” M. permaneceu em silêncio.

Mestre: “Todos os homens parecem semelhantes por fora, mas alguns possuem recheios de ‘leite condensado’. Os bolos podem ter recheio de ‘leite condensado’ ou farinha de grão de bico, mas todos, externamente, parecem iguais. O desejo de conhecer Deus, amor a Ele e outras qualidades espirituais são o ‘leite condensado’.”

Sri Ramakrishna falou aos devotos de modo tranqüilizador.

Mestre (*a M.*): “Alguns pensam: ‘Ó, sou uma alma ligada. Jamais terei conhecimento e devoção’, mas se alguém recebe a graça do guru, não tem nada a temer. Uma vez uma tigresa atacou um bando de cabras. Logo que soltou sua presa, deu à luz a um filhote e morreu. Crescendo na companhia das cabras que comiam capim, o tigrezinho seguia seu exemplo. Elas baliavam, ele também. Com o tempo, tornou-se um grande tigre. Certa vez outro tigre atacou o mesmo rebanho. Ficou impressionado ao ver o tigre comendo capim. Correu atrás dele, até que por fim, o tigre selvagem o agarrou. Então o tigre que comia capim começou a balir. O tigre selvagem arrastou-o até a água e disse-lhe: ‘Olhe sua cara na água. É igual à minha. Aqui tem um pouco de carne. Coma-a.’ Dizendo isto, pôs carne em sua boca, mas o tigre que comia capim não podia engoli-la e começou a balir de novo. Gradualmente,

porém, começou a sentir o gosto do sangue e acabou por saborear a carne. Então o tigre selvagem disse-lhe: ‘Veja, não há diferença entre mim e você. Venha e siga-me até a floresta.’

“Assim não há qualquer medo quando a graça do guru desce sobre alguém. Ele lhe mostrará quem você é e qual a sua natureza real.

“Se o devoto pratica um pouco de disciplina espiritual, o guru lhe explicará tudo. Então o discípulo compreende por si mesmo o que é real e o que é irreal. Só Deus é real e o mundo ilusório.

“Uma noite, um pescador foi a um jardim e jogou sua rede no lago a fim de roubar os peixes. O proprietário ouviu o barulho e cercou-o com seus empregados. Trouxeram tochas e começaram a procurá-lo. Nesse meio tempo o pescador cobriu-se de cinzas, sentou-se debaixo de uma árvore, fingindo ser um santo. O proprietário com seus homens procuraram muito, mas não puderam encontrar o ladrão. Tudo o que viram foi um homem santo coberto de cinzas, meditando debaixo de uma árvore. No dia seguinte, espalhou-se pelas redondezas que um grande sábio estava no jardim. As pessoas juntaram-se e saudaram-no com oferendas de frutas, flores e doces. Muitos também ofereceram moedas de prata e cobre. ‘Que estranho!’ pensou o pescador. ‘Não sou um verdadeiro santo, mas as pessoas mesmo assim, mostram-me grande devoção. Certamente realizarei Deus se me tornar um verdadeiro sadhu. Não há dúvida a esse respeito.’

“Se uma simples simulação da vida religiosa pode ocasionar um tal despertar espiritual, imagine o efeito de uma prática verdadeira! Naquele estado você certamente realizará o que é real e o que é irreal. Só Deus é real e o mundo, ilusório.”

Um dos devotos disse a si mesmo: “É o mundo irreal, então? O pescador, para ser exato, renunciou à vida mundana. O que acontecerá com aqueles que vivem no mundo? Devem também renunciar a ele?” Sri Ramakrishna que podia ler o mais escondido dos pensamentos, disse com muita ternura, “Suponhamos que um escriturário seja mandado para a prisão. Sem dúvida levará uma vida de prisioneiro, mas quando for solto, vai dar cambalhotas na rua? Não, certamente que não. Conseguirá um emprego novo e continuará trabalhando como antes. Mesmo depois de ter alcançado o Conhecimento pela graça do guru, pode-se viver muito bem no mundo como jivanmukha.” Assim Sri Ramakrishna tranquilizou aqueles que viviam como chefes de família.

Manilal: “Senhor, onde meditarei em Deus quando fizer minha prática diária?”

Mestre: “Ora! O coração é excelente. Medite em Deus aí!”

Manilal, membro do Brahma Samaj, acreditava em Deus sem forma. Dirigindo-se a ele, o Mestre disse: “Kabir costumava dizer, ‘Deus com forma é minha Mãe, Deus sem forma é meu Pai. A quem devo recriminar? A quem devo adorar? Os dois pratos da balança são iguais.’ Durante o dia Haladhari tinha o hábito de meditar em Deus com forma e à noite, em Deus sem forma. Qualquer atitude que adote, certamente realizará Deus, se tiver uma fé firme. Você pode crer em Deus com forma ou em Deus sem forma, mas sua fé deve ser sincera e de todo o coração. Sambhu Mallick tinha o hábito de vir a pé de Baghazar até sua casa em Dakshineswar. Um dia um amigo lhe disse: ‘É muito arriscado andar uma distância tão grande. Por que não vai de carruagem?’ A isto o rosto de Samdhu ficou vermelho e exclamou: ‘Ponho-me a caminho, repetindo o nome de Deus! Que mal pode me acontecer?’ Pela fé obtém-se tudo. Eu costumava dizer: ‘Aceitarei tudo isto <sup>4</sup> como verdadeiro se encontrar uma determinada pessoa ou um certo funcionário do templo falar comigo.’ O que eu pensava invariavelmente acontecia.”

M. havia estudado lógica inglesa. No capítulo sobre sofismas, havia lido que somente pessoas supersticiosas acreditavam na coincidência dos sonhos matutinos com os acontecimentos reais. Por isto perguntou ao Mestre: “Já houve alguma exceção?”

Mestre: “Não, naquela época tudo acontecia assim. Eu repetia o nome de Deus e acreditava que uma coisa iria acontecer e invariavelmente acontecia. (A *Manilal*) Mas você tem que se lembrar de que a não ser que uma pessoa seja pura e de mente aberta, não poderá ter esta fé. Pessoas muito magras, de olhos encovados, vesgo – pessoas com essas características, não podem adquirir fé facilmente. O que uma pessoa pode fazer se há maus presságios por todos os lados?”

Era o entardecer. A auxiliar entrou no quarto e queimou incenso. Manilal e alguns devotos partiram para Calcutá. M. e Rakhil estavam no quarto. O Mestre sentou-se no divã pequeno, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. Reinava um completo silêncio.

Depois de um certo tempo Bhagavati, uma velha empregada do proprietário do templo, entrou no aposento e saudou o Mestre a uma certa distância. Sri Ramakrishna mandou-a sentar-se. Ele conhe-

<sup>4</sup> Suas experiências espirituais.

cia-a há muitos anos. Em sua mocidade havia levado uma vida imoral, mas a compaixão do Mestre era grande. Logo começou a conversar com ela.

Mestre: “Agora você já tem idade. Tem alimentado os vaishnavas e santos, gastando, de uma forma nobre, o seu dinheiro?”

Bhagavati: (*sorrindo*): “Como posso dizer isto?”<sup>5</sup> “

Mestre: “Você esteve em Vrindavan, Benares e outros lugares sagrados?”

Bhagavati (*timidamente*): “Como assim? - Mandei construir um lugar de banhos e meu nome está escrito numa placa.”

Mestre: “Verdade!”

“Bhagavati: “Sim, senhor. Meu nome, ‘Srimati Bhagavati Dasi’ está escrito ali.”

Mestre (*com um sorriso*): “Ó, que bom!”

Animada pelas palavras do Mestre, Bhagavati aproximou-se e saudou-o, tocando-lhe os pés. Como uma pessoa picada por um escorpião, Sri Ramakrishna ficou de pé e gritou: “Govinda! Govinda!” Um grande jarro de água do Ganges estava no canto do aposento. Correu para lá, ofegante e lavou com a água santa, o lugar que a empregada havia tocado. Os devotos ficaram admirados com este incidente. Bhagavati caiu sentada, como ferida de morte.

Sri Ramakrishna consolou-a e falou-lhe com muita bondade: “Você deve saudar-me de longe.” A fim de tirar todo seu constrangimento, o Mestre disse-lhe afetuosamente: “Ouça algumas canções.”

Cantou sobre a Mãe Divina:

A abelha negra de minha mente é atraída em pura alegria  
Para a flor de lótus azul dos pés de Mãe Shyama ...

Então ele cantou:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente estava voando como uma pipa,  
Quando chegou uma rajada de vento forte de pecado que a levou rapidamente para a terra. ...

De novo:

More, Ó mente, dentro de si mesma,  
Não entre na casa de ninguém  
Se você apenas procura ali, encontrará  
Tudo o que está buscando.

Deus, a verdadeira Pedra Filosofal  
Que responde a toda pergunta,  
Jaz escondida no fundo do seu coração.  
A pedra mais rica de todas.

Quantas pérolas e pedras preciosas  
Estão espalhadas pela  
Sala que precede  
A câmara do seu coração!

*Terça-feira, 5 de junho de 1883*

Rakhal e Hazra havia ficado com o Mestre no templo de Dakshineswar. M., também, estava ali desde o domingo anterior. Como era dia de semana, havia somente alguns devotos no aposento. Em geral as pessoas reuniam-se em grande número, nos domingos e feriados.

Era tarde. Sri Ramakrishna contava aos devotos as suas experiências durante seu estado de embriaguez divina.

Mestre (*a M*): “Ó, por que estado passei! Naquela época não comia aqui. Ia à casa de um brahmin na vila ou em Baranagore ou em Ariadaha. Geralmente passava da hora das refeições. Eu apenas sentava-me lá, sem dizer uma palavra. Se as pessoas da casa me perguntavam porque eu estava aí, simplesmente respondia: ‘Quero qualquer coisa para comer.’ De vez em quando ia, naturalmente sem ser convidado, à casa de Ram Chatterji em Alambazar ou à dos Choudhurys em Dakshineswar, mas não gostava da comida da casa de Choudhury.

<sup>5</sup> Ela quis dizer “sim”. Na Índia é hábito não mencionar os próprios atos meritórios.

“Um dia com insistência, pedi a Mathur para me levar à casa de Devendra Tagore. Disse: ‘Devendra canta o nome de Deus. Quero vê-lo. Pode levar-me até lá?’ Mathur Babu era um homem muito orgulhoso, portanto, como se podia esperar que fosse à casa de alguém sem ser convidado? A princípio hesitou, mas depois, disse: ‘Está bem. Devendra e eu fomos colegas de colégio. Vou levá-lo até sua casa.’

“Outro dia soube de um homem bom chamado Dina Mukherji, que morava em Baghbazar, perto da ponte. Era um devoto. Pedi a Mathur para levar-me lá. Como insistisse, levou-me de carruagem até a casa de Dina. Era um lugar pequeno. A chegada de um homem rico, numa grande carruagem, fez as pessoas do lugar ficarem constrangidas. Nós também ficamos. Naquele dia o filho de Dina havia sido investido com o cordão sagrado. A casa estava lotada de gente e mal havia lugar para que Dina nos recebesse. Íamos entrar num aposento lateral, quando alguém gritou: ‘Por favor, não entrem. Há senhoras aí.’ Era realmente uma situação embaraçosa. Ao voltar, Mathur Babu disse: ‘Pai, nunca mais vou dar-lhe ouvido.’ Dei uma risada.

“Ó, por que estado passei! Uma vez Kumar Singh deu uma festa para os sadhus e também, convidou-me. Encontrei aí muitas pessoas. Quando sentei-me para comer, vários sadhus fizeram perguntas sobre minha pessoa. Imediatamente senti vontade de deixá-los e sentar-me sozinho. Imaginava porque eles deveriam preocupar-se com isto. Os sadhus tomaram seus assentos. Comecei a comer antes deles. Ouvi vários dizerem: ‘Ó, que tipo de homem é esse?’ ”

Eram cerca de cinco horas da tarde. Sri Ramakrishna estava sentado no degrau da varanda. Hazra, Rakhai e M. estavam perto dele. Hazra assumira a atitude de um vedantista: “Eu sou Ele.”

Mestre (*a Hazra*): “Sim, toda dúvida de uma pessoa termina no momento em que ela compreende que é Deus quem Se manifesta como ateu e crente, bom e mau, real e irreal; é Ele quem está presente no estado de vigília e no sono e é Ele quem está além de tudo.

“ Havia um fazendeiro que tinha um filho que havia nascido quando ele já estava em idade avançada. À medida que a criança crescia, seus pais amavam-na cada vez mais. Um dia o fazendeiro saiu para trabalhar em seus campos, quando um vizinho disse-lhe que seu filho estava seriamente doente – realmente prestes a morrer. Ao regressar para casa, encontrou o menino morto. A esposa chorou amargamente, mas os olhos do fazendeiro permaneceram secos. Com muita tristeza ela disse aos vizinhos: ‘Seu filho morreu e ele nem derramou uma lágrima!’ Depois de muito tempo o fazendeiro disse à esposa: ‘Você sabe por que não estou chorando? Na noite passada sonhei que era um rei e pai de sete príncipes. Esses príncipes, além de belos, eram virtuosos. Eram altos e haviam adquirido conhecimento e sabedoria em diversas artes. Subitamente acordei. Agora estou pensando se devo chorar por esses sete príncipes ou por esse menino!’ Para os jnanis o estado de vigília não é mais real do que aquele dos sonhos.

“Só Deus é O que faz. Tudo acontece por Sua vontade.”

Hazra: “Mas é muito difícil compreender isso. Tome o caso do sadhu de Bhukailas. Como as pessoas o torturaram e por fim, o mataram! Elas o haviam encontrado em samadhi. Primeiro o enterraram, depois o puseram debaixo d’água e por fim, o marcaram com ferro quente. Assim o trouxeram à consciência do mundo, mas finalmente o sadhu morreu em consequência dessas torturas. Indubitavelmente ele sofreu nas mãos dos homens, embora como dizem, tenha morrido por vontade de Deus.”

Mestre: “O homem tem que colher o fruto do seu karma, mas no que diz respeito à morte daquele homem santo, isto ocorreu pela vontade de Deus. Os kavirajs preparam makadhvaja<sup>6</sup> numa garrafa. A garrafa é coberta com argila e aquecida ao fogo. O ouro no interior da garrafa derrete-se e combina-se com os outros produtos e o remédio está pronto. Os médicos quebram a garrafa com cuidado e retiram o remédio. Quando o remédio estiver pronto, que diferença faz se a garrafa for preservada ou quebrada? Assim, muitos pensam que o santo está morto, mas talvez o seu estado interior já estivesse preparado. Depois da realização de Deus, qual a diferença se um corpo vive ou morre?”

“O sadhu de Bhukailas estava em samadhi. Há muitas formas de samadhi. Minhas próprias experiências espirituais estão de acordo com as palavras que ouvi de um sadhu de Hrishikesh. Às vezes sinto a subida da corrente espiritual dentro de mim, como se fosse o andar de uma formiga. Às vezes parece como o movimento de um macaco pulando de galho em galho. Também, às vezes é como se fosse um peixe nadando na água. Somente aquele que tem essa experiência sabe como é. Em samadhi esquece-se o mundo. Quando a mente desce um pouco, digo à Mãe Divina: ‘Mãe, cure-me disso. Quero falar com as pessoas.’

<sup>6</sup> Um remédio indiano feito de mercúrio e enxofre e em cuja preparação o ouro funciona como agente catalizador.

“Somente os Isvarakotis podem voltar ao plano da consciência relativa depois do samadhi. Alguns homens comuns alcançam o samadhi através da disciplina espiritual, mas não voltam, porém, quando o Próprio Deus nasce como homem, como Encarnação Divina, tendo a chave da liberação dos outros, para o bem da humanidade, volta do samadhi à consciência do mundo.”

“M. (*para si mesmo*): “Por acaso o Mestre tem em suas mãos a chave para a liberação do homem?”

Hazra: “A única coisa necessária é agradecer a Deus. Que importa se uma Encarnação de Deus existe ou não?”

Era dia de lua nova. A noite lentamente desceu e uma densa escuridão envolveu as árvores e os templos. Algumas luzes brilhavam aqui e ali no templo. O céu escuro refletia-se nas águas do Ganges.

O Mestre foi para a varanda sul do seu quarto. Um ânimo espiritual era o estado natural de sua mente. A noite escura de lua nova, juntamente com a pele negra de Kali, a Mãe Divina, intensificava sua exaltação espiritual. De vez em quando repetia “Om” e o nome de Kali. Deitou-se numa esteira e sussurrou para M.

Mestre: :Sim, Deus pode ser visto. X – teve a visão de Deus, mas não diga isto a ninguém. Diga-me, de que você gosta mais, Deus com forma ou a Realidade sem forma?”

M.: “Senhor, hoje gosto de pensar em Deus sem forma, mas também começo a compreender que é somente Deus que Se manifesta através de diferentes formas.”

Mestre: “Você pode me levar algum dia desses, de carruagem, à casa de Mati Seal em Belgharia? Quando se joga arroz empapado no lago, os peixes vêm à superfície para comê-lo. Ah! Fico tão alegre ao vê-los brincar na água. Isto também fará despertar a sua consciência espiritual. Sentirá como se os peixes da alma humana estivessem brincando no Oceano de Satchidananda. Também entro em êxtase quando me encontro num grande campo. É como sentir-me um peixe livre de um aquário e atirado num lago.

“A disciplina espiritual é necessária para se ver Deus. Tive que passar por uma disciplina muito severa. Quantas austeridades pratiquei sob a árvore bel! Ficava sob ela, chorando para a Mãe Divina: ‘Ó Mãe, revela-Te a mim.’ As lágrimas caíam profusamente e ensopavam meu corpo.”

M. : “O senhor praticou tantas austeridades, mas as pessoas esperam realizar Deus de uma hora para outra! Pode uma pessoa construir um muro simplesmente movendo o dedo em torno da casa?”

Mestre (*com um sorriso*): “Amrita diz que um homem acende uma fogueira e que dez aquecem-se nela. Vou contar-lhe algo mais. É bom ficar no plano de Lila depois de ter atingido Nitya.”

M.: “Um dia o senhor disse que uma pessoa desce ao plano da Lila para gozar o jogo divino.”

Mestre: “Não, não é bem assim. A Lila também é real.

“Deixe-me dizer algo. Sempre que vocês vierem aqui, tragam qualquer coisa<sup>7</sup>. Talvez eu não deveria dizer isso: pode parecer egoísmo. Eu também disse a Adhar Sen que deveria trazer algo de pouco valor. Pedi a Bhavanath para trazer uma folha de betel. Reparou na devoção de Bhavanath? Narendra e ele parecem homem e mulher. Ele é devotado a Narendra. Traga Narendra aqui com você de carruagem e também, alguns doces. Isso lhe fará bem.

“Conhecimento e amor – ambos são caminhos que levam a Deus. Aqueles que seguem o caminho do amor têm que observar um pouco mais de pureza exterior, mas a transgressão por uma pessoa que segue o caminho do conhecimento não pode fazer mal porque é destruída no fogo do conhecimento. Mesmo uma bananeira é reduzida a cinzas quando atirada numa fogueira ardente.

“Os jnanis seguem o caminho da discriminação. Às vezes ao discriminar entre o Real e o irreal um homem perde a fé na existência de Deus, mas um devoto que anseia sinceramente por Deus, não desiste de sua meditação, mesmo quando tomado por idéias ateístas. Um homem cujo pai e avô foram fazendeiros, continua seu trabalho na plantação, mesmo que perca toda a colheita num ano de seca.”

Deitado numa esteira e descansando a cabeça num travesseiro, Sri Ramakrishna continuou. Disse a M.: “Minhas pernas estão doendo. Por favor massageia-as delicadamente.” Assim, por sua infinita compaixão, o Mestre permitiu a seu discípulo, prestar-lhe um serviço pessoal.

*8 de junho de 1883*

Era um dia de verão. O serviço religioso da tarde, no templo de Kali havia terminado. Sri Ramakrishna estava ante a imagem da Mãe Divina e abanou-a durante alguns minutos.

<sup>7</sup> As escrituras hindus mandam que um chefe de família visite um santo com presentes adequados.

Ram, Kedar, Chartterji e Tarak chegaram de Calcutá com flores e doces. Kedar tinha aproximadamente cinqüenta anos. Havia freqüentado o Brahma Samaj e outras seitas religiosas em sua busca de Deus, mas mais tarde, aceitou o Mestre como seu guia espiritual. Era contador numa repartição do governo e vivia num subúrbio de Calcutá.

Tarak era um jovem de vinte e quatro anos. Sua esposa havia falecido, pouco tempo depois do casamento. Era natural da vila de Barasat, não longe de Calcutá. Seu pai, alma altamente espiritualizada, havia visitado Sri Ramakrishna muitas vezes. Tarak freqüentemente ia para a casa de Ram e tinha o hábito de ir a Dakshineswar na companhia de Ram e Nityagopal. Trabalhava num escritório, mas sua atitude em relação ao mundo era de total indiferença.

Assim que Sri Ramakrishna saiu do templo, viu Ram, Kedar, M., Tarak e outros devotos em pé, do lado de fora. Mostrou sua afeição a Tarak ao tocar-lhe o queixo. Ficava muito feliz ao vê-lo.

Voltando para ao quarto, o Mestre sentou-se no chão em êxtase, com as pernas esticadas. Ram e Kedar enfeitaram seus pés com flores e grinaldas. O Mestre entrou em samadhi.

Kedar acreditava em certas práticas estranhas de uma seita religiosa a qual havia pertencido no passado. Segurou o dedo grande do pé do Mestre, pensando que assim seu poder espiritual lhe seria transmitido. Sri Ramakrishna ao recobrar parte da consciência falou: “Mãe, o que ele pode fazer para mim, segurando meu dedo?” Kedar sentou-se humildemente com as mãos postas. Ainda em êxtase, o Mestre disse-lhe: “Sua mente ainda tem atração por ‘mulher e ouro’. O que adianta dizer que não se importa com isso? Vá em frente. Além da floresta de sândalo, há muitas outras coisas: minas de prata, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Tendo tido o vislumbre de espiritualidade, não creia que tenha atingido tudo.” Novamente o Mestre entrou em êxtase, Disse à Mãe Divina: “Mãe, retire-o daqui.” A estas palavras a garganta de Kedar ficou seca. Num tom assustado disse a Ram: “O que o Mestre está dizendo?”

À vista de Rakhal, Sri Ramakrishna novamente entrou em êxtase. Disse a seu amado discípulo: “Estou aqui há vários dias. Quando você vai chegar?”

Estava o Mestre insinuando que ele era uma Encarnação de Deus e Rakhal seu companheiro divino, um membro do círculo íntimo de devotos?

*Domingo, 10 de junho de 1883*

O Mestre estava sentado em seu aposento com Rakhal, M., Latu, Kishore, Ramlal, Hazra e outros devotos. Eram mais ou menos dez horas da manhã.

Descrevendo seu passado, Sri Ramakrishna disse-lhes: “Na minha juventude, tanto os homens quanto as mulheres de Kamarpukur estimavam-me. Gostavam de me ouvir cantar. Podia imitar os gestos e maneiras de falar dos outros e costumava entretê-los assim. As mulheres guardavam comida para mim. Todos confiavam em mim. Todos consideravam-me um membro de sua família.

“Mas eu era como um pombo feliz e costumava ir somente na casa de pessoas felizes. Fugia de lugares onde havia miséria e sofrimento.

“Um ou dois rapazes da vila eram meus amigos muito chegados. Era íntimo de alguns deles, mas agora estão completamente submersos no mundanismo. Poucos entre eles visitam-me e dizem: ‘Meu Deus! Ele parece ser ainda o mesmo do tempo de colégio!’ Quando era estudante no colégio, a aritmética causava-me confusão na cabeça, mas podia pintar muito bem e modelar pequenas estátuas das divindades.

“Gostava de ir aos lugares onde se dava comida grátis aos santos e pobres e os observava durante horas.

“Gostava de ouvir a leitura dos livros sagrados como *Ramayana* e *Bhagavata*. Se os leitores possuíam alguns trejeitos, poderia imitá-los, divertindo os outros com minha mímica.

“Eu compreendia o comportamento das mulheres muito bem e imitava suas palavras e entonações. Podia facilmente reconhecer as de vida livre. Viúvas sem moral partem o cabelo ao meio e cuidam da aparência com muito zelo. Têm pouca modéstia. É tão diferente a maneira como se sentam! Mas não vamos mais falar de coisas mundanas.”

O Mestre pediu a Ramlal para cantar, o que ele fez:

Quem é esta terrível Mulher escura, como o céu à meia-noite?  
Quem é esta Mulher dançando no campo de batalha?  
Como um lótus azul que flutua no vermelho mar de sangue>  
Quem é Ela, vestida apenas do Infinito?

Virando Seus três olhos num frenesi e fúria selvagem?  
Sob o peso de Seus passos a própria terra treme!  
Shiva, Seu poderoso marido, que brame o terrível tridente  
Jaz como um cadáver sob Seus pés conquistadores.

A canção seguinte descreveu a tristeza de Mandodari por ocasião da morte de seu marido, Ravana. Enquanto ouvia, o Mestre derramou lágrimas de pesar, dizendo: “Um dia, quando entrei no bosque de pinheiros, ouvi os barqueiros no Ganges cantando aquela canção e chorei amargamente por um longo tempo. Tiveram que me trazer de volta para o quarto.”

Ramlal cantou a respeito do amor das gopis por Sri Krishna. Akrura estava prestes a levar Sri Krishna de carruagem, de Vrindavan até Mathura, As gopis não o deixavam ir. Algumas seguraram as rodas do carro, outras deitaram-se em frente dele. Culpavam Akrura, sem saber que Sri Krishna as estava deixando por Sua livre vontade. Akrura explicou isto às gopis:

Ramlal cantou:

Não segurem, não segurem as rodas da carruagem!  
São as rodas que a movem?  
Aquele que move as rodas é Krishna  
Por cuja vontade os mundos se movem . . .

A respeito das gopis, o Mestre disse: “Que amor profundo, que devoção tinham por Krishna! Radha pintou o retrato de Sri Krishna com suas próprias mãos, mas não pintou as pernas, com medo que Ele fugisse para Mathura! Em minha infância eu tinha o hábito de cantar estas canções, com bastante frequência. Podia reproduzir o drama inteiro de memória.”

Depois da refeição, Sri Ramakrishna sentou-se no divã. Ainda não tinha tido tempo para descansar. Os devotos começaram a se reunir. Uns chegaram de Manirampur, outros de Belgharia. Alguns disseram-lhe: “Perturbamos seu descanso.”

Mestre: “Ó não! O que vocês dizem aplica-se somente a um homem rajásico. Sobre ele, as pessoas falam: ‘Ah! Agora ele vai desfrutar seu sono.’ ”

Os devotos de Manirampur perguntaram ao Mestre como se realiza Deus.

Mestre: “Vocês devem praticar um pouco de disciplina espiritual. Não basta dizer que o leite contém manteiga. Tem-se que deixá-lo virar coalho para em seguida, batê-lo. Só então, pode-se fazer manteiga. Os aspirantes espirituais devem retirar-se de vez em quando, para a solidão. Depois de terem alcançado o amor de Deus na solidão, podem viver no mundo. Se uma pessoa usa sapatos, pode facilmente andar sobre espinhos.

“O mais importante é a fé.

Como é a meditação de uma pessoa, assim é o seu sentimento de amor;  
Como é o sentimento de amor, assim é o seu ganho;  
E a fé é a raiz de tudo.

Se uma pessoa tem fé, nada há a temer.”

Um devoto: “Senhor, é necessário ter-se um guru?”

Mestre: “Sim, muitos necessitam de um guru, mas deve-se ter fé nas palavras do guru. Tem êxito na vida espiritual se considerar seu Guru como o Próprio Deus. Por esta razão, os vaishnavas falam de Guru, Krishna e vaishnava<sup>8</sup>.

“Uma pessoa necessita freqüentemente do nome de Deus. O nome de Deus é altamente eficaz no Kaliyuga. A prática da yoga não é possível nesta época, porque a vida de um homem depende da comida. Bata palmas ao repetir o nome de Deus e os pássaros de seus pecados voarão.

“Deve-se sempre procurar a companhia dos homens santos. Quanto mais próximo se estiver do Ganges, mais fresca será a brisa. Assim também, quanto mais próximo estiver de um fogo, mais quente ficará o ar.

“Mas não se pode alcançar nada com preguiça e delonga. As pessoas que querem desfrutar do mundo dizem a respeito do progresso espiritual: ‘Bem, acontecerá no seu devido tempo. Realizaremos Deus algum dia.’

<sup>8</sup> O Mestre queria dizer que o Guru, Krishna e vaishnava deviam igualmente ser reverenciados. Deve-se honrar o vaishnava porque Deus mora em seu coração.

“Eu disse a Keshab Sen: ‘Quando um pai vê que o filho está impaciente por sua herança, dá-lhe sua parte na propriedade, mesmo três anos antes do tempo legal. A mãe cozinha enquanto o bebê fica no berço, chupando o brinquedo, mas quando ele deixa de lado o brinquedo, joga-o ao chão e grita por ela, a mãe deixa a panela de arroz e tomando-o em seus braços, embala-o.’ Disse tudo isso a Keshab.

“Está dito que no Kaliyuga, se alguém chorar por Deus um dia e uma noite, certamente O verá.

“Fiquei ressentido com Deus e disse-Lhe: ‘O Senhor me criou. Agora tem que Se revelar a mim.’ Se você viver no mundo ou em qualquer outro lugar, tenha sempre a mente fixa em Deus. A mente mergulhada no mundanismo pode ser comparada a um fósforo molhado. Não conseguirá acendê-lo por mais que o risque. Ekalavya colocou a imagem de barro de Drona, seu mestre, à sua frente e assim, aprendeu a manejar o arco e a flecha<sup>9</sup>.

“Vá em frente. O lenhador, seguindo as instruções de um santo, foi em frente e descobriu na floresta, árvores de sândalo e minas de prata e ouro: indo mais longe, encontrou diamantes e outras pedras preciosas.

“Os ignorantes são como pessoas que vivem numa casa de paredes de tijolos. Há muito pouca luz no interior e não se pode ver absolutamente nada do lado de fora, mas aqueles que entram no mundo, depois de atingir o Conhecimento de Deus, são como pessoas que vivem numa casa feita de vidro. Para eles tanto o exterior, como o interior, são claros. Podem ver as coisas de fora tão bem, como as de dentro.

“Nada existe a não ser o Uno. O Uno é o Brahman Supremo. Enquanto Ele conserva o ‘eu’ em nós, Ele nos revela que é Ele que, como Energia Primordial, cria, preserva e destrói o universo.

“Aquele que é Brahman é também, a Energia Primordial. Uma vez um rei pediu a um yogi para lhe transmitir Conhecimento com apenas uma palavra. O yogi disse: ‘Está bem, o senhor terá o Conhecimento com uma palavra.’ Depois de algum tempo, o mágico veio até o rei e mexendo dois de seu dedos, rapidamente exclamou: ‘Olhe, Ó rei Olhe!’ O rei olhou para ele, muito surpreso, quando após uns poucos minutos, viu o dois dedos tornando-se um. O mágico moveu esse único dedo rapidamente e disse: ‘Olhe, Ó rei! Olhe!’. A conclusão da história é que Brahman e a Energia Primordial a princípio parecem ser dois, mas depois de atingir o Conhecimento de Brahman, a pessoa não mais vê dois. Então, não há diferença: é o Uno sem segundo – Advaita-não-dualidade.”

O Mestre ficou contente ao ver o músico que havia chegado com o devotos de Belgharia. Algum tempo antes, Sri Ramakrishna havia entrado em êxtase ao ouvir a música devocional. A pedido do Mestre, o músico cantou algumas canções, uma das quais descrevia o despertar da Kundalini e dos seis centros:

Desperta, Mãe! Desperta! A quanto tempo Tu estás dormindo  
No lótus do Muladhara!  
Cumpre Tua função secreta, Mãe:  
Sobe até o lótus de mil pétalas dentro da cabeça.  
Onde o poderoso Shiva tem Sua morada.  
Rapidamente penetra os seis lótus  
E retira minha tribulação, Ó Essência de Consciência!

Mestre: “A canção fala da passagem da Kundalini através dos seis centros. Deus está tanto dentro como fora. No interior Ele cria os diversos estados mentais. Depois de ter passado pelos seis centros, o jiva vai além do domínio de maya e une-se à Alma Suprema. Esta é a visão de Deus.

“Não se pode ver Deus a não ser que maya saia da porta. Rama, Lakshmana e Sita estavam caminhando juntos. Rama ia na frente, Sita no meio e Lakshmana os seguia, mas Lakshmana não podia ver Rama porque Sita interpunha-se entre eles. Do mesmo modo, uma pessoa não pode ver Deus porque maya está no meio. (*A Mani Mallick*) Mas maya se afasta da porta quando Deus concede Sua graça ao devoto. Quando o visitante fica de pé defronte da porta, o porteiro diz ao patrão: ‘Senhor, dê-nos ordem e nós o deixaremos passar.’

<sup>9</sup> Esta história é narrada no *Mahabharata*. Drona recusou-se a ensinar a arte de manejar o arco e a flecha a Ekalavya, porque este último pertencia a uma casta inferior. Por conseguinte, Ekalavya foi para a floresta e treinou diante da imagem de barro de Drona, a quem considerava seu mestre. Ao longo do tempo, tornou-se um exímio arqueiro. Quando Drona descobriu que ele havia ultrapassado o próprio Arjuna, seu discípulo muito amado, nessa arte, pediu a Ekalavya para lhe dar seu polegar como taxa de instrutor. Ao obedecê-lo, Ekalavya demonstrou seu espírito de sacrifício e também, amor ao mestre.

“Há duas escolas de pensamento: Vedanta e Puranas. Segundo a Vedanta, o mundo é uma ‘estrutura de ilusão’, isto é, tudo é ilusório como um sonho, mas segundo os Puranas, livros de devoção, o Próprio Deus tornou-Se os vinte quatro princípios cósmicos. Adore Deus interior e exteriormente.

“Enquanto Deus mantém a consciência do ‘eu’ em nós, os objetos dos sentidos existem e não podemos falar do mundo como sendo um sonho. Há fogo no fogão, portanto, o arroz, os grãos, as batatas e outros vegetais pulam na panela. Pulam como se dissessem: ‘Estamos aqui! Estamos pulando!’ Este corpo é a panela. A mente e a inteligência são a água. Os objetos dos sentidos são o arroz, as batatas e outros vegetais. A consciência do ‘eu’ identificada como os sentidos diz: ‘Estou pulando’. Sat-chidananda é o fogo.

“Em consequência as escrituras bhakti descrevem este mundo como uma ‘mansão de alegria’. Ramprasad cantou em uma das canções. ‘Este mundo é uma estrutura de ilusão.’ Um outro devoto deu a resposta: ‘Este mundo é uma mansão de alegria.’ Como diz o ditado: ‘O devoto de Kali, livre enquanto vive, está pleno de Bem-aventurança Eterna.’ O bhakta vê que Aquele que é Deus, também tornou-Se maya. Assim também, Ele Próprio tornou-Se o universo e todos os seres vivos. O bhakta vê Deus, maya, o universo e os seres vivos como um. Alguns devotos vêem tudo como Rama; é apenas Rama que Se tornou tudo. Alguns vêem tudo como Radha e Krishna. Para eles é apenas Krishna quem Se tornou os vinte e quatro princípios cósmicos. É como ver tudo verde através de óculos verdes.

“Mas as escrituras bhakti admitem que as manifestações de Poder são diferentes em seres diferentes. É Rama que Se tornou tudo, sem dúvida, mas Ele Se manifesta mais em alguns do que em outros. Há um tipo de manifestação de Rama na Encarnação de Deus, e outro, nos homens. Até as Encarnações estão conscientes do corpo. A Encarnação é devida à maya. Rama chorou por Sita, mas a Encarnação de Deus colocou uma venda nos Seus olhos por Sua própria vontade, como as crianças brincando de ‘cabra-cega’. As crianças param de brincar quando a mãe as chama. É muito diferente, contudo, com o homem comum. O pano com que seus olhos são vendados, estão presos nas suas costas com parafusos, por assim dizer. Há oito grilhões: ódio, medo, casta, linhagem, boa conduta, pesar, dissimulação que não podem ser cortados sem a ajuda de um guru.”

Um devoto: “Senhor, por favor abençoe-nos.”

Mestre: “Deus está em todos os seres, mas você tem que fazer um pedido à Companhia de Gás. Ela ligará o depósito de gás ao cano de sua casa.

“Deve-se orar com sinceridade. Diz-se que uma pessoa pode realizar Deus dirigindo a intensidade combinada de três atrações, a saber, a atração do filho por sua mãe, a atração do marido por sua esposa e a atração pelas posses, do homem do mundo.

“Há certos sinais pelos quais pode-se conhecer um verdadeiro devoto de Deus. Sua mente acalma-se quando ouve as instruções de seu instrutor, da mesma maneira que uma cobra venenosa fica mansa com a música do encantador. Não me refiro à serpente. Há um outro sinal. Um verdadeiro devoto desenvolve o poder de assimilar instrução. Uma imagem não pode ser impressa num vidro limpo, somente num vidro recoberto por uma solução negra, como na fotografia. A solução negra é a devoção a Deus. Há um terceiro sinal de um verdadeiro devoto: o controle dos sentidos. Subjugou a luxúria. As gopis estavam livres de luxúria.

“Você está falando de levar uma vida de chefe de família. Suponhamos que você seja um. Isso ajuda na prática de disciplina espiritual. É como lutar dentro de um forte. Os tântricos às vezes utilizam um cadáver em seus ritos religiosos. De vez em quando o cadáver assusta-os ao abrir a boca. É por esta razão que mantém perto, arroz frito e grãos, e de vez em quando jogam alguns grãos na boca do defunto. Acalmando assim o cadáver, repetem o nome da Divindade, sem qualquer apreensão. Do mesmo modo um chefe de família deve acalmar a esposa e outros membros da família. Deve dar-lhes comida e outras necessidades. Assim remove os obstáculos à sua prática de disciplina espiritual.

“Aqueles que ainda têm poucas experiências do mundo para desfrutar devem levar uma vida familiar e orar a Deus. Por isto Nityananda autorizou o mundano a comer sopa de peixe-gato e o caloroso abraço de uma jovem mulher, enquanto repetia o nome de Deus.

“Mas é muito diferente com autênticos sannyasis. Uma abelha só pousa nas flores e em nada mais. Para o chatak toda água que não seja da chuva, não tem gosto. Só beberá essa água e espera com o bico aberto, pela chuva que cai quando a estrela Svati está no ascendente. Só bebe essa água. Um verdadeiro sannyasi não desfrutará de outra felicidade a não ser a de Deus. A abelha pousa somente nas flores. O verdadeiro monge é como uma abelha, enquanto que o devoto chefe de família é como uma mosca comum que pousa tanto numa ferida como num doce.”

“Vocês tiveram tanto trabalho para virem aqui. Devem estar buscando Deus, mas a maioria das pessoas se satisfaz simplesmente em ver o jardim. Apenas um ou dois procuram pelo dono da casa. As pessoas desfrutam a beleza do mundo e não procuram o Dono.

(*Apontando para o cantor*): “Há poucos minutos ele entoou uma canção descrevendo os seis centros. A yoga trata deles. Há dois tipos de yoga: hathayoga e rajayoga. O hathayogi pratica exercícios físicos. Sua meta é conquistar poderes sobrenaturais: longevidade e os oito poderes psíquicos. Estas são suas metas, mas o objetivo da rajayoga é alcançar devoção, amor de Deus, conhecimento e renúncia. Dessas duas, a rajayoga é a melhor.

“Há muita semelhança entre os sete ‘planos’ descritos na Vedanta e os seis ‘centros’ da Yoga. Os três primeiros planos dos Vedas podem ser comparados aos três primeiros centros ióguicos que são o Muladhara, o Svadhithana e o Manipura. Nas pessoas comuns a mente repousa nesses três planos, os órgãos de evacuação, reprodução e umbigo. Quando a mente sobe para o quarto plano, o centro chamado na yoga de Anahata, vê a alma individual como uma chama. Além disso vê a luz. A isto o aspirante pergunta: ‘Ah! O que é isto? Ah! O que é isto?’

“Quando a mente eleva-se ao quinto plano, o aspirante deseja ouvir falar somente de Deus. Este é o centro Vishuddha da yoga. O sexto plano é o centro conhecido pelo yogi como Ajna são um e o mesmo. Quando a mente se eleva até aí, o aspirante vê Deus, mas ainda há uma barreira entre Deus e o devoto. É como a face de vidro da lanterna que impede que se toque a lâmpada. O rei Janaka tinha o hábito de dar ensinamentos sobre Brahmajnana a partir do quinto plano. Às vezes permanecia no quinto plano e às vezes, no sexto.

“Depois de passar pelos seis centros, o aspirante atinge o sétimo. Alcançando-o, a mente funde-se com Brahman. A alma individual e a Alma Suprema tornam-se uma única coisa. O aspirante entra em samadhi. Sua consciência do corpo desaparece. Perde o conhecimento do mundo exterior. Não vê o múltiplo. Sua discriminação chega ao fim.

“Trailanga Swami certa vez disse que, pelo fato de um homem raciocinar, está consciente da multiplicidade e da variedade. Atingindo samadhi, deixa-se o corpo em vinte e um dias. A consciência espiritual não é possível sem o despertar da Kundalini.

“Um homem que realizou Deus apresenta certas características. Torna-se como uma criança ou um louco, ou uma coisa parecida com um duende. Além do mais, está firmemente convencido de que é a máquina e Deus, seu Operador, que só Deus é Aquele que faz e que tudo o mais são Seus instrumentos. Como alguns devotos Shikhs uma vez me disseram, mesmo uma folha só se move pela vontade de Deus. Deve-se estar consciente de que tudo o que acontece é pela vontade de Rama. O tecelão disse: ‘O preço do tecido, pela vontade de Rama, é uma rupia e seis annas. Pela vontade de Rama um roubo foi cometido. Pela vontade de Rama os ladrões foram presos. Pela vontade de Rama, eu também fui. Por fim, pela vontade de Rama, fui solto.’ ”

Era o entardecer. Sri Ramakrishna não havia descansado, desde o almoço. Havia falado sem parar com os devotos sobre Deus. Por fim os visitantes despediram-se e voltaram para casa.

*Sexta-feira, 15 de junho de 1883*

Era feriado por ser a época do festival religioso hindu de Dasahara. Entre os devotos que visitaram Sri Ramakrishna em Dakshineswar aquele dia, estavam Adhar, M. e o pai de Rakhhal. O avô de Rakhhal também estava presente. Todos estavam sentados no chão do quarto do Mestre.

O avô de Rakhhal era um devoto de Deus. Perguntou ao Mestre: “Senhor, pode alguém realizar Deus enquanto levar a vida de chefe de família?”

Mestre (*com um sorriso*): “Por que não? Viva no mundo como o bagre. Embora viva aí, mantém-se imaculado. Ou viva no mundo como uma mulher livre. Ela atende a seus deveres de casa, mas seu coração está sempre com seu amante. Faça seus deveres do mundo, fixando a mente em Deus. Isto, porém, é extremamente difícil. Eu disse aos membros do Brahma Samaj: ‘Suponhamos que um paciente com tifo esteja num quarto em que há vidros de pickles e moringas de água. Como esperar que o paciente se cure? O simples pensamento do pickles lhe trará água na boca.’ Para um homem, a mulher é como pickles. O desejo ardente pelas coisas do mundo, que é crônico no homem, é como o desejo do paciente pela água. Não há fim para esse desejo. O paciente com tifo diz: ‘Vou beber todo o jarro de água.’ A situação é muito difícil. Há tanta confusão no mundo. Se você segue este caminho, é ameaçado por uma pá, se for por aquele outro, será ameaçado por um cabo de vassoura; mais uma vez, em outra direção, será com um pontapé. Além disso não se pode pensar em Deus, a não ser que se viva

na solidão. O ourives derrete o ouro para fazer jóias. Mas como pode fazer seu trabalho se é perturbado a cada minuto? Suponhamos que estejam tirando pedaços de casca do arroz. A cada momento tem que pegar o arroz com a mão e verificar se está limpo, mas como podem trabalhar direito se são interrompidos a cada instante?”

Um devoto: “Então, qual é o caminho, senhor?”

Mestre: “*Há* um caminho. Uma pessoa obtém um resultado positivo se desenvolver um forte espírito de renúncia. Desista imediatamente com determinação, daquilo que sabe ser irreal. Uma vez, quando estava seriamente doente, fui levado ao médico Gangaprasad Sen. Disse-me ele: ‘Vou dar-lhe um remédio, mas você não pode beber água. Pode tomar suco de romã.’ Todo o mundo ficava imaginando como eu poderia viver sem água, mas estava determinado a fazê-lo. Disse para mim mesmo: ‘Sou um paramahansa<sup>10</sup> e não, um ganso. Beberei apenas leite.

“Você tem que ficar uns dias na solidão. Se apenas tocar na ‘vovó’<sup>11</sup> está salvo. Transforme-se em ouro e viva onde quer que lhe agrade. Depois de realizar Deus e o amor divino na solidão, pode-se viver no mundo, também. (*Para o pai de Rakhal*). É esta a razão pela qual peço aos jovens para ficarem comigo; pois eles desenvolverão o amor de Deus, ficando aqui alguns dias. Depois podem muito bem levar a vida de um chefe de família.”

Um devoto: “Se Deus é responsável por tudo, então por que devem as pessoas falar do bem e do mal, virtude ou vício? Comete-se pecado também pela vontade de Deus, não é assim?”

Um outro devoto: “Como podemos compreender a vontade de Deus?”

Mestre: “Não há dúvida de que a virtude e o vício existem no mundo, mas o Próprio Deus não é tocado por eles. Pode haver cheiro bom e mal, mas o ar não é afetado. A verdadeira natureza da criação de Deus é que o bem e o mal, retidão e iniquidade sempre existirão no mundo. Entre as árvores de um pomar há mangueira e jaqueira, e também, ameixeira de porco. Já reparou que mesmo os homens maus são necessários? Suponhamos que haja arrendatários violentos numa propriedade então, o próprio dono tem que mandar um desordeiro para controlá-los.”

Novamente a conversa voltou ao assunto da vida dos chefes de família.

Mestre (*aos devotos*): “Vejam, levando a vida de chefe de família, um homem gasta, sem necessidade, seus poderes mentais. Esta perda pode ser evitada se abraçar a vida monástica. O primeiro nascimento é dádiva do pai; segue-se, então, o segundo quando é investido com o cordão sagrado. Há ainda um terceiro nascimento, por ocasião da iniciação à vida monástica. Os dois obstáculos à vida espiritual são ‘mulher e ouro’. Apego à ‘mulher’ desvia uma pessoa do caminho que conduz a Deus. O homem não sabe o que ocasiona sua queda. Uma vez, quando me dirigia para o Forte<sup>12</sup>, não pude ver que estava descendo uma ladeira, mas quando a carruagem entrou no Forte, pude ver o quanto havia descido. Meu Deus! As mulheres mantêm os homens iludidos. O Capitão diz: ‘Minha esposa é cheia de sabedoria.’ Um homem possuído por um espírito, não entende as coisas. Diz: ‘Ora, Estou tão bem!’

Os devotos ouviam estas palavras em silêncio profundo.

Mestre: “Não é apenas luxúria que se deve temer na vida mundana. Há também a raiva. Ela surge quando os obstáculos são colocados no caminho do desejo.”

M.: “Nas refeições, às vezes, um gato estica a pata para pegar o peixe do meu prato, mas não posso sentir qualquer ressentimento.”

Mestre: “Por que? Você pode mesmo bater nele de vez em quando. Qual é o mal? Um homem do mundo deve silvar, mas não, despejar veneno. Na verdade, ele não pode fazer mal aos outros, mas deve dar um espetáculo de raiva, a fim de se proteger dos inimigos. Do contrário, eles o maltratarão, mas o sannyasi não precisa nem silvar.”

Um devoto: “Creio que é extremamente difícil para um chefe de família, realizar Deus. Só poucas pessoas podem levar a vida que o senhor recomenda. Até agora não encontrei nenhuma.”

Mestre: “Por que tem que ser assim? Ouvi falar de um magistrado chamado Pratap Singh. É um grande homem. Possui muitas virtudes: compaixão e devoção a Deus. Medita em Deus. Certa vez mandou chamar-me. Com certeza há outros como ele.

“A prática da disciplina é absolutamente necessária. Por que uma pessoa não deveria ser bem sucedida, se praticar sadhana? Mas não tem que trabalhar duramente se tem fé real – fé nas palavras do

<sup>10</sup> Um paramahansa pertence à mais elevada ordem de monges; a palavra também significa “cisne”. Uma tradição popular da Índia diz que o cisne pode separar o leite da mistura leite e água. Diz-se, também, que uma secreção de ácido faz o leite transformar-se em coagulada, que o cisne come, deixando a água.

<sup>11</sup> Alusão ao jogo de “esconde-esconde” (ver nota n° 6 do Cap. V).

<sup>12</sup> Referência ao forte de Calcutá.

guru. Uma vez Vyasa já estava a ponto de atravessar o Jamuna, quando chegaram as gopis, que desejavam ir à outra margem. Entretanto não havia barco para a travessia. Disseram a Vyasa: ‘Reverenciado senhor, o que vamos fazer agora?’ ‘Não se preocupem’, disse Vyasa, ‘Vou atravessá-las, mas estou com muita fome. Vocês têm alguma coisa para comer?’ As gopis tinham muito creme e manteiga. Vyasa comeu tudo. Então as gopis perguntaram, ‘Bem, senhor, que tal atravessarmos o rio?’ Vyasa ficou de pé na margem do Jamuna e disse: ‘Ó Jamuna! Se eu não tiver comido nada hoje, que suas águas se dividam, a fim de que possamos caminhar até a outra margem.’ Mal acabou o sábio de pronunciar estas palavras e as águas do Jamuna dividiram-se. As gopis ficaram mudas de espanto: ‘Ele acabou de comer muito’, disseram entre si, ‘e ele diz, “Se eu não tiver comido nada!...”’ Vyasa estava convencido de que não havia sido ele, mas Narayana, que morava em seu coração, que havia comido.’

“Shankaracharya foi um Brahmajñani com toda certeza, mas no começo também possuía o sentimento de diferença. Não acreditava firmemente que tudo no mundo era Brahman. Um dia, quando estava saindo do Ganges, depois do banho, viu um intocável, um açougueiro, carregando uma carga de carne. Inadvertidamente o açougueiro tocou seu corpo. Shankara gritou raivosamente: ‘Você! Como ousou tocar-me?’ ‘Reverenciado senhor’ disse o açougueiro, ‘Eu não o toquei, nem o senhor me tocou. O Puro Atman não pode ser o corpo, nem os cinco elementos, nem os vinte e quatro princípios cósmicos.’ Então Shankara caiu em si. Certa vez Jadabharata estava carregando o rei Rahugana num palanquim e ao mesmo tempo, falava sobre o Conhecimento do Ser. O rei desceu do palanquim e disse a Jadabharata: ‘Quem é você, por favor?’ Ele respondeu: ‘Eu sou “*Isto não, Isto não*” - sou o Ser Puro.’ Possuía a fé profunda de que era o Ser Puro.

“ ‘Eu sou Ele’, ‘Eu sou o Ser Puro’ é a conclusão dos jñanis, mas os bhaktas dizem, ‘O universo inteiro é a glória de Deus’. Quem reconheceria um homem rico sem seu poder e suas riquezas? Mas é bem diferente quando o Próprio Deus, satisfeito com a devoção do aspirante diz-lhe: ‘Você é o mesmo que Eu próprio. Imaginemos um rei sentado em sua corte e seu cozinheiro entra e senta-se no trono, dizendo: ‘Ó rei, o senhor e eu somos uma mesma pessoa!’ Com certeza o chamarão de louco. Suponhamos, porém, que um dia o rei, satisfeito com o trabalho do cozinheiro, diz-lhe: ‘Venha sentar-se a meu lado.’ Não há nada de errado com isso. Não há diferença entre mim e você.’ Então se o cozinheiro sentar-se no trono com o rei, não há nenhum mal. Não é bom para as pessoas comuns dizerem: ‘Eu sou Ele’. As ondas pertencem ao oceano, mas o oceano pertence às ondas?

“A conclusão de tudo isso é que, não importa qual o caminho que se siga; a yoga é impossível a não ser que a mente se torne tranqüila. A mente de um yogi está sob o seu controle e não, ele sob o controle de sua mente. Quando a mente se aquieta o prana pára de funcionar. Então obtém-se kumbhaka. Pode-se ter o mesmo kumbhaka pela bhakti yoga: o prana pára de funcionar pelo amor de Deus, também. No kirtan o músico canta, ‘Nitai amar mata hati!’<sup>13</sup>. Repetindo isso, entra em êxtase não pode cantar a frase toda. Simplesmente diz ‘Hati! Hati’. Quando o estado se aprofunda, apenas canta: ‘Ha! Ha!’ Assim seu prana pára pelo êxtase e segue-se kumbhaka.

“Suponhamos que um homem esteja varrendo o pátio e que um outro chegue e lhe diga: ‘Alô! Fulano de tal já não existe mais, morreu.’ Se a pessoa morta não tiver nenhum relacionamento com o varredor, ele continua seu trabalho, observando casualmente: ‘Ah! Que pena! Ele morreu, era uma boa pessoa.’ E seu trabalho continua como antes. Mas se o morto é seu parente, a vassoura cai de sua mão. ‘Ah!’ exclama, e ele também cai no chão. Seu prana pára de funcionar. Não consegue trabalhar nem pensar. Já repararam que, entre as mulheres, se uma delas olha para outra coisa, ou ouve algo com espanto, as outras lhe dizem: ‘O que? Você está em êxtase?’ Neste exemplo também, o prana havia parado de funcionar e assim, ela fica sem fala, boquiaberta.

“Não basta simplesmente repetir ‘Eu sou Ele, eu sou Ele’. Há certos sinais de um jñani. Narendra possui grandes olhos protuberantes. *Apontando para um devoto*: ele também tem bons olhos e testa.

“Nem todos os homens estão no mesmo nível. Diz-se que há quatro tipos de homens: os ligados, os que estão lutando, os liberados e os sempre livres. Também não é um fato de que todos os homens têm que praticar disciplina espiritual. Há os sempre livres e aqueles que alcançam a perfeição através da disciplina espiritual. Alguns realizam Deus, depois de muita austeridade espiritual e alguns são perfeitos desde o seu nascimento. Prahlada é um exemplo dos sempre livres.

<sup>13</sup> Meu Nitai dança como um elefante louco.

“Sábios eternamente perfeitos como Prahlada também praticam meditação e oração, mas realizaram o fruto, a visão de Deus, mesmo antes de sua prática espiritual. São como as abóboras e as morangas que primeiro dão fruto e depois, flores.

(*Olhando para o pai de Rakhal*): “Mesmo que uma alma eternamente perfeita nasça numa família inferior, conserva sua perfeição inata. Não pode fazer outra coisa. Uma ervilha germina no esterco e dá um pé de ervilha.

“Deus deu a alguns maior poder do que a outros. Num homem percebe-se isso como a luz de um lampião, no outro como a luz de uma tocha. Uma palavra de Vidyasagar revelou-me o máximo de inteligência. Ao falar-me das diferentes manifestações do Poder de Deus nos diferentes seres, ele me disse: ‘Senhor, então Deus deu um poder maior para uns do que para outros?’ Imediatamente respondi, ‘Sim, certamente. Se não houver graus diferentes de manifestação de Seu Poder, então por que seu nome é conhecido em todas as partes? Veja, chegamos até o senhor depois de ouvir falar de seu conhecimento e compaixão. O senhor não tem dois chifres, não é verdade?’ Apesar de toda sua fama e erudição, Vidyasagar disse uma infantilidade como ‘Deus deu maior poder a uns do que a outros.’ A verdade é que quando o pescador recolhe a rede, primeiro apanha peixes grandes como truta e carpa; ele remexe o lodo com o pé e pequenos peixes surgem – vairões, bagres etc. Assim também, a não ser que um homem conheça Deus, vairões e outros peixes semelhantes sairão gradualmente dele. O que pode-se obter com simples erudição?”

*Domingo, 17 de junho de 1883*

Sri Ramakrishna descansava em seu aposento em Dakshineswar. Era de tarde. Adhar e M. chegaram e saudaram o Mestre. Um devoto tântrico também entrou. Rakhal, Hazra e Ramlal estavam morando com Sri Ramakrishna.

Mestre (*aos devotos*): “Por que não se pode atingir a espiritualidade, levando a vida de chefe de família? Mas é extremamente difícil. Sábios como Janaka entraram no mundo depois de alcançarem o Conhecimento. Todavia o mundo é um lugar de terror. Mesmo um chefe de família desapegado deve ser cuidadoso. Certa vez Janaka abaixou a cabeça à vista de uma bhairavi. Evitou ver uma mulher. Ela disse-lhe: ‘Janaka, vejo que você ainda não alcançou o Conhecimento. Ainda faz diferença entre homem e mulher.’

“Se você se mover num aposento cheio de fuligem, ficará sujo, mesmo pouco, por mais cuidadoso que seja. Tenho visto devotos chefes de família cheios de emoção espiritual, enquanto faziam suas práticas diárias, usando roupas de seda. Mantém esta atitude mesmo ao tomar sua refeição depois da adoração. Depois voltam a ser as mesmas pessoas de antes. Mostram suas naturezas rajásica e tamásica.

“Sattva leva à bhakti. Até bhakti tem três aspectos: sattva, rajas e tamas. A sattva da bhakti é puro sattva. Ao obtê-la o devoto dirige sua mente só para Deus. Ele dá a seu corpo apenas a atenção absolutamente necessária para sua proteção.

“Mas um paramahansa está além dos três gunas. Embora existam nele, são praticamente inexistentes. Como uma criança, não está sob o controle de nenhum dos gunas. Esta é a razão pela qual os paramahansas permitem às criancinhas aproximarem-se deles – a fim de assumirem sua natureza.

“Os paramahansas não guardam as coisas, mas esta regra não se aplica aos chefes de família. Têm que prover suas famílias.”

Devoto tântrico: “Um paramahansa tem consciência de virtude e vício?”

Mestre: “Keshab Sen também fez esta mesma pergunta. Disse-lhe: ‘Se lhe explicar você não poderá mais manter a sua organização.’ ‘Neste caso, é melhor pararmos por aqui.’, disse Keshab.

“Você conhece o significado de virtude e vício? Um paramahansa vê que é Deus quem nos dá tanto as boas como as más tendências. Já reparou que tanto há frutas boas como amargas? Algumas árvores dão frutas doces, outras, amargas ou ácidas. Deus fez a mangueira que dá fruto doce e também, a ameixeira de porco, que dá uma fruta ácida.”

Tântrico: “Sim, senhor. É verdade. No alto da colina podemos ver grandes jardins de rosas, que vão até onde os olhos vêem.”

Mestre: “O paramahansa realiza que tudo isto – bom e mau, virtude e vício, real e irreal – são somente as glórias da maya de Deus, mas estes são pensamentos muito profundos. Ao realizar isso não pode manter uma organização coesa ou parecido.”

Tântrico: “Mas a lei do karma existe, não é?”

Mestre: “Isto também é verdade. O bem produz o bem e o mal produz o mal. Você não experimenta um gosto picante se comer pimenta? Mas tudo isso é a lila de Deus. Seu jogo.”

Tântrico: “Então, qual é o caminho para nós? Não teremos que colher o resultado de nosso karma passado, não é?”

Mestre: “Pode ser que sim, mas com os devotos de Deus é diferente. Ouçam a canção:

Ó mente, você não sabe como cultivar o seu campo!  
Improdutivo está o campo de sua vida.  
Se você tivesse trabalhando bem nele,  
Que abundante colheita teria obtido!  
Cerque-o com o nome de Kali  
Se deseja manter sua colheita segura;  
Este é a mais forte cerca,  
Porque nem a própria Morte pode aproximar-se.

Mais cedo ou mais tarde chegará o dia  
Em que você deve perder o seu campo precioso,  
Semeie o nome santo.  
De Deus que seu guru lhe concedeu,  
Com fé regue-o com amor;  
Se você achar a tarefa muito árdua,  
Chame Ramprasad para ajudar.

Cantou de novo:

Com segurança impedi a passagem pela qual o Rei da Morte virá;  
Doravante todas as minhas dúvidas e medos se reduzirão a nada para sempre.  
O Próprio Shiva está montando guarda nas nove entradas de minha casa,<sup>14</sup>  
Que possui apenas um Pilar<sup>15</sup> de sustentação e três cordas<sup>16</sup> para segurá-la.  
O Senhor fez Sua morada na flor de lótus de mil pétalas  
Na cabeça e conforta-me com carinho infinito.

O Mestre continuou: “Qualquer um que morra em Benares, seja brahmin ou prostituta, se tornará Shiva. Quando se derrama lágrimas em nome de Hari, Kali ou Rama, não mais há necessidade de sandhya ou qualquer outro ritual. Todas as ações caem por si mesmas. O fruto da ação não mais a afeta. Novamente o Mestre cantou:

Como é a meditação de uma pessoa, assim é seu sentimento de amor.  
Como é o sentimento de amor, assim é o seu ganho:  
E a fé é a raiz de tudo.  
Se no Lago de Néctar dos pés da mãe Kali  
Minha mente ficar imersa.  
De pouco servem o culto, oblações ou o sacrifício.

Entoou uma outra canção:

Por que haveria de ir para o Ganga ou Gaya, para Kasi, Kanchi ou Prabhas.  
Se posso soltar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

Logo ele disse: “Quando um homem funde-se em Deus, já não pode guardar tendências perversas ou pecaminosas.”

Tântrico: “O senhor muito corretamente disse que apenas conserva o ‘ego do Conhecimento’.”

Mestre: “Sim, ele conserva somente o ‘ego do Conhecimento’, o ‘ego do devoto’, o ‘ego do servo’ e o ‘ego bom’. Seu ‘ego perverso’ desaparece.”

Tântrico: “Hoje o senhor pôs fim a muitas de nossas dúvidas.”

Mestre: “Todas as dúvidas desaparecem ao se realizar o Ser.”

<sup>14</sup> O corpo com suas nove aberturas, tais como os olhos, ouvidos, nariz, boca etc.

<sup>15</sup> Brahman.

<sup>16</sup> Os três gunas.

“Assuma o aspecto tamásico de bhakti. Diga com vigor: ‘O que? Pronunciei os nome de Rama e Kali. Como posso ainda permanecer em escravidão? Como posso ser afetado pela lei do Karma?’ ”

O Mestre cantou:

Se eu pudesse morrer repetindo o nome de Durga  
 Como podes Tu, Ó Abençoado,  
 Impedir minha Liberação,  
 Por mais pecador que tenha sido?  
 Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer  
 Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.  
 Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.  
 Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,  
 Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;  
 Pois pelo poder de Teu doce nome  
 Minha alma pecadora ainda pode aspirar  
 Possuir até o estado de Brahman.

O Mestre continuou: “Fé! Fé! Fé! Uma vez um guru, disse a seu discípulo: ‘Só Rama tornou-Se tudo.’ Quando um cachorro começou a comer o pão do discípulo, ele lhe disse: ‘Ó Rama, espere um pouco, vou pôr manteiga no Seu pão.’ Tal era sua fé nas palavras do guru.

“Pessoas indignas não têm fé. Sempre duvidam, mas as dúvidas não desaparecem enquanto não se realizar o Ser.

“No verdadeiro amor a Deus, não há desejo. Somente com esse amor pode-se realizar rapidamente Deus. Querer obter poderes sobrenaturais e coisas similares são desejos. Uma vez Krishna disse a Arjuna: ‘Amigo, você não pode realizar Deus mesmo que adquira apenas um dos oito poderes sobrenaturais. Eles somente aumentarão um pouco de seu poder.’ ”

Tântrico: “Senhor, por que os rituais do Tantra hoje em dia não dão mais frutos?”

Mestre: “Porque as pessoas não podem praticá-los com absoluta correção e devoção.”

Concluindo o Mestre disse: “O amor de Deus é a única coisa essencial. Um verdadeiro amante de Deus não tem nada a temer, nem nada com o que se preocupar. Compreende que a Mãe Divina sabe tudo. O gato segura o camundongo de uma maneira, mas de outra bem diferente, os seus próprios filhotes.”

## CAPÍTULO XII

### O FESTIVAL EM PANIHATI

*Segunda-feira, 18 de junho de 1883*

**S**RI RAMAKRISHNA havia sido convidado para o grande festival religioso em Panihati, perto de Calcutá. Este “Festival do Arroz Tostado” havia sido inaugurado por Raghunath Das, discípulo de Sri Chaitanya. Conta-se que Raghunath Das tinha o hábito de fugir de casa, para secretamente, fazer suas práticas devocionais e desfrutar a felicidade do êxtase. Um dia Nityananda disse-lhe: “Ladrão! Você foge de casa e usufrui do amor de Deus, sozinho. Você O esconde de nós. Vou puni-lo hoje. Tem que organizar um festival religioso e presentear os devotos com arroz tostado.” Desde então, os vaishnavas celebram anualmente o festival em Panihati. Milhares de seguidores de Sri Chaitanya participam dele. A principal atração é o canto dos nomes e glórias de Deus e a dança dos devotos com grande fervor. O centro da festividade é o templo de Radha-Krishna, construído às margens do Ganges.

O Mestre havia sido convidado para o festival por Mani Sen, que era administrador do templo. Ram, M., Rakhal, Bhavanath e alguns devotos foram de carruagem com o Mestre. No caminho para Panihati, Sri Ramakrishna estava alegre, brincando com os jovens, mas assim que a carruagem chegou ao festival, o Mestre, para grande satisfação dos devotos, misturou-se à multidão. Uniu-se ao kirtan de Navadvip Goswami, guru de Mani Sen, e dançou totalmente esquecido do mundo. De vez em quando ficava imóvel em samadhi, cuidadosamente sustentado por Navadvip Goswami, temeroso que ele caísse no chão. Milhares de devotos haviam se juntado para o festival. Para qualquer lado que se olhasse, via-se uma selva de cabeças humanas. A multidão parecia estar contagiada pelo ardor divino do Mestre e movia-se de um lado para o outro, cantando o nome de Deus e o próprio ar parecia refletir aquele ardor. Tambores, pratos e outros instrumentos produziam sons melodiosos. A atmosfera tornou-se intensa com o fervor espiritual. Os devotos sentiam que o próprio Gauranga havia se manifestado na pessoa de Sri Ramakrishna. De todos os lados eram atiradas flores nos seus pés e cabeça. Mesmo à distância ouvia-se o canto do nome de Hari, como o barulho do oceano.

Sri Ramakrishna experimentou todos os estados de êxtase. Em samadhi profundo permanecia de pé imóvel, o rosto irradiando um brilho divino. Em estado de consciência parcial, dançava às vezes suavemente, às vezes com o vigor de um leão. De novo, recobrando a consciência do mundo cantava, conduzindo ele mesmo o coro:

Olhem, chegaram os dois irmãos<sup>1</sup> que choram quando cantam o nome de Hari.  
Os irmãos que dançam em êxtase e fazem o mundo dançar em Seu nome!  
Olhem-nos, eles mesmos chorando e fazendo o mundo todo chorar.  
Os irmãos que, em troca dos golpes, dão aos pecadores, o amor de Hari.  
Olhem, embriagados com o amor de Hari, que torna o mundo embriagado.  
Olhem, chegaram os dois irmãos que uma vez foram Kanai e Balai de Braja.  
Eles que roubaram a manteiga dos portes das gopis.  
Olhem, chegaram os dois que abalaram todas as regras de casta.  
Abraçando a todos como irmãos, até o pária evitado pelos homens;  
Eles que se perdem no nome de Hari, enlouquecendo o mundo inteiro;  
Aqueles que não são outros senão o Próprio Hari e cantam Seu nome sagrado!  
Olhem aqueles que salvaram do caminho pecaminoso, os desordeiros Jagai e Madhai<sup>2</sup>.  
Eles não fazem distinção entre amigo e inimigo!  
Olhem os dois irmãos, Gaur e Nitai, que novamente vieram para salvar a humanidade.

Novamente o Mestre cantou:

Veja Nadia tremendo  
Sob as ondas de amor de Gauranga! ...

---

<sup>1</sup> Gauranga e Nityananda..

<sup>2</sup> Uma vez Nityananda foi espancado pelos desordeiros Jagai e Madhai, que mais tarde vieram a se converter à vida espiritual por seu amor.

A multidão encabeçada pelo Mestre, dirigiu-se ao templo de Radha-Krishna, porém, somente um número pequeno pôde entrar. O resto ficou do lado de fora, acotovelando-se para ver Sri Ramakrishna. Em êxtase, começou a dançar no pátio do santuário. De vez em quando seu corpo permanecia em samadhi profundo. Centenas de pessoas em volta dele gritavam o nome de Deus e milhares do lado de fora, acompanhando a corrente, gritavam a toda voz. O eco espalhou-se pelo Ganges sagrado, atingindo os corações das pessoas nos barcos sagrados, que também começaram a cantar o nome de Deus.

Quando o kirtan acabou, Mani Sen levou Sri Ramakrishna e Navadvip Goswami para um aposento onde lhes ofereceu uma refeição ligeira. Em seguida Ram, M. e outros devotos foram também servidos com o prasad.

À tarde o Mestre sentou-se na sala de visitas de Mani Sen com os devotos, tendo Navadvip junto a si. Mani ofereceu o pagamento da carruagem a Sri Ramakrishna. Apontando para Ram e outros, o Mestre disse: “Por que deveriam aceitá-lo de você? Ganham muito dinheiro.” Começou a conversar com Navadvip.

Mestre: “Bhakti quando amadurece torna-se bhava. Em seguida, mahabhava, depois prema e por fim, a realização de Deus. Gauranga experimentou os estados de mahabhava e prema. Quando prema desperta, o devoto praticamente esquece o mundo e seu corpo, que é tão caro a um homem. Gauranga experimentou prema. Pulou no oceano pensando que se tratava do Jamuna. O jiva comum não experimenta mahabhava ou prema. Não vai além de bhava, mas Gauranga experimentou esses três estados, não é verdade?”

Navadvip: “Sim, senhor, é verdade. O estado mais interior, o semiconsciente e o consciente.”

Mestre: “No estado mais interior permaneceu em samadhi, inconsciente do mundo exterior. No semiconsciente só podia dançar. No estado consciente, cantou o nome de Deus.”

Navadvip apresentou seu filho ao Mestre. O jovem estudava as escrituras. Saudou Sri Ramakrishna.

Navadvip: “Ele estuda as escrituras em casa. Antigamente só com muita dificuldade encontrava-se uma cópia dos Vedas neste país. Max Müller traduziu-os, tornando assim possível às pessoas lerem estes livros.”

Mestre: “O estudo muito intenso das escrituras traz mais dano do que benefício. O importante é conhecer a essência. Depois disto, qual a necessidade de livros? Deve-se aprender a essência e em seguida, mergulhar profundamente na realização de Deus.

“A Mãe Divina revelou-me a essência da Vedanta: só Brahman é real e o mundo ilusório. A essência do *Gita* é o que se obtém ao repetir esta palavra dez vezes. A palavra fica invertida. É ‘tagi’, que quer dizer renúncia. O conceito fundamental do *Gita* é: ‘Ó homem, renuncie a tudo e pratique disciplina espiritual para realizar Deus.’”

Navadvip: “Como podemos persuadir a mente a renunciar?”

Mestre: “O senhor é um goswami. É seu dever officiar no templo como sacerdote. Não pode renunciar ao mundo, do contrário, quem tomaria conta do templo e do seu serviço? O senhor tem que renunciar mentalmente.

“É o Próprio Deus quem o mantém no mundo para servir de exemplo aos homens. Você pode tomar mil vezes a resolução de renunciar ao mundo, mas não será bem sucedido. Deus deu-lhe uma natureza tal que o faz cumprir suas obrigações mundanas.

“Krishna disse a Arjuna: ‘O que você quer dizer em não lutar? Pela sua simples vontade, não pode desistir de lutar. Sua própria natureza o levará a lutar.’”

À simples menção de Krishna e Arjuna, o Mestre entrou em samadhi. Num piscar de olhos, o corpo tornou-se imóvel e os olhos parados, enquanto a respiração mal podia ser ouvida. A essa súbita transformação, Navadvip e seu filho e os outros devotos olharam para o Mestre com muda admiração.

Retomando à consciência parcial disse a Navadvip: “Yoga e bhoga. Vocês, goswamis, possuem ambas. Seu dever é chamar por Deus e orar a Ele sinceramente: ‘Ó Deus, não quero as glórias de Tua maya sedutora. Só quero a Ti!’ Deus mora em todos os seres, sem dúvida. Nesse caso, quem pode ser chamado Seu devoto? Aquele que mora em Deus, que fundiu sua mente, sua vida e o mais íntimo de sua alma em Deus.”

O Mestre retornou ao plano dos sentidos. Referindo-se ao seu samadhi, disse a Navadvip: “Alguns dizem que este meu estado é uma doença. Digo-lhes: ‘Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente, pensando n’Ele cuja Consciência tornou o mundo inteiro consciente?’”

Mani Sen disse adeus aos convidados brahmins e vaishnavas, fazendo doações em dinheiro. Ofereceu cinco rupias a Sri Ramakrishna que disse que não podia aceitar dinheiro. Mani, porém, insistiu. O Mestre pediu-lhe em nome de seu guru para não pressioná-lo. Mani tornou a lhe pedir para aceitar a oferenda. Sri Ramakrishna perguntou a M., num tom aflito, se deveria ficar com o dinheiro. O discípulo protestou veementemente dizendo: “Não, senhor, de jeito algum.”

Amigos de Mani Sen deram dinheiro a Rakhhal, pedindo-lhe para comprar algumas mangas e doces para o Mestre. Sri Ramakrishna falou a M.: “Eu disse categoricamente a Mani que não aceitaria o dinheiro. Sinto-me livre agora, mas Rakhhal aceitou-o. É dele agora a responsabilidade.”

Sri Ramakrishna, acompanhado pelos devotos, tomou uma carruagem para voltar a Dakshineswar. Pelo caminho iam passar pela chácara de Mati Seal. Há muito tempo o Mestre pediu a M. para levá-lo ao tanque da chácara, para que ele pudesse ensiná-lo a meditar em Deus sem forma. Havia peixes mansos neste reservatório. Ninguém fazia-lhes mal. Quando os visitantes jogavam arroz empapado e pedacinhos de alimentos na água, muitos peixes grandes vinham comer. Sem medo nadavam e brincavam alegremente.

Chegando perto do tanque, o Mestre disse a M.: “Olhe os peixes. Meditar em Deus sem forma é como nadar sem preocupações como estes peixes no Oceano de Felicidade e Consciência.”

*Segunda-feira, 25 de junho de 1883*

Sri Ramakrishna estava na casa de Balaram Bose em Calcutá. Rakhhal e M. sentaram-se junto dele. O Mestre estava em êxtase. Em estado abstrato conversava com os devotos.

Mestre: “Asseguro a vocês que uma pessoa pode realizar seu Ser Interior pela oração sincera, mas na medida em que ele deseje desfrutar os objetos mundanos, sua visão do Ser torna-se obstruída.”

M.: “Sim, senhor. O senhor sempre nos pede para mergulharmos em Deus,”

Mestre (*alegremente*): “Sim! É isso, digo-lhe que a realização do Ser é possível para todos, sem exceção.”

M.: “É verdade, senhor, mas Deus é Aquele que faz. Trabalha através de diferentes seres de diferentes maneiras, de acordo com a capacidade de manifestarem o Divino. Deus dá a alguns plena consciência espiritual, mas a outros, mantém em ignorância.”

Mestre: “Não, não é assim. Deve-se orar a Deus com um coração ansioso. Deus certamente ouvirá a oração se ela for sincera. Não há dúvida sobre isto.”

Um devoto: “Sim, senhor. Há esta ‘consciência do eu’ em nós; portanto, devemos orar.”

Mestre (*a M.*): “Um homem pode atingir o Nitya, o Absoluto pelo caminho da Lila, o Relativo. É como chegar ao terraço pela escada. Depois de realizar o Absoluto tem-se que descer ao Relativo e viver neste plano em companhia dos devotos, enchendo a mente com amor a Deus. Esta é a minha opinião final e a mais amadurecida.

“Deus apresenta formas diferentes e diverte-Se de diversas maneiras. Diverte-Se com Ishvara, deva, homem e universo. Em cada época Ele desce à terra sob a forma humana, como uma Encarnação, para ensinar às pessoas, amor e devoção. Há o exemplo de Chaitanya. Só se pode experimentar amor e devoção a Deus, através de Suas Encarnações. Infinitos são os modos do jogo de Deus divertir-Se, mas necessito de amor e devoção. Quero somente leite. O leite vem do úbere da vaca. A Encarnação é o úbere.”

Estaria Sri Ramakrishna querendo dizer que era uma Encarnação Divina? Estaria sugerindo que aqueles que o viam estavam vendo Deus? Será que se referia a si mesmo quando falava de Chaitanya?

Era um dia quente de junho de 1883. Sri Ramakrishna estava sentado nos degraus do templo de Shiva. M. chegou com gelo e outras oferendas e sentou-se depois de saudar o Mestre.

Mestre (*a M.*): “O marido da neta de Mani Mallick esteve aqui. Leu num livro<sup>3</sup> que Deus não poderia ser considerado sábio e onisciente, senão, por que há tanta miséria no mundo? No que se refere à morte, é muito melhor matar um homem logo, do que submetê-lo à tortura lenta. Além disso o autor diz que se ele próprio tivesse sido o Criador teria feito um mundo melhor.”

M. ouviu estes comentários com surpresa, mas não fez qualquer comentário.

“Mestre (*a M.*): ”Pode alguém algum dia compreender os desígnios de Deus? Às vezes penso em Deus como bom, às vezes como mau. Ele mantém-nos iludidos pela Sua grande ilusão. Às vezes Ele

<sup>3</sup> Autobiografia de John Stuart Mill.

desperta-nos e, às vezes, mantém-nos inconscientes. Por um instante a ignorância desaparece, mas logo no momento seguinte, envolve nossa mente. Se você jogar um bastão num tanque coberto de musgo, verá a água por um instante, mas pouco depois o musgo volta e recobre a superfície.

“Enquanto estiver identificado com o corpo, uma pessoa é consciente de prazer e dor, nascimento e morte, doença e tribulação. Tudo isso pertence apenas ao corpo e não, à Alma. Após a morte do corpo, talvez Deus a leve para um lugar melhor. É como nascimento de uma criança depois das dores do parto. Ao alcançar o Conhecimento do Ser, considera-se o prazer e a dor, o nascimento e a morte, como sonhos.

“Como sabemos pouco! Pode um pote pequeno de duas libras conter vinte libras de leite? Se uma boneca de sal mergulhar um dia no oceano para medir sua profundidade, não poderá voltar e dar-nos esta informação. Ela se fundirá na água e desaparecerá.”

Ao entardecer o serviço começou nos diferentes templos. O Mestre estava sentado no divã pequeno no seu quarto, absorvido na contemplação da Mãe Divina. Vários devotos também encontravam-se presentes. M. ia passar a noite com o Mestre.

Um pouco mais tarde Sri Ramakrishna começou a conversar com um devoto na varanda norte de seu quarto. Disse: “É bom meditar nas primeiras horas da manhã e ao nascer do sol, mas deve-se, também, meditar diariamente, depois do crepúsculo.” Instruiu o devoto sobre a meditação no Deus Pessoal e na Realidade Impessoal.

Depois de um certo tempo sentou-se no pórtico semicircular a oeste de seu quarto. Eram mais ou menos nove horas.

Mestre: “Aqueles que vêm aqui terão certamente todas as dúvidas dissipadas. O que acha?”

M.: “É verdade, senhor.”

Um barco navegava pelo Ganges, longe da margem. O barqueiro começou a cantar. O som de sua voz flutuando sobre o rio, chegou até os ouvidos do Mestre que entrou em estado espiritual. O cabelo de seu corpo ficou de pé. Disse a M.: “Veja o meu corpo.” M. ficou profundamente impressionado. Pensou: “Os Upanishads descrevem Brahman como penetrando o universo e o éter. Teria esse Brahman, sob a forma de som, tocado o corpo do Mestre?”

Depois de um certo tempo Sri Ramakrishna voltou a conversar.

Mestre: “Aqueles que vêm aqui devem ter nascido com boas tendências. Não é verdade?”

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Adhar deve possuir boas tendências.”

M.: “É certo, também.”

Mestre: “Um homem sem maldade realiza Deus facilmente. Há dois caminhos: o caminho da retidão e o da maldade. Deve-se seguir o caminho da retidão.”

M.: “É verdade, senhor. Se uma linha possuir um simples fiapo, não poderá passar pelo buraco de uma agulha.”

Mestre: “Se um homem encontrar um cabelo na sua comida, cospe tudo o que tem na boca.”

M.: “Mas o senhor diz que um homem que realiza Deus não é afetado pela má companhia. As labaredas de fogo queimam até um pé de tanchagem.”

*Sábado, 14 de julho de 1883*

Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar em Calcutá. Rakhal, M. e outros devotos estavam com ele. Adhar conseguiu que Rajnarayan, o famoso cantor e seu grupo, viessem recitar o *Chandi*.

Rajnarayan iniciou o recital no átrio de adoração. Cantou:

Entreguei minha alma aos pés destemidos da Mãe  
Será que terei medo da morte? ...

Enquanto ouvia, o Mestre, tomado pelo fervor divino, juntou-se aos músicos. De vez em quando improvisava um verso. Subitamente entrou em samadhi, permanecendo imóvel.

O cantor prosseguiu:

Quem é aquela Mulher que ilumina o campo de batalha?  
Seu corpo brilha mais escuro do que a mais escura nuvem de tempestade.  
E dos seus dentes faíscam chamas brilhantes de relâmpago.  
Seu cabelo desalinhado voa atrás enquanto ela corre a esmo.  
Destemida nesta guerra entre os deuses e os demônios.

Dando sua terrível gargalhada, Ela mata os afugentados asuras  
E com Seus clarões deslumbrantes mostra o horror da guerra.

Como as gotas parecem lindas sobre Sua sobranceira.  
Em volta de Seu vasto cabelo negro, as abelhas zumbem em bandos;  
A lua escondeu sua face, contemplando este Mar de Beleza.  
Diga-me, quem pode Ela ser, esta Feiticeira? Maravilha das Maravilhas!  
O Próprio Shiva, como um cadáver, permanece vencido a Seus pés.  
Kamalakanta adivinhou quem Ela é, com o andar de um elefante  
Ela não é outra senão Kali, a Mãe de todos os mundos.

Sri Ramakrishna estava em samadhi profundo.

*Sábado, 21 de julho de 1883*

Eram aproximadamente quatro horas da tarde quando Sri Ramakrishna, com Ramlal e um ou dois devotos, saíram de Dakshineswar para Calcutá, de carruagem. Quando a carruagem passou pelo portão do templo de Kali, encontraram M. que vinha a pé com quatro mangas na mão. A carruagem parou e M. saudou o Mestre. Sri Ramakrishna ia visitar alguns devotos em Calcutá.

Mestre (*a M., com um sorriso*): “Venha conosco. Vamos à casa de Adhar.”

M. entrou muito feliz, na carruagem. Tendo tido uma educação inglesa, não acreditava em tendências herdadas de outras encarnações, mas há poucos dias atrás, teve de admitir que era devido às boas tendências que Adhar herdou de outras encarnações, que demonstrava tanta devoção ao Mestre. Mais tarde pensou neste assunto e constatou que ainda não estava completamente convencido a respeito das tendências herdadas. Tinha ido a Dakshineswar aquele dia para discutir este assunto com Sri Ramakrishna.

Mestre: “Bem, o que você pensa de Adhar?”

M.: “Ele possui uma grande ânsia por Deus.”

Mestre: “Adhar também falou muito bem de você.”

M. ficou em silêncio por algum tempo e então, começou a falar das tendências passadas.

M.: “Não acredito muito em reencarnação e tendências herdadas. Será que isto prejudica de algum modo a minha devoção a Deus?”

Mestre: “Basta acreditar que tudo é possível na criação de Deus. Jamais permita que cruze em sua mente, o pensamento de que só as suas idéias são verdadeiras e que as dos outros são falsas. Deus explicará tudo.

“O que pode um homem compreender dos atos de Deus? As facetas da criação de Deus são infinitas. Não tento compreender os atos de Deus. Sempre ouvi dizer que tudo é possível na criação divina e trago isto sempre na mente. Não penso no mundo, medito somente em Deus. Uma vez perguntaram a Hanuman: ‘Que dia do calendário lunar é?’ Hanuman respondeu: ‘Eu não sei nada a respeito do dia do mês, da posição da lua e das estrelas, ou qualquer coisa semelhante. Só penso em Rama.’

“Pode alguém alguma vez compreender o trabalho de Deus? Ele está tão perto, entretanto, não é possível conhecê-Lo. Balarama não compreendeu que Krishna era Deus.

M.: “Isto é verdade, senhor.”

Mestre: “Deus envolveu tudo com Sua maya. Ele não nos deixa conhecer nada. Maya é ‘mulher e ouro’. Aquele que coloca maya de lado, pode ver Deus. Certa vez, quando estava explicando as ações de Deus a alguém, subitamente Deus mostrou-me o lago de Kamarpukur. Vi um homem removendo o lodo verde e bebendo a água. Ela estava clara como cristal. Deus revelou-me que Satchidananda está coberta pelo lodo de maya. Quem afasta o lodo verde pode beber a água.

“Deixe-me contar uma experiência muito secreta: uma vez entrei no bosque perto do pinheiral. Estava sentado ali quando tive a visão de algo semelhante à porta secreta de um aposento. Não podia ver o interior. Tentei fazer um furo com um cortador de unha, mas não consegui. Enquanto furava, a terra descia de novo, enchendo o buraco. Subitamente fiz uma grande abertura.”

Pronunciando estas palavras, o Mestre ficou em silêncio. Depois de um certo tempo, falou: “Estas são palavras muito profundas. Senti como se alguém estivesse pressionando minha boca. ... Vi com meus próprios olhos que Deus mora até no órgão sexual. Eu O vi uma vez, num ato sexual entre um cão e uma cadela.

“O universo é consciente devido à Consciência de Deus. Às vezes penso que esta consciência se move em todos os sentidos, por assim dizer, até mesmo num pequeno peixe.”

A carruagem chegou até o cruzamento em Shovabazar, em Calcutá. O Mestre continuou falando, “Às vezes penso que o universo está saturado pela Consciência de Deus, assim como a terra fica inundada durante a estação chuvosa.

“Bem, tenho tantas visões, mas jamais fico vaidoso com elas.”

M.(*com um sorriso*): “Como se o senhor pudesse falar de vaidade, senhor!”

Mestre: “Dou minha palavra, não sinto a menor vaidade.”

M.: “Uma vez viveu na Grécia um homem chamado Sócrates. Uma voz vinda do céu disse que ele era um sábio entre os homens. Sócrates ficou impressionado com esta revelação. Meditou sobre isto durante muito tempo na solidão e então, compreendeu seu significado. Disse a seus amigos: ‘Somente eu, entre todas as pessoas, compreendi que nada sei, mas todo homem acredita que é sábio. Na realidade todos são ignorantes.’”

Mestre: “De vez em quando penso: ‘O que é que eu sei que faz com que tantas pessoas me procurem?’ Vaishnavcharan foi um grande pundit. Costumava dizer-me: ‘Posso encontrar, nas escrituras todas as coisas das quais o senhor fala, mas o senhor sabe por que venho aqui? Venho aqui para ouvir de sua boca.’”

M.: “Todas as suas palavras estão registradas nas escrituras. Navadvip Goswami também disse isso outro dia no festival de Panihati. O senhor disse-nos naquele dia que, pela repetição da palavra *Gita* um certo número de vezes, ela fica invertida e torna-se *tagi*, que quer dizer, renúncia. A renúncia é a essência do *Gita*. Navadvip Goswami apoiou sua afirmação do ponto de vista gramatical.”

Mestre: “Você já encontrou outra pessoa que se parecesse comigo – um pundit ou santo?”

M.: “Deus criou o senhor com Suas próprias mãos, enquanto que os outros Ele fez à máquina. Todos os outros Ele criou de acordo com a lei.”

Mestre (*rindo, a Ramlal e outros devotos*): “Ouçam o que ele está dizendo!”

Sri Ramakrishna riu por algum tempo e por fim, disse: “Realmente, não tenho qualquer orgulho – não, nem o mínimo sequer.”

M.: “O Conhecimento nos faz bem, pelo menos para uma coisa: faz-nos sentir que não sabemos nada, que não somos nada.”

Mestre: “Você tem razão! Não sou nada. Não sou ninguém.

“Acredita na astronomia inglesa?”

M.: “É possível fazer novas descobertas aplicando-se as leis da astronomia ocidental. Observando o movimento irregular de Urano, os astrônomos olharam através de seu telescópio e descobriram Netuno, brilhando no céu. Podem também, prever eclipses.”

Mestre: “Sim, é verdade”.

A carruagem continuava seu caminho. Aproximavam-se agora, da casa de Adhar. Sri Ramakrishna disse a M.: “Fique estabelecido na verdade e certamente, realizará Deus.”

M.: “O senhor disse outro dia a Navadvip Goswami: ‘Ó Deus, eu Te quero. Por favor não me engane com Tua maya sedutora. Quero realizar-Te.’”

Mestre: “Sim, deve-se poder dizer isto do fundo do coração.”

Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar e sentou-se na sala de visitas. Ramlal, Adhar, M. e outros devotos sentaram-se juntos. Rakhhal estava vivendo na casa de seu pai em Calcutá.

Mestre (*a Adhar*): “Você avisou a Rakhhal que eu vinha?”

Adhar: “Sim, senhor. Avisei-o.”

Vendo que o Mestre estava ansioso para ver Rakhhal, Adhar imediatamente mandou sua carruagem buscá-lo. Naquele dia Adhar havia desejado muito ver o Mestre, mas em hipótese alguma imaginara que Sri Ramakrishna estava indo para lá.

Adhar: “O senhor não vem aqui há muito tempo. Pedi hoje a Deus que viesse. Cheguei mesmo a chorar.”

O Mestre ficou muito contente e disse com um sorriso: “É verdade?”

Era o entardecer e os lampiões foram acesos. Sri Ramakrishna saudou a Mãe Divina com as mãos postas e sentou-se quieto, absorvido em meditação. Em seguida começou a cantar os nomes de Deus com sua voz doce: “Govinda! Govinda! Satchidananda! Hari! Hari!” Cada palavra murmurada derramava néctar nos ouvidos dos devotos.

Ramlal cantou em louvor a Kali, a Mãe Divina:

Ouvi Teu nome., Ó Consorte de Shiva, destruidora de nossos temores.  
Assim, a Ti entrego o meu fardo. Salva-me! Salva-me, Ó Mãe gentil!  
Do Teu ventre o mundo nasceu e Tu és quem o permeia.

És Tu Kali? És Tu Radha? Quem pode alguma vez dizer com certeza?  
 Mãe, em cada ser vivente, Tu tens Tua morada:  
 Como Kundalini, Tu moras no lótus do Muladhara.  
 Acima dele está o Svadhithana, onde floresce o lótus de quatro pétalas:  
 Aí também, Tu constróis Tua morada, Ó místico poder da Kundalini.  
 Nas quatro pétalas dessa flor e nas seis pétalas De Vajrasana.  
 No umbigo está Manipura, a flor de lótus azul de dez pétalas:  
 Através do caminho até Sushumna, Tu sobes e entras ali.  
 Ó Senhora dos lótus, nas flores de lótus Tu moras!

Além deles está o lago de Néctar, na região do coração.  
 Onde a flor de lótus de doze pétalas encanta os olhos com a chama escarlate.  
 Quando Tu a abres, Ó Mãe, tocando-a com Teus Pés de Lótus.  
 A longa época da escuridão do coração imediatamente desaparece de Tua vista.  
 Acima, na garganta, está a flor de lótus de dezessete pétalas de cor enegrecida.  
 Dentro das pétalas desta flor permanece escondido um espaço sutil.  
 Transcendendo-o pode-se ver em toda sua extensão, o universo que se dissolve no Espaço.  
 Entretanto, ainda mais alto, entre as sobranceiras, floresce o lótus de pétalas.  
 Onde a mente do homem fica prisioneira controlando o passado.  
 Desta flor, a mente deseja observar o jogo esportivo da vida.

Mais alto de todos, dentro da cabeça, está o centro cativante da alma,  
 Onde brilha o lótus de mil pétalas, a morada de Mahadeva.  
 Tendo subido ao Seu Trono, Ó esposa de Shiva, senta-Te ao Seu lado!  
 Tu és o Poder Primordial, Ó Mãe! Aquela cujos sentidos estão controlados.  
 Os Yogis meditam em Ti como Uma, a grande filha do Himalaia.  
 Tu és o Poder de Shiva! Condena à morte meus anseios sem fim.  
 Concede com que jamais caia no oceano deste mundo.  
 Mãe, Tu és o Poder Primordial. Tu és os cinco princípios cósmicos;  
 Quem pode esperar alguma vez conhecer-Te, Tu que estás além de todos os princípios?  
 Apenas para o bem dos Teus bhaktas, Tu assumas Tuas várias formas;  
 Mas quando os cinco sentidos do Teu devoto fundem-se nos cinco elementos,  
 Mãe, é a Ti somente que ele contempla como a Verdade sem forma.

Ramlal cantou os versos:

Acima, na garganta, está a flor de lótus de dezesseis pétalas, de cor enegrecida.  
 Dentro das pétalas desta flor está escondido um espaço sutil.  
 Transcendendo-o, vê-se em toda sua extensão, o universo que se dissolve no Espaço.

O Mestre disse a M.: “Ouça. Esta é conhecida como a visão de Satchidananda, o Brahman Sem forma. A Kundalini, elevando-se acima do chakra Vishuddha, permite que uma pessoa veja tudo como akasha.”

M.: “Sim, senhor!”

Mestre: “Atinge-se o Absoluto indo além do universo e de seus seres criados invocados por maya. Passando além do Nada, entra-se em samadhi. Repetindo Om, vai-se além do Nada e chega-se ao samadhi.”

Adhar ofereceu a Sri Ramakrishna frutas e doces. O Mestre foi para a casa de Jadu Mallick.

Sri Ramakrishna entrou no aposento da casa de Jadu onde a Mãe Divina estava sendo adorada. Ficou de pé ante a imagem, que havia sido adornada com flores, grinaldas e pasta de sândalo e que irradiava uma beleza e esplendor celestiais. Lâmpioes queimavam diante o pedestal. Um sacerdote estava sentado diante da imagem. O Mestre pediu a um dos seus acompanhantes para oferecer uma rupia no altar, segundo o costume hindu.

Com as mãos postas, Sri Ramakrishna permaneceu longo tempo diante da imagem abençoada e os devotos atrás dele. Gradualmente entrou em samadhi, o corpo tornou-se imóvel e os olhos parados.

Com um longo suspiro, voltou ao mundo dos sentidos e disse, ainda embriagado pelo fervor divino, “Mãe, adeus”, mas ele não podia deixar o lugar. Ficou de pé. Dirigindo-se a Ramlal, falou: “Por favor, cante aquela canção e eu ficarei bem.”

Ramlal cantou:

“Ó Mãe, Consorte de Shiva, Tu iludiste este mundo”. ...

O Mestre foi à sala de visitas com os devotos. De vez em quando dizia: “Ó Mãe, por favor mora no meu coração!” Jadu estava sentado na sala de visitas com seus amigos. O Mestre sentou-se ainda em êxtase e cantou:

Ó Mãe, tão venturosa Tu és.  
Não prives Teu filho indigno da bem-aventurança. ...

Acabando a canção disse a Jadu, ainda em êxtase: “Bem, senhor, o que cantarei? Cantarei ‘Mãe, sou Tua criança de oito meses’?”

Cantou:

Mãe, sou Tua criança de oito meses?<sup>4</sup> Teus olhos vermelhos não podem me assustar!  
Minha riqueza são Teus Pés de Lótus, que Shiva mantém sobre Seu peito,  
Contudo, quando procuro minha herança, encontro desculpas e demoras.  
Um ato de concessão seguro em meu peito, confirmado pelo Teu Consorte Shiva;  
Vou processar-Te se devo e com simples delegação ganharei.  
Se Tu Te opões a mim, Tu saberás que espécie de filho eu sou.  
Esta demanda entre Mãe e filho -  
Que esporte! diz Ramprasad. Não pararei de atormentar-Te  
Até que Tu mesma cedas na luta e me tomes por fim, em Teus braços.

Voltando ao estado normal, o Mestre disse: “Comerei algum prasad da Mãe Divina.” Em seguida, comeu um pouquinho.

Jadu Mallick estava sentado junto dele com vários amigos, alguns, bajuladores.

Mestre (*com um sorriso*): “Bem, por que mantém esses interesseiros com você?”

Jadu (*com um sorriso*): “Suponhamos que sejam. O senhor pode redimi-los?”

Mestre (*sorrindo*): “A água do Ganges não pode purificar um jarro de vinho.”

Jadu havia prometido ao Mestre que organizaria um festival de *Chandi* em sua casa. Algum tempo havia passado, mas ainda não havia cumprido sua promessa.

Mestre: “Bem, e o recital do *Chandi*?”

Jadu: “Estive muito ocupado com muitas coisas: não tive tempo de organizá-lo.”

Mestre: “Como assim? Um homem dá sua palavra e não pode voltar atrás! ‘As palavras de um homem são como os colmilhos de um elefante: saem para fora, mas não podem voltar. Um homem deve honrar sua palavra.’ O que me diz?”

Jadu (*com um sorriso*): “O senhor tem razão.”

Mestre: “Você é um homem perspicaz, faz tudo calculado. É como um brahmin que escolhe uma vaca que come muito pouco mas dá muito esterco e leite.” (*Todos riem*).

Pouco tempo depois disse a Jadu: “Agora compreendo sua natureza. É metade quente e metade fria. É devotado a Deus mas também, ao mundo.”

Jadu serviu o Mestre e seus devotos com doces e frutas e então, o grupo foi para a casa de Khe-lat Ghosh.

A casa de Ghelat Ghosh era uma grande mansão, mas parecia deserta. Assim que o Mestre entrou, ficou em estado extático. M., Ramlal e alguns devotos estavam com ele. Seu anfitrião era o cunhado de Khe-lat Ghosh, um vaishnava de idade avançada. O corpo estava marcado com o nome de Deus, segundo o costume vaishnava e levava na mão um saquinho com seu rosário. Havia visitado o Mestre algumas vezes, em Dakshineswar, mas a maioria dos vaishnavas possuíam uma visão religiosa estreita, criticando os vedantistas e os seguidores de Shiva. Logo Sri Ramakrishna começou a falar.

Mestre: “Não é bom crer que só a sua religião é boa e que as outras são falsas. Deus é apenas um e não, dois. Pessoas diferentes chamam-n’O por diferentes nomes, alguns Alá, outros Deus e outros, Krishna, Shiva e Brahman. É como a água de um lago. Alguns bebem num lugar e chamam-na ‘jal’, outros em outro lugar chamam-na ‘pani’ e ainda, outros, num terceiro lugar, chamando-a ‘água’. Os indianos falam ‘jal’, os cristãos ‘água’ e os muçulmanos, ‘pani’, mas a água é uma e a mesma. As opiniões são somente caminhos. Cada religião é apenas um caminho que conduz a Deus, como os rios que vêm de direções diferentes e por fim, tornam-se unos no único oceano.

<sup>4</sup> Um filho prematuro é, geralmente, fraco e medroso.

“A Verdade estabelecida nos Vedas, nos Puranas e nos Tantras é somente uma: Satchidananda. Nos Vedas Ela é chamada Brahman, nos Puranas A chamam Krishna, Rama etc., e nos Tantras, Shiva. O único Satchidananda é chamado Brahman, Krishna e Shiva.”

Os devotos permaneceram em silêncio.

Um devoto vaishnava: “Senhor, por que uma pessoa necessita pensar em Deus?”

Mestre: “Se um homem tem esse Conhecimento<sup>5</sup>, então, realmente está liberado, mesmo vivendo num corpo.

“Não há dúvida de que nem todos acreditam em Deus, simplesmente falam. As pessoas de mentalidade mundana ouviram falar que Deus existe e que tudo acontece por Sua vontade, mas essa não é a sua crença interior.

“Você sabe que idéia um homem mundano faz de Deus? É como o juramento que as crianças fazem em nome de Deus, quando brigam. Ouviram essa palavra durante a discussão entre suas tias.

“É possível que todos compreendam Deus? Deus criou o bem e o mal, o devoto e o ímpio, o crente e céptico. As maravilhas que vemos, existem em Sua criação. Num lugar há maior manifestação do Seu poder e em outro, menos. A luz do sol é menos refletida pela água do que pela terra e melhor ainda, por um espelho. Também há diferentes níveis entre os devotos de Deus: superior, medíocre e inferior. Tudo isto está descrito no *Gita*.”

Vaishnava: “É verdade, senhor.”

Mestre: “O devoto inferior diz: ‘Deus existe, mas Ele está muito longe, lá no céu.’ O devoto medíocre diz: ‘Deus existe em todos os seres como vida e consciência.’ O devoto superior diz: ‘É o Próprio Deus que Se tornou tudo; qualquer outra coisa que vejo é somente uma forma de Deus. Foi somente Ele que Se tornou maya, o universo e todos os seres vivos. Nada existe além de Deus.’ ”

Vaishnava: “Alguém pode alcançar esse estado mental?”

Mestre: “Uma pessoa não pode atingi-lo a não ser que tenha visto Deus, mas há sinais que mostram que um homem teve a visão de Deus. O homem que viu Deus comporta-se como um louco: ri, chora, dança e canta. Às vezes comporta-se como uma criança de cinco anos – sem astúcia, generoso, sem vaidade, desapegado de tudo, sem estar sob o controle de qualquer um dos gunas, sempre feliz. Às vezes comporta-se como um duende, não sabe diferenciar entre coisas puras e impuras: não vê diferença entre coisas limpas e sujas e às vezes, é como uma coisa inerte, com o olhar perdido não pode fazer qualquer trabalho, não pode lutar por nada.”

Estava o Mestre fazendo uma referência velada aos seus próprios estados mentais?

Mestre (*ao devoto vaishnava*): “O sentimento do ‘Tu’ e ‘Teu’ é o resultado do Conhecimento: ‘eu’ e ‘meu’ vêm da ignorância. O Conhecimento faz-nos sentir: ‘Ó Deus, Tu és Aquele que faz e eu sou Teu instrumento. Ó Deus, a Ti pertencem todas as coisas – corpo, mente, casa, família, seres vivos e o universo. Tudo isto é Teu. Nada me pertence.’

“Uma pessoa ignorante diz: ‘Ó, Deus está além – muito longe.’ O homem de Conhecimento sabe que Deus está aqui, muito perto, no coração, que Ele assumiu todas as formas e mora em todos os corações como o Controlador Interior.”

*Domingo, 22 de julho de 1883i*

Aproveitando o feriado, muitos devotos chefes de família visitaram Sri Ramakrishna em seu aposento no templo de Dakshineswar. Os jovens devotos, em sua maioria estudantes, vinham geralmente nos fins de semana. Às vezes o Mestre pedia a seus discípulos íntimos para virem na terça ou no sábado, que ele considerava muito auspiciosos para instrução religiosa especial. Adhar, Rakhai e M. haviam vindo de Calcutá numa carruagem alugada.

Sri Ramakrishna descansou um pouco depois do almoço. O aposento tinha uma atmosfera de pureza e santidade. Nas paredes havia quadros de deuses e deusas entre os quais um de Cristo salvando Pedro de afogamento. Fora do quarto havia plantas carregadas de flores perfumadas e podia-se ver o Ganga correndo em direção ao sul. O Mestre estava sentado no divã pequeno, olhando para o norte – e os devotos sentados em esteiras e tapetes espalhados pelo chão. Todos os olhos estavam fixos nele. Mani Mallick, um velho devoto brahmo, de aproximadamente sessenta e cinco anos, veio apresentar seus respeitos ao Mestre. Havia regressado há poucos meses, de uma peregrinação a Benares e contava suas experiências a Sri Ramakrishna.

<sup>5</sup> O Conhecimento de que Deus existe no interior e no exterior, em toda parte. Assim, pensar em Deus é supérfluo.

Mani Mallick: “Um monge que conheci em Benares disse que nenhuma experiência religiosa é possível sem o controle dos órgãos dos sentidos. Nada pode ser alcançado simplesmente dizendo: ‘Deus! Deus!’ ”

Mestre: “Você compreende o ponto de vista de instrutores como ele? Segundo eles, deve-se primeiro praticar disciplina espiritual como autocontrole, autodisciplina, tolerância e similares. A meta é atingir o Nirvana. São seguidores da Vedanta. Sempre discriminam, dizendo: ‘Só Brahman é real e o mundo, ilusório.’ Este, porém, é um caminho extremamente difícil. Se o mundo é ilusório então, você também, é ilusório. O mestre que instrui é igualmente ilusório e suas palavras também, são ilusórias, como um sonho.

“Mas esta experiência está além do alcance do homem comum. Sabe como se parece? Se se queimar cânfora, não sobra nada. Quando se queima madeira, pelo menos sobra um pouco de cinzas. Por fim, depois de uma última análise, o devoto entra em samadhi. Então não sabe absolutamente nada a respeito de ‘eu’, ‘você’ ou universo.

“Padmalochan era um homem de grande sabedoria. Tinha muito respeito por mim, embora naquela época eu freqüentemente repetisse o nome da Mãe Divina. Era um pundit da corte do Maharaja de Burdwan. Uma vez veio a Calcutá – e foi viver numa casa perto de Kamarhati. Tive o desejo de ir vê-lo e mandei Hriday lá para saber se o pundit apresentava algum sinal de vaidade. Soube que não tinha nenhum. Então fui vê-lo. Embora fosse um homem de grande erudição e conhecimento, começou a chorar, ouvindo-me cantar as canções devocionais de Ramprasad. Conversamos juntos por um longo tempo; nenhuma conversa com outra pessoa deu-me tanta satisfação. Ele me disse: ‘Abandone o desejo da companhia dos devotos, do contrário, pessoas de todos os tipos virão até o senhor e o farão desviar-se do seu ideal espiritual.’ Uma vez entrou em discussão, por correspondência, com Utshavandana, o guru de Vaishnavcharan. Contou-me um incidente interessante. Uma vez foi convocada uma reunião, para decidir qual das duas divindades, Shiva ou Brahma, era a maior. Incapazes de chegarem a um acordo, os pundits por fim, levaram o assunto a Padmalochan. Com a sua característica sinceridade, disse: ‘Como posso saber? Nem eu nem nenhum de meus antepassados, desde a décima quarta geração, viu Shiva ou Brahma.’ A respeito da renúncia de ‘mulher e ouro’, disse-me um dia: ‘Por que o senhor abandonou estas coisas? Tais distinções como “Isto é dinheiro, isto é barro” são o resultado da ignorância.’ O que eu podia dizer sobre isto? Respondi: ‘Não conheço estas coisas, meu caro senhor, mas da minha parte, não posso encontrar prazer em coisas como dinheiro e similares.’

“Havia um pundit extremamente vaidoso. Não acreditava nas formas de Deus. Mas quem pode entender os meios inescrutáveis do Divino? Deus revelou-Se a ele como o Poder Primordial. Esta visão tornou-se inconsciente durante muito tempo. Depois de ter recobrado a consciência parcial, somente pronunciava ‘Ka! Ka! Ka!’ Não conseguia falar o nome completo de Kali’.”

Um devoto: “O senhor conheceu o Pundit Vidyasagar. O que pensa dele?”

“Mestre: “Vidyasagar tem ao mesmo tempo erudição e caridade, mas falta-lhe visão interior. Deus está escondido dentro dele. Se ele tivesse descoberto isso no seu exterior, suas atividades teriam sido reduzidas; finalmente teriam cessado totalmente. Tivesse ele apenas sabido que Deus reside em seu coração, sua mente estaria dirigida a Deus em pensamento e meditação. Algumas pessoas devem fazer trabalho desinteressado por muito tempo, antes que possam praticar desapego e dirigir sua mente ao ideal espiritual e por fim, serem absorvidas em Deus.

“As atividades nas quais Vidyasagar está empenhado são boas. Caridade é muito nobre. Há uma grande diferença entre daya, compaixão, e maya, apego. Daya é bom, mas maya, não. Maya é o amor pelos parentes – esposa, filhos, irmãos, sobrinhos, pai e mãe, mas daya é o mesmo amor por todas as criaturas sem distinção.”

M.: “É daya também, escravidão?”

Mestre: “Sim, é, mas esse conceito está muito além do homem comum. Daya nasce de sattva. Sattva preserva, rajas cria e tamas destrói, mas Brahman está além dos três gunas. Está além de Prakriti.

“Nenhum dos três gunas pode alcançar a Verdade: são como ladrões que não podem ir a um lugar público com medo de serem presos. Sattva, rajas e tamas são como ladrões.

“Ouça uma história. Uma vez um homem estava atravessando uma floresta, quando três ladrões caíram em cima dele e roubaram tudo o que possuía. Um dos ladrões disse: ‘Por que conservar a vida deste homem?’ Assim dizendo, estava a ponto de matá-lo com sua espada, quando o segundo ladrão o interrompeu, dizendo: ‘Ó não! Por que matá-lo? Amarrem suas mãos e pés e deixem-no aqui.’ Os ladrões assim o fizeram e foram embora. Depois de um certo tempo o terceiro ladrão voltou e disse ao

homem: ‘Ah! Sinto muito. O senhor está ferido? Vou soltá-lo.’ Depois de desamarrá-lo, o ladrão falou: ‘Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada principal.’ Depois de muito tempo chegaram à estrada. Então o ladrão disse-lhe: ‘Siga esta estrada. Lá está sua casa.’ A isto o homem respondeu: ‘O senhor foi muito bondoso comigo. Venha até minha casa.’ ‘Ó não!’ replicou o ladrão. ‘Não posso ir até lá pois a polícia saberia.’

“Este mundo é uma floresta. Os três ladrões aqui à espreita, são sattva, rajas e tamas. São eles que roubam dos homens o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destruí-lo. Rajas liga-o ao mundo, mas sattva salva-o de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva, o homem livra-se da raiva, paixão e outro mau efeito de tamas. Depois sattva solta os grilhões do mundo, mas sattva também, é um ladrão. Não pode dar-lhe o Conhecimento final da Verdade, embora lhe mostre o caminho para a Suprema Morada de Deus. Colocando-o no caminho, sattva lhe diz: ‘Olhe mais além; ali está seu lar.’ Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman.

“O que Brahman é, não pode ser descrito. Mesmo quem O conhece não pode falar sobre Ele. Há um ditado que diz que quando um barco chega às ‘águas negras’ do oceano, não pode mais voltar .

“Uma vez quatro amigos, durante um passeio, viram um lugar cercado por um muro muito alto. Todos ficaram curiosos para saber o que havia do outro lado. Um deles subiu até o alto do muro. O que ele viu olhando para dentro, deixou-o sem fala e maravilhado. Apenas gritava: ‘Ah! Ah!’ e pulou. Não pôde dizer mais nada sobre o que vira. Os outros também subiram no muro e deram o mesmo grito: ‘Ah! Ah!’ e saltaram. Agora, quem poderia dizer o que havia lá dentro?

“Sábios como Jadabharata e Dattatreya, depois de realizarem Brahman, não o puderam descrever. O ‘eu’ de um homem desaparece totalmente quando entra em samadhi depois de atingir o Conhecimento de Brahman. É por isso que Ramprasad cantou, dirigindo-se à sua mente:

Se você achou a tarefa muito difícil,  
Chame Ramprasad para ajudar.

“A mente deve mergulhar completamente no Conhecimento, mas isto não é suficiente. ‘Ramprasad’ isto é, o princípio do ‘eu’ deve desaparecer também. Só então obtém-se o Conhecimento de Brahman.”

Um devoto: “Senhor, é possível que Shukadeva não tenha tido o Conhecimento Supremo?”

Mestre: “Segundo alguns, Shukadeva somente viu e tocou o Oceano de Brahman: não mergulhou n’Ele. Por isso pôde voltar ao mundo de nome e forma, depois de atingir o Conhecimento de Brahman, com o propósito de ensinar aos outros. Teve que recitar o *Bhagavata* para o rei Parikshit e ensinar às pessoas de diversas maneiras, portanto, Deus não destruiu seu ‘eu’ completamente. Deus manteve seu ‘ego do Conhecimento’.”

Devoto: “Pode alguém continuar a dirigir uma organização depois de alcançar o Conhecimento de Brahman?”

Mestre: “Uma vez falei com Keshab Sen a respeito do Conhecimento de Brahman. Pediu-me para lhe explicar melhor. Falei-lhe: ‘Se eu me aprofundar, você não será capaz de preservar e continuar sua organização.’ ‘Então, por favor, pare por aqui!’ respondeu Keshab. (*Todos riem*). Eu ainda disse a Keshab: ‘ “eu” e “meu” indicam ignorância. Sem ignorância não se pode ter o sentimento de que “sou eu quem faz, aqui estão minha esposa, filhos, posses, nome a fama”.’ A isto Keshab retrucou: ‘Senhor, se uma pessoa abandonar o “eu”, nada mais permanecerá.’ Eu o tranqüilizei: ‘Não estou lhe pedindo para abandonar tudo sobre o “eu”. Deve deixar somente o “eu imaturo”. O “eu imaturo” faz uma pessoa sentir: “Sou eu quem faz. Aqui estão minha esposa e filhos. Sou um instrutor.” Renuncie a este “eu imaturo” e mantenha o “eu maduro” que faz com que você sinta que é o servo de Deus, Seu devoto e que Deus é Aquele que faz e você é Seu instrumento.’ ”

Devoto: “Pode o ‘eu maduro’ ter uma organização?”

Mestre: “Disse a Keshab Sen que o ‘eu’ que diz, ‘Sou um líder, formei este grupo, estou ensinando às pessoas, é o “eu imaturo”. É muito difícil pregar religião. Não é possível fazer isto, sem ter recebido o mandato de Deus. A permissão de Deus é necessária. Shukadeva teve ordem de Deus para recitar o *Bhagavata*. Se, depois de realizar Deus, um homem recebe Sua ordem e se torna um pregador ou mestre, então tal pregação ou ensinamento não fazem qualquer mal. Seu ‘eu’ não é ‘imaturo’; é ‘maduro’.

“Pedi a Keshab para abandonar este ‘eu – imaturo’. O ego que sente, ‘sou o servo de Deus e amante de Deus’, não prejudica ninguém. Disse-lhe: ‘Você vive falando com frequência de sua organização e de seus seguidores, mas as pessoas também a abandonam.’ Keshab respondeu: ‘É verdade,

senhor. Depois de permanecerem vários anos, as pessoas buscam outra organização. O que é pior, quando me abandonam, saem me criticando a torto e a direito.’ ‘Por que você não estuda a natureza delas?’ eu disse, ‘Há algum bem em tornar qualquer um discípulo?’

“Disse mais a Keshab: ‘Você deveria aceitar a Mãe Divina, a Energia Primordial. Brahman não é diferente de Sua Shakti. Aquele que é Brahman é também, Shakti. Enquanto um homem permanecer consciente do corpo, é consciente da dualidade. É só enquanto um homem tenta descrever o que vê, é que encontra a dualidade.’ Mais tarde Keshab reconheceu Kali.

“Um dia, quando Keshab estava aqui com seus discípulos, disse-lhe que gostaria de vê-lo pregar. Deu uma palestra no chandni. Depois sentamo-nos ao lado do ghat de banho e tivemos uma longa conversa. Disse-lhe: ‘É Bhagavan somente que em uma forma aparece como bhakta e em outra, como *Bhagavata*. Por favor repita – “Bhagavata – Bhakta – Bhagavan”. Keshab e seus discípulos repetiram as palavras. Em seguida pedi-lhe para repetir “Guru-Krishna-vaishnava”. Então Keshab disse: ‘Senhor, não devo ir tão longe agora. As pessoas vão dizer que me tornei um hindu ortodoxo.’

“É muito difícil ir além dos três gunas. Não se pode atingir este estado sem antes haver realizado Deus. O homem mora no reino de maya. Maya não o permite ver Deus. Tornou-o vítima da ignorância.

“Uma vez Hriday trouxe um bezerro para cá. Um dia vi que ele o tinha amarrado com uma corda no jardim, de tal forma que só pudesse pastar ali. Perguntei: ‘Hriday, por que você prende o bezerro todos os dias?’ ‘Tio’, respondeu, ‘vou mandar este bezerro para nossa vila. Quando se tornar forte, eu o jungirei a um arado.’ Assim que ouvi estas palavras, fiquei pasmado, pensando: ‘Como é inescrutável o jogo da maya divina! Kamarpukur e Sihore<sup>6</sup> estão tão longe de Calcutá! Este pobre animal tem todo este caminho para percorrer. Vai crescer e por fim, será ligado a um arado. Isto é realmente o mundo! Isto é realmente maya!’ Caí inconsciente e só depois de muito tempo, retornei à consciência.”

Eram três ou quatro horas da tarde. M. encontrou Sri Ramakrishna sentado no divã em êxtase. Depois de algum tempo ouviu-o conversando com a Mãe Divina. O Mestre dizia: “Ó Mãe, por que Tu lhe deste somente uma partícula?” Ficando em silêncio por alguns minutos, acrescentou: “Compreendo, Mãe. Este pouco lhe será suficiente e servirá a Teu propósito. Este pouquinho o capacitará a ensinar às pessoas.”

Será que o Mestre desta maneira transmitia seus poderes espirituais a seus discípulos? Será que assim ele acabava descobrindo que seus discípulos depois dele, iriam sair pelo mundo ensinando?

Rakhal encontrava-se no aposento. Sri Ramakrishna ainda estava em estado de consciência parcial, quando disse a Rakhal: “Você ficou zangado comigo, não ficou? Sabe porque o fiz ficar assim? Houve uma razão. Somente então o remédio faz efeito. O cirurgião primeiro faz o abcesso amadurecer e então coloca a erva para que arrebente e seque.”

“Depois de uma pausa, continuou: “Sim, achei que Hazra é como um pedaço de madeira seca. Por que então ele mora aqui? Isto tem um significado também. A peça fica animada com a presença de pessoas criadoras de caso como Jatila e Kutila.

(A M.): “Deve-se aceitar as formas de Deus. Conhece o significado da imagem de Jagaddhatri? Ela é Quem sustenta o Universo. Sem Seu suporte e proteção, o universo desabaria e seria destruído. A Mãe Divina, Jagaddhatri, revela-Se no coração daquele que pode controlar sua mente, que pode ser comparado a um elefante.”

Rakhal: “A mente é um elefante louco.”

Mestre: “Por isso o leão, a montaria da Mãe Divina, mantém a mente sob controle<sup>7</sup>.”

Era o entardecer. O culto da tarde havia começado nos templos. Sri Ramakrishna cantava os nomes dos deuses e deusas. Sentado no divã pequeno, com as mãos postas, ficou absorvido na contemplação da Mãe Divina. O mundo lá fora estava inundado pelo luar e os devotos, no quarto do Mestre, permaneciam sentados em silêncio, olhando seu rosto sereno.

Nesse meio tempo, Govinda de Belgharia e alguns de seus amigos entraram no aposento. Sri Ramakrishna continuava em estado semiconsciente. Depois de algum tempo, disse aos devotos: “Contem-nos suas dúvidas. Explicarei tudo.”

Govinda e outros devotos permaneceram pensativos.

Govinda: “Reverenciado senhor, por que a Mãe Divina tem a pele escura? <sup>8</sup>.”

<sup>6</sup> Terra natal de Hriday.

<sup>7</sup> Na imagem de Jagaddhatri, o leão, Seu transportador, é visto mantendo um elefante sob controle.

<sup>8</sup> Referência à imagem de Kali.

Mestre: “Você A vê negra porque está muito afastado d’Ela. Aproxime-se e A verá destituída de cor. A água de um lago parece escura à distância. Aproxime-se e apanhe-a com a mão e constatará que não tem cor alguma. Assim também o céu parece azul ao longe, mas olhe o ar em sua volta não tem cor. Quanto mais se aproximar de Deus, mais realizará que Ele não tem nem nome nem forma. Se você se afastar da Mãe Divina A verá azul como a flor da grama. Shyama é homem ou mulher? Um homem uma vez viu a imagem da Mãe Divina usando do cordão sagrado <sup>9</sup>. Disse ao adorador: ‘O que? Você colocou o cordão sagrado no pescoço da Mãe!’ Respondeu ele: ‘Irmão, vejo que você verdadeiramente conheceu a Mãe, mas eu ainda não fui capaz de descobrir se Ela é homem ou mulher; por isso é que pus o cordão sagrado em Sua imagem.

“Aquele que é Shyama é também, Brahman. Aquele que tem forma também é sem forma. Assim também, Aquele que tem atributos também não os tem. Brahman é Shakti. Shakti é Brahman. Não são dois. Esses são os dois aspectos, masculino e feminino, da mesma Realidade, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos.”

“Govinda: “O que significa ‘yogamaya’?”

Mestre: “Significa a yoga ou união do Purusha <sup>10</sup> e Prakriti <sup>11</sup>. Tudo o que se vê no mundo, é resultado desta união. Tome a imagem de Shiva e Kali. Kali está de pé sob o peito de Shiva; Shiva está sob Seus pés como um cadáver; Kali olha para Shiva. Tudo isto denota a união de Purusha e Prakriti. Purusha é inativo; portanto, Shiva está deitado no chão como um cadáver. Prakriti executa todas as Suas atividades em conjunção com Purusha. Assim, Ela cria, preserva e destrói. Esse é também, o significado das imagens unidas de Radha e Krishna. Devido a essa união, as imagens estão levemente inclinadas uma para a outra.

“Para caracterizar esta união, Sri Krishna usa uma pérola em Seu nariz. Radha uma pedra azul no dela. Radha tem pele clara, brilhante como a pérola. A de Sri Krishna é azul. Por esta razão Radha usa uma pedra azul. Além disso, a roupa de Krishna é amarela e a de Radha, azul.

“Quem é o melhor devoto de Deus? Aquele que vê, depois da realização de Brahman, que somente Deus tornou-Se todos os seres vivos, o universo e os vinte e quatro princípios cósmicos. Em primeiro lugar, deve-se discriminar, dizendo, ‘Isto não, isto não’ e alcançar ao terraço. Depois disso, realiza que os degraus são feitos do mesmo material que o terraço, isto é, de tijolo, cal e pó de tijolo. O devoto realiza que foi somente Brahman que Se tornou tudo isto – os seres vivos, o universo etc.

“Simples raciocínio seco – cuspo nele! Não tenho uso para ele! (*O Mestre cuspiu no chão*).

“Por que eu me tornaria seco devido ao simples raciocínio? Possa eu ter amor puro pelos Pés de Lótus de Deus, enquanto a consciência do ‘eu’ e ‘você’ permanecer comigo!

(A Govinda): “Às vezes digo: ‘Tu és verdadeiramente eu e eu sou verdadeiramente Tu.’ Da mesma maneira sinto: ‘Tu és Tu.’ Então não encontro qualquer traço do ‘eu’. É somente Shakti que Se torna carne como Deus Encarnado. Segundo uma escola de pensamento, Rama e Krishna são somente duas ondas no Oceano de Bem-aventurança e Consciência Absolutos.

“Chaitanya, Consciência, é despertada depois de Advaita-Jnana, o Conhecimento de Brahman não-dual. Percebe-se então, que só Deus existe em todos os seres como Consciência. Depois desta realização vem Ananda, Felicidade, Advaita, Chaitanya e Nityananda <sup>12</sup>.”

(A M.): “Quero pedir-lhe que não desacredite nas formas de Deus. Tenha fé nelas. Medite naquela forma que mais toca a sua mente.

(A Govinda): “O fato é que uma pessoa não sente ânsia para conhecer ou ver Deus enquanto desfrutar os objetos do mundo. A criança esquece-se de tudo quando está com seus brinquedos. Tente tirá-la de sua brincadeira com um doce, mas não conseguirá. Só comerá um pouquinho. Quando não sente mais prazer, nem o doce, nem no seu brinquedo, diz: ‘Quero ir com mamãe.’ Não mais se importa com o doce. Se um homem que ela não conhece lhe diz: ‘Venha, vou levá-la até sua mãe’, a criança o segue. Ela vai com qualquer um que a leve até sua mãe.

“A alma fica desassossegada por Deus quando já não mais quer os prazeres mundanos. Então tem somente um pensamento – realizar Deus. Ouve qualquer coisa que se diga a respeito d’Ele.”

M. (*a si mesmo*): “Meu Deus! A alma só se torna inquieta por Deus quando a pessoa termina com o desfrutar das coisas mundanas.”

<sup>9</sup> Somente as imagens das divindades masculinas são investidas com o cordão sagrado.

<sup>10</sup> Aspecto masculino da Realidade, a Alma ou Absoluto.

<sup>11</sup> Aspecto feminino da Realidade, a Natureza Primordial ou Poder.

<sup>12</sup> Não-dualidade, Consciência e Eterna Bem-aventurança.

*18 de agosto de 1883*

Sri Ramakrishna estava na casa de Balaram Bose em Calcutá. Explicava o mistério da Encarnação Divina aos devotos.

Mestre: “A fim de trazer conhecimento espiritual, a Encarnação Divina vive no mundo na companhia dos devotos, alimentando uma atitude de amor a Deus. É como subir e descer a escada depois de ter alcançado o terraço. Para alcançarem o terraço, outras pessoas devem seguir o caminho da devoção, enquanto não atingirem Conhecimento e tornarem-se livres de desejo. O terraço só pode ser alcançado quando todos os desejos forem liquidados. O dono de uma loja não vai para cama, enquanto não tiver acabado a sua contabilidade. Só vai dormir quando suas contas estiverem terminadas.

(A M.): “Um homem certamente terá sucesso se der um salto. Sucesso é certo para tal pessoa.

“Bem, o que você pensa do culto feito por Keshab, Shivanath e outros dirigentes Brahmos?”

M.: “Eles ficam satisfeitos, como o senhor, em descrever o jardim, mas raramente falam em ver o Dono. Descrever o jardim é o começo e o fim da adoração.”

Mestre: “Você está certo. Nosso único dever é procurar o Dono do jardim e falar com Ele. O único propósito da vida é realizar Deus.”

Sri Ramakrishna foi, então, para a casa de Adhar. Depois do crepúsculo, cantou e dançou na sala de visitas. M., Rakhal e outros devotos estavam presentes. Quando a música terminou, sentou-se imóvel, em êxtase. Disse a Rakhal: “Este fervor religioso<sup>13</sup> não é como a chuva durante a estação chuvosa, que vem e vai em torrentes. É como a imagem de Shiva que não tenha sido feita por mãos humanas, mas que é uma imagem surgida, por assim dizer, das entranhas da terra. Outro dia você saiu de Dakshineswar com raiva. Orei à Mãe Divina para perdoá-lo.”

O Mestre estava imóvel, ainda em êxtase e disse a Adhar: “Meu filho, medite na Divindade cujo nome cantou.” Com estas palavras tocou a língua de Adhar com o dedo e escreveu qualquer coisa nela. Estaria o Mestre transmitindo espiritualidade a Adhar?

---

<sup>13</sup> Referindo-se a si mesmo.

## CAPÍTULO XIII

### O MESTRE E M.

19 de agosto de 1883

**E** RA DOMINGO, o primeiro dia depois da lua cheia. Sri Ramakrishna descansava após o almoço. A comida do meio-dia fora oferecida nos templos, cujas portas já se encontravam fechadas. No começo da tarde, o Mestre sentou-se no divã pequeno em seu aposento. M. prosternou-se diante dele e sentou-se no chão. O Mestre passou a falar a respeito da filosofia Vedanta.

Mestre (*a M.*): “O Autoconhecimento é discutido no *Ashtavakra Samhita*. Os não-dualistas dizem, ‘Soham’ que significa ‘Eu sou o Supremo Ser’. Este é o ponto de vista dos sannyasis da escola vedantista, mas esta não é a atitude apropriada para os chefes de família que pensam que são eles mesmos que fazem tudo. Assim sendo, como podem declarar: ‘Eu sou Aquele, o Supremo Ser inativo’? Segundo os não-dualistas, o Ser é desapegado. Bem e mal, virtude e vício e os outros pares de opostos não podem de jeito algum ferir o Ser, embora indubitavelmente afetem àqueles que se identificam com seus corpos. Certamente a fumaça mancha a parede, mas não pode, de forma alguma afetar o akasha, espaço. Seguindo os vedantistas dessa escola, Krishnakishore costumava dizer: ‘Sou Kha’, significando akasha. Sendo um grande devoto, podia falar assim com alguma justificativa, mas isso não é válido para outros.

“Sentir-se, contudo, uma alma livre, é muito bom. Repetindo sempre, ‘Sou livre, sou livre’, um homem torna-se com certeza, livre. Por outro lado, ao repetir freqüentemente ‘Estou ligado, estou ligado’, seguramente torna-se preso ao mundanismo. O tolo que somente diz, ‘Sou um pecador, sou um pecador’, verdadeiramente afunda-se no mundanismo, mas quem deverá dizer: ‘Cantei o nome de Deus. Como posso ser um pecador? Como posso estar ligado?’

(*A M.*): “Veja, hoje estou muito deprimido. Hriday escreveu-me que está muito doente. Por que estou tão abatido? Será que é por causa de maya ou daya?”

M. não pôde encontrar palavras adequadas para responder e permaneceu em silêncio.

Mestre: “Você sabe o que é maya? É o apego aos parentes – pais, irmãos, mulher e filhos, sobrinhos. Daya significa amor por todos os seres. Agora, o que é isto, meus sentimentos por Hriday? É maya ou daya? Mas Hriday fez tanto por mim, serviu-me de todo o coração e cuidou de mim quando eu estava doente. Mais tarde, porém, também aborreceu-me de uma forma tão insuportável, que um dia estive a ponto de cometer suicídio, jogando-me no Ganges do alto da amurada. Ele, porém, fez muito para me servir. Agora, minha mente sossegará se ele conseguir um pouco de dinheiro. Mas a quem vou pedir? Quem gosta de falar a respeito dessas coisas aos nossos visitantes ricos?”

Às duas ou três horas da tarde, Adhar Sen e Balaram chegaram. Depois de saudarem Sri Ramakrishna, sentaram-se no chão e perguntaram se ele estava bem. O Mestre disse: “Sim, estou bem fisicamente, mas um pouco perturbado.” Ele não mencionou Hriday e seus problemas.

A conversa girou em torno da Deusa Simhavahini.

Mestre: “Sim, visitei a Deusa. Ela é adorada por um dos ramos da família Mallick de Calcutá. Este ramo da família está agora em situação difícil e a casa onde moram está em péssimo estado. As paredes e o chão estão cobertos de musgo e sujeira de pombo e o cimento e o emboço caindo aos pedaços, mas os outros membros da família Mallick estão bem financeiramente. Este ramo, porém, não apresenta sinais de prosperidade (*a M.*): Bem, o que isto quer dizer?”

M. permaneceu em silêncio.

Mestre: “O certo é que todos devem colher o resultado de seu karma passado. Devemos admitir a influência das tendências herdadas de nascimentos anteriores e o resultado do prarabdha karma. Contudo, nessa casa em ruínas, vi o rosto da Deusa irradiando luz divina. Deve-se acreditar na Presença Divina na imagem.

“Uma vez fui a Vishnupur. O raja desse lugar tinha muitos templos lindos. Num deles há uma imagem da Mãe Divina, chamada Mrinmayi<sup>1</sup>. Há muitos lagos perto do templo, conhecidos como Lalbandh, Krishnabandh e assim por diante. Na água de um dos lagos pude sentir o cheiro dos unguentos que as mulheres usam em seus cabelos. Como explicar isto? Naquela época não sabia que

<sup>1</sup> Para a lenda relacionada com esse templo, ver cap. 42.

as devotas ofereciam unguentos à Deusa Mrinmayi, quando visitavam Seu templo. Próximo ao lago, entrei em samadhi, embora ainda não tivesse visto a imagem no templo. Naquele estado, vi a forma divina da cintura para cima, levantando-se das águas.”

Nesse meio tempo, outros devotos chegaram. Alguém referiu-se à revolução política e à guerra civil em Kabul. Um devoto disse que Yakub Khan, o Amir do Afeganistão, havia sido deposto. Disse ao Mestre que o Amir era um grande devoto de Deus.

Mestre: “Mas você deve lembrar-se de que prazer e dor são características do estado humano. No *Chandi* de Kavi Kanbam está escrito que Kaluvir foi mandado para a prisão e que uma pesada pedra foi colocada em seu pescoço. Sem dúvida Kalu tinha nascido como resultado de uma graça da Mãe Divina do Universo. Assim, prazer e dor são inevitáveis quando a alma aceita um corpo. Veja o caso de Srimanta que era um grande devoto. Embora sua mãe, Khuliana, tivesse sido uma grande devota da Mãe Divina, não havia fim para seus problemas. Quase foi decapitado. Há, também, o exemplo de um lenhador, que era um grande amante da Mãe Divina. Ela lhe apareceu e demonstrou-lhe muito amor e graça, mas teve que continuar com sua profissão de lenhador e ganhar a vida com este árduo trabalho. Também, enquanto Devaki, a mãe de Krishna, esteve na prisão, teve a visão do Próprio Deus com quatro mãos, segurando o bastão, disco, concha e lótus, mas apesar disso, não pôde sair de lá.”

M.: “Por que só falar de sair da prisão. Este corpo é a fonte de todos os problemas. Devaki deveria ter sido libertada do corpo.”

Mestre: “A verdade é que se deve colher o resultado do prarabdha karma. O corpo permanece o tempo necessário para esgotar completamente o resultado das ações passadas. Uma vez um cego banhou-se no Ganges e como resultado, foi libertado de seus pecados, mas sua cegueira continuou. (*Todos riem*). Foi por causa de suas más ações em encarnações anteriores, que teve que passar por este sofrimento.”

M.: “Sim, senhor. A flecha atirada está fora de nosso controle.”

Mestre: “Por mais que um bhakta experimente fisicamente alegria e tristeza, tem sempre o conhecimento e o tesouro do amor divino. Este tesouro jamais o abandona. Veja, por exemplo, os irmãos Pandavas. Embora tivessem sofrido tantas calamidades, não perderam sua Consciência de Deus, nem uma só vez. Onde se pode encontrar homens como eles, dotados de tanto conhecimento e devoção?”

Naquele momento Narendra e o Coronel Viswanath Upadhyaya entraram no aposento. Narendra estava então, com vinte e dois anos e estudava na universidade. Saudaram o Mestre e sentaram-se. O Mestre pediu a Narendra para cantar. O tanpura estava dependurado na parede oeste do aposento. Os devotos olharam fixamente para Narendra logo que começou a afinar os tambores.

Mestre (*a Narendra*): “Os tambores não soam tão bem como antes.”

Capitão: “Estão cheios agora, portanto, estão quietos, como uma embarcação cheia de água. Ou são como um santo, que fica silencioso quando seu coração está pleno de Consciência de Deus.”

Mestre: “Mas e sábios como Narada?”

Capitão: “Falaram porque estavam tocados pelo sofrimento dos outros.”

Mestre: “Você tem razão. Depois de atingirem o samadhi, Narada, Shukadeva e outros desceram alguns degraus, por assim dizer, até o plano normal de consciência e quebraram o silêncio por compaixão pelo sofrimento dos outros, para ajudá-los.”

Narendra começou a cantar:

Ó, quando despertará em mim, aquele dia de bênção  
Quando Aquele que é todo Bem, toda Beleza e toda Verdade  
Iluminará o santuário interior do meu coração?  
Quando mergulharei por fim, no Oceano de Alegria  
Sempre contemplando-O? ...

Logo que o Mestre começou a ouvir as primeiras palavras da canção, entrou em samadhi profundo. Sentou-se com as mãos postas, olhando para o leste. O corpo estava ereto e a mente completamente fora da consciência do mundo, a respiração quase parada. Com os olhos fixos, sentou-se imóvel como uma pintura no quadro. Sua mente havia mergulhado profundamente no Oceano da Beleza de Deus.

Narendra saiu do quarto e foi para a varanda leste, onde Hazra estava sentado num cobertor, com o rosário na mão. Começaram a conversar. Outros devotos chegaram. O Mestre voltou do

samadhi e olhou em volta. Não encontrou Narendra. O tanpura estava no chão. Viu que os olhos ansiosos dos devotos se voltaram para ele.

Mestre (*referindo-se a Narendra*): “Ele acendeu o fogo. Agora não importa se fica ou não, no quarto.

(*Ao Capitão e outros devotos*): “Atribuem a vocês mesmos a felicidade da Consciência de Deus; então irão experimentar uma alegria inefável. A felicidade da Consciência de Deus sempre existe em vocês. Apenas está escondida pelos poderes de envolver e de projeção de maya<sup>2</sup>. Quanto menos desapegados estiverem do mundo, mais amarão Deus.”

Capitão: “Quanto mais você se dirigir para sua casa em Calcutá, mais longe estará de Benares. Assim também, quanto mais prosseguir em direção a Benares, mais deixará sua casa para trás.”

Mestre: “À medida que Radha avança em direção a Krishna, podia sentir cada vez mais a suave fragrância de Seu corpo. Quanto mais perto se aproximarem de Deus, mais sentirão Seu amor. Quanto mais perto estiver o rio do oceano, mais intensamente sente o fluxo das marés.

“O jnani experimenta a Consciência de Deus dentro de si mesmo; é como o curso superior do Ganges, que corre somente numa direção. Para ele o mundo inteiro é ilusório como um sonho; está sempre estabelecido na Realidade do Ser, mas com o amante de Deus, o caso é diferente. Seu sentimento não flui somente numa direção. Sente tanto a maré alta quanto a baixa da emoção divina. Ri e chora, dança e canta no êxtase divino. O amante de Deus gosta de brincar com Ele. No Oceano da Consciência de Deus, às vezes nada, às vezes mergulha e às vezes sobe à superfície – como pedaços de gelo na água. (*Risada*)..

“O jnani busca realizar Brahman, mas o ideal do bhakta é o Deus Pessoal – um Deus dotado de onipotência e dos seis tesouros. Contudo Brahman e Shakti não são realmente diferentes. Aquele que é a Mãe Bem-aventurada é também, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. São como a pedra preciosa e seu brilho. Quando uma pessoa fala do brilho da pedra, pensa nela; do mesmo modo, se falar da pedra, refere-se ao brilho. Não se pode conceber o brilho da pedra sem pensar nela e nem conceber a gema sem pensar no seu brilho.

“Existência-Conhecimento-Bem-aventurança absolutos são uma e mesma coisa, mas estão associados com diferentes adjuntos limitadores, devido aos diferentes graus de Sua manifestação. Daí uma pessoa encontrar diversas formas de Deus. O devoto canta, ‘Ó minha Mãe Divina, Tu és tudo isto!’ Sempre que virem ações como criação, preservação e dissolução, há manifestação de Shakti. A água é sempre água, quer seja calma ou cheia de ondas e borbulhas. Só o Absoluto é a Energia Primordial que cria, preserva e destrói. Assim é o mesmo ‘Capitão’, quer esteja inativo ou faça o culto, ou visite o Governador Geral. Apenas o chamamos por nomes diferentes em ocasiões diversas.”

Capitão: “Sim, senhor, é assim.”

Mestre: “Eu disse estas palavras a Keshab Sen.”

Capitão: “Keshab não é um hindu ortodoxo. Adota modos e costumes de acordo com seus caprichos. É um senhor abastado e não, um santo.”

Mestre (*aos outros devotos*): “O Capitão proíbe-me de ver Keshab.”

Capitão: “Mas o senhor faz o que quer. O que posso fazer?”

Mestre (*asperamente*): “Por que eu não haveria de ir ver Keshab? Você fica muito à vontade quando vai à casa do Governador Geral<sup>3</sup> para buscar dinheiro. Keshab pensa em Deus e canta Seu nome. Não é você que está sempre dizendo que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos? Deus não mora também em Keshab?”

Com estas palavras o Mestre deixou o quarto abruptamente, indo para a varanda. O Capitão e outros devotos permaneceram esperando por sua volta. M. acompanhou o Mestre até a varanda, onde Narendra conversava com Hazra. Sri Ramakrishna sabia que Hazra sempre se empenhava em discussões filosóficas áridas. Hazra dizia apenas: “O mundo é irreal como um sonho. Culto, comida oferecida à Divindade etc., são somente alucinações do Mestre. A meta da vida espiritual é meditar no Ser real.” Então repetia: “Eu sou Ele”, mas apesar disso possuía um lugar acolhedor em seu coração, para dinheiro, coisas materiais e respeito das pessoas.

Sri Ramakrishna sorriu e disse a Hazra e Narendra: “Olá! De que estão falando?”

Narendra (*sorrindo*): “Ó, estamos discutindo muitas coisas grandes. São por demais profundas para os outros.”

<sup>2</sup> O poder de envolver de maya esconde a Realidade. O poder de projeção cria os nomes e formas do universo múltiplo.

<sup>3</sup> De acordo com o costume hindu ortodoxo, um inglês é um mlechchha, pessoa excluída do seio da sociedade hindu. Tocar num mlechchha polui um hindu.

Mestre (*com um sorriso*): “Mas o Puro Conhecimento e o Puro Amor são a mesma coisa. Ambos conduzem os aspirantes à mesma meta. O caminho do amor é muito mais fácil.”

Narendra citou uma canção:

Ó Mãe, enlouqueça-me com Teu amor!  
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?

Narendra disse a M. que estava lendo um livro de Hamilton em que ele dizia: “A ignorância culta é o fim da filosofia e princípio da religião.”

Mestre (*a M.*): “O que quer dizer?”

Narendra explicou o pensamento em bengali. O Mestre exultou de alegria e disse em inglês: “Thank you, thank you!” Todos riram do modo encantador com que pronunciou essas palavras. Sabiam que seu vocabulário inglês não tinha mais do que meia dúzia de palavras.

Era quase o crepúsculo quando a maioria dos devotos, inclusive Narendra, despediram-se do Mestre. Sri Ramakrishna saiu e olhou o Ganges durante alguns minutos, do pórtico oeste. Dois sacerdotes banhavam-se, preparando-se para o culto da tarde. Rapazes do vilarejo passeavam pelo jardim ou permaneciam de pé na amurada de concreto, contemplando o rio murmurante. Outro talvez mais pensativos, passeavam na solidão do Panchavati.

Escureceu. A empregada acendeu o lampião do quarto de Sri Ramakrishna e queimou incenso. O culto vespertino começou nos doze templos de Shiva e nos santuários de Krishna e Kali.

Como era o primeiro dia após a lua cheia, o luar logo cobriu o topo das árvores e templos e tocando como prata, as inumeráveis ondas do rio sagrado.

O Mestre voltou para seu quarto. Depois de se inclinar ante a Mãe Divina, bateu palmas e cantou os doces nomes de Deus. Havia vários quadros de santos na parede. Entre eles o de Dhruva, Prahlada, Kali, Radha-Krishna e a coroação de Rama. O Mestre inclinou-se profundamente ante as figuras, repetindo os santos nomes. Logo repetiu as palavras santas, “Brahman-Atma-Bhagavan; Bhagavata-Bhakta-Bhagavan; Brahma-Shakti; Shakti-Brahma; Veda, Purana, Tantra, Gita, Gayatri.” Logo disse: “Refugiei-me em Teus pés, Ó Mãe Divina; não sou eu, mas Tu. Eu sou a máquina e Tu és a Operadora” e assim por diante.

Enquanto o Mestre meditava desta maneira na Mãe Divina, alguns devotos, vindos do jardim, juntaram-se no aposento. Sri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno. Disse aos devotos: “Narendra, Bhavanath, Rakhil e devotos como eles pertencem ao grupo dos nityasiddhas; são eternamente livres. A prática religiosa para eles é supérflua. Olhem para Narendra. Não se preocupa com ninguém. Um dia foi comigo na carruagem do Capitão. Este quis que ele pegasse um bom lugar, mas Narendra nem olhou para ele. É independente até comigo. Não me conta tudo o que sabe, para que não elogie sua escolaridade na frente dos outros. Está livre de ignorância e ilusão. Não possui qualquer grilhão. É uma grande alma com muito boas qualidades. É um exímio músico, tanto como cantor como instrumentista e também, um versátil erudito. Além disso, mantém suas paixões sob controle e diz que jamais se casará. Há uma amizade íntima entre Narendra e Bhavanath; são como homem e mulher. Narendra não vem aqui com freqüência, o que é bom porque fico dominado pela sua presença.

*Segunda-feira, 20 de agosto de 1883*

Sri Ramakrishna, sentado em sua cama, dentro do mosqueiro, meditava. Eram mais ou menos oito horas da noite. M. estava sentado no chão com seu amigo Hari Babu, um jovem de vinte e cinco anos que havia perdido sua esposa há mais ou menos onze anos atrás e não havia se casado pela segunda vez. Era muito dedicado a seus pais, irmãos e irmãs.

Hazra estava morando em Dakshineswar. Rakhil vivia com o Mestre, embora de vez em quando ficava na casa de Adhar. Narendra, Bhavanath, Adhar, M., Ram, Manomohan e outros devotos visitavam o Mestre quase que semanalmente.

Hriday, sobrinho de Sri Ramakrishna, estava doente em sua casa no interior. O Mestre estava preocupado com ele. Um dos devotos havia-lhe enviado um pouco de dinheiro, mas Sri Ramakrishna não soube.

Quando Sri Ramakrishna saiu do mosqueiro e sentou-se no divã, os devotos saudaram-no.

Mestre (*a M.*): “Estava meditando dentro do mosqueiro. Ocorreu-me que aquela meditação, afinal de contas, nada mais era do que imaginar uma forma e assim, não a aproveitei. Uma pessoa fica

satisfeita se Deus revela-Se a ela de súbito. Também perguntei-me: ‘Quem é que medita e sobre quem medita?’ ”

M.: “Sim, o senhor disse que o Próprio Deus tornou-Se tudo – o universo e os seres vivos. Mesmo aquele que medita é Deus.”

Mestre: “E o que é mais, não se pode meditar a não ser que Deus assim o queira. Uma pessoa só pode meditar quando Deus torna isso possível. O que você diz?”

M.: “É verdade, senhor. O senhor sente-se assim, porque não possui o ‘eu’. Quando não há ego, uma pessoa sente-se dessa maneira.”

Mestre: “Mas é bom ter um vestígio de ego, o que torna possível para um homem sentir que ele é o servo de Deus. Enquanto um homem pensa que é ele quem faz suas obrigações, é muito bom sentir que Deus é o Amo, e ele, o servo de Deus. Quando uma pessoa está consciente de fazer o trabalho, deve estabelecer com Deus a relação de servo e Amo.”

M. estava sempre refletindo sobre a natureza do Brahman Supremo.

Mestre (*a M.*): “Como o akasha, Brahman é sem modificações. Tornou-se múltiplo por causa de Shakti também. Brahman é como fogo que por si só não tem cor. O fogo parece branco se alguém jogar uma substância branca nele, vermelho se jogar uma vermelha e preta, se jogar uma preta. Os três gunas, sattva, rajas e tamas – pertencem somente a Shakti. O Próprio Brahman está além dos três gunas. O que Ele é, não pode ser descrito. Está além das palavras. O que permanece depois que tudo é eliminado pelo método vedantista de ‘Isto não, isto não’, e cuja natureza é Felicidade, é Brahman.

“Suponhamos que o marido de uma jovem tenha ido à casa de seu sogro e esteja sentada na sala de visitas com outras jovens de sua idade. A jovem e suas amigas estão olhando para eles, pela janela. Suas amigas não conhecem seu marido e apontando para um rapaz, perguntam-lhe: ‘Aquele é seu marido?’, ‘Não’, responde ela, sorrindo. Apontam para um outro e perguntam se ele é seu marido. De novo ela responde não. Fazem a mesma pergunta, referindo-se a um terceiro e ela dá a mesma resposta. Por fim, apontam para seu marido e perguntam, ‘É aquele?’ Ela não diz nem sim nem não, apenas sorri e fica quieta. Suas amigas compreendem que esse é seu marido.

“Uma pessoa torna-se silenciosa ao realizar a verdadeira natureza de Brahman.

(*A M.*) “Bem, por que falo tanto?”

M.: “O senhor fala a fim de despertar a consciência espiritual dos devotos. Uma vez o senhor disse que quando luchi cru é jogado no ghee fervendo, faz um chiado.”

O Mestre começou a conversar com M. a respeito de Hazra.

Mestre: “Você conhece a natureza de um homem bom? Jamais perturba ninguém. Não incomoda as pessoas. A natureza de algumas pessoas é de tal ordem que quando vão a uma festa querem um lugar especial. Um homem que tem uma verdadeira devoção a Deus jamais dá um passo em falso, nem ocasiona problemas aos demais.

“Não é bom viver na companhia de pessoas ruins. Um homem deve ficar longe delas e assim, proteger-se. (*a M.*): Não é?”

M.: “Sim, senhor. A mente cai muito na companhia dos perversos, mas é bem diferente com um herói, como o senhor diz.”

Mestre: “Como assim?”

M.: “Quando a fogueira está fraca, apaga-o mesmo quando uma pequena vara é jogada nela; mas um fogo forte não é afetado nem mesmo por uma árvore tanchagem. A árvore inteira reduz-se a cinzas.”

O Mestre perguntou a M. sobre seu amigo Hari Babu.

M.: “Ele veio aqui apresentar seus respeitos ao senhor. Perdeu a esposa há muito tempo.”

Mestre (*a Hari*): “Que tipo de trabalho você faz?”

M.: “Nada de particular, mas em casa ele toma conta muito bem de seus pais, irmãos e irmãs.”

Mestre (*com um sorriso*): “Como é isto? Você é como ‘Velho, o Cortador de Abóboras’. Você não é nem um homem do mundo nem um devoto de Deus. Isto não é bom. Já deve ter visto a espécie de ancião que mora com a família e está sempre pronto dia e noite para entreter as crianças. Senta-se na sala de estar e fuma o cachimbo de água. Sem ter nada de especial para fazer, leva uma vida ociosa. Repetidamente vai para o quintal e corta uma abóbora, porque, como as mulheres não fazem este trabalho, mandam as crianças pedir ao velho para fazê-lo. Esta é a extensão de sua utilidade – daí, o apelido, ‘Velho, o Cortador de Abóboras’.

“Você deve fazer tanto ‘isso’ como ‘aquilo’. Cumpra suas obrigações no mundo e também, fixe sua mente nos Pés de Lótus do Senhor. Leia livros devocionais como *Bhagavata* ou a vida de Chaitanya, quando estiver só e não tenha nada mais a fazer.”

Eram aproximadamente dez horas. Sri Ramakrishna terminou de tomar sua sopa leve de cereais e comer um ou dois ‘luchis’. Depois de saudá-lo, M. e seu amigo despediram-se.

*Sexta-feira, 7 de setembro de 1883*

Sri Ramakrishna e M. conversavam no aposento do Mestre, às sete e meia da noite. Ninguém mais estava presente.

Mestre: “Outro dia fui a Calcutá. Enquanto andava de carruagem pelas ruas, observei que todos prestavam atenção apenas às coisas sem valor. Cada um pensava no seu estômago, correndo somente atrás de comida. A mente de cada um estava dirigida para ‘mulher e ouro’. Vi que apenas um ou dois cuja atenção estava em coisas mais elevadas, tinham as mentes voltadas para Deus.”

M.: “A época atual aumentou a preocupação pelo estômago. Ao procurar imitar os ingleses o povo passou a se interessar por coisas luxuosas, por conseguinte, suas necessidades também aumentaram.”

Mestre: “O que os ingleses pensam a respeito de Deus?”

M.: “Acreditam num Deus sem forma.”

Mestre: “Esta é também uma de nossas crenças.”

Durante um certo tempo o Mestre e o discípulo permaneceram em silêncio. Então, Sri Ramakrishna começou a descrever suas experiências de Brahman.

Mestre: “Um dia tive a visão da Consciência não-dual indivisível. Primeiro foi-me revelado inumeráveis homens, animais e outras criaturas. Entre elas havia os aristocratas, os ingleses, os muçulmanos, eu próprio, varredores, cachorros e também, um muçulmano barbudo com uma bandeja de arroz na mão. Pus alguns grãos na boca de cada um. Também provei um pouco.

“Outro dia vi arroz, verduras e outros alimentos e também, outras imundícies e sujeiras espalhadas pelo chão. Subitamente a alma saiu do meu corpo e como uma chama, tocou em tudo. Era como uma língua grande de fogo que provava tudo, mesmo fezes. Foi-me revelado que tudo aquilo era uma única Substância, a Consciência não-dual e indivisível.

“Outro dia<sup>4</sup> foi-me revelado que eu teria devotos – meus companheiros íntimos, muito meus. Depois acostumei-me a subir no terraço do kuthi, logo que os sinos e as conchas do culto da tarde soavam nos templos e gritava com o coração anelante: ‘Ó, onde estão vocês? Venham! Estou morrendo de vontade de vê-los!’

(A M.): “Bem, o que pensa dessas visões?”

M.: “Deus brinca através do senhor. Já compreendi que o senhor é o instrumento e Deus, o Mestre. Deus criou outros seres, por assim dizer, à máquina, mas o senhor foi feito por Suas próprias mãos.”

Mestre: “Bem, Hazra diz que depois da visão de Deus, adquire-se os seis poderes divinos.”

M.: “Aqueles que procuram puro amor não querem poderes.”

Mestre: “Talvez Hazra tenha sido pobre em sua vida anterior e, por isto, quer tanto ver a manifestação de poder. Quer saber o que falo com o cozinheiro. Costuma dizer-me: ‘O senhor não precisa falar com o cozinheiro. Eu mesmo falarei com o administrador do templo e farei com que tenha tudo quanto deseja. (*M. ri alto.*) Ele me fala desse modo e não digo nada.”

M.: “Muitas vezes o senhor disse-me que um devoto que ama Deus, somente por amor, não se interessa em ver os poderes de Deus. Um verdadeiro devoto quer ver Deus como Gopala<sup>5</sup>. No começo Deus torna-se o ímã e o devoto, a agulha, mas no final, o próprio devoto torna-se o ímã e Deus, a agulha, quer dizer, Deus torna-Se pequeno para Seu devoto.”

Mestre: “Sim, é como o sol do amanhecer. Pode-se olhar com facilidade para ele. Não ofusca os olhos, ao contrário, agrada-os. Deus torna-Se terno para o bem dos Seus devotos. Aparece para eles, deixando de lado Seus poderes.”

Ambos ficaram em silêncio por algum tempo.

<sup>4</sup> Isto ocorreu antes que qualquer um dos discípulos íntimos do Mestre tivesse vindo para ele.

<sup>5</sup> O Menino Krishna despojado de todos os poderes divinos.

M.: “Por que suas visões não seriam reais? Se são irreais, então o mundo é ainda mais irreal, porque só há uma mente que é instrumento de percepção. Sua mente pura vê aquelas visões e nossas mentes comuns vêem os objetos do mundo.”

Mestre: “Vejo que compreendeu a idéia de irrealidade. Bem, diga-me o que pensa de Hazra.”

M.: “Ó, eu não sei!” (*O Mestre ri*).

Mestre: “Bem, você acha que sou como as outras pessoas?”

M. “Não, senhor”.

Mestre: “Como qualquer outro paramahansa?:”

M.? “Não, senhor. O senhor não pode ser comparado a ninguém mais.”

Mestre (*sorrindo*): “Já ouviu falar de uma árvore chamada ‘achina’?”<sup>6</sup>

M.: “Não, senhor.”

Mestre: “Há uma árvore que tem esse nome, mas ninguém sabe o que ela é.”

M.: “Assim também não é possível reconhecer o senhor. Quanto mais uma pessoa o compreende, mais elevada fica.”

M. ficou em silêncio. Disse para si mesmo: “O Mestre referiu-se ao ‘sol do amanhecer’ e à ‘árvore irreconhecível pelo homem’. Será que se referia à Encarnação Divina? É este o jogo de Deus por intermédio do homem? Será o próprio Mestre uma Encarnação? Será por esta razão que gritava pelos devotos no terraço do Kuthi: ‘Onde estão vocês? Venham para mim!’”

Sri Ramakrishna estava sentado nos degraus da varanda sudeste do templo de Kali. Rakhal, M. e Hazra estavam com ele. Falava alegremente de sua infância.

Ao entardecer voltou para seu aposento e sentou-se no divã pequeno. Logo entrou em samadhi e naquele estado, começou a falar à Mãe Divina. Disse: “Mãe, por que toda essa agitação? Devo ir lá? Irei se Tu me lewares.” O Mestre tinha que ir à casa de um devoto. Era para isso que ele estava pedindo permissão à Mãe Divina?

Novamente começou a falar com Ela, talvez orando por um discípulo íntimo. “Mãe, torna-o sem mácula. Bem, Mãe, por que lhe deste somente uma partícula?” Ficando em silêncio por um momento, continuou: “Ó, estou vendo. Isso será suficiente para Teu trabalho.”

Nesse mesmo estado falou, dirigindo-se aos devotos: “Aquele que é Brahman é verdadeiramente Shakti. Eu também chamo Aquele de Mãe. Chamo-O Brahman quando está inativo e Shakti quando Ele cria, preserva e destrói. É como a água, às vezes tranqüila, às vezes encapelada de ondas. A Encarnação de Deus é uma parte da lila de Shakti. O objetivo da Encarnação Divina é ensinar ao homem, amor a Deus. A Encarnação é como o úbere da vaca, o único lugar de onde se pode tirar leite. Deus encarna-Se como homem. Há grande acúmulo de divindade numa Encarnação, como os peixes numa profunda depressão de um lago.”

Alguns devotos pensaram: “Será Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, como Krishna, Chaitanya e Cristo?”

*Domingo, 9 de setembro de 1883*

Sri Ramakrishna havia terminado seu almoço e estava sentado no divã pequeno. Rakhal, M., Ratan estavam sentados no chão. Ratan era o mordomo da chácara de Jadu Mallick e devoto do Mestre. De vez em quando Ram Chatterji e Hazra entravam ou saíam do aposento. Eram mais ou menos duas horas.

Ratan contou ao Mestre que já tinha sido organizada a representação de um yatra por Nilkantha, na casa de Jadu Mallick em Calcutá.

Ratan (*ao Mestre*): “O senhor deve ir. A data já foi marcada.”

Mestre: “Que bom! Quero ir. Nilkantha canta com grande devoção.”

Mestre: “Enquanto canta, lágrimas caem de seus olhos. (*A Ratan*): Estou pensando em passar a noite em Calcutá quando for ver o yatra.”

Ratan: “Vai ser bom.”

Ram Chatterji e outros devotos perguntaram a Ratan sobre o roubo na casa de Jadu Mallick.

<sup>6</sup> Literalmente, “irreconhecível”

Ratan: “Sim, As sandálias de ouro da Divindade foram roubadas do santuário, na casa de Jadu Babu, Isto gerou um tumulto. Vão tentar prender o ladrão por meio de uma ‘chapa encantada’. Todos se sentarão num aposento e a chapa se moverá em direção da pessoa que roubou as sandálias.”

Mestre (*com um sorriso*): “Como se move a chapa? Por si mesma?”

Ratan: “Não, um homem pressiona-a contra o chão.”

Um devoto: “É uma espécie de truque de prestidigitador. É muito engenhoso.”

Mestre: “A verdadeira astúcia é aquela pela qual se realiza Deus. Esse ardid é o melhor de todos.”

Ao longo da conversa, diversos senhores bengalis entraram e sentaram-se depois de saudarem o Mestre. Um deles já era conhecido de Sri Ramakrishna. Seguiam os Tantras. O Mestre sabia que um deles entregara-se a atos imorais em nome da religião. Os rituais tântricos, sob certas condições, permitem a mistura de devotos de ambos os sexos, mas Sri Ramakrishna olhava todas as mulheres, até as prostitutas, como manifestações da Mãe Divina. Dirigia-se a todas elas como “Mãe”.

Mestre (*com um sorriso*): “Onde está Achalananda? Meu ideal é diferente do dele e de seus discípulos. Quanto a mim, olho todas as mulheres como minha mãe.”

Os visitantes ficaram em silêncio.

Mestre: “Toda mulher é mãe para mim. Achalananda costumava ficar aqui de vez em quando. Bebia muito vinho consagrado. Ouvindo falar a respeito da minha atitude em relação às mulheres, teimosamente justificava seus próprios pontos de vista. Insistia várias vezes: ‘Por que não reconhecer a atitude de “herói” em relação às mulheres? O senhor não admite as injunções de Shiva? O Próprio Shiva é o autor dos Tantras, que prescrevem várias disciplinas, inclusive a de “herói”.’ Eu lhe disse: ‘Mas meu caro senhor, eu não sei. Não gosto dessas idéias. Para mim, toda mulher é mãe.’

“Achalananda não sustentava os próprios filhos. Disse: ‘Deus os proverá.’ Eu não disse nada, mas esta era a maneira que sentia: ‘Quem sustentará seus filhos? Espero que sua renúncia à esposa e filhos não seja um modo para ganhar dinheiro. As pessoas pensarão que é um santo porque renunciou a tudo: então lhe darão dinheiro. Assim terá muito dinheiro.’

“A prática espiritual com vistas a ganhar uma demanda ou dinheiro ou ajudar os outros a ganhar na justiça e adquirir bens, demonstra uma compreensão mesquinha.

“O dinheiro permite ao homem obter comida e bebida, construir uma casa, adorar a Divindade, servir os devotos e santos e ajudar os pobres quando ocorre encontrá-los. Estes são bons usos do dinheiro. Dinheiro não é para luxo ou confortos ou para conquistar uma posição na sociedade.

“As pessoas praticam várias disciplinas tântricas para conseguir poderes sobrenaturais. Como são mesquinhas essas pessoas! Krishna disse a Arjuna: ‘Amigo, a aquisição de um dos oito siddhis acrescentará um pouco ao seu poder, mas não poderá realizar-Me.’ Uma pessoa não pode livrar-se da maya enquanto usar seus poderes sobrenaturais. Maya gera egoísmo.

“O corpo e a riqueza são transitórios. Por que aborrecer-se tanto com eles? Pense somente na condição dos hathayogis. Sua atenção está fixa somente em um único ideal – longevidade. Não aspiram à realização de Deus. Praticam exercícios como lavar os intestinos, beber leite através de um tubo ou outros exercícios semelhantes, tendo apenas aquele objetivo em mente.

“Certa vez houve um ferreiro cuja língua subitamente virou-se para cima, presa a seu palato. Parecia em samadhi. Ficou completamente inerte e permaneceu assim por um longo tempo. As pessoas vieram adorá-lo. Depois de muitos anos, a língua subitamente voltou à posição normal e ele ficou consciente do mundo como antes. Voltou ao seu antigo trabalho como ferreiro. (*Todos riem*).

“Estas são coisas físicas e não têm nada a ver com Deus. Havia um homem que conhecia oitenta e duas posturas e falava alto sobre yoga samadhi, mas internamente era atraído por ‘mulher e ouro’. Um dia encontrou uma nota de vários milhares de rupias. Não pôde resistir à tentação, engoliu-a, pensando que poderia depois tirá-la de um modo qualquer. A nota saiu inteira, sim, mas ele foi mandado para a cadeia por três anos. Na minha falta de malícia, costumava pensar que aquele homem havia feito um grande progresso espiritual. Realmente dou minha palavra.

“Mahendra Pal de Sinthi uma vez deu a Ramlal cinco rupias. Ramlal contou-me a esse respeito, depois que Mahendra foi embora. Perguntei-lhe para quem havia sido dado o presente e Ramlal disse que era destinado a mim. Pensei que assim poderia saldar minha conta do leite. Aquela noite fui para cama e, acreditem-me, subitamente, acordei com uma dor. Sentia como se um gato me arranhasse dentro do peito. Imediatamente fui falar com Ramlal e perguntei-lhe: ‘Para quem Mahendra deu

aquele dinheiro? Foi para sua tia?”<sup>7</sup> ‘Não’, disse Ramlal, ‘foi para o senhor.’ Disse-lhe: ‘Vá e devolva o dinheiro imediatamente, senão, não terei mais paz de espírito.’ Ramlal devolveu o dinheiro logo de manhã e senti-me, então, aliviado.

“Um dia um homem rico veio aqui e disse-me: ‘O senhor tem que fazer qualquer coisa para que eu ganhe a minha demanda. Soube da sua reputação e por isto, vim aqui.’ ‘Meu caro senhor’, disse-lhe, ‘o senhor enganou-se. Não sou a pessoa que está procurando. Achanalananda é o seu homem.’

“Um verdadeiro devoto não se preocupa com coisas como riqueza ou saúde. Pensa: ‘Por que haveria de praticar austeridades espirituais para o conforto das pessoas, dinheiro ou nome e fama? Tudo isso é transitório. Duram somente um dia ou dois.’”

Os visitantes retiraram-se depois de saudarem o Mestre. Quando partiram, Sri Ramakrishna sorriu e disse a M.: “Você nunca fará com que um ladrão se interesse por religião.”(*Todos riram*).

“Bem, o que você pensa de Narendra?”

M.: “É maravilhoso.”

Mestre: “Sim. Sua inteligência é tão grande quanto a sua erudição. Além do mais é bem dotado em música, como cantor e como instrumentista. Também possui controle sobre suas paixões e diz que jamais vai se casar.”

M.: “Uma vez o senhor disse que aquele que freqüentemente fala de pecados, realmente torna-se um pecador; não pode libertar-se do pecado! Se, entretanto, um homem tem fé inabalável de que é filho de Deus, então, dá passos rápidos na vida espiritual.”

Mestre: “Sim, fé. Que tremenda fé tinha Krishnakishore! Costumava dizer: ‘Pronunciei uma vez o nome de Deus. É suficiente. Como posso permanecer pecador? Tornei-me puro e sem mácula.’ Um dia Haladhari disse: ‘Mesmo Ajamila teve que praticar austeridades para agradar a Deus. Pode alguém receber a graça de Deus sem austeridades? O que se ganha dizendo o nome de Narayana somente uma vez?’ A essas observações a raiva de Krishnakishore não conheceu limites. Quando veio novamente apanhar flores neste jardim, nem sequer olhou para Haladhari.

“O pai de Haladhari era um grande devoto. Na hora do banho mergulhava na água, até a cintura e meditava em Deus, pronunciando o mantra sagrado; então, lágrimas escorriam de seus olhos.

“Um dia um santo veio banhar-se no Ganges, em Ariadaha. Falávamos em ir vê-lo. Haladhari disse: ‘O que vamos ganhar vendo o corpo de um homem, uma mera gaiola formada pelos cinco elementos?’ Krishnakishore soube e disse: ‘O que? Haladhari perguntou o que vamos ganhar visitando um santo? Pela repetição do nome de Krishna ou Rama, um homem transforma o corpo físico em corpo espiritual. Para esse homem tudo é personificação do Espírito. Para ele, Krishna é a Encarnação do Espírito e Sua sagrada morada é a personificação do Ser.’ Disse também: ‘Um homem que pronuncia o nome de Krishna ou Rama, mesmo que seja uma vez, colhe o resultado de cem sandhyas.’

“Um dos seus filhos cantou o nome de Rama no seu leito de morte. Krishnakishore disse, ‘Ele não tem nada com o que se preocupar; cantou o nome de Rama.’ Mas de vez em quando chorava. Afinal, tratava-se da morte de seu próprio filho.

“Nada é conseguido pelo simples ato de adoração, japa e devoções, a não ser que haja fé. Não é assim?”

M.: “Sim, senhor. É verdade.”

Mestre: “Vejo as pessoas que vêm ao Ganges para se banhar. Conversam sobre tudo o que é possível. A tia viúva diz: ‘Sem mim não podem fazer o Durga Puja. Tenho que cuidar até dos menores detalhes. Além disso tenho que inspecionar tudo, quando há festa de casamento na família, mesmo a cama dos noivos.’”

M.: “Por que censurá-las? Com o que passariam o seu tempo?”

Mestre (*com um sorriso*): “Algumas pessoas possuem santuários em suas casas. As mulheres arrumam as oferendas e as flores e fazem pasta de sândalo, mas quando trabalham jamais falam uma palavra a cerca de Deus. A preocupação delas é: ‘O que vamos cozinhar hoje? Não pude obter bons legumes no mercado. O curry de ontem estava delicioso. Aquele rapaz é meu primo. Alô! Você ainda tem aquele emprego? Não me pergunte como estou passando. Meu Hari não está mais aqui?’ Imagine! Falam semelhantes coisas no santuário, na hora da adoração!”

M.: “Sim, senhor, é assim na maioria dos casos. Como o senhor diz, pode alguém que tem ânsia apaixonada por Deus, continuar com o culto formal e outras devoções, por muito tempo?”

Sri Ramakrishna e M. conversavam sozinhos.

<sup>7</sup> Referindo-se à Santa Mãe, esposa de Sri Ramakrishna.

M.: “Senhor, se o Próprio Deus tornou-Se tudo, por que as pessoas apresentam sentimentos diferentes?”

Mestre: “Sem dúvida. Deus existe em todos os seres como o Espírito que a Tudo penetra, mas as manifestações do Seu Poder são diferentes, nos diversos seres. Em alguns lugares há manifestação do poder do Conhecimento, em outros, do poder da ignorância. Em alguns lugares há uma maior manifestação de poder do que em outros. Não vê que entre os seres há desonestos e jogadores, para não falar dos homens que parecem tigres. Penso neles como ‘Deus desonesto’, ‘Deus-tigre’.”

M. (*com um sorriso*): “Devemos saudá-los à distância. Se nos aproximarmos do ‘Deus-tigre’ e abraçá-lo, ele pode nos devorar.”

Mestre: “Ele e Seu Poder, Brahman e Seu Poder – nada existe a não ser isso. Num hino a Rama, Narada disse: ‘Ó Rama, Tu és Shiva e Sita é Bhagavati; Tu és Brahma e Sita Brahmani; Tu és Indra e Sita é Indrani; Tu és Narayana e Sita é Lakshmi. Ó Rama, Tu és o símbolo de tudo o que é masculino e Sita de tudo o que é feminino’.”

M.: “Senhor, como é a forma-Espírito de Deus?”

Sri Ramakrishna refletiu por um momento e disse suavemente: “Devo dizer-lhe como ela é? É como a água... Compreende-se tudo isto através da disciplina espiritual.

“Cria na forma de Deus. Só depois de ter conseguido Brahmajnana é que uma pessoa vê a não-dualidade, a unidade de Brahman com Sua Shakti. Brahman e Shakti são idênticos, como o fogo e seu poder de queimar. Quando um homem pensa no fogo, tem que pensar também, no seu poder de queimar. Assim também, quando pensar no poder de queimar, deve também, pensar no fogo. Além disso, Brahman e Shakti são como o leite e sua brancura, a água e sua umidade.

“Mas há um estado ainda além de Brahmajnana. Depois de jnana vem vijnana. Quem é consciente do conhecimento também o é da ignorância. O sábio Vashishtha foi tomado pela dor com a morte de seus cem filhos. Perguntado por Lakshmana por que um homem de conhecimento lamentaria este ocorrido, Rama disse: ‘Irmão, vá além tanto do conhecimento como de ignorância.’ Quem tem conhecimento, também tem ignorância. Se um espinho entra em seu pé, pegue um outro e com sua ajuda, retire o primeiro e em seguida, jogue fora esse espinho, também.”

M.: “Devemos abandonar tanto o conhecimento como a ignorância?”

Mestre: “Sim, por isso é que temos que obter vijnana. Veja quem é consciente da luz, é também consciente da escuridão. Quem é consciente da felicidade é, também, consciente do sofrimento. Quem é consciente da virtude, também o é do vício. Quem é consciente do bem, também é do mal. Aquele que é consciente de santidade, o é da profanidade. Quem é consciente do ‘eu’ é também, de ‘você’.

“O que é vijnana? É conhecer Deus de forma especial. A consciência e a convicção de que o fogo existe na madeira é jnana, conhecimento. Mas cozinhar o arroz neste fogo, comê-lo e retirar os elementos nutrientes, é vijnana. Saber por experiência interna pessoal que Deus existe é jnana, mas falar com Ele, usufruí-Lo como Filho, Amigo, Amo, Bem Amado é vijnana. A realização de que só Deus tornou-se o universo e todos os seres, é vijnana.

“De acordo com uma escola de pensamento, Deus não pode ser visto. Quem vê quem? Está Deus fora de você a ponto de poder vê-Lo? Uma pessoa só se vê a si mesmo. Tendo entrado nas ‘águas negras’ do oceano, o navio não volta e assim, não pode descrever o que experimenta.”

M.: “É verdade, senhor. Como o senhor diz, tendo subido ao topo de um monumento, não mais se toma conhecimento do que se passa lá embaixo: cavalos e carruagens, homens e mulheres, casas, lojas e escritórios e assim por diante.”

Mestre: “Atualmente não vou ao templo de Kali”. Isto é uma ofensa? Uma vez Narendra disse, ‘O que? Ele ainda vai ao templo de Kali!’ ”

M.: “Cada dia o senhor está num estado mental novo. Como pode alguma vez ofender Deus?”

Mestre: “Alguém disse a Sen, sobre Hriday: ‘Está muito doente. Por favor, traga-lhe duas roupas e duas camisas. Nós as enviaremos para seu vilarejo.’ Sen deu somente duas rupias. Como se explica isto? Tem tanto dinheiro, contudo, é tão miserável! O que você diz disso?”

M.: “Aqueles que procuram Deus, não podem se comportar assim – quero dizer, aqueles cujo objetivo é atingir o Conhecimento.”

Mestre: “Só Deus é a Realidade, tudo o mais é irreal.”

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa de Adhar em Calcutá, com Rakhhal, Adhar, M., Ishan e outros devotos. Muitos vizinhos também estavam presentes. Era de tarde.

O Mestre gostava muito de Ishan. Este havia sido superintendente no Escritório de Contabilidade e também, mais tarde, seus filhos vieram a ocupar altas posições no Governo. Um deles foi colega de colégio de Narendra. A bolsa de Ishan encontrava-se sempre aberta para os pobres e necessitados. Ao se aposentar passou a dedicar seu tempo às práticas espirituais e à caridade. Visitava Sri Ramakrishna com frequência, em Dakshineswar.

Mestre (*a Ishan*): “Por favor, conte-nos a história do menino que pôs a carta no correio..”

Ishan (*com um sorriso*): “Uma vez um menino ouviu falar que Deus é o nosso Criador. Escreveu-lhe uma carta que continha suas orações e a pôs no correio. O endereço no envelope era ‘Céu’.”

Mestre (*com um sorriso*): “Vocês ouviram essa história? Tem-se sucesso na vida espiritual quando se desenvolve uma fé como a daquele menino. (*A Ishan*): Fale-nos a respeito da renúncia das atividades.”

Ishan: “Depois de atingir Deus, os deveres religiosos como a cerimônia de sandhya, caem por si só. Uma vez estavam algumas pessoas sentadas às margens do Ganges, praticando sandhya. Uma delas, porém, deixou de fazê-la. Quando lhe perguntaram o motivo, respondeu: ‘Estou observando “ashoucha”. Não posso fazer a cerimônia de sandhya<sup>8</sup>. No meu caso, a suspensão é devida tanto a nascimento quanto à morte. Minha mãe, ignorância, está morta e meu filho, Autoconhecimento, nasceu.’ ”

Mestre: “Diga-nos, também, como as diferenças de casta caem quando se atinge o Autoconhecimento.”

Ishan: “Um dia, quando subia os degraus depois de terminar o banho no Ganges, Shankaracharya viu à sua frente, um intocável com muitos cachorros. ‘Você me tocou!’, falou Shankaracharya. ‘Reverenciado senhor’, disse o pária, ‘eu não o toquei, nem o senhor me tocou. O Ser é o Governador Interno de todos os seres e não pode ser contaminado. Há alguma diferença entre o reflexo do sol no vinho ou no Ganges?’ ”

Mestre (*com um sorriso*): “A respeito de harmonia: como se pode realizar Deus por todos os caminhos?”

Ishan (*com um sorriso*): “Tanto Hari como Hazra derivam da mesma raiz<sup>9</sup>. A diferença está apenas no pratyaya<sup>10</sup>. Na realidade Aquele que é Hari é também, Hara. Se uma pessoa tem fé em Deus, não importa a quem adora.”

Mestre: “Por favor diga-nos também, porque o coração do sadhu é o maior de todos.”

Ishan: “Este mundo é a maior coisa que vemos ao nosso redor. Maior do que a terra, porém, é o oceano e maior do que o oceano, o céu, mas Vishnu, a Divindade, cobriu a terra, o céu e o inferno com um dos Seus pés. E aquele pé de Vishnu está entronizado no santuário do coração do sadhu. Por conseguinte, o coração de um homem santo é o maior de todos.”

Os devotos gostaram imensamente das palavras de Ishan.

Ishan pretendia retirar-se para um lugar solitário a fim de praticar uma disciplina especial do Gayatri, através do qual Brahman é invocado. O Mestre afirmou, porém, que o Conhecimento de Brahman não era possível sem a completa destruição do mundanismo. Além disso, disse que era impossível para um homem, retirar totalmente a mente dos objetos dos sentidos no Kaliyuga, quando sua vida depende exclusivamente da comida. Por essa razão desencorajava as pessoas a fazer o culto védico de Brahman e mandava-os adorar Shakti, a Mãe Divina, idêntica a Brahman.

Mestre (*a Ishan*): “Por que você perde seu tempo repetindo apenas ‘Neti, Neti’? Nada pode ser dito a respeito de Brahman, exceto que existe.

“Tudo o que vemos ou pensamos é manifestação da glória da Energia Primordial, a Consciência Primária. Criação, preservação e destruição, seres vivos e universo, além da meditação e do meditante, bhakti e prema – tudo isso é manifestação da glória daquele Poder. Mas Brahman é idêntico ao Seu Poder. Ao voltar do Ceilão, Hanuman louvou Rama, dizendo: ‘Ó Rama, Tu és o Supremo Brahman e Sita, Tua Shakti. Ambos são idênticos.’ Brahman e Shakti são como a cobra e seu movimento sinuoso.

<sup>8</sup> Ashoucha é uma suspensão temporária, devido ao nascimento ou morte de um parente consanguíneo. Um homem que observa ashoucha, não pode fazer sandhya ou culto diário.

<sup>9</sup> A raiz “hri”, da qual ambas as palavras derivam. Além disso,, Hari e Hazra são as duas manifestações da mesma Divindade. Hari é um dos nomes de Vishnu.

<sup>10</sup> Há um trocadilho com essa palavra, ambas significando “fé” e “reflexão”.

Ao pensar na cobra, deve-se pensar em seu movimento sinuoso e ao pensar no movimento sinuoso, deve-se pensar na cobra. Ou melhor, são como o leite e sua brancura. Pensando no leite, tem-se que pensar na sua cor, isto é, na brancura e, pensando na brancura, do leite, tem-se que pensar no próprio leite. Ou são como a água e sua umidade. Pensando na água, tem-se que pensar na sua umidade e pensando na umidade da água, tem-se que pensar na água.

“O Poder Primordial, Mahamaya, cobriu Brahman. Assim que esta envoltura for retirada, uma pessoa compreende. ‘Sou o que era antes’, ‘Eu sou Tu’, ‘Tu és eu’.

“Enquanto esta envoltura permanecer, a fórmula vedantista, ‘Eu sou Ele’, isto é, o homem é Brahman Supremo, não se aplica bem. A onda é parte da água, mas a água não é parte da onda. Enquanto a envoltura permanecer, deve-se considerar Deus como Mãe. Ao dirigir-se a Deus, o devoto deve dizer: ‘Tu és a Mãe e eu sou Teu filho; Tu és o Senhor e eu sou Teu servo.’ É bom ter-se a atitude de servo para com seu amo. Desse relacionamento de amo e servo, florescem outras atitudes; a atitude de amor sereno por Deus, a atitude de amigo para com outro amigo etc. Quando o amo gosta de seu servo, pode-se dizer, ‘Venha, sente-se ao meu lado, não há diferença entre mim e você’, mas se o servo, por sua própria vontade, vier sentar-se ao lado do senhor, este não vai ficar zangado?”

“O jogo de Deus na terra, como Encarnação é a manifestação da glória de Chitshakti, o Poder Divino. Aquele que é Brahman é também, Rama, Krishna e Shiva.”

Ishan: “Sim, senhor. As palavras Hari e Hara derivam-se da mesma raiz. A diferença reside apenas no pratyaya.”

Mestre: “Sim, há apenas o Uno sem segundo. Os Vedas falam d’Ele como ‘Om Satchidananda Brahma’, os Puranas como ‘Om Satchidananda Krishna’ e o Tantras como ‘Om Satchidananda Shiva.’

“A Chitshakti, como Mahamaya, iludiu a todos com ignorância. Está escrito no *Adhyatma Ramayana* que quando os rishis viram Rama, oraram a Ele, com estas palavras somente: ‘Ó Rama, por favor não nos iluda com Tua Maya sedutora do mundo.’

Ishan: “O que é esta maya?”

Mestre: “Tudo o que você vê, pensa ou ouve é maya. Numa palavra, ‘mulher e ouro’ é a envoltura de maya.

“Não há mal algum em mascar folha de betel, comer peixe, fumar ou untar o corpo com óleo. O que uma pessoa consegue renunciando a essas coisas? A única coisa necessária é a renúncia a ‘mulher e ouro’. Esta renúncia é a real e suprema renúncia. Os chefes de família devem retirar-se em solidão de vez em quando, para praticar disciplina espiritual, a fim de cultivar o amor de Deus; devem renunciar mentalmente – mas o sannyasi tem que renunciar tanto mental como fisicamente.

“Uma vez eu disse a Keshab: ‘Como pode um paciente com tifo curar-se, se permanecer num quarto com jarro de água e um pote de pickles?’ De vez em quando tem-se que viver na solidão.”

Um devoto: “Senhor, o que pensa do Navavidhan? Para mim é uma mistura de tudo.”

Mestre: “Dizem que se trata de uma coisa moderna. Isto faz-me pensar: ‘Então o Deus do Brahma Samaj é um Deus novo?’ Os Brahmos falam de seu culto como o Navavidhan, uma Nova Revelação. Bem, pode ser assim. Quem sabe? Há seis sistemas filosóficos: talvez seja como um deles.

“Mas sabem em que erram aqueles que falam de Deus sem forma? É quando dizem que Deus é somente sem forma e que aqueles que discordam deles estão errados.

“Mas sei que Deus é tanto com forma como sem forma e Ele pode ter muitos aspectos. Para Ele é possível ser tudo.

(A *Ishani*): “A Chitashakti, Mahamaya, tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos. Um dia quando estava meditando, minha mente foi até a casa de Rashke. É um apanhador de lixo. Disse à minha mente: ‘Fique aí, sua enganadora!’ A Mãe Divina revelou-me que os homens e mulheres daquela casa eram simples máscaras, dentro delas havia o mesmo Poder Divino, a Kundalini, que se eleva através dos seis centros espirituais do corpo.

“É a energia Primordial homem ou mulher? Um vez em Kamarpukur vi o culto de Kali na casa dos Lahas. Puseram o cordão sagrado<sup>11</sup> na imagem da Mãe Divina. Um homem perguntou: ‘Por que puseram o cordão sagrado na Mãe?’ O dono da casa disse: ‘Irmão, vejo que você compreendeu corretamente a Mãe. Só que eu ainda não sei se a Mãe Divina é homem ou mulher.’

“Dizem que Mahamaya engoliu Shiva. Quando os seis centros n’Ela estavam despertados, Shiva saiu de dentro de Sua coxa. Então Shiva criou a filosofia tântrica.

“Refugie-se na Chitshakti, a Mahamaya.”

<sup>11</sup> Ver nota nº 9 do Capítulo XII.

Ishan: “Por favor, conceda-me sua graça.”

Mestre: “Diga a Deus com o coração puro, ‘Ó Deus, revela-Te a mim’, e chore. Ore a Deus, afasta a minha mente de “mulher e ouro”, e aprofunde-se. Pode uma pessoa apanhar pérolas apenas flutuando ou nadando na superfície? Deve mergulhar fundo.

“Deve-se obter instrução de um guru. Um vez um homem estava procurando uma imagem de pedra de Shiva. Alguém lhe disse: ‘Vá até um certo rio. Aí encontrará uma árvore. Perto dela há um redemoinho. Mergulhe neste ponto e encontrará a imagem de Shiva.’ Digo que se deve receber instrução de um mestre.”

Ishan: “Isto é verdade, senhor.”

Mestre: “É Satchidananda que vem até nós sob a forma de guru. Se um homem for iniciado por um guru humano, não alcançará nada se olhar seu guru como um simples homem. O guru deve ser olhado como a manifestação direta de Deus. Só então, pode o discípulo ter fé no mantra dado por ele. Uma vez que tenha fé, alcança tudo. O shudra Ekalavya aprendeu a manejar o arco e flecha na floresta, diante da imagem de barro de Drona. Adorou a imagem como Drona vivo. Isto foi suficiente para torná-lo capaz de dominar esta arte.

“Não se misture intimamente com pundits Brahmins. Sua única preocupação é ganhar dinheiro. Já vi sacerdotes brahmins recitando o *Chandi* enquanto executavam o swatyayana. É difícil dizer se estavam lendo o livro sagrado ou qualquer outra coisa. Viravam metade das páginas sem as ter lido (*Todos riem*).

“Um cortador de unha pode matar a própria pessoa, mas são necessários a espada e o escudo para matar os outros. Este é o objetivo dos shastras.

“Realmente não se precisa estudar as diferentes escrituras. Se não tiver discriminação, não se consegue nada com simples erudição, mesmo que se estude todos os seis sistemas de filosofia. Chame Deus, chorando por Ele secretamente, em solidão. Ele lhe dará tudo de que necessitar.”

Sri Ramakrishna havia ouvido que Ishan estava construindo uma casa às margens do Ganges, para a prática de disciplina espiritual. Perguntou a Ishan, com ansiedade: “A casa já foi construída? Vou dizer-lhe que quanto menos as pessoas souberem de sua vida espiritual, melhor será para você. Devotos dotados de sattva meditam num lugar recluso ou numa floresta, ou retiram-se para o seu interior. Às vezes meditam dentro de um mosquito.”

De vez em quando Ishan convidava Hazra para ir até sua casa. Hazra tinha obsessão pela pureza externa. Sri Ramakrishna muitas vezes desencorajava-o neste sentido.

Mestre (*a Ishan*): “Digo-lhe outra coisa. Não exagere na pureza exterior. Um dia, um sadhu teve sede. Um carregador de água estava levando água em seu saco de pele e ofereceu-a ao santo. O sadhu perguntou-lhe se a pele estava limpa. O homem respondeu-lhe: ‘Reverenciado senhor, meu saco de pele está perfeitamente limpo, mas dentro de sua pele há todo o tipo de coisas sujas. Por isso posso lhe pedir para beber água de minha pele. Não quero lhe fazer mal.’ Por ‘sua pele’ o carregador referia-se ao corpo, barriga etc.

“Tenha fé no nome de Deus. Então não terá necessidade de ir aos lugares santos.”

Sri Ramakrishna cantou, intoxicado pelo fervor divino:

Por que devo ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas,  
Enquanto eu puder exalar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

Ishan ficou em silêncio.

Mestre (*a Ishan*): “Diga-me se você ainda tem dúvidas.”

Ishan: “O senhor disse tudo quando falou de fé.”

Mestre: “Deus pode ser realizado somente pela fé verdadeira. A realização é acelerada se você acreditar em tudo a respeito de Deus. A vaca que apanha e escolhe sua comida, dá leite apenas em gotas, mas se comer todos os tipos de plantas, então, seu leite flui em torrente.

“Uma vez ouvi um história. Um homem recebeu ordem de Deus para que visse sua Divindade Ideal num carneiro. Imediatamente acreditou. É Deus que existe em todos os seres.

“Um guru disse a seu discípulo: ‘É somente Rama que mora em todos os corpos.’ O discípulo era um homem de muita fé. Uma vez um cachorro arrebatou-lhe um pedaço de pão e saiu correndo. Foi atrás dele com um pote de manteiga na mão, gritando repetidas vezes: “Ó Rama, fique quieto por um momento. O pão está sem manteiga.”

“Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Costumava dizer: ‘Ao cantar “Om Krishna, Om Rama”, obtém-se o resultado de um milhão de sandhyas.’ Uma vez disse-me secretamente: ‘Não gosto mais do sandhya e outras devoções, mas não diga isto a ninguém.’

“Às vezes também penso dessa maneira. A Mãe revelou-me que é Ela Própria quem Se tornou tudo. Um dia eu estava vindo do bosque de pinheiros para o Panchavati. Um cachorro seguiu-me. Fiquei quieto por um instante perto do Panchavati. Passou pela minha cabeça o pensamento de que a Mãe poderia dizer-me algo através daquele cachorro.

“Você estava absolutamente certo quando disse que só através da fé uma pessoa atinge tudo.”

Ishan: “Mas somos chefes de família.”

Mestre: “O que tem isso? Por Sua graça, mesmo o impossível torna-se possível. Ramprasad cantou: ‘Este mundo é uma mera estrutura de ilusão’ - Outro autor compôs uma canção como resposta:

Este mundo é uma mansão e alegria;  
Aqui posso comer, aqui bebo e fico feliz.  
O poder de Janaka não foi ultrapassado;  
O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?  
Segurando tanto um como o outro,  
Bebeu seu leite de uma xícara cheia até a borda!

“Deve-se primeiro realizar Deus através das disciplinas espirituais na solidão e depois, viver no mundo. Somente assim pode-se ser um rei Janaka. Do contrário, o que se pode alcançar?”

“Além disso, veja o caso de Shiva. Tem tudo - Kartika, Ganesha, Lakshmi e Saraswati. Quietamente, às vezes Ele dança em estado de fervor divino, cantando o nome de Rama e às vezes, fica absorto em samadhi.”

## CAPÍTULO XIV

### INSTRUÇÃO AOS VAISHNAVAS E BRAHMOS

*Domingo, 23 de setembro de 1883*

**S**RI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar, com Rakhal, M. e outros devotos. Hazra sentou-se no vestíbulo externo. O Mestre conversava com os devotos.

Mestre (*a um devoto*): “Narendra hoje em dia não gosta nem de você.”

(*A M.*): “Por que ele não veio me ver na casa de Adhar?”

“Como Narendra é versátil! É prendado em canto, em tocar instrumentos e nos estudos. É independente, não se importa com ninguém. No outro dia, vinha de Calcutá na carruagem do Capitão. O Capitão pediu-lhe para se sentar junto dele, mas Narendra sentou-se do lado oposto. Nem mesmo olhou para o Capitão.

“O que pode um homem conseguir através de simples erudição? São necessárias somente oração e disciplina espiritual. Gauri de Indesh foi ambas as coisas, um erudito e um devoto. Foi adorador da Mãe Divina. De vez em quando era tomado de fervor espiritual. Quando cantava um hino à Mãe, os pundits pareciam vermes ao lado dele. Até eu era tomado pelo êxtase.

“No início foi um adorador beato de Shakti. Costumava apanhar folhas de tulsi<sup>1</sup> com dois paus, a fim de não tocá-las com os dedos. (*Todos riem*). Em seguida foi para casa. Quando regressou já se comportava de modo diferente. Deu interpretações notáveis sobre a mitologia hindu. Dizia que as dez cabeças de Ravana representavam os dez órgãos. Kumbhakarna era o símbolo de *tamas*, Ravana de *rajas* e Bibhishana de *sattva*. É por isso que Bisbhishana foi favorecido por Rama.”

Quando o Mestre repousava, após o almoço, Ram, Tarak<sup>2</sup> e uns devotos chegaram de Calcutá.

Nityagopal, Tarak e outros estavam morando com Ram, um discípulo do Mestre, chefe de família. Nityagopal cantava sempre em êxtase. A mente de Tarak dirigia-se quase que o tempo todo para o interior e raramente conversava com as outras pessoas. Ram cuidava das necessidades materiais. De vez em quando Rakhal passava uns dias na casa de Adhar.

Ram (*ao Mestre*): “Temos tomado lições de tambor.”

Mestre (*a Ram*): “Nityagopal também?”

Ram: “Não, senhor. Ele toca um pouco.”

Mestre: “E Tarak?”

Ram: “Conhece bastante.”

Mestre: “Então ele não manterá tanto os seus olhos no chão. Se a mente estiver muito direcionada para outra coisa, não se fixa profundamente em Deus.”

Ram: “Estou estudando como tocar o tambor apenas para acompanhar o kirtan.”

Mestre (*a M.*): “Ouvi dizer que você também está tomando lições de canto. Não é verdade?”

M.: “Não, senhor, apenas abro a boca de vez em quando.”

Mestre: “Você já praticou aquela canção, ‘Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor?’ Se já, por favor, cante-a. Essa canção expressa perfeitamente o meu ideal.”

A conversa voltou-se para o ódio que Hazra sentia por certas pessoas, o que Sri Ramakrishna não aprovava.

Mestre (*aos devotos*): “Eu costumava visitar com frequência uma certa casa em Kamarpukur. Os meninos da família eram da minha idade. Outro dia vieram aqui e ficaram dois ou três dias comigo. Sua mãe, como Hazra, costumava odiar as pessoas. Algo aconteceu com seu pé e a gangrena tomou conta. Devido ao mau cheiro, ninguém podia entrar no quarto. Conteí esse incidente a Hazra e pedi-lhe para não mais odiar ninguém.”

À tarde, como Sri Ramakrishna estivesse em pé no canto noroeste do pátio, entrou em samadhi. Naqueles dias o Mestre permanecia quase que sempre em êxtase. Perdia a consciência do mundo à

<sup>1</sup> Estas folhas são sagradas para Vishnu. Um devoto fanático de Shakti odeia tudo o que está associado com Vishnu e vice-versa.

<sup>2</sup> Discípulo monástico de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Shivananda.

menor sugestão de fora. A não ser com alguma conversa com os devotos visitantes, permanecia em estado introspectivo, incapaz de fazer a adoração diária e as devoções.

Voltando ao plano relativo, começou a falar com a Mãe Divina, ainda de pé, no mesmo lugar onde estava, “Ó Mãe”, disse, “a adoração deixou-me e o japa também. Por favor, Mãe, vê que eu não me transforme em algo inerte. Permite que minha atitude para com Deus seja a de um servo para com seu amo. Ó Mãe, deixa-me falar sobre Ti e cantar Teu santo nome. Quero cantar as Tuas glórias. Dá-me um pouco de força no corpo, para que eu possa movimentar-me e ir aos lugares onde Teus devotos vivem e cantam Teu nome.”

De manhã Sri Ramakrishna havia ido ao templo de Kali oferecer flores aos pés da Mãe.

O Mestre continuou: “Ó Mãe, ofereci flores a Teus pés esta manhã. Pensei: ‘É bom. Minha mente está de novo voltando para o culto formal.’ Por que então, estou me sentindo assim, agora? Por que Tu estás me transformando numa espécie de coisa inerte?”

A lua ainda não havia aparecido. Era uma noite escura. O Mestre ainda em estado abstrato, sentou-se no divã pequeno do seu quarto e continuou a conversa com a Mãe Divina. Disse: “Por que esta disciplina especial do Gayatri? Por que este pulo desse telhado até aquele?... Quem disse a ele para fazê-lo? Talvez esteja fazendo por conta própria. ... Bem, praticará um pouco aquela disciplina.”

No dia anterior Sri Ramakrishna havia desencorajado Ishan de fazer o culto védico, porque não o achava adequado para o Kaliyuga. Pediu a Ishan para adorar Deus sob a forma da Mãe Divina.

O Mestre disse a M.: “São estas fantasias minhas ou são reais?” M. permaneceu em silêncio. Maravilhado com o relacionamento íntimo que o Mestre tinha com a Mãe Divina, pensou que Ela pudesse estar tanto no nosso interior como no exterior. Na verdade, Ela devia estar muito próxima de nós, senão, por que o Mestre falaria com Ela num sussurro?”

*Quarta-feira, 26 de setembro de 1883*

Havia alguns devotos com o Mestre, porque a maioria vinha aos domingos. Rakhhal e Latu estavam vivendo com ele a maior parte do tempo. M. chegou à tarde e encontrou o Mestre sentado no divã pequeno. A conversa girou em torno de Narendra.

Mestre (*a M.*): “Você tem visto Narendra ultimamente? (*Com um sorriso*) Ele disse a meu respeito: ‘Ele ainda vai ao templo de Kali, mas não irá quando compreender realmente.’ Seus parentes estão muito descontentes, porque vem aqui de vez em quando. Outro dia chegou numa carruagem alugada, paga por Surendra. A tia de Narendra quase brigou com Surendra por causa disso.”

O Mestre levantou-se do divã e foi para a varanda onde Hazra, Krishore, Rakhhal e alguns devotos estavam sentados.

Mestre (*a M.*): “Que história é essa de você vir hoje aqui? Não há aula?”

M.: “Nossa escola fechou hoje, a uma e meia.”

Mestre: “Por que tão cedo?”

M.: “Vidyasagar visitou a escola. Como é o dono, há meio feriado sempre que ele vem.”

Mestre: “Por que Vidyasagar não cumpre sua palavra? ‘Se uma pessoa estiver ligada à Verdade e olhar uma mulher como sua mãe e não realizar Deus, então Tulsi é um mentiroso.’<sup>3</sup> Se uma pessoa viver na verdade, certamente realizará Deus. Outro dia Vidyasagar disse que viria aqui visitar-me, mas não cumpriu a palavra.

“Há uma grande diferença entre um erudito e um santo. A mente de um simples erudito está fixa em ‘mulher e ouro’, mas a mente do sadhu está nos Pés de Lótus de Hari. Um erudito diz uma coisa e faz outra, mas é bem diferente com um sadhu. As palavras e atos de um homem que colocou a mente nos Pés de Lotus de Deus são completamente diferentes. Em Benares vi um jovem sannyasi que pertencia à seita de Nanak. Tinha a mesma idade sua. Costumava referir-se a mim como o ‘monge amoroso’. Sua seita possuía um mosteiro em Benares. Uma vez fui convidado para ir lá. Descobri que o mohant era como uma dona de casa. Perguntei-lhe: ‘Qual é o caminho?’ ‘Para o Kaliyuga’, disse, ‘o caminho da devoção prescrito por Narada.’ Estava lendo um livro. Quando terminou, recitou: ‘Vishnu está na água, Vishnu está na terra, Vishnu está no alto da montanha: o mundo todo é penetrado por Vishnu.’ No final disse: ‘Paz! Paz! Paz permanente!’

“Um dia ele estava lendo o *Gita*. Era tão estrito em relação às suas regras monásticas, que não lia um livro santo olhando para um homem do mundo. Virou o rosto para mim e deu as costas para

<sup>3</sup> Citação dos ditos de Tulsidas, grande sábio e poeta.

Mathur, que também, se encontrava presente. Foi este santo que me falou do caminho da devoção de Narada, como sendo o adequado para as pessoas do Kaliyuga.”

M.: “Não são os sadhus desta classe os seguidores da Vedanta?”

Mestre: “Sim, são eles, mas aceitam também, o caminho da devoção. O fato é que no Kaliyuga não se pode seguir totalmente o caminho prescrito nos Vedas. Certa vez um homem disse que iria fazer o purascharana no Gayatri. Eu disse: ‘Por que não o faz de acordo com os Tantras?’ No Kaliyuga a disciplina dos Tantras é muito eficaz.’

“É extremamente difícil fazer os ritos prescritos nos Vedas. Além disso, atualmente as pessoas levam a vida de escravos<sup>4</sup>. Está escrito que aqueles que servem os outros, durante doze anos ou mais, tornam-se escravos. Adquirem os traços daqueles a quem serviu. Enquanto servem seus senhores, adquirem rajas, tamas, espírito de violência, amor pelo luxo e outros traços de seus senhores. Não só servem, mas também recebem uma pensão depois do período de trabalho ter terminado.

“Uma vez veio aqui um monge vedantista. Tinha o hábito de dançar sempre que via uma nuvem. Chegava ao êxtase de alegria, com a tempestade. Ficava muito zangado se alguém chegasse perto dele, enquanto meditava. Um dia cheguei, aproximei-me enquanto meditava, o que o fez ficar furioso. Discriminava freqüentemente. ‘Só Brahman é real e o mundo ilusório.’ Visto que a aparência de diversidade é devida à maya, andava com o prisma de um candelabro na mão. Uma pessoa vê cores diferentes através de um prisma; na realidade não existe tal coisa, a cor. Assim também, nada existe na realidade, exceto Brahman, mas há a aparência do múltiplo, por causa de maya, egoísmo. Não olhava um objeto mais de uma vez, para não ser iludido por maya e apego. Discriminava enquanto tomava banho à vista de pássaros voando. Conhecia gramática. Ficou aqui durante três dias. Um dia ouviu o som de uma flauta perto da amurada e disse que se alguém houvesse realizado Brahman, entraria em samadhi ao ouvir tal som.”

Enquanto falava do monge, o Mestre mostrou aos devotos as maneiras e movimentos de um paramahansa: o jeito de uma criança, o rosto radiante e sorridente, os olhos cheios de alegria e o corpo completamente nu. Sentou-se novamente no divã pequeno e derramou suas palavras arrebatadoras.

Mestre (*a M.*): “Aprendi Vedanta com Nangta: ‘Só Brahman é real: o mundo é ilusório.’ O mágico faz sua mágica. Faz aparecer uma mangueira que é capaz de dar mangas. Tudo isso, porém, é uma prestidigitação. Só o mágico é real.”

M.: “Parece que a vida inteira é um longo sonho. Pelo que compreendo, não vemos as coisas de uma forma correta. Percebemos o mundo com a mente que não pode compreender nem mesmo a natureza do céu. Como podem nossas percepções serem corretas?”

Mestre: “Há uma outra maneira de encarar o assunto. Não vemos o céu de forma correta. Parece como se o céu estivesse tocando o chão no horizonte. Como pode um homem ver direito? Sua mente é delirante, como a de um paciente com tifo.”

Com a voz doce, o Mestre cantou:

Que febre delirante é esta da qual estou sofrendo!  
Ó Mãe! Tua graça é a minha única cura ...

Continuando, o Mestre disse: “Trata-se realmente de um estado de delírio. Veja como os homens brigam entre si. Ninguém sabe porque brigam. Ó como brigam! ‘Possa tal e tal coisa acontecer com você!’ Quantos gritos! Quantos insultos!”

M.: “Eu disse a Kishore: ‘A caixa está vazia, não há nada em seu interior, mas dois homens puxaram-na por ambos os lados, pensando que ela contivesse dinheiro.’ Bem, apenas o corpo é a causa de todo este engano, não é? Os jnanis vêem isto e dizem entre si: ‘Que alívio uma pessoa sente quando esta fronha, que é o corpo, cai!’ ”

O Mestre e M. dirigiram-se para o templo de Kali.

Mestre: “Por que você diz estas coisas? O mundo pode ser uma ‘estrutura de ilusão’, mas diz-se também, que é uma ‘mansão de alegria’. Deixe o corpo permanecer. Uma pessoa transforma este mundo numa mansão de alegria.”

M.: “Mas onde está a felicidade ininterrupta nesse mundo?”

Mestre: “Sim, onde está?”

Sri Ramakrishna ficou de pé em frente do santuário de Kali. E prosternou-se ante a Mãe Divina. M. acompanhou-o. O Mestre sentou-se na parte mais baixa, defronte ao santuário, olhando a imagem

<sup>4</sup> Talvez o Mestre estivesse referindo-se ao governo estrangeiro na Índia.

cheia de bem-aventurança e encostou-se no pilar do natmandir. Usava um xale de franja vermelha que estava parte em seu ombro e parte, para trás. M. sentou-se ao seu lado.

M.: “Uma vez que não há felicidade ininterrupta neste mundo, por que uma pessoa toma um corpo? Sei que o corpo é feito somente para colher resultados das ações passadas, mas quem sabe que tipo de ação está praticando agora? A parte infeliz é que estamos sendo esmagados.”

Mestre: “Se uma ervilha cai no lixo, não obstante cresce como um pé de ervilha.”

M.: “Mas ainda há os oito elos.”

Mestre: “Não são oito elos, são oito grilhões. Mas, e daí? Estes oito grilhões caem num segundo, pela graça de Deus. Sabe como é? Suponhamos que um aposento fique no escuro por mil anos. Na hora em que a luz é trazida para dentro dele, a escuridão desaparece. Não aos poucos. Já viu o que o mágico faz? Pega uma corda com muitos nós e amarra uma extremidade em alguma coisa, segurando a outra. Sacode então, a corda uma a duas vezes e, imediatamente, todos os nós se desfazem, mas uma outra pessoa não consegue desatar os nós, por mais que tente. Todos os nós da ignorância desfazem-se num piscar de olhos pela graça do guru.

“Bem, pode dizer-me porque Keshab Sen mudou tanto ultimamente? Costumava vir aqui com muita frequência. Aprendeu como inclinar-se profundamente ante um santo. Um dia disse-me que não se deve saudar um santo da maneira como ele vinha fazendo. Harish diz, com muito acerto: ‘Todos os cheques têm que ser aprovados aqui, só então serão descontados no banco.’” (*Risada*).

M. ficou com a respiração em suspenso ao ouvir estas palavras. Começou a compreender que Satchidananda na forma do guru, passa o “cheque”.

Mestre: “Não raciocine. Quem pode conhecer Deus? Ouvi de Nangta uma vez por todas que este universo inteiro é apenas um fragmento de Brahman.

“Hazra é dado a muito cálculo. Diz: ‘Tanto Deus tornou-Se o universo e tanto d’Ele é o equilíbrio.’ Minha cabeça dói com seus cálculos. Sei que não sei nada. Às vezes penso que Deus é bom e às vezes, que é mau. O que posso saber d’Ele?”

M.: ‘É verdade, senhor. Pode alguém alguma vez conhecer Deus? Cada um pensa segundo sua inteligência limitada, que compreendeu tudo a cerca de Deus. Como o senhor diz, uma formiga foi até uma colina de açúcar e vendo que um grão foi suficiente para encher seu estômago, pensou que na próxima vez, levaria a colina inteira para seu formigueiro.”

Mestre: “Quem pode alguma vez conhecer Deus? Eu nem tento. Apenas chamo-O de Mãe. Deixe a Mãe fazer o que Ela quiser e eu A conhecerei se for este o Seu desejo, mas ficarei feliz em permanecer ignorante, se Ela assim o quiser. Minha natureza é a do gatinho. Ele apenas chora: ‘Miau! Miau!’ O resto ele deixa com sua mãe. A mãe gata põe seu filhote às vezes na cozinha e às vezes, na cama do patrão. A criança pequena só quer sua mãe. Não sabe quão rica sua mãe é, nem mesmo quer sabê-lo. Apenas sabe. ‘Tenho mãe, por que haveria de me preocupar? Mesmo o filho de uma empregada sabe que tem mãe. Se brigar com o filho do patrão diz, ‘Vou contar à minha mãe. Tenho mãe.’ Minha atitude, também é a de uma criança.”

Subitamente Sri Ramakrishna percebeu a atenção de M. e disse, tocando seu peito, “Bem, deve haver alguma coisa aqui. Não é assim?”

M. olhava maravilhado para o Mestre. Disse para si mesmo: “A Própria Mãe mora no coração do Mestre? Foi a Mãe Divina que assumiu este corpo humano para o bem da humanidade?”

Sri Ramakrishna orava para a Mãe Divina. “Ó Mãe! Ó Encarnação do Om! Mãe, quantas coisas as pessoa dizem a Teu respeito! Mas não compreendo nenhuma delas. Nada sei, Mãe. Tomei refúgio aos Teus pés. Busquei a Tua proteção. Ó Mãe, oro somente para que eu possa ter puro amor por Teus pés de Lótus, amor que não pede retorno, mas não me iludas com Tua maya que enfeitiça o mundo. Procuo Tua proteção, refugiei-me em Ti.”

O culto da tarde nos templos havia terminado. Sri Ramakrishna estava outra vez sentado em seu quarto, com M.

M. vinha visitando o Mestre nos últimos dois anos e havia recebido sua graça e bênçãos. Havia aprendido que Deus era tanto com forma como sem forma e que Ele assumiu formas para o bem de Seus devotos. Ao adorador do Deus sem forma, o Mestre disse, “Agarre-se à sua convicção, mas lembre-se de que tudo é possível para Deus. Ele tem forma, mas é, também, sem forma e ainda pode ser muitas coisas mais.”

Mestre (*a M.*): “Você aceitou um ideal, aquele de Deus sem forma – não é assim?”

M.: “Sim, senhor, mas também creio no que o senhor diz – que tudo é possível para Deus. É bem possível para Deus ter formas.”

Mestre: “Bom. Lembre-se mais, que como Consciência, Ele penetra todo o universo dos vivos e não vivos.”

M.: “Penso n’Ele como a consciência dos seres conscientes.”

Mestre: “Aferre-se a esse ideal agora. Não há necessidade de forçar nada sem mudar sua atitude. Gradualmente chegará a realizar que a consciência nos seres conscientes é a Consciência de Deus. Só Ele é Consciência.

“Vou perguntar-lhe uma coisa. Sente-se atraído por dinheiro e riqueza?”

M.: “Não, senhor, mas gostaria de ganhar dinheiro a fim de ficar livre de ansiedade e poder pensar em Deus sem preocupações.”

Mestre: “Ó, isto é perfeitamente natural.”

M.: “Isto é ganância? Não penso que seja.”

Mestre: “Você está certo. De outro modo, quem cuidará de seus filhos? O que vai acontecer com eles, se sentir que não é o que faz?”

M.: “Ouvi dizer que uma pessoa não pode alcançar o Conhecimento, enquanto tiver a consciência do dever. O dever é como o sol abrasador.”

Mestre: “Conserve a atitude atual. Será diferente quando a consciência do dever cair por si só.”

Ficaram em silêncio por alguns minutos.

M.: “Entrar no mundo depois de ter alcançado apenas o conhecimento parcial! Ora! É como morrer com plena lucidez como um doente de cólera!”

Mestre: “Ó Ram! Ram!”

A idéia na mente de M. era que, assim como um paciente de cólera sente uma dor cruciante na hora da morte, porque retém a consciência, o jnani com conhecimento parcial deve sentir-se extremamente miserável levando a vida do mundo, que sabe ser ilusória.”

M.: “As pessoas completamente ignorantes são como pacientes de tifo, que permanecem inconscientes na hora da morte e então, não sentem dor.”

Mestre: “Diga-me, o que uma pessoa consegue com dinheiro? Jayagopal Sen é um homem muito rico, mas queixa-se que seus filhos não o obedecem.”

M.: “É a pobreza a única coisa dolorosa neste mundo? Há as seis paixões, doenças e mágoas.”

Mestre: “E também, nome e fama, o desejo de ganhar reconhecimento dos outros. Bem, qual a atitude que você acha que eu tenho?”

M.: “É como aquela de um homem que acabou de despertar. Tem consciência de si mesmo. O senhor está sempre unido a Deus.”

Mestre: “Você às vezes sonha comigo?”

M.: “Sim, senhor. Muitas vezes.”

Mestre: “Como? Sonhou comigo dando-lhe instrução?”

M. permaneceu em silêncio.

Mestre: “Se alguma vez você me viu instruindo-o, então saiba que o Próprio Satchidananda é quem o está fazendo.”

M. relatou a Sri Ramakrishna suas experiências de sonho, que ele escutou com atenção.

Mestre (*a M.*): “É muito bom. Não raciocine mais. Você é um seguidor de Shakti.”

*Quarta-feira, 10 de outubro de 1883*

Adhar havia convidado o Mestre para ir à sua casa por ocasião do festival do Durga Puja. Era o terceiro dia do culto da Mãe Divina. Quando Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar, encontrou Sarada, amigo de Adhar, o pai de Balaram vizinhos e parentes de Adhar já esperando por ele.

O Mestre foi para o átrio de adoração assistir ao culto da tarde. Quando acabou, permaneceu ali num estado abstrato e cantou em louvor à Mãe Divina:

De minha profunda aflição, salva-me, Ó Redentora!  
Estou atemorizado com as ameaças do Rei da Morte  
Abandonado à minha sorte, morrerei brevemente  
Salva-me, Ó, salva-me agora, eu imploro!

Mãe de todos os mundos! Tu, Suporte da humanidade  
Tu, Feiticeira de todos, Mãe de tudo o que tem vida!  
A encantadora Radha de Vrindavan és Tu,  
A mais querida companheira do Amado de Braja.

Bem-aventurada companheira de Krishna, bem nascida da lila de Krishna,  
 Filha de Himalaia, a principal das gopis, bem amada de Govinda!  
 Ganga sagrado! Doadora de Liberação!  
 Shakti! O universo canta Tuas glórias,

Tu és a Esposa de Shiva, a Sempre abençoada, o Todo;  
 Às vezes Tu tomas forma, às vezes és Absoluta.  
 Eterna Amada de Mahadeva,  
 Quem pode compreender Tuas glórias infinitas?

O Mestre foi para a sala de visitas de Adhar, no segundo andar e sentou-se, cercado pelos convidados. Ainda em estado de fervor divino, disse: “Senhores, já comi. Vão, agora, aproveitar a festa.” Estava o Mestre sugerindo que a Mãe Divina havia participado da oferenda de Adhar? Será que ele se identificara com a Mãe Divina e por isso, havia dito, “Já comi”?

Então, dirigindo-se à Mãe Divina, continuou: “Devo comer, Ó Mãe? Ou vás Tu comer? Ó Mãe, a verdadeira Encarnação do Vinho da Bem-aventurança Divina!” Estava o Mestre considerando-se uno com a Mãe Divina? Tinha a Mãe Se encarnado como o Filho para instruir a humanidade nos caminhos de Deus? Seria por acaso que o Mestre dissera, “Já comi”?

Naquele êxtase, Sri Ramakrishna viu os seis centros do seu corpo e a Mãe Divina morando neles. Entoou uma canção sobre este fato:

Novamente cantou:

Minha mente está maravilhada,  
 Ponderando a respeito do mistério da Mãe;  
 Seu próprio nome remove  
 O medo de Kala, a própria Morte,  
 Sob Seus Pés jaz Maha-Kala.

Por que Sua cor é kala, negra?  
 Muitas são as formas negras, mas Ela  
 Aparece espantosamente negra;  
 Quando contemplada no coração.  
 Ilumina o lótus que ali floresce.

Sua forma é negra e Ela é chamada  
 Kali, a Negra, mais negra do que o negro  
 É Ela! Olhando-A,  
 O homem fica enfeitiçado para todo o sempre;  
 Nenhuma outra forma pode ele desfrutar.

Maravilhado Ramprasad pergunta:  
 Onde mora esta Mulher tão fascinante?  
 Ao seu simples nome, a mente dele  
 Torna-se imediatamente absorto n’Ela,  
 Embora ele jamais a tenha visto.

O medo dos devotos desaparece se somente procurarem abrigo aos pés da Mãe Divina. Foi por isso que o Mestre entoou a canção abaixo?

Entreguei minha alma aos pés intrépidos da Mãe:  
 Vou ainda ter medo da Morte?  
 No tufo de cabelo da minha cabeça  
 Está preso o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.  
 Vendi meu corpo no mercado do mundo.  
 E com ele comprei o nome de Sri Durga.

No fundo do meu coração plantei o nome de Kali.  
 A Árvore celestial que satisfaz todos os Desejos:  
 Quando Yama, o Rei da Morte aparecer.  
 Abrirei meu coração para ele e lhe mostrarei que ela cresceu ali.  
 Joguei fora meus seis inimigos flageladores<sup>5</sup>,  
 Pronto estou para navegar no oceano da vida.

<sup>5</sup> As seis paixões.

Gritando, “Salve Durga!”

Sarada estava desolado com a morte de seu filho. Adhar então, levou-o a Dakshineswar, para visitar o Mestre. Sarada era devoto de Sri Chaitanya. Sri Ramakrishna olhou para ele e ficou inspirado com o ideal de Gauranga.

Cantou:<sup>6</sup>

Por que meu corpo ficou tão dourado? Não é tempo disso ocorrer:  
Muitas épocas devem passar, antes que eu apareça como Gauranga.  
Agora na era de Dwapara, Meu jogo ainda não terminou:  
Quão estranha é esta transformação!  
O pavão brilha todo em ouro, e dourado o cuco também reluz!  
Tudo em volta de Mim transformou-se em ouro! Nada mais aparece  
Tudo é ouro em qualquer lugar que eu olhe.  
O que significa este milagre, que tudo o que vejo é ouro?  
Ah, agora posso adivinhar Seu significado  
Radha veio para Mathura<sup>7</sup> e é por isso que Minha pele é dourada.  
Pois ela é brahmara<sup>8</sup> e assim, deu-Me sua cor.  
Azul escuro era meu corpo até agora, no entanto, num piscar de olhos  
Transformou-se em ouro. Tornei-Me Radha apenas contemplando-a?  
Não posso imaginar onde estou – em Mathura ou Navadvip.  
Mas pode isso acontecer?  
Ainda não tinha Balarama nascido como Nitai, nem Narada  
Havia se tornado Shrivasa, nem Yashoda como Mãe Sachi retornara.  
Por que deveria eu, dentre todos, assumir sozinho a face dourada?  
Nem ainda o Pai Nanda nascera como Jagannath;<sup>9</sup> por que  
Serei eu assim transformado em ouro?  
Talvez porque em Mathura a suave Radha apareceu. Minha pele  
Pedi emprestada a matiz dourada de Gauranga.

Sri Ramakrishna cantou novamente, ainda tomado pelo ideal de Gauranga:

Com certeza Gauranga está perdido em êxtase de felicidade:  
Em exuberante estado de alegria, ri e chora, dança e canta.  
Toma um pedaço de madeira por Vrindavan, o Ganges pelo azul Jamuna:  
Em voz alta soluça e chora. Contudo, embora seja todo de ouro por fora,  
É negro por dentro – negro como a negrura de Krishna!

O Mestre continuou cantando, assumindo a atitude de uma devota plena de amor por Gauranga:

Por que meus vizinhos fazem tanto escândalo?  
Por que jogam difamações em mim.  
Simplesmente por causa de Gauranga?  
Como podem compreender meus sentimentos?  
Como posso alguma vez explicar?  
Poderei jamais explicar?  
Meu Deus, para quem explicarei isso?  
Ah, eles me fazem morrer de vergonha!

Uma vez na casa de Shrivasa.  
Gora estava cantando o kirtan em voz alta.  
Quando no chão do pátio,  
Caindo, ele rolou em êxtase.  
Eu, que estava em pé perto dele,  
Vendo onde ele jazia em transe.  
Subitamente perdi todo sentido externo.  
Até que a esposa de Shrivasa me reviveu.

Outro dia, na procissão do bhakta,  
Gora cantava docemente o kirtan:

<sup>6</sup> A canção representa as palavras de Gauranga no estado de Krishna. Gauranga, que tinha a pele dourada, é considerado uma Encarnação de Krishna.

<sup>7</sup> Capital do reino de Krishna, onde Ele viveu depois de deixar Vrindavan.

<sup>8</sup> Segundo uma lenda hindu, a barata ao meditar num brahmara, transforma-se nele.

<sup>9</sup> Sachi e Jagannath eram os pais de Gauranga; Yashoda e Nanda eram os pais de Krishna.

Abraçando os párias contra o peito.  
 Abrandou os corações dos incrédulos.  
 No mercado de Nadia  
 Cantou o santo nome do Senhor Hari,  
 Seguiu a multidão e bem de perto  
 Conseguiu um lampejo dos Seus pés de ouro.

Certa vez ficou à margem do Ganges  
 Como corpo brilhante como o sol e a lua,  
 Encantando a todos com sua beleza.  
 Eu também vim apanhar um pouco de água,  
 Ao olhar de um lado.  
 Minha jarra de água escorregou e caiu.  
 Minha cunhada, a bisbilhoteira, viu-me  
 E agora ela espalha a notícia por todos os cantos.

O pai de Balaram era vaishnava; por esta razão cantou o amor divino das gopis por seu amado Krishna:

Não encontrei meu Krishna, Ó amigo! Como triste ficou meu lar sem Ele!  
 Ah, se Krishna pudesse apenas ser o cabelo de minha cabeça.  
 Cuidadosamente eu o pentearia e o enfeitaria como flores de bakul;  
 Cuidadosamente faria as tranças do meu Krishna  
 Krishna é negro e negro é meu cabelo; negro será uno com o negro!  
 Ah, se Krishna pudesse apenas ser a argola que uso no nariz.  
 Sempre ficaria dependurado e meus lábios poderiam tocá-Lo.  
 Mas isto jamais acontecerá. Ó! Por que sonharia indolentemente?  
 Por que Krishna se importaria em ser a argola do meu nariz?  
 Ah, se Krishna pudesse apenas ser as pulseiras nos meus braços.  
 Ele sempre estaria preso nos meus pulsos e eu orgulhosamente andaria,  
 Sacudiria meus braceletes para fazê-los soar, agitando meus braços para mostrá-los;  
 Pela estrada real andaria usando os braceletes do meu Krishna.

O pai de Balaram era dono de propriedades em diversos lugares de Orissa. Membro ortodoxo da seita vaishnava, havia construído templos e distribuía alimento aos peregrinos e diversos lugares sagrados. Estava passando os últimos dias de sua vida em Vrindavan. Os vaishnavas, em sua maioria, são muito limitados em seus pontos de vista religiosos. Alguns alimentam sentimentos maus em relação aos seguidores dos Tantras e da Vedanta, mas Sri Ramakrishna jamais encorajou tal ponto de vista estreito. Segundo seus ensinamentos, pela sinceridade e anelo, todos os amantes de Deus um dia atingirão a mesma meta. O Mestre deu início à conversa a fim de alargar os pontos de vista religiosos do pai de Balaram.

Mestre (*a M.*): “Uma vez pensei, ‘Por que deveria ser unilateral?’ Por conseguinte, fui iniciado no vaishnavismo em Vrindavan e tomei a roupa de monge. Passei três dias praticando sua disciplina. Também em Dakshineswar fui iniciado no mistério do culto de Rama. Pinte a testa com uma grande marca e pus um colar com um diamante no meu pescoço, mas depois de alguns dias, desisti de tudo.

“Um certo homem possuía uma tina. As pessoas vinham para tingir suas roupas. A tina continha uma tintura. Qualquer cor que se desejasse, seria obtida, mergulhando o tecido nela. Alguém ficou admirado ao ver e disse ao tintureiro: ‘Por favor, dê-me a tintura que o senhor possui em sua tina.’ ”

Estava o Mestre sugerindo que as pessoas que professassem religiões diferentes viriam a ele e teriam sua consciência despertada, segundo seus próprios ideais?

Mestre (*ao pai de Balaram*): “Não leia mais nada. O senhor pode ler livros sobre devoção, como a vida de Chaitanya.

“O importante é amar a Deus e provar Sua doçura. Ele é a doçura e o devoto é aquele que desfruta dela. Os devotos bebem a doce Felicidade de Deus. Também Deus é o lótus e o devoto, a abelha. O devoto suga o mel do lótus.

“Assim como o devoto não pode viver sem Deus, também Deus não pode viver sem Seu devoto. Então o devoto torna-se a doçura de Deus, Aquele que desfruta dela. O devoto torna-se o lótus e Deus, a abelha. É a Divindade que Se tornou esses dois a fim de gozar Sua própria Felicidade. Este é o significado do episódio de Radha e Krishna.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> De acordo com certa escola da religião vaishnava, o próprio Deus Supremo tornou-Se Radha e Krishna, a fim de desfrutar a ventura de Sua comunhão mútua.

“No início de sua prática espiritual o devoto deverá observar ritos como peregrinação, usar rosário em torno do pescoço etc., mas estas observâncias externas gradualmente cairão à medida que atinge a meta, a visão de Deus. Sua única atividade é a repetição do nome de Deus, contemplação e meditação.

“Os pennies equivalentes a dezesseis rupias formam um grande monte, mas dezesseis moedas de prata não parecem uma grande quantidade. A quantidade torna-se menor se trocar as dezessete rupias por um mohur de ouro. Dificilmente nota-se a troca de ouro por um diamante pequeno.

“Os vaishnavas ortodoxos insistem na forma exterior de religião. Criticam qualquer devoto que não apresente esses sinais. Seria por esta razão que o Mestre dizia que, após a visão de Deus, o devoto torna-se indiferente às marcas exteriores, deixando o culto formal, ao alcançarem a meta espiritual?

Mestre (*ao pai do Balaran*): “Os Kartabhajas agrupam os devotos em quatro categorias: o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. O pravartaka, o iniciante, coloca a marca de sua religião na testa, usa um rosário em volta do pescoço e observa outras convenções exteriores. O sadhaka, o devoto que luta muito, não se importa muito por ritos elaborados. Um exemplo deste tipo é o Baul. O siddha, o perfeito, acredita firmemente que Deus existe. O siddha do siddha, o perfeito supremo como Chaitanya, não só realizou Deus, mas também tornou-se íntimo d’Ele e conversou com Ele o tempo todo. Este é o último limite de realização.

“Há muitos tipos de aspirantes espirituais. Os dotados de sattva fazem suas práticas espirituais em segredo. Parecem pessoas comuns, mas meditam dentro do mosqueiro.

“Aspirantes dotados de rajás, exibem pompa exterior – um rosário ao redor do pescoço, um sinal na testa, um manto ocre, uma roupa de seda, rosário com uma conta de ouro e assim por diante. São como negociantes, mostrando suas mercadorias com cartazes.

“Todas as religiões e caminhos aconselham seus seguidores orar para um e mesmo Deus. Por conseguinte, não se deve desrespeitar qualquer religião ou opinião religiosa. É somente Deus que é chamado de Satchidananda Brahman nos Vedas. Satchidananda Krishna nos Puranas e Satchidananda Shiva nos Tantras. É um e mesmo Satchidananda.

“Há diferentes seitas vaishnavas. Aquele que é chamado Brahman nos Vedas é chamado Alekh – Niranjan por uma seita vaishnava. ‘Alekh’ significa aquele que não pode ser indicado ou percebido pelos órgãos dos sentidos. Segundo essa seita, Radha e Krishna são apenas duas borbulhas do Alekh.

“Segundo a Vedanta<sup>11</sup> não existe Encarnação de Deus. Os vedantistas dizem que Rama e Krishna são apenas duas ondas no Oceano de Satchidananda.

“Na realidade não há dois. Há somente o Uno. Um homem pode chamar Deus por qualquer nome e se for sincero em suas orações, certamente O alcançará. Terá sucesso se tiver anelo.”

Enquanto Sri Ramakrishna falava aquelas palavras aos devotos, foi tomado pelo fervor divino. Descendo à consciência parcial, perguntou ao pai de Balaram: “O senhor é o pai de Balaram?”

Todos estavam sentados em silêncio. O idoso pai de Balaram silenciosamente passava o rosário.

Mestre (*a M. e outros*): “Bem, estas pessoas praticam tanto japa e vão a tantos lugares sagrados, mas por que continuam assim? Por que não fazem progresso? No caso delas parece como se o ano tivesse dezoito meses.

“Uma vez eu disse a Harish: ‘Qual a vantagem de ir a Benares se não se sente inquietude por Deus? E, se houver esse anelo então, aqui mesmo é Benares.’

As pessoas fazem tantas peregrinações e repetem tanto o nome de Deus, mas por que não realizam algo? É porque não possuem desejo ardente por Deus. Deus revela-Se ao devoto somente se ele O chamar com o coração anelante.

“No início do yatra, observa-se alvoroço no palco. Neste momento não se vê Krishna. Em seguida o sábio Narada, entra com a flauta e canta com anelo: ‘Ó Govinda! Ó Vida minha! Ó Alma minha!’ Então Krishna não pode permanecer afastado por mais tempo e aparece com os pastores.

*Terça-feira, 16 de outubro de 1883*

Sri Ramakrishna estava em seu quarto com Rakhai, o pai de Balaram, Beni Pal, M., Mani Mallick, Ishan, Kishori e outros devotos.

Mestre: “Os devotos que têm mente aberta, aceitam todas as formas de Deus: Krishna, Kali, Shiva, Rama etc.”

<sup>11</sup> Referência à Vedanta Advaita.

Pai de Balaram: “Sim, senhor. É como a mulher que reconhece o marido, não importa a roupa que ele use.”

Mestre: “Mas há uma coisa chamada nishtha, devoção com um só objetivo em mente. Quando as gopis foram para Mathura, viram Krishna com um turbante na cabeça. A isto baixaram os véus e disseram: ‘Quem é este homem? Onde está nosso Krishna, com pena de pavão na cabeça e roupa amarela?’ Hanuman também tinha aquela devoção firme. Veio para Dwaraka, no ciclo de Dwapara. Krishna disse a Rukmini, Sua rainha, ‘Hanuman não ficará satisfeito a não ser que veja a forma de Rama’. Por isso, para agradar Hanuman, Krishna assumiu a forma de Rama.

“Mas, meu caro senhor, encontro-me num estado mental estranho. A mente desce com frequência do Absoluto para o Relativo e novamente, sobe do Relativo para o Absoluto.

“Atingir o Absoluto chama-se Conhecimento de Brahman, mas que é extremamente difícil de ser conseguido. Não se adquire o Conhecimento de Brahman a não ser que se liberte completamente do apego ao mundo. Quando a Mãe Divina nasceu como filha do rei Himalaia, mostrou Suas várias formas ao Seu pai. O rei disse: ‘Quero ver Brahman’. Imediatamente a Mãe Divina falou: ‘Pai, se este é o seu desejo, então deve procurar a companhia dos santos. Deve ficar na solidão, longe do mundo e de vez em quando, viver em companhia santa.’

“O múltiplo originou-se apenas do Uno, o Relativo, do Absoluto. Há um estado de consciência em que a pluralidade desaparece e o Uno, igualmente; porque o múltiplo existe enquanto o Uno existir. Brahman é incomparável. É impossível explicar Brahman por analogia. É como a luz e a escuridão. Ele é a Luz, mas não a luz que percebemos, não a luz material.

“Quando Deus muda meu estado mental, quando traz minha mente para o plano Relativo, percebo que Ele é quem Se tornou tudo isto – o Criador, maya, os seres vivos e o universo.

“Algumas vezes também, Ele mostra-me que criou o universo e todos os seres vivos. Ele é o Senhor e o universo, Seu jardim.

“Ele é o Senhor e o universo e todos os seres vivos pertencem-Lhe – isto é Conhecimento. ‘Sou o que faz’, ‘sou o guru’, ‘sou o pai’ - é ignorância. ‘Esta é minha casa; esta é minha família; esta é minha riqueza; estes são meus parentes’ - isto é, também, ignorância.”

Pai de Balaram: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Enquanto não sentir que Deus é o Senhor, tem que voltar ao mundo, tem que nascer repetidas vezes. Não haverá renascimento quando puder verdadeiramente dizer, ‘Ó Deus, Tu és o Senhor’. Enquanto não puder dizer, ‘Ó Senhor, Tu apenas és Real’, não poderá libertar-se da vida do mundo. Esta ida e vinda, este renascimento é inevitável. Não haverá liberação. Além disso, o que se pode conseguir apenas dizendo, ‘Isto é meu?’ O administrador de uma fazenda pode dizer, ‘Esse é o nosso jardim, essas são nossas camas e mobília’, mas quando o patrão o despede, não tem direito de levar nem uma caixa de madeira de mangueira, sem valor, que lhe foi dada para seu uso.

“O sentimento ‘eu’ e ‘meu’ encobriu a Realidade. Por causa disso não podemos ver a Verdade. Não é possível atingir Chaitanya, a Consciência Divina, sem o conhecimento de Advaita, a Não-dualidade. Depois de realizar Chaitanya, experimenta-se Nityananda, a Eterna Felicidade. Desfruta-se esta Felicidade depois de atingir o estado de paramahansa.

“A Vedanta não reconhece a Encarnação de Deus. Segundo ela, Chaitanyadeva é somente uma borbulha do Brahman não-dual.

“O senhor sabe como se parece a visão da Consciência Divina? É como a súbita iluminação de um quarto escuro quando um fósforo é aceso.

“A Encarnação de Deus é aceita por aqueles que seguem o caminho da bhakti. Uma mulher pertencente à seita Kartabhaja observou meu estado e comentou: ‘O senhor tem realização interior. Não dance nem cante demais. As uvas maduras devem ser preservadas cuidadosamente em algodão. A sogra diminui as atividades da nora quando ela está grávida. Uma característica da realização de Deus é que as atividades de um homem com tal realização caem gradualmente. Dentro desse homem (querendo dizer o próprio Sri Ramakrishna) está a jóia real.’

“Olhando-me comer, ela disse: ‘É o senhor mesmo que está comendo ou está alimentando uma outra pessoa?’

“O sentimento do ego encobriu a Verdade. Narenda uma vez disse: ‘À medida que o “eu” de um homem retrocede, o “Eu” de Deus aproxima-Se.’ Kedar diz: ‘Quanto mais argila há no jarro, menos água ele retém.’

“Krishna disse a Arjuna: ‘Irmão, você não Me realizará se possuir apenas um dos oito siddhis’. Eles só dão um pouco de poder. Com o poder de curar e coisas semelhantes, pode-se fazer um pouco de bem aos outros, não é verdade?”

“Por conseguinte, oro à Mãe Divina apenas por puro amor, um amor que não espera retribuição. Jamais pedi poderes ocultos.”

Enquanto assim falava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. Permaneceu imóvel, completamente esquecido do mundo exterior. Depois, descendo ao mundo dos sentidos, cantou:

Ah, amigo! Não O encontrei ainda, cujo amor me enlouqueceu. ...

A pedido do Mestre, Ramlal entoou uma canção, descrevendo como Chaitanya abraçou a vida monástica:

Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati<sup>12</sup>.  
Gora em sua graça incomparável  
Derramando lágrimas em milhares de torrentes!  
Como um elefante louco  
Dança em êxtase e canta,  
Embragado por um amor arrebatador.

Rolando pelo chão e nadando em suas lágrimas,  
Chora e grita o nome do Senhor Hari.  
Cortando os próprios céus com seus gritos  
Estrondosos como o rugir de um leão;  
Logo muito humildemente implora o amor dos homens,  
Para sentir-se o servo de Deus.

Com a cabeça raspada, vestiu a roupa ocre do yogi:  
Mesmo o mais duro coração há de se derreter  
Ao ver meu amor puro e celestial.  
Ferido pela tristeza dos homens.  
Ele abandonou tudo  
E derrama amor ilimitadamente.  
Ó, se pudera Premdas ser seu escravo e passando de porta em porta.  
Cantando o louvor sem fim.

O Mestre pediu a Mani Mallick para citar as palavras de Tulsidas em que ele diz que aquele que desenvolveu amor por Deus não pode mais fazer diferença de casta.

Mani: “A garganta do chatak está sedenta. Por todos os lados estão as águas do Ganges, do Jamuna, do Saraju e de inúmeros rios e lagos, mas o pássaro não tocará nenhuma delas. Olha somente para cima, ansioso pela chuva que cai quando a estrela Svati estiver no ascendente.”

Mani: “Isto significa que só o amor pelos Pés de Lótus de Deus é real e tudo o mais ilusório.”

Mani: “Tulsi também disse: ‘Ao toque da pedra filosofal, os oito metais tornam-se ouro. Assim também, até o açougueiro e o intocável tornam-se puros com a repetição do nome de Hari. Sem o nome de Hari as pessoas das quatro castas são apenas açougueiros.’”

Mestre: “O couro do traseiro que as escrituras proíbem tocar, pode ser levado para o templo depois de ter curtido.

“O homem torna-se puro, repetindo o nome de Deus. Por conseguinte, deve-se praticar o canto do nome de Deus. Eu disse à mãe de Jadu Mallick: ‘Na hora da morte pensará apenas em coisas mundanas – família, filhos, testamento etc. O pensamento de Deus não lhe virá à mente. O modo de se lembrar de Deus na hora da morte, é praticar, agora, a repetição de Seu nome e o canto de Suas glórias. Se uma pessoa mantiver essa prática então, na hora da morte, repetirá o nome de Deus. Quando o gato pula em cima do pássaro, este apenas pia e não diz: ‘Rama, Rama, Hare-Krishna’.

“É bom preparar-se para a morte. Devemos sempre pensar em Deus e cantar Seu nome em solidão nos últimos anos de vida. Se o elefante for colocado no estábulo depois do banho, não ficará outra vez coberto de sujeira e poeira.”

O pai de Balam, Mani Mallick e Beni Pal eram idosos. Será que o Mestre dera esta recomendação especialmente para benefício deles?

<sup>12</sup> Mestre monástico de Sri Chaitanya.

Mestre: “Por que lhes peço para pensar em Deus e cantar Seu nome na solidão? Vivendo no mundo, dia e noite, uma pessoa fica cheia de preocupações. Já observaram o caso do irmão matando irmão por causa de um pedaço de terra? Os Sikhs disseram-me: ‘As causas de toda preocupação e confusão são três: terra, mulher e dinheiro.’”

“Vocês estão levando a vida de chefe de família. Por que teriam medo do mundo? Quando Rama disse a Dasharatha que iria renunciar ao mundo, isto preocupou muito Seu pai e o rei pediu conselho a Vashishtha. Este disse a Rama: ‘Rama, por que Você renunciaria ao mundo? Raciocine comigo. É este mundo exterior a Deus? O que há para renunciar e o que há para aceitar? Nada existe a não ser Deus. É somente Brahman que aparece como Ishvara, maya, seres vivos e o universo.’”

Pai de Balam: “É difícil, senhor.”

Mestre: “Enquanto o aspirante praticar disciplina espiritual, considera o mundo como uma ‘estrutura de ilusão’. Depois de alcançar o Conhecimento, a visão de Deus, este próprio mundo torna-se para ele a ‘mansão de alegria’.

“Está escrito nos livros vaishnavas: ‘Só se pode alcançar Deus por meio da fé; o raciocínio o empurra para muito longe’. Somente fé!

“Que fé tinha Krishnakishore! Em Vrindavan um pária tirou água de um poço para ele. Krishnakishore disse-lhe: ‘Repita o nome de Shiva.’ Depois que o homem assim o fez, Krishnakishore sem hesitar bebeu a água. Costumava dizer, ‘Se um homem cantar o nome de Deus, ainda precisa gastar dinheiro para expiação de seus pecados? Que bobagem!’ Estava admirado ao ver as pessoas adorando Deus com a sagrada folha de tulsi, a fim de curar suas doenças. No ghat de banho aqui, disse-nos: ‘Por favor, abençoe-me para que eu possa passar os dias repetindo o nome sagrado de Rama.’ Sempre que eu ia à sua casa, dançava com alegria ao me ver. Rama disse a Lakshmana, ‘Irmão, sempre que você encontrar uma pessoa cantando e dançando em êxtase de amor divino, tenha por certo que Eu estou ali.’ Chaitanya é um exemplo desse tipo de amor. Ria, chorava, dançava e cantava em êxtase divino. Era uma Encarnação. O Próprio Deus encarnou-Se através de Chaitanya.”

Sri Ramakrishna entoou uma canção descrevendo o amor divino de Chaitanya. Depois o pai de Balam, Mani Mallick, Beni Pal e vários outros devotos despediram-se do Mestre.

À tarde chegaram os devotos de Kansaritola, Calcutá. O Mestre dançou e cantou com eles em êxtase. Depois de dançar, entrou em samadhi e disse: “Irei parte do caminho sozinho.” Kishore veio massagear seus pés, mas o Mestre não permitiu que ninguém o tocasse.

Ishan chegou. O Mestre estava sentado ainda em estado espiritual. Depois de um certo tempo, começou a conversar com Ishan. Era desejo de Ishan praticar o purashcharana do Gayatri.

Mestre (a Ishan): “Siga sua própria instrução. Espero que não haja mais dúvida em sua mente. Ainda há alguma? O caminho dos Vedas não é para o Kaliyuga. O caminho eficaz é dos Tantras.”

Ishan: “Quase decidi fazer uma cerimônia de expiação.”

Mestre: “Você está querendo dizer que não se pode seguir o caminho dos Tantras? Aquele que é Brahman é também, Shakti, Kali.”

Conhecendo o segredo que Kali é Una com o mais elevado Brahman,  
Descartei uma vez por todas, tanto a retidão como o pecado.

Ishan: “Um hino no *Chandi* diz que somente Brahman é a Energia Primordial. Brahman é idêntico a Shakti.”

Mestre: “Não se deve apenas expressar essa idéia com palavras. Só quando as assimilar, tudo estará bem com você.”

“Quando o coração se tornar puro pela disciplina espiritual, sente-se, com segurança, que só Deus é Aquele que faz. Ele tornou-Se mente, vida e inteligência. Somos apenas Seus instrumentos.

Tu és O que segura o elefante na lama.  
Tu és O que ajuda o coxo a escalar a montanha mais íngreme.

“Quando seu coração purificar-se, então realizará que é Deus quem nos faz executar ritos como o purashcharana.”

Tu fazes Teu próprio trabalho, apenas os homens o consideram deles.

“Depois da realização de Deus todas as dúvidas desaparecem. Então o devoto encontra o vento favorável. Torna-se livre de preocupações. É como o barqueiro que quando sopra o vento favorável, solta a vela, segura o timão levemente e aproveita para fumar.”

Ishan despediu-se e Sri Ramakrishna conversou com M.. Ninguém mais estava presente. Perguntou a M. o que pensava de Narendra, Rakhal, Adhar e Hazra e se os achava puros. “E”, perguntou o Mestre, “o que você pensa de mim?”

M. disse: “O senhor é simples e ao mesmo tempo, profundo. É muito difícil compreendê-lo.”

Sri Ramakrishna riu.

*26 de novembro de 1883*

Era o festival de Sinduriapatti Brahma Samaj. A cerimônia seria realizada na casa de Manidial Mallick. O átrio de adoração estava lindamente decorado com flores, grinaldas e sempre-vivas e muitos devotos estavam reunidos, esperando ansiosamente pelo culto. Seu entusiasmo tinha sido grandemente aumentado com a notícia de que Sri Ramakrishna agraciaria a ocasião com sua presença. Keshab, Vijay, Shivanath e outros líderes do Brahma Samaj respeitavam-no muito. Seu estado de intoxicação divina, seu intenso amor pela vida espiritual, sua fé abrasadora, sua comunhão íntima com Deus e seu respeito pelas mulheres, a quem olhava como verdadeiras manifestações da Mãe Divina, juntamente com a pureza imaculada de seu caráter, sua completa renúncia de conversas mundanas, seu amor e respeito por todas as crenças religiosas e sua ansiedade em encontrar devotos de todos os credos, atraíam os membros do Brahma Samaj para ele. Naquele dia os devotos vieram de lugares distantes para participarem do festival, porque isto lhes daria oportunidade de ver rapidamente o Mestre e ouvir suas palestras inspiradoras.

Sri Ramakrishna chegou antes do culto e ficou conversando com Vijaykrishna Goswami e outros devotos. Os lampiões foram acesos e o serviço estava prestes a começar.

O Mestre perguntou se Shivanath viria para o festival. Um devoto Brahma disse que ele tinha outras coisas importantes para fazer e que não viria.

Mestre: “Fico muito feliz quando vejo Shivanath. Parece estar sempre absorvido na felicidade de bhakti. Além disso, um homem que é respeitado por tantos, certamente possui algum poder divino. Entretanto, possui um grande defeito: não mantém sua palavra. Uma vez disse-me que viria a Dakshineswar, mas nem apareceu nem deu satisfação. Isto não é bom. Dizem que somente falar a verdade constitui a disciplina espiritual do Kaliyuga. Se um homem se apegar tenazmente à verdade, no final, realizará Deus. Sem esse apego à verdade, gradualmente perde-se tudo. Se, por acaso, eu disser que vou ao bosque de pinheiros, tenho que ir, mesmo que não tenha mais necessidade, senão perco meu amor à veracidade. Depois de minha visão da Mãe Divina, orei a Ela, com uma flor na mão: ‘Mãe, aqui está Teu conhecimento e aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua profanidade. Toma-as ambas, Mãe, e dá-me puro amor. Aqui está Teu bem e aqui está Teu mal. Toma-os ambos, Mãe, e dá-me puro amor. Aqui está Tua retidão e aqui está Tua iniquidade. Toma-as ambas, Mãe, e dá-me puro amor.’ Disse tudo isto, mas não pude dizer, ‘Mãe, aqui está Tua verdade e aqui está Tua falsidade. Toma-as ambas.’ Abandonei tudo a Seus pés, mas não abandonei a Verdade.”

Logo o serviço religioso começou, segundo as regras do Brahma Samaj. O pregador sentou-se na plataforma. Depois da oração inicial, recitou textos sagrados dos Vedas, acompanhado na invocação do Brahman Supremo por toda a congregação. Cantaram em coro, “Brahman é a Verdade, Conhecimento e Infinito. Ele brilha como Felicidade e Imortalidade. Brahman é Paz, Bênção, Uno sem Segundo. É puro, não tocado pelo pecado.” Os devotos acalmaram-se e de olhos fechados, meditaram.

O Mestre entrou em samadhi profundo. Estava ali transfigurado e sem fala. Depois de algum tempo abriu os olhos, olhou em volta e subitamente ficou em pé com as palavras “Brahma! Brahma!” nos lábios. Logo teve início a música devocional, acompanhada pelos tambores e pratos. Em estado de fervor divino o Mestre começou a dançar com os devotos. Vijay e outros Brahmos dançavam em volta dele. Os convidados e os devotos estavam maravilhados. Muitos deles beberam a doce felicidade do nome de Deus e esqueceram-se do mundo. Pelo menos naquele momento, a felicidade do mundo material parecia-lhes amarga.

Depois do kirtan todos sentaram-se em volta do Mestre, ávidos de ouvirem suas palavras.

Mestre: “É difícil levar a vida de um chefe de família com espírito de desapego. Uma vez Pratap<sup>13</sup> disse-me: ‘Senhor, seguimos o exemplo do rei Janaka. Levou a vida de chefe de família com desapego. Seguiremos o seu exemplo.’ Eu lhe disse: ‘Pode uma pessoa ser como o rei Janaka simplesmente desejando? Quantas austeridades praticou a fim de adquirir conhecimento divino! Praticou a mais intensa forma de ascetismo durante muitos anos e só depois, voltou à vida do mundo.’

“Não há então, qualquer esperança para os chefes de família? Certamente que há. Devem praticar disciplina espiritual na solidão durante dias. Adquirirão conhecimento e devoção. Levar a vida mundana não os afetará, mas quando praticarem disciplinas em solidão, afastem-se completamente da família. Não permitam que fiquem perto sua esposa, filhos, pai, mãe, amigos e parentes. Enquanto estiver praticando desta maneira na solidão, devem pensar: ‘Não tenho ninguém mais no mundo. Deus é meu tudo.’ Devem, também, pedir-Lhe, com lágrimas nos olhos, conhecimento e devoção.

“Se me perguntarem por quanto tempo devem ficar na solidão, longe da família, eu lhes direi que seria bom se pudessem passar pelo menos por um dia dessa maneira. Três dias seriam ainda melhor. Uma pessoa pode viver em solidão durante doze dias, um mês, três meses ou um ano, de acordo com sua conveniência e habilidade. Não há muito a temer se levarem a vida de um chefe de família, depois de terem conhecimento e devoção.

“Se quebrarem a jaca depois de passar óleo nas mãos, então o leite pegajoso não as lambuzará. Quando estiverem brincando de ‘esconde-esconde’ estarão a salvo se apenas tocar na ‘vovó’. Transformem-se em ouro tocando a pedra filosofal. Depois disso podem ficar enterrados por mil anos, quando forem retirados, continuarão sendo ouro.

“A mente é como leite. Se mantiverem a mente no mundo, que é como a água, então o leite e a água se misturarão. É por isso que as pessoas mantêm o leite num lugar sossegado e o deixam formar o coalho, para em seguida, baterem a fim de obter manteiga. Assim também, pela disciplina espiritual, praticada na solidão, obtenham a manteiga do conhecimento e devoção, do leite da mente. Então a manteiga pode facilmente ser mantida na água do mundo. Não se misturará com o mundo. A mente flutuará desapegada na água do mundo.”

Vijay acabara de chegar de Gaya, onde ficara muito tempo na solidão e em companhia das pessoas santas. Vestia a roupa ocre de monge e estava num estado mental exaltado, sempre interiorizado. Estava sentado diante do Mestre com a cabeça inclinada para baixo como se estivesse absorto em algum pensamento profundo.

Lançando um olhar benigno para Vijay, o Mestre disse: “Vijay, encontrou um lugar para ficar?”

“Deixe-me contar uma parábola: uma vez dois santos, durante suas peregrinações, chegaram a uma cidade. Um deles, com os olhos maravilhados e boquiabertos, olhavam o mercado, as barracas e prédios, quando encontrou seu companheiro, que lhe perguntou: ‘Você parece encantado com a cidade. Onde está sua bagagem?’ Respondeu: ‘Em primeiro lugar procurei alojamento. Guardei minhas coisas, tranquei a porta e senti-me aliviado. Agora estou passeando pela cidade, desfrutando de tudo.’

“Por isso estou lhe perguntando, Vijay, se você já encontrou seu lugar. (*A M. e outros*): ‘Vejam, a fonte no coração de Vijay esteve fechada todos esses dias. Agora está aberta.

(*A Vijay*): “Bem, Shivanath está sempre com problemas e perturbado. Tem que escrever para revistas e fazer muitas outras coisas. As obrigações do mundo trazem consigo muitas preocupações.

“O *Bhagavata* diz que Avadhuta teve vinte e quatro gurus, um dos quais foi o milhano. Num certo lugar, os pescadores estavam apanhando peixes. Um milhano desceu rapidamente e pegou um peixe. À vista do peixe, aproximadamente mil corvos começaram a perseguir o milhano, fazendo muito barulho. Para qualquer lugar que o pássaro voasse, os corvos o seguiam. Se fosse para o sul, eles também o seguiam até lá. Se fosse para o norte, também os corvos iam atrás dele. Ia para leste e oeste, com o mesmo resultado. Como o milhano começasse a voar de maneira confusa, de repente o peixe caiu de sua boca. Assim aliviado de suas preocupações, o milhano sentou-se no galho de uma árvore e pensou: ‘Aquele peixe infeliz estava na raiz de todos os meus problemas. Agora que me livrei dele, estou em paz.’

“O Avadhuta aprendeu do milhano a lição de que enquanto um homem tiver o peixe, isto é, desejos humanos, deve praticar ações e em consequência, sofrer preocupações, ansiedade e inquietude. Logo que renunciar a estes desejos, suas atividades desapareçam e ele desfrutará de paz de espírito.

“Mas o trabalho desinteressado é bom. Não cria qualquer preocupação, mas é muito difícil para uma pessoa ser totalmente sem egoísmo. Podemos pensar que nosso trabalho é desinteressado, mas o

<sup>13</sup> Pratap Chandra Mazumdar, um célebre dirigente do Brahma Samaj.

egoísmo chega, sem que tomemos conhecimento, não sabemos de onde vem, mas se um homem praticou grandes disciplinas espirituais e então, como consequência, pode ser capaz de trabalhar sem qualquer motivo egoísta. Depois da visão de Deus um homem pode facilmente fazer um trabalho desinteressado. Na maioria dos casos a ação cai por si mesma depois de se alcançar Deus. Somente alguns, como Narada, trabalham para trazer luz à humanidade.

“O Avadhuta também aceitou uma abelha como mestre. As abelhas acumulam mel durante dias de trabalho árduo, mas não podem aproveitar seu mel porque o homem quebra o favo e o retira. O Avadhuta aprendeu essa lição com as abelhas, que uma pessoa não deve acumular coisas. Os sadhus dependem cem por cento de Deus. Não devem juntar para o futuro, mas isso não se aplica ao chefe de família. Tem que sustentar a família: portanto é necessário para ele, prover. As aves e os monges não guardam. A ave, porém, guarda comida para seus filhotes no ninho: trazem alimento no bico para eles.

“Deixe-me dizer uma coisa, Vijay. Não confie num sadhu que tem uma sacola, bagagem e uma trouxa de roupas com muitos nós. Já vi esse tipo de sadhu sob o baniano do Panchavati. Dois ou três estavam sentados ali. Um estava catando lentilha, alguns costurando suas roupas e todos tagarelando sobre a festa à qual haviam ido, na casa de um homem rico. Diziam: ‘Aquele homem rico gastou cem mil rupias na festa e alimentou os sadhus prodigamente com bolos, doces e muitas coisas deliciosas.’” (*Todos riem*).

Vijay: “É verdade, senhor. Vi-os em Gaya. São chamados ‘lotawalla sadhus’<sup>14</sup> de Gaya.”

Mestre (*a Vijay*): “Quando o amor de Deus é despertado, o trabalho cai por si mesmo. Se Deus faz os homens trabalharem, deixe-os trabalhar. É agora o tempo de você abandonar tudo. Renuncie a tudo e diga: ‘Ó mente, possamos você e eu contemplar a Mãe, sem que ninguém se intrometa.’

Assim falando Sri Ramakrishna começou a cantar com sua voz que arrebatava a alma.

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama  
Afetuosamente dentro de ti, Ó mente:  
Que só tu e eu A contemplemos  
Não permitindo a ninguém mais intrometer-se.

Ó mente, em solidão desfrute d’Ela.  
Mantendo fora todas as paixões.  
Conserva apenas a língua, para que de vez em quando,  
Possa gritar, “Ó Mãe! Mãe!”

Não deixe que o sopro dos baixos desejos  
Entrem e aproximem-se de nós.  
Mas mande o conhecimento verdadeiro ficar em guarda.  
Alerto e vigilante para sempre.

O Mestre disse a Vijay: “Entregue-se completamente a Deus e ponha de lado todas as coisas como medo e vergonha. Abandone os sentimentos como, ‘O que as pessoas vão pensar de mim se eu dançar no êxtase do santo nome de Deus?’ O dito, ‘Uma pessoa não pode ter a visão de Deus enquanto tiver três coisas – vergonha, ódio e medo’, é verdadeiro. Vergonha, ódio, medo, casta, orgulho, dissimulação e sentimentos semelhantes são grilhões. O homem fica livre ao se libertar de todos eles.

“Preso por grilhões, é jiva e livre, é Shiva. Prema, amor intenso a Deus, é coisa rara.

“Em primeiro lugar uma pessoa adquire bhakti. Bhakti é devoção com a mente exclusivamente dedicada a Deus, como a devoção de uma esposa por seu marido. É muito difícil ter devoção integral a Deus. Por meio dessa devoção a mente de uma pessoa e sua alma fundem-se em Deus.

“Então vem bhava, amor intenso. Através de bhava o homem torna-se sem fala. Suas correntes nervosas acalmam-se e Kumbhaka vem por si só. É como o caso do homem cuja respiração e fala param, quando dispara uma arma.

“Mas prema, amor extático, é extremamente raro. Chaitanya teve esse amor. Quando se tem esse tipo de amor, esquece-se das coisas exteriores. Esquece-se do mundo. Esquece-se até do próprio corpo, que é tão caro a uma pessoa.

O Mestre começou a cantar:

Ó quando raiará o dia abençoado.  
Em que lágrimas de alegria cairão dos meus olhos,  
Ao repetir o nome do Senhor Hari?

<sup>14</sup> Sadhus que carregam potes de água.

Ó, quando raiará o dia abençoado  
 Em que todos os desejos ardentes pelo mundo  
 Desvanecerão imediatamente do meu coração  
 E com a emoção viva de Seu santo nome  
 Todo meu cabelo ficará eriçado?  
 Ó, quando chegará este dia abençoado?

Assim prosseguia a conversa sobre coisas divinas, quando alguns devotos Brahmos entraram no quarto. Entre eles havia alguns pundits e altos funcionários do governo.

Sri Ramakrishna havia dito que bhava acalma as correntes nervosas do devoto. Continuou: “Quando Arjuna estava a ponto de atirar no alvo, o olho de um peixe, seus olhos ficaram fixos no pedaço de peixe e em nada mais. Não reparou em qualquer outra parte do peixe, exceto os olhos. Neste estado, a respiração pára e experimenta-se kumbhaka.

“Uma outra característica da visão de Deus é que a grande corrente espiritual sobe ao longo da espinha e dirige-se para o cérebro. Se o devoto entrar em samadhi, vê Deus.”

Olhando para os devotos que haviam acabado de chegar, o Mestre disse: “Meros pundits, sem amor divino, falam incoerentemente. Pundit Samadhyayi uma vez disse durante seu sermão: ‘Deus é seco. Adoce-O com seu amor e devoção.’ Imagine! Descrever Deus como seco, Ele, a Quem o Vedas consideram a Essência da Felicidade! Faz uma pessoa pensar que o pundit não sabia o que Deus realmente é. Por isto suas palavras eram tão incoerentes.

“Alguém uma vez disse: ‘Há muitos cavalos no estábulo de meu tio.’ Disso deduziu-se que ele não tinha cavalo algum, porque ninguém guarda cavalo no estábulo.

“Algumas pessoas orgulham-se de suas riquezas e poder – fortuna, honra e posição social, mas tudo isto é transitório. Nada ficará com você após sua morte.

“Há uma canção que diz:

Lembre-se disto, Ó Mente! Ninguém é propriedade sua.  
 Vão é o seu perambular neste mundo.  
 Presa na armadilha sutil de maya como você está,  
 Não esqueça o nome da Mãe.

Apenas um dia ou dois os homens lhe prestarão homenagem na terra  
 Como senhor e amo. Logo  
 Aquela forma, agora tão reverenciada, será abandonada,  
 Quando a Morte, a Senhora, apanhar você.

Mesmo sua amada esposa, por quem enquanto você vive  
 Aflige-se até quase morrer,  
 Não irá com você então: ela também lhe dirá adeus.  
 E se afastará do seu cadáver como se fosse uma coisa ruim.

“Uma pessoa não deve ter orgulho de seu dinheiro. Se você diz ser rico, alguém pode lhe lembrar que há pessoas ainda mais ricas do que você e outras, ainda mais, e assim por diante. À noite os vaga-lumes saem e pensam que iluminam o mundo, mas seu orgulho é esmagado quando as estrelas aparecem no céu. As estrelas pensam que dão luz à terra, mas quando a lua surge, desaparecem envergonhadas. A lua sente que o mundo sorri à sua luz e que ela ilumina a terra. Então o oriente torna-se vermelho e o sol levanta-se. A lua empalidece e depois, não mais é vista.

“Se as pessoas pensassem dessa maneira, abririam mão do orgulho de sua riqueza.”

Manilal havia providenciado uma festa suntuosa para comemorar o festival. Entreteve o Mestre e outros convidados com muito amor e deferência. Já era tarde da noite, quando voltaram para casa.

## CAPÍTULO XV

### ÚLTIMA VISITA A KESHAB

*Quarta-feira, 28 de novembro de 1883*

**E**RAM DUAS HORAS da tarde, M. estava andando na calçada da Circular Road, defronte do Lily Cottage onde Keshab Chandra Sen vivia. Estava esperando ansiosamente pela chegada de Sri Ramakrishna. A doença havia tomado uma feição grave e existia poucas esperanças de que ele se recuperasse. O Mestre gostava muito de Keshab e vinha de Dakshineswar fazer-lhe uma visita.

No lado leste da Circular Road ficava o Victoria College, onde as senhoras do Brahma Samaj de Keshab e suas filhas, recebiam educação. Ao norte do colégio havia uma casa espaçosa habitada por uma família inglesa. M. notou que havia tristeza na casa e imaginou o que estava acontecendo. Logo uma carruagem fúnebre chegou, com os cocheiros de preto e os membros da família estavam com um aspecto muito triste. Havia ocorrido uma morte na família.

“Para onde vai a alma, deixando atrás de si este corpo mortal?” Pensando nesta velha pergunta, M. esperava, observando as carruagens que vinham do norte.

Mais ou menos às cinco horas uma carruagem parou defronte ao Lily Cottage e Sri Ramakrishna desceu com Latu e muitos outros devotos, incluindo Rakhal. Foi recebido pelos parentes de Keshab que o conduziram juntamente com os devotos para cima, na varanda sul da sala de estar. O Mestre sentou-se num divã.

Depois de uma longa espera, ficou impaciente para ver Keshab. Os discípulos de Keshab disseram que ele estava descansando e que logo estaria ali. Sri Ramakrishna tornou-se cada vez mais impaciente e disse aos discípulos de Keshab: “Qual a necessidade dele vir até mim? Por que não posso ir lá dentro vê-lo?”

Prasanna (*humildemente*): “Senhor, ele virá dentro de poucos minutos.”

Mestre: “Vá embora! É você quem está fazendo toda esta confusão. Deixe-me entrar.”

Prasanna começou a falar sobre Keshab a fim de desviar a atenção do Mestre. Disse: “Keshab é agora uma pessoa completamente diferente. Como o senhor, fala com a Mãe Divina. Ouve o que a Mãe diz, ri e chora.”

Ao ouvir falar que Keshab falava com a Mãe Divina, riu e chorou, o Mestre entrou em êxtase.

Era inverno e o Mestre usava um casaco de flanela verde com um xale caído sobre ele. Sentava-se em posição ereta com os olhos fixos, em êxtase profundo. Passou um longo tempo deste jeito. Não havia sinal de retorno ao plano normal de consciência.

Gradualmente foi escurecendo. Foram acesos lampiões na sala de estar para onde o Mestre iria agora. Enquanto descia vagarosamente ao plano normal de consciência, foi levado para lá, embora com muita dificuldade. O aposento era bem mobiliado. À vista dos móveis, o Mestre murmurou para si mesmo: “Essas coisas eram necessárias antes, mas agora, para que servem?” Vendo Rakhal disse: “Ó, Você está aqui?” Sentando-se no divã, perdeu novamente a consciência do mundo exterior e, olhando em volta, como se estivesse vendo alguém, disse: “Olá, Mãe! Vejo que Tu também vieste. Como Tu está Te exibindo com Teu sari de Benares! Não me aborreças agora, por favor. Senta-Te e fica quieta!”

O Mestre estava em estado de intensa intoxicação divina. No aposento bem iluminado, os devotos Brahmós sentaram-se em volta do Mestre; Latu, Rakhal e M. ficaram perto dele. Dizia para si mesmo, ainda tomado de fervor divino. “O corpo e a alma! O corpo nasceu e morrerá’. Mas para a alma não há morte. É como a noz de betel. Quando a noz está madura não se prende à casca, mas quando está verde é difícil separá-la do seu envoltório. Depois de realizar Deus, uma pessoa já não se identifica mais com o corpo. Sabe-se, então, que corpo e alma são duas coisas diferentes.”

Neste momento Keshab entrou no aposento. Veio pela porta leste. Aqueles que se recordavam do homem que pregava no Town Hall ou no templo do Brahma Samaj, ficaram chocados ao ver aquele esqueleto coberto de pele. Mal podia ficar de pé. Andava apoiando-se na parede. Com muita dificuldade, sentou-se defronte do divã. Nesse meio tempo, Sri Ramakrishna havia se levantado do divã e sentara-se no chão. Keshab inclinou-se profundamente ante o Mestre e ficou nessa posição por um longo tempo, tocando os pés do Mestre com a testa. Sentou-se. Sri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Murmurava para si mesmo, falando com a Mãe Divina.

Levantando a voz, Keshab disse: “Estou aqui, senhor, estou aqui.” Pegou a mão esquerda de Sri Ramakrishna e acariciou-a gentilmente, mas o Mestre estava em samadhi profundo, completamente intoxicado pelo amor divino. Uma corrente de palavras saíam de seus lábios, enquanto falava para si mesmo e os devotos ouviam-no maravilhados.

Mestre: “Enquanto um homem se identificar com os upadhis, verá a multiplicidade, como Keshab, Prasanna, Amrita etc., mas ao atingir o Conhecimento Perfeito, vê somente uma Consciência em todos os lugares. Assim também o Conhecimento Perfeito o faz compreender que a Consciência Una tornou-se o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos, mas as manifestações do Poder Divino são diferentes em seres diferentes. É Ele, sem dúvida alguma, que Se tornou tudo, mas em alguns casos, há uma maior manifestação em uns do que em outros.”

“Vidyasagar me perguntou uma vez: ‘Pode ser verdade que Deus tenha dotado uns com maior poder do que a outros?’ Respondi: ‘Se assim não fosse, como poderia um homem ser mais forte do que cinquenta? Se não fosse o caso, como se explica que todos nós viemos vê-lo aqui?’

“A alma com a qual Deus brinca está dotada de Seu poder especial. O proprietário de terras pode morar em qualquer lugar de seus domínios, mas é encontrado geralmente numa determinada sala de sua preferência. O devoto é esta sala. Deus gosta de brincar no coração de Seu devoto. É aí que Seu poder especial manifesta-se.

“Quais são as características de tal devoto? Quando virem um homem fazendo grandes coisas, podem estar certos que o poder especial de Deus está se manifestando por seu intermédio.

“O Poder Primordial e o Brahman Supremo são idênticos. Não se pode pensar num sem pensar no outro. São como a pedra preciosa e seu brilho. Não se pode pensar no brilho sem a pedra preciosa, ou na pedra preciosa sem o brilho. Assim também, é como a cobra e seu movimento sinuoso. Não se pode pensar no movimento sinuoso sem a cobra, ou na cobra sem seu movimento sinuoso.

“É o Poder Primordial que Se tornou o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. É como o caso de involução e evolução<sup>1</sup>.

“Por que me sinto tão desassossegado em relação a Rakhil, Narendra e outros jovens? Hazra uma vez me perguntou: ‘Quando o senhor vai pensar em Deus, se está sempre ansioso por estes rapazes?’ (*Keshab e os outros sorriem.*) Isto fez-me ficar muito preocupado. Orei à Mãe Divina, ‘Mãe, veja em que apuros eu me encontro! Hazra repreende-me porque me preocupo com estes jovens’. Depois perguntei a Bholanath sobre isto. Disse-me que este estado mental meu está descrito no *Mahabharata*. Em que mais iria um homem estabelecido em samadhi ocupar sua mente, no mundo fenomenal, depois de descer do samadhi? É por isso que ele procura a companhia de devotos dotados de sattva. Dei um suspiro de alívio, quando Bholanath falou-me do *Mahabharata*.

“Hazra não deve ser culpado. Durante o período de luta deve-se seguir o método de discriminação – ‘Isto não, Isto não’ – e direcionar a mente inteira para Deus. O estado de perfeição, porém, é muito diferente. Depois de alcançar Deus uma pessoa reafirma aquilo que anteriormente negou. Para se fazer manteiga, deve-se separar o soro do leite. Assim descobre-se que a manteiga e o soro estão intimamente correlacionados. Pertencem à mesma substância. A manteiga não é diferente do soro, nem o soro essencialmente diferente da manteiga. Depois de realizar Deus fica-se definitivamente sabendo que é Ele quem Se tornou tudo. Em alguns manifesta-Se mais claramente do que em outros.

“Quando uma inundação vem do oceano, a terra toda fica submersa. Antes da inundação o barco só poderia alcançar o oceano somente seguindo o curso sinuoso do rio, mas depois da enchente, pode-se ir direto para o oceano. Não é necessário tomar um desvio ao longo do campo. Pode-se atravessar o campo em qualquer ponto.

“Depois da realização de Deus, Ele pode ser visto em todos os seres, mas Sua maior manifestação está no homem. Assim também, entre os homens, Deus manifesta-Se mais claramente naqueles devotos sattvicos e naqueles que não possuem qualquer desejo de desfrutar de ‘mulher e ouro’. Onde pode o homem que atingiu samadhi repousar a mente, depois de ter descido daquele plano? É por isso que sente necessidade de procurar a companhia de devotos de coração puro, dotados de sattva e livres de apego a ‘mulher e ouro’. De que outra maneira poderia ocupar-se no plano relativo de consciência?

“Aquele que é Brahman é o Adyashakti, a Energia Primordial. Quando inativo, é Brahman, Purusha. É chamado Shakti ou Prakriti, quando empenhado na criação, preservação e destruição. Estes são os dois aspectos da Realidade: Purusha e Prakriti. Aquele que é Purusha é também, Prakriti. Ambos são a personificação da Felicidade.

<sup>1</sup> Isto é, antes da criação, o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos permanecem envolvidos no Poder Primordial e depois da criação gradualmente evoluem d’Ele.

“Se estiverem conscientes do Princípio Masculino, não podem ignorar o Princípio Feminino. Aquele que se lembra do pai, deve pensar, também, na mãe. (*Keshab ri*). Aquele que conhece a escuridão, também conhece a lua. Aquele que conhece a noite também conhece o dia. Aquele que conhece a felicidade, também conhece a infelicidade. Você compreende isto, não é?”

Keshab: “Sim, senhor, compreendo.”

Mestre: “Minha Mãe! Quem é minha Mãe? Ah, Ela é a Mãe do Universo. É Ela quem cria e preserva o mundo, que sempre protege Seus filhos e que satisfaz qualquer desejo: dharma, artha, kama e moksha. Um verdadeiro filho não pode viver longe de sua mãe. A mãe sabe de tudo. A criança apenas come, bebe e diverte-se, mas não se importa com as coisas do mundo.”

Keshab: “Sim, senhor. É verdade.”

Enquanto falava, Sri Ramakrishna recobrou a consciência normal. Com um sorriso iluminando seu rosto, conversou com Keshab. O aposento estava cheio de pessoas que os observavam atentamente, ouvindo suas palavras. Todo o mundo estava espantado em ver que nem Keshab nem o Mestre havia perguntado um ao outro sobre suas respectivas saúde. Falavam apenas de Deus.

Mestre (*a Keshab*): “Por que os membros do Brahma Samaj preocupam-se com as glórias de Deus? Será que há alguma necessidade de repetir coisas como, ‘Ó Deus, Tu criaste a lua, o sol e as estrelas?’ A maioria das pessoas admira somente o jardim. Como apenas algumas preocupam-se em conhecer o dono! Quem é o maior, o jardim ou o dono?”

“Depois de alguns tragos na taverna, será que me preocupo em saber quantos galões de vinho estão guardados lá? Uma garrafa é suficiente para mim.

“Ao me encontrar com Narendra, nunca lhe pergunto: ‘Quem é seu pai? Quantas casas possui?’

“Devo contar a verdade? O homem ama suas riquezas e pensa que Deus ama as Suas, também. Pensa que Deus ficará contente se exaltarmos Suas riquezas. Uma vez Sambhu disse-me: ‘Por favor, abençoe-me para que eu possa morrer deixando meus bens nos Pés de Lótus de Deus.’ Respondi-lhe: ‘Essas riquezas são para você. Que riquezas pode oferecer a Deus? Para Ele, são mera poeira e palha.’

“Uma vez um ladrão entrou no templo de Vishnu e roubou as jóias da imagem. Mathur Babu e eu fomos ao templo ver o que havia acontecido. Dirigindo-se à imagem, Mathur disse amargamente: ‘Que vergonha, Senhor! O Senhor é tão descuidado! O ladrão tirou todos os enfeites do Seu corpo e o Senhor não fez nada!’ Em seguida eu disse a Mathur: ‘Que vergonha! Como suas palavras são sem propósito! Para Deus, as jóias das quais você fala, são apenas torrões de argila. Lakshmi, a Deusa da Fortuna, é Sua Consorte. Você está querendo dizer que Ele deveria perder noites de sono porque um ladrão lhe tirou umas poucas rupias? Não deve dizer tais coisas.’

“Pode alguém controlar Deus pela riqueza? Ele só pode ser conquistado pelo amor. O que Ele quer? Certamente não é riqueza! Quer dos Seus devotos, amor, devoção, sentimento, discriminação e renúncia.

“Uma pessoa considera Deus de acordo com seus sentimentos íntimos. Tome, por exemplo, um devoto com excesso de tamas. Ele pensa que a Mãe Divina come carne de cabra. Então mata uma para Ela. Assim também, um devoto dotado de rajas cozinha arroz e outros pratos para a Mãe, mas o devoto sattvico não demonstra sua adoração. As pessoas nem sabem que ele está adorando. Se não tiver flores, faz o culto só com água do Ganges e folhas de bel. A comida oferecida à Divindade consiste de arroz empapado açucarado ou alguns caramelos. Às vezes faz um pouco de pudim de arroz para Ela.

“Há, também, um tipo de devotos, que está além dos três gunas. Possuem uma natureza infantil. Seu culto consiste em cantar apenas o nome de Deus – apenas Seu nome.

(*A Keshab, com um sorriso*): “Por que será que você está doente? Há uma razão para isto. Muitos sentimentos espirituais passaram pelo seu corpo: por conseguinte, ele caiu doente. Na hora que surge uma emoção, uma pessoa mal compreende. O golpe que é dado ao corpo é sentido somente depois de muito tempo. Tenho visto grandes barcos a vapor passando no Ganges e nessa hora quase sem serem notados, mas Ó Meu Deus! Que barulho terrível ouvia-se em seguida, quando as ondas arrebatavam-se contra a amurada! Talvez um pedaço da margem se desprendesse e caísse na água

“Um elefante quando entra numa cabana ocasiona grandes estragos e por fim, a derruba. O elefante da emoção divina entra na cabana deste corpo e a despedaça.

“Sabe o que realmente ocorre? Quando uma casa pega fogo, inicialmente só poucas coisas queimam. Surge, então, o grande tumulto! Assim também, o fogo do Conhecimento destrói em primeiro lugar os inimigos da espiritualidade como a paixão, raiva etc. Em seguida vem o ego. Por fim uma violenta emoção ocorre na estrutura física.

“Pode pensar que tudo vai terminar, mas Deus não o soltará enquanto o menor traço de sua doença não desaparecer. Simplesmente não pode sair do hospital se seu nome estiver registrado lá. Enquanto a doença não estiver perfeitamente curada, o médico não lhe dará alta. Por que, afinal de contas, registrou seu nome no hospital?” (*Todos riem*).

Keshab não parava de rir com a alusão do Mestre ao hospital. Então Sri Ramakrishna falou de sua própria doença. (*A Keshab*): “Hriday costumava dizer-me: ‘Jamais vi antes tal êxtase de Deus, nem tanta doença.’ Estava então muito doente com uma diarreia persistente. Era como se milhões de formigas roessem meu cérebro, mas apesar disso, a conversa espiritual prosseguia, dia e noite. Dr. Rama de Natagore foi chamado para me ver. Encontrou-me falando sobre as verdades espirituais. ‘Que louco!’ disse, ‘Nada sobrou dele a não ser alguns ossos e ainda raciocina.’”

Mestre (*a Keshab*): “Tudo depende da vontade de Deus.”

Ó Mãe, tudo é feito segundo Tua doce vontade.  
Tu és na verdade Aquela que tem vontade própria, Redentora da humanidade!  
Tu fazes Teu próprio trabalho, os homens somente o consideram seu.

“Para tirar o máximo de vantagem do orvalho, o jardineiro remove a terra da rosa Basra até a raiz. A planta cresce melhor, devido à umidade. Talvez seja por isto que você também está sendo sacudido até as raízes (*Keshab e o Mestre riem*). Pode ser que vá fazer coisas incríveis quando voltar.

“Sempre que você está doente fico profundamente desassossegado. Depois de ouvir falar de sua última doença, eu chorava à Mãe nas primeiras horas do dia. Orava à Mãe, ‘Ó Mãe, se algo acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá? Vindo a Calcutá ofereci frutas e doces à Mãe Divina, orando pelo seu bem-estar.’”

Os devotos estavam profundamente tocados com o amor de Sri Ramakrishna por Keshab e sua ansiedade pelo líder Brahma.

Mestre: “Mas desta vez, para falar a verdade, não me senti tão ansioso assim. Somente me preocupei durante dois ou três dias.”

A mãe de Keshab, já bastante idosa, veio até a porta do quarto, a mesma pela qual Keshab havia entrado. Umanath disse em voz alta, ao Mestre, “Senhor, aqui está a mãe de Keshab, saudando-o.”

Sri Ramakrishna sorriu. Umanath disse novamente: “A mãe pede-lhe que abençoe Keshab pois assim, ele ficará curado.”

Mestre (*à mãe de Keshab*): “Por favor ore à Mãe Divina, Doadora de toda felicidade. Ela o aliviará de todos os seus males.”

(*A Keshab*): “Não fique por muito tempo nos aposentos internos. Afundará cada vez mais na companhia das mulheres. Você se sentirá melhor se ouvir falar somente de Deus.”

O Mestre disse essas palavras com uma voz séria e então, começou a rir como um menino. Disse a Keshab: “Deixe-me ver a sua mão.” Pesou-a alegremente como uma criança. Por fim disse: “Não, sua mão está leve. Hipócritas têm mãos pesadas.” (*Todos riem*).

Umanath, na porta, novamente disse ao Mestre: “A mãe pede para abençoar Keshab.”

Mestre (*gravemente*): “O que posso fazer? Só Deus abençoa a todos. ‘Tu fazes Teu próprio trabalho: os homens apenas o consideram seu.’”

“Deus ri em duas ocasiões. Ri quando dois irmãos dividem a terra entre si. Colocam uma corda através da propriedade e dizem um para o outro, ‘Esse é meu lado e aquele, é o seu.’ Deus ri e diz para si mesmo: ‘Ora, esse universo inteiro é Meu e eles dizem, a respeito de um pedaço de terra., ‘Este lado é meu e aquele, é seu’!”

“Deus também ri quando o médico diz à mãe que chora em desespero, pelo filho doente, ‘Não temas, mãe. Curarei teu filho.’ O médico não sabe que ninguém pode salvar a criança se Deus desejar que ela morra.” (*Todos ficam em silêncio*).

Foi então que Keshab foi tomado por um acesso de tosse, que durou muito tempo. À visão de seu sofrimento contristou a todos. Estava exausto e não agüentava mais ficar ali. Curvou-se ante o Mestre e deixou o aposento, apoiando-se na parede como antes.

Refrescos e doces haviam sido preparados para o Mestre. O filho mais velho de Keshab estava sentado junto dele. Amrita apresentou o rapaz e pediu a Sri Ramakrishna para abençoá-lo. O Mestre disse: “Não me foi concedido abençoar ninguém.” Com um sorriso acariciou gentilmente o rapaz.

Amrita (*com um sorriso*): “Está bem, faça o que melhor lhe agrada.”

Mestre (*aos devotos*): “Não posso dizer uma coisa como, ‘Que você fique curado’. Jamais peço à Mãe Divina para me dar o poder de cura. Somente oro por puro amor.”

“É Keshab uma pessoa insignificante? É respeitado por todos, tanto pelos que buscam riqueza, como pelos santos. Uma vez visitei Dayananda, que estava hospedado na chácara. Reparei que estava extremamente ansioso com a chegada de Keshab; ia ao jardim a cada cinco minutos para ver se ele já havia chegado. Soube mais tarde que Keshab havia marcado um encontro com ele, naquele dia. Keshab, eu soube, não acreditava nos sacrifícios e nas divindades mencionadas pelos Vedas. Referindo-se a isso, Dayananda disse: ‘Ora, o Senhor criou muitas coisas. Não pode Ele ter feito as divindades, também?’ ”

Continuando o Mestre disse: “Keshab está livre do orgulho que um instrutor de mente curta tem. A muitas pessoas disse: ‘Se tem quaisquer dúvidas, vá lá<sup>2</sup> a fim de que sejam esclarecidas’. É minha maneira, também, dizer: ‘O que farei com o respeito das pessoas? Que as virtudes de Keshab aumentem um milhão de vezes’. Keshab é certamente um grande homem, todas as pessoas o respeitam, tanto os que buscam riquezas, como os homens santos.” Desta maneira Sri Ramakrishna elogiou Keshab diante dos seus próprios discípulos.

Depois de tomar refrescos, o Mestre preparou-se para sair. Os devotos Brahmós acompanharam-no até a carruagem, que estava esperando. Enquanto descia as escadas, o Mestre reparou que não havia luz no andar térreo. Disse a Amrita e outros discípulos de Keshab, “Esses lugares deveriam ser bem iluminados. Uma casa sem luz fica à mercê da pobreza. Por favor, veja que não ocorra de novo.”

Sri Ramakrishna dirigiu-se para Dakshineswar com um ou dois devotos.

No caminho para Dakshineswar, voltando da casa de Keshab, Sri Ramakrishna parou na casa de Jayagopal Sen. Eram aproximadamente sete horas da noite. Na sala de visitas estavam reunidos parentes e vizinhos de Jayagopal. Vaikuntha, irmão de Jayagopal, disse ao Mestre: “Senhor, somos pessoas do mundo. Por favor, dê-nos conselhos.”

Mestre: “Faça seu trabalho no mundo depois de ter conhecido Deus. Com uma mão segure os Pés de Lótus do Senhor e com a outra, faça seu trabalho.”

Vaikuntha: “É o mundo irreal?”

Mestre: “Sim, é irreal enquanto não se realizou Deus. Pela ignorância, o homem esquece-se de Deus e fala sempre de ‘meu’ e ‘eu’. Afunda-se cada vez mais, enredado em maya, iludido por ‘mulher e ouro’. Maya despoja-o do seu conhecimento a tal ponto, que não pode encontrar um meio de fugir, embora exista uma maneira.

“Ouça a canção:

Quando a ilusão envolve o mundo, pela magia de Mahamaya,  
Aquele Brahman está despojado de sentidos  
E Vishnu perde a consciência  
Que esperança existe para os homens? ...

“Todos sabem, por experiência própria, como o mundo é transitório. Olhem dessa maneira! Quantas pessoas já vieram ao mundo e da mesma maneira, foram embora! As pessoas nascem e morrem. Num dado momento o mundo é, para em seguida, não ser mais. É transitório. Aqueles que pensam ser muito íntimos de vocês, não mais existirão quando fecharem os olhos, por ocasião da morte. Assim também, há pessoas que não têm parentes próximos e a fim de tomarem conta de um neto, não vão a Benares para levar uma vida santa. ‘Ó, o que vai acontecer com meu Haru?’ perguntam.

Primeiro constrói-se um canal estreito, onde é colocada a armadilha;  
Mas aberta a passagem fica.  
O peixe, tendo uma vez passado com segurança pela porta,  
Não sai de novo.

Mesmo que haja uma saída,  
Encerrada dentro do seu casulo,  
A lagarta permanece aí para morrer.

O mundo é ilusório e transitório.”

Um vizinho: “Por que senhor, deveria uma pessoa segurar Deus com uma das mãos e o mundo com a outra? Por que deveria esticar a mão para segurar o mundo, se é transitório?”

<sup>2</sup> Sri Ramakrishna.

Mestre: “O mundo não é transitório se alguém viver nele depois de ter conhecido Deus. Ouça outra canção:

Ó mente, você não sabe como cultivar!  
 Improdutivo permanece o campo de sua vida.  
 Se você o tivesse trabalhado bem,  
 Quão fecunda teria sido a colheita!  
 Cerque-a em toda a volta com o nome de Kali  
 Se quiser manter sua colheita a salvo;  
 Esta é a cerca mais forte de todas.  
 Porque a própria Morte não pode aproximar-se dela. ...

“Prestou atenção à canção?”

Cerque-a em toda a volta com o nome de Kali  
 Se quiser manter sua colheita a salvo.

“Entregue-se a Deus e tudo alcançará.

Esta é a cerca mais forte de todas,  
 Porque a própria Morte não pode se aproximar dela.

“Sim, realmente é uma cerca muito forte. Se realizar Deus, não verá o mundo como sem substância. Aquele que realizou Deus, sabe que o Próprio Deus tornou-Se o mundo e todos os seres vivos. Quando alimentar seu filho, deve sentir que está alimentando Deus. Deve olhar seu pai e sua mãe como verdadeiras manifestações de Deus e da Mãe Divina e servi-los como tal. Se um homem entra no mundo depois de ter realizado Deus, geralmente não mantém relações físicas com a esposa. Ambos são devotos: gostam de falar somente de Deus e passam o tempo todo em conversas espirituais. Servem outros devotos de Deus, porque sabem que somente Ele tornou-Se todos os seres vivos e, sabendo disso, dedicam suas vidas ao serviço dos outros.”

Vizinho: “Mas, senhor, tal marido e mulher não são encontrados em lugar algum.”

Mestre: “Sim, podem ser encontrados, embora sejam raros. As pessoas mundanas não podem reconhecê-los. A fim de levarem esse tipo de vida, tanto o marido como a esposa devem ser espiritualizados. É possível levar uma vida assim, se ambos tiverem experimentado a Felicidade de Deus. A graça especial de Deus é necessária para criar esse casal: senão haverá sempre desentendimento entre eles. Neste caso um tem que deixar o outro. A vida torna-se insuportável se marido e mulher não se entendem. A esposa dirá a seu marido dia e noite: ‘Por que meu pai me casou com uma pessoa assim? Não consigo o suficiente para comer ou alimentar meus filhos. Não tenho bastante roupa para cobrir meu corpo ou dar a meus filhos. Não ganhei nem uma jóia de você. Como me fez infeliz! Ah! Você mantém os olhos fechados e murmura o nome de Deus! Agora desista dessas idéias malucas’.”

Devoto: “Certamente há esses obstáculos. Além disso, as crianças podem ser desobedientes. Não há fim para as dificuldades. Agora, senhor, qual é a solução?”

Mestre: “É extremamente difícil praticar disciplina espiritual e ao mesmo tempo, levar uma vida de chefe de família. Há muitas desvantagens: doença, tristeza, pobreza, desentendimento com a esposa e filhos desobedientes, bobos e teimosos. Não preciso dar-lhe uma lista deles.

“Há uma saída. Deve-se orar a Deus, ficar às vezes em solidão e esforçar-se para realizá-Lo.”

Vizinho: “Deve-se abandonar o lar, então?”

Mestre: “Não, não totalmente. Sempre que tiver uma hora livre permaneça em solidão por um ou dois dias. Nesse período não entre em contato com o mundo de fora e não mantenha qualquer tipo de conversa sobre coisas do mundo. Deve-se viver ou na solidão ou na companhia dos homens santos.”

Vizinho: “Como se pode reconhecer um homem santo?”

Mestre: “Aquele que dedicou o corpo, a mente e seu ser mais íntimo a Deus é, certamente, um santo. Aquele que renunciou a ‘mulher e ouro’ também o é. É um santo aquele que não olha uma mulher com os olhos do mundo. Jamais se esquece de olhá-la como sua mãe e oferecer-lhe sua adoração, se estiver perto dela. O homem santo pensa frequentemente em Deus e não se entrega a conversas, exceto a respeito de coisas espirituais. Além do mais, serve a todos os seres, sabendo que Deus reside no coração de todos. Esses são, em linhas gerais, os sinais de um santo.”

Vizinho: “Deve-se viver sempre na solidão?”

Mestre: “Você reparou as árvores da calçada, ao longo da rua? Ficam cercadas quando são muito jovens, pois do contrário, o gado poderia destruí-las, mas não há qualquer necessidade de cercas quando seus troncos ficarem grossos e fortes. Então não se quebrarão mesmo que um elefante seja amarrado nelas. Assim também, não haverá necessidade de se preocupar nem ter medo quando sua mente tornar-se tão forte como um tronco grosso. Em primeiro lugar consiga discriminação. Quebre a jaca somente depois que tiver untado as mãos com óleo, pois desta maneira, o líquido pegajoso não as sujará.”

Vizinho: “O que é discriminação?”

Mestre: “Discriminação é o raciocínio pelo qual uma pessoa sabe que somente Deus é real e tudo o mais é irreal. Real significa eterno e irreal, transitório. Aquele que tiver discriminação, sabe que Deus é a única Substância e tudo o mais é não existente. Com o despertar deste espírito de discriminação um homem deseja conhecer Deus. Ao contrário, se o homem ama o irreal – como confortos materiais, nome, fama e riqueza – então, não deseja conhecer Deus, Aquele que é a própria natureza da Realidade. Através da discriminação entre o Real e o irreal, uma pessoa procura conhecer Deus.

“Ouça esta canção:

Venha, vamos dar um passeio, Ó mente, até Kali, a Árvore que realiza todos os Desejos.  
E sob Ela colha os quatro frutos da vida.  
De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.  
Trazem apenas Desapego, em seu caminho para a Árvore.  
E pergunte a seu filho Discriminação sobre a Verdade. ...

“Dirigindo sua mente para o interior, conquista-se discriminação e através da discriminação, pensa-se na Verdade. A mente sente o desejo de ‘ir dar um passeio até Kali, a Árvore que realiza Todos os Desejos’. Alcançando aquela Árvore, isto é, chegando perto de Deus, pode-se sem qualquer esforço, colher os quatro frutos, a saber, dharma, artha, kama e moksha. Sim, depois de realizar Deus, obtém-se também, se quiser, dharma, artha e kama, necessários para se levar uma vida mundana.”

Vizinho: “Então, por que deve alguém chamar o mundo ‘maya’?”

Mestre: “Enquanto, uma pessoa não tiver realizado Deus, não deve renunciar ao mundo, seguindo o processo ‘Neti, Neti, mas aquele que atingiu Deus sabe que foi Deus que Se tornou tudo. Então vê que Deus, maya, seres vivos e o universo formam um só todo. Deus inclui o universo e seus seres vivos. Suponhamos que você separou a casca, a polpa e as sementes da fruta bel e alguém lhe pergunte qual o peso da fruta. Vai deixar de lado a casca e as sementes e pesar somente a polpa? Não, absolutamente. Para conhecer o verdadeiro peso da fruta, tem que pesar toda ela – a casca, a polpa e as sementes. Só então, poderá dizer qual é o peso real. A casca pode ser comparada ao universo e as sementes aos seres vivos. Enquanto estiver empenhada em discriminação, uma pessoa diz para si mesma, que o universo e os seres vivos são o não-Eu e sem substância. Nesse momento pensa somente na polpa como substância e a casca e as sementes como sem substância. Depois que a discriminação acabar a pessoa sente que as três partes da fruta formam juntas, uma unidade. Compreende que a matéria que produziu a polpa de fruta também produziu a casca e as sementes. Para conhecer a verdadeira natureza da fruta bel, temos que conhecer todas as três.

“Trata-se do processo de evolução e involução. O mundo depois da dissolução, permanece envolvido em Deus e Deus, por ocasião da criação, evolve com o mundo. A manteiga vai com o soro e o soro com a manteiga. Se há uma coisa chamada soro, então existe a manteiga e, se há uma coisa chamada manteiga, então o soro também existe. Se o Ser existe, então, o não-Eu deve também, existir.

“O mundo fenomenal pertence àquela Realidade verdadeira à qual o Absoluto pertence; também, o Absoluto pertence àquela própria Realidade à qual o mundo fenomenal pertence. Aquele que é realizado como Deus, também, tornou-se o universo e seus seres vivos. Aquele que conhece a Verdade que foi Ele somente que Se tornou pai e mãe, filho e vizinho, homem e animal, bem e mal, santo e pecador e assim por diante.”

Vizinho: “Neste caso não há virtude nem pecado?”

Mestre: “Ambos existem e não existem. Se Deus mantém o ego no homem, então Ele mantém nele a noção de diferenciação e também, o de virtude e erro, mas de alguns seres raros, Ele apaga completamente o ego e eles vão além da virtude e do erro, bem e mal. Enquanto um homem não realizou Deus, retém o sentido de diferenciação e o conhecimento de bem e mal. Pode-se dizer, ‘Virtude e pecado são a mesma coisa para mim. Estou fazendo apenas como Deus me ordena.’ Mas sabe no fundo do coração que são meras palavras. Comete uma ação má e sente uma palpitação no coração. Mes-

mo depois que Deus tenha sido realizado, Ele mantém na mente do devoto, se Ele assim o desejar, o sentimento do 'ego servo'. Naquele estado o devoto diz, 'Ó Deus, Tu és o Amo e eu sou Teu servo'. Esse devoto só se sente bem com conversas e atos espirituais. Não gosta da companhia de pessoas sem Deus. Não se interessa por qualquer trabalho que não seja de natureza santa. Veja que Deus faz diferença mesmo com esse devoto."

Vizinho: "O senhor nos disse para viver no mundo depois de ter conhecido Deus. Pode Deus ser realmente conhecido?"

Mestre: "Deus não pode ser conhecido pelos órgãos dos sentidos ou pela mente, mas Ele pode ser conhecido pela mente pura, pela mente livre de desejos mundanos."

Vizinho: "Quem pode conhecer Deus?:"

Mestre: "Certo. Quem pode realmente conhecê-Lo? Quanto a nós é suficiente conhecer d'Ele tudo de que necessitamos. Qual a necessidade que tenho de um poço inteiro de água? Um jarro é mais do que suficiente para mim. Uma formiga foi até uma montanha de açúcar. Tinha ela necessidade de uma montanha inteira? Um grão ou dois eram mais do que suficientes."

Vizinho: "Senhor, somos como os pacientes com febre tifóide. Como podemos ficar satisfeitos com um simples jarro de água? Queremos conhecer a totalidade de Deus."

Mestre: "É verdade, mas há, também, remédio para o tifo."

Vizinho: "Que remédio, senhor?"

Mestre: "A companhia de homens santos, repetir o nome de Deus e cantar Suas glórias e oração ininterrupta. Orei à Mãe Divina: 'Mãe, não procuro conhecimento. Aqui está, toma Teu conhecimento, toma Tua ignorância. Dá-me apenas amor puro por Teus Pés de Lótus.' Não Lhe pedi mais nada.

"Tal doença, tal remédio. O Senhor diz no *Gita*: 'Ó Arjuna, refugie-se em Mim e o livrarei de todos os pecados.' Tome refúgio em Seus pés. Ele lhe dará reta compreensão. Ele tomará inteira responsabilidade por você e então, ficará livre da febre tifóide. Pode alguém conhecer Deus com uma mente como essa? Pode alguém despejar dois litros de leite num pote de meio litro? Poderemos alguma vez conhecer Deus se Ele não nos deixa conhecê-Lo? Por conseguinte, digo, refugie-se em Deus. Deixe-O fazer aquilo que Ele quer. Ele tem poder próprio. Que poder há num homem?"

## GLOSSÁRIO

- abhyasayoga Yoga ou união com Deus, através da prática.
- acharya Instrutor religioso.
- adharma Iniquidade; oposto de dharma.
- Adhyatma Ramayana* Livro que trata da vida de Rama e harmoniza os ideais de jnana e bhakti.
- Advaita Não-dualidade; uma escola da filosofia Vedanta, que declara a unidade de Deus, alma e universo.
- Advaita Goswami Um companheiro íntimo de Sri Chaitanya.
- Adyashakti Energia Primordial; epíteto da Mãe Divina.
- agamani Um tipo de cânticos invocando Durga, a Mãe Divina.
- Ahalya Esposa do sábio Gautama. Devido à sua má conduta, foi transformada em pedra pela maldição de seu marido. O sábio, contudo, disse que o toque dos pés de Rama lhe restituiria a forma humana.
- Ahamkara Ego ou “consciência do eu”. *Ver* quatro órgãos internos.
- Ajna Sexto centro do Sushumna. *Ver* Kundalini.
- Ajnana Ignorância, individual ou cósmica, responsável pela não percepção da Realidade.
- Akasa Éter ou espaço; primeiro dos cinco elementos emanados de Brahman. É a forma mais sutil de matéria, à qual todos os elementos são por fim, reduzidos.
- Akbar Grande imperador mongol da Índia (1542-1605).
- Akshra Imutável; também um nome de Brahman.
- Alekh (*Lit.* O Uno Incompreensível). Um nome de Deus.
- Amrita Imortalidade.
- Anahata O quarto centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
- Anahata Shabda Uma outra palavra para Om.
- Ananda Bem-aventurança.
- Anandamayakosha Envoltório de Felicidade. *Ver* Kosha.
- Anandamayi (*Lit.*, Cheio de Felicidade) Um epíteto da Mãe Divina.
- anna pequena moeda indiana, um dezesseis avos da rupia.
- Annamayakosha O envoltório físico denso. *Ver* kosha.
- Annapurna Um nome da Mãe Divina como Doadora de Alimento.
- Antaranga Pertencente ao círculo íntimo; geralmente usado com referência a um discípulo íntimo.
- arati Adoração à Divindade, acompanhada de movimentos de luzes.
- Arjuna herói do *Mahabharata* e amigo de Krishna. *Ver* Pandavas.
- artha Riqueza, um dos quatro objetivos do homem. *Ver* quatro frutos.
- Árvore que Satisfaz os Desejos *Ver* Kalpataru.
- Asana Assento.
- Asat Irreal.
- ashrama Mosteiro; também, um dos quatro estágios da vida: estágio do estudante solteiro; estágio do chefe de família; estágio de retiro e contemplação e estágio de mendicância religiosa.
- Ashtami Oitavo dia da quinzena lunar.
- ashwattha A árvore peepal.
- Ashwin O sexto mês no calendário hindu, caindo no outono
- Astvakra Samhita* Livro modelo da Vedanta Advaita.
- Assam Província no nordeste da Índia.
- asti É ou sendo.
- asura Demônio.
- Atma Ser Supremo, o mesmo que Atman.
- Atman O Ser Supremo ou Alma Suprema; denota também a Alma Suprema que, segundo a Vedanta Advaita, é uma com a alma individual.
- Atmarama Satisfeito no Ser Supremo.
- Aum Mesmo que Om.
- Avadhuta Um santo dotado de grande renúncia, mencionado no *Bhagavata*.
- Avatar Encarnação de Deus.
- Avidya Ignorância, cósmica ou individual, responsável pela não percepção da Realidade.
- avidyamaya Maya ou ilusão, ocasionando dualidade, tem dois aspectos, a saber, avidyamaya ou vidyamaya. Avidyamaya ou a “maya da ignorância”, consistindo de raiva, paixão etc., enreda a pessoa no mundanismo. Vidyamaya ou a “maya do conhecimento”, consistindo de bondade, pureza, ausência de egoísmo e assim por diante, conduz uma pessoa à liberação. Ambas pertencem ao mundo relativo. *Ver* maya.
- avidyashakti O poder da ignorância.
- Ayodhya Capital do reino de Rama, no norte da Índia, moderna Oudh.
- Baba Palavra bengali para pai.
- Babaji Nome dos santos da seita vaishnava.
- babla acácia indiana.
- babu cavalheiro; equivalente a Sr.
- Balai Apelido de Balarama, irmão de Sri Krishna.
- Balarama Irmão mais velho de Sri Krishna.

- Banga Bengala.
- Bankuvihari Um nome de Sri Krishna.
- baul (*Lit.*, devoto inebriado por Deus). Pedinte da seita vaishnava.
- bel Árvore cujas folhas são sagradas para Shiva; também a fruta dessa árvore.
- Bhagavad Gita* Uma conhecida escritura hindu.
- Bhagavan (*Lit.*, Aquele dotado dos seis atributos, a saber, tesouros infinitos, força, glória, esplendor, conhecimento e renúncia). Um epíteto da Divindade; também, o Deus Pessoal do devoto.
- Bhagavata* Um livro sagrado dos hindus, especialmente dos Vaishnavas, que trata da vida de Sri Krishna.
- Bhagavati A Mãe Divina.
- bhairava Um aspirante da seita tântrica; denota; também, o Deus Shiva, especialmente uma de Suas oito formas aterradoras.
- bhairavi Uma monja da seita tântrica.
- bhajan Música religiosa.
- bhajananda A felicidade que provém da adoração a Deus.
- bhakta Um seguidor do caminho de bhakti, amor divino; um adorador do Deus Pessoal.
- bhakti Amor a Deus; devoção integral ao Ideal Escolhido.
- bhaktiyoga O caminho da devoção, seguido pelos adoradores dualistas.
- Bharadvaja Um sábio mencionado nos Puranas.
- Bharata Um nome de Arjuna; também um nome da Índia.
- Bhaskarananda Um santo contemporâneo de Sri Ramakrishna.
- Bhava Existência; sentimento; emoção; êxtase; samadhi; também denota qualquer uma das cinco atitudes que o adorador dualista assume por Deus. A primeira dessas atitudes é de paz; assumindo as outras quatro, o devoto olha Deus como Amo, Filho, Amigo ou Amante.
- bhavamukha Um exaltado estado da experiência espiritual, no qual o aspirante mantém a mente na linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Desta posição pode contemplar o inefável e sem atributos Brahman e também, participar das atividades do mundo relativo, vendo nele somente a manifestação de Deus.
- bhava samadhi Êxtase no qual o devoto retém o ego e desfruta comunhão com o Deus Pessoal.
- Bhavatarini (*Lit.*, o Salvador do Universo). Um nome da Mãe Divina.
- bheda Diferença.
- Bhil Uma tribo da Índia.
- Bhishma Um dos grandes heróis da batalha de Krukshetra, descrita no *Mahabharata*.
- bhoga Prazer.
- Bibhishana Irmão de Ravana, o rei-monstro do Ceilão, a quem ele sucedeu, mas ao contrário de Ravana, era um fiel devoto de Rama.
- Bodha Consciência; Conhecimento Absoluto.
- Bodh-Gaya Lugar perto de Gaya, onde Buda alcançou Iluminação.
- Bosque Nidhu Um bosque sagrado em Vrindavan onde Sri Krishna, na infância, brincou com as gopis.
- Brahma Nome pelo qual os Brahmos invocam Deus.
- Brahma O Deus Criador; a Primeira Pessoa da Trindade Hindu, sendo as outras duas, Vishnu e Shiva.
- brahmachari Um estudante religioso devotado à prática da disciplina espiritual; um celibatário pertencente ao primeiro estágio da vida. *Ver* quatro estágios da vida.
- brahmacharya O primeiro dos quatro estágios da vida; vida de um estudante solteiro. *Ver* quatro estágios da vida.
- Brahmajnana O Conhecimento de Brahman.
- Brahmajnani Um conhecedor de Brahman. Sri Ramakrishna usava a expressão “Brahmajnanis modernos” para denotar os membros do Brahma Samaj.
- Brahmamayi (*Lit.*, Personificação de Brahman) Um nome da Mãe Divina.
- Brahman O Absoluto; a Realidade Suprema da filosofia Vedanta.
- Brahmananda A felicidade da comunhão com Brahman.
- Brahmanda (*Lit.*, o ovo de Brahma) O universo.
- Brahmani O Consorte de Brahma.
- Brahmani (*Lit.*, mulher brahmin) A mulher brahmin que ensinou Sri Ramakrishna as disciplinas vaishnava e tântrica, também conhecida como Bhairavi Brahmani.
- brahmara Abelha negra.
- brahmarshi Um rishi ou homem santo dotado do Conhecimento de Brahman.
- brahmin A mais elevada casta da sociedade hindu.
- Brahmo Membro do Brahma Samaj.
- Brahmo Sabha A reunião dos Brahmos.
- Brahmo Samaj Uma organização teísta da Índia, fundada por Raja Rammohan Roy.
- Braja O mesmo que Vrindavan.
- Brinde Uma das gopis; também o nome da uma empregada do templo de Dakshineswar.
- brisa malaia A brisa perfumada que sopra das Montanhas Malaias (Ghat oeste).

- Buda (*Lit.*, uma pessoa iluminada) O fundador do budismo.
- Buddha-Gaya O mesmo que Bodh-Gaya.
- buddhi A inteligência ou faculdade discriminativa. *Ver* quatro órgãos internos.
- Capitão Coronel Viswanath Upadhyaya do Nepal, Residente do Governo do Nepal em Calcutá e devoto de Sri Ramakrishna. O Mestre dirigia-se a ele como “Capitão”.
- chaddar Uma roupa de cima.
- Chaitanya Consciência Espiritual; também, o nome de um profeta nascido no ano de 1485, que viveu em Navadvip, Bengala e deu muita ênfase ao caminho do amor divino para a realização de Deus e também, é conhecido como Gauranga, Gaur, Gora ou Nimai.
- Chaitanyalila* Uma peça de Girish Chandra Ghosh, retratando a vida de Sri Chaitanya.
- Chaitra O último mês do calendário hindu, caíndo na primavera.
- chakka Curry vegetal.
- chakora Uma espécie de pássaro.
- chakra Qualquer um dos seis centros, ou lócus, no Sushumna, através do qual a Kundalini sobe. *Ver* Kundalini.
- chamara Uma espécie de leque feito da cauda do iaque, usado no serviço do templo.
- chanabara Um doce bengali feito de queijo, primeiramente frito na manteiga e depois, colocado numa calda.
- chandala Um intocável.
- Chandi* Um livro sagrado dos hindus, no qual a Mãe Divina é descrita como a Realidade Suprema.
- Chandidas Nome de um santo vaishnava.
- chandni Pórtico aberto; a palavra é usada no texto para denotar o pórtico aberto no templo de Dakshineswar, com os degraus conduzindo ao Ganges.
- Chandravali Uma das gopis de Vrindavan.
- charanamrita A água na qual a imagem da Divindade é banhada; é considerada muito sagrada.
- chatak Uma espécie de pássaro.
- chetana samadhi Comunhão com Deus na qual o devoto retém a “consciência do eu” e está consciente de seu relacionamento com Deus.
- Chidakasha O Akasha ou Espaço de Chit, Consciência Absoluta, o Espírito que Tudo penetra.
- Chidananda A felicidade da Consciência de Deus.
- Chidatma A alma como personificação da Inteligência e Consciência.
- Chinmaya A personificação do Espírito.
- Chintamani Uma pedra mística que tem o poder de conceder a seu possuidor o que ele desejar; também, um nome de Deus.
- Chit Consciência.
- Chitshakti O Espírito Supremo como Poder.
- chitta Estofamento mental. *Ver* quatro órgãos internos.
- cinco forças vitais ou pranas A saber, prana, apana, samana, vyana e udana. Esses cinco nomes denotam as cinco funções da força vital tais como respiração, digestão, evacuação etc.
- cinco princípios cósmicos A saber, éter (akash), ar (vayu), fogo (agni), água (ap) e terra (kshiti).
- corpo causal Um dos três corpos ou sedes da alma, sendo os outros dois, o corpo denso e o sutil. É idêntico com o sono profundo.
- corpo sutil um dos três corpos ou sedes da alma. Na morte o corpo sutil acompanha a alma na sua transmigração; no sonho a alma identifica-se com o corpo sutil. *Ver* corpo causal.
- daitya Demônio.
- dal Lentilhas; também uma sopa feita de lentilhas.
- Damodara Um nome de Krishna.
- dana Fantasma.
- dandi Uma seita de sannyasis que sempre carregam um bastão.
- dargah Sepultura de um santo muçulmano, considerada sagrada.
- darshanas, seis. Os seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa, a saber, o Samkhya de Kapila, a Yoga de Patanjali, o Vaisheshika de Kanada, o Nyaya de Gautama, o Purva Mimamsa de Jaiini e Vedanta ou Uttara Mimamsa de Vyasa.
- Dasahara Um festival hindu.
- Dasharatha Pai de Rama.
- dasya Uma das cinco atitudes assumida pelo adorador dualista para com seu Ideal Escolhido; a atitude de um servo para com seu amo.
- Dattatreya Nome de um grande santo hindu.
- daya Compaixão.
- Dayamaya O Misericordioso.
- Dayananda Fundador do Arya Samaj (1824-1883).
- deva (*Lit.*, aquele que brilha. Um deus.
- Devaki A mãe de Sri Krishna.

- devarshi Uma pessoa divina dotada do Conhecimento Supremo; um epíteto geralmente aplicado a Narada.
- devata Divindade ou deus.
- Devendra(nath) Tagore Um líder religioso da época de Sri Ramakrishna; pai de Rabindranath Tagore.
- devoto A palavra geralmente é usado no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é devotado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra “discípulo”, quando usada em relação ao Mestre, refere-se àquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que considera Sri Ramakrishna seu guru.
- dharma Retidão, um dos quatro objetivos da busca humana; geralmente traduzida como “religião”, refere-se de preferência ao princípio interior da religião. *Ver* quatro frutos. A palavra é, também, amplamente usada para significar “dever”.
- dhoti Um tipo de roupa masculina.
- Dhruva Um santo da mitologia hindu.
- Dhruva Ghat Lugar de banho às margens do rio Jamuna em Vrindavan.
- Dolayatra Festival hindu de primavera relacionado a Sri Krishna.
- dome Uma das castas inferiores dos hindus.
- Draupadi A esposa dos cinco irmãos Pandavas.
- Drona Um dos maiores instrutores militares no *Mahabharata*.
- Dulali Um dos nomes carinhosos de Radha.
- Durga Um nome da Mãe Divina.
- Durga Puja Adoração à Durga.
- Durvasa Um sábio de natureza muito agressiva, descrito nos Puranas.
- Duryodhana, Um dos heróis do *Mahabharata*, principal rival dos irmãos Pandavas.
- Dvaita Filosofia do dualismo.
- Dwapara O terceiro dos quatro yugas ou ciclos do mundo. *Ver* yuga.
- Dwaraka Capital do reino de Krishna, situada na Índia ocidental; um dos quatro principais lugares santos da Índia, sendo os outros três, Kedarnath, Puri e Rameswar.
- ego do Conhecimento (da Devoção) O ego purificado ou iluminado pelo Conhecimento (ou Amor) de Deus. Algumas almas, depois de realizar sua unidade com Brahman em samadhi, descem ao plano da consciência relativa. Neste estado retém um sentimento bem fraco de ego a fim de que possam ensinar o conhecimento espiritual aos outros. Este ego, chamado por Sri Ramakrishna “ego do Conhecimento”, não apaga totalmente seu conhecimento da unidade com Brahman mesmo no estado relativo de consciência. O bhakta, amante e Deus, descendo ao plano relativo, depois de ter atingido samadhi, retém a “consciência do eu”, pelo qual considera-se amante, filho ou servo de Deus. Sri Ramakrishna chamou-o “ego devoto”, “ego filho” ou “ego servo”.
- ekadashi O décimo primeiro dia depois da lua cheia ou nova, em que o devoto passa em jejum completo ou parcial, oração e adoração.
- ektara Instrumento musical com uma corda.
- esconde-esconde na versão indiana desse jogo, a figura principal, conhecida como “vovó”, venda os olhos dos jogadores e se esconde. Os jogadores têm que encontrar a “vovó”. Se algum jogador a tocar, a venda é retirada de seus olhos e ele tem que se retirar do jogo.
- esraj Instrumento musical de corda.
- éter Akasha ou espaço que tudo penetra.
- faqir Mendigo; muitas vezes um monge mendicante.
- gandharva Uma classe de semideuses formada pelos músicos no céu.
- Ganesha O deus com cabeça de elefante; o deus do sucesso, filho de Shiva.
- Ganga Ganges.
- Gangasagar Embocadura do Ganges na baía de Bengala, considerado um lugar sagrado pelos hindus.
- ganja Cânhamo indiano.
- garhasthya O segundo dos quatro estágios da vida; vida de um chefe de família. *Ver* quatro estágios da vida.
- Gaur Abreviação de Gauranga.
- Gauranga Um nome de Sri Chaitanya.
- Gauri (*Lit.*, de pele clara). Um nome da Mãe Divina; também, o nome de um pandit devotado a Sri Ramakrishna.
- Gaya Um lugar sagrado no norte de Índia.
- Gayatri Um verso sagrado dos Vedas recitado diariamente pelos hindus das classes mais elevadas, depois de terem sido investidos com o cordão sagrado; também a divindade que preside o Gayatri.
- gerrua (*Lit.*, ocre) Roupa ocre de um monge.
- ghat Lugar de banho num lago ou rio.
- ghee Manteiga clarificada por meio da fervura.

- Ghoshpara Uma seita vaishnava, cujos membros geralmente dedicam-se a práticas religiosas questionáveis.
- Giri Uma das dez denominações dos monges que pertencem à escola de Shankara.
- Girirani (*Lit.*, a Rainha da Montanha) Consorte do Rei Himalaia e mãe de Uma.
- Gita O mesmo que *Bhagavad Gita*.
- golakdham Um jogo no qual o jogador tenta atingir o “céu”, passando através dos diversos planos; a cada passo em falso, cai numa espécie de “inferno”.
- Goloka A Morada Celestial de Vishnu.
- Gopala Menino Krishna.
- gopas Os pastores de Vrindavan, companheiros de Sri Krishna.
- gopis As pastoras de Vrindavan, companheiras e devotas de Sri Krishna.
- Gora Um nome de Gauranga.
- Goswami Sacerdote vaishnava.
- Govardhan Uma colina perto de Vrindavan, que Sri Krishna levantou com Seu dedo, a fim de proteger os aldeões do dilúvio.
- Govinda(ji) Um nome de Sri Krishna.
- gram Um tipo de feijão.
- grama durva grama comum usada no culto.
- Grande Causa A Realidade Suprema.
- Guhaka Um intocável, amigo de Ram.
- guna De acordo com a filosofia Samkhya, Prakriti (natureza), em contraste com Purusha (alma), é formada dos três gunas (qualidades ou atributos) conhecidos como sattva, rajas e tamas. Tamas significa inércia ou embotamento, rajas atividade ou desassossego e sattva, equilíbrio ou sabedoria.
- guru(deva) Instrutor espiritual.
- Gurumaharaj Forma respeitosa de se referir ao guru.
- Haladhari Um sacerdote do templo de Dakshineswar e primo de Sri Ramakrishna.
- Haldarpukur Um pequeno lago em Kamarpukur.
- halua Um tipo de pudim.
- Hanuman O grande macaco, mencionado no *Ramayana*.
- Hara Um nome de Shiva.
- Hardwar Um lugar sagrado às margens do Ganges, aos pés do Himalaia.
- Hari Deus, um nome de Vishnu, a Divindade Ideal dos Vaishnavas.
- Haridas Um discípulo de Sri Chaitanya.
- Hari Om Palavras sagradas pelas quais Deus é muitas vezes invocado.
- hathayoga Uma escola de yoga que tem como objetivo principal a saúde física e o bem-estar.
- hathayogi Estudante de hathayoga.
- havishya Comida feita de arroz cozido, manteiga e leite, e considerada muito sagrada.
- Hazra Devoto que viveu no templo de Dakshineswar, templo e possuidor de mau caráter. O mesmo que Pratap Hazra.
- “herói” Um aspirante religioso da seita tântrica, a quem é permitido relações sexuais sob certas condições.
- hinche Um tipo de planta aquática comida como vegetal.
- Hiranyakashipu Um rei demônio da mitologia hindu, pai de Prahlada.
- Hiranyaksha Um demônio da mitologia hindu.
- homa Um sacrifício védico no qual as oblações são oferecidas ao fogo.
- Hriday Sobrinho de Sri Ramakrishna, que o serviu durante sua sadhana espiritual. Também chamado Hridu ou Hride. Foi expulso do templo de Dakshineswar devido a certos atos que desagradaram as autoridades do templo.
- Hrishikesh Um vilarejo às margens do Ganges, ao pé do Himalaia, onde sadhus praticam austeridades.
- Ida Um nervo na coluna espinal. *Ver* Sushumna.
- Ideal Escolhido *Ver* Ishta.
- Indra Rei dos deuses.
- Indrani Consorte de Indra.
- “inglês” Um termo muitas vezes usado por Sri Ramakrishna referindo-se aos homens educados na Inglaterra ou que sofreram influência das idéias européias.
- Ishan Um nome de Shiva; também, o nome de um devoto de Sri Ramakrishna.
- Ishta(deva) O Ideal Escolhido, Ideal Espiritual ou Divindade Ideal do devoto.
- Ishvara Deus Pessoal.
- Ishvarakoti Uma alma perfeita nascida com uma mensagem especial espiritual para a humanidade. “Uma Encarnação de Deus ou uma pessoa nascida com algumas características de uma Encarnação é chamada um Ishvarakoti.” (Sri Ramakrishna)
- Jadabharata Grande santo da mitologia hindu.
- jada samadhi Comunhão com Deus na qual o aspirante parece estar sem vida, como um objeto inerte.
- Jagadamba (*Lit.*, a Mãe do Universo) Um nome da Mãe Divina.
- Jagai Jagai e Madhai foram dois desordeiros regenerados por Gauranga.

- Jagannath O Senhor do Universo; o nome de Vishnu.
- Jagaddhatri (*Lit.*, Aquele que sustenta o Universo) Um nome da Mãe Divina. Nessa forma Ela está representada montada num leão, dominando um elefante.
- jal Palavra bengali para água.
- Jamuna O rio sagrado Jumna, tributário do Ganges.
- Janaka, Rei. Um dos reis ideais na mitologia hindu e pai de Sita. Sri Ramakrishna muitas vezes o descreveu como o chefe de família ideal, que combinava yoga e o prazer do mundo.
- japa Repetição do nome de Deus.
- Jatila e Kutila Dois criadores de caso descritos no *Bhagavata*, no episódio de Sri Krishna e das gopis de Vrindavan.
- jilipi Um tipo de doce.
- jiva A alma encarnada; um ser vivo; uma pessoa comum.
- jivakoti Uma pessoa comum.
- jivanmukta Uma pessoa liberada de maya enquanto ainda vivendo no corpo.
- jivatma A alma encarnada.
- jnana Conhecimento de Deus alcançado através da razão e da discriminação; também denota o processo de raciocinar através do qual a Verdade Suprema é alcançada. A palavra é geralmente usada para denotar o conhecimento pelo qual uma pessoa torna-se consciente de sua identidade com Brahman.
- jnanayoga O caminho do conhecimento, consistindo de discriminação, renúncia e outras disciplinas.
- jnani Aquele que segue o caminho do conhecimento e discriminação para realizar Deus; geralmente usada para denotar um não-dualista.
- Jung Bahadur Um alto oficial do Marajá do Nepal.
- “ka” Primeira consoante do alfabeto sânscrito.
- Kabir Um reformador religioso medieval místico e autor de canções. Viveu na última parte do século quinze e início do dezesseis. Nasceu na casta inferior dos tecelões, tornou-se fundador de uma seita religiosa. Devido à amplidão e universalidade de seus ensinamentos, é venerado tanto por maometanos como por hindus.
- kadamba Uma árvore favorita de Sri Krishna.
- Kaikeyi Uma das esposas do rei Dasharatha e mãe de Bharata; devido às suas maquinacões más, o rei banuiu Rama para a floresta.
- Kailash Um pico do Himalaia, considerado a sagrada Morada de Shiva.
- kaivarta A casta dos pescadores.
- Kala Um nome de Shiva; negro; morte; tempo.
- Kali Um nome da Mãe Divina; Divindade que preside o templo de Dakshineswar. Várias vezes Sri Ramakrishna referiu-se e dirigiu-se a Ela como Adyashakti, a Energia Suprema.
- kalia Uma preparação elaborada de peixe ou carne.
- Kalidasa O grande poeta sânscrito e autor de *Shakuntala*.
- Kalighat Parte norte de Calcutá onde está situado o famoso templo de Kali.
- Kaliya O nome de uma serpente venenosa dominada por Sri Krishna.
- Kaliyadaman Ghat Um lugar de banho no Jamuna em Vrindavan, onde Sri Krishna venceu a serpente Kaliya.
- Kaliyuga Uma dos quatro yugas ou ciclos. *Ver* yuga.
- Kalki Nome da próxima e última Encarnação, segundo os Puranas.
- kalmi Uma trepadeira aquática com inúmeras ramificações.
- Kalpataru A Árvore que satisfaz os Desejos; refere-se a Deus.
- kama Realização dos desejos, um dos quatro objetivos da vida. *Ver* quatro frutos.
- Kamalakanta Um poeta místico de Bengala.
- kamandalu A tigela de água de um monge.
- Kamarpukur Terra natal de Sri Ramakrishna.
- kaminikanchan (*Lit.*, “mulher e ouro”) Um termo empregado por Sri Ramakrishna para se referir à luxúria e ganância.
- Kamsha Tio de Sri Krishna, a personificação do mal, quem por fim, Sri Krishna, matou.
- Kanai Um nome carinhoso do jovem Sri Krishna.
- Kanchi Um lugar sagrado ao sul da Índia.
- Kapila. Um grande sábio da mitologia hindu, conhecido autor da filosofia Samkhya.
- karana Causa; também vinho consagrado.
- karma Ação em geral; dever; adoração ritualista.
- karmayoga (*Lit.*, união com Deus através da ação). O caminho através do qual o aspirante procura realizar Deus através do trabalho sem apego; também a adoração ritualista prescrita nas escrituras para a realização de Deus.
- Karna Um herói do *Mahabharata*.
- karta Aquele que faz; amo.
- Kartabhaja Uma seita vaishnava que ensina que os homens e as mulheres devem viver jun-

- tos num relacionamento de amor e gradualmente sublimar seu amor, considerando-se divinos.
- Kartika Um filho de Shiva, comandante geral do exército do céu.
- Kashi Benares.
- kathak Um contador profissional de histórias, dos Puranas.
- Katyayani Um nome da Mãe Divina.
- Kausalya A mãe de Rama.
- kaviraj Médico que pratica a medicina primitiva da Índia.
- kayastha Uma das castas subsidiárias de Bengala.
- Kedar(nath) Um pico elevado do Himalaia, um dos quatro principais lugares sagrados da Índia, sendo os outros três, Dwaraka, Puri e Rameshwar.
- Keshava Um nome de Sri Krishna.
- Keshab Bharati Instrutor monástico de Sri Chaitanya.
- Keshab (Chandra Sen) Célebre chefe Brahma (1838-1884).
- Kha (*Lit.*, akasha) Um símbolo da Consciência que Tudo penetra.
- khoka Bebê.
- kirtan Música devocional, muitas vezes acompanhada de dança.
- kirtani cantora profissional.
- koshakuti Artigos de metal usados na adoração.
- kosha (*Lit.*, envoltório ou cobertura). São as seguintes as cinco koshas descritas na filosofia Vedanta: (1) a annamayakosha ou envoltório físico denso, feito e sustentado pela comida; (2) pranamayakosha ou envoltório vital, formado das cinco forças vitais; (3) manomayakosha ou envoltório mental; (4) vijñanamayakosha ou envoltório da inteligência e (5) anandamayakosha ou envoltório da felicidade. Esses cinco envoltórios, arrumados um dentro do outro, cobrem a Alma, que é o mais interior de todos e intocado pelas características dos envoltórios.
- koul Um adorador de Kali que segue os rituais tântricos da “mão-esquerda”.
- kripasiddha Aquele que atinge a perfeição pela graça de Deus e aparentemente sem qualquer esforço.
- Krishna Uma das Divindades Ideais dos Vaishnavas.
- Krishnachaitanya Um nome de Sri Chaitanya.
- Krishnayatra Uma peça teatral sobre a vida de Sri Krishna.
- kshara Mutável.
- kshatriya A segunda ou a casta guerreira da sociedade hindu.
- kshir Leite engrossado pela fervura.
- Kubir Um poeta místico bengali.
- Kumara Sambhava* Um famoso livro por Kalidasa.
- Kumari Puja* (*Lit.*, culto a uma virgem) Uma adoração ritualista prescrita pelos Tantras, na qual uma virgem é adorada como manifestação da Mãe Divina do Universo.
- kumbhaka Retenção do alento; um processo de pranayama ou controle da respiração, descrito na rajayoga e hathayoga.
- Kumbhakarna Um irmão de Ravana mencionado no *Ramayana*, que dormiu seis meses seguidos.
- kumbhamela Uma reunião de monges que tem lugar a cada três anos em um dos diversos lugares sagrados na Índia.
- Kundalini (*Lit.*, o Poder da Serpente). É a energia mais importante, que permanece adormecida em todos os indivíduos. Segundo os Tantras há seis centros no corpo, chamados Muladhara, Svadhithana, Manipura, Anahata, Vishuddha e Ajna. São os centros dinâmicos onde a energia espiritual torna-se vitalizada e encontra expressão especial, com percepção espiritual apropriada e visão mística. Esses centros, localizados no Sushumna, constituem os degraus de subida pelos quais a Kundalini ou energia espiritual passa da base da espinha para o cérebro. Quando se forma um caminho livre ao longo do Sushumna através desses centros e a Kundalini não encontra qualquer resistência em seus movimentos para cima e para baixo, então há o Shatchakrabhedha, que significa literalmente, a penetração dos seis chakras ou centros místicos. O chakra Muladhara, situado entre a base do órgão sexual e o ânus, é considerado a sede da Kundalini. Os centros são metafóricamente descritos como lótus. O Muladhara é um lótus de quatro pétalas. O chakra Svadhithana, situado na base do órgão sexual, é um lótus de seis pétalas. O Manipura, situado na região do umbigo, contém dez pétalas. O Anahata, localizado na região do coração, tem doze pétalas. O Vishuddha, na parte inferior da garganta, tem dezesseis pétalas. O Ajna, situado no espaço entre as sobrancelhas, é um lótus de duas pétalas. No cérebro está o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, a morada de Shiva, que é branco como a lua prateada, brilhante como o raio e suave e sereno como o luar. Este é o objetivo supremo e aqui a energia espiritual despertada manifesta-se em toda sua glória e esplendor.

- kuthi O “bungallow” no templo de Dakshineswar, onde os proprietários e seus hóspedes ficavam quando visitavam Dakshineswar.
- Lakshmana O terceiro irmão de Rama.
- Lakshmi A consorte de Vishnu e Deusa da Fortuna.
- lila O jogo divino; o Relativo. A criação é muitas vezes explicada pelos vaishnavas como a lila de Deus, um conceito que introduz elementos de espontaneidade e liberdade no universo. Como termo filosófico, Lila (o Relativo) é o correlativo de Nitya (o Absoluto).
- lótus Cada um dos seis centros ao longo do Sushumna é chamado um lótus, uma vez que têm a forma de uma flor de lótus. *Ver* Kundalini.
- luchi Pão fino feito de farinha e frito na manteiga.
- M. Mahendranath Gupta, um dos mais importantes discípulos chefes de família de Sri Ramakrishna e autor do *Evangelho de Sri Ramakrishna*.
- Madan(a) O deus do amor na mitologia hindu; também, um místico bengali e autor de canções.
- Madhai *Ver* Jagai.
- Madhava Um nome de Sri Krishna.
- madhavi Uma trepadeira.
- Madhu e Kaitabha Dois demônios mortos pela Mãe Divina; a história está narrada no *Chandi*.
- madhur Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador vaishnava para com sua Divindade Ideal, Krishna; a atitude de uma esposa para com seu marido ou a de uma mulher para seu amante.
- Madhusudan(a) (*Lit.*, Matador do demônio Madhu). Um nome de Sri Krishna.
- Mahabharata* Um famoso épico hindu.
- mahabhava O mais intenso amor por Deus.
- Mahadeva (*Lit.*, o Grande Deus). Um nome de Shiva.
- Maha-Kala Shiva; o Absoluto.
- Maha-Kali Um nome da Mãe Divina.
- Mahakarana (*Lit.*, a Grande Causa) A Realidade Transcendental.
- Mahakasha O espaço Infinito.
- Mahamaya O Grande Ilusionista; um nome de Kali, a Mãe Divina.
- Mahanirvana O grande Nirvana ou samadhi.
- Mahanirvana Tantra* Um livro modelo da filosofia tântrica.
- Maharshi (*Lit.*, um grande rishi ou vidente da verdade) Um epíteto muitas vezes dado a Devendranath Tagore, pai do poeta Rabindranath.
- Mahashtami O segundo dia da adoração de Durga, a Mãe Divina.
- mahat A mente cósmica; um termo empregado na filosofia Samkhya, denotando a segunda categoria na evolução do universo.
- mahatma Pessoa de alma muito elevada.
- Mahavayu Consciência Cósmica ou Força da Vida. A palavra é também usada para denotar uma corrente sentida na coluna espinal quando a Kundalini é despertada.
- Mahavir (*Lit.*, grande herói) Um nome de Hanuman, o devoto macaco de Rama.
- mahut Condutor de elefantes.
- Maidan Um grande parque em Calcutá.
- manas Mente. *Ver* quatro órgãos internos.
- Manasoravar Um lago sagrado do Tibé.
- Mandodari Esposa de Ravana.
- Manikarnika Ghat Famoso crematório em Benares.
- Manipura O terceiro centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
- manja Uma cola de cevada e vidro em pó que torna as linhas das pipas cortantes.
- manomayakosha Envoltório mental. *Ver* kosha.
- mantra Texto sânscrito sagrado; também, a fórmula sagrada usada em japa.
- Manu Um grande legislador hindu.
- Manusamhita* Livro sobre Legislação hindu por Manu.
- Marhatra Povo que habitava a província de Bombaim.
- Marwari Habitante de Marwar, no Rajputana, Índia Central.
- math mosteiro.
- Mathur Genro da Rasni Rasmani e grande devoto de Sri Ramakrishna, que o proveu de todas as necessidades no templo.
- maya Ignorância que obscurece a visão de Deus; a Ilusão Cósmica devida a qual o Uno aparece como o múltiplo, o Absoluto como o Relativo; é, também, usada para denotar apego.
- “maya de ignorância” *Ver* avidyamaya.
- “maya de conhecimento” *Ver* avidyamaya.
- mayavadi Seguidor da teoria de Maya da filosofia Vedanta, segundo a qual o mundo de nomes e formas é ilusório, como um sonho.
- Mimamsaka Um seguidor do Purva Mimamsa, um dos seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa.
- Mirabai Uma grande santa medieval da seita vaishnava.

- mlechchha Um não hindu, um bárbaro. É uma palavra de vergonha dada pelos hindus ortodoxos, aos estrangeiros, que não estão de acordo com os costumes da religião e da sociedade hindu. A palavra corresponde ao “pagão” dos cristãos e “Kafir” dos muçulmanos.
- mohant Abade de um mosteiro.
- moksha Liberação ou emancipação final, um dos quatro objetivos da vida humana. *Ver* quatro frutos.
- nridanga Um tambor de couro usada para música devocional.
- mukti Liberação da prisão do mundo, que é o objetivo da prática espiritual.
- Muladhara O primeiro e mais baixo centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
- muçulmano Um seguidor de Maomé.
- muni Um homem santo dado à solidão e contemplação.
- munsiff Funcionário da Justiça.
- Nada A palavra Brahman, Om.
- nahabat Torre de música.
- Naishadha* Um famoso tratado de sânscrito por Sriharsha.
- Nanak Fundador da religião Sikh e o primeiro dos dez Gurus dos Sikhs. Nasceu no Punjab em 1469 e morreu em 1538.
- Nanda(ghosh) Pai adotivo de Sri Krishna.
- Nandi Um seguidor de Shiva.
- Nangta (*Lit.*, o Desnudo) Por este nome Sri Ramakrishna referia-se a Totapuri, o sannyasi que o iniciou na vida monástica e que andava nu.
- Não-dualismo qualificado Uma escola de Vedanta fundada por Ramanuja, segundo a qual a alma e a natureza são aspectos de Brahman e a alma individual é uma parte de Brahman.
- Narada Um grande sábio e amante de Deus na mitologia hindu.
- Narada Pancharatra* Uma escritura do culto bhakti.
- Naralila Deus manifestando-Se como homem.
- Narayana Um nome de Vishnu.
- Narayani Consorte de Narayana; um nome da Mãe Divina.
- Narendra(nath) Um discípulo de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Vivekananda.
- Nareschandra Um poeta místico de Bengala.
- Narmada Um rio na Índia central, desembocando no Mar Arábico.
- Nascido duas vezes Um homem pertencente às castas brahmin, kshatriya (guerreiros) ou vaishya (negociantes) que têm seu segundo ou espiritual nascimento por ocasião de sua investidura com o cordão sagrado.
- natmandir Um espaçoso vestíbulo sustentado por pilares defronte a um templo, destinado à música devocional, reuniões religiosas e similares.
- Navadvip Uma cidade em Bengala, terra natal de Sri Chaitanya.
- Navavidhan (*Lit.*, Nova Revelação) Nome do Brahma Samaj organizado por Keshab Chandra Sen depois do desentendimento com os membros do Brahma Samaj.
- nax Um jogo de cartas.
- neem Uma árvore de folhas amargas.
- “Neti, neti” (*Lit.*, “Isto não, isto não”) O processo negativo de discriminação, postulado pelos seguidores da Vedanta não-dualista.
- ni A sétima nota na escala musical indiana.
- Nidhu Babu Um compositor de melodias ligeiras.
- Nidhuvan O mesmo que bosque Nidhu.
- Nikasha Mãe de Ravana.
- nikunja pérgula.
- Nimai Um nome de Sri Chaitanya.
- Nimai-sannyas* “Renúncia de Chaitanya”, uma peça descrevendo o ingresso de Sri Chaitanya na vida monástica.
- Niranjan(a) (*Lit.*, o Imaculado) Um nome de Deus, também um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna.
- nirguna Sem atributos.
- Nirguna Brahma (*Lit.*, Brahman sem atributos) Palavra usada para descrever o Absoluto.
- Nirvana Absorção final em Brahman ou Realidade que Tudo penetra, pela aniquilação do ego individual.
- nirvikalpa samadhi O mais elevado estado de samadhi, no qual o aspirante realiza sua total unidade com Brahman.
- nishtha Devoção integral ou amor.
- Nitai Apelido carinhoso de Nityananda.
- Nitya O Absoluto.
- Nitya-Kali Um nome da Mãe Divina.
- nityakarma Cerimônias religiosas que o chefe de família deve fazer diariamente, mas que não são obrigatórias para o sannyasi.
- Nityananda (*Lit.*, Eterna Felicidade) O nome de um discípulo bem-amado e companheiro de Sri Chaitanya.
- nityasiddha (*Lit.*, eternamente perfeito) Uma palavra usada por Sri Ramakrishna para descrever alguns de seus jovens discípulos dotados de grande poder espiritual.
- Nova Revelação *Ver* Navavidhan.

- Nrisimha (*Lit.*, Leão-homem). Uma Encarnação Divina mencionada nos Puranas.
- Nyaya Lógica indiana, um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, fundado por Gautama.
- Oito grilhões A saber, ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e mágoa.
- oito siddhis ou poderes ocultos A saber, a capacidade de uma pessoa tornar-se pequena como um átomo, leve como o ar etc.
- Olcott, Cel Um dos importantes líderes da Sociedade Teosófica.
- Om A palavra mais sagrada dos Vedas; escreve-se, também, Aum. É um símbolo de Deus e de Brahman.
- ostad Instrutor de música.
- Padmalochan Um grande pundit de Bengala, que reconheceu o verdadeiro significado das experiências espirituais de Sri Ramakrishna.
- pagli Mulher maluca.
- pakhoaj Um tipo de tambor duplo.
- pana Plantas aquáticas como algas e jacintos aquáticos, que muitas vezes cobrem a superfície dos lagos nos países tropicais.
- Panchadashi* Nome de um livro sobre filosofia Vedanta.
- panchatapa (*Lit.*, a austeridade dos cinco fogos) Ao praticar esta disciplina, o aspirante senta-se sob um sol abrasador de verão, com quatro fogueiras queimando a seu redor. Sentado no meio desses cinco fogos, pratica japa e meditação.
- Panchavati Um bosque com cinco árvores sagradas plantadas por Sri Ramakrishna no templo de Dakshineswar, para prática de disciplina espiritual.
- Pandava(s) Os cinco filhos de Pandu: rei Yudhisthira, Arjuna, Bhima, Nakula e Sahadeva. São alguns dos principais heróis do *Mahabharata*.
- pani Água.
- Panini Uma gramática sânscrita famosa composta por Panini.
- Parabrahman O Brahman Supremo.
- paramahansa Aquele que pertence a mais elevada ordem de sannyasis.
- Paramahansa(deva) Um nome de Sri Ramakrishna.
- Paramatman A Alma Suprema.
- Parashurama Um guerreiro sábio na mitologia hindu, considerado uma Encarnação Divina.
- Parikshit Um rei da raça lunar e neto de Arjuna, mencionado no *Mahabharata*.
- Parvati Filha do Rei Himalaia; consorte de Shiva. É considerada uma Personificação da Mãe Divina; um de seus nomes é Uma.
- Patanjala Um dos seis sistemas da filosofia ortodoxa, também conhecida como filosofia Yoga.
- Pavhari Baba Um asceta e yogi de grande distinção, contemporâneo de Sri Ramakrishna.
- Phalgu Um rio na parte norte da Índia que corre sobre uma superfície de areia.
- pice Uma moeda indiana, valendo um quatorze avos de uma anna.
- Pingala Um nervo na coluna espinal. *Ver* Sushumna.
- Prabhas Um lugar sagrado em Kathiawar, a oeste da Índia, onde Sri Krishna deixou o corpo.
- Prahlada Um grande devoto de Vishnu, cuja vida está descrita nos Puranas. Quando menino foi torturado por seu pai, o demônio rei Hiranyakashipu. O Senhor, em Sua Encarnação como Leão-homem, matou seu pai.
- Prakriti Natureza Primordial que, associado com Purusha, cria o universo. É uma das categorias da filosofia Samkhya.
- prana O alento vital que sustenta a vida no corpo físico. *Ver* cinco forças vitais.
- pranamayakosha O envoltório vital, consistindo dos cinco pranas. *Ver* kosha.
- Pranava Om.
- pranayama Controle do alento; uma das disciplinas da yoga.
- prarabdha karma O karma ou ação, feita por um homem é geralmente dividido em três grupos: sanchita, agami e prarabdha. O karma sanchita é o grande armazenamento das ações passadas, os frutos dos quais ainda não foram colhidos. O agami é a ação que será feita pela pessoa no futuro. O karma prarabdha é a ação que começou a frutificar e está sendo colhido nesta vida. É uma parte do karma sanchita, porquanto este é também a ação feita no passado. A diferença entre os dois é que enquanto o karma sanchita ainda não está em operação, o prarabdha já começou a operar. Segundo os hindus o fruto de todos os karmas têm que ser colhidos por aqueles que os praticam e o caráter e as circunstâncias da vida do indivíduo são determinados por seus karmas anteriores. O prarabdha é o mais efetivo de todos os karmas, porque suas conseqüências não podem ser evitadas de nenhum modo. A realização de Deus permite a uma pessoa

- abster-se da ação futura (karma agami) e evitar as conseqüências de todas as ações acumuladas (karma sanchita) que ainda não começaram a frutificar, mas o prarabdha, que já começou, tem que ser colhido.
- prasad Comida ou bebida que foi oferecida à Divindade; também os restos da comida de um superior. A palavra Prasad é uma abreviação de Ramprasad, o poeta místico de Bengala.
- pravartaka Um iniciante na religião.
- prema Amor extático, amor divino da forma mais intensa.
- prema-bhakti Amor extático de Deus.
- Premdas Um autor de canções devocionais.
- puja Adoração ritualista.
- puli Um tipo de bolo.
- Purana(s) Livros da mitologia hindu.
- purashcharana A repetição do nome de uma divindade, juntamente com oferendas queimadas, oblações e outros ritos prescritos nos Vedas.
- Puri Situado em Orissa, é um dos quatro principais lugares sagrados da Índia, sendo os outros três Dwaraka, Kedarnath e Rameshwar; também uma das dez denominações dos monges pertencentes à escola de Shankara.
- purnajvani Perfeito conhecedor de Brahman.
- Purusha (*Lit.* um homem) Um termo da filosofia Samkhya, denotando o Princípio Consciente eterno; o universo evolve da união de Prakriti e Purusha. A palavra também denota a alma e o Absoluto.
- quatro estágios da vida A saber, brahmacharya (vida de celibatário), garhasthya (vida de casado), vanaprastha (vida reclusa de chefe de família) e sannyas (vida de monge).
- quatro frutos Os quatro objetivos da vida humana, a saber, dharma (retidão), artha (riqueza), kama (satisfação dos desejos) e moksha (liberação).
- quatro órgãos internos Os quatro órgãos internos de percepção, a saber, manas (mente), buddhi (faculdade discriminativa), chitta (estofamento mental) e ahamkara (“consciência do eu”).
- Radha Companheira mais íntima de Sri Krishna entre as gopis de Vrindavan.
- Radhakanta (*Lit.*, o Consorte de Radha) Um nome de Sri Krishna.
- Radhakunda Um lugar perto de Mathura associado com Krishna e Radha.
- Radhika O mesmo que Radhika.
- raga-bhakti Amor supremo, tornando uma pessoa apegada somente a Deus.
- ragas e raginis Modulações principal e subordinada na música indiana.
- Raghuvamsa* Nome de um tratado em sânscrito por Kalidasa.
- Raghuvir Nome de Rama; Divindade Familiar de Sri Ramakrishna.
- Rahu Um demônio na mitologia hindu, considerado o causador de eclipse ao devorar o sol e a lua.
- Rajarajeshvari (*Lit.*, a Imperatriz dos reis) Um nome da Mãe Divina.
- rajarshi Um rei que leva uma vida santa; um epíteto de Janaka.
- rajas O princípio de atividade ou desassossego. *Ver* guna.
- rajásico Pertencente ou possuidor de rajas.
- Rajasuya O sacrifício real feito somente pelo governante supremo.
- Rajayoga* O famoso tratado sobre yoga, descrito por Patanjali; também a yoga descrita neste tratado.
- Rama(chandra) O herói do *Ramayana*, considerado pelos hindus uma Encarnação Divina.
- Ramananda Um devoto de Sri Chaitanya.
- Ramanuja Um famoso santo e filósofo do sul da Índia, fundador da escola do Não-dualismo Qualificado (1017-1137).
- Ramayana* Um famoso épico hindu.
- Rambha O nome de uma donzela celestial.
- Rameshwar Situado na extremidade sul da Índia e considerado um dos quatro lugares sagrados principais, sendo os outros três Dwaraka, Kedarnath e Puri.
- Ramlal Um sobrinho de Sri Ramakrishna e sacerdote no templo de Kali em Dakshineswar.
- Ramlala O Menino Rama; também a imagem de metal de Rama adorada por Sri Ramakrishna.
- Ramlila Um festival religioso hindu descrevendo a vida de Rama, realizado anualmente pelos hindus do norte da Índia.
- Ramprasad Um místico bengali e autor de canções sobre a Mãe Divina.
- Rani (*Lit.*, rainha) Um título de honra conferido a uma mulher.
- rasaddar Provedor de provisões.
- Rasmani, Rani Uma mulher abastada casta shudra, fundadora do templo de Kali em Dakshineswar.
- Rathayatra Festival do Carro Hindu.
- Ravana O rei-monstro do Ceilão que raptou Sita, esposa de Rama.

- rishi Um vidente da Verdade; o nome é também dado às almas puras a quem foram reveladas as palavras dos Vedas.
- Rudra Uma manifestação de Shiva.
- rudraksha Contas feitas das sementes de rudraksha, usadas para fazer rosários.
- Rukmini Uma das esposas de Sri Krishna.
- Rupa e Sanatana Dois discípulos de Sri Chaitanya.
- sa, re, ga, ma, pa, dha, ni As notas da escala musical indiana, correspondendo a dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.
- sabha Reunião.
- Sachi A mãe de Sri Chaitanya; também consorte de Indra.
- sadguru Instrutor verdadeiro.
- sadhaka Um aspirante dedicado à prática de disciplina espiritual.
- sadhana Disciplina espiritual.
- Sadharan Brahma Samaj Um ramo do Brahma Samaj.
- sadhu Homem santo; uma palavra geralmente usada com referência a um monge.
- sagar Oceano.
- saguna Dotado de atributos.
- Saguna Brahman Brahman com atributos; o Absoluto concebido como o Criador, Preservador e Destruidor do universo; também o Deus Pessoal segundo a Vedanta.
- Sahaja (*Lit.*, simples) A palavra pela qual uma certa seita religiosa refere-se a Deus, também o estado natural.
- Sahasrara O lótus de cem pétalas no cérebro. *Ver* Kundalini.
- sakhya Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador dualista para com seu Ideal Escolhido; a atitude de um amigo para com um outro.
- Sakuntala* Uma conhecida peça escrita por Kalidasa.
- samadhi Êxtase, transe, comunhão com Deus.
- Sambhu Um nome de Shiva.
- Samkhya Um dos seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa, fundado por Kapila.
- samsara O mundo.
- samskara As tendências herdadas de nascimentos anteriores.
- sanai Um instrumento de sopro semelhante ao oboé.
- Sanaka, Sanatana, Sananda e Santkumara. Os primeiros quatro filhos de Brahma, o Criador, gerados de sua mente; são consideradas pessoas altamente espiritualizadas.
- Sanatama Dharma (*Lit.*, a Eterna Religião) Refere-se ao hinduísmo, postulado pelos rishis dos Vedas.
- Sanatana Goswami Um discípulo de Sri Chaitanya e grande santo da religião vaishnava.
- sandesh Um doce bengali feito de queijo e açúcar.
- sandhya Devoções ou adoração ritualista feita pelos hindus de casta, diariamente em horário determinado.
- sannyas Vida monástica, o último dos quatro estágios da vida. *Ver* quatro estágios da vida.
- sannyasi Um monge hindu.
- Santa Mãe Nome pelo qual a esposa de Sri Ramakrishna era conhecida pelos devotos.
- Sarada Devi O nome da esposa de Sri Ramakrishna, também conhecida como Santa Mãe.
- Sarasvati A deusa do conhecimento e música.
- sari Roupagem feminina.
- Sarvabhauma Um grande erudito e contemporâneo de Sri Chaitanya.
- Sat Realidade, Ser.
- Satchidananda (*Lit.*, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos) Um nome de Brahman, a Realidade Suprema.
- satrancha Um jogo indiano semelhante ao gamão ou parchesi.
- sattva O princípio do equilíbrio ou sabedoria. *Ver* guna.
- sattvico Pertencente ou possuidor de sattva.
- Satyabhama Uma esposa de Sri Krishna.
- savikalpa samadhi Comunhão com Deus no qual a distinção entre sujeito e objeto é mantida.
- seer medida de peso equivalente a aproximadamente um quilo.
- seis paixões A saber, luxúria, raiva, avareza, ilusão, orgulho e inveja.
- seis sistemas *Ver* darshanas.
- seis tesouros A saber, riqueza, glória, força, esplendor, conhecimento e renúncia; em conjunto são os tesouros da Divindade.
- Shaiva Um adorador de Shiva.
- Shakta Um adorador de Shiva, a Mãe Divina, segundo a filosofia Tantra.
- Shakti Poder, geralmente o Poder Criativo de Brahman; um nome da Mãe Divina.
- Shalagram Um emblema de pedra de Deus, adorado pelos hindus.
- Shankara Um nome de Shiva; também, nome abreviado de Shankaracharya, o grande filósofo vedantista.
- Shankaracharya Um dos grandes filósofos da Índia, um expoente da Vedanta advaita (788-820).

- shanta Uma das cinco atitudes adotadas pelos adoradores dualistas para o Ideal Escolhido. É a atitude de paz e serenidade, em contraste com as outras atitudes de amor, que criam descontentamento e desassossego na mente dos devotos. Muitos vaishnavas não reconhecem a atitude shanta, uma vez que não é caracterizada pelo intenso amor a Deus.
- Shantih Paz.
- shastra Escritura; livro sagrado; código de leis.
- Shavari A filha de um caçador e grande devota de Rama.
- shava-sadhana Um ritual tântrico no qual o cadáver (shava) é usado pelo adorador como assento.
- Shikhs Uma seita religiosa e marcial do Punjab.
- shishya Discípulo.
- Shiva O Deus Destruidor; a Terceira Pessoa da Trindade Hindu, sendo as outras duas Brahma e Vishnu.
- shraddha Fé.
- shraddha Uma cerimônia religiosa na qual a comida e a bebida são oferecidas aos parentes já falecidos.
- Shridama Um devoto e companheiro de Sri Krishna.
- Shrimati Um nome de Radhika; também usado como pronome de tratamento para uma mulher, correspondente a Sra. ou Sta.
- Shrivasa Um companheiro de Sri Chaitanya.
- shruti Os Vedas.
- shudra A quarta casta na sociedade hindu.
- Shuka(deva) O narrador do *Bhagavata* e filho de Vyasa, considerado como um dos monges ideais da Índia.
- Shumbha ou Nishumbha. Dois demônios mortos pela Mãe Divina. A história está descrita no *Chandi*.
- Shyama (*Lit.*, O Escuro) Um nome de Kali, a Mãe Divina.
- Shyamakunda Um lugar perto de Mathura associado a Sri Krishna.
- Shyamalasundara Um nome de Sri Krishna.
- Shyamasundar Um nome de Sri Krishna.
- siddha (*Lit.*, perfeito ou fervido) Usado tanto para uma alma perfeita como para coisas fervidas.
- Siddheshvari Um nome da Mãe Divina.
- siddhi Os oito poderes ocultos que o yogi adquire através da prática da yoga; perfeição na vida espiritual; cânhamo indiano que intoxicava.
- Simhavahini (*Lit.*, Aquele cuja montaria é o leão) Um nome da Mãe Divina.
- Sita Esposa de Rama.
- smriti Os livros de leis, subsidiários aos Vedas, que guiam a vida diária e conduta dos hindus.
- “Soham” (*lit.*, “Eu sou Ele”) Uma das fórmulas sagradas do vedantista não-dualista.
- Sonthals Uma tribo selvagem da Índia central.
- Sri Usado como pronome de tratamento masculino, correspondente a Sr.
- sthita samadhi Samadhi ou comunhão com Deus, no qual o aspirante está firmemente estabelecido na Consciência de Deus.
- subadar Oficial do exército indiano.
- Subhadra A irmã de Sri Krishna.
- Sudama Um devoto e companheiro de Sri Krishna.
- Sukracharya Um homem santo descrito nos Puranas e preceptor espiritual dos asuras e demônios.
- Sumeru O sagrado Monte Meru da mitologia hindu, ao redor do qual, dizem todos os planetas giram.
- Sushumna Sushumna, Ida e Pingala são os três principais nadis ou nervos entre os inúmeros nervos do sistema nervoso. Desses o Sushumna é o mais importante, sendo o ponto de harmonia dos dois e está situado, de fato, entre eles. O Ida está do lado esquerdo e o Pingala, no direito. O Sushumna, através do qual a energia espiritual despertada eleva-se, é considerado o Brahmavartman ou Caminho para Brahman. O Ida e Pingala estão do lado de fora da espinha; o Sushumna está situado dentro da coluna espinal e vai da base da espinha até o cérebro. *Ver* Kundalini.
- Svadhithana O segundo centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
- Swami (*Lit.*, senhor) Um título dos monges da escola Vedanta.
- Swarup Um discípulo de Chaitanya.
- swastyayana Um rito religioso destinado a assegurar bem-estar ou prevenir calamidades.
- Tagore Uma família brahmin aristocrática de Bengala.
- tamala Uma árvore de folhas azul-marinho; uma árvore favorita de Sri Krishna.
- tamas O princípio da inércia ou entorpecimento. *Ver* gunas.
- tamásico Pertencente a ou possuidor de tamas.
- tanpura Um instrumento musical de cordas.
- Tantra Um sistema de filosofia religiosa no qual a Mãe Divina ou Poder, é a Realidade Suprema; também as escrituras que tratam dessa filosofia.

- tântrico Um seguidor do Tantra; também, pertencente ao Tantra.
- tapasya Austeridade religiosa.
- Tara (*Lit.*, Redentora) Um nome da Mãe Divina.
- tarpan Uma cerimônia na qual a libação de água é feita para os parentes mortos.
- Tattvajnana O Conhecimento da Realidade.
- teli Um membro da casta dos oleiros.
- Templo de Jagannath Conhecido templo em Puri.
- tetrayuga O segundo dos quatro yugas ou ciclos. *Ver* yuga.
- tilak Uma marca de pasta de sândalo ou outro material, na testa para denotar a afiliação religiosa.
- Tillotama Uma donzel celestial.
- Totapuri Sannyasi que iniciou Sri Ramakrishna na vida monástica.
- Trailanga Swami Um homem santo que viveu em Benares, contemporâneo de Sri Ramakrishna.
- Tetrayga O segundo dos quatro yugas ou ciclos. *Ver* yuga.
- tribhanga (*Lit.*, encurvado em três lugares) Um epíteto de Sri Krishna.
- Tukaram Nome de um santo de Bombaim.
- tulsi Uma planta consagrada a Vishnu.
- Tulsi(das) Um grande devoto de Rama e escritor de uma biografia de Rama.
- Turiya (*Lit.*, o quarto) Nome do Brahman Transcendental, que transcende e penetra os estados de vigília, sonho e sono profundo.
- Uddhava Nome de um seguidor de Sri Krishna.
- Uma A filha do rei Himalaia e Consorte de Shiva; é a Encarnação da Mãe Divina.
- unmana samadhi Samadhi em que o funcionamento da mente não pára completamente.
- upadhi Um termo da filosofia Vedanta denotando as limitações impostas no Ser através da ignorância, pelo qual uma pessoa fica presa à vida do mundo.
- Upanishad(s) bem conhecidas escrituras dos hindus.
- upasana Adoração.
- vaidhi-bhakti Devoção a Deus associada a ritos e cerimônias prescritas nas escrituras.
- Vaidyanath Um lugar sagrado em Behar.
- Vaikuntha O céu dos vaishnavas.
- vairagya Renúncia.
- Vaishakh O primeiro mês do calendário hindu, caindo no verão.
- Vaisheshika Um dos seis sistemas da filosofia ortodoxa, fundado por Kanada.
- Vaishnava (*Lit.*, seguidor de Vishnu) Um membro da bem conhecida seita dualista desse nome, geralmente os seguidores de Sri Chaitanya em Bengala e de Ramanuja e Madhva no sul da Índia.
- vaishya A terceira casta da Índia, formada pelos comerciantes.
- Vajrasana Um centro no Sushumna.
- Vali Um rei punido por Deus em Sua Encarnação como Vamana ou Anão, por sua excessiva caridade e condenou-o a reinar no mundo inferior.
- Vali Um chefe guerreiro macaco, mencionado no *Ramayana* e morto por Rama.
- Valmiki O autor do *Ramayana*.
- vanaprastha O terceiro dos quatro estágios da vida; vida de isolamento, quando marido e mulher praticam contemplação e outras disciplinas espirituais. *Ver* quatro estágios da vida.
- Varuna A divindade que preside o oceano na mitologia hindu.
- Vashishtha O nome de um sábio mencionado nos Puranas.
- Vasudeva Pai de Sri Krishna.
- Vasus Uma classe de seres celestiais.
- vatsalya Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador dualista em relação a seu Ideal Escolhido; a atitude de uma mãe para com seu filho.
- Vedanta Um dos seis sistemas da filosofia hindu, postulada por Vyasa.
- vedantista Um seguidor da Vedanta.
- Veda(s) As mais sagradas escrituras dos hindus.
- vichara Raciocinar.
- Videha (*Lit.*, desapegado do corpo) Um epíteto dado ao rei Janaka devido a seu espírito de desapego pelo mundo.
- Vidura O nome de um grande devoto de Sri Krishna mencionado no *Mahabharata*.
- vidya Conhecimento conduzindo à liberação, isto é, à Realidade Suprema.
- vidyadhari semideuses.
- vidyamaya A “magia do Conhecimento”. *Ver* avidyamaya.
- Vidyasagar, Iswar Chandra. Um grande educador e filantropo de Bengala.
- vidyashakti Poder espiritual.
- vija mantra A sagrada palavra com a qual um guru inicia seu discípulo.
- Vijaya dia O último dia da adoração de Durga, quando a imagem é imersa na água.
- vijnana Conhecimento especial do Absoluto, pelo qual uma pessoa constata o universo e o vê como manifestação de Brahman.

- vijnanamayakosha O envoltório da inteligência.  
*Ver* kosha.
- vijnani Uma pessoa dotada de vijnana.
- vilwa O mesmo que bel.
- vina Um instrumento musical de cordas.
- Vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos. Segundo a filosofia Samkhya os vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos são: os cinco grandes elementos em suas formas sutis (éter, ar, fogo, água, terra); ego ou “consciência do eu”; buddhi ou inteligência; Avyakta ou o Imanifestado (no qual sattva, rajas e tamas permanecem em estado indiferenciado); os cinco órgãos de ação (mãos, pés, órgão da fala, órgãos de reprodução, órgão de excreção); os cinco órgãos do conhecimento (olhos, ouvidos, nariz, língua, pele); manas ou mente; e os cinco objetos dos sentidos (som, tato, forma, paladar, olfato). Todos pertencem a Prakriti ou Natureza, e são diferentes de Purusha ou Consciência.
- Virat A primeira criação de Brahman na cosmologia hindu; o Espírito na forma do universo; o Espírito que Tudo penetra.
- Vishalakshi (*Lit.*, o Uno de visão ampla) Um nome da Mãe Divina; também o nome de um rio perto de Kamarpukur.
- Vishishtadvaita A filosofia do Não-dualismo Qualificado.
- Vishnu O Deus Preservador; a Segunda Pessoa da Trindade Hindu, sendo os outros dois Brahma e Shiva; o Deus Pessoal dos Vaishnavas.
- Vishuddha O quinto centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
- Vishwamitra O nome de um sábio mencionado no *Ramayana*. Foi companheiro e conselheiro de Rama. Embora nascido um kshatriya, por mérito de suas austeridades foi elevado ao status de brahmin.
- Viswanath *Ver* Capitão.
- viveka Discriminação.
- Vivekachudamani* Um tratado sobre Vedanta por Shankara.
- Vrindavan Uma cidade às margens do rio Jamuna associado com a meninice de Sri Krishna.
- Vyasa O compilador dos Vedas e pai de Shukadeva.
- Yama O Rei da Morte.
- Yashoda Mãe adotiva de Sri Krishna.
- yatra Apresentação teatral popular.
- yoga União da alma individual com a Alma Universal; também, o método pelo qual se realiza esta união.
- Yogamaya A união de Purusha, o princípio masculino e Prakriti, o princípio feminino, da Realidade: também Shakti ou Poder Divino.
- yogasamadhi O samadhi que resulta quando o devoto está unido com Deus.
- Yogavashishtha* O nome de um conhecido livro sobre Vedanta.
- yogi Aquele que pratica yoga.
- yogini Mulher yogi.
- Yogopanishad* O nome de um Upanishad.
- Yudhisthira, Rei Um dos principais heróis do *Mahabharata*, conhecido por sua veracidade, retidão e piedade.
- yuga Um ciclo ou período do mundo. Segundo a mitologia hindu a duração do mundo está dividida em quatro yugas, a saber, Satya, Treta, Dwapara e Kali. No primeiro, também, conhecido como Idade Dourada, há uma predominância da virtude entre os homens, mas no curso dos sucessivos yugas, a virtude diminui e o vício aumenta. No Kaliyuga há um mínimo de virtude e um excesso de vício. Diz-se que o mundo está atualmente no Kaliyuga.
- Yugala Murti As figuras de um mesmo par; geralmente esta palavra é usada para as figuras de Radha e Krishna.
- zemindar grande proprietário de terras.